



KEN FOLLETT

OS PILARES DA TERRA

VOLUME I

Um dos mais aclamados bestsellers
internacionais contemporâneos.

A obra-prima monumental de um escritor
de enorme talento.

Booklist

 EDITORIAL PRESENÇA



KEN FOLLETT
OS PILARES DA TERRA
Volume I



@Snow666_

"Na noite de 25 de novembro de 1120, o White Ship partiu para a Inglaterra e afundou na costa de Barfleur com toda a tripulação menos um homem... A embarcação era a última palavra em transporte marítimo, equipada com todos os recursos à disposição dos construtores navais daquele tempo... A notoriedade desse naufrágio deve-se ao grande número de pessoas notáveis a bordo; além do filho e herdeiro do rei, havia dois bastardos reais, diversos condes e barões, e a maioria, da família real... Seu significado histórico é que deixou Henrique sem um herdeiro evidente... Sua consequência final foi a sucessão disputada e o período de anarquia que se seguiu à morte de Henrique."

A. L. Poole, From Domesday book to Magna Carta.

Prólogo

1123

Os garotos chegaram cedo para o enforcamento.

Ainda estava escuro quando os primeiros três ou quatro esgueiraram-se para fora do galpão, silenciosos como gatos com suas botas de feltro. Uma fina camada de neve cobria a cidadezinha, lembrando uma nova demão de tinta, e suas pegadas foram as primeiras a macular a superfície perfeita. Escolheram seu caminho por entre a barafunda de casebres de madeira e ao longo das ruas de lama congelada até a praça do mercado, onde a força estava à espera.

Os meninos desprezavam tudo o que os mais velhos valorizavam. Zombavam da beleza e faziam pouco da bondade. Caíam na risada à vista de um aleijado e ao encontrarem um animal ferido o apedrejavam até a morte. Vangloriavam-se dos ferimentos e exibiam as cicatrizes com orgulho, reservando especial admiração por mutilações: um garoto sem um dedo poderia ser o rei deles. Amavam a violência. Correriam milhas para ver sangue, e nunca perdiam um enforcamento.

Um dos meninos urinou na base do cadafalso. Outro subiu os degraus, apertou o pescoço com os polegares e caiu bruscamente, contorcendo o rosto numa horrível paródia de estrangulamento: os outros gritaram de entusiasmo, e dois cachorros entraram correndo na praça, latindo. Um menininho começou a comer descuidadamente uma maçã; um dos mais velhos lhe deu um soco no nariz e tirou-lhe a fruta. O menininho aliviou seus sentimentos jogando uma pedra pontuda num cachorro, o que fez com que o animal voltasse por onde viera, uivando. Depois nada mais havia para fazer, e todos se agacharam no piso seco do pórtico da grande igreja, esperando que algo acontecesse.

Luzes de velas bruxuleavam por trás das venezianas das sólidas casas de madeira e pedra construídas em torno da praça de comerciantes e artífices prósperos, enquanto as criadas de cozinha e os aprendizes acendiam o fogo, esquentavam a água e faziam mingau. A cor do céu passou de preto para cinza. Os habitantes da cidade saíam de casa, baixando a cabeça para passar nos portais, embrulhados em pesados mantos de lã grosseira, e, tremendo de frio, iam até o rio apanhar água.

Logo um grupo de rapazes - cavaleiros, operários e aprendizes - entrou na praça, andando com atitude arrogante. Expulsaram os meninos do pórtico da igreja com sopapos e pontapés, depois se encostaram nos arcos de pedra trabalhada, coçando-se, cusbindo no chão e falando com estudada confiança

sobre morte por enforcamento.

- Se ele tiver sorte, - disse um, - quebrará o pescoço assim que cair, uma morte rápida e sem dor; mas se isso não acontecer, ele ficará pendurado ali, tornando-se vermelho, abrindo e fechando a boca como um peixe fora d'água, até morrer asfixiado.

Outro afirmou que morrer assim pode levar o tempo necessário para um homem caminhar uma milha. Um terceiro retrucou que podia ser pior ainda, que já vira um enforcamento em que o pescoço do condenado passou de um pé de comprimento.

As velhas formaram um grupo no lado oposto da praça, o mais longe possível dos rapazes, que provavelmente gritariam comentários vulgares para suas avós. Essas sempre acordavam cedo, mesmo que já não tivessem bebês ou filhos pequenos com que se preocupar, e eram as primeiras a ter o fogo aceso e a casa varrida. Sua líder reconhecida, a robusta viúva Brewster, juntou-se a elas, rolando um barril de cerveja tão facilmente quanto uma criança rola seu arco. Antes que pudesse abri-lo, havia uma pequena multidão de fregueses esperando com jarros e baldes.

O meirinho do xerife abriu o portão principal, deixando entrar os camponeses que moravam no subúrbio, nas casas de meia-água encostadas na muralha da cidade. Uns traziam ovos, leite e manteiga fresca para vender, outros vinham para comprar cerveja ou pão, e havia os que ficavam na praça do mercado esperando o enforcamento.

De vez em quando as pessoas se empertigavam, como faz o precavido pardal, e levantavam os olhos para o castelo situado na colina que dominava a cidade. Viam fumaça se erguendo regularmente da cozinha, e o ocasional clarão de uma tocha por trás das seteiras da fortaleza de pedra. Depois, mais ou menos na hora em que o sol devia ter começado a nascer por trás da densa nuvem cinzenta que encobria o céu, abriram-se as enormes portas de madeira maciça do aposento construído sobre o portão da cidade e que servia de cárcere, e saiu um pequeno grupo. O xerife era o primeiro, montado num belo corcel negro, seguido por um carro de boi que trazia o prisioneiro amarrado. Atrás dele vinham três homens a cavalo, e, embora seu rosto não pudesse ser visto daquela distância, suas roupas revelavam que eram um cavaleiro, um sacerdote e um monge. Dois homens armados encerravam a procissão.

Todos haviam estado na corte do condado, realizada na nave da igreja, no dia anterior. O sacerdote tinha apanhado o ladrão em flagrante delito; o monge identificara o cálice de prata como pertencente ao mosteiro; o cavaleiro era o lorde do ladrão e declarara que ele era um fugitivo; e o xerife o condenara à morte.

Enquanto eles desciam lentamente a colina, o resto da cidade reunia-se em torno do patíbulo. Entre os últimos a chegar estavam os cidadãos mais

eminentes: o açougueiro, o padeiro, dois ferreiros, o cuteleiro e o fabricante de flechas, todos com as mulheres.

A atitude da multidão era estranha. Em geral aquela gente gostava de enforcamentos. Em geral o prisioneiro era um ladrão, e todos odiavam os ladrões com a paixão das pessoas cujas posses foram duramente conquistadas com aquele criminoso, no entanto, era diferente. Ninguém sabia quem era ou de onde vinha. Não tomara nada deles, mas de um mosteiro situado a mais de vinte milhas de distância. E tinha roubado um cálice cravejado de pedras preciosas, uma coisa de tão grande valor que era virtualmente impossível de vender - nada parecido com roubar um presunto, uma faca nova ou um bom cinturão, cuja perda significaria prejuízo para alguém. Não podiam odiar um homem por um crime despropositado. Houve algumas zombarias e vaías quando o prisioneiro entrou na praça, mas sem grande entusiasmo, com exceção do demonstrado pelos garotos.

A maior parte dos habitantes da cidade não havia estado na corte, porque dias de julgamento não eram feriados e todos precisavam ganhar a vida, de modo que era a primeira vez que viam o ladrão. Era jovem, entre vinte e trinta anos, de altura e peso normais; por outro lado, porém, tinha uma estranha aparência. Sua pele era branca como a neve que se acumulava em cima dos telhados, os olhos, verdes, protuberantes e surpreendentemente luminosos, e o cabelo, da cor de uma cenoura. As moças o acharam feio; as velhas sentiram pena dele; os garotos riram até cair no chão.

O xerife era uma figura familiar, mas os outros três homens que tinham selado o destino do ladrão eram estranhos. O cavaleiro, um homem corpulento de cabelo louro, era claramente uma pessoa de alguma importância, pois montava um cavalo de batalha, um animal enorme que custava tanto quanto um carpinteiro ganhava em dez anos.

O monge era muito mais velho, com uns cinquenta anos talvez, ou mais, um homem alto e magro que se sentava na sela curvado, como se a vida fosse para ele um fardo tedioso. O mais surpreendente era o sacerdote, um jovem de nariz afilado e cabelo preto escorrido, com hábito também preto e montando um garanhão castanho. Tinha um ar perigoso, alerta, como um gato preto que houvesse sentido o cheiro de uma ninhada de camundongos.

Um garotinho mirou cuidadosamente e cuspiu no prisioneiro. Tinha boa mira, pois atingiu-o bem no meio dos olhos. Ele rosou uma praga e arremeteu contra o cuspidor, mas foi contido pelas cordas que o amarravam nas laterais do carro. O incidente não foi notável, a não ser pelo fato de ele ter falado francês normando, a língua dos lordes. Ele era bem-nascido então? Ou apenas estava muito longe de casa? Ninguém sabia. O carro de boi parou ao pé do cadafalso. O auxiliar do xerife subiu com o barão na mão. O prisioneiro começou a lutar. Os garotos vibraram - teriam ficado desapontados se ele permanecesse calmo. Os

movimentos do homem eram contidos pelas cordas amarradas nos pulsos e tomozelos, mas ele sacudiu a cabeça de um lado para o outro, esquivando-se. Após um momento o meirinho, um homem enorme, recuou e lhe deu um soco no estômago. Ele se dobrou e a corda foi passada pelo seu pescoço. Depois de apertar o nó, o meirinho pulou para o chão e puxou a corda até esticá-la, amarrando a outra extremidade a um gancho na base do cadafalso.

Aquele foi o ponto crítico. Se o prisioneiro lutasse agora, só conseguiria morrer mais cedo.

Os soldados desamarraram as pernas do prisioneiro e o deixaram de pé sozinho no carro de boi, com as mãos amarradas nas costas. Fez-se silêncio na multidão.

Frequentemente havia uma perturbação naquela hora: a mãe do condenado tinha um ataque e desatava a berrar, ou sua mulher puxava de uma faca e corria, numa tentativa de última hora para salvá-lo. Às vezes o prisioneiro pedia perdão a Deus ou proferia pragas de gelar o sangue contra seus algozes. Os soldados ficaram dos dois lados do patíbulo, prontos para enfrentar qualquer incidente.

Foi então que o prisioneiro começou a cantar.

Tinha voz de tenor alta e muito pura. Os versos eram em francês, mas mesmo quem não podia entender a língua podia dizer, pela melodia pungente, que era uma canção de tristeza e privação.

A cotovia,
apanhada na rede do caçador,
Cantou mais doce que nunca,
Como se a melodia do seu canto
Pudesse voar e da rede fugir."

Enquanto cantava, olhava diretamente para alguém na multidão. Aos poucos formou-se um espaço em torno dessa pessoa, e todos puderam vê-la.

Era uma garota de cerca de quinze anos. Quando as pessoas olharam para ela perguntaram-se por que não a teriam notado antes. Seu cabelo castanho-escuro era comprido, grosso e farto, mostrando na testa larga o que chamam de bico-de-viúva. Tinha feições regulares e boca sensual, de lábios cheios. As velhas, reparando na sua cintura grossa e nos seios crescidos, concluíram que estava grávida e adivinharam que o prisioneiro era o pai da criança. Entretanto, todos os outros não notaram nada, exceto seus olhos. Não é que não fosse bonita, mas tinha olhos fundos, intensos e de uma espantosa cor dourada, tão luminosos e penetrantes que, ao fixarem uma pessoa, parecia a esta que conseguiam enxergar-lhe o coração, fazendo que desviasse os olhos com medo de que a jovem descobrisse seus segredos. Estava coberta de andrajos, e as lágrimas lhe corriam

pelas faces sedosas.

O condutor do carro de bois olhou para o meirinho, à espera. Este olhou para o xerife, aguardando o gesto de cabeça. O jovem sacerdote de ar sinistro deu uma cotovelada no xerife, impaciente, mas este não lhe deu atenção. Deixou que o prisioneiro continuasse cantando. Houve uma pausa aflitiva enquanto a linda voz do homem feio mantinha a morte a distância.

Ao crepúsculo o caçador
pegou sua presa,
A cotovia jamais
recuperou a liberdade.
Todos os pássaros e homens
certamente vão morrer,
Mas canções podem viver
para sempre.

Quando a canção terminou o xerife olhou para o seu auxiliar e assentiu com a cabeça. O meirinho gritou "Hup!" e fustigou o flanco do boi com um pedaço de corda. O carroceiro estalou seu chicote ao mesmo tempo. O boi adiantou-se, o prisioneiro cambaleou e, quando o animal puxou o carro, caiu no ar. A corda esticou e o pescoço do homem quebrou com um estalo.

Ouviu-se um grito e todos olharam para a garota.

Mas não foi ela quem gritou, e sim a mulher do couteleiro, ao seu lado. No entanto, foi a garota a causa do grito. Ela havia mergulhado de joelhos na frente do cadafalso, com os braços esticados, a posição adotada para rogar uma praga. Todos recuaram, aterrorizados: sabiam que a praga de quem sofreu injustiça é particularmente efetiva, e todos suspeitavam que havia qualquer coisa de errado naquele enforcamento. Os meninos pequenos ficaram aterrorizados.

A garota voltou os hipnóticos olhos dourados sobre os três estranhos, o cavaleiro, o monge e o sacerdote. Depois proferiu sua praga, pronunciando as palavras terríveis em Tom retumbante:

- Amaldiçoo vocês com a doença e o infortúnio, com a fome e a dor; sua casa será consumida pelo fogo, e seus filhos morrerão na forca; seus inimigos prosperarão, e vocês envelhecerão na tristeza e no remorso, e morrerão na podridão e na agonia... - À medida que pronunciava as últimas palavras, a garota enfiou a mão num saco que estava no chão ao seu lado e puxou um galo vivo. Apareceu uma faca na sua mão, surgida do nada, e com um único golpe ela cortou a cabeça da ave.

Enquanto o sangue ainda estava jorrando do pescoço cortado, ela atirou o galo degolado sobre o sacerdote de cabelo preto. Não chegou a alcançá-lo, porém o sangue espalhou-se nele, no monge e no cavaleiro, um de cada lado. Os

três homens viraram-se enojados, mas o sangue borrifou em cada um deles, sujando-lhes o rosto e as roupas.

A garota voltou-se e saiu correndo.

A multidão abriu-se na sua frente e fechou-se nas suas costas. Por uns poucos momentos houve um pandemônio. Até que por fim o xerife conseguiu chamar a atenção dos soldados e, furioso, mandou que a perseguissem. Eles começaram a lutar para atravessar a multidão, empurrando brutalmente homens, mulheres e crianças, mas a garota desapareceu num abrir e fechar de olhos, e embora o xerife a procurasse, sabia que não a encontraria.

Ele se afastou, enojado. O cavaleiro, o monge e o sacerdote não tinham acompanhado a fuga da garota. Estavam ainda com os olhos fixos no patíbulo. O xerife seguiu-lhes a direção do olhar. O ladrão morto estava pendurado no laço da forca, o rosto jovem e pálido já ficando azulado; sob o corpo que balançava suavemente no ar, o galo sem cabeça, mas ainda não de todo morto, corria em círculos irregulares na neve manchada de sangue.

Parte um

1135-1136

Capítulo I

Num vale largo, no sopé de uma encosta íngreme, ao lado de um regato de águas claras e borbulhantes, Tom estava construindo uma casa.

As paredes já estavam com três pés de altura e subiam depressa. Os dois pedreiros que Tom contratara trabalhavam disciplinadamente à luz do sol, as colheres de pedreiro fazendo scrap, slap e depois tap, tap, enquanto o servente suava sob o peso de grandes blocos de pedra. Alfred, o filho de Tom, estava preparando a massa, contando em voz alta enquanto colocava areia em cima de uma tábua. Havia também um carpinteiro, trabalhando numa bancada ao lado de Tom - modelava cuidadosamente um pedaço de madeira com uma enxó.

Alfred tinha catorze anos de idade, e quase a mesma altura de Tom, que era uma cabeça mais alto que a maioria dos homens. Seu filho estava com apenas algumas polegadas a menos, e continuava a crescer. Eles se pareciam, também; o cabelo de ambos era castanho-claro e os olhos esverdeados raiados de castanho. As pessoas diziam que formavam uma bonita dupla. A principal diferença entre eles era que Tom tinha barba ondulada castanha, ao passo que no rosto de Alfred havia apenas uma fina penugem loura. O cabelo do rapaz já tinha sido daquela cor, lembrou o pai afetuosamente. Agora que ele estava se tornando um homem, Tom desejava que se interessasse por seu trabalho, pois teria muito a aprender se quisesse ser pedreiro como o pai; até então, porém, Alfred se mostrara entediado e frustrado com os princípios da construção.

Quando a casa estivesse terminada, seria a mais luxuosa em muitas milhas. No andar térreo haveria apenas uma espaçosa galeria, para armazenagem, com o teto em abóbada, a fim de não pegar fogo. O salão, onde as pessoas realmente iriam morar, ficaria em cima, com acesso por uma escada externa, e sua altura dificultaria o ataque e facilitaria a defesa. Junto do salão haveria uma chaminé, para dar tiragem à fumaça. Aquilo era uma inovação radical: Tom só tinha visto uma única casa com chaminé, mas achara uma ideia tão boa que estava determinado a copiá-la. Em uma extremidade da casa, além do salão, haveria um quarto pequeno, que era o que as filhas de conde exigiam então - por serem finas demais para dormir com os homens, as serviçais e os cães de caça. A cozinha

seria um prédio separado, já que mais cedo ou mais tarde todas pegavam fogo, e não restava nada a fazer senão construí-las longe de tudo mais e tolerar a comida morna.

Tom estava fazendo o vão da porta. As vigas seriam arredondadas a fim de parecer colunas - um toque de distinção para os nobres recém-casados que iriam morar ali.

Com o olho no gabarito de madeira que estava usando como guia, Tom ajustou a talhadeira de ferro obliquamente na pedra e golpeou-a com delicadeza, usando o grande martelo de madeira. Uma chuva de fragmentos caiu da superfície, deixando a forma um pouco mais redonda. Ele bateu de novo. Liso o bastante para uma catedral.

Tinha trabalhado numa catedral uma vez - Exeter. No princípio havia encarado aquele trabalho como outro qualquer. Sentira-se furioso e ressentido quando o mestre construtor advertira-o de que não estava correspondendo ao padrão desejado: sabia que era um pedreiro muito mais cuidadoso do que a média. Entretanto percebera depois que as paredes de uma catedral não precisavam ser apenas boas, mas perfeitas. Além de a catedral se destinar a Deus, a construção era tão grande que a menor obliquidade nas paredes, o mais ínfimo desvio do nivelamento absoluto, enfraqueceria fatalmente a estrutura. O ressentimento de Tom transformou-se em fascinação. A combinação de um prédio demasiado ambicioso com uma impiedosa atenção ao menor dos detalhes abriu-lhe os olhos para o prodígio do seu ofício. Aprendeu com o mestre de Exeter a importância da proporção, o simbolismo de vários números e as fórmulas quase mágicas para calcular a largura correta de uma parede ou o ângulo de um degrau numa escada espiralada. Essas coisas o cativaram. Ficou surpreso ao saber que muitos pedreiros as achavam incompreensíveis.

Após algum tempo Tom tornou-se o homem de confiança do mestre construtor, e foi quando começou a ver as deficiências dele. O homem era um grande artesão, mas um organizador incompetente. Ficava aturdido com os problemas de obter a quantidade certa de pedra para acompanhar o ritmo dos pedreiros, de verificar se o ferreiro tinha feito o número suficiente das ferramentas adequadas, de queimar cal e transportar areia para a argamassa, de derrubar árvores para os carpinteiros e de conseguir com a igreja dinheiro suficiente para pagar tudo.

Se houvesse ficado em Exeter até que o mestre construtor morresse, poderia ter-se tornado mestre também; porém, a assembleia que dirigia a igreja ficou sem dinheiro - em parte por causa do mau gerenciamento do mestre - e os artífices tiveram que se dispersar, procurando trabalho em outra parte. Ofereceram a Tom o posto de construtor do castelão de Exeter, reparando e aperfeiçoando as fortificações da cidade. Um trabalho para toda a vida, salvo algum acidente. Contudo Tom rejeitara a oferta, pois queria construir outra

catedral.

Sua mulher, Agnes, jamais compreendera essa decisão. Podiam ter tido uma boa casa de pedra, criados e estábulos próprios, assim como carne na mesa em todas as refeições; nunca perdoara Tom por ter rejeitado a oportunidade. Não era capaz de compreender a atração irresistível de construir uma catedral: a absorvente complexidade de organização; o desafio intelectual dos cálculos; o tamanho puro e simples das paredes; a grandeza e beleza emocionantes do prédio acabado. Tendo provado uma vez desse vinho, nunca mais Tom se satisfez com menos.

Aquilo fora dez anos antes. Desde então não tinham se demorado em parte alguma por muito tempo. Nada além de projetar uma nova casa para o cabido de um mosteiro, trabalhar um ou dois anos num castelo, ou construir uma casa na cidade para um rico mercador; porém, assim que economizava o bastante, deixava tudo, e com mulher e filhos pegava a estrada, procurando outra catedral.

Ergueu os olhos da bancada e viu Agnes na orla do terreno onde se realizava a construção, segurando uma cesta de comida numa das mãos e apoiando uma grande jarra de cerveja no quadril oposto. Era meio-dia. Ele contemplou-a afetuosamente. Ninguém jamais a chamaria de bonita, mas seu rosto tinha força: testa larga, grandes olhos castanhos, nariz reto, queixo forte. O cabelo escuro e grosso era dividido ao meio e preso atrás. Era a alma irmã de Tom.

Agnes serviu cerveja para Tom e Alfred. Eles ficaram parados ali por um momento, os dois homens grandes e a mulher forte, bebendo cerveja em canecos de madeira, até que o quarto membro da família apareceu, saindo saltitante do campo de trigo: Martha, sete anos de idade e linda como um narciso - embora faltasse uma pétala, pois dois dentes de leite haviam caído. Ela correu para o pai, beijou sua barba poeirenta e pediu um gole de sua cerveja. Tom abraçou seu corpinho ossudo.

- Não beba demais, para não cair numa vala - disse ele. Ela saiu cambaleando num círculo, fingindo que estava embriagada.

Todos se sentaram na pilha de madeira. Agnes passou para Tom um naco de pão de trigo, uma fatia grossa de toucinho cozido e uma cebola. Ele deu uma mordida na carne e começou a descascar a cebola. Agnes deu comida às crianças e começou ela própria a comer também. Talvez, pensou Tom, tenha sido irresponsabilidade rejeitar aquele trabalho monótono em Exeter e sair procurando uma catedral para construir; mas sempre fui capaz de alimentar todos, a despeito da minha inquietude. Ele apanhou sua faca no bolso da frente do avental de couro e cortou um pedaço da cebola, que comeu com uma fatia de pão. A cebola era doce mas picante.

- Estou com criança de novo - disse Agnes.

Tom parou de mastigar e encarou-a espantado. Uma sensação de deleite apossou-se dele. Sem saber o que dizer, limitou-se a sorrir tolamente. Após alguns momentos ela corou e disse:

- Não é nada assim tão surpreendente.

O marido abraçou-a.

- Ora, ora - disse, ainda sorrindo de prazer. - Um bebê para puxar minha barba. E eu que pensei que o próximo seria do Alfred.

- Não fique feliz demais - advertiu Agnes. - Não dá sorte falar na criança antes de ela nascer.

Tom assentiu com a cabeça. Agnes já tivera diversos abortos e uma criança nascida morta, além de uma garotinha, Matilda, que só vivera dois anos.

- Mesmo assim, eu gostaria que fosse um menino - disse ele. - Alfred já está tão grande!... Quando deve nascer?

- Depois do Natal.

Tom começou a calcular. A estrutura da casa estaria terminada à época da primeira nevada, quando o trabalho de pedra teria que ser coberto com palha para ficar protegido no inverno. Os pedreiros gastariam os meses de frio cortando pedras para janelas, abóbadas, estruturas de portas e a lareira, enquanto o carpinteiro prepararia as tábuas para o assoalho, portas e persianas e Tom construiria o andaime para o trabalho no andar de cima. Na primavera eles fariam a abóbada do andar térreo, forrariam o piso do salão e montariam o telhado. O trabalho alimentaria a família até o domingo de Pentecostes, quando então o bebê já teria seis meses de idade. Aí eles se mudariam.

- Ótimo - disse ele, contente. - Isto é ótimo. - E comeu outra fatia de cebola.

- E estou velha demais para ter filhos - disse Agnes. - Este tem que ser o último.

Tom pensou naquilo. Não estava certo da idade dela, em números, mas muitas mulheres tinham filhos naquela época da vida. No entanto, era verdade que sofriam mais à medida que ficavam mais velhas, e que os bebês não nasciam tão fortes. Sem dúvida Agnes estava com a razão. Mas como poderia ter certeza de que não conceberia de novo?, perguntou-se Tom. Só então percebeu como, e uma nuvem sombreou seu ensolarado estado de espírito.

- Posso conseguir um bom emprego, numa cidade - disse ele, tentando apaziguá-la. - Uma catedral, ou um palácio. Aí poderemos ter uma casa grande com chão de madeira e uma criada para ajudar você com o bebê.

- Pode ser - disse ela ceticamente, o rosto enrijecido. Não gostava daquela conversa de catedrais. Se Tom nunca tivesse trabalhado numa catedral, podia estar morando numa casa na cidade agora, com dinheiro economizado e enterrado sob a lareira, sem nada para preocupá-la.

Tom desviou o olhar e deu outra mordida no toucinho. Tinham o que

celebrar, mas estavam em desarmonia. Sentiu-se deprimido. Mastigou a carne dura por um momento, depois ouviu um cavalo. Inclinou a cabeça para escutar. Um cavaleiro estava atravessando uma região cheia de árvores, vindo da direção da estrada, tomando um atalho e evitando a aldeia.

Um momento depois, um jovem montado num pônei aproximou-se a trote e desmontou. Parecia um escudeiro, uma espécie de cavaleiro aprendiz.

- O seu lorde está vindo aí - disse ele.

Tom ergueu-se.

- Está se referindo a lorde Percy?

Percy Hamleigh era um dos homens mais importantes do país. Possuía aquele vale e muitos outros, e estava pagando pela casa.

- O filho dele - disse o escudeiro. - O jovem William. - O filho de Percy, William, iria ocupar aquela casa após seu casamento. Estava noivo de Lady Aliena, a filha do conde de Sharing.

- Ele mesmo - confirmou o escudeiro. - E está furioso.

O coração de Tom confrangeu-se. Quando tudo corria bem já era difícil tratar com o proprietário de uma casa em construção. com um proprietário enfurecido era impossível.

- Por que ele está furioso?

- Sua noiva o rejeitou.

- A filha do conde? - exclamou Tom, surpreso. Sentiu uma pontada de medo; naquele instante mesmo estivera pensando em como seu futuro era seguro. - Pensei que isso já estivesse resolvido.

- Todos nós pensamos, exceto Lady Aliena, ao que parece - disse o escudeiro. - No momento em que se encontrou com ele, disse que não o desposaria por nada deste mundo.

Tom franziu a testa, preocupado. Não queria que aquilo fosse verdade.

- Mas o rapaz não é feio, que me lembre.

- Como se isso fizesse qualquer diferença, na posição dela - disse Agnes. - Se as filhas de condes fossem autorizadas a se casar com quem bem entendessem, estaríamos recebendo ordens de menestréis ambulantes e foras-da-lei.

- A garota ainda pode mudar de idéia - disse Tom, esperançoso.

- Mudará, se a mãe lhe der uma surra de vara de marmelo - disse Agnes.

- A mãe dela está morta - disse o escudeiro.

Agnes balançou a cabeça, concordando.

- O que explica por que não sabe os fatos da vida. Mas não vejo por que razão o pai não possa obrigá-la.

- Parece que ele prometeu uma vez que nunca a obrigaria a desposar alguém que odiasse - disse o escudeiro.

- Uma promessa tola! - exclamou Tom, furioso. Como um homem

poderoso poderia se prender ao capricho de uma garota daquele modo? O casamento dela poderia afetar alianças militares, as finanças baroniais... e até mesmo a construção desta casa.

- Ela tem um irmão - comentou o escudeiro -, de modo que não é tão importante com quem se case.

- Mesmo assim...

- E o conde é um homem inflexível - prosseguiu o escudeiro. - Não deixará de cumprir uma promessa, mesmo que tenha sido feita a uma criança. - Ele deu de ombros. - Pelo menos é o que dizem.

Tom olhou para as paredes de pedra, ainda baixas, da casa em construção. Até agora não economizara dinheiro bastante para manter a família no inverno, pensou com um calafrio.

- Talvez o rapaz encontre outra moça para compartilhar esta casa com ele. Tem todo o condado para escolher.

- Por Cristo, acho que é ele - disse Alfred, na sua voz dissonante de adolescente.

Seguindo o olhar do rapaz, todos se voltaram para o campo. Um cavalo vinha da aldeia a galope, levantando uma nuvem de pó e terra. O assombro de Alfred era justificado tanto pelo tamanho quanto pela velocidade do cavalo. Tom já vira animais assim, mas o garoto possivelmente não. Era um cavalo de batalha, com o lombo tão alto quanto o queixo de um homem e a largura proporcional. Aqueles cavalos de batalha não eram criados na Inglaterra; vinham do além-mar e eram extremamente caros.

O construtor deixou cair o resto do pão no bolso do avental, semicerrou os olhos para se proteger do sol e se virou para o campo. O cavalo estava com as orelhas viradas para trás e as narinas dilatadas, mas pareceu a Tom que sua cabeça estava bem erguida, sinal de que o cavaleiro não perdera totalmente o controle. Na verdade, quando se aproximou mais, o cavaleiro inclinou o tronco para trás e puxou as rédeas, e o grande animal pareceu reduzir um pouco a velocidade. Tom podia sentir agora o martelar dos cascos no solo, sob seus pés. Virou-se para Martha, pensando em pegá-la e pô-la a salvo. A mãe teve a mesma ideia. A menina, porém não estava à vista em parte alguma.

- No trigal - disse Agnes, mas Tom já pensara nisso e estava atravessando o terreno da casa em largas passadas. Esquadrinhou o trigo ondulante com medo no coração, mas não conseguiu ver a criança.

A única coisa em que pôde pensar foi tentar reduzir a velocidade do cavalo. Passou para a trilha e começou a caminhar na direção do animal desembestado, com os braços abertos. O cavalo o viu, ergueu a cabeça para olhar melhor, e reduziu sensivelmente o ritmo do galope. Então, para horror de Tom, o cavaleiro o esporeou.

- Seu maldito tolo! - berrou Tom, embora o cavaleiro não pudesse ouvi-lo.

Foi quando Martha saiu do meio do trigal e apareceu na trilha, a alguns metros de Tom.

Por um momento ele ficou imóvel, em pânico. Depois se atirou para a frente, gritando e sacudindo os braços, mas aquele era um cavalo de batalha, treinado para acometer hordas ululantes, e nem vacilou. Martha ficou no meio da trilha estreita, olhando espantada, imóvel, para o animal imenso que se lançava sobre ela. Houve um momento em que Tom percebeu, com desespero, que não poderia alcançá-la antes do cavalo. Ele se desviou para um lado, o braço tocando no trigo alto; no último instante o cavalo desviou-se para o outro lado. Um dos estribos chegou a roçar o cabelo fino de Martha; um casco deixou um buraco redondo no chão, junto do seu pezinho descalço; aí ele seguiu, atirando terra em ambos, e Tom pegou-a e apertou-a contra o peito palpitante.

Ficou imóvel por um momento, esmagado pelo alívio imenso, os membros fracos, interiormente arrasado. Aí então sentiu uma onda de ódio contra a irresponsabilidade daquele jovem estúpido no seu enorme cavalo de batalha. Ergueu os olhos, furioso. Lorde William estava parando o animal agora, sentado na sela com o tronco para trás, as pernas esticadas para a frente, puxando as rédeas. O cavalo desviou-se do local da obra. Sacudiu a cabeça e empinou, mas William permaneceu montado. E reduziu a velocidade para meio galope e depois trote, enquanto o conduzia numa volta larga.

Martha estava chorando. Tom entregou-a a Agnes e esperou por William. O jovem lorde era um sujeito alto e vigoroso, de cerca de vinte anos; tinha cabelo louro e olhos acanhados que faziam com que parecesse estar sempre fitando o sol. Usava uma túnica preta escura, calções justos também pretos e sapatos de couro com tiras entrecruzadas até os joelhos. Estava bem sentado na sela e não parecia nem um pouco perturbado com o que acontecera. O garoto bobo nem mesmo sabe o que fez, pensou Tom amargamente. Eu gostaria de torcer-lhe o pescoço.

William parou o cavalo em frente à pilha de madeira e olhou para os operários.

- Quem é o encarregado aqui? - perguntou.

Tom teve ímpetos de dizer: Se você tivesse ferido minha filhinha, eu o mataria, mas conteve a raiva. Foi como engolir um sapo. Aproximou-se do cavalo e segurou o freio.

- Eu sou o construtor - disse tenso. - Meu nome é Tom.

- Esta casa não é mais necessária - disse William. - Dispense seus homens.

Era o que Tom receava. Mas agarrou-se à esperança de que William estava sendo impetuoso na sua raiva, e poderia ser persuadido a mudar de ideia. com esforço, fez a voz parecer cordial e razoável.

- Mas tanto trabalho já foi feito! Por que perder o que gastou? Vai precisar da casa um dia.

- Não me diga como cuidar dos meus negócios, Tom Construtor - disse William. - Vocês todos estão dispensados. - Ele puxou uma das rédeas, mas Tom continuou segurando o freio.

- Solte meu cavalo - ordenou William ameaçadoramente.

Tom engoliu em seco. Mais um momento e William tentaria puxar a cabeça do cavalo para cima. O construtor enfiou a mão no bolso do avental e tirou o resto do pão que estava comendo. Mostrou-o para o animal, que mergulhou a cabeça e deu uma mordida.

- Há mais para ser dito antes que se vá, milorde - retrucou conciliadoramente.

- Solte meu cavalo, senão cortarei sua cabeça - disse William. Tom olhou diretamente para ele, procurando não demonstrar o medo que sentia. Era maior que William mas isso não faria diferença se o jovem lorde desembainhasse a espada.

- Faça o que o lorde diz, marido - murmurou Agnes, temerosa.

Houve um silêncio de morte. Os outros trabalhadores ficaram imóveis como estátuas, observando. Ele sabia que a atitude prudente seria ceder. Mas por pouco o jovem não esmagara a filhinha de Tom, e isso o deixara furioso. Assim, foi com o coração disparado que ele disse:

- O senhor tem que nos pagar.

William puxou as rédeas, mas o construtor segurou o freio com força. Além disso, o cavalo estava distraído, metendo o focinho no bolso do avental de Tom, querendo mais comida.

- Solicite a meu pai os seus salários! - disse William, furiosamente.

Tom ouviu a voz do carpinteiro, aterrorizada:

- Faremos isto, milorde, agradecendo-lhe muito.

Covarde desgraçado, pensou Tom, mas ele próprio estava tremendo. Mesmo assim, obrigou-se a dizer:

- Se quiser nos dispensar, terá de nos pagar, conforme o costume. A casa de seu pai fica a dois dias de marcha daqui, e quando chegarmos lá poderemos não encontrá-lo.

- Homens têm morrido por menos que isso - disse William. Seu rosto ficou vermelho de raiva. Com o canto do olho, Tom viu que o escudeiro empunhava a espada. Sabia que deveria desistir agora e humilhar-se, mas havia um obstinado nó de raiva no seu estômago, e assustado como estava não conseguiu obrigar-se a largar o freio do cavalo.

- Pague primeiro e depois me mate - disse imprudentemente. - Pode vir a ser enforcado ou não; mas morrerá, mais cedo ou mais tarde, e aí estarei no céu quando for para o inferno.

A expressão de escárnio congelou-se no rosto de William, que empalideceu. Tom ficou surpreso; o que havia assustado o rapaz? Não a

referência ao enforcamento, certamente: na verdade não era nada provável que um lorde fosse enforcado pelo assassinato de um artesão. Teria se aterrorizado com o inferno?

Encararam-se por alguns momentos. Tom observou com assombro e alívio quando a expressão de raiva e desprezo de William se dissolveu, para ser substituída por uma ansiedade pânica. Por fim William pegou uma bolsa de couro no cinto e jogou-a para o seu escudeiro, dizendo:

- Pague a eles.

Nesse ponto, Tom forçou a sorte. Quando William puxou as rédeas de novo e o cavalo levantou a cabeça forte e andou de lado, deslocou-se junto, agarrado no freio, e disse:

- Uma semana de salário na dispensa, é este o costume. - Ouviu Agnes respirar fundo, logo às suas costas, e não teve dúvida de que ela o achava maluco, por prolongar o confronto. Mas prosseguiu, obstinadamente: - Isso significa seis *pence* para o servente, doze para o carpinteiro e cada um dos pedreiros, e vinte e quatro para mim. Sessenta e seis ao todo. - Ele era capaz de somar *pennies* mais depressa do que qualquer pessoa que conhecesse.

O escudeiro estava olhando indagadoramente para o seu senhor.

- Muito bem - disse William, com raiva.

Tom largou o freio e recuou.

William virou o cavalo e o esporeou com força. O animal saltou em frente, pegando a trilha que cortava o trigal.

Tom sentou-se subitamente na pilha de madeira. Perguntou-se o que tinha dado nele. Fora loucura desafiar lorde William daquele jeito. Sorte sua estar vivo.

O tropel do cavalo de batalha de William diminuiu de volume, transformando-se num trovão distante, e seu escudeiro esvaziou a bolsa em cima de uma mesa. Tom sentiu uma onda de triunfo, quando os *pennies* de prata rolaram à luz do sol. Fora loucura, mas dera certo: tinha garantido o pagamento justo para si próprio e para os homens que trabalhavam sob suas ordens.

- Até mesmo os lordes devem obedecer ao costume - disse, meio para si mesmo.

Agnes o ouviu.

- Só espero que você nunca venha a precisar de lorde William - disse amargamente.

Tom sorriu para a mulher. Era capaz de entender a grosseria, sabendo que tinha se assustado.

- Não se preocupe demais, senão nada lhe restará exceto leite azedo nos seios, quando o bebê nascer.

- Não serei capaz de alimentar nenhum de nós a menos que você arranje trabalho para o inverno.

- O inverno está muito longe - disse Tom.

II

Eles permaneceram na aldeia durante todo o verão. Mais tarde, vieram a considerar essa decisão como um erro terrível; na ocasião, porém, pareceu bastante sensato, pois Tom, Agnes e Alfred podiam ganhar um *penny* por dia cada um trabalhando no campo durante a colheita. Quando chegou o outono e tiveram que se mudar, possuíam um saco pesado de *pennies* de prata e um porco cevado.

Passaram a primeira noite na entrada coberta de uma igreja da aldeia, mas no segundo dia encontraram um convento e gozaram da hospitalidade dos monges. No terceiro dia viram-se no coração da floresta Chute, uma vasta área coberta de mato fechado e muitas árvores, numa estrada não muito mais larga que um carro de boi, com a luxuriante vegetação do verão morrendo entre os carvalhos de cada lado.

Tom carregava as ferramentas menores num saquinho e pendurara os martelos no cinto. Tinha o manto dobrado debaixo do braço esquerdo e o espigão de ferro na mão direita, usando-o como uma bengala. Sentia-se feliz por estar na estrada de novo. Seu próximo trabalho poderia ser na construção de uma catedral. Poderia tornar-se mestre pedreiro, permanecer ali o resto da vida, e construir uma igreja tão maravilhosa que lhe garantisse um lugar no céu.

Agnes levava as poucas coisas de casa que tinham dentro da panela que amarrara nas costas. Alfred carregava as ferramentas que usariam para construir uma nova casa em algum lugar: um machado, uma enxó, um serrote, um martelo pequeno, uma sovela para fazer buracos no couro e na madeira e uma pá. Martha era pequena demais para carregar qualquer coisa, exceto a tigela e a faca amarradas no cinto e o manto de inverno nas costas. Tinha, contudo, a obrigação de conduzir o porco até que pudessem vendê-lo num mercado.

Tom conservou-se atento em Agnes enquanto atravessavam aquela interminável floresta. Já passara da metade da gravidez, e carregava um peso considerável na barriga, assim como nas costas. Mas parecia incansável. Alfred também estava ótimo: naquela idade os garotos dispõem de mais energia que capacidade de usá-la. Só Martha se cansava. Suas perninhas finas eram feitas para as correrias dos seus brinquedos, não para as longas marchas, e a menina ficava constantemente para trás, fazendo com que os outros tivessem que parar e esperar por ela e pelo porco. Enquanto caminhava, Tom pensava na catedral que construiria um dia. Começou, como sempre, imaginando uma passagem em arco. Era muito simples: dois pilares sustentando um semicírculo. Imaginou depois um segundo conjunto exatamente igual ao primeiro. Colocou os dois juntos, na sua cabeça, para formar uma passagem em arco. Depois acrescentou outro, e mais outro, muitos mais, até que tinha toda uma fileira, formando um túnel. Essa era a

essência de um prédio, pois tinha um teto para não deixar entrar chuva e duas paredes para sustentar o teto. Uma igreja não passava de um túnel, com refinamentos.

Um túnel é escuro, de modo que os primeiros refinamentos são as janelas. Se a parede fosse bastante forte, poderia ter buracos. Os buracos seriam arredondados na parte de cima, com as laterais retas e um peitoril horizontal - da mesma forma que a arcada original. O emprego de formas similares para os arcos, janelas e portas era uma das coisas que faziam um edifício bonito. A regularidade era outra, e Tom visualizava doze janelas idênticas, espaçadas uniformemente, ao longo de cada parede do túnel.

Tom tentou visualizar as molduras das janelas, mas perdia a concentração a cada instante, porque achava que estava sendo observado. Era uma tolice, pensou, a menos que fosse, é claro, por estar sendo observado pelos pássaros, raposas, gatos, esquilos, ratos, camundongos, doninhas, arminhos e ratazanas que havia em grande número na floresta.

Sentaram-se perto de um córrego ao meio-dia. Beberam a água pura e comeram toucinho e maçãs apanhadas no chão da floresta.

De tarde Martha estava cansada. Em dado momento ficou umas cem jardas atrás deles. Parado, esperando que ela emparelhasse com o resto da família, Tom se lembrou de Alfred naquela idade. Era um menino bonito, de cabelos dourados, robusto e ousado. O afeto misturou-se com irritação ao ver Martha ralhando com o porco por ser tão vagaroso. Foi então que bem na frente dela surgiu um vulto vindo da floresta. O que aconteceu a seguir foi tão rápido que Tom mal pôde acreditar. O homem que aparecera tão de repente na estrada levantou um porrete acima do ombro. Um grito de horror subiu até a garganta de Tom, mas antes de se fazer ouvir o homem bateu com o porrete em Martha. Pegou em cheio do lado da cabeça, e Tom ouviu o barulho do golpe. Ela caiu no chão como uma boneca largada.

Quando Tom deu por si estava correndo na direção da menina, os pés batendo no chão com a força dos cascos do cavalo de batalha de William, querendo que suas pernas o levassem mais depressa. Enquanto corria, observava o que estava acontecendo, mas era como olhar para uma pintura no alto da parede de uma igreja, pois podia ver mas não havia nada que fosse capaz de fazer para modificá-la. O atacante era, indubitavelmente, um fora-da-lei. Baixo e atarracado, vestia uma túnica marrom e estava descalço. Encarou Tom por um instante, e este pôde ver que seu rosto era horivelmente mutilado; os lábios haviam sido cortados, presumivelmente como punição de algum crime envolvendo mentiras, e sua boca era agora um repulsivo sorriso permanente, cercado por uma cicatriz retorcida. Aquela visão horrível teria detido Tom, não estivesse ele correndo para o corpinho de Martha jogado no chão.

O fora-da-lei desviou os olhos do construtor e voltou-se para o porco.

Numa fração de segundo abaixou-se, agarrou-o, enfiou o animal aos gritos debaixo do braço e correu de volta para o emaranhado da floresta debaixo das árvores, levando consigo a única coisa de valor da família de Tom.

Tom ajoelhou-se ao lado de Martha. Pôs a mão enorme sobre o seu peitinho e sentiu as batidas do coração, firmes e fortes fazendo desaparecer seu pior medo; mas os olhos dela estavam fechados e havia sangue vermelho no seu cabelo louro.

Agnes ajoelhou-se junto dele um momento depois. Sentiu o peito, o pulso e a testa de Martha e olhou duro para Tom.

- Ela viverá - disse, com a voz tensa. - Traga de volta aquele porco.

Tom soltou rapidamente o saco de ferramentas e jogou-o no chão com a mão esquerda pegou no cinto o martelo grande de cabeça de ferro. Ainda tinha o espigão na mão direita. Viu os arbustos amassados no caminho por onde o ladrão viera e fora embora, e ouviu os guinchos do porco, mais adiante. Mergulhou por entre a vegetação rasteira sob as árvores.

A trilha era fácil de seguir. O fora-da-lei era corpulento, corria com um porco que se debatia e deixava uma trilha larga, pisoteando flores, arbustos e pequenas árvores. Tom correu atrás dele, tomado de um desejo selvagem de pegar aquele homem e espancá-lo até que perdesse os sentidos. Passou por entre um renque de videiros, arremessou-se por uma elevação abaixo e patinhou num charco até chegar a uma trilha estreita. Aí parou. O ladrão podia ter ido para a esquerda ou para a direita, só que não havia vegetação esmagada para mostrar o caminho; não obstante, Tom prestou atenção e ouviu o porco guinchando um pouco mais além, à esquerda. Ouviu também alguém correndo na floresta atrás dele - Alfred, presumivelmente. Foi atrás do seu porco.

O caminho o levou a uma descida, depois a uma curva acentuada e começou então a subir. Podia ouvir o porco claramente agora. Subiu correndo a elevação, respirando com dificuldade - tantos anos respirando pó de pedra tinham enfraquecido seus pulmões. De repente o caminho voltou a ser horizontal e ele viu o ladrão, a apenas umas vinte ou trinta jardas de distância, correndo como se o demónio o perseguisse. Tom redobrou os esforços e começou a reduzir a diferença. Tudo indicava que ia conseguir apanhar o fora-da-lei, se continuasse correndo, pois um homem com um porco não pode correr tão depressa quanto um homem sem nenhum. Mas agora seu peito doía. O ladrão estava a umas quinze jardas, talvez doze. Tom ergueu o espigão de ferro acima da cabeça, como uma lança. Mais perto um pouco e ele arremessaria. Onze jardas, dez...

Antes que o espigão pudesse sair da sua mão, ele percebeu, com o canto do olho, um rosto magro sob um gorro verde saindo do mato que ladeava a trilha. Era tarde demais para se desviar.

Uma vara grossa foi atirada na sua frente, ele tropeçou nela, tal como fora

a intenção de quem a jogara, e caiu no chão. Tom deixou cair o espigão mas conservou o martelo. Girou e levantou-se sobre um dos joelhos. Havia dois homens agora: o de gorro verde e um careca de barba branca. Os dois se precipitaram sobre ele.

O construtor ficou de pé e bateu com o martelo no homem de gorro verde. O sujeito procurou esquivar-se, mas o grande martelo de cabeça de ferro o atingiu no ombro com força, e ele deu um grito de agonia e se jogou ao chão, segurando o braço como se estivesse quebrado. Não houve tempo para levantar o martelo para outro golpe esmagador antes de o careca se aproximar, de modo que Tom enfiou a cabeça de ferro do instrumento na cara dele e cuspiu.

Os dois homens recuaram, com a mão nos ferimentos. Tom percebeu que não mais podiam lutar. Virou-se. O ladrão ainda estava correndo. Tom seguiu novamente atrás dele, ignorando a dor no peito. Entretanto, tinha vencido apenas algumas jardas quando ouviu uma voz familiar às suas costas.

Alfred.

Parou e olhou para trás.

Alfred estava lutando com os dois homens ao mesmo tempo, usando punhos e pés. Socou o de gorro verde na cabeça umas três ou quatro vezes, depois chutou as canelas do careca. Mas os dois pularam em cima dele e se aproximaram o mais possível, de modo que não pudesse dar socos ou pontapés que doessem. Tom hesitou, dividido entre caçar o porco e salvar o filho. Aí então o careca meteu o pé por trás da perna de Alfred e a puxou; quando o garoto caiu no chão os dois bandidos se lançaram sobre ele, dando-lhe uma saraivada de socos no rosto e no corpo.

Tom correu de volta. Arremeteu de corpo inteiro contra o careca, jogando-o no mato, depois virou-se e ergueu o martelo contra o homem de gorro verde. Ele já tinha sentido o peso do martelo antes e ainda estava usando apenas um braço. Esquivou-se do primeiro golpe, depois virou-se e mergulhou no mato antes que o construtor pudesse atacar de novo.

Tom virou-se e viu o careca correndo pela trilha. Olhou na direção oposta: o ladrão com o porco não estava à vista. Deixou escapar por entre os dentes uma praga amargurada e blasfema: o porco representava metade do que economizara no verão. Mergulhou no chão, respirando com dificuldade.

- Vencemos os três! - exclamou Alfred, entusiasmado.

Tom olhou para ele.

- Mas levaram nosso porco - disse.

A raiva queimava seu estômago como sidra azeda. Tinham comprado o animal na primavera, assim que juntaram dinheiro suficiente, e passaram todo o verão engordando-o.

Um porco gordo, que podia ser vendido por sessenta pence com umas poucas cabeças de repolho e um saco de grãos davam para alimentar a família

durante todo o inverno e ainda sobraria para fazer um par de sapatos de couro e uma ou duas bolsas. Sua perda era uma catástrofe.

Tom olhou invejosamente para Alfred, que já se recuperara da corrida e da briga e aguardava impaciente. Quanto tempo faz, pensou, que eu era capaz de correr como o vento e de mal sentir o coração batendo mais depressa? Desde que eu era dessa idade... vinte anos. Vinte anos. Parecia ontem.

Levantou-se.

Passou o braço pelos ombros largos de Alfred quando fizeram o caminho de volta. O garoto ainda era mais baixo que o pai a largura da mão de um homem, mas logo iria alcançá-lo e, talvez, ultrapassá-lo. Espero que sua inteligência também cresça, pensou Tom, que disse:

- Qualquer um pode entrar numa briga, mas o homem sábio é o que sabe ficar de fora.

Alfred dirigiu-lhe um olhar inexpressivo.

Cruzaram o charco e começaram a subir a elevação que tinham descido antes, percorrendo ao contrário a trilha do criminoso. Enquanto se esforçavam para atravessar os vidoeiros, o pensamento de Tom voltou para Martha, e mais uma vez sentiu-se louco de raiva. O fora-da-lei batera nela à toa, pois não representava o menor perigo.

Tom apertou o passo e um momento depois emergia na estrada, junto com Alfred. Martha estava deitada no mesmo lugar, não tendo se movido. Seus olhos estavam fechados e o sangue secava no seu cabelo. Agnes estava ajoelhada ao lado da filha, e com ela, para a surpresa de Tom, havia outra mulher e um menino. Pensou que não era de admirar que tivesse se sentido observado o tempo todo: a floresta parecia estar fervilhando de gente. Inclinou-se e encostou a mão no tórax da menina novamente.

Sua respiração era normal.

- Ela acordará logo - disse a estranha, num Tom de voz autoritário. - Então vai vomitar. Depois ficará boa.

Tom fitou-a com curiosidade. Ela estava ajoelhada junto de Martha. Era bastante jovem, talvez uns doze anos menos que ele. Sua túnica curta de couro revelava pernas morenas e flexíveis. Tinha o rosto bonito, com o cabelo castanho-escuro formando um bico-de-viúva na testa. Tom sentiu uma pontada de desejo. Então ela ergueu os olhos para fitá-lo e ele estremeceu: seus olhos, intensos e fundos, eram de uma rara cor de mel, dourados, e imprimiam a seu rosto uma expressão mágica. Tom não teve dúvida de que ela sabia o que estava pensando.

Desviou os olhos para ocultar seu embaraço e encarou Agnes, que parecia estar ressentida.

- Onde está o porco? - perguntou ela.

- Havia dois outros bandidos - disse Tom.

- Nós batemos neles - interveio Alfred -, mas o que estava com o porco fugiu.

Agnes fez um jeito triste, mas não falou mais nada.

- Poderíamos levar a menina para a sombra, se tivermos cuidado - disse a estranha, levantando-se. E Tom viu que era muito baixa, no mínimo um pé menor que ele.

Inclinou-se e pegou Martha no colo cuidadosamente. Seu corpinho de criança quase não pesava nada. Carregou-a algumas jardas ao longo da estrada e deitou-a sobre um gramado à sombra de um velho carvalho. Ainda estava totalmente desacordada.

Alfred recolhia as ferramentas que tinham se espalhado durante o tumulto. O filho da mulher estranha observava, de olhos arregalados e boca aberta, sem nada dizer.

Devia ter uns três anos menos que Alfred, e seu aspecto era peculiar, sem nada da beleza sensual da mãe. Tinha pele muito clara, cabelo alaranjado tirante a ruivo e olhos azuis ligeiramente esbugalhados. Possuía a expressão alerta mas estúpida de uma pessoa obtusa, pensou Tom; o tipo da criança que morre cedo ou cresce para ser o idiota da aldeia. Alfred sentia-se visivelmente sem graça sob seu olhar fixo.

Enquanto Tom observava, a criança pegou o serrote da mão do rapaz, sem dizer nada, e examinou-o como se fosse uma coisa assombrosa. Alfred, ofendido pela descortesia, tomou-o de volta, ante a indiferença do menino.

- Jack! Comporte-se! - A estranha parecia embarçada.

Tom fitou-a. O menino não parecia com ela de jeito nenhum.

- Você é a mãe dele? - perguntou.

- Sim. Meu nome é Ellen.

- Onde está seu marido?

- Morto.

Tom ficou surpreso.

- Está viajando sozinha? - disse incredulamente. A floresta era bastante perigosa para um homem como ele; uma mulher sozinha dificilmente teria esperanças de sobreviver.

- Não estamos viajando - disse Ellen. - Nós moramos na floresta.

Tom ficou chocado.

- Quer dizer que vocês são... - Ele parou, não querendo ofendê-la.

- Foras-da-lei - disse ela. - Sim. Você pensava que todos os foras-da-lei fossem como Faramond Boca Aberta, que roubou seu porco?

- Sim - disse Tom, embora o que quisesse dizer fosse: Nunca pensei que um fora-da-lei pudesse ser uma linda mulher. Incapaz de conter a curiosidade, perguntou:

- Qual foi o seu crime?

- Amaldiçoei um padre - disse ela, desviando o olhar.

Não pareceu a Tom um crime de grande monta, mas o padre podia ser muito poderoso, ou suscetível; ou talvez Ellen simplesmente não quisesse dizer a verdade.

Ele olhou para Martha. Um momento depois ela abriu os olhos. Estava confusa e um pouco assustada. Agnes ajoelhou-se ao seu lado.

- Você está bem - disse ela. - Está tudo bem.

Martha sentou-se e vomitou. Agnes abraçou-a até que os espasmos passaram. Tom ficou impressionado: a predição de Ellen se concretizara. Do mesmo modo, ela dissera que Martha ficaria boa, e presumivelmente também podia confiar nisso. Sentiu uma onda de alívio invadi-lo, e ficou um pouco surpreso com a força da sua emoção. Eu não ia tolerar a perda da minha filhinha, pensou, e teve que conter as lágrimas. Recebeu um olhar de compreensão de Ellen, e mais uma vez achou que aqueles olhos dourados podiam enxergar seu coração.

Ele quebrou um galho de carvalho, arrancou-lhe as folhas e usou-as para esfregar no rosto de Martha. Ela ainda estava pálida.

- Ela precisa descansar - disse Ellen. - Deixe que fique deitada pelo tempo que um homem leva para caminhar cinco quilômetros.

Tom deu uma olhada no sol. Ainda restava muita claridade pela frente. Acomodou-se para esperar. Agnes embalava Martha delicadamente. O menino Jack desviou sua atenção para Martha, fitando-a com a mesma intensidade idiota. Tom queria saber mais a respeito de Ellen. Perguntou-se se a jovem poderia ser persuadida a contar sua história. Não queria que ela fosse embora.

- Como foi que tudo veio a acontecer? - perguntou-lhe vagamente.

Ela o fitou direto nos olhos outra vez, e então começou a falar.

Seu pai era cavaleiro, contou a eles; um homem alto, forte e violento que queria filhos homens com quem pudesse montar, caçar e lutar, companheiros para beber e farrear noite adentro com ele. Nesses assuntos foi o mais infeliz dos homens, pois nasceu Ellen, e logo depois sua esposa morreu; ele se casou de novo, mas sua segunda mulher era estéril, com o tempo, veio a desprezar a madrasta de Ellen, e acabou por mandá-la embora. Devia ter sido um homem cruel, porém nunca parecera assim a Ellen, que o adorava e compartilhava seu desprezo pela segunda mulher. Quando a madrasta saiu, Ellen permaneceu, e cresceu numa casa que era quase que completamente masculina. Cortou o cabelo curto e passou a carregar uma espada, assim como aprendeu a não brigar com gatos ou velhos cães cegos. Na época em que estava com a idade de Martha, cuspiu no chão, comia miolo de maçã e dava pontapés na barriga de um cavalo com tanta força que ele prendia a respiração, permitindo-lhe apertar a barrigueira mais um nó. Ela sabia que todos os homens que não fizessem parte do bando do pai eram chamados de chupa-pau, e todas as mulheres que não andassem com

eles, rameiras de porcos, embora não estivesse bem segura do que aqueles insultos realmente significavam nem se importasse muito com eles.

Ouvindo a voz dela, na temperatura amena de uma tarde de outono, Tom fechou os olhos e imaginou-a como uma garota de peito chato e cara suja, sentada a uma mesa comprida com os truculentos companheiros do pai, bebendo cerveja forte, arrotando e cantando canções sobre batalhas, pilhagens e estupros, cavalos, castelos e virgens, até cair adormecida com a cabecinha apoiada na tábua áspera.

Se ao menos pudesse ter permanecido com o peito chato para sempre, teria sido feliz. Mas chegou a época em que os homens começaram a olhar para ela de modo diferente.

Já não riam as gargalhadas quando dizia: "Saia do meu caminho senão cortarei fora suas bolas e as darei para os porcos". Alguns ficavam olhando, quando tirava a túnica de lã e se deitava para dormir com a camisa comprida, de linho, que usava por baixo. Quando urinavam no mato, viravam de costas para ela, o que nunca faziam antes.

Um dia ela viu o pai mergulhado numa conversa com o sacerdote da paróquia - um raro acontecimento -, e os dois ficavam olhando para ela o tempo todo, como se falassem a seu respeito. Na manhã seguinte seu pai lhe disse: "Vá com Henry e Everard e faça o que eles disserem". Depois deu um beijo na sua testa. Ellen perguntou-se que diabo tinha acontecido com ele - estava ficando mole com a idade? Selou seu corcel cinzento - recusava-se a montar um palafrem, mais adequado a senhoras, ou um pônei de criança - e partiu com os dois homens de armas.

Eles a levaram a um convento e a deixaram ali. O local todo tremia, com suas pragas obscenas, enquanto os dois homens se afastavam. Ela esfaqueou a abadessa e voltou a pé para a casa do pai. Ele a mandou de volta, mãos e pés atados, e amarrada na sela de um jumento. Puseram-na de castigo numa cela até que o ferimento da abadessa sarou. Ali era frio, úmido e escuro como a noite, e havia água para beber mas nada para comer. Quando a deixaram sair da cela, mais uma vez voltou andando para casa.

Seu pai a devolveu novamente, e então a açoitaram antes de a empurrarem na cela.

Acabaram por vencê-la, é claro, e Ellen vestiu o hábito de noviça, obedeceu às regras e aprendeu as orações, mesmo que no fundo do coração detestasse as freiras, desprezasse os santos e não acreditasse, em princípio, em nada que qualquer pessoa lhe dissesse a respeito de Deus. Mas aprendeu a ler e escrever, passou a dominar a música, os números e o desenho, assim como acrescentou o latim ao francês e inglês falados na casa do seu pai.

A vida no convento, afinal, não foi tão ruim assim. Era uma comunidade de um único sexo, com suas regras e rituais peculiares, e isso era exatamente

aquilo com que estava acostumada. Todas as freiras tinham que fazer algum trabalho físico, e Ellen foi designada para cuidar dos cavalos. Antes que se passasse muito tempo, já era a encarregada do estábulo.

A pobreza jamais a preocupou. A obediência não veio com facilidade, mas acabou vindo. A terceira regra, castidade, nunca a incomodou, embora de vez em quando, só para contrariar a abadessa, ela apresentasse uma ou outra das noviças aos prazeres do...

Agnes interrompeu a história de Ellen nesse ponto e, levando Martha, foi procurar um regato onde pudesse lavar o rosto da menina e limpar sua túnica. Levou Alfred também, como medida de proteção, embora dissesse que não ia se afastar a uma distância superior a um grito. Jack levantou-se para segui-los, mas Agnes disse-lhe firmemente que ficasse, e o menino pareceu compreender, pois sentou-se de novo. Tom observou que Agnes conseguiu levar os filhos para onde não mais pudessem ouvir aquela história ímpia e indecente, deixando Tom ouvi-la.

Um dia, prosseguiu Ellen, o palafrém da superiora mancou, quando ela estava ausente do convento há diversos dias. O priorado de Kingsbridge por acaso era perto, de modo que a abadessa pediu emprestado ao prior outro animal. De volta ao convento, disse a Ellen para devolver o cavalo emprestado e trazer o palafrém manco.

Ali, no estábulo do mosteiro, à vista da velha catedral em ruínas de Kingsbridge, Ellen conheceu um rapaz que parecia um cachorrinho que houvesse levado uma surra.

Tinha a expressão alerta e a graciosidade de um filhote, mas era acovardado e assustado, como se toda a sua capacidade de brincar lhe tivesse sido arrancada a pancadas.

Quando Ellen falou, ele não entendeu. Ela tentou latim, mas ele não era monge. Finalmente disse qualquer coisa em francês e, com o rosto iluminado de alegria, ele lhe respondeu na mesma língua.

Ellen nunca mais voltou ao convento.

Daquele dia em diante passou a viver na floresta, primeiro num abrigo rústico, feito de galhos e folhas, depois numa caverna seca. Não tinha esquecido as habilidades masculinas que aprendera na casa do pai: sabia caçar veados, pegar coelhos com armadilhas e abater cisnes com o arco; sabia limpar a caça, eviscerá-la e prepará-la; sabia inclusive retirar e curtir o couro e as peles para as suas roupas. Além de caça, ela se alimentava de frutas silvestres, nozes e verduras. Qualquer coisa de que precisasse - sal, tecidos de lã, um machado ou uma faca nova tinha que roubar.

O pior foi quando Jack nasceu...

Mas e o francês? Tom teve vontade de perguntar se era ele o pai de Jack. E se era, quando morrera? E como? Mas pela cara de Ellen, sabia que ela não ia

falar a respeito dessa parte de sua história, e como parecia ser do tipo que não podia ser persuadida a agir contra a própria vontade, ele guardou as perguntas para si.

Por essa época seu pai morrera e o bando se dispersara, de modo que Ellen não tinha parentes ou amigos neste mundo. Quando Jack estava para nascer, ela acendeu uma fogueira para ficar acesa a noite toda, na entrada da sua caverna. Tinha água e comida à mão, assim como o arco, as flechas e as facas, para afastar os lobos e cães selvagens, e até mesmo um pesado manto vermelho roubado de um bispo, para embrulhar o bebê. Só não estava preparada para o medo e a dor do parto, e por muito tempo pensou que fosse morrer. Não obstante, o bebê nasceu forte e saudável, e ela sobreviveu.

Ellen e Jack viveram uma vida simples e frugal durante os onze anos seguintes. A floresta lhes dava tudo de que necessitavam, desde que fossem cuidadosos para armazenar maçãs, nozes e carne de veado salgada o suficiente para passar os meses de inverno. Não raro Ellen pensava que, se não houvesse reis, lordes, bispos e xerifes, todo mundo poderia viver assim e ser perfeitamente feliz.

Tom perguntou-lhe então como se arranjava com os outros proscritos, homens como Faramond Boca Aberta. O que aconteceria se eles se aproximassem furtivamente de noite e tentassem estuprá-la?, perguntou-se ele, e o desejo despertou com o pensamento, embora jamais tivesse possuído uma mulher contra a vontade, nem mesmo sua esposa.

Os outros fora-da-lei tinham medo dela, disse Ellen, fitando-o com os luminosos olhos claros, e sabia a razão: eles pensavam que fosse uma feiticeira. Quanto às pessoas obedientes à lei que viajavam pela floresta, pessoas que sabiam que podiam roubar, estuprar e matar uma fora-da-lei sem medo de punição, Ellen simplesmente se escondia delas. Por que então não se escondera de Tom? Porque vira uma criança ferida e quisera ajudar. Ela própria tinha um filho.

Ellen ensinara a Jack tudo o que aprendera na casa do pai acerca de armas e caçadas. Depois lhe ensinara a ler e escrever e tudo mais que aprendera com as freiras: música e aritmética, francês e latim, desenho, até mesmo histórias da Bíblia. Finalmente, nas longas noites de inverno, transferira para ele o legado do francês, que sabia mais histórias, poemas e canções do que qualquer outra pessoa no mundo...

Tom não acreditou que Jack pudesse ler e escrever. Tom sabia escrever o nome, e um punhado de palavras como "pence", "jardas" e "alqueires"; e Agnes, sendo filha de um sacerdote, sabia mais, embora escrevesse lenta e laboriosamente, com a ponta da língua aparecendo no canto da boca; Alfred porém não sabia escrever uma única palavra, e mal era capaz de reconhecer o próprio nome; Martha não conseguia fazer nem isso. Seria possível que aquela

criança idiota fosse mais alfabetizada do que toda a família de Tom?

Ellen disse a Jack para escrever qualquer coisa, e ele alisou a terra e rabiscou umas letras. Tom reconheceu a primeira palavra, "Alfred", mas não as outras, e sentiu-se um tolo; então ela o salvou, lendo em voz alta: "Alfred é maior que Jack". O menino desenhou rapidamente duas figuras, uma maior que a outra, e embora fossem desenhos esquemáticos, via-se que uma das figuras tinha os ombros largos e uma expressão um tanto bovina, enquanto a outra era pequena e sorridente. Tom, que tinha um certo talento para desenhar, ficou atônito com a força e simplicidade do desenho garatujado na terra.

Mas a criança parecia idiota.

Ellen ultimamente começara a perceber isso, confessou ela, adivinhando os pensamentos de Tom. Jack nunca tivera a companhia de outras crianças, ou, na verdade, de outros seres humanos, exceto a mãe, e o resultado era que estava crescendo como um animal selvagem. Apesar de tudo o que aprendera, não sabia lidar com as pessoas.

Era por isso que estava ali em silêncio, que encarava fixamente os outros e apanhava o que queria.

Ao dizer isso, ela pareceu vulnerável pela primeira vez. Desapareceu seu ar de inexpugnável auto-suficiência, e Tom a viu como uma mulher preocupada e mesmo desesperada.

Pelo bem de Jack, ela precisava retornar à sociedade, mas como? Se fosse homem, poderia ter conseguido convencer algum lorde a lhe dar uma fazenda, sobretudo se mentisse de modo convincente e dissesse que estava voltando de uma peregrinação a Jerusalém ou a Santiago de Compostela. Havia algumas mulheres trabalhando na lavoura, mas invariavelmente eram viúvas com filhos crescidos. Nenhum lorde daria uma fazenda a uma mulher com um filho pequeno. Ninguém iria querer empregá-la para fazer qualquer tipo de trabalho, na cidade ou no campo; além disso, não tinha onde morar, e o trabalho não qualificado raramente era acompanhado por oferta de moradia.

Ellen não tinha identidade.

Tom sentiu por ela. Dera à criança tudo o que podia, e não era o bastante. Mas ele era incapaz de ver uma saída para o seu dilema. Por mais bonita, determinada e formidável que fosse, estava destinada a passar o resto dos dias escondida na floresta com o seu filho esquisito.

Agnes, Martha e Alfred voltaram. Tom olhou ansiosamente para a filha, mas pelo seu jeito a pior coisa que lhe acontecera fora ter o rosto esfregado. Durante algum tempo, o construtor ficara absorto nos problemas de Ellen, mas agora se lembrou da sua situação difícil: estava sem trabalho e seu porco havia sido roubado. A tarde estava acabando. Começou a recolher as coisas que tinham lhe restado.

- Aonde vocês estão indo? - perguntou Ellen.

- Winchester - disse Tom. Ali havia um castelo, um palácio, diversos mosteiros e, principalmente, uma catedral.

- Salisbury é mais perto - disse Ellen. - E da última vez em que estive lá a estavam reconstruindo... ampliando-a.

O coração de Tom deu um pulso. Era aquilo que estava procurando. Se ao menos pudesse arranjar um trabalho num projeto em andamento, acreditava que um dia conseguiria se tornar mestre construtor.

- Como se vai para Salisbury? - perguntou ele ansiosamente.

- No caminho que vocês vieram, uns cinco quilômetros ou pouco mais. Lembra-se de uma encruzilhada onde você pegou a trilha da esquerda?

- Sim, perto de um lago de água suja.

- Isso mesmo. A trilha da direita leva a Salisbury.

Eles se despediram. Agnes não gostara de Ellen, mas mesmo assim conseguiu dizer graciosamente:

- Muito obrigada por ter ajudado a tomar conta de Martha.

Ellen sorriu e pareceu ficar melancólica quando eles partiram.

Quando já haviam caminhado alguns minutos, Tom olhou para trás. Ellen ainda os observava, de pé na estrada, pernas abertas, protegendo os olhos do sol com uma das mãos; o garoto esquisito estava ao seu lado. Tom acenou, e ela respondeu com outro aceno.

- Uma mulher interessante - comentou ele com a esposa. Agnes nada disse.

- Aquele menino era estranho - disse Alfred. Caminhavam no sol outonal de fim de tarde. Tom gostaria de saber como era Salisbury; nunca estivera ali. Sentiu-se excitado. Claro que seu sonho era construir uma catedral desde os alicerces, mas isso quase nunca acontecia: era muito mais comum encontrar uma velha edificação sendo melhorada, ampliada ou parcialmente reconstruída. Mas isso já seria bastante bom para ele, desde que lhe oferecesse a chance de ajudá-lo a um dia realizar seu objetivo.

- Por que aquele homem bateu em mim? - quis saber Martha.

- Porque queria roubar o nosso porco - respondeu Agnes.

- Devia ter um porco dele - disse Martha indignada, como se só agora percebesse que o fora-da-lei tinha feito algo errado.

O problema de Ellen estaria resolvido se ela tivesse uma profissão, pensou Tom. Um pedreiro, carpinteiro, tecelão ou curtidor não estaria na sua posição. Sempre poderia ir para a cidade e procurar trabalho. Havia poucas artífices.

- Ela precisa é de um marido - disse Tom em voz alta.

- Mas não vai ficar com o meu - disse Agnes rispidamente.

O dia em que perderam o porco foi também o último dia de temperatura amena. Passaram aquela noite num celeiro, e quando saíram pela manhã, o céu estava da cor de um teto de chumbo, e o vento frio trazia lufadas de chuva.

Desembrulharam o manto de tecido espesso, feltrado, e o vestiram, apertando com força sob o queixo e puxando o capuz bem para frente a fim de proteger o rosto da chuva. Puseram-se a caminho melancolicamente, quatro fantasmas taciturnos metidos no temporal, os tamancos de madeira espadanando água e lama ao longo da estrada cheia de poças.

Tom gostaria de saber como seria a Catedral de Salisbury. Em princípio, uma catedral era uma igreja como outra qualquer - simplesmente a igreja onde o bispo tem seu trono. Na prática, porém, as catedrais eram as igrejas maiores, mais ricas, mais grandiosas e elaboradas. Raramente um simples túnel com janelas. A maioria se compunha de três túneis, um alto flanqueado por dois menores, como cabeça e ombros, formando uma nave central com duas laterais. As paredes do lado do túnel central eram reduzidas a duas linhas de colunas ligadas por arcos, constituindo uma arcada. As duas naves menores eram usadas para procissões - que podiam ser espetaculares nas catedrais - e proporcionavam espaço para pequenas capelas dedicadas a santos da devoção particular dos crentes, o que atraía importantes doações extras. As catedrais eram os edifícios mais caros do mundo, muito mais do que palácios ou castelos, e tinham que ganhar o dinheiro que custavam.

Salisbury ficava mais perto do que Tom pensara. Por volta da metade da manhã, subiram uma elevação e encontraram do outro lado uma estrada que descia suavemente à frente deles, numa longa curva; e depois dos campos banhados pela chuva, erguendo-se sobre a planície como um barco num lago, viram a cidade fortificada de Salisbury, erigida sobre uma colina. Seus detalhes estavam velados pela chuva, mas Tom pôde distinguir diversas torres, quatro ou cinco, elevando-se bem acima dos muros da cidade. Seu ânimo revigorou-se à vista de tanto trabalho de pedra.

Um vento frio castigava a planície, congelando-lhes o rosto e as mãos, enquanto seguiam a estrada que se dirigia ao portão leste. Quatro estradas se encontravam ao sopé da colina, em meio a algumas casas dispersas, que davam a impressão de terem extravasado da cidade, e foi ali que a eles se juntaram outros viajantes, caminhando com os ombros encolhidos e a cabeça baixa, projetando-se por entre o temporal para o abrigo das muralhas.

Na rampa que dava no portão encontraram um carro de boi com um carregamento de pedra - um sinal muito promissor para Tom. O carroceiro estava inclinado atrás do carro de madeira crua, empurrando com o ombro, acrescentando a própria força à da parelha de bois que subiam a rampa com muita dificuldade. Tom viu uma chance de fazer um amigo. Convidou Alfred com um aceno e os dois puseram os ombros na parte de trás do carro. As imensas rodas de madeira passaram com estrondo por uma ponte de vigas sobre um enorme fosso seco. Era impressionante aquele movimento de terra: a escavação da vala e o transporte da terra para construir a muralha deviam ter

consumido centenas de homens, pensou Tom; era um trabalho muito maior que cavar os alicerces de uma catedral. A ponte sobre a vala tremeu e rangeu sob o peso do carro de boi e dos dois vigorosos animais que o puxavam.

A rampa acabou, e o carro deslocou-se com mais facilidade pelo caminho plano, quando se aproximaram do portão. O carroceiro endireitou-se, da mesma forma que Tom e Alfred.

- Fico-lhe muito agradecido - disse o carroceiro.

- Para que é a pedra? - perguntou Tom.

- Para a nova catedral.

- Nova? Ouvi dizer que estavam apenas aumentando a antiga.

O carroceiro assentiu com a cabeça.

- É o que diziam, dez anos atrás. Mas agora tem mais coisas novas do que velhas.

Mais notícias boas.

- Quem é o mestre construtor?

- John de Shaftesbury, embora o bispo Roger tenha muito a ver com o projeto.

Aquilo era normal. Raramente os bispos deixavam os construtores fazer o trabalho sozinhos. Um dos problemas dos mestres construtores era frequentemente acalmar a imaginação febril dos clérigos e impor limites práticos às suas fantasias. Mas seria John de Shaftesbury quem contrataria os homens.

O carroceiro acenou com a cabeça na direção do saco de ferramentas de Tom.

- Pedreiro?

- Sim. Procurando trabalho.

- Pode ser que consiga - disse o carroceiro, com neutralidade. - Se não for na catedral, talvez no castelo.

- E quem governa o castelo?

- O mesmo Roger é bispo e castelão.

Claro, pensou Tom. Tinha ouvido falar do poderoso Roger de Salisbury, íntimo do rei durante muito tempo.

Eles atravessaram o portal e entraram na cidade. O lugar estava tão atulhado de construções, pessoas e animais que parecia em perigo de explodir e derrubar sua muralha circular, caindo dentro da vala. As casas de madeira erguiam-se uma do lado da outra, tão apertadas quanto espectadores de um enforcamento lutando por espaço. Cada pedaço de terra, por minúsculo que fosse, era utilizado para alguma coisa. Onde duas casas tinham sido construídas com uma passagem entre elas, alguém erguera uma habitação de meio tamanho, sem janelas porque a porta tomava quase toda a frente. Onde quer que o terreno fosse pequeno, até mesmo para a mais estreita das casas, havia uma banca para vender cerveja, pão ou maçãs; e se não houvesse espaço nem mesmo para isso, se

ergueria um estábulo, uma pocilga, uma esterqueira ou um barril de água.

A cidade era barulhenta, também. A chuva pouco fazia para amortecer o clamor das oficinas de artesãos, dos vendedores ambulantes apregoando suas mercadorias, das pessoas se cumprimentando, barganhando e discutindo, de animais relinchando, latindo e brigando.

- Que fedor é esse? - perguntou Martha, erguendo a voz acima do barulho.

Tom sorriu. Fazia uns dois anos que ela não entrava numa cidade.

- É o cheiro de gente - respondeu.

A rua era apenas um pouco mais larga do que o carro de boi, mas o carroceiro não quis deixar que os animais parassem, com medo de que não voltassem a andar novamente; assim, continuou batendo neles, ignorando todos os obstáculos, e os bois prosseguiram forçando o caminho por entre a multidão, empurrando para o lado, indiscriminadamente, tanto um cavaleiro montado num cavalo de batalha quanto um morador da floresta com um arco, um monge gordo num pónei, homens de armas, mendigos, donas de casa ou prostitutas.

O carro de boi veio a ficar atrás de um velho pastor que lutava para manter reunido um pequeno rebanho. Devia ser dia de mercado, pensou Tom. Quando o carro passou, uma das ovelhas entrou pela porta aberta de uma venda de cerveja, e num segundo todo o rebanho estava dentro da casa, em pânico, balindo e derrubando mesas, bancos e jarras de cerveja.

O chão que pisavam era um mar de lama e de lixo. Tom tinha a capacidade de observar, num relance, a queda da água da chuva num telhado, e a largura da calha necessária para fazer o escoamento; podia ver que toda a chuva que caía sobre os telhados daquela parte da cidade era drenada pela rua onde estavam. Num temporal forte mesmo, pensou, seria preciso um barco para atravessá-la.

À medida que se aproximavam do castelo na parte mais alta da colina, a rua se alargava. Ali havia casas de pedra, uma ou duas precisando de alguns reparos. Pertenciam a artesãos e comerciantes, que tinham suas lojas e oficinas no térreo e moravam no andar de cima. Examinando com o olhar de quem tinha prática aquilo que estava à venda, Tom podia afirmar que aquela era uma cidade próspera. Todo mundo precisa ter facas e panelas, mas só gente próspera compra xales bordados, cintos decorados e broches de prata.

Em frente ao castelo o carroceiro fez a parelha de bois virar à direita, e Tom e sua família o seguiram. A rua fazia uma curva de um quarto de círculo, rodeando as defesas do castelo. Passando por outro portão, deixaram o tumulto da cidade tão rapidamente quanto tinham entrado nele e ingressaram num tipo diferente de turbilhão: a diversidade agitada mas ordenada de uma área onde se erguia uma grande construção.

Estavam agora do lado de dentro do adro murado da catedral, que ocupava toda a quarta parte da cidade circular, a noroeste. Tom parou por um momento, observando.

Só de ver, ouvir e cheirar aquilo ele se sentia emocionado como num dia de sol. Quando chegaram, à retaguarda do carro de boi, dois outros saíam, vazios. Em oficinas que se estendiam ao longo das paredes laterais da igreja, pedreiros podiam ser vistos esculpindo os blocos de pedra com seus cinzéis e grandes martelos de madeira, dando-lhes as formas que juntas resultariam em plintos, colunas, capitéis, fustes, arcobotantes, arcos, janelas, peitoris, pináculos e parapeitos. No meio do adro, bem longe das outras edificações, ficava a ferraria, cujo clarão do fogo era visível através do portal; o barulho metálico do martelo batendo na bigorna se espalhava pelo adro, enquanto o ferreiro fazia novas ferramentas para substituir as que os pedreiros iam gastando. Para a maioria das pessoas era uma cena de caos, mas Tom via um imenso e complexo mecanismo que ele ansiava por controlar. Sabia o que cada homem estava fazendo e podia ver instantaneamente até que ponto o trabalho tinha progredido. Estavam construindo a fachada leste.

Havia um andaime no lado leste, com uns oito ou nove metros de altura. Os pedreiros estavam na varanda, esperando que a chuva amainasse, mas os seus serventes subiam e desciam as escadas com pedras nos ombros. Mais acima, no vigamento da estrutura do telhado, estavam os encanadores, como aranhas rastejando numa gigantesca teia de madeira, prendendo folhas de chumbo nos pontos de junção das escoras e instalando os canos de escoamento e as calhas.

Tom percebeu que a construção, lamentavelmente, estava quase terminada. Se fosse contratado, o trabalho que restava ali não duraria mais que dois anos - não era tempo bastante para ascender à posição de mestre pedreiro, quanto mais de mestre construtor. Mesmo assim, aceitaria o emprego, pois o inverno estava chegando. Ele e a família poderiam sobreviver sem trabalho, caso ainda tivessem o porco. Mas sem ele, Tom precisava arranjar serviço.

Seguiram o carro de boi até o canto do adro onde as pedras estavam empilhadas. Os bois, agradecidamente, mergulharam a cabeça no bebedouro.

- Onde está o mestre construtor? - perguntou o carroceiro a um pedreiro que passava.

- No castelo - foi a resposta do pedreiro.

O carroceiro balançou a cabeça e virou-se para Tom.

- Você o encontrará no palácio do bispo, creio.

- Muito obrigado.

- Eu que agradeço.

Tom deixou o adro com Agnes e as crianças atrás. Refizeram seus passos pelas ruas apinhadas e estreitas até a frente do castelo. Ali havia outra vala seca e uma segunda imensa fortificação de terra que cercava a praça-forte. Atravessaram a ponte. Na casa da guarda, de um lado do portão, um homem corpulento de túnica de couro estava sentado, contemplando a chuva. Trazia uma espada. Tom dirigiu-se a ele:

- Bom dia. Sou chamado de Tom Construtor. Quero falar com o mestre construtor, John de Shaftesbury.

- Está com o bispo - respondeu o guarda indiferentemente.

Eles entraram. Como a maioria dos castelos, aquele era uma coleção de edifícios de estilos diversos dentro de uma muralha de terra. O pátio ficava a cerca de cem jardas. Em posição oposta à do portão, do lado mais distante, estava a imponente fortaleza, a última cidadela em tempo de ataque, erguendo-se bastante acima das fortificações, a fim de ter boas condições de observação. À esquerda via-se um agrupamento de casas baixas, a maioria de madeira: um estábulo comprido, uma cozinha, uma padaria e diversos armazéns. Havia um poço no meio. À direita, tomando quase toda a metade norte do conjunto, ficava uma grande casa de pedra que obviamente era o palácio. Era construído no mesmo estilo da nova catedral, com pequenos portais e janelas caracterizadas por terem a parte superior arredondada, e tinha dois andares. Era nova; na verdade, alguns pedreiros ainda estavam trabalhando num canto, aparentemente construindo uma torre. A despeito da chuva, havia muita gente no pátio, entrando ou saindo e correndo de uma construção para outra: homens de armas, sacerdotes, comerciantes, operários da obra e criados do palácio.

Tom podia ver diversas portas no palácio, todas abertas, a despeito da chuva. Não estava bem certo do que deveria fazer a seguir. Se o mestre construtor estava com o bispo, talvez não devesse interromper. Por outro lado, o bispo não era um rei, e Tom era um homem livre e um pedreiro em busca de trabalho legítimo, não um abjeto servo com alguma queixa. Decidiu ser ousado. Deixando Agnes e Martha, atravessou com Alfred o pátio lamacento e entrou pela porta mais próxima do palácio.

Os dois se viram numa pequena capela com o teto abobadado e uma janela na outra extremidade, por cima do altar. Perto da porta, um sacerdote estava sentado a uma mesa alta, escrevendo rapidamente em papel velino. Ele ergueu os olhos.

- Onde está o mestre John? - perguntou Tom bruscamente.

- Na sacristia - respondeu o sacerdote, indicando com a cabeça uma porta na parede lateral.

Tom não pediu para falar com o mestre. Achou que se agisse como se estivesse sendo esperado perderia menos tempo. Atravessou a capelinha com algumas passadas e entrou na sacristia.

Era uma câmara pequena e quadrada, iluminada por muitas velas. A maior parte do chão era tomada por uma caixa com areia, muito rasa. A areia fina tinha sido perfeitamente alisada com uma régua. Havia dois homens dentro da sacristia. Ambos olharam rapidamente para Tom e voltaram sua atenção para a areia. O bispo, um velho enrugado de olhos brilhantes, estava desenhando na areia com uma varinha pontuda. O mestre construtor, usando um avental de

couro, o observava com ar paciente e expressão cética.

Tom aguardou em ansioso silêncio. Tinha que causar boa impressão; ser cortês, mas não servil, e demonstrar conhecimento sem ser presunçoso. Um mestre artesão deseja que os aprendizes sejam tão obedientes quanto talentosos. Tom sabia disso por sua própria experiência como empregador.

O bispo Roger estava esboçando um prédio de dois andares com grandes janelas dos três lados. Era um bom desenhista, fazendo linhas retas e perfeitos ângulos de noventa graus. Fez uma planta e uma vista lateral da casa. Tom pôde ver que jamais seria construída.

- Aí está - disse o bispo ao acabar.

- O que é? - perguntou John, virando-se para Tom.

Fingindo pensar que ele tivesse pedido sua opinião do desenho, disse:

- Não se pode ter janelas tão grandes assim numa cripta.

O bispo fitou-o irritado.

- É uma sala de estudos, não uma cripta.

- Cairá do mesmo modo.

- Ele tem razão - disse John.

- Mas é necessário ter luz para poder escrever.

John deu de ombros e virou-se para Tom.

- Quem é você?

- Meu nome é Tom e sou pedreiro.

- Foi o que pensei. O que o traz aqui?

- Estou procurando trabalho - respondeu, prendendo a respiração.

John sacudiu a cabeça imediatamente.

- Não posso empregar você.

O coração de Tom pareceu parar. Teve vontade de girar nos calcanhares, mas aguardou polidamente para ouvir as razões.

- Já estamos construindo aqui há dez anos - prosseguiu John. - Muitos dos pedreiros já possuem casas na cidade. Estamos chegando ao fim, e agora tenho mais pedreiros na obra do que preciso na realidade.

Tom sabia que não havia esperanças, mas perguntou:

- E o palácio?

- A mesma coisa - disse John. - É onde estou usando os homens que sobram. Se não fosse por isso e pelos outros castelos do bispo Roger, eu já estaria dispensando pedreiros.

Tom assentiu com a cabeça. Em voz neutra, tentando não parecer desesperado, perguntou:

- Sabe de algum lugar onde haja trabalho?

- Estavam construindo no Mosteiro de Shaftesbury no início do ano. Talvez ainda estejam. Fica a um dia de viagem.

- Obrigado. - Tom virou-se para ir embora.

- Sinto muito - disse John, às suas costas. - Você parece um bom homem.

Ele afastou-se sem responder. Sentia-se deprimido. Permitira-se ter esperanças demais; não havia nada de raro em não haver trabalho. Mas ficara entusiasmado com a perspectiva de trabalhar novamente numa catedral. Agora podia ter de enfrentar uma muralha monótona, ou trabalhar numa casa feia para algum praieiro.

Endireitou os ombros e atravessou de novo o pátio do castelo, onde Agnes o aguardava com Martha. Nunca deixava que ela percebesse o desânimo que pudesse sentir.

Sempre tentava dar a impressão de que tudo ia bem, que estava no controle da situação, e que não tinha muita importância se não houvesse trabalho no lugar, porque certamente encontraria algo na cidade seguinte, ou na outra. Sabia que se exibisse qualquer sinal de aflição ela insistiria para encontrar um lugar onde se estabelecessem, e ele não queria, a não ser que fosse numa cidade onde houvesse uma catedral a ser construída.

- Não há nada para mim aqui - disse para Agnes. - Vamos embora.

Ela ficou acabrunhada.

- Pensei que, com uma catedral e um palácio em construção, haveria lugar para mais um pedreiro.

- Ambas as obras estão quase terminadas - explicou Tom. - Eles já têm mais homens do que precisam.

A família atravessou a ponte levadiça e voltou às ruas apinhadas da cidade. Haviam entrado em Salisbury pelo portão leste, e saíam agora pelo portão oeste, pois era a direção de Shaftesbury. Tom virou à direita, conduzindo-os através da parte da cidade que ainda não tinham visto.

Parou diante de uma casa de pedra seriamente necessitada de reparos. A argamassa usada na construção era muito ruim, e agora estava se esfarelando e caindo. A água que entrara pelos buracos, congelando, partira algumas pedras. Se ficasse assim mais um inverno o dano seria ainda pior. Tom decidiu mostrar aquilo ao proprietário.

A entrada do andar térreo era um arco amplo. A porta de madeira estava aberta, e no portal viu um artesão sentado com um martelo na mão direita e um furador na esquerda, gravando um desenho complexo numa sela de madeira colocada no banco à sua frente. No fundo Tom pôde ver depósitos de madeira e couro, e um garoto varrendo aparas.

- Bom dia, mestre seleiro - disse ele.

O seleiro ergueu os olhos, classificou Tom como o tipo de homem que faria sua própria sela se precisasse de uma, e cumprimentou-o secamente com um gesto de cabeça.

- Sou construtor - prosseguiu Tom. - Vejo que está precisando de meus serviços.

- Por quê?

- Sua argamassa está se esfarelando, as pedras estão rachando e sua casa pode não durar outro inverno.

O seleiro sacudiu a cabeça.

- A cidade está cheia de pedreiros. Por que iria eu empregar um estranho?

- Muito bem. - Tom se virou. - Que Deus o proteja.

- Assim espero - disse o seleiro.

- Sujeito mal-educado - cochichou Agnes, quando se afastaram.

A rua dava numa praça onde funcionava um mercado. Ali, numa extensão de meio acre de lama, os camponeses das proximidades trocavam as poucas sobras que podiam ter de grão, leite ou ovos pelas coisas que precisavam e que não podiam fazer - panelas, relhas de arado, cordas e sal. Os mercados geralmente eram coloridos e um tanto turbulentos. Havia um bocado de discussões e regateios bem-humorados, pretensa rivalidade entre barraqueiros vizinhos, bolos baratos para as crianças, às vezes um menestrel ou um grupo de acrobatas, grande número de prostitutas muito pintadas, e às vezes um soldado aleijado com histórias dos desertos orientais e de enfurecidas hordas sarracenas. Os que faziam uma boa barganha com frequência sucumbiam à tentação de celebrar, e gozavam o lucro com uma cerveja forte, de modo que havia sempre uma atmosfera de desordem por volta do meio-dia. Outros perdiam suas moedas nos dados, o que podia acabar em briga. Mas agora, na manhã de um dia de chuva, com a safra do ano vendida ou armazenada, o mercado estava contido. Camponeses encharcados de chuva faziam barganhas taciturnas com barraqueiros que tremiam de frio, todos ansiosos por ir para casa e sentar diante de uma lareira.

A família de Tom forçou caminho por entre a multidão desconsolada, ignorando as lisonjas desanimadas do vendedor de salsichas e do amolador de facas. Já tinham quase acabado de atravessar a praça quando Tom viu seu porco.

Ficou tão surpreso que a princípio não pôde acreditar nos próprios olhos. Então Agnes disse entre os dentes:

- Tom! Olhe! - E ele soube que ela vira também.

Não havia a menor dúvida: o pedreiro conhecia aquele porco, tão bem quanto conhecia Alfred ou Martha. Estava sendo transportado, com perícia, por um homem com a pele rosada e a barriga grande de quem come toda a carne de que precisa e depois um pouco mais: um açougueiro, sem dúvida. Tanto Tom quanto Agnes pararam para encará-lo, e como bloquearam seu caminho, ele não pôde deixar de vê-los.

- Bem? - exclamou, intrigado com aqueles olhares fixos e impaciente para passar.

Foi Martha quem quebrou o silêncio.

- É o nosso porco! - gritou excitadamente.

- É mesmo - confirmou Tom, olhando para o açougueiro de igual para igual.

Por um instante uma expressão furtiva cruzou o rosto do homem, e Tom percebeu que ele sabia que o porco fora roubado. Mas ele disse:

- Acabei de pagar cinquenta *pence* por este porco, o que faz com que seja meu.

- Seja quem for a pessoa a quem deu seu dinheiro, o porco não era dela. Sem dúvida foi por esse motivo que você pagou tão pouco. De quem o comprou?

- De um camponês.

- Você o conhecia?

- Não. Escute. Sou o açougueiro da guarnição. Não posso pedir a cada fazendeiro que me venda um porco ou uma vaca que traga doze homens a fim de jurar que o animal é dele, e que pode vendê-lo, se quiser.

O homem virou-se de lado como se fosse embora, mas Tom pegou-o pelo braço e o deteve. Por um momento o açougueiro ficou zangado, mas depois deu-se conta de que se se metesse numa briga teria de largar o porco e, se uma das pessoas da família de Tom conseguisse apanhá-lo, o equilíbrio do poder se modificaria e precisaria provar sua propriedade. Assim, ele se conteve e disse:

- Se quer fazer uma acusação, vá ao xerife.

Tom pensou na sugestão e abandonou-a. Não tinha provas. Em vez disso, perguntou:

- Como era o homem que lhe vendeu o meu porco?

- Como todo mundo - respondeu o açougueiro, com uma expressão velhaca.

- Ocultava a boca?

- Agora que estou pensando nisso, sim.

- Era um fora-da-lei, escondendo uma mutilação - disse Tom amarguradamente. - Suponho que não pensou nisso.

- Está chovendo demais! - protestou ele. - Todo mundo está embuçado.

- Basta que me diga há quanto tempo ele vendeu o porco e afastou-se.

- Ainda agora.

- E para onde foi?

- Para uma cervejaria, creio.

- A fim de gastar meu dinheiro - disse Tom, enojado. - Ande, suma daqui. Pode ser que seja roubado um dia, e então vai querer que não haja tanta gente ansiosa por comprar uma barganha sem fazer perguntas.

O açougueiro ficou zangado e hesitou, como se pensasse em replicar; mas pensou melhor e desapareceu.

- Por que deixou que ele fosse embora? - perguntou Agnes.

- Porque ele é conhecido aqui e eu não - disse Tom. - Se lutasse, iriam me

considerar culpado. E como o porco não tem meu nome escrito no traseiro, quem pode dizer se é meu ou não?

- Mas todas as nossas economias...

- Ainda podemos pegar o dinheiro do porco - disse Tom. - Cale-se e deixe-me pensar. - A altercação com o açougueiro o enfurecera e ele aliviava a frustração falando asperamente com Agnes. - Em algum lugar desta cidade há um homem sem lábios e com cinquenta *pennies* de prata no bolso. Tudo o que temos a fazer é encontrá-lo e tirar o dinheiro dele.

- Certo - disse Agnes determinadamente.

- Você volta pelo caminho que viemos. Vá até o adro da catedral. Eu seguirei em frente e me aproximarei da catedral pelo outro lado. Depois retomaremos pela rua seguinte, e assim por diante. Se ele não estiver nas ruas, estará numa casa de cerveja. Quando o vir, fique perto e mande Martha me avisar. Levarei Alfred. Tente não deixar que o fora-da-lei a veja.

- Não se preocupe - disse Agnes, inflexível. - Quero aquele dinheiro para alimentar meus filhos.

Tom tocou no seu braço e sorriu.

- Você é uma leoa, Agnes.

Ela o fitou nos olhos por um momento e de repente, ficando na ponta dos pés, beijou-o na boca, rápida mas intensamente. Depois virou-se e atravessou de volta a praça do mercado, com Martha a reboque. Tom ficou olhando, preocupado com ela, a despeito de sua coragem; depois seguiu na direção oposta com Alfred.

O ladrão parecia pensar que estava perfeitamente seguro. Claro, quando roubara o porco, Tom estava se dirigindo para Winchester. Ele seguira na direção contrária, a fim de vender o porco em Salisbury. Mas a fora-da-lei, Ellen, dissera que a Catedral de Salisbury estava sendo reconstruída, fazendo com que Tom mudasse de plano e, inadvertidamente, descobrisse o ladrão. No entanto, como pensava que Tom nunca mais o veria, havia uma chance para pegá-lo desprevenido.

Foi caminhando lentamente ao longo da rua lamacenta, tentando parecer bem à vontade enquanto olhava as portas abertas. Queria ser o mais discreto possível, pois aquele episódio podia terminar em violência e não queria que as pessoas se lembrassem de um pedreiro alto fazendo uma busca na cidade. A maioria das casas eram choupanas de madeira, lama e telhado de colmo, com uma esteira no chão, uma lareira no meio e umas poucas peças de mobília feita em casa. Um barril e alguns bancos faziam uma cervejaria; uma cama num canto com uma cortina significava uma prostituta; um grupo barulhento em torno de uma mesa revelava um jogo de dados.

Uma mulher com os lábios pintados de vermelho desnudou os seios para ele, que sacudiu a cabeça e apressou o passo. Secretamente sentia-se atraído pela

idéia de ir para a cama com uma estranha, à luz do dia e pagando, mas em toda a vida nunca experimentara isso.

Pensou mais uma vez em Ellen, a fora-da-lei. Havia alguma coisa intrigante nela também. Era muitíssimo atraente, mas aqueles olhos fundos e intensos intimidavam.

Um convite feito por uma prostituta fez com que Tom se sentisse irritado por um momento, mas o encanto gerado pela lembrança de Ellen ainda não se dissolvera, e de repente ele teve ímpetos de correr de volta para a floresta e cair sobre ela.

Chegou no adro da catedral sem ver o ladrão. Levantou os olhos para os encanadores, que prendiam o chumbo na estrutura triangular das vigas do telhado sobre a nave.

Ainda não tinham começado a cobrir o telhado de meia-água das naves laterais da igreja, de modo que ainda era possível ver os meios arcos de apoio que conectavam a parte externa com a nave principal, escorando a metade de cima da construção. Ele os apontou para Alfred.

- Sem aqueles suportes, a parede da nave cederia e vergaria para fora, por causa do peso das abóbadas de pedra na parte de dentro - explicou. - Está vendo como os meios arcos se alinham com os contrafortes na parede da nave? Alinham-se também com os pilares da arcada da nave, no lado de dentro. E as janelas, com os arcos da arcada. Linhas fortes com linhas fortes, linhas fracas com linhas fracas.

Alfred deu a impressão de estar se sentindo frustrado e ressentido. Tom suspirou.

Viu Agnes vindo do lado oposto, e sua mente retornou ao problema imediato. O capuz de Agnes ocultava-lhe o rosto, mas ele reconheceu o queixo lançado para a frente, seu andar seguro. Operários de ombros largos afastavam-se para que passasse. Se ela esbarrasse no ladrão e houvesse uma briga, pensou ele, seria bem equilibrada.

- Você o viu? - quis saber ela.

- Não. E obviamente você tampouco. - Tom esperava que o ladrão não tivesse deixado a cidade. Certamente não iria sem antes gastar um pouco de dinheiro, que não tinha utilidade na floresta.

Agnes estava pensando a mesma coisa.

- Ele está aqui, em algum lugar. Vamos continuar procurando.

- Vamos voltar por ruas diferentes e nos encontrar no mercado.

Tom e Alfred refizeram seu caminho atravessando o adro e saíram pelo portão. A chuva encharcava-lhes o manto e por um segundo Tom pensou numa jarra de cerveja e numa tigela de caldo de carne, junto à lareira de uma cervejaria. Depois pensou em como trabalhara duro para comprar o porco, viu de novo o homem sem lábios brandindo o porrete na cabeça inocente de Martha, e sua

cólera o aqueceu.

Era difícil procurar sistematicamente porque não havia ordem nas ruas. Elas ziguezagueavam, de acordo com o lugar onde as pessoas tinham construído suas casas, e havia muitas curvas acentuadas e becos sem saída. A única rua reta era a que levava do portão leste à ponte levadiça. Na sua primeira pesquisa, Tom ficara próximo das rampas do castelo. Dessa vez ele examinou as cercanias indo até a muralha da cidade e retornando ao interior. Ali estavam as casas mais pobres, as construções mais mal executadas e as prostitutas mais velhas. As cercanias da cidade ficavam num nível mais baixo que o centro, e assim o lixo da região mais rica descia com a água da chuva pelas ruas até se alojar na base da muralha. Algo similar parecia acontecer com as pessoas, pois aquele distrito tinha mais do que a cota justa de aleijados e mendigos, crianças famintas e mulheres machucadas, assim como de bêbados irremediáveis. Entretanto, não se via o homem sem lábios em parte alguma.

Por duas vezes Tom localizou um homem com o mesmo porte e aparência e aproximou-se dele, só para ver que tinha o rosto normal.

Terminou a busca no mercado, e ali estava Agnes esperando por ele impacientemente, o corpo tenso e os olhos faiscantes.

- Eu o achei! - disse entre os dentes.

Tom sentiu uma onda de excitação misturada com receio.

- Onde?

- Entrou numa locanda ali, perto do portão leste.

- Leve-me lá.

Eles rodearam o castelo até a ponte levadiça, desceram a rua reta até o portão leste, depois se meteram num labirinto de vielas ao pé da muralha. Tom viu a locanda um momento depois. Não era sequer uma casa, apenas um telheiro inclinado sobre quatro pilares, encostado à muralha, com um fogo alto na parte de trás, onde um carneiro girava num espeto e um caldeirão borbulhava. Era quase meio-dia e o lugar estava cheio de gente, na maioria homens. O cheiro da carne fez o estômago de Tom roncar. Ele esquadrinhou a pequena multidão com os olhos, com medo de que o proscrito tivesse ido embora durante o curto período de tempo que haviam gasto para chegar ali. Localizou-o imediatamente, sentado num banco um pouco afastado da multidão, comendo uma tigela de ensopado com uma colher e mantendo o xale na frente do rosto para esconder a boca.

Tom virou-se depressa para que o homem não o visse. Agora tinha que decidir como resolver aquilo. Estava furioso o bastante para derrubar o fora-da-lei com um soco e pegar sua bolsa. Mas a multidão não o deixaria fugir. Precisaria explicar-se, não só a quem estava ali, como também ao xerife. Tom estava dentro do seu direito, e o fato de o ladrão ser um fora-da-lei significava que não teria ninguém para testemunhar pela sua honestidade; enquanto Tom evidentemente

era um homem respeitável e um pedreiro. Provar tudo isso, porém, levaria tempo, talvez semanas, se acontecesse de o xerife estar em outra parte do condado; e poderia ainda haver uma acusação de romper a paz do rei, se houvesse uma briga.

Não, seria mais sábio pegar o ladrão sozinho. Era possível que o homem não fosse passar a noite na cidade, pois não tinha casa ali e talvez não conseguisse hospedagem se não pudesse, de um modo qualquer, provar ser um homem respeitável. Assim sendo, precisava ir embora antes que os portões fechassem, ao cair da noite. E havia apenas dois portões.

- Ele provavelmente voltará por onde veio - disse Tom dirigindo-se a Agnes. - Vou esperar lá fora, junto do portão leste. Alfred cuida do portão oeste. Você fica na cidade e vê o que o ladrão faz. Conserve Martha ao seu lado, mas não deixe que ele a veja. Se precisar mandar um recado para mim ou para Alfred, mande-o pela menina.

- Certo - concordou Agnes, tensa.

- O que devo fazer se o ladrão vier na minha direção? - perguntou Alfred, que parecia excitado.

- Nada - respondeu o pai com firmeza. - Veja que estrada ele segue e espere. Martha irá me buscar e cuidaremos dele juntos. - Alfred pareceu ficar desapontado, e Tom acrescentou: - Faça o que digo. Não quero perder meu filho, como também não quero perder meu porco.

Alfred aquiesceu, relutante.

- Vamos nos separar, antes que ele note nossa presença aqui. Vamos.

Tom saiu imediatamente, sem olhar para trás. Podia confiar em Agnes para levar a cabo o plano. Dirigiu-se rapidamente para o portão leste e deixou a cidade, atravessando a oscilante ponte de madeira onde empurrara o carro de boi naquela manhã. Bem na sua frente ficava a estrada de Winchester, no rumo leste, sempre reta, como um longo tapete desenrolado sobre colinas e vales. À esquerda, a estrada pela qual ele - e presumivelmente também o ladrão - tinha chegado a Salisbury, a Portway, fazia uma curva sobre uma colina e desaparecia. O ladrão certamente iria pela Portway.

Tom desceu a colina e passou pelas casas que se agrupavam na encruzilhada, tomando por fim a Portway. Precisava se esconder. Caminhou pela estrada, procurando um lugar adequado. Seguiu adiante umas duzentas jardas sem encontrar nada. Olhando para trás, viu que tinha ido muito longe: não podia mais distinguir as feições das pessoas na encruzilhada, de modo que não saberia se o homem sem lábios havia saído da cidade e tomado a estrada de Winchester. Examinou a paisagem novamente. A estrada era margeada de ambos os lados por valas, que teriam servido de esconderijo com tempo seco, mas que nesse dia estavam cheias de água. Logo depois de cada vala, a terra se amontoava. No campo, do lado sul da estrada, algumas vacas pastavam o restolho do capim.

Tom notou que uma delas estava deitada na extremidade do pasto, uma elevação que dominava a estrada, e era parcialmente escondida pelo monte de terra que acompanhava a vala. Com um suspiro, refez os passos. Saltou a vala e deu um pontapé na vaca, que se levantou e foi embora. Deitou-se no lugar seco e quente que ela deixara. Puxou o capuz sobre o rosto e se acomodou para esperar, desejando que tivesse tido a ideia de comprar um pedaço de pão antes de sair da cidade.

Estava ansioso e um pouco assustado. O fora-da-lei era um homem menor que ele, mas seus movimentos eram rápidos e perversos, como demonstrara ao bater em Martha e roubar o porco. Tom tinha um pouco de medo de se machucar, mas se preocupava muito mais em ficar sem seu dinheiro.

Esperava que a mulher e a filha estivessem bem. Agnes podia se cuidar, ele sabia; e mesmo que o fora-da-lei a reconhecesse, o que poderia fazer? Ficaria apenas em guarda, mais nada.

De onde estava deitado, Tom podia ver as torres da catedral. Quisera ter tido um momento para dar uma olhada por dentro. Estava curioso acerca do tratamento dado às pilastras da arcada. Normalmente eram pilares grossos, com os arcos nascendo do topo de cada um deles: dois na direção norte e sul, para a ligação com os pilares vizinhos na arcada; e um na direção leste ou oeste, cruzando a nave lateral.

O efeito não era bonito, pois havia algo não muito certo num arco que saía do topo de uma coluna redonda. Quando Tom construísse sua catedral, cada pilar seria um conjunto de colunas, com um arco saindo de cada uma delas - um arranjo elegantemente lógico. Começou a visualizar a decoração dos arcos. Formas geométricas eram as mais comuns - não se necessitava de muito talento para entalhar ziguezague e losangos -, mas Tom gostava de folhagem, que emprestava suavidade e um toque de natureza à dura regularidade das pedras.

A catedral imaginária ocupou sua mente até o meio da tarde, quando viu o vulto esbelto e a cabeça loura de Martha atravessar a ponte saltitando e vir por entre as casas. Ela hesitou um pouco na encruzilhada, depois escolheu a estrada certa. Tom observou-a aproximando-se e viu quando franziu a testa, ao começar a perguntar-se onde ele poderia estar. Quando ela emparelhou com o lugar onde estava, chamou-a baixinho.

- Martha.

Ela deu um gritinho, então o viu e correu para ele, saltando por cima da vala.

- Mamãe mandou isto para você - disse, tirando uma coisa de dentro do manto.

Era uma torta quente de carne.

- Pela cruz, sua mãe é uma boa mulher! - disse Tom, dando uma grande mordida. Era feita com carne e cebolas, e tinha um gosto celestial.

Martha agachou-se ao lado de Tom sobre a grama.

- Isto é o que aconteceu ao homem que roubou o nosso porco - disse ela. Torceu o nariz e concentrou-se para lembrar o que haviam lhe dito para contar. Era tão doce que Tom chegou a perder o fôlego. - Ele saiu da locanda, encontrou uma dona com a cara pintada e foi para a casa dela. Nós esperamos do lado de fora.

Enquanto o fora-da-lei gastava o nosso dinheiro com uma prostituta, pensou Tom, amargurado.

- Continue.

- Ele não ficou muito tempo na casa da mulher, e quando saiu foi para uma cervejaria. Está lá agora. Não bebe muito, mas joga dados.

- Espero que ganhe - disse Tom, inflexível. - É só?

- É só.

- Você está com fome?

- Comi um bolinho.

- Você contou a Alfred tudo isso?

- Ainda não. Vou falar com ele agora.

- Diga para ele tentar ficar seco.

- Tentar ficar seco - repetiu ela. - É para falar antes ou depois do recado sobre o homem que roubou o nosso porco?

Não tinha importância, claro.

- Depois - disse Tom, já que a filha queria uma resposta definitiva. Sorriu para ela. - Você é uma menina esperta. Vá andando agora.

- Gosto desta brincadeira - disse ela. Acenou e partiu, as perninhas ágeis aparecendo por um segundo quando saltou elegantemente a vala e correu de volta para a cidade.

Tom observou-a com amor e também com raiva no coração. Ele e Agnes tinham trabalhado duro para ganhar o dinheiro destinado a alimentar as crianças, e ele seria capaz de matar para pegar de volta o que lhes tinham roubado.

Talvez o fora-da-lei estivesse pronto para matar também. Os fora-da-lei se encontravam fora da lei, como diz o nome: viviam em estado natural de violência. Aquela podia não ser a primeira vez que Faramond Boca Aberta atacara de surpresa uma de suas vítimas. Acima de tudo ele era perigoso.

A luz do dia começou a desaparecer surpreendentemente cedo, como acontecia às vezes nas tardes chuvosas de outono. Tom começou a se preocupar, sem saber se reconheceria o ladrão na chuva. À medida que caía a noite, o movimento de entrada e saída foi diminuindo, pois a maioria dos visitantes saía a tempo de chegar a suas casas aoanoitecer. As luzes das velas e dos lampiões começaram a bruxulear nas casas mais altas da cidade e nas choças suburbanas. Tom perguntou-se, pessimista, se o ladrão poderia afinal ficar na cidade. Talvez tivesse amigos desonestos que o alojassem, mesmo sabendo que era um fora-da-

lei. Talvez...

Nesse momento Tom viu um homem com um xale na boca.

Atravessava a ponte de madeira, com dois outros homens. Subitamente ocorreu ao construtor que os dois cúmplices do ladrão, o careca e o de gorro verde, podiam ter ido a Salisbury com ele. Não vira nenhum dos dois na cidade, mas os três podiam ter se separado por algum tempo e depois se reunido para a viagem de volta. Praguejou baixinho; não achava que pudesse enfrentar três homens. Mas o grupo se desfez ao se aproximar, e Tom percebeu com alívio que eles não estavam juntos, afinal.

Os dois primeiros eram pai e filho, dois camponeses com os olhos muito juntos e nariz recurvo. Tomaram a Portway, e o homem do xale os seguiu.

Tom estudou o andar do ladrão, que se aproximava. Infelizmente parecia sóbrio.

Olhando para a cidade, viu uma mulher e uma garota aparecerem na ponte: Agnes e Martha. Ficou assustado. Não tinha imaginado que elas estivessem presentes quando se defrontasse com o ladrão. Percebeu, contudo, que não dera instruções em contrário.

Ficou tenso quando todos tomaram a estrada, na sua direção. Tom era tão grande que a maioria das pessoas cediam, num confronto com ele; mas proscritos eram gente desesperada, e não havia como dizer o que aconteceria numa briga.

Os dois camponeses passaram, bem-humorados, conversando a respeito de cavalos. Tom tirou o martelo de cabeça de ferro do cinto e o empunhou com a mão direita.

Odiava ladrões, que não trabalhavam mas tiravam o pão das pessoas de bem. Não teria escrúpulos em bater naquele com o seu martelo.

O ladrão pareceu andar mais devagar quando se aproximou, quase como se pressentisse o perigo. Tom esperou que estivesse a umas quatro ou cinco jardas de distância - perto demais para fugir, longe demais para passar correndo. Então rolou por cima do monte, saltou a vala e parou na frente dele.

O homem ficou imóvel, olhando para Tom.

- Que é isto? - perguntou nervosamente.

Não me reconhece, pensou Tom.

- Você roubou meu porco ontem e hoje vendeu para o açougueiro.

- Eu nunca...

- Não negue - interrompeu o construtor. - Basta que me dê o dinheiro que recebeu pelo porco e não o machucarei.

Por um momento Tom pensou que ele fosse fazer exatamente isso. Teve uma sensação de anticlimax quando o homem hesitou. De repente ele girou nos calcanhares e correu.

.. para bater direto em Agnes.

Ele não tinha ainda impulso bastante para derrubá-la - e ela não era mulher

de ser derrubada com facilidade - e os dois vacilaram, colocando-se alternadamente na frente um do outro, de lado a lado, numa dança desajeitada. Até que percebeu que ela estava deliberadamente obstruindo a sua passagem e a empurrou para um lado.

A mulher esticou a perna quando ele passou. Seu pé meteu-se entre os joelhos do ladrão e os dois caíram juntos. O coração de Tom estava na boca quando correu para o lado dela. O ladrão se levantava com um joelho sobre as costas de Agnes. Tom agarrou-o pelo pescoço e arrancou-o de cima dela. Puxou-o para o lado da estrada, antes que pudesse recuperar o equilíbrio, e jogou-o dentro da vala.

A mulher levantou-se. Martha correu para ela. Tom perguntou rapidamente:

- Tudo bem?

- Sim - respondeu Agnes.

Os dois camponeses pararam e se viraram para observar a cena, curiosos para descobrir o que estaria acontecendo. O ladrão estava de joelhos na vala.

- Ele é um fora-da-lei - gritou Agnes, para evitar qualquer possível interferência. - Roubou nosso porco.

Os camponeses nada disseram, mas esperaram para ver o que aconteceria em seguida.

Tom dirigiu-se ao ladrão novamente.

- Dê-me o dinheiro e deixarei que se vá.

O homem saltou da vala com uma faca na mão, rápido como um rato, e atirou-se contra o pescoço de Tom. Agnes gritou. Tom esquivou-se. A faca faiscou na frente do seu rosto e Tom sentiu uma dor ardente no queixo.

Ele recuou e brandiu o martelo quando a faca faiscou de novo. O ladrão pulou para trás e tanto a faca quanto o martelo silvaram no ar úmido da noite sem baterem um no outro.

Por um instante os dois homens ficaram imóveis, se encarando, ofegantes. O rosto de Tom doía. Percebeu que havia igualdade entre eles, embora fosse muito maior, já que o ladrão tinha uma faca, arma muito mais mortal que um martelo de pedreiro. Sentiu um calafrio de medo quando se deu conta de que podia estar prestes a morrer.

Subitamente não conseguiu respirar.

Percebeu de esguelha um movimento súbito. O ladrão o notou também, disparou um rápido olhar para Agnes e baixou rapidamente a cabeça quando uma pedra veio voando na sua direção, atirada pela mão dela.

Tom reagiu com a velocidade de um homem que temia pela vida, e brandiu o martelo contra a cabeça abaixada do ladrão. A pancada atingiu-o na hora exata em que ele se endireitava. O martelo de ferro pegou na testa, bem na linha do cabelo. Foi um golpe apressado, que não teve toda a força considerável

de Tom. O ladrão cambaleou mas não caiu. Tom atingiu-o de novo.

Dessa vez o golpe foi mais forte. O construtor teve tempo para levantar o martelo e apontá-lo, enquanto o ladrão estonteado tentava focalizar. Tom pensou em Martha quando baixou o martelo. Bateu com toda a força, e o ladrão caiu como um trapo.

Estava tenso demais para sentir qualquer alívio. Ajoelhou-se ao lado do ladrão, revistando-o.

- Onde está a bolsa dele? Onde está a bolsa dele, maldição!

O corpo inerte era difícil de virar. Finalmente Tom conseguiu pô-lo de costas e abriu o manto. Havia uma grande bolsa de couro pendurada na cintura. Abriu-a. Dentro havia uma bolsa de lã macia, fechada com um cordão de puxar. Tom puxou o cordão. Ela estava leve.

- Vazia! - exclamou. - Ele deve ter outra bolsa.

Puxou o manto sob o corpo do homem e revistou-o cuidadosamente. Não havia bolsos escondidos, nem saliências. Tirou-lhe as botas. Não havia nada dentro delas. Puxou a faca que estava pendurada no cinto e abriu as solas: nada.

Impacientemente, meteu a faca no lado de dentro da túnica de lã do ladrão e cortou. Não havia cinto de dinheiro escondido.

O ladrão jazia no meio da estrada de lama, nu, a não ser pelas meias, os dois camponeses olhavam para Tom como se ele fosse maluco.

- Ele não tem dinheiro nenhum! - disse furiosamente para Agnes.

- Deve ter perdido tudo nos dados - disse ela, amargurada.

- Espero que queime no fogo do inferno.

A mulher ajoelhou-se e apalpou o peito do ladrão.

- É onde ele se encontra agora - disse. - Você o matou.

IV

Pelo Natal eles estavam morrendo de fome.

O inverno chegou cedo, frio, duro e implacável como o cinzel de ferro de um pedreiro. Ainda havia maçãs nas árvores quando a primeira neve cobriu os campos. O povo pensou que fosse uma onda de frio, acreditando que passaria logo, mas não passou. As aldeias que tinham atrasado o preparo do terreno quebraram seus arados na terra dura como rocha. Os camponeses apressaram-se a matar os porcos e os salgarem para o inverno, assim como os lordes a abater o gado, pois o pasto nos meses de frio não alimentaria o mesmo número de cabeças que no verão. Mas a geada interminável queimou o capim, e parte do gado remanescente morreu assim mesmo. Os lobos ficaram desesperados, e invadiam as aldeias ao anoitecer para roubar galinhas esqueléticas e crianças descuidadas.

Nos locais onde se erguiam construções, em todo o país, assim que caiu a

primeira geada as paredes que haviam sido construídas durante o verão foram rapidamente cobertas com palha e esterco para isolá-las do frio mais intenso, pois a argamassa dentro delas não estava inteiramente seca e, se congelasse, racharia. Nenhum trabalho de massa seria feito até a primavera. Alguns dos pedreiros tinham sido contratados só para o verão, e voltaram para suas aldeias, onde eram conhecidos mais como artífices do que como pedreiros, e passariam o inverno fazendo arados, selas, arreios, carroças, pás, portas e qualquer outra coisa que exigisse mão habilidosa com martelo, cinzel e serrote. Os outros pedreiros mudaram-se para meias-águas no próprio local da construção e cortavam pedras com formas intrincadas em todas as horas da luz. Entretanto, como a geada caía muito cedo, o trabalho progrediu depressa demais; e visto que os camponeses estavam famintos, bispos, castelões e lordes tinham menos dinheiro para gastar em construção do que haviam esperado; e assim, à medida que o inverno progrediu, alguns pedreiros foram sendo dispensados.

Tom e sua família andaram de Salisbury para Shaftesbury, e de lá para Sherborne, Wells, Bath, Bristol, Gloucester, Oxford, Wallingford e Windsor. Em toda parte os fogos dentro das estalagens ardiam, e os pátios das igrejas e as muralhas dos castelos retiniam com a música do ferro na pedra e os mestres construtores faziam modelos pequenos e precisos de arcos e abóbadas, com as mãos hábeis enfiadas em luvas sem dedos. Alguns mestres eram impacientes, abruptos ou descorteses; outros olhavam tristemente para os filhos de Tom, tão magros, e para sua mulher grávida, e falavam com bondade e tristeza; todos, porém, diziam a mesma coisa: "Não, não há trabalho para você aqui".

Sempre que possível, eles se aproveitavam da hospitalidade dos mosteiros, onde os viajantes podiam conseguir um prato de comida e um lugar para dormir - rigorosamente por uma única noite. Quando as amoras silvestres amadureceram, sustentaram-se delas por dias a fio, como os pássaros. Na floresta, Agnes acendia um fogo embaixo da panela de ferro e cozinhava um caldo grosso. Mas ainda assim, na maior parte do tempo, eles eram obrigados a comprar pão dos padeiros e arenques salgados dos peixeiros, ou comer em cervejarias ou locandas, que era mais dispendioso do que preparar a própria comida; assim, o dinheiro deles estava inexoravelmente acabando.

Martha já era magra, mas ficou ainda mais. Alfred continuou a crescer, como uma planta em terra pouco profunda, e ficou muito magro. Agnes comia parcimoniosamente, mas o bebê que crescia dentro dela era voraz, e Tom podia ver que sua mulher estava atormentada pela fome. Às vezes mandava que comesse mais, e então até mesmo sua vontade de ferro cedia perante a autoridade do marido combinada com a do filho ainda não nascido. Mesmo assim não ficou rechonchuda e rosada, como ficara das outras vezes. Ao contrário, parecia descarnada, a despeito da barriga volumosa, como uma criança faminta desnutrida.

Desde sua partida de Salisbury, tinham caminhado cerca de três quartos de um grande círculo, e por volta do fim do ano estavam de volta à vasta floresta que se estendia de Windsor até Southampton. Dirigiam-se para Winchester. Tom vendera suas ferramentas de pedreiro, e todo o dinheiro obtido com a venda, exceto uns poucos *pennies*, havia sido gasto: teria que pedir ferramentas emprestadas, ou o dinheiro para comprá-las, assim que arranjasse trabalho. Se não conseguisse uma colocação em Winchester, não sabia o que iria fazer. Ele tinha irmãos na sua cidade natal, mas ficava no norte, uma viagem de diversas semanas, e a família morreria de fome antes de chegar lá. Agnes era filha única e seus pais estavam mortos. Não havia trabalho na agricultura em pleno inverno. Talvez a mulher pudesse ganhar algum dinheiro como criada de copa e cozinha numa casa rica de Winchester. Certamente ela não poderia continuar palmilhando as estradas por muito mais tempo, já que a hora do parto estava próxima.

Mas Winchester ficava a três dias de distância, e eles estavam com fome agora. As amoras haviam acabado, não se via nenhum mosteiro, e Agnes não tinha mais aveia na panela que carregava nas costas. Na noite anterior, haviam trocado uma faca por uma bisnaga de pão de centeio, quatro tigelas de caldo sem carne e um lugar para dormir junto ao fogo na choça de um camponês. Desde então não tinham visto uma aldeia. Porém, quando se aproximara o fim da tarde Tom viu fumaça se erguendo acima das árvores, e encontraram a casa de um guarda das florestas reais. Ele deu um saco de nabos pela machadinha de Tom.

Tinham caminhado somente mais três milhas quando Agnes disse que estava cansada demais para continuar. Tom ficou surpreso. Em todos os seus anos juntos nunca a ouvira dizer que estava cansada demais para qualquer coisa.

Ela se sentou ao abrigo de um grande castanheiro ao lado da estrada. Tom cavou um buraco raso para acender o fogo, usando uma pá de madeira bem gasta - uma das poucas ferramentas que tinham restado, já que ninguém ia querer comprá-la. As crianças cataram gravetos e Tom acendeu o fogo, depois pegou a panela e foi procurar um regato. Voltou com a panela cheia de água gelada e colocou-a num canto do fogo. Agnes cortou alguns nabos. Martha recolheu castanhas caídas da árvore e Agnes mostrou-lhe como descascá-las e esmagar a parte de dentro, que era macia, transformando-a numa espécie de farinha graúda para engrossar a sopa de nabos. Tom mandou Alfred buscar mais lenha, pegou uma vara e saiu espetando as folhas mortas no chão da floresta, na esperança de achar um ouriço cacheiro hibernando ou um esquilo para pôr no caldo. Não teve sorte.

Sentou-se ao lado de Agnes quando a escuridão caía e a sopa cozinhava.

- Ainda tem sal? - perguntou.

Ela sacudiu a cabeça.

- Você está comendo sem sal há semanas - disse. - Não notou?

- Não.

- A fome é o melhor tempero.

- Bem, temos tido muito desse tempero. - Tom subitamente sentiu-se muito cansado. O fardo esmagador dos desapontamentos acumulados nos últimos quatro meses abateu-se sobre ele, que não conseguiu mais se mostrar corajoso. Foi numa voz derrotada que perguntou: - O que saiu errado, Agnes?

- Tudo. Você não teve trabalho no último inverno. Conseguiu trabalhar na primavera; depois a filha do conde cancelou o casamento e lorde William cancelou a casa. Decidimos ficar e trabalhar na colheita, - o que foi um erro.

- Pois é claro que teria sido mais fácil para mim arranjar trabalho no verão do que no outono.

- E o inverno veio cedo. Só que, apesar de tudo isso, estaríamos bem se o nosso porco não tivesse sido roubado.

Tom aquiesceu, desanimado.

- Meu único consolo é saber que o ladrão deve estar sofrendo todos os tormentos do inferno.

- Espero que sim.

- Você duvida?

- Os sacerdotes não sabem tanto quanto fingem saber. Meu pai era um, lembra?

Tom se lembrava muito bem. Uma das paredes da igreja do pai dela tinha desmoronado e Tom fora contratado para reconstruí-la. Os sacerdotes não eram autorizados a se casar, mas esse tinha uma ama, e a ama, uma filha, e era um segredo conhecido por todos na aldeia ser ele o pai da garota. Agnes não era bonita, mesmo então, mas sua pele tinha o viço da juventude e ela parecia prestes a explodir de energia. Conversava com Tom enquanto ele trabalhava, e às vezes o vento colava o vestido no seu corpo de tal modo que ele podia ver suas curvas, e até mesmo seu umbigo, quase tão nitidamente como se estivesse sem roupa. Uma noite foi até a cabana onde Tom dormia, cobriu sua boca com a mão a fim de que não falasse e tirou o vestido para que a visse nua ao luar, e então ele tomara seu corpo jovem e forte nos braços e fizeram amor.

- Nós dois éramos virgens - disse ele em voz alta. Ela sabia em que ele estava pensando. Sorriu, depois sua expressão ficou triste de novo, e disse:

- Parece que foi há tanto tempo!

- Podemos comer agora? - perguntou Martha.

O cheiro da sopa estava fazendo o estômago de Tom roncar. Ele mergulhou a tigela no caldeirão borbulhante e pegou umas poucas fatias de nabo numa papa aguada. Usou o lado rombudo da faca para testar a raiz. Não estava inteiramente cozida, mas decidiu não fazê-los esperar. Deu uma tigela cheia para cada criança e depois levou uma para Agnes.

Ela estava cansada e pensativa. Soprou a sopa para esfriá-la e depois ergueu a tigela aos lábios.

As crianças tomaram rapidamente a sopa e quiseram mais. Tom tirou a panela do fogo, usando a barra do manto para não queimar as mãos, e esvaziou o resto na tigela deles.

- E você? - perguntou Agnes, quando ele se sentou a seu lado.

- Comerei amanhã - respondeu ele. Ela parecia cansada demais para discutir.

Tom e Alfred atizaram o fogo e reuniram lenha bastante para passar a noite. Depois todos se enrolaram em seu manto e se deitaram sobre as folhas a fim de dormir.

Tom tinha o sono leve, e quando Agnes gemeu ele acordou imediatamente.

- O que é que há? - sussurrou.

Ela gemeu de novo. Seu rosto estava pálido e os olhos, fechados. Após um momento ela disse:

- O bebê está nascendo.

O coração de Tom falhou uma batida. Não aqui, pensou ele; não aqui no chão gelado das profundezas de uma floresta.

- Mas não está na hora.

- É prematuro.

Tom fez sua voz soar calma.

- A bolsa d'água já rompeu?

- Logo depois que saímos da cabana do guarda florestal. - Agnes arquejou, sem abrir os olhos.

Tom lembrou-se de quando ela entrou repentinamente no meio do mato, como se fosse fazer uma necessidade urgente.

- E as dores?

- Começaram lá.

Era típico dela não falar nada.

Alfred e Martha estavam acordados.

- O que está acontecendo? - perguntou o jovem.

- O bebê está nascendo - respondeu Tom.

Martha rompeu no choro. Tom franziu a testa.

- Será que você consegue andar de volta até a cabana do guarda? - perguntou a Agnes. Ali eles teriam pelo menos um teto, palha para deitar e alguém para ajudar.

Agnes sacudiu a cabeça...

- Não. O bebê já desceu.

- Não vai demorar, então!

Eles estavam na parte mais deserta da floresta. Não viam uma aldeia desde a manhã, e o guarda dissera que não veriam outra durante todo o dia seguinte. Isso significava que não havia possibilidade de encontrar uma mulher que agisse

como parteira. Tom teria que fazer o parto sozinho, no frio, apenas com as crianças para ajudar, e se alguma coisa saísse errado, não teria remédios, conhecimento...

A culpa é minha, pensou Tom; eu a engravidei e depois a levei para este estado de penúria. Ela confiou em mim, e agora está dando à luz ao ar livre, no meio do inverno. Sempre desprezara os homens que tinham filhos e depois os deixavam morrer de fome; via agora que não era melhor que eles. Sentiu-se envergonhado.

- Estou tão cansada! - disse Agnes. - Não acredito que possa trazer este bebê ao mundo. Quero descansar. - O rosto dela brilhava à luz da fogueira, com uma película fina de suor.

Tom viu que tinha de se controlar. Precisava dar força a Agnes.

- Vou ajudar você - disse.

Não havia nada de misterioso ou complicado no que estava por acontecer. Já assistira ao nascimento de diversas crianças. O trabalho normalmente era feito por mulheres, porque sabiam como a mãe se sentia, o que as capacitava a ajudar melhor; porém, não havia motivo para que um homem não pudesse fazer um parto, se fosse necessário.

Primeiro tinha que deixá-la à vontade; depois descobrir o estágio de adiantamento do parto; fazer preparativos sensatos; e acalmá-la e reconfortá-la enquanto esperavam.

- Como se sente? - perguntou ele.

- Com frio - respondeu ela.

- Venha para mais perto do fogo - disse Tom. Ele tirou o manto e o desdobrou no chão, a uma jarda da fogueira. Agnes tentou se levantar. Tom ergueu-a com facilidade, e colocou-a delicadamente em cima do manto.

Ele se ajoelhou ao lado de Agnes. A túnica de lã que ela estava usando sob o manto tinha botões de cima a baixo na frente. Desabotoou dois deles e enfiou a mão por dentro. Agnes arquejou.

- Dói? - perguntou ele, surpreso e assustado.

- Não - respondeu ela com um rápido sorriso. - É que suas mãos estão frias.

Ele tateou o seu abdômen. Estava mais alto e pontudo do que na noite anterior, quando os dois tinham dormido juntos na palha do chão da choça de um camponês. Tom apertou um pouco mais, sentindo a forma do bebê. Encontrou uma extremidade do seu corpinho logo abaixo do umbigo de Agnes, mas não pôde localizar a outra.

- Não estou conseguindo achar a cabeça dele - disse Tom.

- É porque ela está saindo - disse Agnes.

Ele a cobriu e enfiou o manto dela por baixo do seu corpo, de um lado e de outro. Teria que fazer seus preparativos rapidamente. Deu uma olhada nas

crianças. Martha estava fungando. Alfred parecia apavorado. Seria bom dar-lhes algo para fazer.

- Alfred, leve a panela ao regato. Lave-a e traga-a cheia de água fresca. Martha, apanhe uns pedaços de palha e faça dois cordões, cada um deles grande o bastante para servir de colar. Rápido, vão. Vocês vão ter outro irmão ou irmã quando o dia raiar.

Os dois se afastaram. Tom pegou uma pedrinha dura e começou a amolar a faca. Agnes gemeu de novo. Tom pôs de lado a faca e deu-lhe a mão.

Ele se sentara com ela desse modo quando os outros nasceram: Alfred, depois Matilda, que morrera com dois anos, Martha e a criança que nascera morta, um menino a quem Tom secretamente planejava chamar Harold. Mas em cada uma dessas vezes havia alguém mais para ajudar e dar segurança - a mãe de Agnes para Alfred, uma parteira da aldeia para Matilda e Harold, e a senhora do solar, ninguém menos que ela, para Martha. Dessa vez precisaria agir sozinho. Mas não podia mostrar sua ansiedade; tinha que fazê-la sentir-se feliz e confiante. Agnes relaxou depois da contração.

- Lembra quando Martha nasceu - perguntou Tom - e Lady Isabella fez o papel de parteira?

Agnes sorriu.

- Você estava construindo uma capela para o lorde e pediu que ela mandasse sua criada buscar a parteira na aldeia...

- E ela disse: "Aquela bruxa velha e bêbada? Eu não deixaria que ajudasse a nascer uma ninhada de lobos!" E assim nos levou para sua alcova, e lorde Robert não pôde ir para a cama enquanto Martha não nasceu.

- Era uma boa mulher.

- Não há muitas ladies como ela.

Alfred retornou com a panela cheia de água fria. Tom colocou-a perto do fogo, mas não o bastante para ferver. Só queria ter água morna. Agnes enfiou a mão dentro do manto e pegou um pequeno saco de linho cheio de trapos limpos que havia preparado.

Martha voltou com as mãos cheias de palha e sentou-se para começar a trançar.

- Para que você precisa dos cordões? - quis saber.

- Para uma coisa muito importante, você vai ver - disse Tom. - Faça-os direitinho.

Alfred estava inquieto e envergonhado.

- Vá apanhar mais lenha - disse Tom. - Vamos aumentar o fogo.

O garoto saiu, feliz por ter o que fazer.

O rosto de Agnes retesou-se quando começou a fazer força de novo, querendo expulsar a criança do ventre, fazendo um barulho baixo, como uma árvore rachando sob o vento forte.

Tom pôde ver como aquele esforço estava lhe saindo caro, usando suas últimas reservas de energia, e desejou de todo o coração poder fazer força por ela para aquela criança nascer, aguentar a tensão, dar-lhe algum alívio. Por fim a dor pareceu abrandar, e Tom respirou de novo. A mulher deu a impressão de cochilar.

Alfred voltou com os braços cheios de galhos.

Agnes despertou.

- Estou com tanto frio!

- Alfred, aumente o fogo - disse Tom. - Martha, deite-se do lado de sua mãe e a mantenha quente.

Os dois obedeceram, muito apreensivos. Agnes passou os braços em torno da filha e a apertou, tremendo de frio.

Tom estava extremamente preocupado. A fogueira crepitava, mas o ar estava ficando mais frio. E o frio podia ficar tão intenso ao ponto de matar a criança quando respirasse pela primeira vez. Não era novidade para os meninos um parto ao ar livre; na verdade, acontecia com frequência durante a época da colheita, quando todos ficavam muito ocupados e as mulheres trabalhavam até o último minuto, só que na colheita o chão estava seco, a grama macia e a temperatura amena. Nunca tinham ouvido falar de uma mulher dando à luz ao ar livre em pleno inverno.

Apoiada nos braços, Agnes ergueu o corpo e abriu mais as pernas.

- O que é que há? - perguntou Tom, amedrontado. Ela estava fazendo tanta força que não podia responder.

- Alfred - disse Tom -, ajoelhe-se atrás de sua mãe e deixe que ela se apoie em você.

Quando o rapaz estava em posição, Tom abriu o manto de Agnes e desabotoou a saia. Ajoelhando-se entre as suas pernas, ele constatou que já havia um pouco de dilatação.

- Não falta muito agora, minha querida - murmurou, lutando para não deixar a voz tremer.

Ela relaxou de novo, fechando os olhos e apoiando-se em Alfred. A dilatação pareceu diminuir. A floresta estava em silêncio, a não ser pelo crepitar da fogueira.

De repente, Tom pensou em como a fora-da-lei, Ellen, dera à luz sozinha na floresta. Devia ter sido terrível. Tivera medo de que um lobo pulasse sobre ela e roubasse o bebê recém-nascido, dissera. Todos falavam que esse ano os lobos estavam mais atrevidos que o normal, mas certamente não atacariam um grupo de quatro pessoas.

Agnes ficou tensa novamente e novas gotas de suor apareceram em seu rosto contorcido. É o fim, pensou Tom. Estava apavorado. Verificou que a dilatação estava maior de novo e dessa vez viu, à luz da fogueira, o cabelo preto

molhado da cabeça do bebê, já começando a passar. Pensou em rezar mas não havia tempo agora. Agnes começou a respirar em arquejos rápidos e curtos. A dilatação aumentou ainda mais - ficou larga a um ponto que parecia impossível - e então a cabeça do bebê começou a sair, o rosto para baixo. Num momento Tom viu as orelhas enrugadas coladas do lado da cabecinha; depois foi a vez da pele dobrada do pescoço. Não pôde verificar ainda se era normal.

- A cabeça já passou - disse ele, mas Agnes já sabia disso, é claro, pois podia sentir, e tinha relaxado de novo. Lentamente, o bebê girou, e Tom pôde ver-lhe os olhos fechados e a boca, molhados de sangue e dos fluidos do útero.

- Olha a carinha dele! - exclamou Martha.

Agnes ouviu e sorriu rapidamente, para logo em seguida começar a fazer força de novo. Tom inclinou-se para a frente, colocando-se entre suas coxas, e apoiou a minúscula cabeça com a mão esquerda enquanto os ombros saíam, primeiro um, depois o outro. Então o resto do bebê emergiu, impetuosamente. Tom pôs a mão direita sob os quadris dele e segurou quando as perninhas escorregaram para o mundo frio.

A dilatação imediatamente começou a se fechar em torno do latejante cordão azul que vinha do umbigo do bebê.

Tom ergueu o filho e examinou-o, ansioso. Havia muito sangue, e a princípio ele receou que houvesse algo terrivelmente errado; porém, observando melhor, não pôde ver nenhum ferimento. Olhou entre as pernas dele. Era um menino.

- Ele é horrível! - disse Martha.

- Ele é perfeito - disse Tom, sentindo-se aliviado. - Um menino perfeito. O bebê abriu a boca e chorou.

Tom olhou para a mulher. Seus olhos se encontraram e ambos sorriram. Segurou o bebezinho junto do peito.

- Martha, traga-me uma tigela da água daquela panela.

- A menina pulou para cumprir sua tarefa.

- Onde estão aqueles trapos, Agnes?

Ela apontou para o saco de pano no chão junto do seu ombro. Alfred passou-o para o pai. O rosto dele estava molhado de lágrimas. Era a primeira vez que via uma criança nascer.

Tom mergulhou um pedaço de pano na água morna e, delicadamente, lavou o sangue e o muco que cobriam o rosto do bebê. Agnes desabotoou a frente da túnica e Tom colocou o bebê nos seus braços. Ele ainda estava gritando. Enquanto o pai o olhava, o cordão azul parou de pulsar e contraiu-se, ficando branco.

- Passe aquelas cordinhas que você fez - disse Tom para Martha. - Agora verá para que servem.

Ela lhe entregou dois pedaços de palha trançada. Tom amarrou o cordão

umbilical em dois lugares, dando um nó com força em cada um. Depois usou sua faca para cortar o cordão entre os nós.

Ele se sentou. Tinham conseguido. O pior já passara e o bebê estava passando bem. Sentiu-se orgulhoso.

Agnes deslocou o bebê, colocando o rosto dele sobre o seio. A boquinha achou o mamilo dilatado, e o bebê parou de chorar quando começou a sugar.

- Como é que ele sabe que precisa fazer isso? - perguntou Martha, assombrada.

- É um mistério - disse Tom. Entregou a tigela a Martha. - Pegue um pouco de água fresca para sua mãe beber.

- Oh, sim - disse Agnes agradecida, como se tivesse acabado de perceber que estava desesperadamente sedenta. Martha trouxe a água e Agnes bebeu toda a tigela. - Maravilha - disse. - Muito obrigada.

Agnes baixou os olhos para o bebê que mamava e depois encarou Tom.

- Você é um homem bom - disse serenamente. - Eu o amo.

Tom sentiu os olhos se encherem de lágrimas. Sorriu para ela e baixou a cabeça. Viu que a mulher ainda estava sangrando muito. O cordão umbilical, contraído e murcho, vinha saindo lentamente e jazia enrodilhado numa poça de sangue sobre o manto de Tom entre as pernas dela.

Ele ergueu os olhos de novo. O bebê parara de mamar e adormecera.

- Você está esperando alguma coisa? - perguntou Martha ao pai, depois de um momento.

- A placenta - respondeu ele.

- O que é isso?

- Você vai ver.

Mãe e filho cochilaram por algum tempo, até que Agnes abriu os olhos de novo. Seus músculos ficaram tensos, houve uma pequena dilatação e a placenta emergiu. Tom pegou-a com as mãos e examinou-a. Parecia qualquer coisa no cepo de um açougueiro. Examinando mais atentamente, viu que parecia estar dilacerada, como se faltasse um pedaço. Entretanto, nunca examinara tão de perto uma placenta, e supôs que todas fossem sempre assim, por se soltarem do útero. Jogou-a ao fogo. Produziu um cheiro desagradável ao queimar; porém, se a tivesse jogado no mato, poderia ter atraído raposas ou até mesmo um lobo.

Agnes ainda estava sangrando. Tom se lembrava de que sempre havia um fluxo de sangue com a saída da placenta, mas não lembrava que fosse naquela quantidade. Percebeu que a crise ainda não terminara. Sentiu vertigem, causada pela tensão e pela falta de alimento; mas passou, e ele se restabeleceu.

- Você ainda está sangrando um pouco - disse, tentando não parecer muito preocupado.

- Vai parar logo - disse ela. - Cubra-me.

Tom abotoou a sua saia e embrulhou as pernas de Agnes com o manto

dela.

- Posso descansar agora? - perguntou Alfred.

Ele ainda estava ajoelhado atrás da mãe, apoiando-a. Devia estar dormente, pensou, de ter ficado tanto tempo na mesma posição.

- Ficarei no seu lugar - disse Tom. Agnes ficaria mais confortável com o bebê se pudesse ficar recostada, meio na vertical, pensou; e também um corpo atrás dela a conservaria quente e a protegeria do vento. Trocou de lugar com o filho. Este gemeu de dor quando esticou as pernas jovens. Tom passou os braços em torno da mulher e do bebê. - Como se sente? perguntou.

- Apenas cansada.

O bebê chorou. Agnes deslocou-o para que ele pudesse achar o mamilo. Enquanto sugava, ela pareceu dormir.

Tom se sentiu apreensivo. Era normal o cansaço, mas havia em Agnes uma letargia que o incomodava. Estava fraca demais.

O bebê dormiu, e, após algum tempo, também as outras duas crianças, Martha enrodilhada perto de Agnes, e Alfred estirado junto da fogueira, do outro lado. Tom tomou a mulher nos braços, afagando-a gentilmente. De vez em quando beijava a parte de cima da sua cabeça. Sentiu o corpo dela relaxar, à medida que seu sono ia ficando mais profundo. Provavelmente era a melhor coisa para ela, decidiu. Tocou-lhe o rosto. A pele estava úmida, a despeito de todos os seus esforços para conservá-la quente.

Ele enfiou a mão dentro do manto de Agnes e tocou no peitinho do bebê. A criança estava quente e seu coração batia com força. Tom sorriu. Um bebê durão, pensou; um sobrevivente.

Agnes agitou-se.

- Tom?

- Sim.

- Você se lembra daquela noite em que fui procurá-lo na sua cabana, quando estava trabalhando na igreja do meu pai?

- Claro - disse ele, acariciando-a. - Como poderia esquecer?

- Nunca me arrependi de ter-me entregado a você. Nunca, nem por um momento. Sempre que penso naquela noite, sinto-me alegre.

Ele sorriu. Aquilo era bom de saber.

- Eu também - disse. - Fiquei feliz por você fazer o que fez.

Ela cochilou um pouco, e depois disse:

- Espero que você construa sua catedral.

Ele ficou surpreso.

- Pensei que você fosse contra.

- Eu era, mas estava errada. Você merece uma coisa bonita.

Ele não sabia o que Agnes queria dizer.

- Construa uma catedral bonita para mim - pediu ela.

Suas palavras não tinham sentido. Tom ficou satisfeito quando ela dormiu de novo. Dessa vez seu corpo ficou prostrado, e a cabeça virou de lado. Tom teve que escorar o bebê para que ele não escorregasse do peito da mãe.

Ficaram deitados assim por longo tempo. De vez em quando o bebê acordava e chorava. Agnes não reagia. O choro acordou Alfred, que rolou no chão e olhou o bebê.

Tom sacudiu a mulher delicadamente.

- Acorde - disse. - O bebê quer mamar.

- Pail! - disse Alfred, assustado. - Olhe só o rosto dela!

Tom estava com presságios. Ela sangrara demais.

- Agnes! - disse. - Acorde!

Não houve resposta. Estava inconsciente. Ele se levantou, acomodando as costas dela no chão. Seu rosto estava horrivelmente branco.

Com medo do que veria, ele abriu as pregas do manto de Agnes, que envolvia suas coxas. Havia sangue por toda parte. Alfred, ofegante, virou-se para o outro lado.

- Oh, Jesus, salve-nos!

O choro do bebê acordou Martha. Ela viu o sangue e começou a gritar. Tom levantou-a e deu-lhe um tapa no rosto. A menina ficou em silêncio.

- Não grite - disse calmamente, e colocou-a no chão de novo.

- Mamãe está morrendo? - perguntou Alfred.

Tom pôs a mão sobre o peito de Agnes, logo abaixo do seio esquerdo. Não havia batidas do coração.

Nenhuma.

Apertou com mais força. O corpo dela estava quente, e a parte de baixo do seio pesado encostou na sua mão, mas ela não estava respirando e não tinha pulso.

Um gélido entorpecimento se instalou sobre Tom, como uma névoa. Ela se fora. Olhou fixamente para o rosto da mulher. Mas como podia não estar ali? Desejou que ela se mexesse, abrisse os olhos, respirasse. Conservou a mão no seu peito. Diziam que às vezes o coração começa a bater de novo - mas ela perdera tanto sangue!

Olhou para Alfred.

- Sua mãe está morta - sussurrou.

Alfred manteve os olhos fixos no pai, abobalhado. Martha começou a chorar. O bebê estava chorando também. Tenho que tomar conta deles, pensou Tom. Preciso ser forte para eles.

Contudo ele queria chorar, passar os braços em torno de Agnes e segurar seu corpo enquanto esfriava, e lembrar-se dela como uma garota, rindo, fazendo amor. Queria soluçar de raiva e brandir o punho para o céu impiedoso. Endureceu o coração. Tinha que permanecer controlado, ser forte para as

crianças.

Nenhuma lágrima veio aos seus olhos.

Ele pensou: O que faço primeiro?

Cave uma sepultura.

Tenho que cavar um buraco bem fundo e colocá-la lá dentro, para conservar os lobos longe do corpo e preservar seus ossos até o Dia do Juízo Final, e depois fazer uma oração pela sua alma. Oh, Agnes, por que me deixou sozinho?

O recém-nascido ainda chorava. Seus olhinhos estavam fechados com toda a força e a boca abria e fechava ritmadamente, como se ele se alimentasse de ar. Tinha que mamar. Os seios de Agnes estavam cheios de leite morno. Por que não?, pensou Tom. Empurrou o bebê na direção do seio. A criança achou o bico e sugou. Tom ajustou o manto dela em torno do seu corpinho.

Martha observava de olhos arregalados, chupando o polegar.

- Pode segurar o bebê aí, para ele não cair? - perguntou Tom.

Ela fez que sim e ajoelhou-se ao lado da mulher morta e do bebê.

Tom pegou a pá. Agnes tinha escolhido aquele lugar para descansar, e se sentara sob os galhos do castanheiro. Que fosse então o lugar do seu último descanso. Ele engoliu em seco, lutando contra o ímpeto de se sentar no chão e chorar. Marcou um retângulo a algumas jardas do tronco da árvore, onde não haveria raízes próximas da superfície; começou a cavar.

Tom descobriu que isso ajudava. Enquanto se concentrava em enfiar a pá na terra dura e levantá-la, o resto da sua mente ficava em branco, e ele era capaz de conservar sua compostura. Revezou-se com Alfred, para ele também poder desfrutar do conforto proporcionado pelo exercício físico repetido. Cavaram rápido, fazendo grande esforço, e, a despeito do frio cortante, ambos suavam como se fosse meio-dia.

Até que chegou a hora em que Alfred perguntou:

- Já não chega?

Tom deu-se conta de que estava de pé dentro de um buraco quase tão fundo quanto sua estatura. Não queria que o trabalho terminasse. Aquiesceu relutantemente:

- Já chega. - E escalou as paredes do buraco.

O dia raiara enquanto ele cavava. Martha pegara o bebê e estava sentada junto do fogo, embalando-o. Tom aproximou-se de Agnes e ajoelhou-se. Passou o manto com força em torno dela, deixando o rosto visível, e pegou-a. Caminhou até a sepultura e colocou-a no chão. Depois pulou no buraco.

Então pegou-a e deitou-a delicadamente sobre a terra. Fitou-a por um longo momento, ajoelhado ao seu lado na cova fria. Beijou-lhe os lábios uma vez, suavemente.

Só então fechou-lhe os olhos.

Saltou do túmulo.

- Venham cá, crianças - disse.

Alfred e Martha aproximaram-se e ficaram de pé junto do pai, um de cada lado, Martha com o bebê no colo. Tom passou os braços sobre eles. Todos olharam para dentro do túmulo.

- Digam: "Deus abençoe a mamãe" - mandou ele.

- Deus abençoe a mamãe.

Martha soluçava, e havia lágrimas nos olhos de Alfred. Tom os abraçou e conteve o choro.

Soltou-os e apanhou a pá. A menina gritou quando ele atirou a primeira pá de terra dentro do túmulo. Seu irmão a abraçou.

Tom continuou trabalhando. Não era capaz de jogar terra no rosto dela, de modo que lhe cobriu os pés, depois as pernas e o corpo, e fez um monte de terra tão alto que a cada pazada ia caindo para a frente, até que por fim havia terra no seu pescoço, depois sobre a boca que ele beijara, e finalmente seu rosto desapareceu, para nunca mais ser visto de novo.

Tom encheu o túmulo rapidamente. Ao acabar, ficou de pé, olhando para o monte de terra.

- Adeus, querida - sussurrou. - Você foi uma boa mulher e eu a amo.

Com esforço, afastou-se.

O manto de Tom ainda estava no chão, no lugar onde Agnes se deitara sobre ele, para dar à luz. A parte de baixo estava encharcada de sangue congelado e de sangue que começava a secar. Ele pegou a faca e cortou-a de qualquer maneira em duas metades. Atirou a parte ensanguentada no fogo.

Martha ainda tinha o bebê no colo.

- Passe-o para mim - disse Tom.

A menina fitou o pai com medo nos olhos. Ele embrulhou o bebê nu na parte limpa do manto e deitou-o sobre o túmulo. O bebê chorou.

- Não temos leite para conservar o bebê vivo, de modo que ele deve ficar aqui com sua mãe - disse, voltando-se para as crianças que o fitavam em silêncio.

- Mas ele vai morrer! - exclamou Martha.

- Sim - assentiu Tom, controlando a voz. - Seja o que for que façamos, ele morrerá. - Desejava que o bebê parasse de chorar.

Reuniu as coisas da família, colocou-as dentro da panela e amarrou-a nas costas da maneira como Agnes sempre fazia.

- Vamos - disse.

Martha começou a soluçar. Alfred estava com o rosto lívido. Eles saíram caminhando estrada afora à luz cinzenta de uma manhã de inverno. Em dado momento o choro do bebê não foi mais ouvido.

Não adiantava ficar junto da sepultura, pois as crianças seriam incapazes de dormir ali, e nenhum objetivo seria alcançado por uma vigília de uma noite

inteira.

Além disso, caminhar faria bem a Alfred e Martha.

Tom andava depressa, mas seus pensamentos agora estavam livres e ele já não podia controlá-los. Nada havia a fazer senão andar: nenhuma providência a tomar, nenhum trabalho a fazer, nada a ser organizado, nada para ver exceto a floresta lúgubre e as sombras nervosas à luz dos archotes. Pensava em Agnes, seguia a trilha de alguma lembrança, sorria para si próprio, virava-se para contar à mulher o que tinha memorado; e então o choque de perceber que estava morta o golpeava como uma dor física. Sentia-se perplexo, como se algo totalmente incompreensível tivesse acontecido, embora, é claro, fosse a coisa mais comum do mundo uma mulher da idade de Agnes morrer de parto, e um homem da idade dele ser viúvo. Entretanto a sensação de perda era como uma ferida. Ele ouvira dizer que uma pessoa que tivesse os dedos do pé cortados não podia se levantar, caindo constantemente até aprender a andar de novo. Tom sentia-se assim, como se uma parte dele houvesse sido amputada, e não podia se acostumar com a ideia de que a mulher se fora para sempre.

Tentou não pensar em Agnes, mas continuou se lembrando de como era antes de morrer. Parecia incrível que estivesse viva apenas algumas horas antes, e que agora tivesse morrido. Viu mentalmente seu rosto tenso no momento em que deu à luz, e depois seu sorriso orgulhoso ao fitar o garotinho. Recordou o que lhe dissera em seguida:

Espero que você construa sua catedral. E depois: Construa uma catedral bonita para mim. Ela falara como se soubesse que estava morrendo.

Quanto mais andava, mais pensava no bebê que abandonara, embrulhado na metade de um manto, sobre um túmulo recém-aberto. Provavelmente ainda estivesse vivo, a menos que uma raposa o tivesse farejado. Morreria antes de terminar a manhã, contudo. Choraria por algum tempo, depois fecharia os olhos e sua vida o abandonaria aos poucos, enquanto seu corpinho adormecido iria esfriando.

A menos que uma raposa o farejasse. Não havia nada que Tom fosse capaz de fazer pelo bebê. Ele precisava de leite para sobreviver, e não havia nenhum: nem aldeias onde o pai pudesse arranjar uma ama-de-leite, nem cabra ou ovelha para suprir o equivalente mais aproximado. Tudo o que tinha para lhe dar eram nabos, que o matariam tão certamente quanto uma raposa.

À medida que a noite ia acabando, parecia-lhe mais e mais terrível que tivesse abandonado o bebê. Era algo bastante comum, ele sabia: camponeses com grandes famílias e pequenas fazendas frequentemente expunham bebês à morte, e às vezes o sacerdote fingia não ver; no entanto Tom não era desse tipo de gente. Deveria tê-lo carregado nos braços até que morresse e então enterrá-lo. Não havia finalidade nisso, é claro, mas mesmo assim teria sido o certo.

Percebeu que o dia raiara. Parou subitamente.

As crianças ficaram imóveis e olharam fixamente para ele, aguardando. Estavam prontas para qualquer coisa; nada mais era anormal.

- Eu não devia ter deixado o bebê - disse Tom.

- Mas nós não podemos alimentá-lo - retrucou Alfred. - Ele ia morrer.

- Mesmo assim eu não deveria tê-lo deixado.

- Vamos voltar - disse Martha.

Tom ainda hesitou. Voltar agora seria admitir que tinha errado abandonando o bebê. Mas era verdade. Ele errara. Tom virou-se.

- Está bem - disse. - Vamos voltar.

Agora todos os perigos que antes tentara não levar em conta subitamente pareciam mais prováveis. Na certa uma raposa já farejara o bebê e o arrastara para sua toca.

Ou até mesmo um lobo. Os javalis eram perigosos, muito embora não comessem carne. E o que dizer das corujas? Uma coruja podia não carregar um bebê, mas era capaz de bicar-lhe os olhos...

Caminhou mais depressa, sentindo a cabeça meio tonta, de exaustão e cansaço. Martha teve que correr para emparelhar com o pai, mas não reclamou.

Receava o que talvez visse quando retomasse à sepultura. Os predadores eram impiedosos, e sabiam muito bem quando uma criatura viva estava indefesa.

Não tinha certeza de quanto haviam andado: perdera toda a noção de tempo. A floresta, de ambos os lados, não parecia familiar, muito embora tivesse acabado de passar por ali. Procurou ansiosamente o lugar onde cavara a sepultura. com certeza o fogo não podia ter apagado - a fogueira que armaram era tão alta!... Examinou as árvores, procurando as folhas características do castanheiro. Passaram por um desvio lateral de que não se lembrava, e começou a perguntar loucamente se não seria possível que já houvesse passado pelo túmulo sem vê-lo; foi então que notou um fraco clarão alaranjado mais à frente.

Seu coração pareceu falhar. Apertou o passo e semicerrou os olhos. Sim, era uma fogueira. Saiu correndo. Ouviu Martha gritar, como se achasse que ele a estivesse abandonando, e exclamou por cima do ombro:

- Estávamos lá! - Ouviu as duas crianças correndo atrás dele.

Atingiu o castanheiro, o coração disparado no peito. O fogo crepitava vivamente. Ali estava o pedaço de chão ensanguentado onde Agnes se esvaíra até morrer. Ali estava o túmulo, um monte de terra recentemente escavada sob o qual a mulher jazia agora. E, em cima do túmulo... nada.

Tom teve a impressão de que não podia enxergar com clareza. Tornou-se difícil pensar direito. Sabia agora que havia feito uma coisa horrível, abandonando o garoto ainda vivo. Quando soubesse que estava morto seria capaz de descansar. Mas ainda podia estar vivo em alguma parte - em algum lugar nas proximidades. Decidiu andar em círculos em torno daquele ponto e procurar.

- Aonde você está indo? - perguntou Alfred.

- Temos que encontrar o bebê - respondeu ele, sem olhar para trás. Caminhou em torno da pequena clareira, procurando embaixo dos arbustos, sentindo-se ainda ligeiramente tonto e fraco. Não viu nada, nem sequer uma pista que lhe indicasse a direção em que o lobo poderia haver levado a criança. Agora tinha certeza de que era um lobo.

A toca da fera devia estar perto.

- Temos que percorrer um círculo maior - disse às crianças.

Mais uma vez foi na frente, caminhando mais longe do fogo, abrindo o caminho por entre os arbustos e o mato que crescia sob eles. Estava começando a sentir-se confuso, mas conseguiu conservar a mente concentrada numa única coisa, a necessidade imperiosa de encontrar o bebê. Não estava sofrendo agora, só sentia uma determinação feroz e colérica e, bem no fundo, a aterradora certeza de que tudo aquilo era sua culpa. Andou às tontas, esquadrinhando tudo com o olhar, parando a todo instante para ver se ouvia o choro monótono e inconfundível de um recém-nascido; porém quando ele e as crianças ficavam quietos, a floresta permanecia em silêncio.

Perdeu a noção do tempo. Os círculos de raios cada vez maiores o levaram de volta à estrada em dados intervalos, mas depois começou a achar que os intervalos haviam aumentado. Em certo ponto ele se perguntou por que não tinha esbarrado na cabana do guarda florestal. Ocorreu-lhe vagamente que se perdera, e que talvez não estivesse mais circulando em torno da sepultura, e sim vagando na floresta de modo mais ou menos aleatório; na realidade, contudo, não importava muito, de modo que prosseguiu na busca.

- Pai - disse Alfred.

Tom o fitou, irritado porque interrompera sua concentração. O rapaz carregava Martha, que parecia ter adormecido.

- O que é? - perguntou Tom.

- Podemos descansar?

O pai hesitou. Não queria parar, mas o garoto parecia prestes a desmaiar.

- Está bem - concordou relutantemente. - Mas não por muito tempo.

Estavam numa elevação. Poderia haver um regato ali embaixo. Pegou Martha e desceu com ela no colo. Como esperava, encontrou um pequeno regato de águas claras, com gelo nas bordas. Deitou Martha na margem. Ela não acordou. Ele e Alfred se ajoelharam e beberam água gelada, com as mãos em concha.

O rapaz deitou-se ao lado da irmã e fechou os olhos. Tom verificou onde estava, olhando em torno. Era uma clareira atapetada de folhas caídas. As árvores à sua volta eram todas baixas, carvalhos resistentes, os galhos desfolhados se entrelaçando na parte superior. Tom atravessou a clareira, pensando em procurar o bebê atrás das árvores, mas quando chegou ao outro lado sentiu fraqueza nas pernas e se viu obrigado a sentar abruptamente.

Já era pleno dia, mas havia névoa e não parecia mais quente que à meia-noite. Ele tremia de maneira incontrollável. Percebeu então que estivera andando só com a túnica de baixo. Tentou se lembrar do que teria acontecido com o manto, mas não conseguiu. Ou a neblina ficara mais espessa, ou ocorrera algo de estranho com a sua visão, pois não conseguiu mais ver as crianças do outro lado da clareira. Quis se levantar e ir até ali; porém, havia algo errado com as suas pernas.

Em seguida um sol fraco atravessou as nuvens e logo depois veio o anjo.

Atravessou a clareira vinda do leste, vestida com um manto comprido, de lã alvejada, quase branca. Observou-a aproximando-se sem surpresa ou curiosidade. Ele estava além do espanto e do medo. Fitou-a com o mesmo olhar inerte, apático e sem emoções com que examinara os troncos imponentes dos carvalhos ali em volta. Seu rosto oval era emoldurado por uma abundante cabeleira escura, e o manto escondia seus pés, de modo que a impressão era de que deslizava sobre as folhas mortas. Parou em frente a ele, e seus olhos dourados pareciam enxergar-lhe a alma e compreender sua dor. Ela lhe pareceu familiar, como se houvesse visto o seu retrato numa pintura em alguma igreja aonde tivesse ido recentemente. Então ela abriu o manto. Estava nua sob ele. Tinha o corpo de uma mulher nos seus vinte e cinco anos, de pele clara e mamilos cor-de-rosa. Tom sempre presumira que o corpo dos anjos seria imaculadamente glabro, mas este não era.

Ela se abaixou sobre um dos joelhos, em frente a ele, que estava sentado de pernas cruzadas perto de um carvalho. Inclinando-se em sua direção, beijou-o na boca.

Ele estava por demais atônito com os choques anteriores para se espantar até mesmo com aquilo. Ela o empurrou delicadamente até fazê-lo deitar de costas, abriu o manto e postou-se em cima dele, o corpo nu pressionando o seu. Tom sentiu-lhe o calor do corpo através da túnica. Em momentos parou de tremer.

Pegou o rosto barbado de Tom entre as mãos e beijou-o de novo, sequiosamente, como se estivesse bebendo água fresca após um dia muito longo e seco. Em seguida correu as mãos pelos seus braços até os pulsos, depois levou as mãos dele aos seus seios. Tom agarrou-os, como num ato reflexo. Eram suaves e macios, e os mamilos se intumesceram sob as pontas dos seus dedos.

No fundo da cabeça, ele concebeu a ideia de que estava morto. O céu não devia ser assim, sabia, mas pouco se incomodou. Suas faculdades críticas tinham sido desligadas há horas. O pouco discernimento que lhe restara desapareceu e Tom deixou o corpo assumir o comando. Retesou os músculos para cima, pressionando-lhe o corpo, tirando a própria força do calor e da nudez dela. O anjo abriu a boca e meteu a língua dentro da boca de Tom, procurando a língua dele, e o homem reagiu avidamente.

Ela afastou-se por um momento, erguendo o corpo sobre o seu. Ele ficou olhando, aturdido, quando levantou a saia da sua túnica até colocá-la na cintura e abriu as pernas sobre os seus quadris. Fixou seus olhos, com aquele olhar que via tudo, quando abaixou o corpo. Foi um momento fantástico quando seus corpos se encontraram.

Ela hesitou, Tom sentiu que a penetrava. A sensação foi tão emocionante que ele teve a impressão de que ia explodir de prazer. Ela moveu os quadris, sorrindo para ele e beijando-lhe o rosto.

Após algum tempo ela fechou os olhos e começou a gemer. Ele compreendeu que estava perdendo o controle. Ficou observando com deleitada fascinação. Ela soltou gritinhos ritmados, movendo-se cada vez mais depressa, e seu êxtase tocou Tom no fundo de sua alma ferida, a um tal ponto que ele não sabia se queria chorar de desespero, gritar de júbilo ou rir histericamente; e uma explosão de deleite sacudiu os dois, muitas vezes como árvores na ventania; até que por fim a paixão amainou e ela tombou sobre o seu peito.

Ficaram deitados assim por longo tempo. O calor do corpo dela o aqueceu, e Tom mergulhou numa espécie de sono muito leve. Pareceu-lhe curto, e mais um devaneio que um sono de verdade; porém, quando abriu os olhos, suas ideias estavam claras.

Olhou para a bela jovem deitada em cima do seu corpo, e deu-se conta imediatamente de que não era um anjo, e sim a fora-da-lei chamada Ellen, a quem conhecera naquela parte da floresta, no dia em que o porco fora roubado. Ela sentiu que ele se mexia e abriu os olhos, fitando-o com uma expressão onde se misturavam carinho e ansiedade.

De súbito ele pensou nos filhos. Fez Ellen rolar de cima do seu corpo, delicadamente, e sentou-se. Alfred e Martha estavam deitados em cima das folhas, embrulhados nos mantos com o sol brilhando no rosto adormecido. Então os acontecimentos da noite anterior voltaram à sua memória, numa sequência de horror, e ele lembrou que Agnes estava morta e que o bebê - seu filho! - sumira; enterrou o rosto nas mãos.

Ouviu Ellen dar um estranho assobio de dois tons. Ergueu a cabeça. Um vulto emergiu da floresta, e Tom reconheceu Jack, o filho dela de aparência estranha, com a pele muito branca, o cabelo alaranjado e os olhos azuis tão brilhantes que pareciam de um passarinho. Tom levantou-se, ajeitando a túnica, e Ellen também se ergueu, fechando o manto.

O garoto estava carregando alguma coisa que foi mostrar a Tom. O construtor a reconheceu. Era a metade de seu manto, com que embrulhara o bebê antes de colocá-lo sobre a sepultura de Agnes.

Sem compreender, olhou espantado primeiro para o garoto e depois para Ellen. Ela segurou suas mãos, encarou-o e disse:

- O seu bebê está vivo.

Tom não se atreveu a acreditar. Era muita felicidade para este mundo.

- Não é possível - disse.

- Está sim.

Ele começou a sentir esperanças.

- É verdade? - perguntou. - É verdade?

Ela assentiu com a cabeça.

- Verdade. Eu o levarei onde ele está.

Tom percebeu que ela falava a sério. Uma onda de alívio e felicidade o envolveu. Caiu de joelhos no chão e, finalmente, como na abertura de uma comporta, ele chorou.

- Jack ouviu o bebê chorar - explicou Ellen. - Ele estava a caminho do rio, para um lugar ao norte daqui onde é possível matar patos com pedradas, quando se tem boa pontaria. Não sabia o que fazer, de modo que foi me buscar. No entanto, quando estávamos indo para o lugar onde Jack encontrara a criança, vimos um padre, montando um palafrém, carregando o bebê.

- Tenho que encontrá-lo - disse Tom.

- Não entre em pânico - afirmou Ellen. - Sei onde ele está. O padre tomou uma trilha bem próxima da sepultura; um caminho que vai dar num pequeno mosteiro escondido na floresta.

- O bebê precisa de leite.

- Os monges têm cabras.

- Graças a Deus - disse Tom fervorosamente.

- Eu o levarei lá, depois que você tiver comido um pouco - prometeu ela. - Mas... - Ellen franziu a testa. - Não fale nada por enquanto com seus filhos a respeito do mosteiro.

Tom deu uma olhada no outro lado da clareira. Jack tinha ido para junto deles, e os contemplava com seu olhar fixo e vazio.

- Por que não?

- Não estou bem certa... Acho apenas que pode ser melhor não falar.

- Mas seu filho vai contar a eles.

Ela sacudiu a cabeça.

- Ele viu o padre, mas não creio que tenha deduzido o resto.

- Está certo -, concordou Tom, solene. - Se eu soubesse que você estava por perto, poderia ter salvo minha Agnes.

Ellen sacudiu a cabeça, e o cabelo escuro dançou em torno do seu rosto.

- Não há nada a ser feito, exceto conservar a mulher aquecida, e você fez isso. Quando a mulher sangra por dentro, ou pára e ela melhora, ou não pára e ela morre. - Os olhos de Tom encheram-se de lágrimas e ela acrescentou: - Desculpe.

Tom fez que sim, aturdido.

- Mas os vivos têm que cuidar dos vivos - prosseguiu ela -, e você precisa

de comida quente e de um manto novo. - E levantou-se.

Os dois acordaram as crianças. O construtor lhes disse que o bebê estava bem, que Ellen e Jack tinham visto um padre carregando-o. Acrescentou que iria com Ellen procurar o sacerdote mais tarde, mas primeiro ela lhes daria comida. As crianças aceitaram as espantosas notícias calmamente; nada poderia chocá-los agora. Seu pai não estava menos bestificado. As coisas estavam acontecendo depressa demais para que pudesse compreender todas as mudanças. Era como estar montado num cavalo que houvesse disparado; tudo acontecia tão rapidamente que não havia tempo para reagir aos fatos, e podia apenas segurarse com força e tentar não enlouquecer. Agnes dera à luz ao ar livre, numa noite muito fria; o bebê nascera miraculosamente saudável; tudo parecia ir bem, quando Agnes, alma gêmea de Tom, se esvaíra em sangue até morrer nos seus braços e ele perdera a cabeça; o bebê tinha sido condenado e abandonado para morrer; depois eles haviam tentado encontrá-lo, e não conseguiram;

Ellen aparecera, e Tom a confundira com um anjo, e tinham feito amor como num sonho; e ela dissera que o bebê estava vivo e bem. Será que a vida reduziria o ritmo para Tom um dia entender aqueles eventos horríveis?

Eles partiram. Tom sempre presumira que os fora-da-lei vivessem na miséria, mas não havia nada de miserável em Ellen, e Tom se perguntou como seria a sua casa. Ela os conduziu por um caminho em ziguezague através da floresta. Apesar de não haver uma trilha, ela não hesitou uma única vez, atravessando riachos, desviando-se dos galhos baixos e transpondo um pântano congelado, um renque muito cerrado de arbustos e o tronco enorme de um carvalho caído. Finalmente dirigiu-se para uma moita de espinheiros e pareceu desaparecer dentro dela. Seguindo-a, Tom viu que, ao contrário da sua primeira impressão, havia uma passagem estreita e sinuosa por dentro do bosque. Os espinheiros se fecharam por cima da sua cabeça e ele teve que parar, aguardando que os olhos se adaptassem à semi-escuridão. Gradualmente, percebeu que se encontrava dentro de uma caverna.

O ar estava quente. À sua frente havia um fogo aceso numa espécie de lareira de pedras chatas. A fumaça subia diretamente na vertical: em algum ponto havia uma chaminé natural. De cada lado de Tom havia uma pele de animal, um lobo e um cervo, presa nas paredes da caverna com cavilhas de madeira. Um pernil de cervo defumado estava pendurado no teto, acima da cabeça dele. Viu também uma cesta cheia de maçãs silvestres, velas de sebo nas saliências das paredes e palha seca no chão. Num canto do fogo havia uma panela, exatamente como seria numa casa comum; e, a julgar pelo cheiro, continha o mesmo tipo de sopa que todo mundo comia - verduras cozidas, pedaços de carne com osso e temperos. Tom ficou atônito. Aquela casa era mais confortável do que a de muitos servos.

Além do fogo havia dois colchões feitos de pele de gamo e estofados,

presumivelmente, com palha; e enrolada com todo o cuidado em cima de cada colchão, uma pele de lobo. Ellen e Jack dormiam ali, com o fogo entre eles e a boca da caverna. No fundo havia uma formidável coleção de armas e equipamentos de caça - um arco, algumas flechas, redes, armadilhas para coelho, diversas adagas de aspecto perigoso, uma lança de madeira, cuidadosamente trabalhada, com a ponta aguçada e endurecida a fogo; e, entre todos aqueles utensílios primitivos, três livros. Ficou estupefato: nunca tinha visto livros numa casa, que diria numa caverna; o lugar de livros era nas igrejas.

Jack pegou uma tigela de madeira, mergulhou na panela e começou a tomar a sopa. Alfred e Martha ficaram olhando, com fome. Ellen dirigiu a Tom um mudo pedido de desculpas e disse:

- Jack, quando há estranhos, primeiro damos comida para eles, e depois comemos.

Jack arregalou os olhos para a mãe, aturdido.

- Por quê?

- Porque é a coisa educada a fazer. Dê às crianças um pouco de sopa.

Jack não ficou convencido, mas obedeceu à mãe. Ellen deu uma tigela de sopa a Tom, que se sentou no chão para toma-la. Tinha gosto de carne, e o aqueceu por dentro.

Ellen passou uma pele por seus ombros. Depois que terminou o líquido, pegou as verduras e a carne com os dedos. Fazia semanas que não comia carne. Aquela parecia ser de pato - presumivelmente abatido por Jack com pedras e uma funda.

Comeram até que a panela ficou vazia; então Alfred e Martha se deitaram no chão forrado de palha. Antes que adormecessem, Tom lhes disse que ia com Ellen procurar o padre, e ela disse para Jack ficar e cuidar deles até que os adultos voltassem. As duas crianças exaustas assentiram com a cabeça e fecharam os olhos.

Ambos saíram, Tom envergando a pele que Ellen lhe dera sobre os ombros, para se manter aquecido. Assim que estavam do lado de fora, ela parou, virou-se para ele, puxou-lhe a cabeça para junto da sua e o beijou na boca.

- Eu o amo - disse arrebatadamente. - Amei-o desde o primeiro momento em que o vi. Sempre quis um homem que pudesse ser forte e delicado, e achava que isso não existisse. Então o conheci. Quis você para mim. Mas pude ver que amava sua esposa. Meu Deus, como a invejei! Sinto muito que ela tenha morrido, sinto muito mesmo, porque posso ver a dor nos seus olhos, e todas as lágrimas esperando para serem derramadas, e parte o meu coração vê-lo tão triste. Agora que ela se foi, porém, quero você para mim.

Tom não sabia o que dizer. Era difícil acreditar que uma mulher tão bonita, decidida e auto-suficiente houvesse se apaixonado por ele à primeira vista; e era mais difícil ainda saber como ele próprio se sentia. Estava devastado pela

perda de Agnes - Ellen tinha razão ao falar das lágrimas que não derramara, podia sentir o peso delas nos olhos. Mas também estava consumido de desejo por ela, com seu corpo maravilhoso e quente, seus olhos dourados e sua sensualidade incontida. Sentiu-se terrivelmente culpado por desejá-la com tanto ardor, quando Agnes estava apenas há algumas horas no túmulo.

Ele a encarou, e mais uma vez os olhos dela enxergaram seu coração.

- Não diga nada. Você não tem que se sentir culpado. Sei que a amava. Ela sabia também, garanto. Você ainda a ama... claro que sim. E sempre a amará.

Ela lhe falara para não dizer nada, e, de qualquer modo, não tinha mesmo nada a dizer. Estava bestificado com aquela mulher extraordinária. Parecia fazer tudo ficar certo. De algum modo, o fato de dar a impressão de saber tudo o que se passava no seu coração fazia com que se sentisse melhor, como se agora não houvesse mais nada de que se envergonhar. Ele suspirou.

- Assim é melhor - disse ela. Pegou-o pela mão e os dois saíram juntos.

Atravessaram a floresta virgem por quase uma milha até chegarem à estrada. Enquanto andavam, Tom olhava para o rosto de Ellen, ao seu lado. Recordava-se de que, ao encontrá-la pela primeira vez, só não a considerara bonita por causa dos seus olhos estranhos. Não podia entender como achara uma coisa dessas. Agora via aqueles olhos assombrosos como a expressão acabada de sua personalidade única. Parecia absolutamente perfeita, e a única coisa que o intrigava era por que estava com ele.

Caminharam por três ou quatro milhas. Ele ainda estava cansado, mas a sopa lhe dera forças; e embora confiasse totalmente em Ellen, queria ver o bebê com os próprios olhos.

Quando puderam distinguir o mosteiro através das árvores, Ellen disse:

- Não vamos revelar quem somos aos monges logo de início.

Ele ficou confuso.

- Por quê?

- Você abandonou um bebê. Isso é considerado assassinato. Vamos nos esconder entre as árvores e espiar que tipo de gente eles são.

Tom não achava que fosse se meter em encrenca, dadas as circunstâncias, mas não fazia mal ser cauteloso, de modo que assentiu e seguiu-a por sob as árvores. Poucos momentos depois estavam deitados na orla da clareira.

Era um mosteiro muito pequeno. Havia apenas duas construções de pedra, a capela e o dormitório; o resto era de madeira e de taipa: cozinha, estábulos, celeiro e uma série de galpões menores, destinados à atividade agrícola. O lugar tinha a aparência limpa e bem conservada e dava a impressão de que os monges se dedicavam tanto à agricultura quanto às orações.

Não havia muita gente à vista.

- A maioria dos monges foi trabalhar - disse Ellen. - Eles estão construindo um celeiro no topo da colina. - Deu uma olhada no céu. - Voltarão

lá pelo meio-dia, para o almoço.

Tom examinou a clareira. À direita, parcialmente escondidos por um pequeno rebanho de cabras amarradas, viu dois vultos.

- Olhe - disse, apontando. Enquanto examinavam as duas figuras, ele viu mais alguma coisa. - O homem que está sentado é um padre e...

- Está com alguma coisa no colo.

- Vamos chegar mais perto.

Deslocaram-se por entre o mato, margeando a clareira, e emergiram num ponto próximo das cabras. O coração de Tom veio à boca, enquanto olhava para o padre sentado num toco de árvore. Ele tinha um bebê no colo, o bebê de Tom, que sentiu um nó na garganta. Era verdade, era verdade mesmo; o bebê sobrevivera. Sentiu ímpetos de lançar os braços em torno do sacerdote e abraçá-lo.

Havia um jovem monge com o padre. Olhando mais atentamente, viu que ele estava mergulhando um trapo num balde de leite - leite de cabra, presumivelmente - e pondo a pontinha encharcada dentro da boca do bebê. Muito engenhoso.

- Bem - disse Tom, apreensivo. - É melhor eu ir até lá dizer o que fiz e pegar meu bebê de volta.

Ellen o encarou com um brilho de sinceridade nos olhos.

- Pense um momento, Tom - disse. - O que você vai fazer depois?

Ele não percebeu aonde ela estava querendo chegar.

- Peço leite aos monges - respondeu. - Eles podem ver que sou pobre. Costumam fazer caridade.

- E depois?

- Bem, espero que me dêem leite suficiente para três dias; assim poderei chegar a Winchester.

- E depois disso? - insistiu ela. - Como alimentará o bebê então?

- Bem, Vou procurar trabalho...

- Você está procurando trabalho desde a última vez que o vi, no fim do verão - disse ela. Parecia um pouco zangada com Tom, que não conseguia ver qual seria o motivo.

- Você não tem dinheiro nem ferramentas - prosseguiu ela. - O que acontecerá ao bebê se não encontrar trabalho em Winchester?

- Não sei - respondeu ele. Sentiu-se magoado com Ellen, por falar tão asperamente. - O que vou fazer... Viver como você? Não posso matar patos com uma funda. Sou construtor.

- Você podia deixar o bebê aqui - disse ela. Tom ficou estupefato.

- Deixar o bebê? Quando acabei de encontrá-lo?

- Você teria certeza de que ele estaria aquecido e alimentado. Não precisaria carregá-lo enquanto procura trabalho. E quando achasse alguma coisa

poderia voltar e apanhar seu filho.

O instinto de Tom rebelou-se contra toda aquela ideia.

- Não sei - disse. - O que os monges pensariam de mim?

- Eles já sabem que você abandonou o bebê - disse ela impacientemente. -

A questão é saber se confessa agora ou mais tarde.

- Os monges sabem como tomar conta de crianças?

- Sabem tanto quanto você.

- Duvido.

- Bem, eles conseguiram alimentar um recém-nascido que só sabe sugar.

Tom começou a ver que ela estava com a razão. Por mais que ansiasse por segurar o minúsculo fardo nos braços, não podia negar que os monges eram mais capazes de cuidar do bebê do que ele. Não tinha dinheiro nem comida, ou qualquer perspectiva certa de conseguir trabalho.

- Abandoná-lo de novo... - disse tristemente. - Suponho que é o que tenho a fazer. - Ficou parado onde estava, com os olhos fixos na criancinha no colo do padre.

Tinha cabelo escuro, como o de Agnes. Tom se decidira, mas não conseguia sair dali.

Nesse momento um grande grupo de monges apareceu na extremidade mais distante da clareira, uns quinze ou vinte deles, carregando machados e serrotes, e de repente ambos passaram a correr o risco de ser vistos. Mergulharam no mato. Tom não pôde mais ver o bebê.

Afastaram-se de gatinhas por entre os arbustos. Quando chegaram à estrada, romperam a correr, por trezentas ou quatrocentas jardas, de mãos dadas; depois Tom não conseguiu mais, exausto. Estavam a uma distância segura, contudo. Saíram da estrada e encontraram um lugar onde seria possível descansar sem ser vistos.

Sentaram-se numa rampa gramada, com manchas de sombra misturadas à luz do sol que a iluminava. Tom olhou para Ellen, deitada de costas, respirando com dificuldade, o rosto congestionado, os lábios sorrindo para ele. Sua túnica se abria na gola, revelando o pescoço e a ondulação de um seio. De repente ele sentiu uma verdadeira compulsão de ver sua nudez de novo, e o desejo foi muito mais forte que a culpa que o acometeu. Virou-se para beijá-la e hesitou, porque ela era linda. Quando falou, não foi premeditado, e suas próprias palavras o tomaram de surpresa.

- Ellen, você quer ser minha mulher?

Capítulo 2

Peter de Wareham era um criador de casos nato.

Fora transferido da casa de sua mãe em Kingsbridge para o pequeno mosteiro na floresta, e era fácil saber por que o prior de Kingsbridge se sentira ansioso para se ver livre dele. Alto e esguio, com quase trinta anos, tinha intelecto poderoso e maneiras sarcásticas, além de viver em estado permanente de justificada indignação.

Quando chegou e começou a trabalhar nos campos, imprimiu um ritmo furioso e depois acusou os outros de indolência. No entanto, para sua surpresa, a maioria dos monges conseguira acompanhá-lo, e eventualmente os mais jovens foram capazes de vencê-lo. Procurara então outro vício que não a indolência, e escolheu a gula.

Começou por comer só metade do seu pão e nem um pouco da carne. Bebia água dos riachos durante o dia, diluía a cerveja e recusava o vinho. Repreendeu um saudável e jovem monge que pediu mais sopa, e reduziu a lágrimas um garoto que, de brincadeira, bebeu o vinho de outro.

Os monges exibiam poucos indícios de gula, pensava o prior Philip enquanto caminhava de volta do topo da colina para o mosteiro, na hora da refeição. Os jovens eram magros e musculosos, e os mais velhos, rijos e queimados de sol. Nenhum possuía a palidez e a suavidade das formas arredondadas de quem tinha muito que comer e nada que fazer. Philip achava que todos os monges deviam ser magros. Monges gordos faziam com que os pobres invejassem e odiassem os servos de Deus.

Caracteristicamente, Peter disfarçara sua acusação sob a forma de uma confissão.

"Tenho sido culpado do pecado da gula", dissera naquela manhã, quando faziam uma pausa, sentados sobre as árvores que tinham derrubado, comendo pão de centeio e bebendo cerveja. "Desobedeci à regra de São Bento, que diz que os monges não devem comer carne nem beber vinho." Fitou os outros ao redor, a cabeça erguida e os olhos escuros cintilando de orgulho, e por fim pousou-os demoradamente em Philip. "E todos aqui são culpados do mesmo pecado", finalizara.

Era muito triste que Peter fosse daquele jeito, pensara Philip. O homem era inteligente e dedicado às obras de Deus, e tinha grande força de vontade. Mas parecia ter uma necessidade compulsiva de se sentir especial e de ser notado pelos outros; e isso o levava a fazer cenas. Era uma amolação, mas Philip o amava tanto quanto a qualquer outro monge, pois podia ver, por trás da arrogância e do sarcasmo, uma alma atormentada que não podia realmente

acreditar que alguma pessoa se incomodasse com ele.

"Isso nos dá uma oportunidade para recordar o que são Bento disse a esse respeito. Lembra-se das palavras exatas, Peter?", perguntara Philip.

"Ele diz: "Todos, menos os doentes, devem se abster de carne", e "O vinho não é, de modo algum, a bebida dos monges" ", respondera Peter.

O prior balançara a cabeça. Conforme suspeitara, o monge não conhecia a regra tão bem quanto ele. "Quase correto, Peter. Só que o santo se referiu à "carne dos animais de quatro patas", e mesmo assim fez exceções, não apenas para os doentes, como também para os fracos. O que ele queria dizer quando fala em fracos? Aqui, na nossa pequena comunidade, adotamos o ponto de vista de que os homens que se enfraquecem pelo fatigante trabalho nos campos podem precisar comer carne de vez em quando para conservar as forças."

Peter ouvira isso em silêncio amuado, a testa franzida em desaprovação, as sobrancelhas escuras e grossas repuxadas para cima da ponte do nariz grande e adunco, o rosto uma máscara de desafio contido.

"No tocante ao vinho", continuara Philip, "diz o santo: "No nosso entendimento o vinho não é a bebida dos monges, em absoluto". O emprego da expressão "nosso entendimento" significa que ele não endossa totalmente a proibição. Diz também que um quartilho de vinho por dia deve ser o suficiente para qualquer um. E nos adverte para não beber até a saciedade. Está claro, não é mesmo, que ele não espera que os monges se abstenham totalmente?"

"Mas ele diz que a frugalidade deve ser seguida em tudo."

"E você diz que não somos frugais aqui?", indagara Philip.

"Digo", afirmara Peter, numa voz metálica.

"Que aqueles a quem Deus proporcionou a graça da abstinência saibam que receberão a recompensa adequada ", citou Philip. "Se acha que a comida aqui é farta demais, pode comer menos. Lembre-se de outra coisa que são Paulo diz."

E cita a Primeira epístola aos coríntios:"

"Todos têm sua graça adequada recebida de Deus; uns têm essa, outros, aquela". E, mais uma vez, é são Bento quem nos diz: "Por esse motivo a quantidade de comida de outra pessoa não pode ser determinada sem uma certa apreensão". Por favor, lembre-se disso, Peter, quando jejuar e meditar sobre o pecado da gula".

A essa altura tinham voltado ao trabalho, Peter com um ar de mártir. Philip percebeu que ele não ia ser silenciado assim tão facilmente. Dos três votos dos monges, pobreza, castidade e obediência, o que dava problema a Peter era o da obediência.

Havia modos de lidar com monges desobedientes, claro: confinamento solitário, pão e água, açoite e, em último caso, excomunhão e expulsão. Philip normalmente não hesitava em usar essas punições, sobretudo quando um monge parecia estar testando sua autoridade. Em consequência disso, viam-no como um

disciplinador severo. Na verdade, porém, ele detestava impor punições - traziam desarmonia à irmandade monástica e tornavam a todos infelizes. De qualquer modo, no caso de Peter, uma punição de nada adiantaria - ao contrário, só serviria para torná-lo mais orgulhoso e intolerante. Philip precisava encontrar um meio de controlar o monge e suavizá-lo ao mesmo tempo. Não seria fácil. Mas se todas as coisas fossem fáceis, o homem não precisaria da ajuda de Deus.

Atingiram a clareira onde ficava o mosteiro. Ao caminharem através do espaço aberto, Philip viu o irmão John acenar energicamente para eles do cercado das cabras.

Ele era chamado Johnny Oito *Pence* e não era muito bom da cabeça. O prior gostaria de saber por que estava tão excitado. Johnny estava acompanhado por um homem com hábito de sacerdote. Parecia vagamente familiar, e Philip apressou-se na sua direção.

O padre era um homem baixo e compacto, com vinte e tantos anos, cabelo preto cortado rente e olhos azuis brilhantes, que cintilavam de vívida inteligência. Para Philip, olhá-lo foi como se estivesse se mirando num espelho. Era, percebeu com um choque, seu irmão mais moço, Francis.

E Francis tinha no colo um bebê recém-nascido.

Philip não sabia o que era mais surpreendente, se o irmão ou o bebê. Os monges todos se reuniram à volta. Francis ergueu-se e entregou o bebê a Johnny, e Philip o abraçou.

- O que está fazendo aqui? - perguntou o prior, deleitado. - E por que está com um bebê?

- Eu lhe direi mais tarde por que estou aqui - disse ele. - Quanto ao bebê, encontrei-o na floresta, sozinho, perto de uma fogueira. - Francis parou.

- E... - instou Philip.

Francis deu de ombros.

- Não posso lhe dizer mais do que isso, porque é tudo o que sei. Eu esperava chegar aqui ontem à noite, mas não consegui, e por isso dormi na cabana de um guarda florestal. Saí esta madrugada, e estava me deslocando pela estrada quando ouvi o choro de um bebê. Um momento depois o vi. Apanhei-o e trouxe-o para cá. É toda a história.

Philip olhou, incredulamente, para a trouxinha no colo de Johnny. Ergueu uma das mãos, meio indeciso, e levantou um canto do cobertor. Viu um rosto cor-de-rosa todo enrugado, uma boca aberta sem dentes e uma cabecinha careca - a miniatura de um monge velho. Desembrulhou o fardo um pouco mais e viu os ombros minúsculos e frágeis, os braços se agitando e os punhos cerrados com força. Examinou de perto o coto do cordão umbilical que pendia do umbigo da criança. Um pouco nauseante. Aquilo seria natural?, perguntou-se Philip. Parecia uma ferida que estava cicatrizando bem e que ficaria melhor ainda se não mexessem nela. Puxou o cobertor um pouco mais.

- Um menino - disse, pigarreando meio encabulado, e cobriu o bebê de novo. Um dos noviços deu uma risadinha. Mas o que, afinal, Vou fazer com isto aí?, pensou. Alimentá-lo?

O bebê chorou, e o seu choro tocou as cordas do coração de Philip, como um hino bem-aventurado.

- É fome - disse, ao mesmo tempo em que pensava: Como sei que é fome?

- Não podemos alimentá-lo - disse um dos monges.

O prior estava prestes a perguntar o motivo, quando se deu conta dele - não havia mulheres por muitas e muitas milhas.

Johnny, no entanto, já resolvera o problema, Philip viu agora... Sentara-se no cepo com o bebê no colo. Tinha na mão uma toalha com um canto torcido em espiral. Mergulhou esse pedaço num balde de leite, deixou a toalha ficar encharcada e colocou na boca do menino. O bebê abriu a boca, sugou a toalha e engoliu o leite.

Philip teve ímpetos de bater palmas.

- Muito inteligente, Johnny - disse, surpreso. O monge sorriu.

- Já fiz isso antes, quando uma cabra morreu antes de o cabrito desmamar - disse ele, orgulhoso.

Todos os monges observaram atentamente Johnny repetir o gesto simples de mergulhar a toalha e deixar o bebê sugar. Quando tocava os lábios do menino com a ponta da toalha, alguns dos monges abriam a boca, notou Philip, achando graça. Era uma maneira lenta de alimentar o bebê, mas alimentar bebês é sem dúvida uma tarefa lenta.

Peter de Wareham, que sucumbira à fascinação geral com o bebê e, conseqüentemente, esquecera de fazer críticas por algum tempo, recuperou-se e disse:

- Daria menos trabalho encontrar a mãe do menino.

- Duvido - disse Francis. - A mãe provavelmente não é casada e incorreu em transgressão moral. Imagino que seja jovem. Talvez tenha conseguido manter escondida a gravidez; então, quando a hora do parto estava próxima, foi para a floresta e acendeu uma fogueira; deu à luz sozinha, abandonou a criança aos lobos e voltou para o lugar de onde viera. Fará tudo para não ser encontrada.

O bebê adormecera. Num impulso, Philip tirou-o de Johnny. Colocou-o junto ao peito, apoiando-o com uma das mãos, e embalou-o.

- Pobrezinho - disse. - Pobrezinho, pobrezinho. - O impulso de proteger e cuidar do bebê invadiu-o como uma onda. Notou que os monges o observavam espantados, atônitos com a sua súbita exibição de ternura. Nunca o tinham visto acariciar alguém, é claro, pois a atração física era estritamente proibida no mosteiro. Obviamente o tinham imaginado incapaz disso. Pois muito bem, pensou, agora sabiam a verdade.

- Então vamos ter que levar a criança para Winchester e tentar encontrar

uma mãe adotiva - disse Peter de Wareham.

Se aquilo houvesse sido proferido por qualquer outro, Philip talvez não tivesse tido a mesma rapidez para contradizê-lo; porém como foi Peter, o prior falou apressadamente e sua vida nunca mais foi a mesma depois:

- Não vamos dá-lo a uma mãe adotiva - afirmou, decidido. - Esta criança é um presente de Deus. - Ele olhou em torno. Os monges estavam com os olhos arregalados, pendurados em suas palavras. - Nós mesmos vamos tomar conta dele prosseguiu. - Vamos alimentá-lo, ensiná-lo e criá-lo, fazendo com que siga os caminhos do Pai. Depois, quando for homem, ele se tornará um monge e assim o devolveremos a Deus.

Houve um silêncio atônito, que Peter rompeu, dizendo raivosamente:

- É impossível! Um bebê não pode ser criado por monges!

Philip procurou o olhar do irmão e os dois sorriram, compartilhando lembranças. Quando falou de novo, sua voz estava carregada com o peso do passado.

- Impossível? Não, Peter. Pelo contrário, estou absolutamente certo de que pode ser feito, como também meu irmão. Sabemos por experiência própria. Não é mesmo, Francis?

No dia que agora via como tendo sido o último, seu pai chegara em casa ferido.

Philip fora o primeiro a vê-lo, subindo a cavalo a trilha sinuosa que buscava a pequena aldeia na montanhosa Gales do Norte. Com seis anos de idade, correu ao seu encontro, como fazia normalmente; dessa vez porém o pai não pegou seu filhinho para colocá-lo na garupa, na sua frente. Ele vinha devagar, recurvado sobre a sela, segurando as rédeas na mão direita, o braço esquerdo pendurado, sem força. Seu rosto estava pálido, e as roupas, manchadas de sangue. Philip ficou ao mesmo tempo intrigado e assustado, pois nunca tinha visto seu pai aparentar fraqueza.

"Traga sua mãe", disse ele.

Ao entrarem com ele dentro de casa, mamãe cortou-lhe a camisa. Philip ficou horrorizado; a visão de sua mãe tão parcimoniosa arruinando, por vontade própria, uma roupa boa, era mais chocante que o sangue. "Não se preocupem comigo agora", disse papai, mas seu berro normal enfraquecera até virar um murmúrio e ninguém lhe deu atenção - outra coisa chocante, pois normalmente sua palavra era lei. "Deixem-me, e façam com que todos se reünam lá em cima no mosteiro", ordenou ele. "Os malditos ingleses logo estarão aqui." Havia um mosteiro com uma igreja em cima da colina, mas Philip não foi capaz de entender por que teriam de ir para lá se ainda não era domingo. Mamãe disse: "Se continuar perdendo sangue, não irá mais para lugar algum, nunca". Mas tia Gwen disse que ela iria dar o alarme e saiu.

Anos mais tarde, quando pensava nos acontecimentos que se seguiram,

Philip se dava conta de que naquele momento todos tinham se esquecido dele e do seu irmão de quatro anos, Francis, e ninguém se lembrou de levá-los para a segurança do mosteiro. As pessoas pensavam nos próprios filhos e presumiram que Philip e Francis estavam bem porque estavam com os pais; mas papai estava se esvaindo em sangue e mamãe tentava salvá-lo, e foi assim que os ingleses pegaram os quatro.

Nada na curta experiência de vida de Philip o preparara para o aparecimento dos dois homens de armas que abriram a porta aos pontapés e irromperam dentro da casa de um único cômodo. Em outras circunstâncias eles não teriam sido tão apavorantes, pois eram daquele tipo de adolescentes grandes e desajeitados que zombavam de mulheres velhas, abusavam de judeus e brigavam aos socos nas proximidades das cervejarias à meia-noite. Naquele dia, porém (Philip entendeu isso anos depois, quando finalmente foi capaz de pensar com objetividade sobre aquele dia), os dois estavam tomados pelo gosto do sangue. Havia estado numa batalha, onde homens gritavam em agonia e amigos caíam mortos, da mesma forma como tinham sentido medo e, literalmente, perdido o juízo. Mas haviam combatido na batalha e sobrevivido, e agora estavam envolvidos na feroz perseguição aos inimigos; nada poderia satisfazê-los senão mais sangue, mais gritos, mais ferimentos e mais morte; e tudo isso estava escrito em seu rosto contorcido quando entraram ali como raposas num galinheiro.

Eles se moveram muito depressa, mas Philip pôde se lembrar para sempre de cada passo que deram, como se tudo tivesse demorado muito tempo. Ambos usavam uma armadura leve, apenas uma cota de malha e um capacete de couro com faixas de ferro. Ambos traziam a espada desembainhada. Um era feio e vesgo, tinha nariz grande e adunco e mostrava os dentes numa assustadora careta de macaco. A opulenta barba do outro estava manchada de sangue - de outra pessoa, com certeza, porque ele não parecia estar ferido. Os dois examinaram o aposento sem se deter. Seus olhos impiedosos e calculistas puseram de lado Philip e Francis, repararam em sua mãe e se concentraram em seu pai. Estavam praticamente em cima dele antes que alguém pudesse se mexer.

Mamãe estava inclinada sobre ele, amarrando uma bandagem no seu braço esquerdo. Endireitou-se e se virou para os intrusos, os olhos faiscando de coragem desesperada.

Papai pôs-se de pé com um pulo e levou a mão sã ao punho da espada. Philip deixou escapar um grito de pavor.

O homem feio ergueu a espada e golpeou com o punho a cabeça de mamãe, empurrando-a para um lado sem feri-la, provavelmente porque não queria correr o risco de ter a lâmina de papai enfiada no corpo. Philip só fez essa análise anos depois; naquela ocasião limitou-se a correr para sua mãe, não compreendendo que ela não podia mais protegê-lo. Mamãe tropeçou, atônita, e o

homem feio passou por ela, levantando a espada de novo. Philip agarrou-se à sua saia ao mesmo tempo em que ela cambaleava, em transe; porém ele não pôde deixar de olhar para o pai.

Papai tirou a espada da bainha e levantou-a defensivamente. O homem feio bateu de cima para baixo e as duas lâminas se chocaram retinindo como um sino. Como todos os meninos, Philip pensava que o pai fosse invencível; e aquele foi o momento em que aprendeu a verdade. Papai estava fraco com a perda de sangue. Quando as duas espadas se chocaram, a dele caiu no chão; o atacante levantou a sua só um pouco e golpeou de novo, rapidamente. A lâmina pegou onde os grandes músculos do pescoço de papai se implantavam nos ombros largos. Philip começou a gritar quando viu a lâmina afiada entrar no corpo. O homem feio puxou o braço para trás e enfiou a ponta da espada na barriga de papai.

Paralisado pelo terror, Philip ergueu os olhos para a mãe. No instante em que a encarou, o outro homem, o barbado, golpeou-a. Ela caiu no chão ao lado de Philip, com sangue jorrando de uma ferida na cabeça. O homem barbado mudou a empunhadura, revertendo-a de modo a apontar a espada para baixo e segurá-la com ambas as mãos; depois ergueu-a bem alto, quase como um homem prestes a cravar a espada em si próprio, e abaixou-a com força. Ouviu-se um repugnante barulho de osso quebrado quando a ponta entrou no peito de mamãe. A lâmina foi fundo; tão fundo (Philip notou isso, mesmo estando consumido de pavor, cego e histérico) que devia ter furado suas costas e se enterrado no chão, prendendo-a como um prego.

Philip, desvairado, olhou para o pai novamente. Viu-o tombar para a frente, cair sobre a espada do homem feio e dar uma golfada de sangue. Seu agressor recuou e puxou a espada, tentando soltá-la. Papai deu mais um passo, cambaleando, e permaneceu junto a ele. O homem feio deu um grito de raiva e torceu a espada na barrida de papai. Dessa vez ela saiu. Papai caiu no chão e colocou as mãos no abdômen aberto, como para tapar a ferida escancarada. Philip sempre imaginara o interior das pessoas como mais ou menos sólido, e ficou assombrado e nauseado com os feios tubos e órgãos que saíam do corpo do pai. O atacante levantou bem alto a espada, apontada para baixo, como o barbado fizera com mamãe, e desferiu o golpe final do mesmo modo.

Os dois ingleses olharam um para o outro, e, bastante inesperadamente, Philip percebeu uma expressão de alívio em sua fisionomia. Juntos, eles se viraram e olharam para ele e para Francis. Um acenou com a cabeça e o outro deu de ombros, e Philip percebeu que iam matar a ele e a seu irmão, cortando-os ao meio com aquelas espadas afiadas, e quando se deu conta de quanto ia doer, o terror ferveu dentro dele até que teve a impressão de que sua cabeça fosse explodir.

O homem com sangue na barba abaixou-se rapidamente e pegou Francis

por um tornozelo. Segurou-o de cabeça para baixo no ar, enquanto o garotinho berrava pela mãe, sem compreender que estava morta. O homem feio arrancou a espada do corpo de papai e preparou-a para trespassar o coração de Francis.

O golpe jamais foi desferido. Uma voz autoritária fez-se ouvir e os dois homens ficaram imóveis. O grito cessou, e foi quando Philip percebeu que era ele quem tinha estado gritando. Virou-se para a porta e viu o abade Peter, no seu hábito tecido em casa, com a ira de Deus nos olhos, empunhando uma cruz de madeira como uma espada.

Quando Philip revivia aquele dia em seus pesadelos, e acordava suando e gritando no escuro, sempre conseguia se acalmar, e depois até mesmo relaxar e dormir de novo, forçando a cabeça a se fixar naquele quadro final e no modo como os gritos e as feridas tinham sido postos de lado pelo homem desarmado com a cruz.

O abade Peter falou de novo. Philip não compreendia a língua que ele falava - inglês, claro -, mas o significado foi bem claro, porque os dois homens pareceram ficar envergonhados e o barbado colocou Francis no chão com delicadeza. Sempre falando, o monge entrou, caminhando decididamente. Os homens de armas recuaram um passo, quase como se tivessem medo dele - os dois de espada e armadura, ele com um hábito de lã e uma cruz! O abade deu as costas para os dois numa atitude de desprezo e agachou-se para falar com Philip. Sua voz soou naturalmente.

"Qual é o seu nome?"

"Philip."

"Ah, sim, eu me lembro. E o do seu irmão?"

"Francis."

"Isso mesmo." O abade olhou para os corpos sangrando no chão. "Aquele é sua mãe, não é?"

"É", respondeu Philip, em pânico ao apontar para o corpo do pai. "E aquele é papai!"

"Eu sei", disse o religioso, com voz branda. "Você não deve chorar mais, deve responder às minhas perguntas. Compreende que eles estão mortos?"

"Não sei", respondeu Philip, desesperadamente. Entendia que os animais morressem, mas aquilo podia acontecer com mamãe e papai?

"É como ir dormir", disse o abade Peter.

"Mas os olhos deles estão abertos!", berrou Philip.

"Quietinho. É melhor fecharmos os olhos deles então."

"É, sim", concordou Philip; sentiu-se como se aquilo fosse resolver alguma coisa.

O abade Peter levantou-se, tomou os dois meninos pela mão e os levou até o corpo do pai. Ajoelhou-se e pegou a mão direita do mais velho na sua. "Vou mostrar como é", disse. Levou a mão de Philip até o rosto do homem

morto, mas de repente a criança ficou com medo, porque o corpo parecia estranho, pálido, frouxo e horrivelmente ferido, e retirou a mão. Depois olhou preocupado para o abade Peter - um homem a quem ninguém desobedecia -, mas o religioso não estava com raiva dele. "Vamos", disse delicadamente, e pegou a mão de Philip de novo. Dessa vez o garoto não resistiu. Segurando seu dedo indicador, fez o garoto baixar a pálpebra do pai até encobrir o globo ocular, horrivelmente fixo. E, soltando a mão da criança disse: "Feche o outro olho". Sem ajuda agora, Philip adiantou-se, encostou o dedo na pálpebra do pai e fechou-a. Então sentiu-se melhor.

"Vamos fechar os olhos da mamãe também?", perguntou o abade Peter.

"Sim."

Ajoelharam-se do lado do corpo dela. O religioso limpou o sangue do seu rosto com a manga do hábito.

"E Francis?", perguntou Philip.

"Talvez ele deva ajudar também", respondeu o abade.

"Faça o que eu fiz", disse Philip ao irmão. "Feche os olhos da mamãe, como fechei os do papai, para que ela possa dormir."

"Eles estão dormindo?", quis saber Francis.

"Não, mas é como dormir", disse Philip, com a autoridade de quem sabia o que estava falando, "e por isso a gente tem que fechar os olhos dela."

"Está bem, então", concordou Francis, e, sem hesitar, levantou a mãozinha gorda e fechou, cuidadosamente os olhos da mãe.

Isso feito, o abade pegou a ambos no colo, um em cada braço, e sem mais um olhar para os dois homens de armas, carregou-os para fora da casa, e morro acima por toda a trilha íngreme que ia dar na proteção do mosteiro.

Deu comida para eles na cozinha; depois, para que não ficassem entregues a seus pensamentos, disse que ajudassem o cozinheiro a preparar a ceia dos monges. No dia seguinte, levou-os para ver os corpos dos pais, lavados, vestidos e com as feridas limpas, ajeitadas e parcialmente escondidas, em caixões dispostos lado a lado na nave da igreja. Havia também diversos parentes dos garotos. Entretanto, nem todos os aldeões tinham conseguido chegar ao mosteiro a tempo de fugir ao exército invasor. O abade Peter levou-os ao funeral e fez questão de que vissem os dois caixões sendo baixados numa única sepultura. Quando Philip chorou, Francis também chorou. Alguém mandou que se calassem, mas o abade Peter disse: "Deixem-nos chorar". Só depois disso, quando os dois meninos já tinham levado ao coração a certeza de que os pais realmente haviam morrido e de que nunca mais voltariam, é que falou sobre o seu futuro.

Entre os parentes, não havia uma única família que houvesse permanecido completa: em todos os casos, ou o pai ou a mãe tinham sido mortos. Não havia amigos para cuidar dos garotos. Restavam, desse modo, duas opções. Eles

podiam ser dados, ou até mesmo vendidos, a um fazendeiro, que os usaria como mão-de-obra escrava até que tivessem idade e tamanho suficiente para fugir. Ou podiam ser dados a Deus.

Não era um fato raro o ingresso de meninos pequenos num mosteiro. A idade usual era em torno dos onze anos, e o limite mínimo cerca de cinco, pois os monges não eram estruturados para cuidar de bebês. Às vezes os meninos eram órfãos, às vezes haviam perdido apenas um dos pais, e em outros casos os pais tinham filhos demais.

Normalmente a família dava ao mosteiro uma substancial doação com a criança - uma fazenda, uma igreja ou até mesmo toda uma aldeia. Em caso de extrema pobreza, a doação podia ser dispensada. Como o pai de Philip deixara uma modesta fazenda, os meninos não eram um caso de caridade. O abade Peter propôs que o mosteiro tomasse conta dos meninos e da fazenda; os parentes que haviam sobrevivido concordaram; e o acordo foi sancionado pelo príncipe de Gwynedd, Gruffydap Cynan, humilhado por ora mas não permanentemente deposto pelo exército invasor do rei Henrique, que matara o pai de Philip.

O abade sabia muitas coisas sobre sofrimento, mas apesar de toda a sua sabedoria não estava preparado para o que aconteceu com Philip. Após um ano mais ou menos, quando a dor parecia estar passando, a criança tornou-se possuída por uma raiva implacável. As condições de vida na comunidade instalada no cume da montanha não eram tão ruins que justificassem sua raiva: havia comida, roupa e um fogo aceso no dormitório, nos meses de inverno. Chegava a haver até mesmo um pouco de amor e afeição; a disciplina rigorosa e os rituais tediosos pelo menos contribuía para a ordem e a estabilidade, mas Philip começou a agir como se tivesse sido injustamente aprisionado.

Desobedecia às ordens, subvertia a autoridade dos monges encarregados da administração do mosteiro em todas as oportunidades, roubava comida, quebrava ovos, soltava cavalos, zombava dos enfermos e insultava os mais velhos. A única ofensa de que se abstinha era o sacrilégio, e por causa disso o abade lhe perdoava tudo mais. E no fim ele simplesmente parou. Num Natal, ao rememorar os doze anos anteriores, deu-se conta de que não passara uma só noite na cela do castigo em todo o ano.

Não havia uma razão única para o seu retorno à normalidade. O fato de ter-se interessado pelas lições provavelmente ajudou. A teoria matemática da música fascinou-o, e até mesmo o modo como eram conjugados os verbos latinos tinha uma certa lógica satisfatória. Fora posto para trabalhar ajudando o despenseiro, o monge que tinha de prover todos os suprimentos de que o mosteiro precisasse, de sandálias a sementes; isso também atraiu seu interesse. Desenvolveu a admiração que se devota por um herói pelo irmão John, um monge jovem, musculoso e bonito, que parecia ser o supra-sumo da sabedoria, santidade, cultura e bondade. Seja por imitação de John, ou por uma inclinação

sua, ou ambos, Philip começou a encontrar um pouco de consolo na rotina diária de orações e serviços religiosos. E assim, entrou na adolescência com a organização do mosteiro na cabeça e as harmonias sacras no coração.

Nos estudos, tanto Philip quanto Francis estavam bem à frente dos garotos da sua idade a quem conheciam, mas presumiam que isso era porque moravam no mosteiro e haviam tido uma educação mais intensa. Naquele estágio, não percebiam que eram excepcionais. Mesmo quando começaram a ministrar grande parte das aulas na pequena escola, e a aprender com lições dadas diretamente pelo abade, em vez do pedante velho mestre dos noviços, os dois pensavam que se encontravam na frente só porque tinham começado cedo.

Quando pensava na sua juventude, parecia a Philip que houvera uma breve Idade de Ouro, um ano ou talvez menos, entre o fim da sua rebelião e o assalto furioso da luxúria. Veio então a era dos pensamentos impuros, das poluições noturnas, das sessões horrivelmente embaraçosas com seu confessor (que era o abade), das penitências infundáveis e da mortificação da carne com flagelos.

A luxúria nunca deixou de afligi-lo por completo, mas eventualmente veio a se tornar menos importante, passando a incomodá-lo só de vez em quando, nas raras ocasiões em que sua mente e seu corpo estavam ociosos, como um machucado antigo, que ainda dói quando chove.

Francis travara a mesma batalha um pouco mais tarde, e embora não houvesse feito confidências ao irmão sobre o assunto, Philip tinha a impressão de que ele lutara com menos coragem contra os desejos do mal e aceitara as derrotas um pouco jovialmente demais. No entanto, o principal era que ambos haviam conseguido atingir a paz com as paixões, que eram o maior inimigo da vida monástica.

Assim como Philip trabalhou com o despenseiro, Francis trabalhou para o prior, substituto eventual do abade Peter. Quando o despenseiro morreu, Philip tinha vinte e um anos, e, a despeito de sua juventude, assumiu o cargo. E quando Francis atingiu os vinte e um, o abade propôs a criação de um novo posto para ele, o de sub-prior.

Mas essa proposta precipitou a crise. Seu irmão pediu para ser liberado da responsabilidade, e já que estavam tratando do assunto, pediu também para ser liberado do mosteiro. Queria ser ordenado padre e servir a Deus no mundo exterior.

Philip ficou atônito e horrorizado. A ideia de que um deles pudesse deixar o mosteiro jamais lhe ocorrera, e agora o deixava tão desconcertado como se tivesse acabado de saber que era o herdeiro do trono. Entretanto, após muito retorcer de mãos e consultas ao coração, aconteceu, e Francis foi embora, pouco antes de se tornar o capelão do conde de Gloucester.

Antes de isso acontecer Philip via seu futuro com muita simplicidade; seria um monge, viveria uma vida de humildade e obediência, e, quando ficasse velho,

talvez se tornasse o abade, e se esforçaria para seguir o exemplo de Peter. Agora tinha dúvidas, perguntava-se se Deus não teria outro destino para ele. Lembrava-se da parábola dos talentos:

Deus esperava que Seus servos aumentassem o Seu reino, e não meramente o conservassem. Com algum alarme, compartilhou esses pensamentos com o abade Peter, plenamente cômico de que arriscava uma reprimenda por estar se deixando contaminar pelo orgulho.

Para sua surpresa, o abade disse: "Eu já estava me perguntando quanto tempo você levaria para perceber isso.

É claro que você é destinado para alguma outra coisa. Nascido do lado de um mosteiro, órfão aos seis anos, criado por monges, nomeado despenseiro aos vinte e um... Deus não se dá a tanto trabalho com um homem que vai passar o resto da vida num pequeno mosteiro situado no topo de uma elevação descampada, em um remoto principado montanhoso. Não há campo de ação suficiente para você aqui. Você deve deixar este lugar".

Philip ficou atônito, mas antes de se retirar da presença do abade, ocorreu-lhe uma pergunta que deixou escapar, impulsivamente: "Se este mosteiro é tão pouco importante, por que Deus colocou o senhor aqui?"

O abade Peter sorriu.

"Talvez para tomar conta de você."

Mais tarde, naquele ano, o abade foi a Canterbury apresentar seus respeitos ao arcebispo, e, quando voltou, disse a Philip: "Dei você para o prior de Kingsbridge".

Philip ficou intimidado. O priorado de Kingsbridge era um dos maiores e mais importantes mosteiros da região. Era um priorado com catedral: sua igreja era uma catedral, a sede de um bispo, e o bispo era tecnicamente o abade do mosteiro, embora na prática este fosse dirigido pelo prior.

"O prior James é um velho amigo", disse o abade Peter a Philip. "Nos últimos anos ele tem se mostrado muito desanimado, não sei por quê. De qualquer modo, o fato é que Kingsbridge precisa de sangue novo. Mais especificamente, James está tendo problemas com um de seus mosteiros, uma pequena casa na floresta, e precisa desesperadamente de um homem que seja confiável, capaz de se encarregar dela e colocá-la de volta no caminho do bem."

"Então eu sou o prior do pequeno mosteiro?", perguntou Philip, surpreso.

O abade assentiu com a cabeça.

"E se estivermos certos em pensar que Deus tem muito trabalho para você realizar, podemos esperar que ele o ajude a resolver quaisquer problemas que o mosteiro tenha."

"E se estivermos errados?"

"Você sempre poderá voltar para cá e ser meu despenseiro. Mas não estamos errados, meu filho. Você verá."

As despedidas foram chorosas. Ele tinha passado dezessete anos ali, e os monges eram sua família, mais real para Philip agora do que a verdadeira, selvagemmente tomada dele. Decerto nunca mais veria aqueles monges de novo, e se sentiu triste.

Kingsbridge o intimidou a princípio. A área murada do mosteiro era maior do que muitas aldeias; a igreja catedral, uma imensa e sombria caverna; a casa do prior, um pequeno palácio. Mas uma vez que se acostumou ao tamanho de tudo, viu os sinais do desânimo que o abade Peter percebera em seu velho amigo, o prior. A igreja estava visivelmente necessitada de reparos de grande porte; as orações eram resmungadas com pressa; as regras de silêncio eram quebradas a todo momento; e havia servos demais, em número maior que o de monges. Philip logo se recuperou da intimidação inicial e ficou furioso. Tinha vontade de pegar o prior James pelo pescoço, sacudi-lo e dizer: "Como se atreve a fazer isso? Como se atreve a dar a Deus orações tão apressadas? Como se atreve a permitir que os noviços joguem dados e a deixar que os monges tenham cachorros de estimação? Como se atreve a morar num palácio, cercado por servos, com a igreja de Deus em ruínas, desmoronando?" Philip nada disse, claro. Teve uma entrevista breve e formal com o prior James, um homem alto e magro, tão curvado que parecia ter o peso dos problemas do mundo nos ombros arredondados.

Depois conversou com o subprior, Remigius. No princípio da conversa Philip deu a entender que o priorado podia estar precisando de algumas mudanças, na esperança de que a segunda pessoa da sua administração concordasse convictamente; porém Remigius lançou um olhar de desdém para Philip, como se quisesse dizer: Quem você pensa que é?, e mudou de assunto.

Remigius disse que o Mosteiro de St.-John-in-the-Forest fora fundado havia três anos com alguma terra e benfeitorias, e já deveria ser auto-sustentável a essa altura, mas na verdade se conservava dependente dos suprimentos da casa-mãe. Havia outros problemas: um diácono que por acaso passara a noite ali criticara o modo como eram conduzidos os serviços religiosos; viajantes se queixavam de terem sido roubados por monges naquela área; havia boatos de impureza... O fato de Remigius ser incapaz de dar os detalhes exatos, ou não querer fazê-lo, era outro sinal do modo indolente como a organização era dirigida. Philip saiu trêmulo de raiva. Um monastério se destinava, supostamente, a glorificar a Deus. Se fracassava nessa destinação, era nada. O priorado de Kingsbridge era pior que nada. Envergonhava Deus por sua indolência. Philip, porém, nada era capaz de fazer quanto a isso. O melhor que podia esperar era reformar um dos mosteiros de Kingsbridge.

Na jornada de dois dias a cavalo pela floresta, meditou durante muito tempo sobre a pouca informação que lhe fora dada e considerou piedosamente sua abordagem. Seria bom se pisasse de leve no princípio, decidiu. Em geral o

prior era eleito pelos monges; no caso de um pequeno mosteiro, porém, que era apenas um posto avançado do monastério principal, o prior da casa-mãe podia simplesmente escolher. Assim, não tinham pedido a Philip que se submetesse a uma eleição, o que significava poder contar com a boa vontade dos monges. Teria que sentir seu caminho cautelosamente. Precisaria aprender mais sobre os problemas que afligiam o mosteiro, para poder decidir o que fosse melhor para resolvê-los. Deveria ganhar o respeito e a confiança dos monges, especialmente dos que fossem mais velhos e pudessem estar ressentidos.

Depois, quando sua informação estivesse completa e sua liderança, segura, agiria com firmeza. - Mas não foi assim que aconteceu.

A luz da tarde estava desaparecendo no segundo dia, quando ele conteve as rédeas do seu pônei na orla de uma clareira e inspecionou seu novo lar. Havia apenas uma edificação em pedra, a capela, naquele tempo. (Philip construiu o novo dormitório de pedra no ano seguinte.) As outras construções, de madeira, pareciam desconjuntadas.

Philip não aprovou: tudo que fosse feito pelos monges supostamente deveria durar, o que incluía tanto catedrais quanto pocilgas. Na inspeção notou mais indícios daquele tipo de negligência que o chocara em Kingsbridge. Não havia cercas, o feno se espalhava pela porta do celeiro e havia um monturo de esterco perto do lago dos peixes. Sentiu que a expressão do rosto ficava tensa com a censura contida, e disse a si próprio: Calma, calma.

A princípio não viu ninguém. Era como deveria ser, pois estava na hora das vésperas e a maioria dos monges se encontraria na capela. Tocou o flanco do pônei com o chicote e atravessou a clareira na direção de uma cabana que parecia um estábulo. Um jovem com palha no cabelo e um ar vago no rosto meteu a cabeça pela porta e olhou para Philip, espantado. "Qual é o seu nome...", perguntou Philip, que após um momento de timidez acrescentou: "... meu filho?"

"Sou chamado de Johnny Oito *Pence*", respondeu o jovem.

Philip desmontou e entregou-lhe as rédeas. "Pois muito bem, Johnny Oito *Pence*, pode desencilhar meu cavalo."

"Sim, padre." Ele amarrou as rédeas numa cerca e afastou-se.

"Aonde está indo?", perguntou Philip asperamente.

"Dizer aos irmãos que tem um estranho aqui."

"Você deve praticar a obediência, Johnny. Desencilhe o meu cavalo. Eu direi aos irmãos que estou aqui."

"Sim, padre." Parecendo espantado, Johnny dedicou-se a seu trabalho.

Philip olhou em torno. No meio da clareira havia um prédio comprido, como um grande pavilhão. Perto, uma pequena construção redonda, com fumaça saindo de um buraco no telhado. Devia ser a cozinha. Ele decidiu ver o que havia para a ceia. Nos mosteiros mais rígidos, só se servia uma única refeição, ao meio-dia; mas aquele, evidentemente, não era um estabelecimento rigoroso, e haveria

uma ceia leve após as vésperas, um pouco de pão com queijo ou peixe salgado, ou talvez uma tigela de caldo de cevada com ervas. No entanto, ao se aproximar da cozinha, sentiu o inconfundível aroma de carne assando, um cheiro de dar água na boca. Parou, curioso, e por fim entrou.

Dois monges e um menino estavam sentados em torno do fogo central. Enquanto Philip olhava, um dos monges passou uma jarra para o outro, que bebeu dela. O menino estava girando um espeto, e no espeto havia um leitãozinho.

Eles ergueram os olhos, surpresos, quando Philip entrou, deixando-se iluminar pelo fogo. Sem falar nada, pegou a jarra da mão do monge e cheirou-a.

"Por que estava bebendo vinho?", perguntou.

"Porque alegra o meu coração, estranho", respondeu o monge. "Beba um pouco... tanto quanto quiser."

Era evidente que não tinham sido advertidos para esperar o novo prior. Era igualmente óbvio que não temiam as consequências, se um monge que por ali passasse fosse relatar seu procedimento a Kingsbridge. Philip teve ímpetos de quebrar a jarra de vinho na cabeça do homem, mas em vez disso respirou fundo e disse brandamente:

"Os filhos dos pobres passam fome para que seja fornecida carne e bebida para nós. Isso é feito pela glória de Deus, não para alegrar nosso coração. Chega de vinho para você hoje". Philip afastou-se, carregando a jarra.

Enquanto saía, ouviu o monge dizer:

"Quem você pensa que é?" Não deu resposta. Logo eles descobririam.

Deixou o vinho no chão, do lado de fora da cozinha, e atravessou a clareira na direção da capela, cerrando e descerrando os punhos, tentando controlar a raiva. Não seja precipitado, disse a si próprio. Seja cauteloso. Vá com calma.

Deteve-se por um momento fora da capela, acalmando-se, até que empurrou com delicadeza a pesada porta de carvalho e entrou silenciosamente.

Mais ou menos uma dúzia de monges e alguns noviços estavam de pé, com as costas viradas para ele, em fileiras irregulares. De frente para o grupo, estava o sacristão, lendo o serviço das vésperas. Ele falava rápido e os monges resmungavam as respostas perefectoriamente. Três velas de tamanhos diferentes bruxuleavam sobre um pano de altar imundo.

Ao fundo, dois monges conversavam, animados, ignorando o serviço e discutindo algo. Quando o novo prior emparelhou com eles, um falou qualquer coisa engraçada e o outro riu alto, abafando as palavras mastigadas pelo sacristão. Aquilo foi a última gota para Philip, e todos os seus planos de prudência desapareceram da cabeça.

Ele abriu a boca e gritou com toda a força dos pulmões:

"SILÊNCIO!"

O riso cessou. O sacristão parou de ler. A capela ficou em silêncio, e os monges viraram-se espantados.

Philip aproximou-se do monge que rira e agarrou-o pela orelha. Ele era mais ou menos da sua idade, e mais alto, mas estava espantado demais para resistir quando sua cabeça foi puxada para baixo.

"Ajoelhe-se!", gritou o novo prior. Por um momento pareceu que o monge poderia tentar lutar para se libertar; porém, ele sabia que estava errado, e, como Philip antecipara, a consciência culpada lhe minava a resistência; assim, quando sua orelha foi puxada com mais força, ele se ajoelhou.

"Todos vocês", com andou Philip. "Ajoelhem-se!"

O voto de obediência havia sido professado por todos, e a indisciplina escandalosa em que vinham vivendo não fora o bastante para acabar com um hábito de anos. Metade dos monges e todos os noviços se ajoelharam.

"Vocês quebraram seus votos", disse Philip, deixando transparecer todo o seu desprezo. "Vocês são blasfemos, cada um de vocês." Olhou em torno, encarando um por um. "Seu arrependimento começa agora", disse finalmente.

Devagar eles se ajoelharam, um a um, até que só o sacristão permaneceu de pé. Era um homem cheio de carnes e com olhos sonolentos, cerca de vinte anos mais velho que Philip. O novo prior aproximou-se dele, desviando-se dos monges ajoelhados.

"Dê-me o livro", ordenou.

O sacristão encarou-o desafiadoramente e nada disse.

Philip adiantou-se e pegou o volume grande, sem muita força. O sacristão, ao contrário, agarrou-o mais fortemente. O novo prior hesitou. Passara dois dias decidindo ser cauteloso e não se precipitar, e no entanto ali estava, com a poeira da estrada ainda nos pés, arriscando tudo num confronto com um homem a respeito do qual nada sabia.

"Dê-me o livro, e ajoelhe-se", repetiu.

Um sorriso escarninho insinuou-se no rosto do sacristão.

"Quem é você?", perguntou ele.

Philip hesitou de novo. Era óbvio que ele era monge, pelo seu hábito e corte do cabelo; e todos deviam ter adivinhado, pelo seu comportamento, que estava investido de uma posição de autoridade; contudo, ainda não ficara claro se ocupava um nível superior ao do sacristão. Tudo o que tinha a dizer era Sou o seu novo prior, mas ele não queria fazê-lo. De súbito achava muito importante que pudesse vencer exclusivamente pelo peso de sua autoridade moral.

O sacristão sentiu sua incerteza e aproveitou-se.

"Diga-nos, por favor", pediu, com irônica cortesia. "Quem é este que nos ordena a ficar de joelhos na sua presença?"

Toda a hesitação abandonou Philip instantaneamente, e ele pensou: Deus está comigo, e portanto, de que tenho medo? Respirou fundo, e suas palavras

vieram num grito que ecoou do piso da capela ao teto abobadado de pedra. "É Deus quem ordena que você se ajoelhe na Sua presença!", fulminou.

O sacristão pareceu um quase nada menos confiante. Philip aproveitou a oportunidade e arrancou-lhe o livro. O sacristão perdeu toda a autoridade e, relutantemente, ajoelhou-se.

Ocultando o alívio que sentia, Philip olhou para todos e disse:

"Sou o seu novo prior".

Fez com que permanecessem ajoelhados enquanto lia o serviço. Levou muito tempo, porque fez com que repetissem os responsórios vezes sem conta, até que fossem capazes de dizê-los em uníssono perfeito. Depois os conduziu em silêncio para fora da capela, em direção ao refeitório, cruzando a clareira. Mandou o porco assado de volta para a cozinha e mandou que servissem pão e cerveja fraca, designando um monge para ler em voz alta enquanto comiam. Assim que terminaram os levou, sempre em silêncio, ao dormitório.

Mandou que a cama do prior fosse trazida da casa separada; dormiria no mesmo aposento que os monges. Era o modo mais simples e efetivo de impedir os pecados da impureza.

Não dormiu nada na primeira noite. Ficou sentado na cama, com uma vela, orando silenciosamente, até que chegou a meia-noite, hora de acordar os monges para as matinas.

Rezou rápido esse serviço a fim de que soubessem que não era de todo impiedoso. Eles voltaram para a cama, mas Philip não dormiu.

Saiu à noite, antes que acordassem, pensando no dia que tinha à frente. Um dos campos fora recentemente aberto na floresta, e bem no meio dele havia um enorme toco de árvore que devia ter sido um carvalho. Aquilo lhe deu uma ideia.

Após o serviço da prima e o desjejum, levou todos para o campo com cordas e machados, e passaram a manhã desenterrando o enorme tronco, metade puxando cordas, enquanto a outra metade cortava as raízes com os machados, todos gritando "I-i-i-çar!" juntos. Quando o tronco finalmente saiu, Philip deu a todos cerveja, pão e uma fatia do porco que negara na ceia.

Aquele não foi o fim dos problemas, mas o início das soluções. Desde o princípio se recusou a pedir à casa-mãe qualquer gênero, exceto trigo para o pão e velas para a capela. Saber que não teriam outra carne além da que criassem ou conseguissem pegar em armadilhas transformou os monges em meticolosos criadores de gado e laçadores de aves; e embora antes considerassem os serviços religiosos como um meio de fugir do trabalho, agora se sentiam felizes quando Philip cortava as horas passadas na capela para que pudessem passar mais tempo no campo.

Dois anos depois já eram auto-suficientes, e em mais dois anos passaram a

suprir o priorado de Kingsbridge com carne, caça e um queijo feito de leite de cabra que se tornou uma cobiçada iguaria. O pequeno mosteiro prosperou, os serviços eram irrepreensíveis, e os irmãos estavam saudáveis e felizes.

Philip também estaria feliz, se a casa-mãe, o priorado de Kingsbridge, não estivesse indo de mal a pior.

Devia ser um dos mais importantes centros religiosos no reino, fervilhante de atividade, sua biblioteca visitada por eruditos estrangeiros, seu prior consultado pelos barões, seus santuários atraindo peregrinos de todo o país, sua hospitalidade famosa pela fidalguia, sua caridade famosa entre os pobres. Entretanto, a igreja estava em pedaços, metade dos prédios monásticos estava vazia, e o priorado devia aos agiotas. Philip ia a Kingsbridge pelo menos uma vez por ano, e a cada vez retornava fervendo de raiva com o modo como a riqueza do priorado, doada por crentes devotos e aumentada por monges dedicados, estava sendo dissipada descuidadamente, como a herança do filho pródigo.

Parte do problema era sua localização. Kingsbridge era uma pequena aldeia numa estradinha que não levava a parte alguma. Desde o tempo do rei Guilherme I que fora apelidado de o Conquistador ou de o Bastardo, dependendo de quem estivesse falando -, a maioria das catedrais tinha sido transferida para cidades grandes; Kingsbridge, contudo, escapara dessa mudança. Só que isso não era um problema insuperável, na visão de Philip; um monastério movimentado com uma catedral deveria ser uma cidade por si só.

O problema real era a letargia do velho prior James. com uma mão tão fraca no leme, o navio era impulsionado ao azar aqui e ali, e não se dirigia a parte alguma.

E, para amarga tristeza de Philip, o priorado de Kingsbridge continuaria a declinar enquanto o prior James estivesse vivo.

Embrulharam o bebê em roupas de cama limpas e o deitaram numa grande cesta de pão, como berço. Com o estômago minúsculo cheio de leite de cabra, ele dormiu. Philip pôs Johnny Oito *Pence* tomando conta dele, porque, a despeito de não ser muito dotado de inteligência, sabia ser delicado com criaturas pequenas e frágeis.

Philip estava alvoroçado para saber o que levava Francis ao mosteiro. Fez algumas perguntas dissimuladas durante o jantar, mas o irmão não se abriu, e o prior teve que conter a curiosidade.

Depois do jantar era hora de estudar. Não havia claustros apropriados ali, mas os monges podiam se sentar na varanda da capela e ler, ou andar na clareira, de um lado para o outro. Eram autorizados a ir de vez em quando até a cozinha para se aquecerem ao fogo, como era o costume. Os dois irmãos caminharam até a orla da clareira, lado a lado, como tantas vezes tinham feito nos claustros do mosteiro em Gales; e Francis começou a falar.

- O rei Henrique sempre tratou a Igreja como se ela fosse subordinada ao

seu reinado - começou. - Deu ordens aos bispos, cobrou impostos, e impediu o exercício direto da autoridade papal.

- Eu sei - disse Philip. - E daí? !

- O rei Henrique está morto.

Philip estacou. Não esperara aquilo.

- Morreu em sua cabana de caça em Lyons-la-Forêt, na Normandia, após uma refeição de lampréias, que amava, embora sempre entrassem em desacordo com ele.

- Quando?

- Hoje é o primeiro dia do ano, de sorte que foi exatamente há um mês.

Philip sentiu-se bastante chocado. Henrique era o rei desde que nascera. Nunca na vida tivera a experiência da morte de um rei, mas sabia que significava problemas, e, possivelmente, guerra.

- O que acontecerá agora? - perguntou, ansioso. Eles voltaram a caminhar.

- O problema é que o herdeiro do rei foi morto no mar, há muitos anos. Você deve se lembrar.

- Sim.

Philip tinha então doze anos de idade. Foi o primeiro evento de importância nacional a penetrar sua consciência infantil, e fizera com que tomasse conhecimento do mundo fora do monastério. O filho do rei morrera no naufrágio do White Ship, ao largo de Cherbourg. O abade Peter, que contara tudo ao jovem Philip, preocupara-se com a guerra e a anarquia que deveriam se seguir à morte do herdeiro, mas na ocasião o rei Henrique conservara o controle, e a vida seguiu imperturbada para Philip e Francis.

- O rei tinha muitos outros filhos, é claro - continuou Francis. - Vinte, pelo menos, incluindo meu próprio lorde, o conde Robert de Gloucester; porém, como você sabe, são todos bastardos. A despeito de sua desenfreada fertilidade, ele conseguiu ser pai de apenas um único filho legítimo - uma mulher, Matilde. Um bastardo não pode herdar o trono, mas uma mulher é uma solução quase tão ruim quanto um bastardo.

- O rei Henrique não designou um herdeiro?

- Sim, ele escolheu Matilde. Ela tem um filho, também chamado Henrique. O maior desejo do velho rei era de que seu neto herdasse o trono. Mas o menino ainda não tem três anos de idade. Assim, o rei fez os barões jurarem fidelidade a Matilde.

Philip ficou intrigado.

- Se o rei nomeou Matilde sua herdeira, e se os barões já juraram fidelidade a ela... qual é o problema?

- A vida na corte nunca é assim tão simples. Matilde é casada com Godofredo de Anjou. Anjou e Normandia são rivais há gerações. Nossos soberanos normandos odeiam os angevinos. Francamente, foi muito otimismo

do velho rei acreditar que um bando de barões anglo-normandos fosse entregar a Inglaterra e a Normandia a um angevino, com juramento ou não.

Philip ficou de certa forma bestificado com o conhecimento do irmão mais moço e com sua atitude desrespeitosa para com os homens mais importantes do país.

- Como sabe tudo isso?

- Os barões se reuniram em Lê Neubourg para decidir o que fazer. Não preciso dizer que o meu lorde, conde Robert, estava lá; fui com ele, para escrever suas cartas.

Philip olhou para Francis, curioso, pensando em como a vida dele deveria ser diferente da sua. Depois se lembrou de algo.

- O conde Robert é o filho mais velho do rei Henrique, não é?

- Sim, e é muito ambicioso; mas aceita o ponto de vista geral, de que os bastardos têm de conquistar seus reinos, e não herdá-los.

- Quem mais existe?

- O rei Henrique tinha três sobrinhos, filhos de sua irmã. O mais velho é Teobaldo de Blois; depois vem Estêvão, muito amado pelo falecido rei e contemplado por ele com vastas propriedades aqui na Inglaterra; e o caçula, Henrique, que você conhece como o bispo de Winchester. Os barões são favoráveis ao mais velho, Teobaldo, de acordo com uma tradição que você decerto considera perfeitamente razoável. - Francis olhou para Philip e sorriu.

- Perfeitamente razoável - repetiu Philip, com outro sorriso. - Então Teobaldo é o nosso novo rei?

Francis sacudiu a cabeça.

- Ele pensou que era, mas nós, filhos mais moços, sempre damos um jeito de assumir a dianteira. - Eles chegaram no ponto mais afastado da clareira e voltaram. - Enquanto Teobaldo estava aceitando graciosamente a homenagem dos barões, Estêvão cruzou o canal, correu até Winchester, e com a ajuda do irmão caçula, o bispo, apoderou-se do castelo e - mais importante que tudo - do tesouro real.

Philip estava prestes a dizer: Então Estêvão é o nosso novo governante. Mas mordeu a língua: dissera a mesma coisa a respeito de Matilde e Teobaldo e errara ambas as vezes.

- Estêvão só precisava de mais uma coisa para assegurar sua vitória - continuou Francis: - o apoio da Igreja. Pois até que fosse coroado em Westminster pelo arcebispo, ele não seria realmente o rei.

- Mas com certeza isso foi fácil - disse Philip. - Seu irmão é um dos sacerdotes mais importantes no país - bispo de Winchester, abade de Glastonbury, tão rico quanto Salomão e quase tão poderoso quanto o arcebispo de Canterbury. E se o bispo não quisesse apoiá-lo, por que o teria ajudado a tomar Winchester?

Francis concordou.

- Devo dizer que as operações do bispo durante a crise foram brilhantes. Você compreende, ele não estava ajudando Estêvão só por amor fraternal.

- Então qual era sua motivação?

- Poucos minutos atrás lembrei como o falecido rei tratava a Igreja, considerando-a como uma simples parte do seu reino. O bispo Henrique quer se assegurar que o novo rei, quem quer que seja, trate melhor a Igreja. Assim, antes de lhe garantir apoio, Henrique fez Estêvão jurar solenemente que preservaria os direitos e privilégios da Igreja.

Philip ficou impressionado. O relacionamento de Estêvão com a Igreja fora definido, desde o início do seu reinado, nos termos da Igreja. Mas talvez ainda mais importante fosse o precedente. A Igreja tinha que coroar os reis, mas até então nunca tivera o direito de estipular condições. Podia chegar o tempo em que nenhum rei assumisse o poder sem primeiro chegar a um acordo com a Igreja.

- Isto poderia ser muito importante para nós - disse Philip.

- Estêvão pode quebrar suas promessas, é claro - disse Francis. - Mas assim mesmo você está certo. Ele nunca será capaz de ser tão impiedoso com a Igreja quanto Henrique foi. Porém, ainda há outro perigo. Dois dos barões se sentiram amargamente feridos pelo que Estêvão fez. Um foi Bartholomew, o conde de Shiring.

- Eu o conheço. Shiring fica apenas a um dia de viagem daqui. Dizem que Bartholomew é um homem devoto.

- Talvez seja. Tudo o que sei é que é um barão fariseu e teimoso que não deixará de cumprir o juramento de lealdade que fez a Matilde, a despeito da promessa de um perdão.

- E o outro descontente?

- É o meu lorde, Robert de Gloucester. Eu lhe disse que ele era ambicioso. Sua alma está atormentada com a ideia de que, se ao menos fosse filho legítimo, o trono seria seu. Quer coroar a meia irmã, acreditando que ela dependerá tanto de Robert que ele será rei em tudo, exceto no nome.

- Ele vai fazer alguma coisa a esse respeito?

- Receio que sim. - Francis baixou a voz, embora não houvesse ninguém por perto para ouvi-lo. - Robert e Bartholomew, juntos com Matilde e o marido dela, vão fomentar uma rebelião. Planejam derrubar Estêvão e pôr Matilde no trono.

Philip deteve-se.

- O que desfaria tudo o que o bispo de Winchester conseguiu! - Ele agarrou o braço do irmão. - Mas Francis...

- Sei o que você está pensando. - De repente toda a petulância de Francis o abandonou e ele pareceu ansioso e amedrontado. - Se o conde Robert soubesse

que lhe contei isso, me enforcaria. Ele confia completamente em mim. Mas a minha lealdade suprema é com a Igreja - tem que ser.

- Mas o que você pode fazer?

- Pensei em conseguir uma audiência com o novo rei, e contar-lhe tudo. Claro que os dois condes rebeldes negariam cada palavra minha, e eu seria enforcado por traição; contudo a rebelião seria frustrada e eu iria para o céu.

Philip sacudiu a cabeça.

- Aprendemos que buscar o martírio é fruto da vaidade.

- E acho que Deus tem mais trabalho para mim aqui na terra. Ocupo uma posição de confiança na casa de um grande barão, e se permanecer lá e progredir através de trabalho árduo, serei capaz de muita coisa para promover os direitos da Igreja e o império da lei.

- Há algum outro modo...?

Francis encarou Philip direto nos olhos.

- É por isso que estou aqui.

Philip sentiu um calafrio de medo. Francis ia lhe pedir para se envolver, é claro; não havia outro motivo para lhe revelar aquele segredo espantoso.

- Não posso trair a rebelião - continuou Francis -, mas você pode.

- Jesus Cristo e todos os santos, protegi-me!

- Se a trama for descoberta aqui no sul, nenhuma suspeita cairá sobre a casa de Gloucester. Ninguém sabe que estou aqui; ninguém sabe sequer que somos irmãos. Você pode pensar em alguma explicação possível para ter tomado conhecimento da informação, como haver visto homens de armas se reunindo, ou alguém da intimidade do conde Bartholomew ter revelado a trama ao confessar-se com um padre seu conhecido.

Philip ajeitou o hábito, tremendo. Parecia ter ficado mais frio de repente. Aquilo era perigoso, muito perigoso. Estavam falando a respeito de se meterem na política real, que matava regularmente experientes praticantes. Era tolice que gente que não fosse do ramo, como Philip, se envolvesse.

Mas havia muita coisa em jogo. Philip não podia ficar de lado e assistir a uma rebelião contra um rei escolhido pela Igreja, não quando havia uma chance para impedir. E mesmo que fosse perigoso para Philip, seria suicídio para Francis expor a trama.

- Qual é o plano dos rebeldes? - perguntou Philip.

- O conde Bartholomew está retornando a Shiring neste momento. De lá mandará mensagens para seus seguidores em todo o sul da Inglaterra. O conde Robert chegará a Gloucester um ou dois dias mais tarde e convocará suas forças na região oeste. Finalmente, Brian Fitzcount, que controla o Castelo Wallingford, fechará seus portões; e todo o sudoeste da Inglaterra pertencerá aos rebeldes sem uma luta.

- Então já é quase tarde demais! - disse Philip.

- Não, na verdade. Temos cerca de uma semana. Mas você terá que agir rapidamente.

Philip percebeu, amedrontado, que já tinha mais ou menos se decidido a fazer o que Francis pedira.

- Não sei com quem falar - disse. - Normalmente se procuraria o conde, mas neste caso ele é o culpado. O xerife provavelmente está do seu lado. Temos que pensar em alguém que esteja com certeza do nosso lado.

- O prior de Kingsbridge?

- Meu prior está velho e cansado. Com toda a probabilidade não fará nada.

- Tem de haver alguém.

- Há o bispo. - Philip na verdade nunca tinha falado com o bispo de Kingsbridge, mas com certeza ele o receberia e ouviria; automaticamente se colocaria ao lado de Estêvão, porque fora a escolha da Igreja; e o bispo era poderoso o bastante para fazer qualquer coisa a respeito do problema.

- Onde o bispo mora?

- A um dia e meio daqui.

- É melhor você partir hoje.

- Sim - disse Philip com o coração pesado.

Francis pareceu estar arrependido.

- Gostaria que fosse outra pessoa.

- Eu também - disse Philip, emocionado. - Eu também.

Philip reuniu os monges na pequena capela e lhes contou que o rei havia morrido.

- Devemos rezar por uma sucessão pacífica e por um novo rei que ame mais a Igreja que o falecido rei Henrique - disse. Mas não lhes contou que a chave para uma sucessão pacífica viera parar, de certa forma, em suas próprias mãos. - Há outras notícias que me obrigam a ir visitar nossa casa-mãe em Kingsbridge. Tenho que partir imediatamente.

O sub-prior leria os serviços e o despenseiro dirigiria a fazenda, mas nenhum deles estava à altura de Peter de Wareham; Philip receava que, se ficasse afastado muito tempo, o monge criasse tanto caso que não restaria um pedaço do mosteiro quando voltasse. Não fora capaz de imaginar um meio de controlar Peter sem ferir sua auto-estima, e como agora não havia mais tempo, tinha de fazer o melhor que pudesse.

- Hoje cedo nós falamos sobre a gula - disse, após uma pausa. - O irmão Peter merece nossos agradecimentos por lembrar que quando Deus abençoa nossa fazenda e nos dá riquezas, não é para que fiquemos gordos e tranquilos, mas sim para a sua maior glória. É parte do nosso dever sagrado partilhar nossas riquezas com os pobres. Até agora temos negligenciado esse dever, principalmente porque aqui na floresta não temos com quem compartilhar nada. O irmão Peter lembrou-nos que é nosso dever sair e procurar os pobres, para

que possamos lhes trazer alívio.

Os monges ficaram surpresos; tinham imaginado que o assunto da gula estivesse encerrado. O próprio Peter tinha uma expressão de incerteza na fisionomia. Estava feliz por ser novamente o centro das atenções, mas receava o que Philip poderia estar escondendo na manga - com toda a razão.

- Decidi - continuou o prior - que todas as semanas daremos aos pobres um *penny* por monge da nossa comunidade. Se isso significar que todos nós teremos que comer um pouco menos, nos sentiremos jubilosos com a perspectiva de ser celestialmente recompensados. É importante termos certeza de que nosso dinheiro será bem gasto. Quando você dá a um pobre um *penny* para comprar pão para a sua família, ele pode ir direto para uma venda de cerveja e se embriagar, depois ir para a casa onde mora e bater na mulher, que assim estaria bem melhor sem a sua caridade. Melhor dar-lhe o pão; melhor ainda dar o pão para os seus filhos. Dar esmolas é um dever sagrado que deve ser realizado com tanta diligência quanto curar os doentes ou educar os jovens. Por esse motivo, muitas casas monásticas designam um esmoler, para ser responsável pelas esmolas a serem dadas. Faremos isso aqui.

Philip olhou em torno. Todos estavam alerta e interessados. Peter ostentava uma expressão gratificada, tendo decidido, evidentemente, que aquilo era uma vitória para ele. Ninguém adivinhara o que estava por vir.

- O trabalho do esmoler é duro. Terá que ir até as cidades e aldeias mais próximas, frequentemente a Winchester. Lá ele andarà entre as pessoas mais perversas, sujas, feias e depravadas, pois assim são os pobres. O esmoler precisará orar por eles quando blasfemarem, visitá-los quando estiverem doentes e perdoá-los quando tentarem tapeá-lo e roubá-lo. Necessitará de força, humildade e paciência inesgotável. Sentirá falta do conforto desta comunidade, porque passará mais tempo fora do que conosco.

Philip olhou à sua volta de novo. Agora todos estavam amedrontados, pois nenhum deles queria aquela função. Deixou o olhar repousar em Peter de Wareham. Ele percebeu o que estava por vir, e seu semblante assumiu uma expressão consternada.

- Foi Peter quem chamou nossa atenção para nossas deficiências nessa área - disse Philip lentamente -, de modo que decidi que será dele a honra de ser nosso esmoler. - Sorriu. - Pode começar hoje.

O rosto de Peter ficou sombrio como uma tempestade.

Você ficará afastado tempo demais para causar problemas, pensou Philip; e o contacto íntimo com os imundos e repugnantes becos fedorentos dos pobres de Winchester amenizará o desprezo que sente pela vida amena.

O monge, contudo, evidentemente viu aquilo como uma punição pura e simples, e olhou para Philip com tanto ódio que por um momento o prior se intimidou.

Desviou o olhar, com dificuldade, e voltou-se para os outros:
- Após a morte de um rei sempre há perigo e incerteza - disse. - Rezem por mim enquanto eu estiver fora.

II

Às doze horas do segundo dia de jornada, o prior Philip estava a poucas milhas do palácio do bispo e quanto mais se aproximava, mais apreensivo se sentia. Tinha imaginado uma história para explicar como viera a saber da rebelião. Entretanto, o bispo podia não acreditar nela; ou, se acreditasse, exigir provas. Pior ainda - e essa possibilidade não ocorrera a Philip senão depois que se afastara de Francis - era concebível, conquanto que improvável, que o bispo fosse um dos conspiradores e estivesse dando seu apoio à rebelião. Ele podia ser amigo íntimo do conde de Shiring. Não era incomum que bispos colocassem os próprios interesses à frente dos interesses da Igreja.

O bispo podia torturá-lo para fazê-lo revelar a fonte de sua informação. Claro que não tinha direito de fazer uma coisa dessas, mas a verdade é que o prior tampouco tinha o direito de conspirar contra o rei. Philip rememorou os instrumentos de tortura representados em pinturas do inferno. Tais pinturas eram inspiradas no que acontecia nos calabouços de bispos e barões. Não achava que tivesse força para enfrentar uma morte de mártir.

Quando viu um grupo de viajantes a pé na estrada, adiante dele, seu primeiro instinto foi puxar as rédeas e evitar ultrapassá-los, pois estava sozinho, e havia muitos salteadores a pé pelas estradas que não teriam escrúpulos de roubar um monge. Percebeu então que dois dos vultos eram de crianças e outro de mulher. Uma família geralmente não oferecia problema. Trotou para alcançá-los.

Ao aproximar-se, pôde vê-los com mais nitidez. Um homem alto, uma mulher pequena, um jovem quase tão alto quanto o homem e duas crianças. Eram visivelmente pobres.

Não carregavam trouxas com seus bens mais preciosos e estavam andrajosos. O homem tinha uma estrutura óssea avantajada, mas era descarnado, como se estivesse morrendo de alguma doença devastadora - ou simplesmente de fome. Olhou desconfiadamente para Philip, e puxou as crianças para mais perto, com um toque e uma palavra murmurada.

Philip a princípio pensara que ele teria cerca de cinquenta anos, mas via agora que estava com uns trinta, embora o rosto estivesse enrugado de tanta preocupação.

- Olá, monge - cumprimentou a mulher.

Philip dirigiu-lhe um olhar penetrante. Não era usual que uma mulher falasse antes do marido, e embora "monge" não fosse exatamente uma palavra

impolida, teria sido mais respeitoso dizer "irmão" ou "padre". A mulher era mais moça que o homem uns dez anos, e seus olhos fundos tinham uma cor amarelo-clara incomum e chamavam a atenção. Philip sentiu que era perigosa.

- Bom dia, padre - disse o homem, como que para se desculpar dos modos bruscos da mulher.

- Deus o abençoe - disse Philip, diminuindo a marcha da sua égua. - Quem é você?

- Tom, mestre construtor, procurando trabalho.

- E não encontrando, creio.

- É verdade.

Philip balançou a cabeça. Era uma história comum. Artífices que trabalhavam em construções vagueavam normalmente em busca de trabalho e às vezes não o encontravam, fosse por falta de sorte, fosse porque não houvesse ninguém construindo. Tais homens, com frequência, recorriam à hospitalidade dos monastérios. Se tinham trabalhado recentemente, deixavam doações generosas quando partiam, embora depois de haverem estado na estrada por algum tempo pudessem nada ter para oferecer. Dar boas-vindas igualmente calorosas para os dois tipos às vezes era uma provação para a caridade monástica.

Aquele construtor era definitivamente do tipo miserável, embora sua mulher parecesse muito bem.

- Bem - disse Philip -, tenho comida no meu alforje, é hora do almoço e a caridade é uma obrigação sagrada; assim, se você e sua família comerem comigo, terei uma recompensa no céu, bem como companhia durante a refeição.

- É bondade sua - disse ele. Olhou para a mulher. Ela deu de ombros quase que imperceptivelmente e assentiu com a cabeça. Quase em seguida Tom respondeu: - Nós aceitaremos sua caridade, e muito obrigado.

- Agradeça a Deus, e não a mim - disse Philip automaticamente.

- Agradeça aos camponeses cujos dízimos asseguraram a existência dessa comida - disse a mulher.

Ali estava uma língua ferina, pensou o prior; mas nada disse. Pararam numa pequena clareira onde o pônei de Philip podia pastar o resto do capim do inverno. O religioso sentia-se secretamente feliz por retardar sua chegada ao palácio e adiar a temida entrevista com o bispo. O construtor disse que também estava se dirigindo para lá, na esperança de que o bispo pudesse querer fazer reparos ou mesmo construir uma extensão. Enquanto conversavam, Philip estudou a família subrepticiamente. A mulher parecia jovem demais para ser mãe do garoto mais velho, que parecia um bezerro, forte, desajeitado e de aparência estúpida. O outro menino era pequeno e estranho, com o cabelo alaranjado, pele branca como a neve e olhos azuis protuberantes; seu jeito de fitar intensamente as coisas, com uma expressão ausente, fez o prior se lembrar do pobre Johnny Oito *Pence*, a não ser pelo fato de o menino ter um olhar adulto e esperto ao

encarar alguém. A seu modo, parecia tão perturbador quanto a mãe, concluiu Philip. A terceira criança era uma menina de cerca de seis anos de idade. Chorava intermitentemente, e seu pai olhava para ela a todo instante com afetuosa preocupação, dando-lhe de vez em quando uma palmadinha carinhosa, embora nada lhe dissesse. Era evidente que gostava muito dela. Tocou também na sua mulher uma vez, e o religioso percebeu um olhar de luxúria quando se fitaram. A mulher mandou as crianças procurarem folhas largas para serem usadas como pratos. Philip abriu os alforjes.

- Onde é o seu mosteiro, padre? - perguntou Tom.

- Na floresta, a um dia de viagem daqui, direção oeste. A mulher levantou os olhos abruptamente, e Tom ergueu as sobrancelhas. - Você o conhece? - perguntou Philip.

Por algum motivo Tom ficou desconcertado.

- Devemos ter passado por lá quando viemos de Salisbury - disse.

- Oh, sim, sem dúvida, mas fica longe da estrada principal, de modo que não o teriam visto, a menos que soubessem sua localização e fossem até ele.

- Ah, sim - disse o construtor, mas sua cabeça parecia estar longe.

Philip teve um palpite.

- Diga-me, você encontrou uma mulher na estrada? Provavelmente muito jovem, sozinha e, ah, com uma criança?

- Não - respondeu Tom. Seu Tom de voz fora casual, mas o prior teve a impressão de que ficara intensamente interessado. - Por que pergunta?

Philip sorriu.

- Eu lhe digo. Ontem cedo um bebê foi encontrado na floresta e levado para o meu mosteiro. É um menino, e não creio que tivesse mais que um dia de vida. Deve ter nascido na noite anterior. Assim, a mãe esteve naquela área ao mesmo tempo que você.

- Não vimos ninguém - repetiu Tom. - O que fez com o bebê?

- Nós o alimentamos com leite de cabra. Parece estar se dando muito bem.

Ambos estavam olhando intensamente para Philip. Era, ele pensou, uma história de cortar o coração de qualquer um. Após um momento, Tom perguntou:

- E você está procurando a mãe?

- Oh, não. Minha pergunta foi casual. Se a encontrasse, é claro que devolveria o bebê; no entanto, não há dúvida de que ela não quer a criança, e assim fará tudo para não ser encontrada.

- E o que acontecerá ao bebê?

- Nós o criaremos no mosteiro. Será um filho de Deus. É assim que fui criado, e meu irmão também. Nossos pais nos foram tirados quando éramos muito pequenos, e depois o abade se tornou nosso pai e os monges, nossa família. Fomos alimentados, aquecidos e alfabetizados.

- E ambos se tornaram monges - disse a mulher.

Ela falou com um toque de ironia, como que para deixar bem claro que a caridade do mosteiro, em última análise, era egoísta.

Philip ficou satisfeito por poder contradizê-la.

- Não, o meu irmão deixou a ordem.

As crianças voltaram. Não haviam encontrado folhas largas - não era fácil no inverno -, de modo que teriam de comer sem pratos. O prior deu pão e queijo para todos.

Eles se jogaram na comida como animais famintos.

- Fabricamos este queijo no meu mosteiro - disse Philip. - A maioria das pessoas gosta dele quando está novo, mas fica ainda melhor depois que envelhece.

Eles estavam famintos demais para se importar com aquilo. Terminaram o pão e o queijo num abrir e fechar de olhos. Philip tinha três pêras. Tirou-as de dentro do alforje e deu-as para Tom. O construtor entregou uma para cada criança.

Philip pôs-se de pé.

- Rezarei para que você ache trabalho.

- Caso se lembre, padre - pediu Tom -, fale a meu respeito com o bispo. Sabe que precisamos, e achou que éramos honestos.

- Falarei.

Tom segurou o cavalo enquanto o religioso montava.

- O senhor é um bom homem, padre - disse. E Philip viu, surpreso, que havia lágrimas em seus olhos.

- Que Deus fique com vocês - disse o prior.

Tom segurou as rédeas do cavalo por mais um instante.

- O bebê de que nos falou... o enjeitado... - disse baixinho, como se não quisesse que as crianças escutassem. - Já lhe deram um nome?

- Sim. Nós o chamamos Jonathan, que significa "um presente de Deus".

- Jonathan. Gosto dele. - Tom libertou o cavalo. Philip lançou-lhe um olhar curioso por um momento, bateu na montaria e saiu trotando.

O bispo não morava em Kingsbridge. Seu palácio ficava numa encosta voltada para o sul, em um vale exuberante que ficava a um dia inteiro de viagem da catedral de pedra fria e de seus melancólicos monges. Ele preferia assim, pois igreja demais atrapalhava os outros deveres de cobrar aluguéis, administrar justiça e fazer manobras na corte real. Era conveniente para os monges, também, pois quanto mais longe estivesse o bispo, menos interferiria na vida deles.

Estava frio o suficiente para nevar, na tarde em que Philip chegou. Um vento cortante castigava o vale do bispo, e nuvens cinzentas baixas concentravam-se sobre seu palácio. Não era um castelo; não obstante, porém, era

bem defendido. Fora aberta uma clareira com umas cem jardas de raio. A casa ficava no interior de uma sólida cerca de madeira da altura de um homem, com uma vala para o escoamento da água da chuva. O guarda no portão tinha um ar desleixado, mas sua espada era pesada. O palácio era uma excelente construção de pedra erigida em forma de E. A galeria do andar térreo, com as paredes sólidas interrompidas por diversas portas pesadas, não tinha janelas. Uma porta estava aberta, e Philip pôde ver barris e sacos na obscuridade. As outras portas estavam fechadas e presas com correntes. Philip perguntou-se o que haveria por trás delas; quando o bispo tinha prisioneiros, era onde definhavam.

A perna do E era uma escadaria externa que levava aos aposentos destinados à moradia acima da galeria. O aposento principal, a haste vertical, seria o corredor.

Os dois cômodos formando a parte de cima e a parte de baixo do E seriam uma capela e um quarto de dormir, foi o que Philip supôs. Havia pequenas janelas fechadas como olhos de contas espiando o mundo com muitas suspeitas.

No interior do conjunto havia uma cozinha e uma padaria de pedra, assim como estábulos de madeira e um celeiro. Todos os prédios estavam em bom estado - o que era lamentável para Tom Construtor, pensou Philip.

Havia diversos bons cavalos no estábulo, inclusive dois de batalha, e um punhado de homens de armas espalhados por toda parte, matando o tempo. Talvez o bispo tivesse visitantes.

Philip deixou o pônei com um cavaleiro e subiu a escadaria apreensivo, sentindo um presságio. Por ali tudo tinha um toque perturbadoramente militar. Onde estavam as filas de queixosos querendo justiça e as mães com os bebês para serem abençoados? Entrava num mundo com que não estava familiarizado, e de posse de um segredo perigoso. Podia ser que se passasse muito tempo até que conseguisse sair dali, pensou ele, temeroso. Gostaria que Francis não tivesse ido procurá-lo.

Alcançou o topo da escadaria. Que pensamentos indignos!, disse a si próprio. Tinha uma chance de servir a Deus e à Igreja, e reagia se preocupando com sua segurança.

Havia homens que enfrentavam o perigo todos os dias, nas batalhas, no mar, em peregrinações arriscadas ou nas cruzadas. Até os monges deviam sentir um pouco de medo e tremer de vez em quando.

Philip respirou fundo e entrou.

O hall era obscuro e enfumaçado. Philip fechou a porta rapidamente para conservar do lado de fora o ar frio, e deu uma olhadela. Do lado oposto, ardia um grande fogo. Era dele e das pequenas janelas que vinha a única luz. Em torno da lareira havia um grupo de homens, alguns em trajes clericais e outros envergando roupas caras mas bem usadas, características da pequena nobreza.

Estavam envolvidos numa discussão séria, falando baixo e metodicamente. As suas cadeiras estavam dispostas de forma aleatória, mas todos olhavam e falavam com um sacerdote sentado no meio do grupo, como uma aranha no centro de uma teia. Era um homem magro, e do modo como suas pernas compridas estavam abertas e os braços igualmente compridos se acomodavam nos braços da cadeira, a impressão que dava era de que estava prestes a pular.

Tinha o cabelo negro escorrido e o rosto pálido com o nariz pontudo; suas roupas pretas faziam dele ao mesmo tempo elegante e ameaçador.

Não era o bispo.

O encarregado levantou-se de uma cadeira ao lado da porta e disse para Philip:

- Bom dia, padre. Quem está procurando?

Ao mesmo tempo, um cão de caça deitado junto ao fogo levantou a cabeça e rosnou. O homem de preto ergueu os olhos, viu Philip e parou instantaneamente a conversa erguendo uma das mãos.

- O que há? - perguntou de maneira brusca.

- Bom dia - disse o prior, polido. - Vim ver o bispo.

- Ele não está - disse o sacerdote sumariamente. Ficou abalado. Antes estava com medo da entrevista e dos riscos que corria mas agora se sentia frustrado. O que ia fazer do seu horrível segredo? Perguntou ao padre:

- Quando o esperam de volta?

- Não sabemos. Qual é o assunto que tem com ele?

O Tom de sua voz era um tanto abrupto, e Philip irritou-se.

- É um assunto de Deus - disse asperamente. - Quem é você?

O padre ergueu as sobrancelhas, como se tivesse ficado surpreso por se ver desafiado. Os outros homens de súbito ficaram quietos, como se esperassem uma explosão; após uma pausa, porém, ele respondeu com bastante brandura:

- Sou o arcediogo dele. Meu nome é Waleran Bigod.

Um bom nome para um padre, pensou Philip, que disse então:

- Meu nome é Philip. Sou o prior do Mosteiro de St.-Johnin-the-Forest. Pertence ao priorado de Kingsbridge.

- Ouvi falar de você - disse Waleran. - Você é Philip de Gwynedd.

O prior ficou surpreso. Não podia imaginar por que um arcediogo devesse conhecer o nome de alguém situado numa posição tão humilde quanto a sua. Porém, por mais modesto que fosse seu nível, foi suficiente para mudar a atitude de Waleran. A expressão irritada desapareceu da fisionomia dele.

- Venha para junto do fogo - disse. - Aceita um trago de vinho quente para aquecer o sangue? - Fez um gesto para alguém sentado num banco encostado à parede, e um vulto maltrapilho se levantou para providenciar o vinho.

Philip aproximou-se do fogo. Waleran disse algo em voz baixa e os outros homens se levantaram e começaram a ir embora. O prior se sentou e esquentou

as mãos, enquanto o arcediogo ia até a porta com os convidados. Philip perguntou-se o que teriam estado discutindo, e por que razão Waleran não havia encerrado a reunião com uma prece.

O servo maltrapilho entregou-lhe uma taça de madeira. Ele bebeu o vinho quente e temperado, pensando no próximo passo. Se o bispo não estava disponível, a quem poderia se voltar? Pensou em procurar o conde Bartholomew e simplesmente lhe pedir para que desistisse da rebelião. A ideia era ridícula; o conde o colocaria numa masmorra e jogaria a chave fora. Restava o xerife, que, em teoria, era o representante do rei no condado. Mas nem precisava dizer de que lado o xerife estaria enquanto ainda houvesse alguma dúvida sobre quem iria ser o rei. Ainda assim, pensou Philip, pode ser que no fim eu tenha de correr esse risco. Ansiava por retomar à vida simples do monastério, onde seu inimigo mais perigoso era Peter de Wareham.

Os convidados de Waleran partiram, e a porta fechou-se, isolando o barulho dos cavalos no pátio. O arcediogo voltou para junto do fogo e puxou uma cadeira grande.

Philip estava preocupado com o seu problema e não queria realmente conversar com o arcediogo, mas viu-se obrigado a ser polido.

- Espero não ter interrompido sua reunião - disse.

Waleran fez um gesto conciliador.

- Tinha mesmo que acabar - disse. - Essas coisas sempre vão mais longe do que é preciso. Estávamos discutindo a renovação dos contratos de arrendamento das terras da diocese o tipo de coisa que poderia ser definida em poucos momentos se ao menos as pessoas soubessem ser decididas. - Agitou a mão ossuda, para pôr de lado todos os arrendamentos da diocese e seus locatários. - Soube que você fez um bom trabalho naquele pequeno mosteiro na floresta.

- Estou surpreso por você saber disso - replicou Philip.

- O bispo é o abade *ex officio* de Kingsbridge, de modo que tem obrigação de se interessar.

Ou tem um arcediogo bem informado, pensou Philip. Ele disse:

- Bem, Deus nos abençoou.

- É verdade.

Eles estavam falando francês normando, a linguagem que Waleran e seus convidados haviam usado, o idioma do governo; mas havia algo um pouco estranho no sotaque de Waleran, e após alguns momentos Philip concluiu que ele tinha as inflexões de quem fora criado falando inglês. O que significava que não era um aristocrata normando, e sim um nativo que subira graças aos próprios esforços - como Philip.

Um instante depois disso foi confirmado quando Waleran passou a falar inglês para dizer:

- Quisera que Deus conferisse bênçãos similares ao priorado de Kingsbridge.

Philip então não era o único preocupado com o estado de coisas em Kingsbridge. O arcediogo provavelmente sabia mais sobre o que se passava ali do que ele.

- Como está o prior James? - perguntou Philip.

- Doente - respondeu Waleran, de maneira sucinta. Então ele não seria capaz de fazer nada a respeito da insurreição do conde Bartholomew, pensou Philip, abatido. Seria obrigado a ir a Shiring e se arriscar com o xerife.

Ocorreu-lhe que Waleran era o tipo de homem que conheceria todo mundo de importância no condado.

- Que tal é o xerife de Shiring? - perguntou. Waleran deu de ombros.

- Ímpio, arrogante, ganancioso e corrupto. Como todos os xerifes. Por que pergunta?

- Se não posso falar com o bispo, provavelmente devo procurar o xerife.

- Tenho a confiança do bispo, você sabe - disse Waleran, com um pequeno sorriso. - Se puder ajudar... - Levantou as mãos, no gesto de um homem que estava sendo generoso mas que sabia que podia ser recusado.

Philip tinha se acalmado um pouco, achando que o momento da crise fora adiado por um ou dois dias, mas agora estava ansioso de novo. Poderia confiar no arcediogo Waleran? Seu jeito despreocupado era estudado, pensou: parecia contido, mas na verdade devia estar ardendo de curiosidade para saber o que o prior tinha a dizer de tão importante. No entanto, não havia razão para não confiar nele. Parecia um sujeito ponderado. Teria poder suficiente para fazer qualquer coisa acerca da rebelião?

Se não pudesse, certamente seria capaz de localizar o bispo. Philip deu-se conta de que, na verdade, havia uma grande vantagem em confiar em Waleran; o bispo poderia insistir em querer saber a verdadeira fonte da informação que trazia, mas o arcediogo não possuía autoridade para isso, e teria que se contentar com a história que Philip lhe contasse, quer acreditasse ou não.

Waleran mais uma vez esboçou seu pequeno sorriso.

- Se pensar mais tempo, começarei a crer que não confia em mim!

Philip achou que compreendia o arcediogo. Era um homem mais ou menos como ele próprio: jovem, instruído, inteligente e nascido numa classe baixa. Talvez fosse um pouco mundano demais para o seu gosto, mas isso era perdoável num sacerdote obrigado a passar tanto tempo com lordes e ladies, sem o benefício da vida protegida de um monge. No fundo do coração Waleran era um homem devoto, pensou Philip. Faria o que fosse certo para a Igreja.

Hesitou no instante de tomar a decisão. Até agora só ele e Francis conheciam o segredo. Uma vez contado a uma terceira pessoa, tudo poderia acontecer. Respirou fundo.

- Três dias atrás um homem ferido apareceu no meu mosteiro, na floresta - começou ele, pedindo silenciosamente perdão pela mentira. - Era um homem armado num cavalo belo e veloz, e levava uma queda a uma ou duas milhas de distância. Devia estar galopando quando caiu, pois seu braço estava quebrado e as costelas, esmagadas. Tratamos do braço, mas não havia nada que pudéssemos fazer quanto às costelas, e ele estava tossindo sangue, sinal de hemorragia interna. - Enquanto falava, Philip observava o rosto de Waleran. Até agora não demonstrara mais que polido interesse. - Aconselhei-o a confessar seus pecados, pois estava em risco de vida. Ele me contou um segredo. - Hesitou, sem saber quanto Waleran teria sabido das notícias políticas. - Acho que você deve saber que Estêvão de Blois reivindicou o trono da Inglaterra com a bênção da Igreja.

Waleran sabia mais que Philip.

- E foi coroado em Westminster três dias antes do Natal - disse.

- Já! - Francis não soubera disso.

- Qual era o segredo? - perguntou Waleran, com um toque de impaciência.

Philip deu o passo decisivo.

- Antes de morrer, o cavaleiro me disse que seu senhor, Bartholomew, conde de Shiring, conspirara com Robert de Gloucester para articularem uma rebelião contra Estêvão. - Philip estudou o rosto de Waleran, prendendo a respiração.

O rosto pálido de Waleran ficou um quase nada mais branco.

- Acha que ele estava dizendo a verdade? - perguntou, aflito.

- Um moribundo geralmente diz a verdade ao confessor.

- Talvez estivesse repetindo um boato comum no palácio do conde.

Philip não esperara que o arcediogo se mostrasse cético. Improvisou depressa.

- Oh, não - disse. - Ele era um mensageiro mandado pelo conde Bartholomew a fim de reunir suas forças em Hampshire.

Os olhos inteligentes de Waleran examinaram detidamente a expressão de Philip.

- Ele tinha a mensagem escrita?

- Não.

- Algum sinete ou símbolo da autoridade do conde?

- Nada. - Philip começou a transpirar ligeiramente. - Presumi que fosse bem conhecido pelas pessoas a quem ia procurar, como um representante autorizado do conde.

- Qual era o nome dele?

- Francis - disse Philip estupidamente. Teve vontade de morder a língua.

- Só?

- Ele não me disse o resto do nome. - Philip teve a impressão de que a história seria desmascarada, sob o interrogatório de Waleran.

- Suas armas e sua armadura poderiam identificá-lo.

- Ele não tinha armadura - disse Philip, desesperado. Nós enterramos suas armas com ele - espadas não têm utilidade para monges. Poderíamos desenterrá-las, mas lhe asseguro que eram comuns e nada traziam que as identificasse. Não creio que você encontrasse indícios nelas... - Precisava desviar Waleran daquela linha de interrogatório.

- O que você acha que pode ser feito?

Waleran franziu a testa.

- É difícil saber, sem provas. Os conspiradores poderão simplesmente negar a acusação, e o acusador será condenado. - Ele não disse: Especialmente se a história for falsa, mas Philip adivinhou. - Você contou isto a mais alguém? - perguntou o arcediogo.

Philip balançou a cabeça.

- Para onde vai quando sair daqui?

- Kingsbridge. Eu tinha que inventar uma razão para deixar o mosteiro, de modo que disse que visitaria o priorado; agora preciso ir até lá, para fazer da mentira uma verdade.

- Não fale sobre isso com mais ninguém.

- Não falarei. - Philip não tencionava falar mesmo, mas gostaria de saber por que Waleran estava insistindo nesse ponto. Talvez fosse do seu interesse: se ia se arriscar a expor a conspiração, queria estar certo de ter o crédito. Era ambicioso. Felizmente, tendo em vista o objetivo de Philip.

- Deixe isso por minha conta. - Waleran mostrou-se brusco de súbito, e o contraste com seus modos anteriores fez Philip perceber que sua amabilidade podia ser vestida ou tirada como um casaco. Continuou: - Você irá ao priorado de Kingsbridge agora e esquecerá o xerife, está bem?

- Sim. - O prior percebeu que tudo estaria bem, pelo menos por algum tempo, e um peso saiu de suas costas. Não ia ser atirado num calabouço, interrogado por um torturador ou acusado de sedição. Havia passado a responsabilidade para outra pessoa - alguém que parecia bastante feliz por tê-la recebido.

Philip se levantou e foi até a janela mais próxima. Era o meio da tarde, e ainda restava muita luz do dia. Tinha de sair logo dali e deixar aquele segredo para trás.

- Se eu partir agora poderei cobrir de oito a dez milhas antes de a noite cair - disse.

Waleran não o pressionou para ficar.

- Isso o levará à aldeia de Bassingbourn. Lá encontrará onde dormir. Se sair bem cedo na manhã seguinte, poderá chegar a Kingsbridge por volta do meio-dia.

- Sim. - Philip deu as costas para a janela e virou-se para Waleran. O

arcediogo estava com o olhar fixo no fogo, imerso em seus pensamentos. O prior observou-o por um momento. Waleran não disse em que estava meditando. Philip gostaria de saber o que estava se passando naquela cabeça inteligente.

- Irei embora agora mesmo - disse.

Waleran saiu do seu devaneio e ficou encantador de novo. Sorriu e levantou-se.

- Está bem - disse. Caminhou com Philip até a porta e acompanhou-o da escada ao pátio.

Um cavaleiro trouxe a montaria de Philip e a selou. Waleran podia ter dito adeus naquela hora e retornado para junto do fogo, mas aguardou. O prior achou que era para se certificar de que tinha tomado a estrada de Kingsbridge, e não a de Shiring.

Philip montou, sentindo-se mais feliz do que quando chegara. Já ia sair, quando viu Tom Construtor passar pelo portão, com a família, e disse para Waleran:

- Aquele homem é um construtor que encontrei na estrada. Parece ser um sujeito honesto que atravessa um período de dificuldades. Se precisar de reparos, ficará contente com ele.

O arcediogo não deu resposta. Estava com o olhar fixo na família, que atravessava o pátio. Toda a sua pose e compostura o haviam abandonado. Sua boca estava aberta e seus olhos, arregalados. Parecia um homem em estado de choque.

- Que foi? - perguntou Philip, ansioso.

- Aquela mulher! - A voz de Waleran mal passava de um murmúrio.

Philip olhou para ela.

- É um bocado bonita - disse, percebendo isso pela primeira vez. - Mas nos ensinaram que é melhor para um padre ser casto. Desvie os olhos dela, arcediogo.

Waleran não estava ouvindo.

- Pensei que estivesse morta - murmurou. De repente, ele pareceu se lembrar de Philip. Obrigou-se a desviar os olhos da mulher e voltou-se para ele, recompondo-se. - Transmita meus cumprimentos ao prior de Kingsbridge - disse. Depois deu um tapa na anca do pônei do religioso, e o animal precipitou-se para a frente e saiu trotando pelo portão; quando Philip conseguiu encurtar as rédeas e controlar o animal, já estava longe demais para dizer adeus.

Por volta das doze horas do dia seguinte, Philip chegou a uma distância em que era possível ver Kingsbridge, conforme o arcediogo Waleran antecipara. Emergiu de uma colina coberta por um bosque e deu com uma paisagem de campos congelados, sem vida, cuja monotonia era quebrada apenas pelo ocasional tronco de uma árvore. Não se via ninguém, pois no inverno não havia

trabalho a fazer com a terra. A algumas milhas de distância, erguia-se a Catedral de Kingsbridge sobre uma elevação; um prédio imenso e atarracado que lembrava uma tumba sobre um monte de terra.

Philip seguiu a estrada em declive, e Kingsbridge desapareceu de vista. Seu plácido cavalo escolhia o caminho cuidadosamente ao longo dos sulcos congelados. Philip estava pensando no arcediogo. Waleran era tão seguro de si, confiante e capaz que fizera Philip se sentir jovem e ingênuo, embora não houvesse muita diferença de idade entre eles. Sem o menor esforço, ele controlara todo o encontro: livrara-se com elegância de seus convidados, ouvira com atenção a história de Philip, definira de imediato o problema crucial da falta de provas, percebera logo que aquela linha de interrogatório era infrutífera e depois mandara prontamente Philip embora - sem nenhuma garantia, Philip agora se dava conta, de que alguma providência seria tomada.

O prior sorriu com melancolia ao ver como fora bem manipulado. Waleran nem sequer prometera contar ao bispo o relato que lhe fizera. Mas Philip confiava que a grande dose de ambição que detectara nele asseguraria que a informação fosse usada de algum modo. Tinha mesmo a impressão de que o arcediogo talvez se sentisse um pouco em dívida com ele.

Por ter se impressionado com Waleran, ficara mais intrigado ainda com seu único sinal de fraqueza - sua reação à mulher de Tom Construtor. Para Philip, ela parecera obscuramente perigosa. Waleran parecia considerá-la desejável - o que podia resultar na mesma coisa, claro. No entanto, havia mais que isso. O arcediogo devia tê-la encontrado antes, pois dissera: Pensei que estivesse morta. Era como se houvesse pecado com ela num passado distante. Certamente Waleran tinha algo para se sentir culpado, a julgar pelo modo como providenciara para que o prior não se demorasse e soubesse mais coisas.

Nem mesmo essa culpa secreta fez muito para reduzir a opinião que Philip fizera de Waleran. O arcediogo era sacerdote, não monge. A castidade sempre fora parte essencial da vida monástica, porém nunca cumprida rigorosamente pelos padres. Os bispos tinham amantes, e os padres tinham governantas em suas paróquias. Como a proibição contra os maus pensamentos, o celibato clerical era uma lei muito difícil de ser obedecida. Se Deus não pudesse perdoar padres lascivos, haveria poucos representantes do clero no céu.

Kingsbridge reapareceu quando Philip chegou ao cume do aclave seguinte. A paisagem era dominada pela igreja imponente, com seus arcos arredondados e janelinhas fundas, da mesma forma como a aldeia era dominada pelo mosteiro. A face oeste da igreja, que estava de frente para Philip, tinha duas torres gêmeas curtas e grossas, uma das quais caíra numa tempestade, quatro anos antes. Ainda não fora reconstruída, e a fachada tinha uma aparência acusatória. Aquela visão nunca deixava de enfurecer

Philip, pois a pilha de escombros na entrada da igreja era um lembrete

vergonhoso do colapso da honradez monástica no priorado. Os prédios do monastério, feitos com a mesma pedra calcária clara, posicionavam-se perto da igreja em grupos, como conspiradores em torno de um trono. Do lado de fora do muro baixo que cercava o priorado, espalhavam-se choças de taipa com telhado de palha, ocupadas pelos camponeses que aravam os campos nas proximidades e pelos servos que trabalhavam para os monges. Um rio estreito e impaciente cortava apressado o canto sudoeste da aldeia, trazendo água fresca para o mosteiro.

Philip já estava se sentindo mal-humorado quando atravessou o rio por uma velha ponte de madeira. O priorado de Kingsbridge trazia vergonha à Igreja de Deus e ao movimento monástico, mas não havia nada que pudesse fazer a esse respeito; e a raiva e a impotência tinham um gosto amargo em sua boca.

O priorado era dono da ponte e cobrava uma taxa pela travessia. Quando a estrutura de madeira rangeu sob o peso de Philip e seu cavalo, um monge idoso saiu de um abrigo na margem oposta e adiantou-se para retirar o galho de salgueiro que servia como barreira. Ele reconheceu Philip e acenou. O prior notou que estava mancando e perguntou:

- O que há com seu pé, irmão Paul?

- É só uma friagem. Vai melhorar quando chegar a primavera.

Philip pôde ver que ele nada tinha nos pés além das sandálias. Paul era um velho resistente, mas já estava em idade muito avançada para passar o dia inteiro ao ar livre com aquele frio.

- Você devia ter uma fogueira - disse o prior.

- Seria um favor do céu - respondeu o monge. - Mas o irmão Remigius diz que a fogueira custaria mais do que o pedágio rende.

- Quanto cobramos?

- Um *penny* por cavalo e uma moeda de cobre de um quarto de *penny* por homem.

- Muitas pessoas usam a ponte?

- Oh, sim, muitas.

- Então, como não podemos arcar com a despesa de uma fogueira?

- Bem, os monges não pagam, é claro, nem os servos do priorado ou os aldeões. Então é só um cavaleiro em viagem ou um funileiro ambulante a cada dois dias, mais ou menos. Nos dias santos, quando vem gente de toda parte para assistir aos serviços religiosos na catedral, recolhemos moedas de cobre em abundância.

- Parece-me que poderíamos guarnecer a ponte apenas nos dias santos, dando a você uma fogueira - disse Philip.

Paul estava aflito.

- Não diga nada a Remigius, sim? Se ele achar que me queixei, vai ficar aborrecido.

- Não se preocupe - disse Philip. Ele tocou o cavalo para que Paul não pudesse ver a expressão do seu rosto. Esse tipo de tolice o enfurecia. O monge dera a vida ao serviço de Deus e ao monastério, e agora, nos seus anos de declínio, o obrigavam a suportar dor e frio por causa de uma ou duas moedas por dia. Não apenas era cruel, como também desperdício, pois um velho paciente como Paul podia ser posto para trabalhar em alguma tarefa produtiva - criar galinhas, talvez -, o que beneficiaria o priorado muito mais que umas poucas moedinhas. Entretanto, o prior de Kingsbridge era velho e letárgico demais para ver isso, e, ao que parecia, o mesmo era verdadeiro em relação a Remigius, o subprior. Um grave pecado, pensou Philip com amargura, desperdiçar tão descuidadamente os recursos humanos e materiais que haviam sido dados a Deus com amorosa piedade.

Seu estado de espírito era implacável quando conduziu o cavalo através dos espaços entre as choças até o portão do priorado, que era um terreno retangular cercado, com a igreja no meio. As construções estavam dispostas de tal forma que tudo o que estivesse ao norte e a oeste da igreja era público, mundano, secular e prático, enquanto o que se encontrasse ao sul e a leste era privado, espiritual e sagrado.

A entrada para o adro ficava, desse modo, no canto noroeste do retângulo. O portão estava aberto, e o jovem monge na guarita acenou quando Philip passou trotando.

Logo depois do portão, apoiado no lado oeste do muro que cercava o priorado, ficava o estábulo, uma sólida estrutura de madeira mais bem construída que muitas moradias, do outro lado da muralha. Dois cavaleiros estavam sentados sobre fardos de palha. Não eram monges, e sim empregados do priorado. Puseram-se de pé relutantemente, como se tivessem ficado ressentidos por terem um visitante lhes causando trabalho extra. As narinas de Philip arderam com o cheiro acre do ar, e ele pôde ver que o estrume das baias não era retirado há três ou quatro semanas. Não estava disposto a fingir que não via a negligência dos empregados do estábulo naquele dia. Quando entregou as rédeas do seu animal, disse:

- Antes de estabular meu pónei, podem limpar uma das baias e colocar palha fresca. Depois façam o mesmo para os outros cavalos. Se o piso das baias ficar permanentemente úmido, seus cascos poderão apodrecer. Vocês não têm tanto trabalho que não possam manter o estábulo limpo. - Os dois ficaram emburrados, de modo que Philip acrescentou: - Façam o que digo, senão providenciarei para que percam um dia de pagamento por indolência. - Já ia sair quando se lembrou de algo. - Há um queijo no meu alforje. Entreguem-no ao irmão Milius, na cozinha.

Philip saiu sem esperar resposta. O priorado tinha sessenta empregados para cuidar dos quarenta e cinco monges, um vergonhoso excesso de servos, em

sua opinião.

Pessoas sem muita atividade podem facilmente se tornar tão preguiçosas que deixam de cumprir até mesmo as pequenas tarefas, como evidentemente acontecera aos dois empregados do estábulo. Era só outro exemplo da negligência do prior James.

Philip caminhou ao longo da parede oeste do adro do priorado e passou pela hospedaria, curioso para ver se havia algum visitante. Mas o grande prédio de um único aposento estava frio e desocupado, com um monte de folhas secas trazidas pelo vento do ano anterior cobrindo a soleira da porta. Virou à esquerda e começou a atravessar a larga extensão de terra, com um pouco de grama aqui e ali, que separava a hospedaria - que às vezes alojava pessoas ímpias, e até mesmo mulheres - da igreja. Aproximou-se da face oeste desta, onde ficava a entrada do público. As pedras quebradas da torre que ruína estavam onde tinham caído, um monte enorme, duas vezes a altura de um homem.

Como a maioria das igrejas, a Catedral de Kingsbridge fora construída no formato de uma cruz. A face oeste abria-se para a nave, que formava a haste longa. Os braços consistiam nos dois transeptos, dirigidos para o norte e para o sul, de cada lado do altar. Depois deles, a extremidade leste da igreja era chamada de coro, uma parte reservada principalmente para os monges. No pedaço final da extremidade leste, ficava o túmulo de santo Adolfo, que ainda atraía peregrinos de vez em quando.

Philip entrou na nave e contemplou a avenida de arcos redondos e fortes colunas. A visão o deixou ainda mais deprimido. Era uma construção úmida, sombria e se deteriorara desde a última vez em que a vira. As janelas nas naves laterais baixas, de ambos os lados da nave central, eram como túneis estreitos nas paredes muito grossas.

Em cima as janelas maiores do clerestório iluminavam o teto de madeira, só para mostrar como as pinturas estavam desbotadas - apóstolos, santos e profetas desapareciam e misturavam-se inexoravelmente ao fundo. A despeito do ar frio que entrava - pois não havia vidros nas janelas -, um vago cheiro de hábitos podres contaminava o ar. Do outro lado da igreja vinha o som da missa solene, as frases em latim recitadas em Tom uniforme, e as respostas salmodiadas. Philip caminhou pela nave. O chão nunca fora pavimentado, de modo que o musgo crescia nos cantos onde os tamancos dos camponeses e as sandálias dos monges raramente pisavam. As espirais e caneluras gravadas na pedra das imponentes colunas, assim como as gregas cinzeladas que decoravam os arcos entre elas, já haviam sido pintadas e douradas, mas tudo o que restava agora eram algumas lascas de folha de ouro, fino como papel, e uma miscelânea de manchas onde houvera tinta. A argamassa entre as pedras estava esfarelando e caindo, acumulando-se em montinhos ao longo das paredes. Philip mais uma vez sentiu a raiva com que já estava familiarizado. Quando as pessoas fossem à igreja

deveriam se intimidar com a majestade de Deus Todo-Poderoso. Mas os camponeses eram gente simples, que julgavam pelas aparências, e ao chegarem ali iriam pensar que Deus era uma divindade indiferente e descuidada, dificilmente capaz de valorizar sua fé ou registrar seus pecados. No fim, os camponeses pagavam a igreja com o suor do rosto, e era ultrajante que fossem recompensados com aquele mausoléu em pedaços.

Philip ajoelhou-se diante do altar e ficou ali por um momento, cômico de que sua indignação, mesmo que justa, não era o estado de espírito mais adequado para se adorar a Deus. Quando se acalmou um pouco levantou-se e prosseguiu.

O braço leste da igreja, o coro, era dividido em duas partes. Mais próximo da interseção ficava o coro, com assentos de madeira para os monges durante os serviços.

Um pouco além ficava o santuário com o túmulo do santo. Philip deslocou-se por trás do altar, tencionando se acomodar num dos lugares do coro; porém, foi detido por um ataúde.

Parou, surpreso. Ninguém lhe dissera que tinha morrido um monge. Porém, é claro, só falara com três pessoas: Paul, que era velho e um pouco distraído; e os dois cavaleiros, a quem não dera chance de encetar conversa. Aproximou-se do caixão para ver quem era. Quando o fez, seu coração falhou uma batida.

Era o prior James.

Philip ficou olhando fixamente, espantado, com a boca aberta. Agora tudo mudava. Haveria um novo prior, novas esperanças...

Aquele júbilo não era a reação apropriada para a morte de um venerável irmão, fossem quais fossem seus pecados. Philip compôs o rosto e a mente numa expressão de luto. Estudou o homem morto. O prior tinha os cabelos brancos e o rosto fino; andava recurvado. Agora sua expressão perpetuamente extenuada se fora, e em vez de preocupado e desconsolado ele parecia em paz. Quando Philip ajoelhou-se ao lado do esquife e murmurou uma oração, perguntou-se se algum grande problema não teria pesado no coração do velho nos últimos anos de sua vida: um pecado inconfessado, uma mulher pranteada, ou um malefício dirigido a um inocente. O que quer que tivesse sido, ele agora só iria falar a seu propósito no dia do Juízo Final.

A despeito de sua resolução, Philip não conseguiu impedir a mente de se voltar para o futuro.

O prior James, indeciso, ansioso e irresoluto, deixara uma indesejável e persistente influência. Agora haveria um novo prior, alguém que disciplinasse os servos preguiçosos, consertasse a igreja e aproveitasse a grande riqueza da propriedade, fazendo do priorado uma força poderosa para o bem. Estava excitado demais para ficar quieto. Levantou-se e saiu andando, com uma nova leveza nos passos, até o coro, onde se acomodou num dos lugares vazios ao

fundo.

A missa estava sendo rezada pelo sacristão, Andrew de York, um homem irascível e de cara vermelha, que parecia estar permanentemente à beira de um ataque apoplético.

Era um dos decanos, os monges mais antigos que dirigiam o mosteiro. Sua área de responsabilidade era tudo o que fosse sagrado: os serviços religiosos, os livros, as relíquias, os hábitos, os ornamentos e, acima de tudo, a construção do prédio da igreja. Trabalhando sob suas ordens havia um chantre para supervisionar a música e um tesoureiro para cuidar dos candelabros de ouro e prata com pedras preciosas, dos cálices e dos outros vasos sagrados. Ninguém tinha autoridade sobre o sacristão, exceto o prior e o subprior, Remigius, que era um grande amigo de Andrew.

Andrew lia o missal no seu costumeiro tom de ira mal contida. A cabeça de Philip estava um verdadeiro torvelinho, e se passou algum tempo até que ele notasse que o serviço não estava sendo conduzido de modo conveniente. Um grupo de jovens monges fazia barulho, rindo e falando. Philip viu que estavam fazendo pouco do velho mestre dos noviços, que caíra no sono. Os jovens monges - muitos dos quais haviam sido noviços sob a autoridade do velho mestre até uma data bastante recente, e que provavelmente ainda sentiam a dor das suas varadas - jogavam bolinhas de terra nele. Cada vez que uma o atingia no rosto, ele estremecia e mudava de posição, mas não acordava. Andrew parecia não se dar conta do que estava ocorrendo. Philip olhou à sua volta, procurando o monge encarregado da disciplina. Ele estava na extremidade oposta do coro, mergulhado em profunda conversação com outro monge, sem prestar atenção na missa ou no comportamento dos jovens.

Philip ficou observando por mais um instante. Mesmo em seus melhores momentos, não tinha paciência para aquele tipo de coisa. Um dos monges parecia ser o líder, um rapaz bonito com pouco mais de vinte e um anos de idade e sorriso endiabrado. O prior o viu mergulhar a ponta da faca na parte superior de uma vela acesa e atirar o sebo derretido na careca do mestre dos noviços. Quando a gordura quente caiu em sua cabeça, o velho monge acordou com um ganido, e os jovens saltaram gargalhadas.

Com um suspiro, Philip deixou seu lugar. Aproximou-se do rapaz pelas costas, agarrou-lhe a orelha e, rispidamente, rebocou-o para fora do coro, levando-o para o transepto sul. Andrew ergueu os olhos do missal e fitou Philip com expressão de desagrado; não vira nada do que acontecera antes.

Quando já não podiam ser ouvidos pelos outros monges, Philip parou, soltou a orelha do rapaz e perguntou:

- Nome?
- William Beauvis.
- E que diabo se apossou de você durante a missa solene?

William pareceu ficar emburrado.

- Eu estava cansado - disse.

Monges que reclamavam da sorte jamais conseguiam angariar a simpatia de Philip.

- Cansado? - perguntou, erguendo um pouco a voz. - O que você fez hoje?

- Matinas e laudes no meio da noite - disse William desafiadoramente -, prima antes do desjejum, depois a terça, missa do cabido, estudo e agora missa solene.

- E você comeu?

- Fiz meu desjejum.

- E espera jantar.

- Sim.

- A maioria das pessoas da sua idade trabalha exaustivamente no campo do raiar do sol ao cair da noite para comer de manhã e para jantar - e ainda dão um pouco do seu pão para você! Sabe por quê?

- Sei - respondeu William, esfregando os pés e olhando para o chão.

- Diga.

- Porque querem que os monges cantem as orações para eles.

- Correto. Camponeses que trabalham duro lhes dão carne, pão e um dormitório de pedra com fogo no inverno... e você está tão cansado que não consegue assistir à missa solene até o fim por eles!

- Desculpe, irmão.

Philip olhou para William por mais um momento. Não havia grande mal nele. A culpa verdadeira era de seus superiores, indiferentes ao ponto de permitirem brincadeiras rudes dentro da igreja.

- Se os serviços religiosos o cansam - disse Philip delicadamente -, por que se tornou monge?

- Sou o quinto filho do meu pai.

Philip balançou a cabeça.

- E sem dúvida ele deu terras ao priorado, desde que você fosse aceito.

- Sim, uma fazenda.

Era uma história comum. Um homem com excesso de filhos dava um a Deus, assegurando-se de que Ele não rejeitaria o presente por intermédio de uma doação que sustentasse o filho na pobreza monástica. Desse modo, muitos homens sem vocação se tornavam monges desobedientes.

- Se você fosse transferido para uma granja, digamos, ou para o meu pequeno mosteiro de St.-John-in-the-Forest, onde há muito trabalho a ser realizado ao ar livre, e um tempo bem menor é dedicado ao culto, acha que isso poderia ajudá-lo a participar dos serviços religiosos de um modo mais adequado?

O rosto de William iluminou-se.

- Sim, irmão, acho que ajudaria!

- Foi o que pensei. Verei o que pode ser feito. Mas não se anime demais - terá de esperar até que tenhamos um novo prior e aí pedir que o transfiram.

- Muito obrigado, assim mesmo!

O culto terminou e os monges começaram a deixar a igreja em procissão. Philip levou um dedo aos lábios para encerrar a conversa. Quando os monges atravessaram o transepto sul, Philip e William entraram na fila e foram sair no claustro, um quadrângulo com uma galeria coberta adjacente ao lado sul da nave. Ali a procissão interrompeu-se. Philip virou-se na direção da cozinha, mas seu caminho foi barrado pelo sacristão, que assumiu uma pose agressiva à sua frente, com os pés separados e as mãos nas cadeiras

- Irmão Philip - disse ele.

- Irmão Andrew - disse Philip, perguntando-se o que teria acontecido.

- Que negócio foi esse de interromper a missa solene?

Philip ficou estupefato.

- Interromper a missa? - perguntou, incrédulo. - O rapaz estava se comportando mal. Ele...

- Sou perfeitamente capaz de conter maus procedimentos nos serviços que ofício! - disse Andrew, erguendo a voz. O movimento de dispersão dos monges foi interrompido, e todos ficaram por perto para ouvir o que era dito.

Philip não pôde compreender todo aquele espalhafato. Jovens monges e noviços ocasionalmente tinham de ser disciplinados pelos irmãos mais velhos durante os cultos, e não havia regra que dissesse que só o sacristão podia fazer isso.

- Mas você não viu o que estava acontecendo - disse Philip.

- Ou talvez tenha visto, mas achado melhor tratar do caso mais tarde.

Philip estava bastante seguro de que ele não vira nada.

- O que foi que viu, então? - desafiou.

- Não pense que pode me questionar! - berrou Andrew. Seu rosto vermelho ficou púrpura. - Você pode ser o prior de um pequeno mosteiro na floresta, mas já sou sacristão aqui há doze anos e conduzirei os ofícios da catedral do modo como julgo adequado - sem ajuda de estranhos com a metade da minha idade!

Philip começou a pensar que talvez tivesse mesmo errado - de outro modo, por que Andrew estaria tão furioso? Contudo, uma briga ali no claustro não era um espetáculo edificante para os outros monges, e tinha que terminar.

Philip engoliu o orgulho, cerrou os dentes e baixou a cabeça, submisso.

- Considero-me corrigido, irmão, e humildemente peço seu perdão - disse.

Andrew estava preparado para uma sessão de gritos, e aquela retirada prematura do seu oponente não o satisfez.

- Pois que não aconteça de novo - disse descortemente.

Philip nada replicou. Andrew tinha que ter a última palavra, de modo que

qualquer outra observação da parte dele só serviria para justificar uma tréplica. Permaneceu olhando para o chão e mordendo a língua, enquanto o sacristão o fixava por alguns momentos. Finalmente este girou nos calcanhares e se afastou, com a cabeça erguida.

Os outros monges ficaram olhando para o prior. Aborrecia-o ser humilhado por Andrew, mas fora obrigado a ceder, pois um monge orgulhoso é um mau monge. Sem falar com ninguém, deixou o claustro.

Os alojamentos ficavam na parte sul do quadrado do claustro, com o dormitório no canto sudeste e o refeitório no sudoeste. Philip tomou a direção oeste, passando através do refeitório e saindo mais uma vez no lado público do adro, num ponto de onde podia ver a casa de hóspedes e as cocheiras. Ali, no canto sudoeste do adro, ficava o pátio da cozinha, cercado nos três lados pelo refeitório, a cozinha propriamente dita, a padaria e a cervejaria. Uma carroça cheia de nabos aguardava ser descarregada. Philip subiu os degraus da porta da cozinha e entrou.

Teve a impressão de levar um soco. O ar era quente e pesado com o cheiro do peixe que estava sendo preparado, e havia um barulho estridente de panelas batendo e de ordens gritadas. Três cozinheiros, vermelhos com o calor e com a pressa, estavam preparando o jantar com a ajuda de seis ou sete auxiliares. Havia duas imensas lareiras, uma em cada extremidade do aposento, ambas com o fogo bem alto, e em cada uma delas cerca de vinte peixes, talvez um pouco mais, estavam sendo assados num espeto que um menino suarento girava. O cheiro do peixe fez a boca de Philip se encher de água. Dois jovens diante de um cepo de açougueiro cortavam bisnagas de pão com uma jarda de comprimento em grossas fatias a serem usadas como trinchos, ou pratos comestíveis. Supervisionando o caos aparente, um monge: irmão Milius, o cozinheiro, um homem mais ou menos da idade de Philip. Estava sentado num banco alto, observando a atividade frenética à sua volta com um sorriso imperturbável, como se estivesse tudo em ordem e perfeitamente organizado - o que talvez fosse verdade, ao seu olhar experimentado. Ele sorriu para Philip e disse:

- Muito obrigado pelo queijo.

- Ah, sim. - Philip esquecera-se do queijo; muita coisa acontecera desde sua chegada. - É feito exclusivamente com o leite da primeira ordenha - vai ver como tem um gosto sutil e diferente.

- Já estou com água na boca. Mas você parece triste. Algo errado?

- Nada. Troquei umas palavras ásperas com Andrew. - Philip fez um gesto conciliador, como se quisesse afastar o sacristão do pensamento. - Posso apanhar uma pedra quente do fogo?

- Claro.

Havia diversas pedras no fogo da cozinha prontas para serem retiradas e usadas para aquecer rapidamente pequenas quantidades de água ou sopa.

- Irmão Paul, na ponte - explicou Philip -, está com uma friagem, e Remigius não quer lhe dar uma fogueira. - Ele apanhou um par de tenazes de cabo comprido e removeu uma pedra.

Milius abriu um armário e apanhou um pedaço de couro velho que um dia fora uma espécie de avental.

- Tome, embrulhe nisto.

- Obrigado. - Philip pôs a pedra quente no meio do couro e levantou-o cuidadosamente pelas pontas.

- Ande depressa - disse Milius. - A comida está pronta.

Philip saiu com um aceno. Atravessou o pátio da cozinha e dirigiu-se para o portão. À sua esquerda, do lado de dentro e junto da parede oeste, ficava a azenha. Muitos anos antes, um canal fora escavado a montante do priorado, a fim de trazer água do rio para o açude da azenha. Após impulsionar a roda, a água corria por um canal subterrâneo até a cervejaria, a cozinha, a fonte no claustro onde os monges lavavam as mãos antes das refeições e finalmente a latrina, ao lado do dormitório; depois virava para o sul e se despejava de novo no rio. Um dos antigos priores tinha sido um inteligente planejador.

Havia uma pilha de palha suja do lado de fora, notou Philip: os cavaleiros estavam cumprindo suas ordens e lavando as cocheiras. Passou pelo portão e atravessou a aldeia, rumo ao portão.

Teria sido presunção da minha parte reprovar o jovem William Beauvis?, perguntou a si próprio enquanto passava por entre as choças. Acabou por achar que não. Na verdade, teria sido errado ignorar tal interferência durante o culto.

Chegou à ponte e enfiou a cabeça no pequeno abrigo de Paul.

- Aqueça os pés nisto aqui - disse, entregando-lhe a pedra quente embrulhada no couro. - Quando esfriar um pouco, tire o couro e ponha os pés direto na pedra. Deve durar até o cair da noite.

O irmão Paul ficou pateticamente agradecido. Na mesma hora tirou as sandálias e pôs os pés em cima do embrulho.

- Já posso sentir a dor diminuindo - disse.

- Se você recolocar a pedra no fogo da cozinha logo mais à noite, estará quente de novo amanhã de manhã - disse Philip.

- Será que o irmão Milius não vai se incomodar? - perguntou ele nervosamente.

- Eu garanto.

- Você é muito bom para mim, irmão Philip.

- Não é nada. - O prior saiu antes que o agradecimento do monge se tornasse embaraçoso. Era apenas uma pedra quente.

Retornou ao priorado. Entrou no claustro, lavou as mãos na bacia de pedra que ficava na calçada sul e depois prosseguiu para o refeitório. Um dos monges estava lendo em voz alta num atril. O jantar era uma refeição que devia

se fazer em silêncio, a não ser pela leitura, mas o barulho constante de quarenta e tantos monges comendo era bem apreciável, e havia também muitos cochichos, a despeito da regra. Philip enfiou-se num lugar vazio a uma das mesas compridas. O monge a seu lado comia com enorme prazer. Atraiu o olhar de Philip e murmurou:

- Peixe fresco hoje.

Philip balançou a cabeça. Vira o peixe na cozinha. Seu estômago roncou.

- Ouvimos dizer que vocês têm peixe fresco todos os dias, no seu mosteiro na floresta - disse o monge, e havia inveja em sua voz.

Philip sacudiu a cabeça.

- De vez em quando temos galinha - cochichou. O monge pareceu ainda mais invejoso.

- Aqui é peixe salgado, seis vezes por semana.

Um criado colocou uma fatia grossa de pão na frente de Philip, e, em cima dela, um peixe recendendo aos temperos do irmão Milius. A boca de Philip encheu-se de água.

Estava a ponto de atacar o peixe com sua faca quando um monge, na outra extremidade da mesa, levantou-se e apontou para ele. Era o monge responsável pela disciplina.

Que será agora?, pensou Philip.

O encarregado da disciplina quebrou a regra do silêncio, como era seu direito.

- Irmão Philip!

Os outros monges pararam de comer e o refeitório ficou em silêncio.

Philip parou com a faca em cima do peixe e ergueu os olhos, na expectativa.

- A regra manda não servir jantar para os atrasados - disse ele.

Philip suspirou. Parecia incapaz de fazer qualquer coisa certa naquele dia. Tirou a faca, entregou o pão e o peixe ao servente e baixou a cabeça para ouvir a leitura.

Durante o período de descanso após o jantar, Philip foi para a despensa, embaixo da cozinha, a fim de conversar com Cuthbert Cabeça Branca, o despenseiro. A despensa era uma galeria grande e escura com pilares grossos e baixos e janelas minúsculas. O ar era seco e impregnado com o cheiro dos gêneros: lúpulo e mel, maçãs em conserva e temperos secos, queijos e vinagre. Encontrava-se habitualmente o irmão Cuthbert ali, pois seu trabalho não lhe deixava muito tempo para os cultos, o que convinha ao seu temperamento: era uma pessoa inteligente e prática, com pouco interesse pela vida espiritual. O despenseiro era a contraparte material do sacristão.

Cuthbert tinha de prover todas as necessidades práticas dos monges, reunindo o que era produzido nas fazendas e granjas do mosteiro e indo ao

mercado comprar o que os monges e seus empregados não fossem capazes de suprir a si próprios. O trabalho requeria cuidadoso planejamento e muita cautela. Cuthbert não o realizava sozinho.

Milius, o cozinheiro, era responsável pelo preparo das refeições, e havia um camareiro que cuidava das roupas dos monges. Estes dois trabalhavam sob suas ordens, e havia oficialmente mais três monges sob seu controle, mas que tinham um certo grau de independência: o hospedeiro, o enfermeiro, que tomava conta dos monges velhos e doentes num prédio separado, e o esmoler. Mesmo com essas pessoas ajudando, Cuthbert tinha a seu cargo uma tarefa formidável. No entanto ele registrava tudo inteiramente na cabeça, dizendo que era uma pena gastar pergaminho e tinta. Philip suspeitava que Cuthbert nunca tivesse aprendido a ler e escrever muito bem. Seu cabelo era branco desde quando jovem, daí a alcunha de Cabeça Branca, agora, porém, já passava dos sessenta, e o único cabelo que lhe restava era o que crescia em tufo espessos e brancos nas orelhas e narinas, como que para compensar a calvície. Como Philip fora despenseiro no seu primeiro monastério, entendia os problemas de Cuthbert e simpatizava com suas rabugices. Consequentemente, ele gostava do prior. Agora, sabendo que ele não pudera comer, apanhou meia dúzia de pêras num barril. Estavam um pouco murchas, mas saborosas, e Philip comeu agradecido, enquanto Cuthbert se queixava das finanças do mosteiro.

- Não posso compreender como o priorado pode estar devendo - disse Philip, com a boca cheia.

- Não devia - disse Cuthbert. - Tem mais terras e coleta dízimos de mais igrejas paroquiais do que nunca.

- Então, por que não somos ricos?

- Você sabe o sistema que temos aqui - a propriedade do mosteiro é dividida basicamente entre os monges que o dirigem. O sacristão tem suas terras, eu tenho as minhas, e há menores dotações para o mestre dos noviços, o hospedeiro, o enfermeiro e o esmoler. O resto pertence ao prior. Cada um usa a receita da sua propriedade para cumprir suas obrigações.

- E o que há de errado nisto?

- Bem, toda esta propriedade deveria ser cuidada. Por exemplo, suponha que tenhamos alguma terra disponível e a aluguemos, em troca de dinheiro. Não deveríamos simplesmente entregá-la a quem fizesse a melhor oferta e receber o dinheiro. Precisaríamos ter cuidado para encontrar um arrendatário e supervisioná-lo a fim de nos certificar de que fosse um bom agricultor; de outro modo, as pastagens ficariam saturadas de água, o solo, cansado, e o locatário seria incapaz de pagar o aluguel, e assim nos devolveria a terra em péssimas condições. Ou pegue uma granja, cultivada por nossos empregados e dirigida por monges; se ninguém visitar a granja a não ser para recolher o que produz, os monges se tornarão preguiçosos e depravados, os empregados roubarão a colheita, e a granja

produzirá cada vez menos, com o passar dos anos. Até mesmo de uma igreja é preciso que se tome conta. Não devíamos apenas recolher os dízimos, mas também colocar nas igrejas um bom padre, que saiba latim e leve uma vida santa. Se não for assim, as pessoas cairão numa vida ímpia, casando, tendo filhos e morrendo sem a bênção da Igreja, e fraudando nossos dízimos.

- Todos deveriam administrar sua propriedade cuidadosamente - disse Philip, quando terminou a última pêra.

Cuthbert serviu um copo de vinho de um barril.

- Deveriam, mas temos outras coisas na cabeça. De qualquer modo, o que o mestre dos noviços sabe sobre agricultura? Por que um enfermeiro deveria saber administrar bem uma propriedade? Claro que um prior rigoroso os obrigará a empregar bem os recursos, até um certo ponto. Mas nós tivemos um prior fraco por treze anos, e agora estamos sem dinheiro para reparar a catedral, comemos peixe salgado seis vezes por semana, a escola se encontra praticamente sem noviços e ninguém mais vem para a nossa casa de hóspedes.

Philip tomou um gole do vinho em melancólico silêncio. Achava difícil pensar com frieza sobre tão espantosa dissipação dos recursos de Deus. Tinha vontade de pegar quem quer que fosse o responsável e sacudi-lo até que demonstrasse algum bom senso. Mas nesse caso o responsável estava deitado num caixão atrás do altar. Havia, pelo menos, um vislumbre de esperança.

- Em breve teremos um novo prior - disse. - Ele deverá colocar as coisas no lugar.

Cuthbert dirigiu-lhe um olhar de espanto.

- Remigius? Pôr as coisas no lugar?

Philip não estava certo do que Cuthbert quisera dizer.

- Remigius não vai ser o novo prior, vai?

- É provável.

Philip ficou assustado.

- Mas ele não é melhor que o prior James! Por que os irmãos haveriam de votar em Remigius?

- Bem, porque eles desconfiam de estranhos, e não votariam em quem não conhecem. Isso quer dizer que será um de nós. E Remigius é o subprior, o monge mais antigo aqui.

- Mas não há regra que diga que tenhamos de escolher o monge mais antigo - protestou Philip. - Poderia ser outro dos que têm funções específicas. Como você.

Cuthbert assentiu com a cabeça.

- Já me perguntaram. Recusei.

- Mas por quê?

- Estou ficando velho, Philip. Minhas atuais obrigações me derrotariam, se não estivesse tão acostumado a ponto de cumpri-las automaticamente. Qualquer

responsabilidade a mais seria excessiva. Certamente não tenho energia para pegar um mosteiro negligenciado como este e reformá-lo. No final não seria melhor que Remigius.

Philip ainda não podia acreditar.

- Há os outros: o sacristão, o encarregado da disciplina, o mestre dos noviços...

- O mestre dos noviços está velho e mais cansado do que eu. O hospedeiro é glutão e bêbado. E o sacristão e o encarregado da disciplina comprometeram-se a votar em Remigius. Por quê? Não sei, mas adivinho. Eu diria que Remigius prometeu promover o sacristão a subprior e fazer do encarregado da disciplina o novo sacristão, como recompensa pelo apoio deles.

Philip afundou-se nos sacos de farinha que formavam seu assento.

- Você está me dizendo que Remigius já assegurou sua eleição?

Cuthbert não respondeu imediatamente. Levantou-se e foi até o outro lado do depósito, onde arrumou, em linha, uma tina de madeira cheia de enguias vivas, um balde com água limpa e um barril com a terça parte cheia de salmoura.

- Ajude-me com isto - disse. Pegou uma faca. Depois escolheu uma enguia na tina, bateu com a cabeça dela no chão de pedra e em seguida a estripou com a faca. Entregou o peixe, ainda se retorcendo fracamente, a Philip. - Lave no balde e depois jogue no barril - disse. - Servirão para matar nossa fome durante a Quaresma.

Philip lavou o peixe tão cuidadosamente quanto pôde no balde, e depois atirou-o na água salgada.

- Há outra possibilidade - disse Cuthbert, estripando outra enguia: - um candidato que fosse um bom prior para reformas e cujo nível hierárquico, embora abaixo do subprior, seja o mesmo do sacristão ou do despenseiro.

Philip mergulhou o peixe no balde.

- Quem?

- Você.

- Eu? - Philip ficou tão surpreso que deixou cair a enguia no chão. Tecnicamente era verdade, mas ele nunca se vira em nível de igualdade com o sacristão e com os outros porque todos eram mais velhos que ele.

- Sou muito jovem...

- Pense nisso - disse Cuthbert. - Você passou toda a vida em mosteiros. Foi despenseiro aos vinte e um anos. Já é prior de um mosteiro pequeno há uns quatro ou cinco anos, e o reformou. Está claro para todo mundo que a mão de Deus está sobre você.

Philip recuperou a enguia fugida e deixou-a cair no barril de salmoura.

- A mão de Deus está sobre todos nós - disse, evitando comprometer-se. Estava atônito com a sugestão de Cuthbert. Queria um novo prior enérgico para Kingsbridge, mas não pensara em si próprio para o cargo. - É verdade que eu

seria melhor prior que Remigius - disse pensativamente.

Cuthbert pareceu satisfeito.

- Se você tem um defeito, Philip, é sua inocência.

Ele não se via como inocente.

- O que você quer dizer com isso?

- Não procura os motivos básicos nas pessoas, como a maioria de nós faz.

Por exemplo, o mosteiro todo presume que você é candidato e que veio aqui para solicitar os votos dos monges.

Philip ficou indignado.

- Baseado em que diz isso?

- Tente ver seu comportamento do modo como uma mente desconfiada, mesmo que pouco, veria. Chegou aqui logo depois da morte do prior James, como se alguém lhe tivesse mandado uma mensagem secreta.

- Mas como eles imaginam que eu teria organizado isso?

- Não sabem, claro, mas acreditam que você seja mais esperto do que é. - Cuthbert voltou a estripar as enguias. - E olhe só como se comportou hoje. Assim que entrou mandou que o estábulo fosse limpo. Depois interferiu naquela brincadeira sem graça durante a missa solene. Falou em transferir o jovem William Beauvis para outra casa, quando todo mundo sabe que a transferência de monges é uma prerrogativa dos priores. Criticou implicitamente Remigius levando uma pedra quente para o irmão Paul na ponte. E finalmente trouxe um queijo delicioso para a cozinha, do qual todos nós comemos uma fatia depois do jantar - e embora ninguém dissesse de onde vinha, nenhum de nós poderia deixar de reconhecer o sabor de um queijo de St.-John-in-the-Forest.

Philip ficou embaraçado ao ver que suas ações tinham sido mal interpretadas.

- Qualquer um poderia ter feito essas coisas.

- Qualquer monge mais graduado poderia ter feito uma delas. Ninguém mais poderia ter feito todas. Você entrou e foi assumindo o comando! Já começou a reformar a casa. E, é claro, os amigos de Remigius estão contra-atacando. Foi por isso que Andrew Sacristão o descompôs no claustro.

- Então é essa a explicação! Eu não sabia o que tinha dado nele. - Philip lavou uma enguia pensativamente. - E suponho que o encarregado da disciplina me fez renunciar ao jantar pelo mesmo motivo.

- Exatamente. Um modo de humilhá-lo na frente dos monges. Suspeito que em ambos os casos o tiro tenha saído pela culatra, a propósito. Nenhuma das repreensões era justificada, e no entanto você as aceitou de maneira graciosa. Na verdade conseguiu se sair santamente nos dois casos.

- Não procedi com essa intenção.

- Tampouco os santos. Tocou o sino da nona. É melhor deixar o resto das enguias comigo. Após o culto é hora de estudo, e é permitida a discussão no

claustro. Muitos irmãos vão querer falar com você.

- Não tão depressa! - disse Philip ansiosamente. - Só porque as pessoas presumem que eu queira ser o prior não quer dizer que vá me candidatar à eleição. - Ele se sentia intimidado com a perspectiva de uma disputa eleitoral e não estava seguro de que quisesse abandonar seu bem organizado mosteiro na floresta e assumir os problemas formidáveis do priorado de Kingsbridge. - Preciso de tempo para pensar - ponderou.

- Sei disso - Cuthbert endireitou-se e fitou Philip nos olhos. - Quando estiver pensando, por favor, se lembre disto: orgulho excessivo é pecado, mas um homem pode com a mesma facilidade frustrar a vontade de Deus por humildade demasiada.

Philip aquiesceu.

- Vou me lembrar. Muito obrigado.

Deixou a despensa e dirigiu-se apressadamente para o claustro. Sua mente estava em torvelinho quando se juntou aos outros monges e entrou na igreja. Sentia-se violentamente excitado com a perspectiva de se tornar prior de Kingsbridge, percebeu. Fazia anos que estava furioso com a maneira vergonhosa como o priorado vinha sendo dirigido, e agora tinha uma chance de consertar tudo com as próprias mãos. De repente não tinha certeza se seria capaz. Não era só uma questão de ver o que devia ser feito e dar ordens. Era preciso persuadir as pessoas, dirigir as propriedades, encontrar dinheiro. Era um trabalho para uma pessoa sábia. A responsabilidade seria pesada.

A igreja o acalmou, como acontecia sempre. Depois do mau comportamento matinal os monges estavam quietos e solenes. Enquanto ouvia as frases familiares do culto e murmurava as respostas como fazia há tantos anos, sentiu-se capaz de pensar claramente mais uma vez.

Quero ser o prior de Kingsbridge?, perguntou-se, e a resposta veio imediatamente: Sim! Encarregar-me desta igreja caindo aos pedaços, consertá-la, pintá-la e enchê-la com o canto de cem monges e as vozes de mil fiéis dizendo o pai-nosso... Somente por isso ele queria o cargo. Havia então a propriedade do mosteiro, a ser reorganizada e revitalizada, tornando-se saudável e produtiva de novo. Queria ver um bando de garotinhos aprendendo a ler e a escrever num canto do claustro. Queria a casa de hóspedes cheia de luz e calor, para que bispos e barões a visitassem, dotando o priorado com presentes preciosos antes de irem embora. Queria ter um aposento especial separado para funcionar como biblioteca, enchendo-o com livros de sabedoria e beleza. Sim, ele queria ser o prior de Kingsbridge.

Haverá algum outro motivo?, perguntou. Quando me vejo como prior, realizando essas melhorias pela glória de Deus, há orgulho no meu coração?

Oh, sim.

Ele não podia enganar a si próprio no ambiente frio e sagrado da igreja.

Seu alvo era a glória de Deus, mas a glória de Philip o agradava também. Gostava da ideia de dar ordens a que ninguém pudesse se contrapor. Via-se tomando decisões, administrando justiça, aconselhando e encorajando, decretando penitências e concedendo perdões, da maneira como achasse adequada. Imaginou as pessoas dizendo: "Philip de Gwynedd reformou tudo aquilo. Estava uma vergonha quando ele assumiu, e olhe só agora!"

Mas seria bom, pensou. Deus me deu um cérebro capaz de administrar bens e propriedades e a capacidade de liderar grupos de homens. Provei isso, como despenseiro em Gwynedd e como prior em St.-John-in-the-Forest. E quando dirijo um lugar, os monges se sentem felizes. No meu priorado os velhos não sofrem com o frio e os jovens não se sentem frustrados com a falta de trabalho. Tomo conta das pessoas.

Por outro lado, tanto Gwynedd quanto St.-John-in-the-Forest eram fáceis, se comparados com o priorado de Kingsbridge. Gwynedd sempre tivera boa direção. O mosteiro da floresta estava com problemas quando assumira, mas era muito pequeno e fácil de controlar. A reforma de Kingsbridge era o desafio de uma vida. Podiam ser necessárias algumas semanas só para descobrir onde existiam recursos - quanta terra havia e onde, se eram florestas, pastagens ou campos de trigo. Assumir o controle de propriedades dispersas, descobrir o que estava errado e consertar e costurar as partes num todo bem-sucedido seria o trabalho de anos. Tudo o que Philip tinha realizado no mosteiro da floresta fora fazer um pouco mais de dez homens trabalharem duro no campo e rezarem solenemente na igreja.

Está certo, admitiu, meus motivos são maculados e minha capacidade é duvidosa. Talvez eu devesse recusar a disputa. Pelo menos estaria certo de ter evitado o pecado do orgulho, mas o que fora mesmo que Cuthbert dissera? "Um homem pode com a mesma facilidade frustrar a vontade de Deus por humildade demasiada."

O que Deus deseja?, perguntou-se finalmente. Quer Remigius? Tem menos capacidade que eu, e seus motivos provavelmente não são mais puros. Haverá outro candidato?

Não no momento presente. Até que Deus revele uma terceira possibilidade temos que presumir que a escolha está entre mim e Remigius.

É claro que ele dirigiria o monastério do modo como o fez nos períodos em que o prior James esteve doente, que é o mesmo que dizer que seria preguiçoso e negligente e permitiria que o declínio do priorado continuasse. E eu? Estou cheio de orgulho e meus talentos ainda não foram comprovados - mas tentarei reformar o mosteiro, e, se Deus me der forças, conseguirei.

Está bem, então, disse ele a Deus quando o culto chegou ao fim; está bem. Vou aceitar a indicação, e lutar com todas as minhas forças para ganhar a eleição; e se o Senhor não me quiser... se não me quiser, por algum motivo que preferiu

ocultar de mim, então terá que me deter do jeito que puder.

Embora Philip tivesse passado vinte e dois anos em mosteiros, sempre servira sob priores longevos, de modo que não tinha a experiência de uma eleição. Era um evento único na vida monástica, pois ao votarem os monges não eram obrigados a ser obedientes - de súbito todos se tornavam iguais.

Houve um tempo, se é que se podia acreditar na lenda, em que os monges eram iguais em tudo. Um grupo de homens decidia voltar as costas ao mundo do apetite carnal e construir um santuário numa região erma, onde poderiam viver a vida de orações e desprendimento; e assumiam uma nesga de terra árida, limpando a floresta e drenando o pântano, aravam o solo e construíam sua igreja. Naquele tempo eram realmente como irmãos. O prior, como seu título indicava, era apenas o primeiro entre iguais, e eles juravam obediência perante a Regra de São Bento, e não a autoridades monásticas. Mas tudo o que restara agora da antiga democracia era a eleição do prior e do abade.

Alguns monges não se sentiam à vontade com o poder que tinham. Queriam que lhes dissessem como votar, ou sugeriam que a decisão fosse delegada a uma comissão de monges mais velhos. Outros abusavam do privilégio e se tornavam insolentes, ou ainda exigiam favores em troca de seu apoio. Muitos simplesmente se sentiam ansiosos para tomar a decisão certa.

No claustro, naquela tarde, Philip falou com a maioria deles, sozinhos, ou em grupos, e disse a todos, candidamente, que queria o cargo e que achava que seria capaz de desempenhá-lo melhor que Remigius, a despeito de sua juventude. Respondeu às perguntas deles, quase todas versando sobre as rações de comida e bebida. Encerrava cada conversa dizendo: "Se cada um de nós tomar sua decisão ponderada e piedosamente, com certeza Deus abençoará o resultado" - o que era prudente, e no que também ele acreditava.

- Estamos ganhando - disse Milius, o cozinheiro, na manhã seguinte, quando ele e Philip tomavam o desjejum de pão preto com um pouco de cerveja, enquanto os ajudantes acendiam o fogo.

Philip deu uma mordida no pão e bebeu um gole de cerveja para amolecer. Milius era um jovem exuberante e inteligente, protegido de Cuthbert e admirador de Philip.

Tinha cabelo escuro liso e rosto pequeno, com feições regulares. Como o despenseiro, sentia-se feliz por poder servir a Deus de maneira prática e faltar à maior parte dos serviços religiosos. Philip suspeitou do seu otimismo.

- Como foi que você chegou a esta conclusão? - perguntou ceticamente.

- Todo o pessoal de Cuthbert no mosteiro apoia você: o camareiro, o enfermeiro, o mestre dos noviços e eu -, porque sabemos que é um bom provedor, e as provisões são o grande problema no presente regime. Muitos dos monges comuns votarão em você por uma razão similar: pensam que irá administrar o priorado melhor, e disso resultará mais conforto e melhor comida.

Philip franziu a testa, preocupado.

- Não quero enganar ninguém. Minha prioridade será reparar a igreja e melhorar os cultos. Isso vem antes da comida.

- Tudo bem, e eles sabem disso - apressou-se a responder Milius. - É por isso que o hospedeiro e um ou dois outros votarão em Remigius: preferem um regime mais relaxado e uma vida mansa. Os outros que o apoiam são todos seus amigos que antecipam privilégios especiais quando ele estiver na direção e estou falando do sacristão, do encarregado da disciplina, do tesoureiro e assim por diante. O chanfre é amigo do sacristão, mas penso que poderia ser conquistado para o nosso lado, especialmente se você prometer designar um bibliotecário.

Philip aquiesceu. O chanfre era o encarregado da música, e achava que não devia tomar conta dos livros, além dos seus deveres.

- De qualquer modo é uma boa ideia - disse Philip. - Precisamos de um bibliotecário para aumentar nossa coleção de livros.

Milius levantou-se do banco e começou a afiar uma faca de cozinha. Ele tinha muita energia e precisava fazer qualquer coisa com as mãos, concluiu Philip.

- Há quarenta e quatro monges em condições de votar disse o cozinheiro. - Havia quarenta e cinco, claro, mas um está morto. Minha estimativa é que dezoito estão conosco e dez com Remigius, restando dezesseis indecisos. Precisamos de vinte e três para ter a maioria. Isso significa que temos de ganhar o voto de cinco indecisos.

- Quando se fala desse modo, parece fácil - disse Philip.

- De quanto tempo dispomos?

- Impossível dizer. Os irmãos convocam a eleição, mas se for cedo demais o bispo pode se recusar a confirmar nossa escolha. E se a adiarmos em demasia, pode nos ordenar que a convoquemos. Também tem o direito de designar um candidato. Neste momento ele provavelmente ainda nem soube que o antigo prior está morto.

- Pode ser então que disponhamos de um longo período de tempo.

- Sim. E quando estivermos certos de contar com a maioria, você deverá voltar para seu mosteiro, e ficar por lá até que tudo esteja acabado.

Philip ficou intrigado com a sugestão.

- Por quê?

- A familiaridade gera o desprezo. - Milius gesticulou com a faca afiada, entusiasticamente. - Desculpe-me se pareço desrespeitoso, mas você perguntou. No momento você tem uma aura. É uma figura remota e santificada, sobretudo para nós, os mais moços. Operou um milagre naquele pequeno mosteiro, reformando-o e tornando-o auto-suficiente. É um disciplinador exigente, mas alimenta bem os seus monges. É um líder nato, mas é capaz de baixar a cabeça e aceitar uma reprimenda como o mais jovem dos noviços. Conhece as Escrituras e também é capaz de fazer o melhor queijo do país.

- E você exagera.

- Não muito.

- Não posso crer que as pessoas pensem em mim desse jeito; não é natural.

- Tem razão, não é mesmo natural - reconheceu Milius, com outro pequeno dar de ombros. - E não vai durar depois que o conhecerem. Se ficar aqui, perderá essa aura. Verão que você palita os dentes e coça o rabo, saberão que ronca e peida, descobrirão como se comporta quando está de mau humor, ou quando seu orgulho está ferido ou tem dor de cabeça. Não queremos que isso aconteça. Deixemos que fiquem vendo Remigius se desgastar, cometendo seus erros, enquanto sua imagem permanece resplandecente e perfeita na cabeça deles.

- Não gosto disso - disse Philip, perturbado. - Dá uma sensação de fraude.

- Não há nada de desonesto nisso - protestou Milius. - É um reflexo verdadeiro de quão bem você serviria a Deus e ao mosteiro se fosse o prior... e quão mal Remigius nos governaria.

Philip sacudiu a cabeça.

- Recuso-me a bancar o anjo. Tudo bem, não ficarei aqui; tenho mesmo que voltar para a floresta, de qualquer modo. Mas precisamos ser sinceros com os irmãos. Estamos lhes pedindo que elejam um homem falível e imperfeito, que precisará da sua ajuda e das suas preces.

- Diga-lhes isso! - exclamou Milius, entusiasmado, - É perfeito; eles vão amar.

Ele era incorrigível, pensou Philip. Mudou de assunto.

- Qual é a sua impressão dos irresolutos, os irmãos que ainda não se decidiram?

- São conservadores - respondeu o cozinheiro, sem hesitação. - Vêem Remigius como o mais velho, aquele que fará menos modificações, o previsível, aquele que está efetivamente encarregado de tudo, no presente momento.

Philip aquiesceu, balançando a cabeça.

- E me olham com medo, como se eu fosse um cachorro estranho que pudesse morder.

O sino tocou para o cabido. Milius engoliu o último gole de cerveja.

- Haverá algum tipo de ataque contra você agora, Philip. Não posso prever que forma terá, mas eles vão tentar retratá-lo como jovem, inexperiente, teimoso e não-confiável. Você tem de aparentar ser calmo, cauteloso e judicioso, mas deixe comigo e com Cuthbert a tarefa de defendê-lo.

Philip começou a se sentir apreensivo. Aquele era um novo jeito de ser - avaliar cada movimento e calcular como os outros iriam interpretar e julgar. Um tom ligeiramente desaprovador apareceu em sua voz quando disse:

- Em geral, só penso em como Deus veria o meu comportamento.

- Eu sei, eu sei - disse Milius, impaciente. - Mas não é pecado ajudar um sujeito mais simples a ver os seus atos na luz correta.

Philip fez uma expressão de desagrado. Milius era perturbadoramente racional.

Deixaram a cozinha e foram para o claustro, passando pelo refeitório. Philip estava muito ansioso. Ataque? O que significava aquilo, um ataque? Diriam mentiras a seu respeito? Como deveria reagir? Se mentissem sobre ele, ficaria furioso. Deveria conter a raiva, a fim de parecer calmo, conservador e tudo mais? Mas se fizesse isso, os irmãos não iriam pensar que as mentiras eram verdadeiras? Decidiu que agiria como sempre; talvez ficasse apenas um pouco mais grave e sério.

A casa do cabido era uma pequena construção redonda adjacente à calçada leste do claustro. Era mobiliada com bancos dispostos em círculos concêntricos. Não tinha um fogo, e era fria para quem saía da cozinha. A luz vinha de janelas altas, situadas acima do nível dos olhos, de modo que não havia o que ver, senão os outros monges no salão.

Philip fez justamente aquilo. Quase todo o mosteiro estava presente. Havia todas as idades, de dezessete a setenta; altos e baixos, morenos e louros; todos vestidos com o hábito de lã não alvejada de fabricação caseira e calçados com sandálias de couro. O hospedeiro estava ali; a barriga protuberante e o nariz vermelho mostrando seus vícios - que seriam perdoáveis, pensou Philip, se jamais tivesse tido algum hóspede. Presente também estava o camareiro, que obrigava os monges a trocar de hábito e a se barbear no Natal e no Pentecostes (um banho, nas mesmas datas, era recomendado, mas não compulsório). Encostado à parede do outro lado estava o irmão mais velho, franzino, pensativo e imperturbável, cujo cabelo ainda era mais grisalho que branco; um homem que falava rara, mas efetivamente; um homem que decerto teria sido prior se não fosse tão modesto. Ali estava o irmão Simon, com seu olhar furtivo e mãos inquietas, um homem que confessava pecados de impureza com tanta frequência que (como Milius cochichara a Philip) parecia ser provável que gostasse mais da confissão que do pecado. Viam-se também William Beauvis, comportando-se; o irmão Paul, quase sem mancar; Cuthbert Cabeça Branca, parecendo senhor de si; John Pequeno, o diminuto tesoureiro; e Pierre, encarregado da disciplina, o homem de palavras duras que deixara Philip sem jantar na véspera. Quando este olhou à sua volta, percebeu que todos o encaravam, e baixou a cabeça, envergonhado.

Remigius entrou com Andrew Sacristão, e os dois sentaram perto de John Pequeno e Pierre. Então, pensou Philip, não iam querer ser nada além de uma facção.

O cabido começou com uma leitura sobre Simeão Estilita, o santo do dia. Era um anacoreta que passou a maior parte de sua vida em cima de uma coluna, e, embora não pudesse haver nenhuma dúvida quanto à sua capacidade de renúncia, Philip sempre abrigara uma dúvida secreta acerca do real valor do seu

testemunho. Multidões iam ver Simeão, mas seria para se sentirem espiritualmente enaltecidas ou para verem uma aberração?

Depois das preces veio a leitura de um capítulo do livro de São Bento. Era da leitura diária de um capítulo que a reunião e o próprio edifício onde se realizavam ganharam o nome de "cabido".¹

1 Do latim "capitulu".

Remigius levantou-se para ler, e enquanto fez uma pausa com o livro à sua frente, Philip examinou-lhe atentamente o perfil, vendo-o pela primeira vez com olhos de rival. Remigius tinha um jeito brusco e eficiente de se mover e de falar que lhe dava um ar de competência em inteiro desacordo com seu verdadeiro caráter. Um exame mais detido revelava indícios do que havia por baixo da fachada: seus olhos azuis um tanto proeminentes mexeram-se depressa de um jeito ansioso, a boca de aparência fraca abriu e fechou hesitantemente umas duas ou três vezes antes de ele falar e suas mãos foram cerradas e abertas repetidas vezes, muito embora o resto do seu corpo estivesse quieto. A autoridade que tinha era oriunda de sua arrogância, do seu jeito petulante e do desprezo com que tratava os subordinados.

Philip perguntou-se por que ele teria escolhido a si próprio para ler o capítulo. Um momento mais tarde compreendeu.

- "O primeiro grau da humildade é a pronta obediência" - leu Remigius. Ele escolhera o "Capítulo cinco", que tratava da obediência, para lembrar a todos da sua antiguidade e de como eram seus subordinados. Uma tática de intimidação. Remigius não tinha nada de tolo. - "Eles não vivem como seria do seu desejo, e tampouco obedecem às suas vontades e prazeres; mas, seguindo o comando e a direção de outro e residindo em seus monastérios, o desejo deles é ser governados por um abade. Sem dúvida, homens como esses cumprem as palavras de Nosso Senhor: Eu não vim para fazer a minha vontade, e sim a vontade Daquele que me mandou." - Remigius estava definindo as linhas gerais da batalha no modo esperado: nesse contexto ele iria representar a autoridade estabelecida.

O capítulo foi seguido pelo necrológio, e naquele dia, é claro, todas as preces se voltaram para a alma do prior James. A parte mais animada da reunião foi guardada para o fim: discussão de negócios, confissão de erros e acusações de má conduta.

- Houve uma perturbação da ordem durante a missa solene de ontem - começou Remigius.

Philip sentiu-se quase aliviado. Agora sabia como ia ser atacado. Não estava seguro de que sua ação da véspera fora certa, mas sabia o motivo pelo qual agira e estava pronto a se defender.

- Eu próprio não estava presente - prosseguiu Remigius. - Fiquei preso na casa do prior, tratando de negócios urgentes, mas o sacristão me contou o ocorrido.

Foi interrompido por Cuthbert Cabeça Branca.

- Não se recrimine por causa disso, irmão Remigius - disse, numa voz apaziguadora. - Sabemos que, em princípio, os negócios do mosteiro nunca devem ter prioridade sobre missas solenes, mas compreendemos que a morte do nosso amado prior fez com que você tivesse de tratar de muitos assuntos fora de sua competência normal. Sinto que todos nós concordamos que nenhuma penitência é necessária.

A velha raposa, pensou Philip. Claro que Remigius não tivera intenção de confessar um erro. Mesmo assim, Cuthbert o perdoara, fazendo com que todos pensassem que uma falha tinha sido admitida. Agora, mesmo que Philip fosse considerado culpado de algum erro, estaria tão-somente sendo colocado no mesmo nível de Remigius. Além disso, Cuthbert plantara a sugestão de que Remigius estava tendo dificuldade para dar conta dos deveres do prior. Minara por completo a autoridade de Remigius com algumas palavras aparentemente bondosas. O subprior pareceu furioso. Philip sentiu a emoção do triunfo apertar-lhe a garganta.

Andrew Sacristão fulminou Cuthbert com um olhar acusador.

- Tenho certeza de que nenhum de nós desejaria criticar nosso respeitado subprior - disse. - O distúrbio referido foi causado pelo irmão Philip, do Mosteiro de St.-John-in-the-Forest, que está nos visitando. Ele tirou o jovem William Beauvis do seu lugar no coro, puxou-o para o transepto sul e ali o repreendeu enquanto eu conduzia o culto.

Remigius compôs o rosto numa máscara de pesarosa reprovação.

- Talvez seja lícito dizer que todos nós concordamos que Philip deveria ter esperado até o fim da missa.

Philip examinou a expressão dos outros monges. Pareceu-lhe que nem concordavam nem discordavam do que estava sendo dito. Acompanhavam os acontecimentos com o ar de espectadores num tomeio, em que não há certo ou errado e só interessa quem vencerá.

Philip teve vontade de protestar: Se eu tivesse esperado, o mau comportamento se estenderia por toda a missa, mas se lembrou do conselho de Milius e guardou silêncio; o cozinheiro falou por ele.

- Também faltei à missa, como frequentemente é minha desdita, pois a missa solene é rezada logo antes do jantar; assim, talvez você possa me dizer, irmão Andrew, o que estava acontecendo no coro quando o irmão Philip fez o que foi dito. Estava tudo ocorrendo em ordem e da forma devida?

- Havia um pouco de desassossego entre os jovens - respondeu o sacristão, emburrado. - Eu pretendia falar com eles mais tarde.

- É compreensível que você seja vago a respeito dos detalhes; sua cabeça estava na missa - disse Milius caridosamente.

- Por sorte, temos um monge cuja obrigação específica é cuidar das falhas de comportamento entre nós. Diga-nos, irmão Pierre, o que você viu.

A expressão dele foi hostil.

- Exatamente o que o sacristão acabou de lhe contar.

- Parece que teremos de perguntar ao irmão Philip em pessoa para saber dos detalhes - disse Milius.

Milius fora muito inteligente, pensou Philip. Demonstrara que nem o sacristão nem o encarregado da disciplina tinham visto o que os jovens monges estavam fazendo durante a missa. Mas embora Philip admirasse o talento dialético do cozinheiro, sentia-se relutante em jogar aquele jogo. Escolher um prior não era uma competição de dotes intelectuais, era uma questão de procurar conhecer a vontade de Deus. Ele hesitou. Milius estava olhando para Philip com um olhar que dizia: Agora é a sua chance! Entretanto, havia uma veia de teimosia em Philip, que aparecia com mais clareza quando alguém tentava forçá-lo a uma posição moralmente duvidosa. Fitou Milius nos olhos e disse:

- Foi como os meus irmãos descreveram.

O queixo de Milius caiu. Ele encarou Philip, incrédulo. Chegou a abrir a boca, mas visivelmente não tinha o que dizer. Philip sentiu-se culpado por tê-lo abandonado.

Eu me explicarei com ele depois, pensou, se não estiver zangado demais.

Remigius estava prestes a continuar pressionando com a acusação quando outra voz disse:

- Eu gostaria de me confessar.

Todo mundo olhou. Era William Beauvis, o transgressor original, de pé e com a aparência de quem estava envergonhado.

- Eu estava atirando bolinhas de lama no mestre dos noviços e rindo - disse, numa voz baixa, mas clara. - O irmão Philip fez com que eu me envergonhasse do que estava fazendo. Suplico a Deus o perdão e peço aos irmãos que me dêem uma penitência. - Ele se sentou abruptamente.

Antes que Remigius pudesse reagir, outro jovem se ergueu e disse:

- Tenho uma confissão. Fiz o mesmo. Peço uma penitência. - Ele se sentou de novo.

O acesso súbito de consciências pesadas foi contagioso; um terceiro monge confessou, e depois um quarto e um quinto.

A verdade foi que, a despeito dos escrúpulos de Philip, ele não pôde deixar de se sentir satisfeito. Viu que Milius lutava para reprimir um sorriso de triunfo. A confissão não deixara dúvida de que tinha havido quase uma revolta bem no nariz do sacristão e do encarregado da disciplina.

Os culpados foram sentenciados, por um Remigius extremamente

insatisfeito, a uma semana de silêncio total; não deviam falar e ninguém devia lhes falar. Tratava-se de uma punição mais severa do que podia parecer. Philip a sofrera quando jovem. Até mesmo por um único dia o isolamento era opressivo, e por uma semana inteira era angustiante.

Mas Remigius estava apenas dando vazão à sua raiva por ter sido ultrapassado em sua manobra. Uma vez que eles tinham confessado, não restava outra opção senão puni-los, embora ao fazê-lo estivesse implicitamente declarando que o prior de St.-John-in-the-Forest tivera razão. Seu ataque a Philip fracassara, e este sentiu-se triunfante.

A despeito de uma pontada de culpa, saboreou o momento.

No entanto, a humilhação de Remigius ainda não fora completa.

Cuthbert falou de novo.

- Houve outro problema que deveríamos discutir. Teve lugar no claustro, logo após a missa solene. - Philip perguntou-se o que poderia estar por vir. - O irmão Andrew acareou o irmão Philip e o acusou de mau comportamento. - Claro que sim, estava pensando Philip; todo mundo sabia disso. Cuthbert continuou: - Agora, todos nós sabemos que a hora e o lugar para tais acusações é aqui no cabido. E há bons motivos para que nossos antepassados assim tenham determinado. A irritação se acalma durante a noite e as queixas podem ser discutidas na manhã seguinte, em uma atmosfera de calma e moderação; e toda a comunidade pode contribuir com sua sabedoria coletiva para resolver o problema. Mas, lamento dizer, Andrew desobedeceu a essa sensata regra e fez uma cena no claustro, perturbando a todos e usando linguagem violenta. Não tomar uma providência num caso desses seria injusto para com os irmãos mais jovens, que foram punidos pelo que fizeram.

Foi impiedoso e brilhante, pensou Philip, feliz. A questão de saber se ele estivera certo ao tirar William do coro durante a missa nunca chegara a ser discutida.

Toda tentativa de colocá-la fora transformada num inquérito para apurar o comportamento do acusador. E era assim que deveria ser, já que a queixa de Andrew contra Philip fora insincera. Cuthbert e Milius tinham desacreditado Remigius e seus dois principais aliados, Andrew e Pierre.

O rosto normalmente vermelho de Andrew ficou roxo de raiva, e Remigius pareceu quase assustado. Philip ficou satisfeito - eles mereciam -, mas também preocupado porque sua humilhação arriscava estar indo longe demais.

- É impróprio que irmãos mais moços discutam a punição dos mais velhos - disse ele. - Que o subprior trate deste assunto em particular. - Olhando à sua volta, Philip viu que os monges aprovavam sua magnanimidade, e percebeu que, sem querer, marcara outro ponto.

Parecia estar acabado. A opinião de todos ali na reunião estava com Philip, que tinha certeza de que ganhara o voto da maioria dos indecisos. Foi então que

Remigius disse:

- Há outra questão que quero levantar.

Philip examinou o rosto do subprior. Parecia desesperado. Deu uma olhada em Andrew Sacristão e Pierre Disciplinador e viu que ambos pareciam surpresos. Tratava-se então de algo não planejado. Remigius iria pedir o cargo, então?

- A maioria de vocês sabe que o bispo tem o direito de indicar candidatos à nossa consideração - começou Remigius. - Ele também pode se recusar a confirmar nossa escolha. A divisão de forças é capaz de gerar um antagonismo entre o bispo e o mosteiro, como alguns irmãos mais velhos conhecem de experiência própria. No final, o bispo não pode nos impor seu candidato, nem tampouco podemos insistir no nosso; e o conflito tem que ser resolvido pela negociação. Nesse caso, o resultado depende muito da determinação e da união dos irmãos - especialmente de sua união.

Philip não gostou do que ouviu. Remigius contivera a raiva e estava mais uma vez calmo e arrogante. Não dava para saber o que estava por vir, mas a sensação de triunfo de Philip evaporou.

- A razão pela qual menciono isso hoje é que duas informações importantes chegaram ao meu conhecimento - prosseguiu Remigius. - A primeira é que pode haver mais de um candidato entre nós, aqui nesta sala. - Essa informação não surpreendeu ninguém, pensou Philip. - A segunda é que o bispo também indicará um candidato.

Houve uma pausa sugestiva. Aquilo era uma má notícia para as duas facções. Alguém perguntou:

- Sabe quem o bispo quer?

- Sim - foi a resposta, e neste instante Philip teve certeza de que Remigius estava mentindo. - A escolha do bispo é o irmão Osbert de Newbury.

Um ou dois monges engasgaram. Todos ficaram horrorizados. Conheciam Osbert, que fora encarregado da disciplina em Kingsbridge por algum tempo. Era filho ilegítimo do bispo, e considerava a Igreja puramente como um lugar onde podia viver uma vida de ócio e fartura. Nunca fizera tentativa alguma de obedecer aos seus votos; mal e mal mantinha as aparências e confiava no pai para se manter fora de encrenca. A perspectiva de tê-lo como prior era assustadora, inclusive para os amigos de Remigius.

Só o encarregado dos hóspedes e dois dos seus amigos irremediavelmente depravados podiam favorecer Osbert, na expectativa de um regime de disciplina frouxa e de desmazelada condescendência.

Remigius continuou a trabalhar o assunto.

- Se designarmos dois candidatos, irmãos, o bispo poderá dizer que estamos divididos e que não conseguimos tomar uma decisão coletiva, e por isso terá de decidir por nós, que deveremos acatar sua escolha. Se quisermos resistir a

Osbert, o melhor será termos um só candidato; e talvez, devo acrescentar, nos certificarmos de que nosso candidato não possa ser facilmente acusado com base na sua juventude ou inexperiência.

Houve um murmúrio de concordância. Philip ficou arrasado. Um momento antes estivera certo da vitória, mas ela lhe fora arrancada das mãos. Todos os monges agora estavam com Remigius, vendo nele o candidato seguro, o candidato de união, o homem para vencer Osbert. Philip tinha certeza de que Remigius estava mentindo a respeito de Osbert, mas isso não faria diferença. Os monges estavam assustados, e apoiariam Remigius; e isso significava mais anos de declínio para Kingsbridge.

- Vamos nos retirar, pensar e orar acerca deste problema enquanto realizamos os trabalhos de Deus hoje - disse Remigius, antes que alguém pudesse fazer comentários.

Ele levantou-se e saiu, seguido por Andrew, Pierre e John Pequeno, estes três parecendo aturdidos, mas triunfantes.

Assim que saíram, rompeu um burburinho de conversação entre os outros. Milius disse para Philip:

- Nunca pensei que Remigius fosse capaz de um truque desses.

- Ele está mentindo - disse Philip amargamente. - Tenho certeza.

Cuthbert juntou-se a eles e ouviu a observação de Philip.

- Na verdade não tem importância se ele está ou não mentindo, não é mesmo? A ameaça é suficiente.

- A verdade um dia surgirá - disse Philip.

- Não obrigatoriamente - replicou Milius. - Suponha que o bispo não designe Osbert. Remigius dirá que o bispo cedeu ante a perspectiva de uma batalha com o priorado unido.

- Não estou disposto a ceder - disse Philip, teimoso.

- O que mais podemos fazer? - perguntou Milius.

- Podemos descobrir a verdade.

- Não podemos - disse Milius.

Philip exigiu o máximo que pôde do cérebro. A frustração era uma agonia.

- Por que não podemos simplesmente perguntar?

- Perguntar? O que você está querendo dizer?

- Perguntar ao bispo quais são suas intenções - explicou Philip.

- Como?

- Podíamos mandar uma mensagem ao palácio do bispo, não podíamos? - disse Philip, pensando em voz alta. Olhou para Cuthbert.

Cuthbert ficou pensativo.

- Sim. Mando mensageiros o tempo todo para algum lugar. Poderia enviar um ao palácio, e perguntar ao bispo quais seriam suas intenções? - perguntou Milius ceticamente.

Philip fez uma careta. Ali estava o problema. Cuthbert concordou com Milius.

- O bispo não nos dirá - disse.

Philip foi tomado por uma inspiração. Sua expressão se desanuviou e ele deu um soco na palma da mão excitadamente quando viu a solução.

- Não, não o bispo. Mas o arcediogo nos dirá o que queremos saber.

Naquela noite sonhou com Jonathan, o bebê abandonado. No sonho a criança estava na entrada da capela de St.-John-in-the-Forest e Philip estava do lado de dentro, lendo o culto da prima, quando um lobo veio se esgueirando do mato e atravessou o campo, sorrateiro como uma cobra, dirigindo-se ao bebê. Philip ficou com medo de se mover para não causar um distúrbio durante o ofício religioso e ser repreendido por Andrew e Remigius, que estavam ali (embora na verdade nenhum dos dois jamais tivesse estado no mosteiro). Decidiu gritar, mas, embora tentasse, não produziu nenhum som, como frequentemente acontece nos sonhos. Por fim fez um esforço tão grande para gritar que acordou, e ficou no escuro, trêmulo, ouvindo o ressonar dos monges que dormiam à sua volta, até se convencer lentamente de que o lobo não era de verdade.

Mal pensara no bebê desde a chegada a Kingsbridge. Perguntou-se o que faria com ele se se tornasse o prior. Tudo seria diferente então. Um bebê num mosteiro escondido no meio da floresta era algo sem consequências, embora pouco usual. O mesmo bebê no priorado de Kingsbridge causaria agitação. Por outro lado, o que havia de errado nisso? Não era pecado dar às pessoas assunto para comentários. Ele seria o prior, e portanto poderia fazer o que bem entendesse. Podia trazer Johnny Oito *Pence* para Kingsbridge, a fim de cuidar do bebê. A ideia o agradou. É exatamente o que farei, pensou. Foi só então que se lembrou de que, com toda a probabilidade, não seria o prior.

Ficou acordado até de madrugada, febril de impaciência. Não havia nada que pudesse fazer agora para ajudar o seu lado. Era inútil falar com os monges, pois o espírito deles estava dominado pela ameaça de Osbert. Alguns tinham mesmo procurado Philip e lhe dito que sentiam pela sua derrota, como se a eleição já tivesse acontecido.

Resistira à tentação de chamá-los de covardes infiéis. Apenas sorrira e lhes dissera que ainda poderiam ter uma surpresa. Mas sua própria fé não era forte. O arcediogo talvez não estivesse no palácio; ou talvez estivesse, mas, por algum motivo, não quisesse contar a Philip quais eram os planos do bispo; ou ainda - e a hipótese mais provável, dado o caráter de Waleran - pudesse ter seus próprios planos.

Philip levantou-se de madrugada com os outros monges e foi para a igreja rezar a prima, o primeiro serviço do dia. Depois se dirigiu para o refeitório, tencionando tomar o desjejum, com os outros, mas Milius o interceptou e o

chamou, com um gesto furtivo, para a cozinha. Philip seguiu-o, os nervos tensos. O mensageiro devia haver voltado; nesse caso, fora extremamente rápido. Devia ter tido sua resposta imediatamente e começado a viagem de volta ainda no dia anterior, à tarde. Mesmo assim, andara muito depressa. Philip não conhecia nenhum cavalo no estábulo do priorado capaz de fazer aquela jornada tão rapidamente. Mas qual seria a resposta?

Não era o mensageiro quem estava esperando na cozinha - era o arcediogo em pessoa, Waleran Bigod.

Philip encarou-o, espantado. Seu vulto esguio e coberto de negro em um banco lembrava um corvo empoleirado num toco de árvore. A ponta do nariz bicudo estava vermelha de frio. Ele aquecia as mãos ossudas e brancas numa taça de vinho quente aromatizado.

- Foi muita bondade sua ter vindo! - explodiu Philip.

- Fico satisfeito que você me tenha escrito - disse Waleran friamente

- É verdade? - perguntou ele, impaciente. - O bispo vai nomear Osbert?

Waleran levantou a mão para interrompê-lo.

- Já chego lá. Cuthbert aqui está me contando os acontecimentos de ontem.

Philip disfarçou o desapontamento. Aquilo não era uma proposta direta. Examinou o rosto de Waleran, tentando ler seu pensamento. Ele tinha, sem dúvida, seus próprios planos, mas Philip não era capaz de adivinhar quais eram.

Cuthbert - a quem inicialmente não vira, sentado ao lado do fogo, mergulhando o pão na cerveja a fim de amaciá-lo para seus dentes de velho - recomeçou a narrativa do cabido da véspera. Philip remexia-se inquietamente, tentando adivinhar quais seriam as intenções de Waleran. Experimentou um pedaço de pão, mas descobriu que estava tenso demais para engolir. Bebeu um pouco da cerveja aguada, só para ter o que fazer com as mãos.

- E assim - disse Cuthbert por fim - achamos que a nossa única chance era tentar descobrir as intenções do bispo; e afortunadamente Philip julgou que poderia se valer do conhecimento dele com você, e foi por isso que lhe mandamos a mensagem.

- E agora você nos dirá aquilo que queremos saber? - perguntou Philip impacientemente.

- Sim, eu lhes direi. - Waleran descansou o vinho sem ter tomado um único gole. - O bispo gostaria que seu filho fosse o prior de Kingsbridge.

O coração de Philip confrangeu-se.

- Então Remigius disse a verdade.

- No entanto - continuou Waleran -, o bispo não está disposto a arriscar uma briga com os monges.

Philip franziu o cenho. Aquilo era mais ou menos o que Remigius antecipara - mas alguma coisa não estava direita.

- Você não veio até aqui só para nos dizer isso - disse a Waleran.

O arcediogo dirigiu um olhar de respeito a Philip, que viu que presumira corretamente.

- Não - disse Waleran. - O bispo me pediu que visse como andava o estado de espírito do mosteiro. E me autorizou a efetuar a nomeação em seu nome. Na verdade, tenho comigo seu selo, de modo que posso escrever uma carta de designação, formalizando o assunto. Tenho sua total autoridade, entende?

Philip levou um momento para digerir aquilo. Waleran recebera o poder de efetuar uma designação e assiná-la com o selo do bispo. Isso significava que ele pusera todo o assunto em suas mãos. Estava falando com a autoridade do bispo.

- Você aceita o que Cuthbert lhe disse, que se Osbert fosse designado haveria uma desavença que o bispo quer evitar? - perguntou Philip, depois de respirar fundo.

- Eu entendo assim - respondeu Waleran.

- Então não vai designar Osbert.

- Não.

- Então, a quem vai designar?

- Você... ou Remigius.

- A capacidade de Remigius para dirigir o priorado...

- Conheço a capacidade dele e a sua - interrompeu o arcediogo, levantando mais uma vez a mão branca e magra para calar Philip. - Sei qual dos dois daria o melhor prior. - Ele fez uma pausa. - Mas há outra questão.

O que será agora?, perguntou-se Philip. O que mais poderá haver para se levar em consideração, sem ser quem seria o melhor prior? Olhou para os outros. Milius também estava espantado, mas Cuthbert exibia um sorriso quase imperceptível, como se soubesse o que estava por vir.

- Como você - disse Waleran -, anseio para que os postos importantes da Igreja sejam destinados a homens enérgicos e capazes, sem considerar sua idade, em vez de serem dados, como recompensa pelos longos serviços prestados, a homens idosos cuja santidade pode ser maior que sua capacidade administrativa.

- Claro - disse Philip impacientemente. Não via a relevância do sermão.

- Deveríamos trabalhar juntos com este objetivo, vocês três e eu.

- Não sei aonde você está querendo chegar - disse Milius.

- Eu sei - disse Cuthbert.

Waleran recompensou o despenseiro com um leve sorriso e voltou sua atenção para Philip.

- Deixem-me ser franco - disse. - O bispo está velho. Um dia ele morrerá, e precisaremos de outro bispo, tal como hoje precisamos de um novo prior. Os monges de Kingsbridge têm o direito de eleger o novo bispo, pois o bispo de Kingsbridge é também o abade do priorado.

Philip franziu a testa. Aquilo era irrelevante. Estavam elegendo um prior, não um bispo.

- É claro que os monges não serão completamente livres para escolher quem quiserem como bispo - prosseguiu Waleran -, pois o arcebispo e o rei terão seus pontos de vista; contudo, no fim são os monges quem legitimam a designação. E quando chegar a hora, vocês três exercerão uma influência poderosa na decisão.

Cuthbert estava balançando a cabeça, como se seu palpite estivesse se confirmando, e agora também Philip vislumbrava o que seria dito.

- Quer que eu o faça o prior de Kingsbridge - concluiu o arcediogo. - Quero que me faça bispo.

Então era isso!

Philip ficou olhando em silêncio para Waleran. Era muito simples. O arcediogo queria fazer um trato.

Ficou chocado. Não era a mesma coisa que comprar e vender um cargo religioso, algo conhecido como o pecado da simonia; mas tinha um quê desagradavelmente comercial.

Tentou pensar com objetividade na proposta. Significava que seria o prior. Seu coração bateu mais depressa com a ideia. Entretanto, relutava em usar de quaisquer artifícios que lhe dessem o priorado.

Significava também que Waleran provavelmente seria bispo, em algum instante. Seria um bom bispo? Com certeza seria competente. Parecia não ter vícios sérios. Tinha uma visão bastante mundana e prática do serviço de Deus, mas este também era o caso de Philip. Sentia que Waleran tinha um lado mais desumano que ele, mas achava também que era movido por uma genuína determinação de proteger e fortalecer os interesses da Igreja.

Quem mais poderia ser candidato, quando o bispo viesse a falecer? Provavelmente Osbert. Não era impossível que cargos religiosos passassem de pai para filho, a despeito da exigência oficial do celibato. Osbert, é claro, poria mais em risco a Igreja como bispo que como prior. Valeria a pena apoiar um candidato até mesmo pior que Waleran só para deixar Osbert de fora.

Haveria algum outro candidato? Impossível saber. Poderiam se passar anos até que o bispo morresse.

- Não podemos garantir que você seja eleito - disse Cuthbert para Waleran.

- Eu sei. Estou pedindo apenas a sua indicação. Apropriadamente, é isso o que tenho a oferecer em troca - uma indicação.

Cuthbert aquiesceu.

- Concordo com isso - disse, solene.

- Eu também - disse Milius.

O arcediogo e os dois monges olharam para Philip. Ele hesitou, dividido. Aquilo não era modo de se escolher um bispo, sabia; porém, o priorado estava a

seu alcance.

Podia não estar certo barganhar um cargo religioso por outro, como negociantes de cavalos; porém, se ele recusasse, Remigius podia se tornar o prior, e Osbert, o bispo!

No entanto, os argumentos racionais agora pareciam acadêmicos. A vontade de ser prior exercia uma força irresistível dentro dele, e não podia recusar, não obstante prós e contras. Recordou a prece que fizera na véspera, dizendo a Deus que tencionava lutar pelo cargo. Ergueu os olhos agora e fez outra oração: Se não quer que isto aconteça, então paralise a minha língua, não deixe o ar entrar na minha garganta e me impeça de falar.

Então olhou para Waleran e disse:

- Aceito.

A cama do prior era imensa, três vezes a largura de qualquer cama em que Philip já dormira. A base de madeira erguia-se à metade da altura de um homem, e por cima dela havia um colchão de penas. Era cercada por cortinas, para evitar correntes de ar, nas quais se viam cenas bíblicas bordadas pelas mãos pacientes de alguma devota.

Philip examinou a cama com alguma apreensão. Já lhe parecia uma extravagância que o prior tivesse um quarto só para ele - nunca em sua vida Philip tivera um quarto só seu, e essa seria a primeira noite em que dormiria sozinho. A cama era exagerada. Pensou em mandar trazer um colchão de palha do refeitório e transferir a cama para a enfermaria, onde aliviaria a dor nos ossos velhos de algum monge enfermo. Mas é claro que a cama não se destinava apenas a Philip. Quando o priorado tivesse um hóspede especialmente importante, um bispo, um grande lorde ou mesmo um rei, ficaria com aquele quarto e o prior se transferiria para outro lugar. Assim, Philip não podia realmente se livrar dela.

- Você dormirá bem esta noite - disse Waleran Bigod, não sem uma ponta de inveja.

- Suponho que sim - disse Philip, na dúvida.

Tudo acontecera muito depressa. Waleran escrevera uma carta para o priorado, ali mesmo na cozinha, ordenando aos monges que convocassem uma eleição imediata e indicando Philip. Assinara o nome do bispo e selara com o selo dele. E depois os quatro tinham ido para o cabido.

Assim que Remigius os viu entrar, deu-se conta de que a batalha estava perdida. O arcediogo leu a carta, e os monges aplaudiram quando ele chegou ao nome de Philip.

Remigius teve a sabedoria de dispensar a formalidade do voto e declarar-se derrotado.

E Philip passou a ser o prior.

Conduzira o resto da reunião como que em transe, e depois atravessara o

gramado até a casa do prior, no lado sudeste do adro do priorado, a fim de assumir sua residência.

Quando viu a cama percebeu que sua vida havia mudado total e irrevogavelmente. Era especial, diferente, separado dos outros monges. Tinha poder e privilégios. E também responsabilidades. Sozinho, precisava fazer com que aquela pequena comunidade de quarenta e cinco homens sobrevivesse e prosperasse. Se sentissem fome, a culpa seria sua; se se tornassem depravados, ele é que deveria ser acusado; se infelicitassem a Igreja de Deus, Ele teria em Philip o responsável. Fora ele quem procurara aquele fardo, lembrou a si próprio; agora devia suportá-lo.

Seu primeiro dever como prior seria levar os monges para a igreja, onde haveria uma missa solene. Era Epifania, o décimo segundo dia depois do Natal, e dia santo.

Todos os aldeões estariam presentes, e mais gente viria dos arredores. Uma boa catedral, com um bom corpo de monges e reputação de ofícios espetaculares, poderia atrair mil pessoas ou mais. Até mesmo a árida Kingsbridge atrairia a maior parte da pequena nobreza local, pois o culto também era uma ocasião social em que as pessoas podiam encontrar os vizinhos e conversar de negócios.

Porém, antes da missa Philip tinha algo mais a discutir com Waleran, agora que finalmente estavam a sós.

- Aquela informação que lhe passei a respeito do conde de Shiring... - começou ele.

O arcediogo balançou a cabeça.

- Não esqueci; na verdade, pode vir a ser mais importante que a questão de quem é o prior ou o bispo. O conde Bartholomew já chegou à Inglaterra. Esperam-no em Shiring amanhã.

- O que você vai fazer? - perguntou Philip ansiosamente.

- Vou me utilizar de Sir Percy Hamleigh. Na verdade, espero que ele esteja na congregação hoje.

- Já ouvi falar dele, mas nunca o vi - disse Philip.

- Procure um lorde gordo com uma mulher horrível e um filho bonito. Não pode deixar de ver a mulher - é uma monstruosidade.

- O que o faz pensar que eles tomarão o lado do rei Estêvão contra o conde Bartholomew?

- Eles odeiam o conde.

- Por quê?

- O filho, William, estava noivo da filha do conde, mas ela brigou com ele e o casamento foi desfeito, para humilhação dos Hamleighs. Ainda estão sentindo a dor do insulto e agarrarão qualquer oportunidade para devolver o golpe a Bartholomew.

Philip aquiesceu, satisfeito. Sentia-se contente por ter se livrado daquela responsabilidade. O priorado de Kingsbridge já era um problema suficientemente grande para ele. Waleran podia cuidar do mundo exterior.

Deixaram a casa do prior e retomaram ao claustro. Os monges estavam esperando. Philip tomou seu lugar à frente da coluna e a procissão teve início.

Foi um bom momento quando entrou na igreja com os monges cantando à sua retaguarda. Gostou mais do que antecipara. Disse a si próprio que sua nova eminência simbolizava o poder que tinha agora para fazer o bem, e que por isso estava tão profundamente emocionado. Gostaria que o abade Peter de Gwynedd, pudesse vê-lo - o velho ficaria muito orgulhoso.

Levou os monges até seus lugares no coro. Um ofício importante como aquele era frequentemente conduzido pelo bispo. Nesse dia ficaria a cargo do seu representante, o arcediogo Waleran. Quando ele começou, Philip examinou a congregação, procurando a família que lhe descrevera. Havia umas quatrocentas e cinquenta pessoas de pé na nave, os ricos com seus pesados mantos e sapatos de couro, os camponeses em suas jaquetas grosseiras e botas de feltro ou tamancos de madeira. Philip não teve problema para descobrir os Hamleighs. Estavam quase na frente, perto do altar. Viu a mulher primeiro.

Waleran não exagerara - era repulsiva. Usava um capuz, mas a maior parte do rosto era visível, e sua pele estava coberta de furúnculos disformes em que tocava nervosamente o tempo todo. Ao seu lado estava um homem corpulento com cerca de quarenta anos: devia ser Percy. Suas roupas demonstravam que era um homem de considerável fortuna e poder, mas não na primeira categoria dos barões e condes.

O filho estava encostado numa das maciças colunas da nave. Era uma bela figura de homem, de cabelo muito louro e olhos estreitos e arrogantes. O casamento com a família do conde possibilitaria aos Hamleighs atravessar a linha que dividia os pequenos fidalgos do condado da nobreza do reino. Não era de admirar que estivessem furiosos com o cancelamento da união.

Philip retomou a atenção para o culto. Waleran estava celebrando um pouco depressa demais, para o gosto de Philip. Perguntou-se mais uma vez se teria agido corretamente concordando em designar o arcediogo para bispo quando este morresse. Waleran era um homem dedicado, mas parecia não valorizar a importância do culto. A prosperidade e o poder da Igreja eram apenas um meio para se atingir um fim, afinal: o objetivo supremo era a salvação das almas. Philip decidiu que não devia se preocupar demais com o arcediogo. A coisa já estava feita, agora; e de qualquer modo o bispo provavelmente frustraria a ambição de Waleran vivendo mais outros vinte anos.

A congregação era barulhenta. Nenhum dos fiéis conhecia as respostas, é claro; só os padres e os monges deveriam tomar parte, exceto nas orações mais conhecidas e nos améns. Algumas pessoas assistiam em silêncio reverente, mas

outras ficavam circulando, cumprimentando-se e tagarelando. É uma gente simples, pensou Philip; é preciso fazer alguma coisa para prender sua atenção.

A missa foi chegando ao fim, e Waleran dirigiu-se aos assistentes.

- A maioria de vocês sabe que o amado prior de Kingsbridge morreu. Seu corpo, que jaz conosco aqui na igreja, será posto para descansar no cemitério do priorado hoje, após o jantar. O bispo e os monges escolheram como seu sucessor o irmão Philip de Gwynedd, que entrou à nossa frente na igreja, esta manhã. - Parou, e Philip ergueu-se para liderar a saída da procissão. O arcediogo acrescentou: - Tenho outro triste comunicado.

Philip foi tomado de surpresa. Sentou-se prontamente.

- Acabei de receber uma mensagem - disse Waleran. Ele não recebera mensagem alguma, Philip sabia. Tinham estado juntos a manhã toda. O que o ardiloso arcediogo estaria aprontando agora?

- A mensagem fala de uma perda que muito fará sofrer a todos nós. - Ele fez outra pausa.

Alguém tinha morrido... mas quem? - Waleran sabia desde que chegara, mas guardara segredo, e agora ia fingir que tinha acabado de receber a notícia. Por quê?

Philip podia pensar apenas numa única possibilidade. E, se suas suspeitas estivessem corretas, Waleran era muito mais ambicioso e inescrupuloso do que imaginara.

Teria realmente enganado e manipulado a todos eles? Philip teria sido um mero peão em seu jogo?

As palavras finais do arcediogo confirmaram essa possibilidade.

- Caríssimos irmãos - disse solenemente -, o bispo de Kingsbridge está morto.

Capítulo 3

- Aquela cachorra estará lá - disse a mãe de William. - Tenho absoluta certeza..

O jovem olhou para a gigantesca fachada da Catedral de Kingsbridge com um misto de apreensão e veemente desejo. Se Lady Alien estivesse presente na missa da Epifania seria dolorosamente embaraçoso para todos eles, mas mesmo assim seu coração bateu mais depressa ante a perspectiva de revê-la.

Trotavam ao longo da estrada para Kingsbridge, William e o pai em cavalos de batalha e sua mãe num belo corcel, seguidos por três cavaleiros e três criados. Compunham um grupo impressionante e até mesmo aterrador, o que agradava a William; os camponeses que caminhavam pela estrada espalhavam-se ante seus vigorosos cavalos. A mãe, porém, estava fervendo de raiva.

- Todos sabem, até mesmo esses servos desventurados disse ela, por entre os dentes cerrados. - Contam inclusive piadas a nosso respeito. "Quando a noiva não é noiva? Quando o noivo é Will Hamleigh!" Mandeí que açoitassem um homem por isso, mas não adiantou. Queria agarrar aquela vagabunda, arrancar-lhe a pele em vida, pendurá-la num prego e deixar os pássaros bicarem sua carne.

William queria que ela mudasse de assunto. A família fora humilhada e a culpa tinha sido de William - pelo menos era o que a mãe dizia - e ele não queria ser lembrado disso.

Passaram ruidosamente pela frágil ponte de madeira que levava à aldeia de Kingsbridge e tocaram os cavalos para subir a rua principal para o priorado.

Já havia uns vinte ou trinta cavalos pastando a escassa grama do cemitério ao lado norte da igreja, mas nenhum tão bonito quanto os dos Hamleighs. Eles seguiram até o estábulo e deixaram as montarias com os cavaleiros.

Cruzaram o gramado em formação. William e o pai, um de cada lado da mãe, depois os cavaleiros atrás deles, e os criados fechando o cortejo. As pessoas abriam caminho, mas o jovem podia vê-los cutucando-se uns aos outros e apontando, e não teve dúvida de que estavam cochichando acerca do casamento cancelado. Arriscou um olhar para a mãe, e, pela medonha expressão do seu rosto, podia dizer que achava a mesma coisa.

Entraram na igreja.

William detestava igrejas. Eram frias e escuras mesmo com tempo bom, e sempre havia aquele cheiro de ar viciado nos cantos sombrios e nos túneis baixos das naves laterais. Pior que tudo, as igrejas faziam com que pensasse nos tormentos do inferno, e ele tinha pavor do inferno.

Esquadrinhou a congregação com os olhos. A princípio mal podia

distinguir as pessoas por causa da escuridão. Após alguns momentos seus olhos se adaptaram. Não viu Aliena. Procurou mais acima, na nave. Não parecia estar presente. Sentiu-se ao mesmo tempo aliviado e frustrado. Então a viu, e seu coração falhou uma batida.

Ela estava do lado sul da nave, à frente, acompanhada por um cavaleiro que William não conhecia e cercada por homens de armas e damas de companhia. Estava de costas para ele, mas seu cabelo escuro ondulado era inconfundível. Quando a reconheceu ela se virou, mostrando a curva suave da maçã do rosto e o nariz reto e autoritário.

Seus olhos, tão escuros que eram quase pretos, encontraram os de William. Ele prendeu a respiração. Os olhos dela, já grandes, arregalaram-se quando o viram. O jovem queria aparentar um jeito descuidado, como se não a tivesse visto, mas não pôde. Desejava que ela sorrisse para ele, nem que fosse um imperceptível ricto dos seus lábios cheios, nada além de um polido reconhecimento. Inclinou a cabeça na direção dela - um mero aceno, longe de parecer uma reverência. A expressão de Aliena ficou muito séria, e a jovem voltou a ficar de frente para o altar.

William estremeceu como se estivesse sofrendo uma grande dor. Sentiu-se como um cachorro afastado do caminho com um pontapé, e a vontade que teve foi de se enfiar num canto onde ninguém pudesse vê-lo. Virou-se para um lado e para o outro, perguntando-se se alguém teria visto aquela troca de olhares. Ao encaminhar-se mais para a frente junto com os pais, percebeu que as pessoas olhavam dele para Aliena e vice-versa, cutucando-se e cochichando. Fixou os olhos adiante, para não encarar ninguém. Teve que se forçar a andar de cabeça erguida. Como fez isso conosco?, pensou. Somos uma das famílias mais orgulhosas do sul da Inglaterra e ela nos fez sentir pequenos. A lembrança o enfureceu e ele teve ímpetos de sacar da espada e atacar alguém, qualquer um.

O xerife de Shiring cumprimentou o pai de William e os dois homens se apertaram as mãos. As pessoas desviaram o olhar, procurando coisas novas para cochichar. William ainda estava furioso. Jovens nobres aproximavam-se de Aliena e faziam-lhe reverências, numa torrente incessante. Ela estava disposta a sorrir para eles.

A missa começou. William perguntou-se como fora possível tudo dar tão errado. O conde Bartholomew tinha um filho para herdar seu título e sua fortuna, de modo que o único destino que reservava para a filha era formar uma aliança. Aliena tinha dezesseis anos e era virgem; como não demonstrava inclinação para ser freira, presumia-se que se sentiria deleitada em se casar com um saudável nobre de dezenove anos. Afinal, as considerações políticas podiam, com a mesma facilidade, fazer com que seu pai quisesse casá-la com um conde quarentão gordo e reumático ou mesmo com um barão careca de sessenta anos.

Uma vez que o acordo fora fechado, William e seus pais não haviam sido

reticentes a respeito dele. Orgulhosamente transmitiram a notícia por todos os condados vizinhos.

O encontro de William com Aliena foi considerado uma formalidade por todo mundo - a não ser pela jovem, como se viu depois.

Eles não eram estranhos, claro. William se lembrava dela quando garotinha. De rosto travesso, narizinho arrebitado e cabelo indomável cortado curto, era mandona, teimosa, briguenta e atrevida. Sempre organizava os folguedos das crianças, decidindo de que iriam brincar e quem estaria em qual lado ou equipe, resolvendo brigas e dirigindo a contagem. William sentia-se fascinado por ela, ao mesmo tempo que se ressentia do modo como dominava as brincadeiras das crianças. Sempre era possível estragar tudo e tornar-se o centro das atrações por algum tempo, simplesmente dando início a uma briga; porém, elas não demoravam muito, e no final a garota retomava o controle, deixando-o frustrado, derrotado, repellido, furioso, e mesmo assim encantado - exatamente como se sentia agora.

Depois que sua mãe morrera, ela viajara um bocado com o pai e William a vira menos. No entanto, encontrara-a com frequência suficiente para ver que estava se transformando numa mulher arrebatadoramente linda, e ficara deleitado quando lhe disseram que seria sua noiva. Presumiu que ela teria de desposá-lo quer gostasse dele ou não, mas foi a seu encontro disposto a fazer tudo o que pudesse para amaciar o caminho para o altar.

Ela podia ser virgem, mas ele não era. Algumas das garotas a quem encantara eram quase tão bonitas quanto Aliena, embora nenhuma delas fosse tão bem-nascida. Em sua experiência, muitas jovens se deixavam impressionar pelas suas roupas finas, pelos cavalos vigorosos, pelo modo despreocupado que tinha de gastar dinheiro com vinho doce e fitas; e se conseguia levá-las a um celeiro sozinhas, geralmente acabavam por se submeter a ele, mais ou menos de boa vontade.

Sua abordagem usual com as garotas era um pouco seca. A princípio deixava que pensassem que não estava particularmente interessado nelas. Ao ficar sozinho com Aliena, porém, sua suposta indiferença o abandonou. Ela estava usando um vestido de seda azul brilhante, solto e gracioso, mas William só conseguia pensar no corpo que havia por baixo dele, que logo poderia ver nu sempre que quisesse. Ele a encontrara lendo, uma ocupação insólita para uma mulher que não era freira. Perguntara que livro era, numa tentativa de desviar a atenção dos seios que se moviam sob a seda azul.

"Chama-se O romance de Alexandre. É a história de um rei chamado Alexandre, o Grande, e de como ele conquistou terras maravilhosas no Oriente, onde as pedras preciosas crescem nas parreiras e as plantas podem falar."

William não podia imaginar por que uma pessoa ia querer perder tempo com tanta tolice, mas nada disse. Falou a respeito dos seus cavalos, cães e feitos

nas caçadas, lutas e torneios. Ela não tinha ficado impressionada como ele esperara. Contou-lhe sobre a casa que seu pai estava construindo para eles e, a fim de ajudá-la a se preparar para o tempo em que dirigiria seu lar, deu-lhe uma ideia de como queria que as coisas fossem feitas. Sentira que estava perdendo a atenção de Aliena, embora não soubesse dizer por quê. Sentou-se o mais perto possível dela, pois queria apertá-la nos braços, apalpá-la e descobrir se aqueles peitos eram tão grandes quanto fantasiava que fossem; ela, porém, inclinava-se para longe dele, cruzando os braços e as pernas, com um ar tão proibitivo que, relutantemente, ele se viu forçado a abandonar a ideia e consolar-se com o pensamento de que logo seria capaz de fazer o que bem entendesse.

Mesmo assim, enquanto tinha estado em sua companhia, Aliena não dera sinal algum da confusão que ia fazer mais tarde. Dissera, com bastante calma: "Não penso que combinemos". No entanto, ele tomara a declaração como prova de encantadora modéstia da sua parte, e lhe assegurara que ela combinava muito bem com ele. Não tinha ideia de que, assim que saísse do recinto, ela irromperia furiosa na sala onde estava seu pai e anunciaria que não se casaria com ele, que nada a convenceria do contrário, e que preferia ir para um convento; podiam arrastá-la até o altar acorrentada, acrescentou, mas não pronunciaria os votos conjugais. A cadela, pensou William.

A cadela. Mas ele não era capaz de se armar com o tipo de peçonha que a mãe expelia quando falava de Aliena. Não queria esfolá-la viva. Queria deitar em cima daquele corpo quente e beijar-lhe a boca.

A missa da Epifania terminou com o anúncio da morte do bispo. William teve esperança de que aquela notícia finalmente abafasse a sensação do casamento cancelado.

Os monges saíram em procissão e ouviu-se um zumbido de excitada conversa quando a congregação se dirigiu para as saídas. Muita daquela gente tinha tantos laços espirituais quanto materiais com o bispo como seus locatários ou sublocatários, ou como empregados em suas terras -, e todos estavam interessados na questão de saber quem iria sucedê-lo, e se o seu sucessor efetuariam mudanças. A morte de um grande senhor era sempre perigosa para seus vassalos.

Quando William seguiu os pais ao longo da nave, surpreendeu-se ao ver o arcediogo Waleran vindo na direção deles. Movia-se bruscamente entre a congregação, como um grande cão negro num campo de vacas; e como vacas as pessoas olhavam-no nervosamente por cima do ombro, deslocando-se um ou dois passos para sair do seu caminho.

Ele ignorava os camponeses, mas dirigia algumas palavras a cada um dos integrantes da pequena nobreza. Quando se aproximou dos Hamleighs, cumprimentou o pai de William, ignorou o jovem e voltou as atenções para sua mãe.

- Que pena, essa história do casamento! - disse ele. William corou. Será que o idiota pensava que estava sendo polido com sua comiseração?

Ela não estava mais entusiasmada para falar sobre aquilo do que William.

- Não sou pessoa de guardar mágoa - mentiu.

Waleran ignorou sua afirmativa.

- Soube de algo a respeito do conde Bartholomew que pode interessar a vocês - disse, falando mais baixo, para que não pudessem ouvi-lo, de modo que William precisou esforçar-se para entender suas palavras. - Parece que o conde não faltará à palavra empenhada com o rei morto.

- Bartholomew sempre foi um hipócrita pedante - disse o pai de William.

Waleran pareceu pesaroso. Queria que ouvissem, e não que comentassem.

- Bartholomew e o conde Robert de Gloucester não aceitarão o rei Estêvão, que é o escolhido da Igreja e dos barões, como sabem.

William perguntou-se por que um arcediogo estaria falando com um lorde sobre aquela disputa rotineira entre barões. Seu pai estava pensando o mesmo, porque disse:

- Mas não há nada que os condes possam fazer a esse respeito.

A mãe de William compartilhou a impaciência de Waleran com os comentários interpostos pelo marido.

- Escute - disse ela ao lorde, por entre os dentes cerrados.

- O que ouvi dizer é que estão planejando armar uma rebelião e fazer de Matilde a rainha - disse o arcediogo.

William não podia acreditar nos seus ouvidos. Teria Waleran feito mesmo aquela declaração imprudente, no seu jeito calmo e casual, bem ali na nave da Catedral de Kingsbridge? Um homem poderia ser enforcado por isso, fossem verdadeiras ou falsas suas palavras.

Sir Hamleigh ficou atônito, mas sua mulher disse, pensativamente:

- Robert de Gloucester é meio irmão de Matilde... Faz sentido.

William perguntou-se como poderia ser tão prática com relação a uma notícia escandalosa como aquela. Mas ela era muito esperta, e quase sempre estava certa a respeito de tudo.

- Quem quer que conseguisse se livrar do conde Bartholomew e abortasse a rebelião - prosseguiu Waleran -, ganharia a eterna gratidão do rei Estêvão e da Santa Madre Igreja.

- É mesmo? - disse o lorde, atordoado, mas sua mulher assentia com a cabeça.

- Bartholomew está sendo esperado de volta amanhã. - Ao dizer isso Waleran ergueu o rosto e interceptou o olhar de alguém. Depois voltou-se para a lady e concluiu: - Pensei que vocês, entre toda esta gente, se interessariam. - com essas palavras, afastou-se e foi cumprimentar alguém.

William o acompanhou, com o olhar fixo. Será que ele só ia falar aquilo?

Os pais do jovem prosseguiram, e ele os acompanhou através do grande portal em arco até o ar livre. Todos os três estavam em silêncio. William ouvira muitas conversas, nas últimas cinco semanas, sobre quem seria o rei, mas a questão parecia ter sido definida quando Estêvão fora coroado na Abadia de Westminster, três dias antes do Natal. Agora, se Waleran estava certo, o assunto voltara a ser uma questão em aberto. Mas por que o arcediogo fizera questão de contar aos Hamleighs?

Começaram a atravessar o gramado na direção do estábulo. Assim que se afastaram da multidão reunida no pórtico da igreja, e que não mais podia ser ouvido, o lorde comentou excitadamente:

- Mas que sorte! O mesmo homem que insultou a família apanhado num crime de alta traição!

William não entendeu por que aquilo era sorte, mas sua mãe sim, obviamente, pois aquiesceu com a cabeça.

- Podemos prendê-lo na ponta de uma espada - continuou Sir Hamleigh -, e enforcá-lo na árvore mais próxima.

William não pensara nisso, mas agora viu tudo num relâmpago. Se Bartholomew fosse um traidor, então estaria correto matá-lo.

- Podemos nos vingar! - explodiu. - E em vez de sermos punidos ainda receberemos uma recompensa do rei! - Eles poderiam levantar a cabeça de novo, e...

- Seus idiotas estúpidos! - exclamou Lady Hamleigh, com súbito rancor. - Todos cegos, sem cérebro. Enforcariam Bartholomew na árvore mais próxima. Devo dizer-lhes o que aconteceria depois?

Nenhum dos dois falou. Era mais inteligente não responder às suas perguntas quando ela estava naquele estado de espírito.

- Robert de Gloucester negaria a existência de qualquer trama, abraçaria o rei Estêvão e juraria lealdade; e tudo terminaria, a não ser por vocês dois, que seriam enforcados como assassinos.

William estremeceu. A ideia de ser enforcado o aterrorizava. Tinha pesadelos com isso. No entanto, podia ver que sua mãe estava certa: o rei podia acreditar ou fingir que acreditava que ninguém cometeria a temeridade de se rebelar contra ele; e não se importaria nem um pouco em sacrificar um par de vidas em prol de sua credibilidade.

- Você está certa - disse o lorde. - Nós o amarraremos como um porco quando vai para o carnicheiro e o levaremos vivo até o rei em Winchester, onde o denunciaremos e pediremos nossa recompensa.

- Por que você não pensa? - disse sua mulher desdenhosamente. Estava muito tensa, e William podia ver que se sentia tão excitada com tudo aquilo quanto seu pai, mas de um modo diferente. - O arcediogo Waleran não gostaria, ele próprio, de levar um traidor amarrado à presença do rei? - perguntou ela. -

Por que não haveria de querer uma recompensa? Vocês não sabem que anseia, de todo o coração, ser o bispo de Kingsbridge? Por que lhe deu o privilégio de fazer a prisão? Por que manobrou para nos encontrar na igreja, como por acidente, em vez de ir nos visitar em Hamleigh? Por que nossa conversa foi tão curta e indireta?

Ela fez uma pausa retórica, como se esperasse uma resposta, mas tanto William quanto seu pai sabiam que não desejava realmente resposta alguma. O jovem lembrou-se de que os padres não deviam ver derramamento de sangue e considerou a possibilidade de que esse talvez fosse o motivo pelo qual Waleran não queria se envolver na prisão de Bartholomew; pensando melhor, concluiu que o arcediago não tinha tais escrúpulos.

- Eu lhes digo por quê - continuou Lady Hamleigh. - Porque ele não tem certeza se Bartholomew é traidor. Sua informação não é confiável. Não posso adivinhar como soube, talvez tenha ouvido uma conversa de bêbados, interceptado uma mensagem ambígua ou falado com um espião indigno de confiança. De qualquer modo, não está disposto a arriscar o pescoço. Não acusará o conde Bartholomew de traição abertamente, para não ser rotulado de caluniador, no caso de a acusação ser falsa. Quer que outra pessoa assuma o risco e faça o trabalho sujo para ele; e depois, quando acabar, se a traição ficar comprovada, dará um passo à frente e tomará a parte que lhe cabe no crédito; porém, se Bartholomew provar sua inocência, Waleran simplesmente nunca admitirá a declaração que nos fez hoje.

A coisa toda parecia óbvia, colocada daquele jeito. Mas sem Lady Hamleigh, William e seu pai haveriam caído na armadilha de Waleran. Teriam agido com a maior boa vontade como agentes do arcediago, assumindo os riscos por ele. O senso político da mulher era muito agudo.

- Quer dizer que devemos simplesmente esquecer tudo isso? - quis saber o lorde.

- Certamente que não. - Os olhos dela cintilaram. - Ainda há uma chance de destruir as pessoas que nos humilharam.

Um cavaleiro segurava seu cavalo, pronto para montar. Ela pegou as rédeas e, com um gesto, mandou-o embora, mas não montou imediatamente. Ficou ao lado do cavalo, dando umas palmadinhas no seu pescoço, com ar pensativo, e disse baixo:

- Precisamos de provas do conluio, de modo que ninguém possa negá-lo, depois que fizermos nossa acusação. Teremos que conseguir essa prova às escondidas, sem revelarmos o que estamos procurando. Depois, quando a obtivermos, poderemos prender Bartholomew e levá-lo ao rei. Confrontado com uma prova, o conde confessará e implorará misericórdia. E então pediremos nossa recompensa.

- E negaremos que Waleran tenha nos ajudado - acrescentou Sir Hamleigh.

Sua mulher sacudiu a cabeça.

- Que ele tenha sua fatia de glória e sua recompensa. Então ficará nos devendo... O que só pode ser bom para nós.

- Mas como faremos para encontrar provas da trama? - perguntou o lorde ansiosamente.

- Precisamos encontrar uma forma de dar uma olhada no castelo de Bartholomew - respondeu ela, preocupada. - Não será fácil. Ninguém nos concederia um convite para uma visita social; todo mundo sabe que odiamos Bartholomew.

William teve uma ideia.

- Eu podia ir - disse.

Seus pais ficaram um pouco espantados.

- Você despertaria menos suspeita que seu pai, creio. Mas qual seria o pretexto?

William pensara nisso.

- Eu podia ir ver Aliena - disse, e seu coração bateu mais rápido com a ideia. - Podia suplicar-lhe que reconsiderasse sua decisão. Afinal de contas, ela não me conhece realmente. Quando nos conhecemos, julgou-me mal. Eu poderia ser um bom marido. Talvez precise de uma corte mais entusiasmada. - Ele terminou com um sorriso que esperou parecesse ser cínico, para que seus pais não soubessem que estava falando a sério.

- Uma desculpa perfeitamente plausível - disse sua mãe. Ela olhou fixamente para William. - Por Cristo, eu me pergunto se é possível que o garoto afinal tenha nascido com a inteligência da mãe.

William sentia-se otimista pela primeira vez em meses quando iniciou a viagem para o castelo do conde no dia seguinte. Era uma manhã clara e fria. O vento norte fazia arder suas orelhas, e a grama gelada rangia sob os cascos do seu cavalo de batalha. Usava uma capa cinza de fino tecido de Flandres guarnecida com pele de coelho por cima de uma túnica vermelha.

Estava acompanhado por Walter, seu criado. Quando o nobre tinha doze anos, Walter se tornara seu tutor de armas e lhe ensinara a montar, caçar, esgrimir e lutar.

Agora era seu criado, companheiro e guarda-costas. Era tão alto quanto William, mas mais largo - uma verdadeira porta. Nove ou dez anos mais velho que o nobre, era jovem o bastante para beber e pegar garotas na sua companhia e tinha idade suficiente para conservá-lo longe de problemas, quando necessário. Era seu maior amigo.

William estava estranhamente excitado com a perspectiva de rever Aliena, muito embora soubesse que mais uma vez se defrontaria com a rejeição e a humilhação. Ao vislumbrá-la na Catedral de Kingsbridge, fitando-a por um instante bem nos olhos muito escuros, seu desejo se reacendera. Ansiava para lhe

falar, aproximar-se dela, ver seus cachos abundantes balançarem e sacudirem quando falava, seu corpo se mover sob o vestido.

Ao mesmo tempo, a oportunidade para a vingança aguçara o ódio de William. Estava tenso com a excitação causada pela ideia de que agora poderia anular a humilhação que ele e sua família haviam sofrido.

Quisera ter uma ideia mais clara do que estava procurando. Estava razoavelmente seguro de que descobriria se a história de Waleran era ou não verdadeira, pois com certeza haveria sinais de preparação para a guerra no castelo - agrupamento de cavalos, limpeza de armas, estoque de alimentos - muito embora toda a atividade devesse estar mascarada sob um disfarce qualquer - preparativos para uma expedição, talvez -, a fim de enganar o observador casual. No entanto, convencer-se da existência de uma conspiração não era a mesma coisa que achar provas. William não era capaz de imaginar coisa alguma que valesse como prova, num caso desses. Seu plano era manter os olhos bem abertos e esperar que aparecesse algo. O que não era bem um plano, contudo, e o jovem se sentia extremamente preocupado, achando que a oportunidade de vingança ainda poderia lhe escapar por entre os dedos.

À medida que ia se aproximando, sentia-se mais tenso. Perguntou-se se poderia ter sua entrada no castelo proibida, o que lhe causou um momento de pânico, até dar-se conta de que era pouco provável: o castelo era um lugar público, e se o conde o fechasse à pequena nobreza local seria o mesmo que declarar que a traição estava em marcha.

O conde Bartholomew morava a poucas milhas da cidade de Shiring. O castelo de Shiring propriamente dito era ocupado pelo xerife do condado, de modo que o conde tinha um castelo particular do lado de fora da cidade. A pequena aldeia que se desenvolvera em torno das muralhas do castelo era conhecida como Earlscastle. William já estivera ali, mas agora a via com os olhos de um atacante.

Havia um fosso largo e fundo no formato de um 8, com o círculo superior menor que o inferior. A terra escavada na abertura do fosso tinha sido amontoada dentro dos

dois círculos, formando uma espécie de muralha.

Na base do 8 havia uma ponte que cruzava o fosso e uma brecha na parede de terra, permitindo a entrada no círculo de baixo. Era a única entrada. Não havia acesso ao círculo superior exceto através do inferior e de outra ponte sobre o fosso que dividia os dois círculos. O círculo superior era o mais importante, o que se poderia chamar de refúgio sagrado.

Enquanto William e Walter trotavam através dos campos abertos que cercavam o castelo, viram um intenso vaivém. Dois homens de armas cruzaram a ponte a galope, seguindo em direções diferentes, e um grupo de quatro cavaleiros precedeu William na travessia da ponte quando ele e Walter entraram.

William observou que a última seção da ponte podia ser levantada dentro da imponente guarita de pedra à entrada do castelo. Havia torres de pedra em intervalos por toda a volta da muralha de terra, de modo que cada setor do perímetro podia ser defendido por arqueiros. Tomar aquele castelo com um assalto frontal seria uma operação longa e sangrenta, e os Hamleighs não poderiam reunir homens suficientes para garantir a vitória, concluiu William melancolicamente.

O castelo, é claro, estava aberto para negócios. William deu seu nome ao sentinela e foi admitido sem dificuldade. Dentro do círculo inferior, protegido do mundo pelas paredes de terra, estava o habitual conjunto de edificações domésticas: estúbulos, cozinhas, oficinas, uma torre e uma capela. Havia uma excitação no ar. Os cavaleiros, escudeiros, servos e criadas caminhavam energicamente e falavam em voz alta, cumprimentando-se e fazendo piadas. Para uma mente insuspeita toda aquela animação e aquele vaivém eram uma reação mais que normal ao retorno do senhor do castelo, mas para William parecia mais que isso.

Deixou Walter na estrebaria com os cavalos e dirigiu-se para o lado oposto do conjunto, onde, exatamente em frente ao portão, havia a ponte sobre o fosso que representava o acesso para o círculo superior do 8. Quando a atravessou foi parado por um sentinela em outra guarita. Dessa vez foi questionado acerca da razão de sua presença ali e ele respondeu:

- Vim ver Lady Aliena.

O sentinela não o conhecia, mas examinou-o de cima a baixo, observando sua capa fina e a túnica vermelha; pela aparência, julgou que fosse um pretendente esperançoso.

- Poderá encontrar a jovem lady no grande salão - disse, com um sorriso forçado.

No centro do círculo superior havia uma construção quadrada de pedra, com três andares de altura e paredes grossas. Era o castelo propriamente dito. Como sempre o andar térreo era um depósito. O salão principal ficava em cima, alcançado por uma escada exterior de madeira que podia ser recolhida no interior do prédio. No andar superior se encontrava o quarto de dormir do conde, onde ele ofereceria a última resistência, quando os Hamleighs viessem pegá-lo.

A planta do castelo apresentava uma série formidável de obstáculos para o atacante. A intenção era mesmo essa, claro, mas agora que William estava tentando imaginar como seria possível passar pelos obstáculos, viu a função dos diferentes elementos do projeto com muita clareza. Mesmo que os atacantes conquistassem o círculo inferior, ainda teriam que passar por outra ponte e por outro portão para assaltar a fortaleza. Precisariam encontrar um modo de chegar ao andar de cima - presumivelmente com a construção de uma escada só para o ataque -, e mesmo assim, com toda a certeza, haveria outra luta, para ir do salão

principal até o andar de cima, onde ficava o quarto do conde. O único modo de tomar o castelo era através de uma operação furtiva, concluiu William, começando a alimentar a idéia de ele próprio se esgueirar de algum modo para o seu interior.

Subiu a escada e entrou no salão. Estava cheio de gente, mas o conde não se encontrava no meio daquelas pessoas. No canto esquerdo ficava a escada que dava para o seu quarto, e havia uns quinze ou vinte cavaleiros e homens de armas sentados à volta, conversando em voz baixa. Aquilo não era usual. Cavaleiros e homens de armas formavam classes sociais separadas. Os cavaleiros eram proprietários de terras que se mantinham com aluguéis, enquanto os homens de armas eram pagos por dia. Os dois grupos só intensificavam sua camaradagem quando havia cheiro de guerra no ar.

William reconheceu alguns deles: Gilbert Cara de Gato, um velho lutador mal-humorado, com mais de quarenta anos, mas ainda durão; Ralph de Lyme, que gastava mais com roupas que com uma noiva, envergando uma capa azul com forro vermelho; Jack Fitz Guillaume, já sagrado cavaleiro, embora pouco mais velho que William; e diversos outros cujo rosto era vagamente familiar. Balançou a cabeça na direção deles, mas praticamente não o notaram - era bastante conhecido, mas jovem demais para ter importância.

Voltou-se para o outro lado do salão, vendo Aliena de imediato.

Ela parecia bastante diferente. Na véspera estava vestida para ir à catedral, com seda, lã fina e linho, anéis, fitas e botas pontudas. Nesse dia usava uma túnica curta como uma camponesa ou uma criança, e seus pés estavam descalços. Sentada num banco, estudava um tabuleiro de jogo onde havia contas de cores diferentes. Enquanto William observava, ela puxou a túnica e cruzou as pernas, revelando os joelhos, e depois torceu o nariz numa careta. Na véspera estava irresistivelmente sofisticada; nesse dia era uma criança vulnerável, e William achou-a ainda mais desejável. Subitamente sentiu vergonha do fato de aquela criança ter feito com que sofresse tanto, e desejou com ardor que houvesse algum modo de lhe mostrar que podia dominá-la. Um desejo tão forte que quase chegava a ser lascivo.

Ela estava jogando com um menino mais ou menos três anos mais moço. O ar dele era impaciente, irrequieto; não gostava do jogo. William reconheceu certa semelhança entre os dois jogadores. Na verdade, o menino lembrava Aliena, tal como William se recordava dela do tempo da infância, de nariz arrebitado e cabelo curto. Devia ser seu irmão mais moço, Richard, o herdeiro do condado.

William aproximou-se mais. Richard ergueu os olhos para ele e retornou a atenção para o jogo. Aliena estava concentrada. O tabuleiro, de madeira pintada, tinha a forma de uma cruz e era dividido em pequenos quadrados de cores diferentes. As contas pareciam de marfim, pretas e brancas. O jogo

evidentemente era uma variante do jogo das nove pedras ou dança dos nove homens, e com toda a certeza um presente trazido da Normandia pelo pai de Aliena. William estava mais interessado nela que no jogo. Quando se inclinou sobre o tabuleiro, o decote da sua túnica alargou-se e ele pôde ver a parte superior dos seus seios. Eram tão grandes quanto imaginara. Ficou com a boca seca.

Richard deslocou uma pedra no tabuleiro.

- Não, você não pode fazer isso - disse Aliena. O garoto ficou desconcertado.

- Por que não?

- Porque é contra as regras, seu burro.

- Não gosto das regras - disse Richard petulantemente. Aliena explodiu.

- Você tem que obedecer às regras!

- Por quê?

- Porque tem!

- Bem, não obedeco - disse ele, e derrubou o tabuleiro no chão, fazendo as pedras voarem.

Rápida como um raio, Aliena o esbofeteou no rosto. Ele deu um grito, atingido dolorosamente no rosto e no orgulho.

- Sua... sua filha da puta! - gritou ele. Em seguida virou-se e saiu correndo, mas após três passos esbarrou em William.

O jovem pegou-o por um braço e levantou-o no ar.

- Não deixe o padre ouvi-lo chamar sua irmã desses nomes - disse ele.

- Está me machucando! Largue-me! - gritou Richard, retorcendo-se.

William segurou-o por mais algum tempo. Richard parou de lutar e começou a chorar. O jovem Hamleigh o pôs no chão, e ele saiu correndo, em lágrimas.

Aliena olhava fixamente para William, o jogo esquecido, a curiosidade franzindo-lhe a testa.

- Por que está aqui? - perguntou. Sua voz era baixa e calma, a voz de uma pessoa mais velha.

William sentou-se no banco, bastante satisfeito com o jeito autoritário com que tratara Richard.

- Vim ver você - respondeu.

Uma expressão de desconfiança surgiu no rosto dela.

- Por quê?

William posicionou-se de modo que pudesse observar a escada. Viu, descendo para o salão, um homem de cerca de quarenta anos, vestido como um servo altamente graduado, com um gorro redondo e uma túnica curta de pano fino. Ele fez um gesto, e um cavaleiro e um homem de armas subiram a escada juntos. William olhou para Aliena de novo.

- Quero falar com você.

- Sobre o quê?

- Sobre mim e você. - Por sobre o ombro de Aliena, viu o servo aproximar-se deles. Havia qualquer coisa de afeminado no seu jeito de andar. Em uma das mãos carregava um pão de açúcar marrom cor de terra. Na outra mão tinha uma raiz retorcida que parecia gengibre. Era, obviamente, o despenseiro da casa e vinha do cofre das especiarias, um armário fechado à chave no quarto do conde, onde apanhara o suprimento do dia dos preciosos ingredientes que agora levava para o cozinheiro: açúcar para adoçar uma torta de maçã ácida e gengibre para condimentar lampréias.

Aliena seguiu o olhar de William.

- Oi, Matthew.

O despenseiro sorriu e quebrou um pedaço de açúcar para ela. William teve a impressão de que o despenseiro gostava muito de Aliena. Algo no seu modo de proceder devia ter-lhe dito que ela estava pouco à vontade, pois seu sorriso transformou-se numa careta de preocupação.

- Está tudo bem? - perguntou, com a voz suave.

- Está sim, obrigada.

Matthew olhou para William e seu rosto registrou surpresa.

- O jovem William Hamleigh, não é?

William ficou embaraçado ao ser reconhecido, muito embora fosse inevitável.

- Guarde seu açúcar para as crianças - disse, não obstante nada lhe tivesse sido oferecido. - Não ligo para isso.

- Muito bem, lorde. - A expressão de Matthew dizia que ele não havia chegado aonde estava criando problemas com os filhos da pequena nobreza. Voltou-se para Aliena.

- Seu pai trouxe umas sedas maravilhosas. Eu as mostrarei para você mais tarde.

- Muito obrigada - disse ela.

Matthew foi embora.

- Tolo efeminado - disse William.

- Por que foi tão rude com ele?

- Não deixo que servos me chamem de "jovem William". - Aquela não era uma boa maneira de iniciar a corte a uma dama. William percebeu, desolado, que tivera um mau começo. Tinha que ser encantador. Sorriu e disse: - Se você fosse minha mulher, os servos a chamariam de lady.

- Você veio aqui para falar de casamento? - perguntou ela, e William achou que havia detectado uma nota de incredulidade na sua voz.

- Você não me conhece - disse ele, em tom de protesto. Não estava conseguindo conservar aquela conversa sob controle, admitiu, desconsolado.

Planejara uma conversação cortês e superficial antes de tratar do que interessava, mas ela fora tão direta e franca que ele se vira forçado a dizer logo qual era sua mensagem. - Você errou no juízo que fez de mim. Não sei o que fiz, na última vez em que nos encontramos, para deixá-la com raiva de mim; mas, seja qual for a razão, você se precipitou.

Ela desviou os olhos, pensando no que responder. Às suas costas, William viu o cavaleiro e o homem de armas descerem a escada e saírem porta afora, com uma expressão decidida. Um momento depois um homem em roupas clericais - presumivelmente o secretário do conde - apareceu na parte de cima e acenou, chamando alguém. Dois cavaleiros levantaram-se e subiram a escada: Ralph de Lyme, exibindo o forro vermelho de sua capa, e um cavaleiro mais idoso e calvo. Era óbvio que os homens estavam ali para conversar com o conde, individualmente ou em duplas, no quarto dele. Mas por quê?

- Depois de todo este tempo? - estava perguntando Aliena. Visivelmente ela reprimia alguma emoção. Podia ser raiva, mas William teve, secretamente, a impressão de que fosse riso. - Depois de toda aquela confusão, raiva e escândalo, justo quando a história já começa a se acalmar, você vem me dizer que cometi um erro?

Colocado desse modo pareceu mesmo um pouco implausível, concedeu William.

- Não acalmou nada - disse, furioso. - As pessoas continuam falando, minha mãe ainda está indignada e meu pai não pode levantar a cabeça em público. Para nós, não está acabado.

- Tudo isso tem a ver com a honra da família, não é? - Havia um tom perigoso na voz dela, mas William ignorou-o. Acabara de se dar conta do que o conde deveria estar fazendo com todos aqueles cavaleiros e homens de armas: mandando mensagens.

- Honra da família? - disse distraidamente.

- Sim.

- Sei que devia pensar em honra, alianças entre famílias e tudo isso - disse Aliena. - Mas não são apenas essas coisas que existem num casamento. - Ela pareceu refletir por um momento e depois chegar a uma decisão. - Talvez eu devesse lhe falar sobre a minha mãe. Ela odiava meu pai. Ele não é ruim, na verdade é um grande homem e eu o amo, mas é horrivelmente solene e rígido, e nunca compreendeu mamãe. Ela era uma pessoa alegre, de coração leve, que adorava rir, contar histórias e ouvir música, e papai a fez muito infeliz. - Havia lágrimas nos seus olhos, William notou vagamente, mas estava pensando em mensagens. - Foi por isso que ela morreu - porque ele não a deixou ser feliz. Sei disso. E ele sabe também, entende? E por isso que prometeu que não me obrigará a casar com uma pessoa de quem eu não goste. Compreende agora?

Aquelas mensagens eram ordens, estava pensando William; ordens aos

amigos e aliados do conde Bartholomew, avisandoos para que se preparassem para o combate. E os mensageiros eram a prova.

Percebeu que Aliena estava olhando fixamente para ele.

- Casar com uma pessoa de quem não goste? - disse, ecoando suas últimas palavras. - Você não gosta de mim?

Os olhos dela faiscaram de raiva.

- Você não estava ouvindo - disse. - Ê tão egocêntrico que não pode pensar nos sentimentos de outra pessoa por um só momento. A última vez que veio aqui, o que foi que fez? Falou sem parar a respeito de si próprio e não me fez uma só pergunta!

Ela levantou a voz e terminou gritando. Quando parou, William notou que os homens do outro lado do salão tinham silenciado, e estavam escutando.

- Não tão alto - disse para ela.

Aliena não o ouviu.

- Quer saber por que não gosto de você? Muito bem, eu lhe direi. Não gosto de você porque não tem refinamento. Não gosto de você porque mal sabe ler. Não gosto de você porque só está interessado nos seus cachorros, nos seus cavalos e em si próprio!

Gilbert Cara de Gato e Jack Fitz Guillaume estavam rindo ruidosamente. William sentiu o rosto ficar vermelho. Aqueles homens não eram ninguém, não passavam de cavaleiros, e estavam rindo dele, o filho de lorde Percy Hamleigh. Ele se levantou.

- Está bem - disse nervosamente, tentando calar Aliena. Não adiantou.

- Não gosto de você porque você é egoísta, burro e estúpido! - gritou ela. Todos os cavaleiros estavam rindo agora. - Não gosto de você, desprezo você, odeio você, abomino você - e é por isso que não vou me casar com você!

Os cavaleiros deram vivas e bateram palmas. William encolheu-se por dentro. O riso deles fez com que se sentisse pequeno, fraco e desamparado, como um garotinho, e quando ele era garotinho se sentia assustado o tempo todo. Desviou o olhar de Aliena, lutando para controlar a expressão do rosto e esconder os sentimentos. Atravessou a sala o mais depressa que pôde, sem correr, enquanto as risadas ficavam mais fortes. Finalmente chegou à porta, escancarou-a e saiu tropeçando. Depois bateu a porta, e desceu correndo a escada, sufocado de tanta vergonha; e o som das risadas escarninhas dos cavaleiros ficou retinindo nos seus ouvidos o tempo todo que levou para atravessar o pátio lamacento até o portão.

A trilha de Earls castle até Shiring cruzava uma estrada após cerca de uma milha. Na encruzilhada o viajante poderia seguir para o norte, na direção de Gloucester e da fronteira de Gales, ou para o sul, rumo a Winchester e à costa. William e Walter viraram para o sul.

A angústia do jovem se transformara em raiva. Estava furioso demais para falar. Queria ferir Aliena e matar todos aqueles cavaleiros. Teria sido um prazer enfiar a espada em cada boca aberta numa gargalhada e empurrá-la até a garganta. Imaginou um meio de se vingar de pelo menos um deles. Se desse certo, conseguiria ao mesmo tempo a prova de que precisava. A perspectiva lhe trouxe uma sensação de consolo selvagem.

Primeiro tinha que pegar um deles. Assim que a estrada entrou pelo bosque, William desmontou e começou a caminhar, puxando o cavalo. Walter seguiu em silêncio, respeitando seu estado de espírito. O jovem chegou a um trecho mais estreito da trilha e parou. Virou-se para o criado e perguntou:

- Quem é melhor com uma faca, você ou eu?

- Lutando de perto, sou eu - respondeu Walter reservadamente. - Mas o senhor atira com mais precisão, lorde. - Todos o chamavam de lorde quando ele estava zangado.

- Suponho que você consiga fazer tropeçar um cavalo rápido e fazê-lo cair, não? - quis saber William.

- Sim, com uma boa vara resistente.

- Vá procurar uma árvore pequena, então, corte-a e prepare-a; terá sua vara resistente.

William levou os dois cavalos por entre as árvores e os amarrou numa clareira bem afastada da estrada. Retirou as selas e removeu algumas das cordas e correias - o bastante para amarrar os pés e as mãos de um homem, com um pouco de sobra. Seu plano era grosseiro, mas não havia tempo para imaginar algo mais elaborado, de modo que teria que esperar pelo melhor.

No caminho de volta para a estrada, encontrou um pedaço de carvalho caído no chão, seco, para usar como porrete.

Walter estava esperando com a sua vara. William selecionou o local onde ele deveria ficar à espera, atrás do tronco largo de uma vala, junto da trilha.

- Não se antecipe com a vara, para que o cavalo não a salte - advertiu. - Mas também não aja tarde demais, porque não se pode derrubar um cavalo pelas patas traseiras. O ideal é meter a vara entre as dianteiras. E tente manter a extremidade no chão para que ele não possa chutá-la para um lado.

- Já vi fazerem isso antes - assentiu Walter.

William caminhou cerca de trinta jardas na direção de Earls castle. Seu papel seria certificar-se de que o cavalo galopasse o mais rápido possível, a fim de que estivesse indo depressa demais para evitar a vara de Walter. Escondeu-se o mais próximo da estrada que conseguiu. Mais cedo ou mais tarde um dos mensageiros do conde Bartholomew apareceria. Esperava que fosse logo. Estava ansioso para saber se aquilo ia dar certo e impaciente para acabar com tudo.

Aqueles cavaleiros não tinham ideia, enquanto riam de mim, de que eu estava lá espionando, pensou, e esse pensamento o consolou um pouco. Mas um

deles está prestes a descobrir. E então se arrependerá de ter rido. Desejará que tivesse se ajoelhado e beijado minhas botas em vez de rir. Chorar, implorar e suplicar meu perdão, e simplesmente o machucarei cada vez mais.

Tinha outros consolos. Se o seu plano desse certo, em última análise acarretaria a queda do conde Bartholomew e a ressurreição dos Hamleighs. Então os que zombaram do casamento cancelado iriam tremer de medo, sendo que alguns sofreriam mais que medo.

A derrocada de Bartholomew seria também a queda de Aliena, e essa era a melhor parte. Seu orgulho exagerado e suas maneiras superiores teriam que mudar depois que o pai fosse enforcado como traidor. Se quisesse sedas macias e cones de açúcar, teria que se casar com William para consegui-los. Imaginou-a, humilde e contrita, trazendo para ele uma torta quente da cozinha, fitando-o com aqueles olhos grandes e escuros, ansiosa por agradá-lo, esperando por uma carícia, a boca macia ligeiramente aberta suplicando um beijo.

Sua fantasia foi interrompida pelo barulho de cascos na lama endurecida pelo frio do inverno. Desembainhou a faca e a manuseou para se lembrar do seu peso e equilíbrio.

Na ponta ela era amolada dos dois lados, para melhor penetração. Ficou de pé, com as costas coladas no tronco da árvore que o escondia, segurou a faca pela lâmina e aguardou, quase sem poder respirar. Estava nervoso. Receava errar o arremesso da faca, ou que o cavalo pudesse não cair, ou que o cavaleiro conseguisse matar Walter num golpe de sorte, e então William teria que lutar com ele sozinho... Algo o incomodou no tropel, à medida que se aproximava. Viu Walter olhando para ele através da vegetação, com uma expressão preocupada: o criado também ouvira. Então o jovem percebeu: havia mais que um cavalo. Precisava tomar uma decisão rápida. Atacariam duas pessoas? Podia ser praticamente uma luta limpa. Decidiu deixá-los passar, e aguardar um cavaleiro solitário. Desapontador, mas prudente. Acenou para Walter, mandando que nada fizesse. Walter balançou a cabeça, num sinal de entendimento, e escondeu-se de novo.

Um momento mais tarde dois cavalos apareceram. William vislumbrou o brilho de seda vermelha: Ralph de Lyme. Logo em seguida viu a calva do companheiro de Ralph.

Os dois homens passaram trotando e desapareceram.

A despeito da sensação de anticlimax, William ficou gratificado por ter tido a confirmação de sua teoria de que o conde estava mandando aqueles homens cumprirem uma determinada missão. No entanto, perguntou-se ansiosamente se Bartholomew seguiria a política de enviá-los aos pares. Seria uma precaução natural. Todo mundo viajava em grupos, sempre que possível, por motivos de segurança. Por outro lado, o conde tinha uma porção de mensagens para enviar e dispunha de um número limitado de homens; era possível que julgasse uma

extravagância usar dois cavaleiros para levar uma única mensagem. Além disso, os cavaleiros eram homens violentos dos quais se podia esperar que dessem num fora-da-lei do tipo comum uma surra violenta - numa luta em que o fora-da-lei tinha pouco a ganhar, porque o cavaleiro não levava nunca muita coisa que valesse a pena roubar além da espada, a qual era difícil de vender sem responder a perguntas desagradáveis, e do cavalo, se não ficasse aleijado na emboscada. Um cavaleiro estava mais seguro que a maioria das pessoas na floresta.

William coçou a cabeça com o cabo da faca. Poderia acontecer de um jeito ou de outro.

Acomodou-se para aguardar. A floresta estava em silêncio. Um suave raio de sol de inverno brilhou por entre os galhos durante algum tempo e depois desapareceu. O estômago de William o lembrou de que já passara a hora do jantar. Um cervo cruzou a trilha a poucas jardas de distância, sem saber que estava sendo observado por um homem faminto. William ficou impaciente.

Se aparecesse outro par de cavaleiros, decidiu, teria que atacar. Era arriscado, mas tinha a vantagem da surpresa, além de Walter, que era um combatente formidável.

Além disso, talvez fosse sua última chance. Sabia que podia ser morto, mas era melhor morrer do que viver em constante humilhação. Pelo menos era um fim honroso, morrer numa luta.

Porém, melhor que tudo, pensou, seria Aliena aparecer, sozinha, cavalcando um pônei branco. Walter a derrubaria da sela, e ela machucaria braços e pernas, caindo em cima de um espinheiro. Os espinhos iriam arranhar sua pele macia, fazendo escorrer sangue. William pularia em cima dela, prendendo-a no chão. Aliena ficaria mortificada.

Brincou com essa ideia, detalhando seus ferimentos, saboreando o modo como seu peito arfaria com ele sentado a cavalo sobre ela, imaginando a expressão de terror abjeto em seu rosto ao perceber que estava completamente em seu poder; nesse momento ouviu de novo o barulho de cascos de cavalo na estrada.

Dessa vez havia um só cavaleiro.

O animal era bom e rápido, não um cavalo de batalha, mas provavelmente um corcel de boa raça. Carregava um peso moderado, como um homem sem armadura, e vinha num trote constante, sem resfolegar. William encarou Walter e balançou a cabeça: era aquele, ali estava a prova. Ergueu o braço direito, segurando a faca pela ponta da lâmina.

A distância, o cavalo de William relinchou.

O som, claro e forte, atravessou a floresta silenciosa e foi perfeitamente audível por cima do tropel do cavalo que se aproximava. Este, ao ouvi-lo, perdeu o passo.

O cavaleiro o fez reduzir a marcha de trote para passo de estrada. William

praguejou por entre os dentes. O cavaleiro ficara desconfiado, o que dificultaria tudo. Tarde demais, William desejou ter levado seu cavalo para mais longe.

Não podia dizer a que distância estava o corcel, agora que vinha a passo. Tudo estava saindo errado. Resistiu à tentação de sair de trás da árvore para olhar. Procurou escutar, tenso com o esforço. Súbito o cavalo bufou, assustadoramente perto, e por fim apareceu a uma jardas de onde se encontrava. O animal o viu um momento depois.

Fez um movimento brusco, assustado, e o cavaleiro deixou escapar um grunhido de surpresa.

William soltou uma praga. Percebeu instantaneamente que o cavalo podia se virar e disparar na direção errada. Mergulhou por baixo da árvore e saiu do outro lado, atrás do animal, o braço com que arremessaria a faca erguido. Teve um vislumbre do cavaleiro, barbado e com o cenho franzido, enquanto puxava a rédea: era o velho e durão Gilbert Cara de Gato. Atirou a faca.

Foi um arremesso perfeito. A faca bateu de ponta na anca do animal e entrou uma polegada ou mais na sua carne.

O cavalo pareceu estremecer, como um homem quando leva um choque; em seguida, antes que Gilbert pudesse reagir, disparou em pânico - galopando, a toda a velocidade, na direção da emboscada de Walter.

William saiu correndo atrás. O cavalo cobriu a distância até onde estava o criado em poucos momentos. Gilbert não se esforçava para controlar a montaria - estava atarefado demais tentando ficar na sela. Emparelharam com a posição de Walter e William pensou: Agora, Walter, agora!

O criado cronometrou sua ação tão bem que William nem chegou a ver a vara sendo lançada de trás da árvore. Viu apenas as pernas dianteiras do cavalo abaterem-se, como se toda a sua força o tivesse abandonado subitamente. Depois as pernas traseiras pareceram bater nas dianteiras, e todas ficaram embaralhadas. Finalmente a cabeça cedeu, as ancas subiram e ele caiu pesadamente.

Gilbert saiu voando por cima da cabeça do animal. Indo atrás dele, William se viu detido pelo corpo do cavalo caído.

Gilbert caiu bem, rolou e ficou de joelhos. Por um momento William teve medo de que pudesse sair correndo e fugir. Mas Walter apareceu, arremessou-se no ar e bateu nas costas do cavaleiro, derrubando-o.

Os dois homens bateram com força no chão. Recuperaram o equilíbrio ao mesmo tempo, e, para seu horror, William viu que o ardiloso Gilbert se levantara com uma faca na mão. O jovem Hamleigh pulou por cima do cavalo caído e bateu com o porrete de carvalho em Gilbert, justo quando ele levantava a faca. O golpe atingiu a têmpora de Gilbert.

O cavaleiro cambaleou mas continuou de pé. William o amaldiçoou por ser tão resistente. Puxou o porrete para trás a fim de dar outro golpe, mas Gilbert foi mais rápido e investiu contra ele com a faca. William estava vestido para fazer

a corte, não para lutar, e a lâmina afiada cortou sua capa de lã fina; porém, ele pulou rapidamente para trás, a fim de salvar a pele. Gilbert continuou arremetendo, mantendo-o desequilibrado para que não pudesse brandir o porrete. Cada vez que investia, William pulava para trás; mas o jovem nunca conseguia tempo bastante para se recuperar, e Gilbert foi se aproximando cada vez mais, muito depressa. De repente William começou a temer por sua vida. Nesse momento Walter surgiu por trás do cavaleiro e, dando-lhe um pontapé nas pernas, derrubou-o.

William relaxou, aliviado. Por um momento pensara que fosse morrer. Agradeceu a Deus por Walter.

Gilbert tentou se levantar mas o criado chutou-o no rosto. William o atingiu duas vezes com o porrete, por via das dúvidas, e depois disso o homem ficou imóvel, no chão.

Os dois o rolaram para colocá-lo de bruços, e Walter se sentou em cima de sua cabeça enquanto William lhe amarrava as mãos nas costas. Depois Hamleigh tirou suas longas botas pretas e amarrou-lhe os tornozelos nus com um forte pedaço de couro de arreio.

William levantou-se. Sorriu para Walter, e este retribuiu o sorriso. Era um alívio ter aquele velho guerreiro cheio de truques seguramente amarrado.

O próximo passo era fazer Gilbert confessar.

Ele estava voltando a si. Walter o virou. Quando Gilbert viu William sua expressão registrou primeiro reconhecimento, depois surpresa e finalmente medo. O jovem ficou gratificado. Gilbert já estava se arrependendo das suas risadas, pensou. Dentro de pouco tempo iria se arrepender ainda mais.

O cavalo de Gilbert, espantosamente, já estava de pé. Afastara-se um pouco, correndo, mas tinha parado e agora olhava para trás, resfolegando e assustando-se cada vez que o vento farfalhava as folhas das árvores. A faca de William caíra da sua anca. William a apanhou e Walter foi pegar o animal.

O jovem ficou atento ao barulho de outros cavalos. Podia surgir outro mensageiro a qualquer momento. Se isso acontecesse, precisariam silenciar e arrastar Gilbert, ocultando-o. Mas não vieram outros cavaleiros, e Walter conseguiu pegar seu cavalo sem muita dificuldade. Puseram o velho Cara de Gato na garupa e depois o puxaram para o ponto da floresta onde William deixara sua montaria e a de Walter. Os outros animais ficaram agitados quando sentiram o cheiro do sangue escorrendo da anca do cavalo de Gilbert, e por isso William o prendeu a uma certa distância.

Hamleigh olhou em torno, procurando uma árvore adequada a seu objetivo. Localizou um olmo com um galho forte protuberante, a oito ou nove pés do chão. Apontou o olmo para Walter.

- Quero pendurar Gilbert naquele galho.

Walter sorriu sadicamente.

- O que vai fazer com ele, milorde?

- Você vai ver.

O rosto de Gilbert estava branco de medo. William passou uma corda sob suas axilas, amarrou-a nas costas e atirou-a por cima do galho.

- Levante-o - ordenou ao criado.

Walter levantou Gilbert. Este se sacudiu e conseguiu se livrar do abraço de Walter, caindo no chão. O criado apanhou o porrete e bateu em sua cabeça até tontear-lo e depois o levantou de novo. William passou a extremidade solta da corda diversas vezes em torno do galho e puxou com força. Walter soltou Gilbert e ele ficou pendurado, balançando suavemente, com os pés a uma jarda do chão.

- Apanhe um pouco de lenha - disse William.

Os dois arrumaram uma fogueira embaixo de Gilbert e William a acendeu com a faísca de uma pedra. Após alguns momentos as chamas começaram a subir. O calor tirou Gilbert de seu torpor.

Quando percebeu o que estava lhe acontecendo, pôs-se a gemer, aterrorizado.

- Por favor - pediu. - Ponha-me no chão. Desculpe-me de ter rido de você, por favor, tenha piedade.

William ficou em silêncio. A humilhação de Gilbert o satisfazia, mas não era aquilo que procurava.

Quando o calor começou a queimar-lhe os dedos dos pés, ele dobrou os joelhos para tirá-los do fogo. Gotas de suor corriam-lhe pelo rosto, e foi possível sentir um leve cheiro de tecido chamuscado. William achou que estava na hora de começar o interrogatório e perguntou:

- Por que foi ao castelo hoje?

Gilbert encarou-o com os olhos arregalados.

- Fui apresentar meus respeitos - disse. - Faz diferença?

- Por que foi apresentar seus respeitos?

- O conde acabou de voltar da Normandia.

- Você foi convocado especialmente?

- Não.

Podia ser verdade, refletiu William. Interrogar um prisioneiro não era algo tão simples quanto imaginara. Pensou de novo.

- O que o conde lhe disse quando você foi ao quarto dele?

- Ele me cumprimentou e me agradeceu por ter ido lhe dar as boas-vindas.

Havia um brilho de desconfiança nos olhos de Gilbert? William não tinha certeza.

- O que mais?

- Perguntou pela minha família e por minha aldeia.

- Nada mais?

- Nada. Por que está querendo saber o que ele disse?
- O que ele disse sobre o rei Estêvão e a rainha Matilde?
- Nada, estou lhe dizendo!

Gilbert não conseguiu manter os joelhos dobrados e seus pés penderam sobre as chamas, agora mais altas. Após um segundo, um grito de agonia irrompeu do seu peito, e o corpo dele fez uma convulsão. O espasmo tirou-lhe os pés das chamas momentaneamente. Percebeu então que poderia amenizar a dor se balançando para trás e para a frente. com cada balanço, contudo, passava por entre as chamas e gritava de novo.

Mais uma vez William perguntou-se se Gilbert não estaria dizendo a verdade. Não havia como saber. Em algum momento, contudo, estaria sofrendo tamanha agonia que, presumivelmente, diria tudo o que William quisesse, numa tentativa desesperada de conseguir alívio; assim, era importante não lhe dar uma ideia clara demais do que desejava, pensou William preocupadamente. Quem teria pensado que torturar era algo tão difícil?

Forçou um tom de voz calmo, quase como o de uma conversação.

- Aonde você está indo agora?
- E que importância tem? - gritou Gilbert, cheio de dor e frustração.
- Aonde você está indo?
- Para casa!

O homem estava perdendo o controle. William sabia onde morava, e era ao norte de onde se encontravam. Ele estava se dirigindo para o lado errado.

- Aonde você está indo? - perguntou William mais uma vez.

- O que você quer de mim?

- Sei quando mente - disse William. - Só quero que me diga a verdade. -

Ouviu Walter deixar escapar um resmungo de aprovação e pensou que estava se saindo melhor.

- Aonde está indo? - perguntou pela quarta vez.

Gilbert estava exausto demais para continuar se balançando. Gemendo de dor, parou em cima do fogo e uma vez mais dobrou os joelhos para tirar os pés das chamas, mas agora as labaredas estavam tão altas que chamuscavam seus joelhos. William notou um cheiro vagamente familiar, mas ao mesmo tempo um pouco enjoativo; após um momento percebeu que era o cheiro de carne assando. A pele das pernas de Gilbert e de seus pés estava ficando escura e estalando, e os pêlos das canelas, pretos; a gordura de sua carne pingava no fogo e chiava. Observar sua agonia fascinou William. Cada vez que Gilbert gritava, sentia uma profunda emoção. Tinha o poder da dor sobre um homem, e aquilo fazia com que se sentisse bem. Como quando pegava uma garota sozinha, num lugar onde ninguém podia ouvi-la protestar, e a prendia de encontro ao chão, levantando-lhe as saias até a cintura, sabendo que nada podia impedi-lo de possuí-la.

- Aonde você está indo? - perguntou de novo, quase relutantemente.

- Para Sherbome - respondeu Gilbert numa voz que era um grito contido

- Por quê?

- Ponha-me no chão, pelo amor de Jesus Cristo, e lhe contarei tudo.

William sentiu a vitória a seu alcance. Era profundamente satisfatório. Mas ainda não tinha chegado aonde queria.

- Apenas tire os pés dele de cima do fogo - disse a Walter. O criado agarrou-o pela túnica e puxou-lhe os pés.

- Agora - disse William.

- O conde Bartholomew tem cinquenta cavaleiros em Sherbome e nas cercanias - disse Gilbert, com um grito estrangulado. - Devo reuni-los e levá-los para Earls castle.

William sorriu. Todas as suas estimativas estavam demonstrando ser absolutamente precisas.

- E o que o conde está planejando fazer com esses cavaleiros?

- Ele não disse.

- Deixe-o queimar mais um pouco - ordenou para Walter.

- Não! - gritou Gilbert. - Contarei tudo!

Walter hesitou.

- Depressa - advertiu William.

- Eles devem combater pela rainha Matilde contra Estêvão - disse Gilbert por fim.

Ali estava; era a prova que queria. William saboreou seu sucesso.

- E quando eu lhe perguntar isso na frente do meu pai, você responderá a mesma coisa? - perguntou.

- Sim, sim.

- E quando meu pai lhe perguntar na frente do rei, você continuará dizendo a verdade?

- Sim.

- Jure pela cruz.

- Juro pela cruz, direi a verdade!

- Amém - disse William satisfeito, e começou a apagar o fogo com os pés.

Amarraram Gilbert à sua sela e puseram o corcel dele numa guia; depois saíram todos, a passo. Gilbert mal era capaz de se manter na vertical, e como William não queria que morresse, porque seria inútil morto, tentou não tratá-lo com demasiada rudeza. Quando atravessaram um regato, jogou água fria nos seus pés queimados. Gilbert berrou de dor, mas isso provavelmente lhe fez bem.

William sentia uma maravilhosa sensação de triunfo, mesclada com um estranho tipo de frustração. Nunca matara um homem, e gostaria de ter matado Gilbert. Torturar um homem sem matá-lo era como arrancar a roupa de uma garota sem estuprá-la. E quanto mais pensava nisso, mais sentia necessidade de uma mulher.

Talvez quando chegasse em casa... não, não haveria tempo. Teria que contar aos pais o que acontecera, e eles iam querer que Gilbert repetisse a confissão na frente de um padre e talvez de outras testemunhas; depois precisariam planejar a captura do conde Bartholomew, o que certamente teria lugar no dia seguinte, antes que ele reunisse muitos combatentes.

E William ainda não pensara num modo furtivo de tomar aquele castelo, sem um cerco prolongado...

Estava pensando, cheio de frustração, que poderia se passar muito tempo antes que pudesse pelo menos ver uma mulher atraente, quando apareceu uma na estrada, à sua frente.

Havia cinco pessoas num grupo, caminhando na direção de William. Uma delas era uma mulher de cabelos escuros e cerca de vinte e cinco anos, não exatamente uma garota, mas bastante jovem. Quando se aproximou, ele se interessou mais: era muito bonita, seu cabelo castanho-escuro fazia um bico-de-viúva ou bico-do-demônio, como o povo também dizia - e os olhos fundos eram de uma intensa cor dourada. Era esbelta e tinha a pele suave e bronzada.

- Fique à retaguarda - disse William para Walter. - Conserve o cavaleiro atrás de você enquanto falo com eles.

O grupo parou e olhou cautelosamente para William. Tratava-se de uma família, evidentemente: havia um homem alto, que poderia ser o marido, um rapaz já crescido mas ainda imberbe, e um par de fedelhos. A aparência do homem era familiar, foi o que William percebeu, com um sobressalto.

- Conheço você? - perguntou.

- Eu o conheço - disse o homem. - E conheço o seu cavalo, porque juntos os dois quase mataram minha filha.

A cena começou a voltar a William. Seu cavalo não tocara na criança, mas passara perto.

- Você estava construindo minha casa - disse ele. - E quando dispensei seus serviços, exigiu pagamento, e quase me ameaçou.

A expressão do homem era de desafio, e ele não negou o que William disse.

- Agora você não está tão petulante - disse William, com um sorriso escarninho. A família toda parecia estar faminta. De repente aquele se revelara um bom dia para acertar contas com pessoas que tivessem ofendido William Hamleigh. - Vocês estão com fome?

- Sim, estamos - respondeu o construtor, com um Tom de raiva contida.

William olhou de novo para a mulher. Ela estava com os pés um pouco separados e o queixo erguido, encarando-o sem o menor medo. William, que se inflamara com Aliena, queria agora saciar a luxúria com aquela mulher. Era enérgica, não tinha dúvida; iria se debater e tentar arranhá-lo. Tanto melhor.

- Você não é casado com essa mulher, é, construtor? perguntou William. -

Lembro-me de sua mulher, era uma vaca feia.

Uma sombra de dor passou pelo rosto do homem, que disse:

- Minha mulher morreu.

- E você não levou esta aí à igreja, levou? Não tem uma moeda para pagar o padre. - Atrás de William, Walter tossiu e os cavalos se mexeram impacientemente. - Suponha que eu lhe dê dinheiro para comprar comida - disse William ao construtor, para atormentá-lo.

- Eu aceitaria agradecido - afirmou o homem, embora William pudesse assegurar que muito lhe doía ser subserviente.

- Não estou falando de um presente. Comprarei sua mulher.

Foi ela mesma quem respondeu:

- Não estou à venda, garoto.

Seu desdém foi bem dirigido, e William ficou com raiva. Eu lhe mostrarei se sou um homem ou um garoto quando a pegar sozinha, pensou. Dirigiu-se ao construtor.

- Eu lhe darei uma libra de prata por ela.

- Ela não está à venda.

William se enfureceu mais ainda. Era de enlouquecer, oferecer uma fortuna a um homem faminto e receber um não como resposta.

- Seu tolo - disse -, se não aceitar o dinheiro eu o passarei pelo fio da minha espada e treparei com ela na frente das crianças!

O braço do construtor sumiu sob a capa. Devia ter uma arma qualquer, pensou William. Era também muito grande e, embora magro como a lâmina de uma faca, poderia oferecer uma briga feia para salvar a mulher. Ela afastou a capa que usava e descansou a mão no punho de uma adaga surpreendentemente comprida. O garoto mais velho era grande o bastante para causar problemas também.

- Milorde - disse Walter, nervoso -, não há tempo para isto.

William aquiesceu relutantemente. Tinha que levar Gilbert para o solar dos Hamleighs. Era importante demais para ser retardado por causa de uma briga em disputa de uma mulher. Ele simplesmente tinha que sofrer.

Olhou para a pequena família de cinco pessoas maltrapilhas e famintas, prontas para lutar até o fim contra os dois homens fortes, com cavalos e espadas. Impossível compreender.

- Está bem, morram de fome - disse. - Esporeou o cavalo e saiu ao trote. Momentos depois eles não podiam mais ser vistos.

II

Quando já estavam a cerca de uma milha do lugar onde haviam

encontrado William Hamleigh, Ellen perguntou:

- Podemos ir mais devagar agora?

Tom se deu conta de que estava imprimindo um ritmo acelerado. Havia se assustado: por um momento, lá atrás, tudo indicava que ele e Alfred precisariam lutar contra dois homens montados e armados. Tom não tinha sequer uma arma. Metera a mão debaixo da capa para pegar seu martelo de pedreiro e depois se lembrara, angustiadamente, que o trocara semanas antes por um saco de aveia. Não sabia ao certo por que William recuara, mas queria colocar o máximo de distância entre eles, para o caso de o jovem lorde querer mudar de ideia na sua mente demoníaca.

Tom não conseguira achar trabalho no palácio do bispo de Kingsbridge e em todos os outros lugares em que procurara. Havia, contudo, uma pedreira nas vizinhanças de Shiring, e uma pedreira - ao contrário de uma construção - empregava tantos homens no inverno quanto no verão. É claro que o trabalho habitual de Tom era mais qualificado e bem pago, mas há muito tempo ele deixara de se importar com essas coisas. Queria apenas alimentar sua família. A pedreira de Shiring era de propriedade do conde Bartholomew, e tinham dito a Tom que ele podia ser encontrado em seu castelo, poucas milhas a oeste da cidade.

Agora que tinha Ellen, estava ainda mais desesperado que antes. Sabia que ela decidira compartilhar sua sorte com ele por amor, e não pesara cuidadosamente as consequências.

Não tinha uma ideia clara de como podia ser difícil para Tom arranjar trabalho. Não avaliara realmente a possibilidade de que poderiam não sobreviver ao inverno, e Tom evitara desiludi-la, porque a queria ao seu lado. Mas uma mulher era bem capaz de pôr o filho acima de tudo mais, e Tom tinha medo de que Ellen o deixasse.

Estavam juntos há uma semana: sete dias de desespero e sete noites de prazer. Todas as manhãs Tom se levantava feliz e otimista. Mais tarde ele sentia fome, as crianças se cansavam e Ellen ficava mal-humorada. Alguns dias eles se alimentavam como quando tinham encontrado o monge com o queijo -, e em outros mascavam tiras de carne de veado seca ao sol, da reserva de Ellen. Era como estar comendo couro de veado, mas era melhor que nada. Entretanto, quando escurecia eles se deitavam, gelados e infelizes, e se abraçavam um ao outro em busca de calor; após algum tempo, começavam a se acariciar e se beijar. A princípio Tom sempre queria penetrá-la imediatamente, mas ela não deixava, com delicadeza; desejava que os beijos e afagos se prolongassem por mais tempo. Ele fazia do jeito dela e ficava encantado. Explorava seu corpo ousadamente, acariciando-a em lugares onde nunca tocara Agnes: nas axilas, nos ouvidos e entre as nádegas. Em algumas noites eles davam risadinhas com a cabeça unida sob os mantos. Em outras ocasiões se sentiam muito ternos. Uma noite, quando

estavam sozinhos na hospedaria de um mosteiro, e as crianças haviam caído num sono exausto, ela mostrou-se dominadora e insistente, mandando que ele lhe fizesse coisas, mostrando como excitá-la com os dedos, e Tom obedeceu, ao mesmo tempo bestificado e excitado pelo seu despudor. Quando tudo acabou, caíram num sono profundo e repousante, com o medo e a raiva do dia dissolvidos pelo amor.

Agora era meio-dia. Tom julgou que William Hamleigh já devesse estar bem longe, de modo que decidiu parar para descansar. Não tinham outra comida senão a carne seca de veado. Pela manhã, contudo, haviam pedido um pedaço de pão numa casa de fazenda isolada, e a mulher lhes dera um pouco de cerveja numa garrafa grande de madeira, sem tampa, dizendo que ficassem com ela. Ellen guardara a cerveja para a refeição.

Ellen sentou-se ao lado de Tom na beirada do grande cepo de uma velha árvore. Ela tomou um longo gole da cerveja e a passou para ele.

- Quer também um pouco de carne? - perguntou. Ele sacudiu a cabeça e bebeu um pouco. Podia facilmente ter tomado tudo, mas deixou um pouco para as crianças.

- Economize a carne - disse para Ellen. - Pode ser que a gente consiga uma ceia no castelo.

Alfred pôs a garrafa na boca e esvaziou-a. Jack ficou cabisbaixo e Martha rompeu no choro. O filho do construtor deu um risinho estranho.

Ellen olhou para Tom.

- Você não devia deixá-lo fazer uma coisa dessas - disse ela após alguns momentos.

Tom deu de ombros.

- Ele é maior, precisa mais.

- Ele sempre recebe uma porção maior, seja como for. Os pequenos precisam de alguma coisa.

- É uma perda de tempo interferir em brigas de crianças - disse ele.

A voz da mulher tornou-se áspera.

- Está dizendo que Alfred pode intimidar as crianças menores como bem entender, que você não fará nada?

- Ele não intimida os outros - disse Tom. - Crianças sempre brigam.

Ela sacudiu a cabeça, aturdida.

- Não o compreendo. Em todos os outros sentidos é um homem bom. Mas no que diz respeito a Alfred, você é cego.

Ellen estava exagerando, foi a opinião de Tom. Mas ele não queria aborrecê-la, e por isso disse:

- Está bem, então dê um pouco de carne para os pequenos.

Ellen abriu a bolsa. Ainda estava zangada. Cortou uma tira de carne seca para Martha e outra para Jack. Alfred levantou a mão para receber uma também,

mas ela o ignorou. Tom achou que Ellen deveria ter-lhe dado uma. Não havia nada de errado com seu filho. Ela simplesmente não o compreendia. Ele era um garoto grande, pensou o pai orgulhosamente, tinha um apetite enorme e não muita paciência, mas se isso fosse pecado, então metade dos adolescentes neste mundo estaria condenada ao inferno.

Descansaram um pouco e prosseguiram a caminhada. Jack e Martha seguiram na frente, ainda mascando a carne ressequida. Os dois mais moços se davam bem, a despeito da diferença de idade - Martha tinha seis anos e Jack, provavelmente onze ou doze. Mas a menina o achava absolutamente fascinante, e ele parecia estar gostando da experiência nova de ter uma criança com quem brincar. Era uma pena que Alfred não gostasse do garoto. O que surpreendeu Tom: esperava que Jack, longe ainda de se tornar homem, não incorreria no desprezo de Alfred; não era, porém, o que acontecia. Seu filho era mais forte, claro, mas o pequeno Jack era mais esperto.

Tom se recusou a ficar preocupado com aquilo. Eram só meninos. Tinha muita coisa na cabeça para perder tempo se martirizando com rixas infantis. Às vezes se perguntava secretamente se algum dia voltaria a trabalhar. Podiam continuar a palmilhar as estradas dia após dia até que, um por um, fossem morrendo: uma criança encontrada fria e inconsciente numa manhã gelada, outra fraca demais para reagir a uma febre. Ellen estuprada e morta por um bandido de passagem, como William Hamleigh, e o próprio Tom emagrecendo cada vez mais até que um dia descobrisse estar demasiadamente fraco para se levantar de manhã e ficasse no chão da floresta, deitado, até dormir e mergulhar para sempre na inconsciência.

Ellen o deixaria antes que isso acontecesse, é claro. Retornaria para sua caverna, onde ainda havia um barril de maçãs e um saco de nozes, o bastante para manter duas pessoas vivas até a primavera, mas insuficiente para cinco. Tom sofreria muito se ela fizesse isso.

Gostaria de saber como estava o bebê. Os monges o tinham chamado de Jonathan. Tom gostou do nome. Significava "presente de Deus", de acordo com o monge do queijo.

Imaginou o pequenino Jonathan, vermelho, todo enrugado e careca, tal como era quando nasceu. Teria mudado, agora: uma semana era muito tempo para um recém-nascido.

Já estaria maior, e seus olhos, mais abertos. Não mais permaneceria desligado do mundo à sua volta: um barulho maior o sobressaltaria e um acalanto o acalmaria.

Quando precisasse arrotar, sua boca se franziria nos cantos. Os monges provavelmente não saberiam que eram gases e pensariam tratar-se de um sorriso de verdade.

Tom esperava que estivessem cuidando bem dele. O monge do queijo lhe

dera a impressão de que ele e os demais eram homens bons e competentes. De qualquer maneira, certamente podiam cuidar do bebê melhor que Tom, que não tinha casa nem dinheiro. Se algum dia eu vier a ser mestre de um projeto de construção realmente grande, pensou, e ganhar quarenta e oito *pence* por semana mais ajuda de custo, darei dinheiro a essemosteiro.

Eles emergiram da floresta e logo depois puderam ver o castelo.

Tom se animou, mas ele reprimiu seu entusiasmo com todas as forças: sofrera meses de desapontamento, e aprendera que quanto mais esperançoso estivesse no princípio, mais dolorosa seria a rejeição no final.

Aproximaram-se do castelo por uma trilha que atravessava uma região descampada. Martha e Jack viram um passarinho ferido, e todos pararam para olhar. Era tão pequeno que poderiam facilmente ter passado sem vê-lo. Martha abaixou-se para pegá-lo, e ele fugiu saltitando, aparentemente incapaz de voar. Apanhou-o então e levantou a criaturinha minúscula nas mãos em concha.

- Está tremendo! - disse ela. - Posso sentir que está tremendo. Deve estar assustado.

O passarinho não fez mais nenhuma tentativa para fugir. Ficou quietinho aninhado na mão de Martha, os olhos brilhantes examinando toda aquela gente à sua volta.

- Acho que está com a asa quebrada - disse Jack.

- Deixe-me ver - disse Alfred, tirando o passarinho de Martha.

- Podíamos cuidar do passarinho - disse a menina. - Talvez fique bom.

- Não, não ficará - disse Alfred. com um rápido movimento de suas mãos grandes, torceu o pescoço do passarinho.

- Oh, pelo amor de Deus - disse Ellen. Jack apanhou o passarinho.

- Morto - disse.

- O que é que há de errado com você, Alfred? - perguntou Ellen.

- Não há nada de errado com ele - disse Tom. - O passarinho ia morrer.

Ele continuou a caminhada, e os outros o seguiram. Ellen estava furiosa com Alfred de novo, o que irritou Tom. Por que fazer tanto escândalo por causa de um maldito passarinho? Tom lembrou-se de como era ser novamente um garoto de catorze anos, um menino no corpo de um homem: a vida era frustrante. Ellen dissera: No que diz respeito a Alfred, você é cego, mas ela não compreendia.

A ponte de madeira que passava por cima do fosso e dava acesso ao portão era frágil e desconjuntada, mas provavelmente era como o conde gostava: uma ponte era uma via de acesso para os atacantes, e quanto mais prontamente caísse, mais seguro o castelo ficaria. As paredes do perímetro eram de terra, com torres de pedra aqui e ali. Adiante deles, quando cruzaram a ponte, estava o portão de pedra, como duas torres ligadas por um passadiço. Muito trabalho de pedra aqui, pensou Tom; não era um desses castelos que só tem lama e madeira.

Pode ser que eu amanhã esteja trabalhando. Rememorou como era a sensação de ter boas ferramentas nas mãos, o barulho da talhadeira raspando no bloco de pedra quando alisava sua superfície e endireitava seus lados, a secura do pó nas narinas. Amanhã à noite pode ser que minha barriga esteja cheia - com comida ganha com meu trabalho, e não mendigada.

Chegando mais perto, notou, com seu olho de pedreiro, que as ameias na parte de cima da guarita estavam em más condições. Algumas das grandes pedras tinham caído, deixando o parapeito falhado em certas partes. Havia também pedras soltas no arco da entrada.

Dois sentinelas estavam no portão, e ambos pareciam alerta. Talvez estivessem esperando problema. Um deles perguntou qual era o negócio de Tom.

- Pedreiro, esperando ser contratado para trabalhar na pedreira do conde - respondeu ele.

- Procure o administrador do conde - disse o sentinela solitamente. - O nome dele é Matthew Steward. Você provavelmente vai encontrá-lo no salão grande.

- Obrigado - disse Tom. - Que tipo de homem é ele?

O guarda riu para o seu colega e disse:

- Um homem que não é muito homem! - e ambos riram.

Tom supôs que logo fosse descobrir o que aquilo queria dizer. Entrou, e Ellen e as crianças o seguiram. As construções no interior do perímetro delimitado pela parede eram na maioria de madeira, embora algumas fossem erguidas sobre peças de pedra, e havia uma toda de pedra que provavelmente era uma capela. Enquanto cruzavam o conjunto, Tom notou que todas as torres em torno do perímetro tinham pedras soltas e ameias danificadas. Cruzaram o segundo fosso para o círculo superior, e se detiveram no segundo portão. Tom disse ao sentinela que estava procurando Matthew Steward. Acompanhado pela família, entrou no conjunto superior, aproximando-se da fortaleza de pedras quadradas. A porta de madeira do nível térreo claramente abria na galeria. Subiram a escada, também de madeira, para o salão.

Tom encontrou o administrador e o conde assim que entrou. Viu quem eram pelas suas roupas. O conde Bartholomew vestia uma túnica comprida com canhões brilhantes nas mangas e bordados na bainha. Matthew Steward usava uma túnica curta, no mesmo estilo da de Tom, mas feita de um tecido mais macio, e um gorro. Estavam perto da lareira, o conde sentado e o administrador de pé. Tom aproximou-se dos dois homens e ficou a uma distância de onde poderia ouvi-los, aguardando que notassem sua presença. O conde Bartholomew era alto, com mais de cinquenta anos, cabelo branco e rosto pálido, magro e arrogante. Não parecia ser um homem de espírito generoso.

O administrador era mais jovem. Seu jeito de ficar de pé fez com que Tom se lembrasse da observação do sentinela: era meio feminino. Não se sentiu

seguro quanto a ele.

Havia diversas outras pessoas no salão, mas nenhuma delas tomou conhecimento de Tom. Ele aguardou, sentindo-se esperançoso e temeroso, sucessivamente. A conversa do conde com seu administrador parecia não acabar nunca. Mas por fim terminou, e o administrador fez uma reverência e virou-se de lado. Tom adiantou-se com o coração na boca.

- Você é Matthew? - perguntou.

- Sim.

- Meu nome é Tom. Mestre pedreiro. Sou um bom artesão e meus filhos estão famintos. Soube que vocês têm uma pedreira. - Ele prendeu a respiração.

- Temos uma pedreira, mas não creio que precisemos de mais operários - disse Matthew. Ele se virou para trás e olhou para o conde, que balançou a cabeça quase que imperceptivelmente.

- Não - disse Matthew -, não podemos contratar você.

Foi a rapidez com que a decisão foi tomada que partiu o coração de Tom. Se as pessoas se mostrassem solenes e pensassem e o rejeitassem pesadamente, seria mais fácil para ele aguentar o golpe. Matthew não parecia ser cruel, Tom podia ver isso, mas tinha muito que fazer, e o construtor e sua família faminta eram apenas outro item do qual precisava se livrar o mais rapidamente possível.

- Eu poderia fazer alguns reparos aqui no castelo - disse Tom, desesperado.

- Temos um artesão que faz toda espécie de serviço para nós - disse Matthew.

Um artífice, claro, um faz-tudo, geralmente treinado como carpinteiro.

- Sou pedreiro - disse Tom. - Minhas paredes são fortes.

Matthew ficou aborrecido com ele por ponderar, e parecia prestes a dizer qualquer coisa mais dura; contudo, olhou para as crianças e sua expressão se suavizou de novo.

- Eu gostaria de lhe dar trabalho, mas não precisamos de você.

Tom fez que sim. Ele agora deveria aceitar humildemente o que o administrador dissera, adotar uma expressão pesarosa e suplicar um prato de comida e um lugar para passar a noite. Mas Ellen estava com ele, tinha medo de que ela fosse embora, e por isso fez mais uma tentativa. Disse, num Tom de voz alto o bastante para o conde ouvir:

- Só espero que não estejam prevendo combater em breve. O efeito foi muito mais forte do que imaginara. Matthew estremeceu e o conde levantou-se e perguntou asperamente:

- Por que diz isso?

Tom percebeu que havia tocado num nervo exposto.

- Porque suas defesas estão em mau estado de conservação - respondeu.

- Como assim? - quis saber o conde. - Seja específico, homem!

Tom respirou fundo. O conde estava irritado mas prestava atenção. Ele não teria outra chance depois desta.

- A argamassa nas paredes da guarita caiu em alguns lugares. O que deixa uma abertura para que se enfie uma alavanca. Um inimigo poderia facilmente arrancar fora uma ou duas pedras; e uma vez que se tenha um buraco, é fácil derrubar a parede. Também - ele prosseguiu apressadamente, sem respirar, antes que alguém pudesse comentar ou arguir - todas as suas ameias estão danificadas. Em vários lugares estão retas. O que deixa seus arqueiros e cavaleiros desprotegidos das...

- Sei muito bem para que servem ameias - interrompeu o conde, irritado. - Alguma coisa mais?

- Sim. Esta fortaleza tem uma galeria com porta de madeira. Se eu a estivesse atacando entraria pela porta e atearia fogo nas provisões ali guardadas.

- E se você fosse o conde, o que faria para impedir isso?

- Teria uma pilha de pedras, já na forma adequada, um suprimento de areia e cal para fazer argamassa e um pedreiro pronto para bloquear a entrada em ocasiões de perigo.

O conde Bartholomew olhou para Tom. Seus olhos azul claros estavam semicerrados e a testa, franzida. Tom não conseguiu interpretar sua expressão. Estaria zangado por ele ter sido tão crítico das defesas do castelo? Nunca se pode dizer como um lorde reagirá a críticas. Sempre foi muito melhor deixar que cometessem seus próprios erros. Mas Tom era um homem desesperado.

Por fim o conde pareceu chegar a uma conclusão. Virou-se para Matthew e disse:

- Contrate este homem.

Um grito de júbilo cresceu na garganta de Tom e ele teve que contê-lo. Mal podia crer. Olhou para Ellen, e os dois sorriram felizes. Martha, que não sofria de inibições de adultos, gritou:

- Hurra!

O conde Bartholomew virou-se e falou com um cavaleiro que estava de pé por perto. Matthew sorriu para Tom.

- Vocês já comeram hoje? - perguntou.

Tom engoliu em seco. Estava tão feliz que por pouco não chorava.

- Não, não comemos.

- Eu os levarei à cozinha.

Ansiosos, eles seguiram o administrador para fora do salão e através da ponte até o conjunto inferior. A cozinha era uma grande construção de madeira com base de pedra. Matthew lhes disse para esperar do lado de fora. Havia um cheiro doce no ar: estavam assando massas. A barriga de Tom roncou e sua boca se encheu tanto de água que chegou a doer. Após um momento Matthew reapareceu com um grande pote de cerveja e o entregou a Tom.

- Eles vão trazer um pouco de pão e bacon frio num momento - disse e os deixou.

Tom tomou um gole da cerveja e passou o pote para Ellen. Ela deu um pouco para Martha, depois tomou um gole e passou para Jack. Alfred tentou pegá-lo antes que o outro menino pudesse beber, mas Jack se virou, mantendo o pote fora do alcance dele. Tom não queria outra briga entre as crianças, não agora, quando tudo por fim tinha dado certo. Já estava prestes a intervir - quebrando assim sua própria regra de não se meter com as rixas infantis - quando Jack se virou de novo e, submissamente, passou o pote para Alfred.

Alfred levou o pote à boca e começou a beber. Tom tinha tomado só um gole, pensando que o pote faria a volta e iria para ele de novo; seu filho, porém, parecia determinado a acabar com a cerveja. Então aconteceu algo estranho. Quando o garoto levantou bem o pote para beber o resto, uma coisa que parecia um pequeno animal caiu no seu rosto.

Alfred deu um grito de medo e deixou cair o pote. Deu um tapa para tirá-la da cara.

- Que é isto? - gritou. A coisa caiu no chão. Era o passarinho morto.

Tom e Ellen se entreolharam e ambos fitaram Jack. O menino recebera o pote de Ellen, virara de costas por um momento, como que tentando se esquivar de Alfred, e depois lhe entregara o pote com surpreendente boa vontade...

Agora ele estava quieto, olhando para o horrorizado Alfred com uma vaga sugestão de sorriso no jovem-velho rosto inteligente.

Jack sabia que ia sofrer por causa daquilo.

Alfred se vingaria de um modo ou de outro. Quando os demais não estivessem olhando, ele talvez o socasse na barriga. Era seu golpe favorito, por ser muito doloroso e não deixar marcas. Jack o vira socar Martha na barriga muitas vezes.

Mas bem que valera um soco na barriga ver a expressão de choque e medo em seu rosto quando o passarinho morto caíra do pote.

Alfred odiava Jack. Isso era uma experiência nova para o menino. Sua mãe sempre o amara e nenhuma outra pessoa jamais nutrira qualquer tipo de sentimento por ele.

Não havia razão aparente para a hostilidade de Alfred. Ele parecia se sentir de modo muito parecido acerca de Martha. Estava sempre beliscando-a, puxando-lhe o cabelo e dando-lhe rasteiras, aproveitando qualquer oportunidade para estragar algo a que ela desse valor. A mãe de Jack via o que estava acontecendo, e detestava, mas o pai de Alfred parecia achar tudo perfeitamente normal, muito embora fosse um homem bom e delicado e amasse Martha. A coisa toda era estranha, mas, apesar disso, o fascinava.

Tudo era fascinante. Jack nunca vivera uma temporada tão excitante em toda a vida. A despeito de Alfred, a despeito de sentir fome a maior parte do

tempo, a despeito de se sentir magoado pelo modo como sua mãe constantemente dava atenção a Tom e não a ele, estava encantado pela torrente constante de fenômenos estranhos e experiências novas.

O castelo era a última numa série de maravilhas. Ouvira falar de castelos: nas longas noites de inverno na floresta, sua mãe lhe ensinara a recitar *chansons*, poemas descritivos em francês sobre cavaleiros e mágicos, a maioria deles com mais de mil versos; e os castelos apareciam nessas histórias como lugares de refúgio e romance.

Nunca tendo visto um castelo, ele imaginou que seria uma versão ligeiramente maior da caverna onde morava. O castelo real era assombroso: era tão grande, com tantos prédios e com tanta gente, e com todas as pessoas tão ocupadas - ferrando cavalos, carregando água, alimentando galinhas, assando o pão e carregando coisas, sempre carregando coisas, palha para o chão, lenha para os fogos, sacos de farinha, fardos de tecido, espadas, selas e cotas de malha! Tom lhe dissera que o fosso e a parede de terra não eram partes naturais da paisagem, e que na verdade tinham sido escavados e construídos por dúzias de homens trabalhando juntos.

Jack não desacreditava em Tom, mas não conseguia imaginar como fora possível construir aquelas coisas.

Ao fim da tarde, já escuro demais para trabalhar, todas as pessoas ocupadas passaram a gravitar em torno do grande salão do palácio. Velas de sebo foram acendidas, e o fogo nas lareiras, alteado, e todos os cachorros apareceram, vindos do frio. Alguns dos homens e mulheres pegaram tábuas e cavaletes de uma pilha num lado do salão e montaram mesas em T, depois colocaram cadeiras ao longo da parte de cima e bancos ao comprido, dos dois lados da haste. Jack nunca vira pessoas trabalhando juntas em grande número, e ficou assombrado pela maneira como apreciavam isso. Sorriam e riam ao erguerem as tábuas pesadas, gritando coisas como "Hup!", "Para mim, para mim", ou "Abaixa, devagar, agora!" Jack invejou sua camaradagem e se perguntou se um dia poderia desfrutar dela.

Após algum tempo todos se sentaram nos bancos. Um dos serventes do castelo distribuiu grandes tigelas e colheres de madeira, contando em voz alta quando entregava; depois fez outra volta e colocou uma fatia grossa de pão escuro e duro no fundo de cada tigela. Outro servente trouxe copos de madeira que encheu com cerveja trazida numa série de grandes botijas. Jack, Martha e Alfred, sentados juntos na extremidade de baixo do T, receberam um copo de cerveja cada, de modo que não houve motivo de briga. Jack levantou seu copo mas sua mãe lhe disse que esperasse um pouco.

Quando a cerveja foi servida, o salão ficou em silêncio. Jack aguardou, fascinado como sempre, para ver o que aconteceria a seguir. Após um momento o conde Bartholomew apareceu na escada que descia do seu quarto. Ele veio para

o salão seguido por Matthew Steward, três ou quatro outros homens bem vestidos, um menino e a mais linda criatura sobre a qual Jack já pusera os olhos.

Era uma garota, ou mulher, ele não estava bem certo. Vestia-se de branco, e sua túnica tinha maravilhosas mangas bojudas que se arrastavam pelo chão atrás dela quando desceu a escada. Seu cabelo era uma massa de cachos escuros que se derramava sobre o rosto, e os olhos, também escuros, muito escuros. Jack percebeu que era aquilo que as *chansons* se referiam ao falarem de uma linda princesa num castelo. Não era de espantar que todos os cavaleiros chorassem quando a princesa morria.

Quando chegou ao pé da escadaria Jack viu que era bastante jovem, apenas uns poucos anos mais velha que ele próprio; porém, ela conservou a cabeça erguida e caminhou até a cabeceira da mesa como uma rainha. Sentou-se ao lado do conde.

- Quem é ela? - cochichou Jack.

- Deve ser a filha do conde - respondeu Martha.

- Qual é o nome dela?

Martha deu de ombros, mas uma garota de cara suja sentada ao lado de Jack disse:

- Ela se chama Aliena. É maravilhosa.

O conde levantou o copo para Aliena, depois olhou vagarosamente para toda a mesa e bebeu. Aquele era o sinal que esperavam. Todos o imitaram, levantando os copos antes de beber.

A ceia foi trazida em imensos caldeirões fumegantes. O conde foi servido em primeiro lugar; depois sua filha, o menino e os homens que o acompanhavam na cabeceira da mesa; a seguir, todos os demais se serviram. Era peixe salgado num ensopado com condimentos. Jack encheu sua tigela e comeu tudo, mesmo o pão encharcado de molho oleoso. Entre uma mastigadela e outra ele olhava para Aliena, absorto em tudo o que fazia, desde o modo requintado como espetava pedacinhos de peixe na ponta da faca e os colocava delicadamente entre os dentes brancos, à voz autoritária com que chamava os servos e dava ordens. Todos pareciam gostar dela. Atendiam rapidamente quando chamados, sorriam quando ela falava e apressavam-se a cumprir o que lhes determinava. Os rapazes em torno da mesa a olhavam muito, observou Jack, e alguns se exibiam quando achavam que ela olhava na sua direção. Mas ela estava preocupada sobretudo com os homens de mais idade na companhia do pai, certificando-se de que tinham bastante pão e vinho, fazendo-lhes perguntas e ouvindo atenciosamente suas respostas. Jack perguntou-se como deveria ser ter uma linda princesa daquelas falando com ele e depois encará-lo com aqueles enormes olhos escuros quando respondesse.

Após a ceia houve música. Dois homens e uma mulher tocaram melodias com sinetas, um tambor e tubos feitos de ossos de animais e aves. O conde

fechou os olhos e pareceu se perder na música, mas Jack não gostou das melodias melancólicas e obsessivas que tocavam. Preferia as canções alegres que sua mãe cantava. As outras pessoas no salão pareciam se sentir do mesmo modo, pois se remexiam e arrastavam os pés, e houve uma sensação geral de alívio quando a música terminou.

Jack estava na esperança de olhar mais de perto Aliena, mas para seu desapontamento ela abandonou o salão depois da música e subiu a escada. Devia ter seu próprio quarto no andar superior, pensou.

As crianças e alguns dos adultos jogavam xadrez e o jogo das nove pedras para passar a noite, e as pessoas mais ativas faziam cintos, gorros, meias, luvas, tigelas, apitos, dados, pás e rebenques. Jack disputou várias partidas de xadrez, ganhando todas; um homem de armas ficou zangado por ter sido derrotado por uma criança, e depois disso a mãe de Jack fez com que parasse. Ele ficou circulando pelo salão, ouvindo as diferentes conversas; descobriu que algumas pessoas conversavam com sensatez sobre o campo e os animais, ou bispos e reis, enquanto outros só se importunavam uns aos outros, contavam vantagens ou histórias engraçadas. Jack achou que todos eram igualmente intrigantes.

As velas, com o passar do tempo, queimaram por inteiro; o conde se retirou, e as outras sessenta ou setenta pessoas se embrulharam em seus mantos e se deitaram no chão coberto de palha.

Como sempre, sua mãe e Tom deitaram juntos, debaixo do grande manto de Tom, e ela o abraçou do modo como costumava abraçar Jack quando ele era pequeno. Observou-os com inveja. Pôde ouvi-los falando baixinho, e sua mãe deu um risinho baixo e íntimo. Após algum tempo seus corpos começaram a se mover de maneira ritmada sob o manto.

Na primeira vez em que os vira fazendo isso, Jack tinha ficado terrivelmente preocupado, pensando que, fosse o que fosse, devia doer; porém eles se beijaram enquanto estavam fazendo aquilo, e embora às vezes sua mãe gemesse, ele podia afirmar que era um gemido de prazer. Ficou relutante de perguntar o que era aquilo, não sabia bem por quê. Agora, contudo, com o fogo queimando mais baixo, ele viu outro casal fazendo o mesmo, e foi forçado a concluir que devia ser normal. Era só outro mistério, pensou, e logo depois caiu no sono.

As crianças se levantaram cedo na manhã seguinte, mas o desjejum não podia ser servido antes que a missa fosse rezada, e a missa não podia ser rezada antes que o conde se levantasse, de modo que tiveram de esperar. Um criado que acordara cedo recrutou-as para carregarem a lenha que seria usada durante o dia. Os adultos começaram a acordar quando o ar frio da manhã entrou pela porta. Quando as crianças acabaram de trazer a lenha, encontraram Aliena.

Ela desceu a escada, como fizera na noite anterior, mas agora parecia diferente. Usava uma túnica curta e botas de feltro. Os cachos volumosos

estavam amarrados atrás com uma fita, mostrando a linha graciosa do seu queixo, as orelhas pequenas e o pescoço alvo. Os grandes olhos escuros, que tinham parecido graves e adultos na noite anterior, agora brilhavam de alegria, e ela estava sorrindo. Era seguida pelo menino que se sentara com ela e com o conde à cabeceira da mesa, na noite anterior. Ele parecia um ou dois anos mais velho que Jack, mas não era tão crescido quando Alfred. Olhou curiosamente para Jack, Martha e Alfred, mas foi a garota quem perguntou:

- Quem são vocês?

- Meu pai é o pedreiro que vai reparar o castelo - respondeu o mais velho.

- Sou Alfred. O nome de minha irmã é Martha. Este é Jack.

Quando ela se aproximou, Jack pôde sentir o cheiro de lavanda, e ficou atônito. Como uma pessoa podia cheirar a flores?

- Quantos anos você tem? - perguntou ela a Alfred.

- Catorze. - Alfred também estava deslumbrado com ela, Jack era capaz de garantir. Após um instante Alfred não se conteve: - E você, quantos anos tem?

- Quinze. Quer algo para comer?

- Quero.

- Venha comigo.

Todos a seguiram, saindo do salão e descendo a escada.

- Mas eles não servem nada antes da missa - disse Alfred.

- Eles fazem o que digo - retrucou Aliena, atirando a cabeça para trás num gesto de impaciência.

Ela os liderou na travessia da ponte para o conjunto inferior e lhes disse que esperassem do lado de fora enquanto entrava na cozinha.

- Ela não é linda? - sussurrou Martha para Jack, e ele aquiesceu, meio tonto.

Poucos momentos depois Aliena apareceu com um pote de cerveja e uma bisnaga de pão de trigo. Partiu o pão em nacos, que distribuiu, e depois fez circular o pote.

- Onde está sua mãe? - perguntou Martha timidamente, após algum tempo.

- Ela morreu - respondeu Aliena de modo brusco.

- Você não está triste? - quis saber Martha.

- Fiquei triste, mas foi há muito tempo. - Ela indicou o menino ao seu lado com um meneio de cabeça. - Richard nem consegue se lembrar.

Richard devia ser seu irmão, concluiu Jack.

- Minha mãe está morta também - disse Martha, e seus olhos se encheram de lágrimas.

- Quando ela morreu? - perguntou Aliena.

- Na semana passada.

Aliena não pareceu muito comovida com as lágrimas de Martha, observou Jack - a menos que estivesse parecendo indiferente para ocultar a própria dor.

- Então quem é aquela mulher que está com vocês? - perguntou ela abruptamente.

- É a minha mãe - respondeu Jack ansioso, ficando emocionado por ter algo a dizer-lhe.

Ela se virou para ele como se o estivesse vendo pela primeira vez.

- Bem, e onde está o seu pai?

- Não tenho - disse ele. Estava todo animado só por ver que ela o olhava.

- Morreu também?

- Não - respondeu ele. - Nunca tive pai.

Houve um momento de silêncio e depois Aliena, Richard e Alfred caíram na risada. Jack ficou intrigado e olhou para eles sem entender; e seus risos se intensificaram, até que começou a se sentir mortificado. O que era tão engraçado a respeito de nunca ter tido um pai? Até mesmo Martha estava sorrindo, suas lágrimas esquecidas.

- Então de onde é que você veio, se não tem pai? - perguntou Alfred, zombeteiro.

- De minha mãe, todas as criancinhas vêm de sua mãe - disse Jack, desorientado. - O que os pais têm a ver com isso?

Todos riram ainda mais. Richard dava pulos de alegria, apontando um dedo de bochecho para Jack.

- Ele não sabe nada, nós o encontramos na floresta - disse Alfred para Aliena.

As bochechas de Jack arderam de vergonha. Sentira-se tão feliz por falar com Aliena, e agora ela pensava que ele era um tolo completo, um ignorante da floresta.

E pior de tudo, não sabia ainda o que dissera de errado. Teve vontade de chorar, o que piorou a situação. O pão ficou entalado na sua garganta, e ele não conseguiu engolir. Olhou para Aliena, seu rosto lindo iluminado pela alegria, e não pôde aguentar aquela visão, por isso atirou fora o pão e se afastou.

Sem se importar por onde ia, caminhou até o talude da muralha do castelo. Agarrando-se com as mãos subiu a rampa íngreme até o topo. Ali em cima sentou-se na terra fria, olhando para o exterior, sentindo pena de si próprio, odiando Alfred, Richard e até mesmo Martha e Aliena. Princesas não têm coração, decidiu.

O sino tocou chamando para a missa. Os serviços religiosos ainda eram outro mistério para ele. Falando um idioma que não era nem inglês nem francês, os padres cantavam e falavam com estátuas, quadros e até mesmo para seres que eram completamente invisíveis. A mãe de Jack evitava comparecer a funções religiosas sempre que podia.

Quando os habitantes do castelo começaram a se dirigir para dentro, Jack passou rapidamente por cima do topo da muralha e se sentou, fora das vistas

deles, do lado de fora.

O castelo era cercado por uma extensão de terra descampada, com bosques a distância. Dois visitantes matutinos atravessaram o terreno plano. O céu estava nublado, com nuvens cinzentas e baixas. Jack perguntou-se se não iria nevar.

Dois outros visitantes surgiram no campo visual de Jack. Estes estavam a cavalo. Aproximaram-se rapidamente, ultrapassando o primeiro par. Conduziram seus cavalos pela ponte de madeira e através do portão.. Todos os quatro visitantes teriam de esperar até que a missa terminasse para poder entrar, fossem quais fossem os negócios que os haviam trazido ali, pois todos iam à igreja, exceto os sentinelas de serviço.

Uma voz que soou repentinamente junto de Jack o assustou.

- Então você está aqui! - Era sua mãe. Ele se virou e viu imediatamente que estava aborrecida. - O que há?

Ele queria que a mãe o consolasse, mas endureceu o coração.

- Tive um pai? - perguntou.

- Sim. Todo mundo tem pai. - Ela se ajoelhou ao lado dele.

Ele desviou o rosto. Sua humilhação fora culpa dela, por não lhe ter falado a respeito do seu pai.

- O que aconteceu com ele?

- Morreu.

- Quando eu era pequeno?

- Antes de você nascer.

- Como podia ser meu pai, se morreu antes de eu nascer?

- Os bebês nascem de uma semente. A semente vem do pau de um homem e é plantada na xoxota de uma mulher. Aí a semente cresce e se transforma num bebê na barriga dela, e quando está pronto sai.

Jack ficou em silêncio por um momento, digerindo a informação. Suspeitou que aquilo tinha ligação com o que sua mãe e Tom faziam de noite.

- Tom vai plantar uma semente em você? - perguntou.

- Talvez.

- Então você terá um novo bebê.

Ela aquiesceu.

- Um irmão para você. Gostaria de um irmão novo?

- Não me importa - disse ele. - Tom já tirou você de mim. Um irmão não faria diferença.

Ela passou o braço em torno dele e o abraçou.

- Ninguém jamais vai me tirar de você - afirmou. Isso fez com que ele se sentisse um pouco melhor.

Os dois ficaram sentados juntos por algum tempo, até que ela disse:

- Está frio aqui. Vamos nos sentar junto do fogo até o desjejum.

Ele concordou. Os dois se levantaram, passaram por cima da muralha de terra e desceram para dentro do conjunto numa corrida. Não havia sinal dos quatro visitantes.

Talvez tivessem entrado na capela.

Quando Jack e sua mãe atravessaram a ponte que levava ao conjunto da parte de cima do 8, ele perguntou:

- Qual era o nome do meu pai?

- Jack, como você - respondeu ela. - Era chamado de Jack Shareburg.

Isso lhe agradou. Tinha o mesmo nome do pai.

- Então, se não há outro Jack, posso dizer às pessoas que sou Jack Jackson.

- Pode. As pessoas nem sempre chamam a gente como gostaríamos, mas sempre se pode tentar.

O menino concordou. Sentia-se melhor. Pensaria em si próprio como Jack Jackson. Não estava tão envergonhado agora. Pelo menos sabia a respeito de pais e sabia até mesmo o nome do seu. Jack Shareburg.

Chegaram à guarita do conjunto de cima. Não havia sentinelas. A mãe de Jack parou, intrigada.

- Tenho a sensação estranha de que está acontecendo algo de diferente - disse ela. Sua voz era calma e controlada, mas havia nela uma nota de medo que fez com que Jack sentisse um arrepio, e ele teve uma premonição de desastre.

Sua mãe entrou no pequeno alojamento dos sentinelas na base da guarita. Um momento depois Jack a ouviu arquejar. Entrou atrás dela. Estava de pé, a mão na boca, olhando fixamente para o chão.

O sentinela estava deitado de costas, os braços ao lado do corpo. Seu pescoço estava cortado, havia uma poça de sangue fresco no chão junto a ele, que estava inquestionavelmente morto.

William Hamleigh e seu pai tinham partido no meio da noite, com quase cem cavaleiros e homens de armas a cavalo, e sua mãe à retaguarda. O exército iluminado por archotes, o rosto dos homens tapados por causa do ar frio da noite, tudo devia ter aterrorizado os habitantes das aldeias através das quais passaram ruidosamente a caminho de Earlscastle. Chegaram na encruzilhada enquanto ainda estava escuro como breu. Dali em diante, desmontaram e foram puxando os cavalos, para lhes dar um descanso e reduzir a um mínimo o barulho. Quando o sol raiou eles se esconderam nos bosques que encontraram pelo caminho até o castelo do conde Bartholomew.

William não chegara a contar o número de combatentes que vira no castelo - uma omissão pela qual sua mãe o repreendera implacavelmente, muito embora, como ele tentara argumentar, muitos dos homens que vira ali estivessem esperando para serem mandados fazer serviços fora e outros pudessem ter chegado após a saída de William, e assim uma contagem não seria confiável. Mas

teria sido melhor que nada, como seu pai dissera. Contudo, ele estimara ter visto cerca de sessenta homens; assim sendo, se não tivesse havido grandes mudanças nas poucas horas decorridas desde então, os Hamleighs estariam com uma vantagem superior a dois por um.

Esse número estava longe do necessário para sitiar o castelo, é claro. No entanto, eles tinham formulado um plano para tomá-lo sem um sítio. O problema era que o exército atacante seria visto pelos vigias, e o castelo estaria fechado muito tempo antes de eles chegarem. A resposta estava em achar um meio qualquer para fazer o castelo ficar aberto pelo tempo que fosse preciso para o exército se deslocar do esconderijo nos bosques até ali.

Fora Lady Hamleigh quem resolveu o problema, claro.

- Precisamos de uma diversão - disse ela, coçando um furúnculo no queixo. - Algo para apavorá-los, de modo que não percebam o exército senão quando for tarde demais. Como um incêndio.

- Se um estranho entrar lá e causar um incêndio, eles serão alertados, de qualquer modo - retrucou o lorde.

- Teria que ser feito às escondidas - sugeriu William.

- Claro que sim - disse a mãe, impacientemente. - Você terá que fazer isso enquanto estiverem na missa.

- Eu?

William foi designado responsável pela vanguarda. O céu da manhã clareara com incrível lentidão. William estava nervosamente impaciente. Durante a noite, ele, sua mãe e seu pai tinham adicionado refinamentos à idéia básica, mas ainda havia um grande número de coisas que podiam dar errado: a vanguarda podia não conseguir entrar no castelo por alguma razão, ou despertar suspeitas e não conseguir atuar subrepticiamente, ou ainda ser apanhada antes de conseguir fazer qualquer coisa. Mesmo que o plano funcionasse, haveria uma batalha, a primeira batalha de verdade para William. Homens seriam feridos e mortos, e ele podia ser um dos infelizes. Suas entranhas ficaram duras de tanto medo. Aliena estaria ali, e saberia se ele fosse derrotado. Ou, por outro lado, estaria ali para vê-lo, caso triunfasse. Ele se imaginou irrompendo dentro do quarto dela, com a espada sangrenta na mão. Então ela desejaria jamais ter rido dele.

Do castelo veio o som do sino batendo para a missa da manhã.

William fez um gesto com a cabeça, e dois homens se destacaram do grupo e se puseram a caminhar, atravessando o terreno descampado que os separava do castelo. Eram Raymond e Ranulf, dois homens alguns anos mais velhos que William, de fisionomia e músculos duros. Escolhera-os pessoalmente: seu pai lhe dera carta branca. Lorde Hamleigh em pessoa comandaria o ataque principal.

William observou Raymond e Ranulf caminharem rapidamente pelos campos gelados. Antes que atingissem o castelo, olhou para Walter, esporeou o

cavalo e saiu, acompanhado pelo criado, a trote. Os sentinelas viam dois pares de pessoas separados, um a pé e outro a cavalo, aproximando-se do castelo pela manhã bem cedo: uma visão perfeitamente inocente.

O cálculo de tempo de William foi bom. Ele e Walter passaram por Raymond e Ranulf a cerca de cem jardas do castelo. Na ponte eles desmontaram. O coração de William estava na boca. Se estragasse aquela parte, todo o ataque estaria arruinado.

Havia dois sentinelas no portão. Como num pesadelo, William suspeitou de uma emboscada, achando que uns doze homens de armas pulariam de um esconderijo e o fariam em pedaços. Os sentinelas pareciam alerta, mas não ansiosos. Não usavam armaduras. William e Walter tinham cotas de malha sob as capas.

As tripas de William pareciam ter virado água. Ele não conseguia engolir. Um dos sentinelas o reconheceu.

- Olá, lorde William - disse jovialmente. - Veio fazer a corte de novo?

- Oh, meu Deus - disse William, numa voz fraca, e enfiou a adaga na barriga do sentinela, torcendo-a para a direção do coração depois que passou por baixo da caixa torácica. O homem arquejou, vergou e abriu a boca como se fosse gritar. Um barulho poderia estragar tudo. Em pânico, sem saber o que fazer, William puxou a adaga e enfiou-a na boca aberta do homem, empurrando a lâmina na garganta para silenciá-lo. Em vez de grito, foi sangue que saiu da sua boca. Os olhos do homem se fecharam.

William retirou a adaga quando ele caiu no chão.

Seu cavalo afastara-se um pouco, andando de lado, assustado pelos movimentos súbitos. William pegou sua rédea e depois olhou para Walter, que tinha se encarregado do outro sentinela. O criado esfaqueara o outro homem mais eficientemente, cortando-lhe o pescoço, de modo que ele morrera em silêncio. Tenho que me lembrar disso, pensou William, na próxima vez que tiver de silenciar um homem. Depois então pensou: Consegui! Matei um homem!

Deu-se conta de que não mais estava aterrorizado.

Entregou as rédeas a Walter e subiu correndo a escada em espiral para a torre do portão. Na parte superior havia um aposento de onde se erguia a ponte levadiça. Com a espada, golpeou o grosso cabo. Bastaram duas tentativas para cortá-lo. Deixou cair a extremidade solta pela janela. O cabo caiu no barranco e escorregou devagarzinho para dentro do fosso, quase sem salpicar água. Agora a ponte não poderia ser levantada contra a força atacante de seu pai. Aquele era um dos refinamentos que tinham imaginado na noite anterior.

Raymond e Ranulf chegaram ao portão justamente quando William alcançou o patamar da escada. O primeiro serviço deles era danificar os imensos portões de carvalho que fechavam o arco que dava passagem da ponte para o conjunto. Cada um deles pegou um martelo de madeira e uma talhadeira e

começou a tirar a argamassa que cercava as poderosas dobradiças de ferro. O barulho do martelo na talhadeira pareceu terrivelmente alto a William.

Ele arrastou depressa os dois sentinelas mortos para dentro do alojamento. Com todo mundo na missa, havia forte chance de os corpos não serem vistos senão quando já fosse tarde demais.

Apanhou suas rédeas com Walter e os dois passaram caminhando por baixo do arco, atravessando o conjunto na direção do estábulo. William forçou as pernas a se moverem num passo normal, não apressado, e olhou subrepticiamente para os sentinelas nas torres de vigilância. Teria um deles visto o cabo da ponte levadiça cair no fosso?

Estariam curiosos acerca das marteladas? Alguns deles olhavam para William e Walter, mas não pareciam agitados, e as marteladas, que ainda soavam nos ouvidos de William, esmaecidas, deviam ser inaudíveis do alto das torres. Sentiu-se aliviado. O plano estava funcionando.

Chegaram ao estábulo e entraram. Ambos deixaram as rédeas caídas frouxamente sobre uma travessa de madeira, de modo que os animais pudessem fugir.

Então William pegou sua pederneira e tirou uma faísca, ateando fogo à palha no chão. Estava suja e molhada em alguns pedaços, mas, não obstante, começou a queimar.

William acendeu o fogo em mais três lugares, e Walter fez o mesmo. Ficaram observando por um momento. Os cavalos perceberam o cheiro da fumaça e começaram a se remexer nervosamente nas baias. William permaneceu por um momento mais. O fogo estava dando certo, assim como o plano.

Ele e Walter deixaram o estábulo e saíram ao ar livre. No portão, escondidos pelo arco, Raymond e Ranulf ainda estavam tirando a argamassa em volta das dobradiças.

William e Walter viraram na direção da cozinha, para dar a impressão de que estavam atrás de algo para comer, o que seria natural. Não havia ninguém mais no conjunto: todo mundo estava na missa. Erguendo os olhos casualmente para as ameias, William observou que os sentinelas não estavam olhando para dentro do castelo, e sim para os campos que o cercavam, como seria mesmo sua obrigação. Não obstante isso, William esperou que alguém emergisse de um dos prédios a qualquer momento e os desafiasse; nesse caso eles teriam que matar essa pessoa ali mesmo, em campo aberto, e, se fossem vistos, o jogo estaria terminado.

Desviaram-se da cozinha e foram para a ponte que dava no conjunto superior. Ouviram os sons abafados do culto religioso quando passaram pela capela. O conde Bartholomew estava ali dentro, sem suspeitar de coisa nenhuma, pensou William, emocionado; não tinha ideia de que havia um exército a uma milha de distância, que quatro dos seus inimigos já estavam no interior de sua

praça-forte e que seu estábulo pegava fogo. Aliena se encontrava na capela também, rezando de joelhos. Logo estará de joelhos diante de mim, pensou William, e o sangue latejou na sua cabeça vertiginosamente.

Chegaram à ponte e atravessaram. Tinham se assegurado de que a primeira ponte permanecesse em condições de ser transposta, cortando a corda que poderia levantá-la e inutilizando as dobradiças do portão, de modo que o exército pudesse entrar. Mas o conde ainda poderia fugir, atravessando aquela segunda ponte e se refugiando no conjunto superior. A próxima tarefa de William era impedir que isso fosse possível, erguendo a ponte levadiça e tornando impossível a passagem. O conde ficaria isolado e vulnerável no conjunto de baixo.

Atingiram o segundo portão e um sentinela saiu do alojamento.

- É cedo demais - disse ele.

- Fomos convocados para falar com o conde - disse William, aproximando-se do sentinela, mas o homem recuou um passo. O jovem Hamleigh não queria que ele recuasse muito, pois se saísse de baixo do arco seria visível para os sentinelas posicionados nas trincheiras do círculo superior.

- O conde está na capela - disse o sentinela.

- Teremos que esperar.

Aquele sentinela devia ser morto rápida e silenciosamente, mas William não sabia como se aproximar o necessário. Olhou para Walter, em busca de orientação, mas o criado limitou-se, a ficar sentado pacientemente, parecendo imperturbável.

- Há um fogo aceso na fortaleza - disse o sentinela. Vão para lá se aquecerem. - William hesitou e o sentinela começou a ficar desconfiado. - O que estão esperando? - perguntou, com um traço de irritação.

William procurou desesperadamente algo para dizer.

- Podemos comer algo? - perguntou, por fim.

- Não antes da missa - respondeu o sentinela. - Depois vão servir o desjejum na fortaleza.

William percebeu que Walter estivera se deslocando imperceptivelmente para um lado. Se o sentinela ao menos se virasse um pouco, o criado poderia avançar às suas costas. William deu alguns passos na direção oposta, passou pelo sentinela fingindo completo desinteresse e disse:

- Não estou nada impressionado com a hospitalidade do seu conde. - O sentinela estava se virando. William prosseguiu:

- Viemos de longe...

Foi então que Walter atacou.

Colocou-se atrás do sentinela e passou os braços por cima dos ombros do homem. Com a mão esquerda torceu-lhe o pescoço para trás, e com a direita cortou-lhe a garganta.

William deixou escapar um suspiro de alívio. A coisa se deu num

momento.

William e seu criado, juntos, tinham matado três homens antes do desjejum. Sentiu uma embriagadora sensação de poder. Ninguém mais rirá de mim depois do dia de hoje!, pensou.

Walter arrastou o corpo para dentro do alojamento dos sentinelas. A planta daquele portão era exatamente igual à do outro, com uma escada em espiral que dava no compartimento onde ficava o cabo que levantava a ponte. William a subiu, seguido por Walter.

O jovem não tinha feito o reconhecimento daquele lugar quando estivera no castelo na véspera. Nem pensara nisso, mas, de qualquer modo, teria sido muito difícil pensar num pretexto plausível. Presumira que haveria uma roda para enrolar a corda, ou pelo menos uma bobina com um cabo, para erguer a ponte levadiça; via agora que não havia nenhuma engrenagem, somente uma corda e um cabrestante. O único modo de levantar a ponte era puxar a corda. William e Walter a agarraram e puxaram juntos, mas a ponte nem sequer rangeu. Era uma tarefa para dez homens.

William ficou intrigado por um momento. A outra ponte, a que dava na entrada do castelo, tinha uma roda enorme. Ele e Walter poderiam tê-la erguido. Só então percebeu que a ponte de fora devia ser erguida todas as noites, enquanto esta se destinava a uma emergência.

De qualquer modo, não lucraria nada se ficasse ali pensando no problema. A questão era o que fazer a seguir. Se não era possível levantar a ponte, podia ao menos fechar os portões, o que certamente retardaria o conde.

Desceu correndo a escada, com Walter nos calcanhares. Quando chegou ao patamar, teve um choque. Nem todo mundo estava na missa, ao que parecia. Viu uma mulher e uma criança saindo da guarita.

William titubeou. Reconheceu-a imediatamente. Era a mulher do construtor, a tal que tentara comprar na véspera por uma libra. Ela o viu, e seus penetrantes olhos cor de mel enxergaram através dele. William nem sequer se deu ao trabalho de fingir ser um visitante inocente aguardando o conde: sabia que ela não se deixaria enganar.

Tinha que impedi-la de dar o alarme. E o modo de fazê-lo era matá-la, rápida e eficientemente, como haviam matado os sentinelas.

Seus olhos que tudo viam perceberam as intenções de William, expressas no rosto. Ela agarrou a mão do menino e se virou. O jovem ainda tentou pegá-la, mas ela era rápida demais. Entrou correndo no conjunto, dirigindo-se para a fortaleza. Ele e Walter correram atrás.

Ela era muito ligeira, e eles estavam de cota de malha e carregavam armas pesadas. Ela chegou à escada que dava para o grande salão. Quando subiu os degraus correndo, gritou. William olhou para as plataformas fortificadas que os cercavam por todos os lados. O grito alertara pelo menos dois sentinelas. O jogo

terminara. Hamleigh parou de correr e ficou junto do patamar da escada, ofegante. Seu criado fez o mesmo. Dois sentinelas, depois três, quatro, desceram correndo as rampas, para dentro do conjunto. A mulher desapareceu dentro da fortaleza, ainda de mão dada com o menino. Ela não era mais importante; agora que os sentinelas tinham sido alertados não adiantava matá-la.

Ele e Walter desembainharam as espadas e ficaram lado a lado, prontos para lutar pela própria vida.

O sacerdote estava erguendo a hóstia quando Tom percebeu que havia algo errado com os cavalos. Era possível ouvir os relinchos e as batidas que davam com as patas, mais intensos que o normal. Um momento depois alguém interrompeu o canto tranquilo em latim do padre:

- Sinto cheiro de fumaça!

Tom sentiu também, e todos os demais. O construtor era mais alto que o resto e podia enxergar do lado de fora pelas janelas da capela se ficasse na ponta do pé.

Foi até ali e deu uma olhada. Os estábulos estavam em chamas.

- Fogo! - disse ele, e antes que pudesse falar algo mais, sua voz foi abafada pelo grito dos outros. Houve uma correria para a porta. A missa foi esquecida. Tom segurou Martha, com medo de que fosse pisoteada pelo povo, e disse a Alfred para ficar com eles. Não sabia onde Ellen e Jack estavam.

Um momento depois não havia mais ninguém na capela exceto os três e um padre aborrecido.

Tom levou as crianças para o lado de fora. Algumas pessoas estavam libertando os cavalos para salvá-los, e outras traziam água do poço para jogar nas labaredas.

Tom não conseguiu ver Ellen. Os cavalos libertados galopavam pelo conjunto, aterrorizados pelo fogo e por toda aquela gente correndo e gritando. O barulho dos cascos era tremendo. Prestou atenção por um instante e ficou preocupado; era, na verdade, tremendo demais - parecia uma centena de cavalos e não trinta ou quarenta. De repente, foi atingido por um pensamento amedrontador.

- Fique aqui um momento, Martha - disse. - Alfred, tome conta dela.

Subiu correndo o muro de terra, até o topo da muralha. Era íngreme, e ele teve que diminuir o ritmo antes de chegar ali em cima. Uma vez no topo, respirando com dificuldade, olhou para o lado de fora.

Sua apreensão tivera motivo, e agora seu coração foi esmagado pela ação fria do medo. Um exército de cavaleiros, com um efetivo de oitenta ou cem homens, vinha dos campos escuros que cercavam o castelo. Uma visão apavorante. Tom podia ver o brilho metálico das cotas de malha e das espadas desembainhadas. Os cavalos galopavam a toda a velocidade, e saía fumaça de

suas narinas. Os cavaleiros estavam encurvados sobre as selas, ferozmente determinados. Não havia gritos, só o ensurdecador estrondo de centenas de cascos batendo no chão.

Olhou para trás. Como ninguém no conjunto do castelo ouvira o exército? Porque o barulho fora abafado pelas muralhas e misturou-se com o barulho causado pelo pânico interior do conjunto. Por que os sentinelas nada haviam visto? Porque todos haviam abandonado os postos para combater o incêndio. Esse ataque fora planejado por uma pessoa inteligente. Agora cabia a Tom dar o alarme.

E onde estava Ellen?

Os olhos dele vasculharam o conjunto enquanto os atacantes se aproximavam mais. Muita coisa não se podia ver por causa da grossa fumaça branca que saía dos estábulos em chamas. Ele não pôde ver a mulher.

Localizou o conde Bartholomew, ao lado do poço, tentando organizar o transporte de água para o incêndio. Tom desceu correndo a rampa e foi até ali. Agarrou o ombro do conde, sem a menor gentileza, e gritou no seu ouvido para se fazer ouvir acima do tumulto.

- É um ataque!

- O quê?

- Estamos sendo atacados!

O conde estava pensando no incêndio.

- Atacados? Por quem?

- Escute! - gritou Tom. - Cem cavalos!

O conde inclinou a cabeça. Tom viu a percepção do que se passava aparecer no seu rosto pálido e aristocrático.

- Tem razão... Pela cruz! - De repente ele pareceu ficar com medo. - Você já viu?

- Sim.

- Quem... Esqueça quem! Cem cavalos?

- Sim...

- Peter! Ralph! - O conde virou as costas para Tom e chamou seus lugares-tenentes. - É um ataque. Este incêndio é uma diversão. Estamos sendo atacados! - Tal como o conde, eles a princípio não compreenderam, depois ouviram o tropel e finalmente demonstraram medo. O conde gritou: - Digam aos homens para pegarem suas espadas. Depressa, depressa! - Depois se virou para Tom. - Venha comigo, pedreiro. Você é forte, podemos fechar os portões. - Atravessou o conjunto correndo e Tom o seguiu.

Se pudessem fechar os portões e levantar a ponte a tempo, deteriam uma centena de homens.

Chegaram ao portão. Podiam ver o exército através do arco. Estava a menos de uma milha agora, e se dispersando, observou Tom, os cavalos mais

velozes na frente e os retardatários atrás.

- Olhe só os portões! - gritou o conde.

Tom olhou para eles. Os dois enormes portões de carvalho guarnecidos de ferro estavam jogados no chão. Suas dobradiças tinham sido arrancadas da muralha, podia ver.

Elementos inimigos haviam estado ali mais cedo, pensou. Seu estômago se retorceu de medo.

Virou-se para o conjunto, ainda procurando Ellen. Não conseguia vê-la. O que acontecera com ela? Tudo era possível a partir desse momento. Precisava estar ao seu lado e protegê-la.

- A ponte levadiça! - disse o conde.

O melhor modo de proteger Ellen era manter os atacantes do lado de fora, percebeu Tom. O conde subiu correndo a escada em espiral, e, com esforço, Tom obrigou-se a segui-lo. Se conseguissem levantar a ponte, uns poucos homens seriam capazes de defender o portão. Mas quando chegaram ali em cima seu coração confrangeu-se. A corda fora cortada. Não havia como levantar a ponte.

O conde Bartholomew praguejou amargamente.

- Quem quer que tenha planejado isto é tão ladino quanto o demônio - disse.

Aquele que havia inutilizado os portões, cortado a corda e ateadado fogo no estábulo devia estar ainda em algum ponto no interior do castelo, pensou Tom, e olhou em torno de si, atemorizado, perguntando-se quem poderiam ser os intrusos.

O conde deu uma olhada por uma seteira.

- Meu Deus, eles estão quase aqui. - E desceu correndo a escada.

Tom o seguiu muito de perto. Na entrada do portão, diversos cavaleiros afivelavam rapidamente o cinturão com a espada e punham o elmo. O conde Bartholomew começou a dar ordens.

- Ralph e John, toquem alguns desses cavalos soltos para cima da ponte a fim de se meterem no caminho do inimigo. Richard, Peter, Robin, arranjam alguns outros e organizem uma resistência aqui. - O portal era estreito, e bastavam poucos homens para deter os atacantes pelo menos por algum tempo.

- Você, pedreiro, faça as crianças e as mulheres atravessarem a ponte e irem para o conjunto superior.

Tom ficou satisfeito por ter uma desculpa para procurar Ellen. Correu primeiro até a capela. Alfred e Martha estavam onde os deixara momentos antes, parecendo assustados.

- Vão para o castelo - gritou para eles. - Digam a todas as crianças e mulheres que virem para que os acompanhem, ordens do conde. Corram! - Os dois saíram correndo imediatamente.

Tom olhou em torno. Ele os seguiria logo; estava disposto a não ser apanhado no primeiro conjunto. Mas dispunha de uns poucos momentos nos quais podia cumprir a ordem do conde. Correu para o estábulo, onde as pessoas ainda jogavam baldes de água nas chamas.

- Esqueçam o incêndio, o castelo está sendo atacado - berrou. - Levem seus filhos para a fortaleza.

Entrou fumaça nos seus olhos e sua visão foi prejudicada pelas lágrimas. Esfregou-os e saiu correndo na direção de uma pequena multidão que observava o fogo consumir o estábulo. Repetiu a mensagem para aquela gente, e depois para um grupo de cavaleiros que conseguira cercar alguns cavalos soltos. Não podia ver Ellen em parte alguma.

A fumaça fez com que tossisse. Sufocado, atravessou correndo o conjunto, na direção da ponte que dava acesso ao conjunto superior. Parou ali, ofegante, e olhou para trás. Todo mundo estava atravessando a ponte. Tinha quase certeza de que Ellen e Jack já deveriam ter ido para o forte, mas apavorava-o a idéia de que pudesse tê-los perdido. Viu uma densa concentração de cavaleiros lutando no portão do outro conjunto. Além disso, não era possível ver mais nada, tanta era a fumaça. Subitamente, o conde Bartholomew apareceu ao seu lado, com sangue na espada e lágrimas no rosto, provocadas pela fumaça.

- Salve-se! - gritou para Tom. Naquele instante os atacantes irromperam através do arco do portão do primeiro conjunto, dispersando os cavaleiros que o defendiam.

Tom virou-se e atravessou correndo a ponte.

Quinze ou vinte dos homens do conde estavam no segundo portão, prontos para defender o conjunto superior. Eles se afastaram para deixar Tom e o conde entrarem. Quando cerraram fileiras novamente, Tom ouviu o tropel dos cavalos dos atacantes na ponte de madeira à sua retaguarda. Os defensores não tinham chance agora. No fundo da mente Tom percebeu que aquele ataque fora planejado com inteligência e executado com perfeição. Entretanto, o que mais o preocupava era o medo que sentia por Ellen e pelas crianças. Cem homens sedentos de sangue estavam prestes a se abater sobre eles. Atravessou o conjunto, na direção da fortaleza.

A meio caminho da escada de madeira que dava no grande salão, olhou para trás. Os defensores do segundo portão foram vencidos quase imediatamente pelos cavaleiros inimigos. O conde Bartholomew estava na escada atrás de Tom. Só havia tempo suficiente para ambos entrarem e levantarem a escada. Tom subiu correndo o resto dos degraus e pulou dentro do salão para ver que os atacantes tinham sido ainda mais espertos do que pensara.

O escalão precursor dos atacantes, que inutilizara os portões, cortara a corda da ponte levadiça e ateara fogo no estábulo, executara mais uma tarefa: seus integrantes tinham ido para dentro da fortaleza e emboscado todos os que

ali se refugiaram.

Eles estavam de pé logo na entrada do grande salão, quatro homens sinistros com cotas de malha. À sua volta podiam-se ver os corpos dos cavaleiros do conde, mortos ou feridos, que haviam sido apanhados ao entrar. E o líder daquele escalão precursor, foi o que Tom viu com um choque, era William Hamleigh.

Tom o encarou fixamente, atônito. Os olhos de William estavam dilatados com a luxúria decorrente do derramamento de sangue. Pensou que William fosse matá-lo, mas antes que tivesse tempo para se amedrontar, um dos seus sequazes pegou o braço de Tom, puxou-o para dentro e o tirou do caminho.

Então haviam sido os Hamleighs que tinham atacado o castelo do conde Bartholomew. Mas por quê?

Todos os servos e crianças se amontoaram, em pânico, do outro lado do salão. Somente os homens armados tinham sido mortos.

Tom examinou o rosto de todos, e para seu imenso alívio e gratidão, viu Alfred, Martha, Ellen e Jack, todos juntos num grupo, parecendo aterrorizados, mas vivos e aparentemente sem ferimentos.

Antes que pudesse se juntar a eles, começou uma briga na escada. O conde Bartholomew e dois cavaleiros se lançaram para dentro do salão e foram emboscados pelos homens de William, que os esperavam. Um dos cavaleiros do conde foi abatido imediatamente, mas o outro protegeu o nobre com sua espada levantada. Diversos outros cavaleiros do conde apareceram às suas costas e de repente se desencadeou uma briga tremenda a pequena distância, com facas e punhos sendo usados porque não havia espaço para brandir uma espada. Por um momento pareceu que os homens do conde venceriam os de William; depois alguns deles se viraram e começaram a se defender à retaguarda; sem dúvida o exército penetrara no conjunto superior e agora subia a escada e atacava a fortaleza.

Uma voz poderosa rugiu:

- PAREM!

Os homens de ambos os lados tomaram posições defensivas e a luta foi suspensa.

A mesma voz se fez ouvir, perguntando:

- Bartholomew de Shiring, você se rende?

Tom viu o conde se virar e olhar para a porta. Os cavaleiros se afastaram para sair da frente.

- Hamleigh - murmurou o conde, incrédulo. Em seguida ergueu a voz e perguntou: - Você poupará minha família e meus servos?

- Sim.

- Jura?

- Juro, pela cruz, se você se render.

- Eu me rendo - disse o conde Bartholomew. Houve grande regozijo do lado de fora.

Tom virou-se. Martha veio correndo na sua direção. Ele pegou-a no colo e depois abraçou Ellen.

- Estamos salvos - disse a mulher, com lágrimas nos olhos.

- Todos nós, são e salvos.

- Salvos - disse Tom, amargo -, mas indigentes, mais uma vez.

William parou de gritar subitamente. Ele era o filho de lorde Percy, e não ficava bem berrar e pular como um homem de armas qualquer. Compôs uma fisionomia de fidalga satisfação.

Haviam ganho. Ele levava a cabo o plano, não sem alguns percalços, mas dera certo, e o ataque tivera êxito em grande parte por causa do seu trabalho precursor. Perdera a conta dos homens que matara e mutilara, e no entanto não fora ferido. Foi assaltado por um pensamento: havia um bocado de sangue em seu rosto para alguém que não tinha sido ferido. Quando o limpava, vinha mais. Devia ser seu. Levou a mão ao rosto, e depois à cabeça. Perdera um pouco do cabelo, e quando encostou os dedos no couro cabeludo, ardeu como fogo. Não usara elmo, para não despertar suspeitas. Agora que estava consciente do ferimento, ele começou a doer. Não fazia mal. Um ferimento era um símbolo de coragem.

Seu pai subiu os degraus e se defrontou com o conde Bartholomew no portal. O nobre apresentou sua espada, o punho em primeiro lugar, num gesto de rendição. Percy pegou-a, e seus homens deram mais vivas.

Quando o barulho cessou, William ouviu Bartholomew perguntar:

- Por que você fez isto?

- Você tramou contra o rei - respondeu Sir Hamleigh. Bartholomew ficou atônito ao ver que ele sabia disso, e o choque se evidenciou no seu rosto. William prendeu a respiração, perguntando-se se Bartholomew, no desespero da derrota, admitiria a conspiração na frente de toda aquela gente. Mas ele recuperou a compostura, empertigou-se e disse:

- Defenderei a minha honra na frente do rei, e não aqui.

O lorde aquiesceu.

- Como queira. Diga a seus homens para deporem as armas e deixarem o castelo.

O conde murmurou um comando para os seus cavaleiros, e, um por um, eles se aproximaram de Percy e deixaram as espadas no chão, à sua frente. William gostou muito de assistir à cena. Olhe só para isso, pensou orgulhosamente, humilhados ante meu pai. Sir Hamleigh estava falando com um de seus cavaleiros:

- Cerquem os cavalos soltos e ponham-nos no estábulo. Mande alguns homens circular por aí e desarmar os mortos e feridos.

As armas e os cavalos dos derrotados pertenciam aos vitoriosos, é claro: os cavaleiros de Bartholomew se dispersariam desarmados e a pé. Os homens de Hamleigh também esvaziariam os depósitos do castelo. Os cavalos confiscados seriam carregados com toda a sorte de gêneros e levados de volta para Hamleigh, a aldeia de onde a família retirara o nome. O lorde chamou outro cavaleiro e disse:

- Separe o pessoal da cozinha e mande preparar o jantar. O resto dos servos deve ser mandado embora.

Os homens ficavam famintos após uma batalha: agora haveria um banquete. A melhor comida e bebida do conde Bartholomew seria consumida ali, antes de o exército vitorioso voltar para casa.

Um momento depois os cavaleiros que cercavam Percy e Bartholomew abriram uma passagem para Lady Hamleigh entrar.

Ela parecia muito pequena comparada com aqueles robustos combatentes, mas quando desenrolou o cachecol que cobria seu rosto, aqueles que não a tinham visto antes recuaram, chocados, como as pessoas sempre ficavam, com o seu desfiguramento. Ela olhou para o marido.

- Um grande triunfo - disse, satisfeita.

William teve vontade de dizer: Foi por causa de um bom trabalho preparatório, não foi, mãe?

Ele mordeu a língua, mas seu pai disse:

- Foi William quem abriu a porta para nós.

Lady Hamleigh voltou-se para o filho. Ele esperou ansiosamente que ela o congratulasse.

- Foi mesmo?

- Foi - disse Percy. - O menino fez um bom trabalho.

Sua mãe aquiesceu.

- É, talvez tenha feito.

O coração de William aqueceu-se com o seu elogio, e ele sorriu tolamente.

Ela olhou para Bartholomew.

- O conde devia fazer reverência para mim.

- Não - disse o conde.

- Tragam a filha - ordenou Lady Hamleigh.

William olhou em torno. Por um momento tinha esquecido de Aliena. Esquadrinhou o rosto dos servos e das crianças e localizou-a imediatamente, de pé ao lado de Matthew, o efeminado administrador da casa. William dirigiu-se até ela, pegou-a pelo braço e levou-a para sua mãe. Matthew os seguiu.

- Cortem fora suas orelhas - disse a lady. Aliena gritou.

William sentiu uma estranha sensação na virilha. O rosto de Bartholomew ficou sombrio.

- Você prometeu que não lhe faria mal se eu me rendesse - disse. - Jurou.

- Nossa proteção será tão completa quando a sua rendição - disse Lady Hamleigh.

Essa foi inteligente, pensou William. Ainda assim, a expressão de Bartholomew era desafiadora. William gostaria de saber quem receberia a incumbência de cortar as orelhas de Aliena. A idéia era peculiarmente excitante.

- Ajoelhe-se - ordenou sua mãe a Bartholomew. Lentamente, o conde fez uma reverência, baixando a cabeça. William sentiu-se um pouco desapontado.

Sua mãe ergueu a voz.

- Olhem para isto! - exclamou, dirigindo-se a todos os presentes. - Jamais se esqueçam do futuro de um homem que insulta os Hamleighs! - Olhou à sua volta desafiadoramente, e o coração de William inchou de orgulho. A honra da família estava restaurada.

Sua mãe virou-se e seu pai assumiu o comando.

- Levem-no para o quarto de dormir - disse, - Guardem-no bem.

Bartholomew levantou-se.

- Leve a garota também - disse Percy ao filho.

William pegou o braço de Aliena com força. Gostou de tocar nela. Ia levá-la para o quarto, no andar de cima. Não se podia dizer o que aconteceria. Se fosse deixado sozinho com ela, seria capaz de fazer o que bem entendesse. Podia arrancar sua roupa e vê-la nua. Podia...

- Deixe Matthew Steward vir conosco, para cuidar de minha filha - disse o conde.

Percy olhou para a mulher.

- Ele parece não oferecer perigo - disse, com uma risada.

- Tudo bem.

William olhou para o rosto de Aliena. Ela estava pálida, mas ficava ainda mais bonita quando amedrontada. Era muito excitante vê-la naquele estado de vulnerabilidade.

Teve vontade de comprimir-lhe o corpo maduro contra o seu, e ver-lhe o medo na face quando abrisse suas coxas à força. Cedendo a um impulso, colocou o rosto junto ao dela e sussurrou:

- Ainda quero me casar com você.

Ela se afastou.

- Casar? - repetiu em voz alta, cheia de escárnio. - Prefiro morrer a me casar com você, seu sapo vaidoso e repugnante!

Todos os cavaleiros sorriram abertamente, e alguns servos deram risadas simuladas. William sentiu o rosto enrubescer.

Súbito Lady Hamleigh deu um passo em frente e esbofeteou Aliena. Bartholomew deslocou-se para defendê-la, mas os cavaleiros o impediram.

- Cale-se - disse ela para Aliena. - Você não é mais uma fina dama; é a filha de um traidor, e logo será uma indigente faminta. Já não presta para o meu filho.

Saia da minha frente e não diga mais nenhuma palavra.

Aliena virou-se. William soltou seu braço, e ela seguiu o pai. Ao observá-la se afastando, o jovem se deu conta de que o doce sabor da vingança tinha ficado amargo na sua boca.

Ela era uma heroína de verdade, exatamente como uma princesa num poema, pensou Jack. Observou-a, deslumbrado, subir a escada com a cabeça bem erguida. O salão todo ficou em silêncio até que desapareceu de vista. Foi como uma luz que se apagou. Jack ficou olhando fixamente para o lugar onde estivera.

Um dos cavaleiros adiantou-se.

- Quem é o cozinheiro? - perguntou.

O próprio cozinheiro estava demasiadamente assustado para se apresentar, mas alguém o indicou.

- Você vai fazer o jantar - disse-lhe o cavaleiro. - Pegue seus ajudantes e vá para a cozinha. - O cozinheiro selecionou meia dúzia de pessoas no meio da multidão. O cavaleiro ergueu a voz. - O resto de vocês, dêem o fora. Sumam do castelo. Depressa, e não tentem levar o que não for seu, se é que prezam a vida. Todos nós temos sangue em nossas espadas, e um pouco mais não vai aparecer. Mexam-se!

Todos passaram desordenadamente pela porta. A mãe de Jack pegou sua mão, e Tom, a de Martha. Alfred ficou por perto. Todos usavam o manto, e não tinham outras posses senão as roupas e as facas de comer. Junto com a multidão desceram os degraus, atravessaram a ponte e cruzaram o conjunto de baixo e a guarita, passando por cima dos portões inúteis, e deixaram o castelo sem fazer uma pausa. Quando pisaram fora da última ponte, do lado exterior do fosso, a tensão estourou como a corda de um arco e todos começaram a falar ao mesmo tempo sobre sua provação, em vozes altas e excitadas. Enquanto caminhava, Jack ouvia o que diziam. Todos rememoravam como haviam sido corajosos. Não tinham sido corajosos - simplesmente haviam fugido.

Aliena fora a única corajosa. Quando entrou no castelo e descobriu que de lugar seguro se transformara numa armadilha, encarregara-se dos servos e das crianças, dizendo-lhes que se sentassem, ficassem quietos e se conservassem fora do caminho dos combatentes, gritando com os cavaleiros dos Hamleighs quando eles eram rudes com seus prisioneiros ou erguiam as espadas contra homens ou mulheres desarmados, agindo como se fosse completamente invulnerável.

Sua mãe fez um carinho na sua cabeça.

- Em que está pensando?

- Eu queria saber o que vai acontecer com a princesa — respondeu Jack.

Ela sabia a quem se referia.

- Lady Aliena.

- Ela é como uma princesa em um poema, vivendo num castelo. Mas os

cavaleiros não são virtuosos como os poemas dizem.

- É verdade - concordou Ellen, melancólica.

- O que acontecerá com ela?

Sua mãe sacudiu a cabeça.

- Realmente não sei.

- A mãe dela está morta.

- Então vai passar tempos difíceis.

- Foi o que pensei. - Jack fez uma pausa. - Ela riu de mim porque eu não sabia nada sobre pais. Mas gostei dela assim mesmo.

Ellen passou o braço pelo ombro do filho.

- Desculpe-me não ter falado sobre pais.

Ele encostou a mão na dela, aceitando o pedido de desculpas. Continuaram andando em silêncio. De vez em quando uma família abandonava a estrada e seguia através do campo, dirigindo-se à casa de parentes ou amigos onde pudessem suplicar um pouco de comida e pensar no que fazer a seguir. A maior parte permaneceu junta até a encruzilhada, quando se separaram em grupos que se destinavam ao norte ou ao sul, assim como os que continuavam em frente, rumo ao mercado de Shiring. Ellen afastou-se de Jack e pôs a mão no braço de Tom, fazendo-o parar.

- Aonde iremos? - perguntou.

Ele pareceu levemente espantado com a sua indagação, como se esperasse que todos o seguissem sem fazer perguntas. Jack observava que sua mãe causava com frequência aquela expressão de espanto na fisionomia de Tom. Talvez sua primeira mulher tivesse sido uma pessoa diferente.

- Vamos para o priorado de Kingsbridge - disse ele.

- Kingsbridge! - Ellen pareceu amedrontada. Jack gostaria de saber por quê.

Tom não percebeu.

- Ontem à noite soube que eles têm um novo prior - prosseguiu. - Geralmente um homem que é novo na posição quer fazer alguns reparos ou alterações na igreja.

- O antigo prior morreu?

- Sim.

Por algum motivo ela pareceu se acalmar com a notícia. Devia ter conhecido o antigo prior, conjecturou Jack, e não gostava dele.

Tom finalmente percebeu a perturbação na sua voz.

- Há algo errado com Kingsbridge? - perguntou a ela.

- Já estive lá. Fica a mais de um dia de jornada.

Jack sabia que não era a extensão da caminhada que perturbava a mãe, mas Tom, não.

- Um pouco mais - disse ele. - Poderemos chegar lá amanhã, por volta do

meio-dia.

- Está bem. Continuaram caminhando.

Um pouco mais tarde Jack começou a sentir dor na barriga. Por algum tempo perguntou-se o que seria. Não tinha sido machucado no castelo e Alfred não lhe socava o estômago há dois dias. Mas acabou por descobrir o que era.

Estava com fome de novo.

Capítulo 4

A Catedral de Kingsbridge não constituía uma visão acolhedora. Era uma estrutura baixa, atarracada e pesada, com paredes grossas e janelas minúsculas. Fora erguida muito antes do tempo de Tom, numa época em que os construtores ainda não haviam percebido a importância da harmonia das proporções. A geração de Tom sabia que uma parede reta e bem nivelada era mais forte que uma grossa, e que podia ser vazada por janelas amplas e tão compridas que seus arcos tinham a forma de um semicírculo perfeito. De longe a igreja parecia torta, e quando se aproximou mais, Tom descobriu a razão: uma das torres gêmeas do lado ocidental caíra. Ficou deleitado. O novo prior possivelmente ia querer reconstruí-la. A esperança apertou o ritmo do seu passo. Ter sido contratado, como em Earls castle, e depois ver seu novo empregador derrotado numa batalha e capturado era de partir o coração. Achava que não seria capaz de aguentar outro desapontamento como aquele.

Deu uma olhada em Ellen. Receava que a qualquer dia ela concluísse que ele não acharia emprego senão depois que todos morressem de fome e o deixasse. Ellen sorriu para Tom e fechou a cara de novo ao fitar a silhueta gigantesca da catedral. Ela sempre se sentia pouco à vontade com sacerdotes e monges, ele observara. Podia ser que se sentisse culpada por não serem casados aos olhos da igreja.

O adro abrigava enorme atividade. Tom já vira mosteiros indolentes e mosteiros operosos, mas Kingsbridge era excepcional. Parecia estar sendo submetido à grande limpeza da primavera com três meses de antecedência. Do lado de fora do estábulo, dois monges tratavam dos cavalos e um terceiro limpava arreios, enquanto noviços lavavam as baias. Outros monges varriam e limpavam a hospedaria, que ficava do lado do estábulo, e havia uma carroça carregada de palha do lado de fora, pronta para ser espalhada no chão limpo.

Entretanto, não havia ninguém trabalhando na torre caída. Tom examinou a pilha de pedras que restara dela. O desmoronamento devia ter ocorrido há alguns anos, pois os ângulos vivos das pedras tinham se tornado rombudos pela ação da geada e da chuva, a argamassa havia sumido e a pilha das pedras afundado uma ou duas polegadas na terra macia. Era de estranhar que o reparo estivesse por ser feito há tanto tempo, pois as catedrais supostamente têm prestígio. O antigo prior devia ter sido preguiçoso ou incompetente, ou ambos. Tom decerto chegara quando os monges estavam planejando a reconstrução da torre. Era mais que hora de ter alguma sorte.

- Ninguém me reconhece - disse Ellen.

- Quando você esteve aqui? - perguntou-lhe Tom.

- Há treze anos.

- Não é de admirar que a tenham esquecido.

Quando passaram pela face oeste da igreja Tom abriu uma das grandes portas de madeira e olhou seu interior. A nave era escura e lúgubre, com colunas grossas e um velho teto de madeira. No entanto, diversos monges caíavam as paredes com pincéis de cabo comprido, enquanto outros varriam o chão de terra batida. O novo prior evidentemente estava melhorando a aparência de tudo por ali, o que era bom sinal. Tom fechou a porta.

Depois da igreja, no pátio da cozinha, uma equipe de noviços aglomerava-se em torno de uma tina de água suja, raspando a fuligem e a gordura acumuladas nas panelas e utensílios da cozinha com pedras afiadas. Os nós dos seus dedos estavam esfolados e vermelhos por causa da constante imersão na água gelada. Quando viram Ellen deram risadinhas e desviaram o olhar.

Tom perguntou a um noviço envergonhado onde o despenseiro do convento podia ser encontrado. Falando num sentido estrito, era pelo sacristão que deveria ter perguntado, porque a conservação da igreja é de sua responsabilidade; porém, como classe, os despenseiros eram mais facilmente abordáveis. No fim, a decisão caberia ao prior, de qualquer forma; o noviço indicou-lhe a galeria de um dos prédios em torno do pátio. Tom entrou pela porta aberta, e Ellen e as crianças o seguiram. Todos pararam do lado de dentro para distinguir algo na escuridão.

Aquela construção era mais nova e mais sólida que a igreja, Tom poderia dizer de pronto. O ar era seco e não havia cheiro de podridão. Na verdade, a mistura dos aromas dos alimentos armazenados causou-lhe dores cruciantes no estômago, pois não comia há dois dias. Quando seus olhos se adaptaram, viu que a galeria tinha um bom piso de laje, pilares curtos e grossos e teto abobadado. No momento seguinte percebeu um homem alto e calvo pegando com uma colher o sal de um barril e pondo-o numa panela.

- Você é o despenseiro? - perguntou Tom, mas o homem ergueu a mão, pedindo silêncio, e o construtor viu que estava contando. Todos esperaram calados que terminasse.

- Cinquenta e nove, sessenta - disse ele por fim, descansando a colher.

- Sou Tom, mestre construtor, e gostaria de reconstruir a torre noroeste.

- Sou Cuthbert, chamado de Cabeça Branca, o despenseiro, e gostaria de ver a torre reconstruída - replicou o homem. - Mas teremos que perguntar ao prior Philip. Soube que temos um novo prior?

- Sim. - Tom concluiu que Cuthbert era um monge do tipo amistoso, experiente e prático. Ficaria feliz em bater um papo. - E o novo prior parece determinado a melhorar a aparência do mosteiro.

Cuthbert concordou.

- Mas não tem a mesma disposição para pagar pelo serviço. Notou que todo o trabalho está sendo feito por monges? Não vai contratar ninguém; diz que o priorado já tem muitos criados.

Aquela era uma má notícia.

- E o que os monges acham disso? - perguntou Tom delicadamente.

Cuthbert riu, e seu rosto ficou ainda mais enrugado.

- Você é um homem de tato, Tom Construtor. Está pensando que não se vêem com frequência monges trabalhando tanto. Bem, o novo prior não está forçando ninguém a trabalhar. Mas ele interpreta a regra de São Bento de tal modo que aqueles que executam trabalho físico podem comer carne vermelha e tomar vinho, enquanto os que meramente estudam e rezam devem viver de peixe salgado e cerveja aguada. É capaz de fazer uma elaborada justificativa teórica para isso, mas o resultado final é que tem muitos voluntários para o trabalho pesado, especialmente entre os mais jovens. - Cuthbert não pareceu desaprovar aquilo, só achava divertido.

- Mas monges não são capazes de construir paredes de pedra, não importa quão bem comam - enquanto falava, ouviu um choro de bebê. O som tocou-lhe o coração. Precisou de um momento para se dar conta de como era estranho o fato de haver um bebê no mosteiro.

- Vamos perguntar ao prior - estava dizendo Cuthbert, mas Tom mal o ouvia. Aquele choro parecia ser o de um bebê muito pequeno, com uma ou duas semanas de vida, e estava se aproximando. Trocou um olhar com Ellen. Ela também parecia espantada. Em seguida apareceu uma sombra na porta. O construtor sentiu um nó na garganta.

Um monge entrou carregando o bebê. Tom examinou-lhe o rosto. Era seu filho.

Engoliu em seco. O rosto da criancinha era vermelho, seus punhos estavam cerrados e a boca aberta, exibindo as gengivas sem dentes. Seu choro não era de dor ou doença, mas sim uma simples exigência de comida. Era o grito saudável e vigoroso de um bebê normal, e Tom se sentiu aliviado ao ver o filho parecendo estar tão bem.

O monge que o carregava era um rapaz com cerca de vinte anos, alegre, de cabelo despenteado e sorriso enorme e um tanto estúpido. Ao contrário da maioria dos monges, não reagiu à presença de uma mulher. Sorriu para todos e depois se dirigiu a Cuthbert.

- Jonathan precisa de mais leite.

Tom quis pegar o filho no colo. Tentou imobilizar o rosto para que sua expressão não traísse suas emoções. Dirigiu um olhar furtivo para as crianças. Todas sabiam que o bebê abandonado fora encontrado por um padre viajante. Mas não sabiam que ele o levava para o pequeno mosteiro na floresta. Suas faces nada demonstravam senão curiosidade. Não haviam feito a ligação daquele bebê

com o que tinham deixado para trás.

Cuthbert pegou uma concha e um jarro pequeno que encheu com o leite que estava num balde.

- Posso segurar o bebê? - pediu Ellen ao jovem monge. Ela estendeu os braços e ele lhe entregou a criança. Tom a invejou. Ansiava por apertar aquela trouxinha junto ao coração. Ellen ninou o bebê e ele ficou quieto por um momento.

Cuthbert ergueu os olhos.

- Ah, sim, Johnny Oito *Pence* é uma boa babá; mas não tem o toque feminino.

Ellen sorriu para o jovem monge.

- Por que chamam você de Johnny Oito *Pence*?

Cuthbert respondeu por ele.

- Porque dos doze *pence* necessários para fazer um *xelim* ele só tem oito - disse, dando um tapinha do lado da cabeça para indicar que Johnny tinha uma certa deficiência mental. Mas ele parece compreender as necessidades das pobres criaturas que não falam melhor que nós, os sabidos. Tudo faz parte de um propósito mais amplo de Deus, tenho certeza - concluiu Cuthbert vagamente.

Aproximando-se de Tom, Ellen entregou-lhe o bebê. Tinha lido seus pensamentos. Ele lhe dirigiu um olhar de profunda gratidão e pegou a criancinha com as mãos enormes.

Sentiu seu coração bater através da coberta que o envolvia. O material era de excelente qualidade: rapidamente, perguntou-se onde os monges teriam arranjado lã tão macia. Encostou o bebê ao peito e o balançou. Sua técnica não era tão boa quanto a de Ellen e a criança começou a chorar de novo, mas Tom não se importou; aquele grito alto e insistente era música para os seus ouvidos, pois significava que o filho que abandonara estava forte e saudável. Mesmo que tivesse sido muito difícil, sentia que tomara a decisão correta ao deixar o bebê no mosteiro.

- Onde ele dorme? - perguntou Ellen a Johnny. Dessa vez foi o próprio monge quem respondeu:

- Ele tem um leito no dormitório, junto conosco.

- Deve acordar todo mundo de noite.

- Nós nos levantamos à meia-noite de qualquer maneira, para as matinas - disse Johnny.

Cuthbert entregou a Oito *Pence* o jarro de leite. Johnny tirou o bebê de Tom com um movimento de um braço só, indicativo de muita prática. O construtor ainda não estava preparado para se afastar do bebê, mas aos olhos do monge ele não tinha nenhum direito, de modo que teve de deixá-lo ir. Um momento mais tarde Johnny e a criança haviam ido embora, e Tom teve que resistir ao impulso de correr atrás deles e gritar: Espere, pare, este é o meu filho,

devolva-o para mim. Ellen colocou-se a seu lado e apertou-lhe o braço, num discreto gesto de compreensão.

Tom constatou que tinha nova razão para nutrir esperanças. Se pudesse trabalhar ali, seria capaz de ver Jonathan o tempo todo, quase como se não o tivesse abandonado. Era bom demais para ser verdade, e não se atrevia a pedir que acontecesse.

Cuthbert estava olhando atentamente para Martha e Jack, que tinham arregalado os olhos ao verem o jarro cheio de leite cremoso que Johnny levava.

- Vocês, crianças, gostariam de um pouco de leite?

- Sim, por favor, padre, elas gostariam - disse Tom. Ele próprio desejava tomar um pouco.

Com a concha, o monge serviu leite em duas tigelas de madeira e as deu para Martha e Jack. Ambos beberam rapidamente, ficando com grandes anéis brancos em volta da boca.

- Mais um pouco? - ofereceu ele.

- Sim, por favor - responderam as crianças em uníssono. Tom olhou para Ellen, sabendo que ela devia se sentir como ele, profundamente agradecida por ver os pequenos alimentados afinal.

Enquanto Cuthbert enchia de novo as tigelas, perguntou em tom casual:

- De onde vocês estão vindo?

- Earls castle, perto de Shiring - disse Tom. - Saímos de lá ontem de manhã.

- Comeram alguma coisa até agora?

- Não - respondeu Tom, sem rodeios. Sabia que Cuthbert era bem-intencionado, mas odiava admitir ter sido incapaz de alimentar os próprios filhos.

- Então peguem algumas maçãs para aguentar até a hora da ceia - disse Cuthbert, apontando para a barrica perto da porta.

Alfred, Ellen e Tom foram até ali, enquanto Martha e Jack bebiam a segunda tigela de leite. Alfred tentou encher os braços com maçãs. Tom derrubou-as com um tapa e disse baixinho:

- Apanhe só duas ou três. - Ele próprio apanhou três.

Tom comeu suas maçãs agradecido, e seu estômago se sentiu um pouco melhor, mas não pôde deixar de se perguntar dentro de quanto tempo a ceia seria servida. Monges geralmente comem antes do escurecer para economizar velas, lembrou alegremente.

Cuthbert não tirava os olhos de Ellen.

- Eu a conheço? - perguntou por fim. Ela ficou apreensiva.

- Acho que não.

- Você me parece familiar - disse ele incertamente.

- Eu morava aqui perto quando criança - comentou ela.

- Então deve ser isso - disse ele. - Explica a sensação que tenho de que você parece mais velha do que é.

- O senhor deve ter uma memória muito boa.

Ele franziu a testa.

- Não é boa o bastante - disse. - Tenho certeza de que há algo mais... Não importa. Por que deixaram Earlscastle?

- O castelo foi atacado, ontem pela madrugada, e tomado - respondeu Tom. - O conde Bartholomew é acusado de traição.

Cuthbert ficou chocado.

- Que os santos nos protejam! - exclamou. De repente parecia uma solteirona apavorada com um touro. - Traição!

Ouviu-se barulho de passos do lado de fora. Tom virou-se e viu outro monge entrar. Cuthbert disse:

- Este é o nosso novo prior.

Tom o reconheceu. Era Philip, o monge que tinham encontrado a caminho do palácio do bispo, que lhes dera um queijo delicioso. Agora todas as peças se ajustavam: o novo prior de Kingsbridge era o antigo prior do pequeno mosteiro na floresta, e trouxera Jonathan consigo. O coração de Tom deu pulos de otimismo. Philip era um homem bondoso, e parecera gostar do construtor e confiar nele. Certamente lhe daria um emprego.

Philip o reconheceu.

- Olá, mestre construtor - disse. - Então não conseguiu muito trabalho no palácio do bispo, hem?

- Não, padre. O arcediogo não iria me contratar, e o bispo não estava lá.

- Não estava mesmo; estava no céu, embora não o soubéssemos naquela ocasião.

- O bispo está morto?

- Está.

- Esta notícia já é velha - interrompeu Cuthbert impacientemente. - Tom e sua família acabam de chegar de Earlscastle. O conde Bartholomew foi capturado, e seu castelo, tomado.

Philip ficou completamente imóvel.

- Já! - murmurou.

- Já - repetiu Cuthbert. - Por que diz "já"? - Ele parecia gostar de Philip mas ao mesmo tempo desconfiar dele, como um pai cujo filho esteve na guerra e voltou para casa com uma espada na cintura e um brilho ligeiramente perigoso no olhar. - Sabia que isso iria acontecer?

O rosto do prior ficou um pouco congestionado.

- Não, não exatamente - disse, sem muita segurança. — Ouvi um boato de que o conde Bartholomew se opunha ao rei Estêvão. - Recuperou a compostura.

- Podemos todos dar graças por isso - exclamou baixo. - Estêvão prometeu proteger a Igreja, enquanto Matilde poderia nos ter oprimido tanto quanto seu falecido pai. Sim, é verdade. É uma boa notícia. - Ele parecia tão satisfeito quanto

se tivesse derrotado Bartholomew com as próprias mãos.

Tom não queria falar sobre o conde.

- Não é boa notícia para mim - disse. - O conde tinha me contratado, no dia anterior, para fortalecer as defesas do castelo. Não recebi nem um único dia de pagamento.

- Que pena! - disse Philip. - Quem atacou o castelo?

- Lorde Percy Hamleigh.

- Ah - fez Philip, balançando a cabeça, e mais uma vez Tom sentiu que sua notícia estava apenas confirmando as expectativas dele.

- O senhor está fazendo alguns melhoramentos aqui - disse Tom, tentando puxar um assunto do seu interesse.

- Estou tentando - confirmou Philip.

- Vai querer reconstruir a torre, tenho certeza.

- Reconstruir a torre, reparar o telhado, pavimentar o chão... sim, quero fazer tudo isso. E você quer o emprego, claro - acrescentou, como se tivesse acabado de perceber a razão da presença de Tom. - Gostaria de poder contratá-lo. Mas receio não poder pagar-lhe. Este mosteiro não tem dinheiro algum.

Tom teve a sensação de haver levado um soco. Estava confiante em conseguir trabalho ali - tudo apontara nessa direção. Mal pôde acreditar nos ouvidos. Encarou Philip.

Não dava para crer que o priorado não tivesse dinheiro. O despenseiro dissera que eram os monges que estavam fazendo todo o trabalho extra, mas, mesmo assim, um mosteiro sempre pode pedir dinheiro emprestado aos judeus. Tom sentiu como se fosse o fim do caminho para ele. O que quer que o houvesse mantido de pé durante todo o inverno parecia agora tê-lo abandonado por completo, e ele se sentiu fraco e derrotado. Não posso continuar, pensou. Estou liquidado.

Philip viu seu desespero.

- Posso lhe oferecer uma ceia, um lugar para dormir e qualquer coisa para comer pela manhã.

Tom sentiu-se amargamente furioso.

- Aceitarei - disse. - Mas preferia trabalhar para ganhar minha comida.

Philip ergueu as sobrancelhas ante o Tom de raiva, mas disse com suavidade:

- Quando se pede a Deus, não se pede esmola, faz-se uma oração. - E com isto foi embora.

Os outros pareceram um pouco assustados, e Tom percebeu que sua raiva devia estar transparecendo. O fato de estarem olhando fixamente para ele o aborreceu. Saiu do depósito de gêneros alguns passos atrás de Philip e parou no pátio, olhando para a grande e velha igreja, tentando controlar os sentimentos.

Após um instante Ellen e as crianças o seguiram. A mulher passou-lhe um

braço pela cintura num gesto consolador, que fez os noviços cochicharem e darem cotoveladas uns nos outros. Tom os ignorou.

- Rezarei - disse ele amargamente. - Rezarei para que um raio caia na igreja e a jogue no chão.

Nos últimos dois dias Jack aprendera a ter medo do futuro.

Durante sua curta vida nunca tivera que pensar além do dia seguinte; e, quando pensara, sabia o que esperar. Um dia na floresta era muito parecido com o outro, e as estações mudavam lentamente. Agora ele não sabia, a cada dia que se passava, onde estaria, o que faria ou se comeria ou não.

A pior parte de tudo era sentir fome. Jack andara secretamente comendo capim e folhas, para tentar amenizar as dores na barriga, mas o que conseguiu foi uma espécie diferente de dor de estômago e uma sensação esquisita. Martha chorava de fome a todo momento. Jack e Martha sempre andavam juntos. A menina o respeitava, o que ninguém tinha feito antes. Ser incapaz de aliviar o sofrimento dela era pior que sua própria fome.

Se ainda estivessem vivendo na caverna, saberia aonde ir para matar patos, encontrar nozes ou roubar ovos; mas em cidades e aldeias e nas estradas desconhecidas que as ligavam, estava perdido. Tudo o que sabia era que Tom tinha de arranjar emprego.

Passaram a tarde na hospedaria. Era um prédio simples de um único cômodo, com chão de terra e uma lareira no meio, exatamente como as casas que os camponeses habitavam, mas Jack, que sempre morara numa caverna, achava o lugar maravilhoso. Estava curioso para saber como a casa era feita, e Tom lhe contou. Duas árvores novas tinham sido cortadas, aparadas e apoiadas, uma de encontro a outra, num certo ângulo; depois outras duas haviam sido colocadas do mesmo modo a quatro jardas de distância; os dois triângulos assim formados foram unidos, nos ângulos superiores, por uma viga chamada "pau da cumeeira". Paralelas a ele, foram fixadas ripas leves, unindo as árvores e formando um telhado íngreme que ia até o chão.

Estruturas de vime trançado, chamadas "armações", tinham sido colocadas sobre as ripas e impermeabilizadas com lama. As empenas, ou paredes laterais, eram feitas de estacas enterradas no chão, e as frestas entre elas tapadas com lama. Havia uma porta em uma das paredes laterais. Não havia janelas.

Ellen espalhou palha limpa no chão e Jack acendeu o fogo com a pedra que sempre carregava. Quando os demais estavam fora do alcance de sua voz, perguntou a ela — por que o prior não ia contratar Tom, quando, obviamente, havia trabalho a ser feito.

- Parece que ele prefere economizar seu dinheiro, enquanto a igreja ainda puder ser usada - disse ela. - Se toda a igreja tivesse desmoronado, seriam forçados a reconstruí-la, mas como é só a torre, podem conviver com o dano.

Quando a luz do dia começou a perder a intensidade e o crepúsculo foi

chegando, um auxiliar da cozinha apareceu na hospedaria com um caldeirão de sopa e um pão da altura de um homem, tudo só para eles. A sopa era feita de verduras, ervas e ossos, e sua superfície brilhava com a gordura. O pão era de massa grossa, feito com vários tipos de cereais, centeio, cevada e aveia, mais ervilhas e favas secas; era o mais barato, disse Alfred, mas para Jack, que nunca comera pão até alguns dias antes, era delicioso. O menino comeu até a barriga doer. Alfred comeu até não restar mais nada.

- Afinal, por que foi que a torre caiu? - perguntou Jack a Alfred, quando se sentaram junto do fogo para digerir o banquete.

- Provavelmente foi atingida por um raio - disse Alfred. - Também pode ter sido um incêndio.

- Mas não há nada para queimar - disse Jack. - É toda feita de pedra.

- O teto não é de pedra, seu burro - disse Alfred sarcasticamente. - O teto é de madeira.

Jack pensou naquilo por um momento.

- E se o teto pegar fogo, o prédio cai?

Alfred deu de ombros.

- Às vezes.

Ficaram sentados em silêncio por algum tempo. Tom e a mãe de Jack conversavam em voz baixa do outro lado da lareira.

- É engraçado, aquele bebê - disse Jack.

- O que é engraçado? - perguntou Alfred, após um instante.

- Bem, o seu bebê foi perdido na floresta, a milhas de distância, e agora há um bebê aqui no priorado.

Nem Alfred nem Martha pareceram achar a coincidência muito notável, e Jack esqueceu prontamente o assunto.

Todos os monges foram para a cama logo após a ceia e não forneceram velas para os hóspedes humildes, de modo que a família de Tom ficou olhando o fogo até que ele se extinguiu, deitando-se depois em cima da palha.

Jack ficou acordado, pensando. Ocorrera-lhe que se a catedral pegasse fogo naquela noite todos os problemas estariam resolvidos. O prior contrataria Tom para reconstruir a igreja, eles passariam a morar ali naquela ótima casa e teriam sopa de osso de carne com pão de massa grossa para sempre.

Se eu fosse Tom, pensou ele, atearia fogo na igreja. Eu me levantaria silenciosamente enquanto todos estivessem dormindo, me esgueiraria dentro da igreja, iniciaria um incêndio com minha pedra, depois rastejaria de volta para cá enquanto o fogo estivesse se espalhando e fingiria estar dormindo quando dessem o alarme. No momento em que as pessoas comessem a atirar baldes de água nas labaredas, como fizeram no incêndio do estábulo do castelo do conde Bartholomew, eu me juntaria a elas, como se quisesse apagar o fogo tanto quanto todo mundo.

Alfred e Martha estavam dormindo - Jack podia assegurar pela respiração deles. Tom e Ellen fizeram o que geralmente faziam sob o manto de Tom (Alfred dizia que aquilo era "foder") e depois dormiram. Pelo jeito, o construtor não ia se levantar e tocar fogo na catedral.

Mas o que ele ia fazer? A família iria percorrer as estradas até morrer de fome?

Quando todos estavam dormindo, e Jack os ouviu respirando no ritmo lento e regular que indicava sono profundo, ocorreu-lhe que ele poderia incendiar a catedral.

A idéia fez seu coração disparar de medo.

Teria que se levantar muito silenciosamente. com certeza conseguiria tirar a tranca da porta e se esgueirar para fora sem acordar ninguém. As portas da igreja poderiam estar trancadas, mas haveria um jeito de entrar, especialmente para um garoto pequeno.

Uma vez do lado de dentro, saberia como alcançar o teto. Aprendera muito em duas semanas com Tom. Ele falava sobre construções o tempo todo, quase sempre endereçando suas observações ao filho; e, embora Alfred não estivesse interessado, Jack estava.

Descobrira, entre outras coisas, que todas as igrejas grandes tinham escadas construídas dentro das suas paredes, a fim de dar acesso às partes mais altas e permitir a execução de reparos. Encontraria uma escada e subiria até o telhado.

Sentou-se no escuro, ouvindo a respiração dos outros. Podia distinguir a de Tom por um ligeiro chiado, causado (dissera sua mãe) por anos de inalação de pó de pedra.

Alfred roncou uma vez, bem alto, depois virou-se e ficou em silêncio de novo.

Uma vez ateado o fogo, teria que voltar à hospedaria rapidamente. O que fariam os monges se o pegassem? Em Shiring, Jack vira um menino da sua idade ser amarrado e açoitado por roubar um cone de açúcar de uma loja de especiarias. O garoto gritava e o chicote fizera sangrar seu traseiro. Parecera pior do que quando os homens se matavam uns aos outros numa batalha, como acontecera em Earlscastle, e a visão do garoto sangrando perseguira Jack. Tinha pavor de que o mesmo lhe acontecesse.

Se eu fizer isso, pensou, nunca vou contar a ninguém.

Deitou-se de novo, cobriu-se com o manto e fechou os olhos.

Gostaria de saber se a porta da igreja estava trancada. Se estivesse, poderia entrar pela janela. Ninguém o veria se o fizesse no lado norte do adro. O dormitório dos monges era ao sul da igreja, atrás do claustro, e não havia nada no lado norte exceto o cemitério.

Decidiu ir até ali e dar uma olhada, só para ver se seria possível.

Hesitou por mais um momento e finalmente se levantou.

A palha nova rangeu sob seus pés. Ouviu de novo a respiração das quatro pessoas adormecidas. Fazia muito silêncio; os camundongos pararam de se mover na palha. Deu um passo, e parou para escutar. Os outros continuaram dormindo. Perdeu a paciência e deu três passos rápidos na direção da porta. Quando parou, os camundongos decidiram que não havia nada a temer recomeçando a se movimentar, mas todos continuaram a dormir.

Tocou na porta com a ponta dos dedos, depois deslizou as mãos até a tranca. Era uma trave de carvalho colocada sobre um par de suportes. Enfiou as mãos por baixo dela, agarrou-a e levantou. Era mais pesada do que esperara, e depois de levantá-la menos de uma polegada, teve que abaixá-la de novo. O barulho que fez quando bateu nos suportes lhe pareceu muito alto. Ficou imóvel, atento. A respiração de Tom falhou.

O que direi se for apanhado?, pensou desesperadamente. Direi que ia lá fora... ia lá fora... já sei, para fazer xixi. Acalmou-se, agora que tinha uma desculpa. Ouviu Tom se virar e esperou ouvir sua voz grave e áspera, mas ela não veio, e ele começou a respirar ritmadamente de novo.

As bordas da porta estavam delineadas em prata. Devia ser o luar, pensou Jack. Agarrou a tranca de novo, respirou fundo e fez força para levantá-la. Dessa vez estava preparado para seu peso. Ergueu-a e puxou-a na sua direção, mas não a tinha levantado o suficiente, de modo que ela não passou pelos suportes. Levantou-a um pouco mais, e conseguiu libertá-la. Segurou-a junto ao peito, aliviando o esforço que fazia com os braços por um momento; depois lentamente dobrou primeiro um joelho, depois outro, e abaixou a tranca até pô-la no chão. Ficou naquela posição por alguns momentos, tentando acalmar a respiração, enquanto a dor nos braços desaparecia. Não havia barulho vindo dos outros, exceto seu ressonar.

Cautelosamente, Jack abriu uma fresta. A dobradiça de ferro da porta rangeu e um vento frio entrou pela abertura. Estremeceu. Aconchegou-se melhor no manto e abriu a porta mais um pouco. Esgueirou-se para o lado de fora e a fechou.

A nuvem estava se abrindo, e a lua apareceu no céu agitado. Havia um vento frio. Momentaneamente Jack se viu tentado a retornar para o calor abafado da casa. A enorme igreja com sua torre caída avultava sobre o resto do priorado, prateada e negra à luz da lua, as paredes largas e as janelas minúsculas fazendo com que parecesse mais um castelo que uma igreja. Era feia.

Tudo estava quieto. Do lado de fora das paredes do priorado, na aldeia, podia haver algumas poucas pessoas acordadas, bebendo cerveja à luz do fogo de uma lareira, ou costurando à luz de velas, mas do lado de dentro nada se movia. Ainda assim, Jack hesitou, olhando para a igreja. Ela também o olhava de modo acusador, como se soubesse o que tinha em mente. Jack libertou-se da sensação

fantasmagórica com um dar de ombros, e atravessou o amplo gramado na direção da fachada oeste.

A porta estava trancada.

Contomou a igreja na direção do lado norte e olhou para suas janelas. Algumas tinham pedaços de linho translúcido esticados na frente, para evitar o frio, mas essas pareciam não ter nada. Eram largas o bastante para atravessá-las rastejando, mas demasiado altas para alcançá-las. Explorou as pedras com os dedos, sentindo as brechas onde a argamassa desaparecera, mas viu que não eram grandes o suficiente para servir de apoio à ponta dos seus pés. Precisava de algo para usar como escada.

Pensou em pegar pedras da torre caída e construir uma escada improvisada, mas as pedras inteiras eram pesadas demais, e as quebradas, muito desiguais. Teve a sensação de que vira algo, no decurso do dia, que serviria exatamente ao seu propósito, e vasculhou o cérebro para lembrar. Foi como se tentasse ver alguma coisa com o canto dos olhos: sempre permanecia fora de vista. Então atravessou com o olhar o enlustrado cemitério, na direção do estábulo, e se lembrou: uma pequena peça de madeira, com dois ou três degraus, que servia para ajudar as pessoas a montarem cavalos muito altos. Um dos monges subira naquela espécie de plataforma para tratar da crina de um cavalo.

Jack foi até o estábulo. Aquilo era o tipo da coisa que ninguém guardava de noite, pois dificilmente valeria a pena roubar. Caminhou silenciosamente, mas os cavalos o ouviram mesmo assim e um ou dois bufaram e tossiram. Parou, assustado. Podia haver cavaleiros dormindo no estábulo. Ficou imóvel por um momento, atento ao som de movimentos humanos, mas não ouviu nada e os cavalos se aquietaram.

Não conseguiu ver a plataforma. Talvez estivesse encostada à parede. Era difícil enxergar qualquer coisa no escuro. Cautelosamente, avançou até o estábulo e caminhou ao longo dele. Os cavalos o ouviram de novo, e dessa vez sua proximidade os deixou nervosos; um deles relinchou. Jack ficou imóvel. A voz de um homem fez-se ouvir:

- Quietos! Quietos!

Enquanto estava parado ali como uma estátua assustada, viu a plataforma de montar bem debaixo do seu nariz, tão perto que teria caído em cima dela se desse mais um passo. Esperou alguns momentos. Não houve mais barulho vindo do estábulo. Abaixou-se, apanhou-a e colocou-a sobre o ombro. Depois virou-se e atravessou o gramado de volta na direção da igreja, caminhando silenciosamente. O estábulo ficou em silêncio.

Quando trepou no degrau de cima da plataforma viu que ainda não tinha altura suficiente para alcançar as janelas. Era irritante: nem mesmo podia olhar ali dentro.

Ainda não tomara uma decisão final quanto a incendiar ou não a igreja,

mas não queria ser impedido por considerações de ordem prática: desejava decidir sozinho. Gostaria de ser tão alto quanto Alfred.

Havia algo mais a tentar. Recuou, deu uma corridinha, saltou com um pé apoiado na plataforma e subiu. Atingiu facilmente o peitoril da janela e se agarrou na moldura de pedra. Com um puxão subiu mais um pouco e conseguiu ficar meio sentado no peitoril. Entretanto, quando tentou passar pela abertura, teve uma surpresa. A janela era bloqueada por uma grade de ferro, que ele não vira de fora, presumivelmente pois seria preta. Jack examinou-a com ambas as mãos, ajoelhado no peitoril.

Não havia como atravessar: Com toda a certeza estava ali para impedir que alguém entrasse na igreja quando se encontrasse fechada.

Desapontado, pulou para o chão. Apanhou a plataforma e levou-a de volta para o lugar onde a encontrara. Dessa vez os cavalos não fizeram barulho.

Jack olhou para a torre caída, do lado esquerdo da porta principal. Trepou cuidadosamente nas pedras, voltado para o interior da igreja, procurando uma passagem no meio do entulho. Quando a lua se escondeu atrás de uma nuvem ele esperou, tremendo, que aparecesse de novo. Tinha medo de que seu peso, por pequeno que fosse, pudesse desequilibrar as pedras e causar um desmoronamento, o que acordaria todo mundo, se não o matasse. Quando a lua reapareceu ele examinou a pilha e decidiu se arriscar.

Começou a subida com o coração na boca. A maior parte das pedras estava firme, mas uma ou duas oscilaram precariamente sob o seu peso. Era o tipo da subida que gostaria de fazer de dia, podendo pedir ajuda se precisasse, e sem nada na consciência; porém, agora estava ansioso demais e sua segurança normal o abandonou. Escorregou numa superfície lisa e quase caiu; foi então que decidiu parar.

Estava numa altura que dava para olhar de cima o teto do corredor ao longo do lado norte da nave. Tinha esperança de que houvesse um buraco no teto, ou talvez uma brecha entre ele e a pilha de pedras, mas nada feito: o teto continuava inteiro por dentro das ruínas da torre, e tudo indicava não haver um modo de passar. Sentiu-se meio desapontado e meio aliviado.

Desceu o monte de costas, olhando por cima do ombro para ver onde colocava os pés. Quanto mais perto chegava do solo, melhor se sentia. No final deu um pulo e caiu feliz da vida no chão.

Retornou ao lado norte da igreja e a contornou. Tinha visto diversas igrejas nas semanas anteriores, e todas eram mais ou menos do mesmo formato. A parte mais larga era a nave, sempre voltada para oeste. Havia dois braços, que Tom chamava "transeptos", abertos nas direções norte e sul. O lado leste era chamado "coro", mais curto que a nave. Kingsbridge diferia das demais apenas pelo fato de a sua face oeste ter duas torres, uma de cada lado da entrada, como se fosse para combinar com os transeptos.

Havia uma porta no transepto norte. Jack a experimentou e viu que estava trancada. Prosseguiu, contornando a face leste: ali não havia nenhuma porta. Parou para dar uma olhada através do pátio gramado. No canto sudeste do adro havia duas casas, a enfermaria e a casa do prior. Ambas estavam escuras e silenciosas. Continuou andando ao longo da face leste e do lado sul do coro até chegar à saliência do transepto sul. No final, como uma mão em um braço, ficava o edifício redondo que chamavam "casa do cabido". Entre ela e o transepto havia um corredor estreito que dava no claustro. Jack entrou pelo corredor.

Encontrou-se num pátio quadrangular, com um gramado no meio e uma pérgula em toda a volta. A pedra clara dos arcos era fantasmagoricamente branca ao luar, e, na sombra, a pérgula era impenetravelmente escura. Jack esperou um momento para seus olhos se adaptarem.

Chegara pelo lado leste do quadrado. À sua esquerda podia entrever a porta da casa do cabido. Mais à esquerda, na ponta sul do lado leste da pérgula, via, de frente para ele, outra porta, que provavelmente levava ao dormitório dos monges. À sua direita, havia outra porta que dava para o transepto sul da igreja. Experimentou esta. Estava trancada.

Seguiu pelo passadiço norte. Ali encontrou uma porta para a nave da igreja. Também estava trancada.

No lado oeste da pérgula não havia nada, exceto no canto sudoeste, onde Jack encontrou a porta do refeitório. Quanta comida tinha que ser encontrada, pensou, para alimentar aqueles monges todos os dias! Nas proximidades havia um chafariz com uma bacia onde os monges lavavam as mãos antes das refeições.

Continuou pelo passadiço sul. No meio do caminho havia um arco. Passou por ele e encontrou-se num pequeno corredor, com o refeitório à sua direita e o dormitório à esquerda. Imaginou todos os monges dormindo no chão logo ali do outro lado da parede de pedra. No final não havia nada senão uma rampa lamacenta descendo na direção do rio. Jack ficou parado ali por um momento, olhando para a água a cem jardas. Por nenhuma razão particular lembrou-se da história de um cavaleiro que tivera a cabeça cortada mas continuara vivendo; involuntariamente, imaginou o cavaleiro sem cabeça subindo a rampa na sua direção. Nada havia ali, mas ainda assim Jack se sentiu apavorado. Virou-se e correu de volta para o claustro. Ali se sentia mais seguro.

Hesitou embaixo do arco, o olhar fixo no pátio quadrangular iluminado pela lua. Tinha que haver um modo de entrar numa construção tão grande, era o que achava, porém não conseguia imaginar onde mais procurar. De certo modo, estava feliz. Havia pensado em fazer uma coisa pavorosamente perigosa, e descobrira que era impossível, tanto melhor. Por outro lado, sentia muito medo da idéia de deixar aquele priorado e enfrentar a estrada novamente pela manhã: o caminhar interminável, a fome, a raiva e o desapontamento de Tom, as lágrimas

de Martha... Tudo podia ser evitado, com uma pequenina centelha da pedra que carregava num saquinho pendurado no cinto!

Algo se moveu num canto do seu campo visual. Estremeceu, e seu coração bateu mais depressa. Virou a cabeça e viu, para seu horror, uma figura fantasmagórica, carregando uma vela, deslizando silenciosamente ao longo do passadiço leste, na direção da igreja. Um grito subiu até a sua garganta, e ele lutou para contê-lo. Outro vulto seguiu-se ao primeiro. Jack recuou para dentro da arcada, fora das vistas, e levou o punho à boca, mordendo a pele para não gritar. Ouviu um gemido sobrenatural e ficou de olhos esbugalhados, completamente aterrorizado. Até que percebeu: o que estava vendo era uma procissão de monges indo do dormitório para a igreja a fim de rezar o culto da meia-noite, e cantando um hino enquanto caminhavam. A sensação de pânico persistiu por um momento, mesmo quando ele já tinha compreendido o que estava observando; depois uma onda de alívio o envolveu e ele começou a tremer incontrolavelmente.

O monge que liderava a procissão abriu a porta da igreja com uma grande chave de ferro. Os monges foram entrando em fila. Ninguém se virou para olhar na direção de Jack. A maior parte parecia estar meio adormecida. Não fecharam a porta depois que passaram.

Quando recuperou o controle, Jack se deu conta de que agora podia entrar na igreja.

Suas pernas estavam fracas demais para andar.

Eu podia só entrar, pensou ele. Não sou obrigado a fazer nada quando estiver lá dentro. Basta entrar e ver se é possível chegar ao teto. Posso não incendiá-lo, apenas dar uma olhada.

Respirou fundo, saiu de sob a passagem em arco e atravessou cuidadosamente o pátio quadrangular. Hesitou ante a porta aberta e deu uma olhada no interior da igreja.

Havia velas no altar, e no coro, onde os monges estavam de pé nos respectivos lugares, mas a luz se limitava a pequenos clarões no meio do grande espaço vazio, deixando as paredes e passagens laterais em profunda escuridão. Um dos monges estava no altar fazendo coisas que ele não compreendia, e os outros ocasionalmente cantavam frases de um ritual sem sentido. Jack não sabia como podia haver gente que se levantava da cama quente no meio da noite para fazer uma coisa daquelas.

Esgueirou-se porta adentro e se encostou na parede.

Estava do lado de dentro. A escuridão o escondia. No entanto, não poderia ficar ali, pois o veriam quando se retirassem. Avançou furtivamente, caminhando de lado, mais um pouco. As velas bruxuleantes lançavam sombras inquietas.

O monge no altar podia ter visto Jack, se tivesse levantado a cabeça, mas

ele parecia completamente absorto no que estava fazendo. O menino deslocou-se rapidamente da proteção de um grosso pilar para o outro, parando no intervalo a fim de que seus movimentos fossem irregulares, como a variação das sombras. A luz se tornou mais clara à medida que se aproximou da interseção da nave com o transepto. Teve medo de que o monge no altar erguesse a cabeça de repente, atravessasse de um pulo o transepto e o pegasse pelo pescoço...

Chegou ao canto e, aliviado, virou-se e sumiu nas sombras mais escuras.

Parou por um momento, sentindo-se mais calmo. Depois recuou ao longo do corredor, na direção do lado oeste da igreja, ainda fazendo paradas irregulares, como se estivesse tocaiando um veado. Quando chegou à parte mais afastada e escura da igreja, sentou-se no plinto de uma coluna para esperar que o serviço religioso terminasse.

Enfiou o queixo dentro do manto e respirou sobre o peito para se aquecer. Sua vida mudara tanto nas duas últimas semanas que parecia terem se passado muitos anos desde o tempo em que vivera satisfeito com sua mãe na floresta. Sabia que nunca mais se sentiria tão seguro novamente. Agora que sabia o que era fome, frio, perigo e desespero, sempre teria medo disso.

Deu uma olhadela pelo lado do pilar. Acima do altar, onde as velas brilhavam mais, conseguia distinguir com dificuldade o teto de madeira, muito alto. As igrejas mais novas tinham tetos abobadados de pedra, ele sabia, mas Kingsbridge era antiga.

Aquele teto de madeira queimaria bem.

Não vou incendiar nada, pensou.

Tom ficaria tão feliz se a catedral se incendiasse! Jack não tinha certeza se gostava de Tom - ele era muito forte, mandão e rigoroso. Estava acostumado com os modos mais amenos da mãe. Entretanto, o construtor o impressionava, até mesmo o amedrontava. Os únicos outros homens que Jack conhecera eram fora-da-lei; homens perigosos e brutos, que respeitavam apenas violências e truques, para os quais a suprema façanha era esfaquear alguém nas costas. Tom era um novo tipo de pessoa, orgulhoso e destemido, mesmo desarmado. Jack jamais esqueceria o modo como enfrentara William Hamleigh, na ocasião em que ele quisera comprar sua mãe por uma libra. O que impressionara o menino tão fortemente foi o fato de lorde William ter ficado com medo. Jack dissera à sua mãe que nunca imaginara que um homem pudesse ser tão corajoso quanto Tom, e ela respondera:

"Foi por isso que tivemos de deixar a floresta. Você precisa de um homem a quem admirar".

Jack ficou intrigado com aquela declaração, mas era verdade que gostaria de fazer algo para impressionar Tom. Contudo, não seria atear fogo à catedral. Ninguém deveria saber disso, pelo menos por muitos anos. Mas talvez chegasse o dia em que Jack dissesse a Tom: "Você se lembra do dia em que a Catedral de

Kingsbridge foi destruída por um incêndio, o prior o contratou para reconstruí-la e todos nós tivemos finalmente comida, abrigo e segurança? Bem, tenho algo a lhe dizer sobre como aquele incêndio teve início... " Que grande momento seria esse!

Mas não me atrevo a fazer uma coisa dessas, pensou ele.

O canto cessou, e houve um barulho de pés se arrastando no chão quando os monges abandonaram seus lugares. O culto tinha acabado. Jack mudou de posição para não ser visto quando eles se retirassem em fila.

Os monges apagaram as velas nos assentos do coro, mas deixaram uma queimando no altar. A porta foi fechada ruidosamente. Jack esperou um pouco mais, para o caso de haver alguém do lado de dentro. Não houve som algum por longo tempo. Finalmente saiu de trás do seu pilar.

Jack avançou pela nave. Era uma sensação estranha estar sozinho naquele prédio frio, grande e vazio. Os camundongos deviam ser assim, pensou ele, escondendo-se nos cantos quando as pessoas grandes estivessem perto e saindo depois que elas se afastassem. Chegou ao altar e pegou a vela grossa e brilhante, o que fez com que se sentisse melhor.

Carregando-a, começou a examinar o interior da igreja. No canto onde a nave se encontrava com o transepto sul, o lugar onde mais temera ser visto pelo monge do altar, havia uma porta fechada só com um trinco. Experimentou o trinco. A porta abriu.

Sua vela revelou uma escada em espiral, tão estreita que um homem gordo não passaria, tão baixa que Tom teria sido obrigado a se dobrar. Subiu os degraus.

Davam para uma galeria estreita. De um lado, pequenos arcos. O teto descaía do topo dos arcos até o chão, do outro lado. O piso, por sua vez, não era reto, e sim curvado para baixo em ambos os lados. Jack precisou de um momento para perceber onde se encontrava. Estava em cima do corredor do lado sul da nave. O teto abobadado do corredor era o chão curvado sobre o qual Jack estava. Do lado de fora da igreja podia-se ver que o corredor tinha um telhado de meia-água, que era o teto inclinado em cima da cabeça de Jack. O corredor, ou nave lateral, era muito mais baixo que a nave principal, de modo que ele ainda estava bem longe do telhado que a recobria.

Caminhou para oeste, ao longo da galeria, explorando. Era muito emocionante, agora que os monges tinham ido embora e já não sentia medo de ser descoberto. Era como se tivesse trepado numa árvore e descoberto que, fora das vistas de quem se encontrasse nos galhos mais baixos, todas as árvores eram interligadas, e se podia andar num mundo secreto a alguns pés acima da terra.

Ao final da galeria havia outra porta. Passou por ela e se viu na parte de dentro da torre sudoeste, a que não tinha desmoronado. O espaço em que estava evidentemente não era destinado a ser visto, pois não tinha acabamento, e em

vez de piso possuía caibros com grandes brechas entre eles. No entanto, em torno da parte de dentro da parede, havia uma escada com degraus de madeira e sem corrimão. Jack subiu por ela.

No meio do caminho, em uma das paredes, havia uma pequena abertura em forma de arco, junto da qual passava a escada. Jack meteu a cabeça do lado de dentro e ergueu a vela. Estava no espaço do telhado, acima do madeirame do teto e abaixo do chumbo do telhado.

A princípio não conseguiu distinguir um padrão no emaranhado das vigas de madeira, mas após um momento percebeu a estrutura. Imensas toras de carvalho, cada uma com um pé de largura e dois de altura, estendiam-se na extensão da nave, no sentido norte-sul. Acima de cada uma delas ficavam dois fortes caibros, formando um triângulo. A série regular de triângulos estendia-se além da luz da vela. Olhando para baixo, por entre as vigas, pôde ver o lado de cima do teto pintado da nave, preso na parte inferior das vigas transversais.

Na orla do espaço do telhado, no canto da base do triângulo, havia um passadiço estreito. Jack rastejou através da pequena abertura. A altura era a conta para ele: um adulto teria que se curvar. Caminhou um pouco pelo passadiço. Havia ali madeira suficiente para um incêndio. Fungou, tentando identificar o cheiro estranho. Concluiu que era piche. O vigamento do telhado era impermeabilizado com piche. Queimaria como palha.

Um movimento súbito no chão assustou-o e fez com que seu coração disparasse. Pensou no cavaleiro sem cabeça no rio, nos monges fantasmagóricos no claustro. Depois pensou em camundongos, e se sentiu melhor. Mas quando olhou cuidadosamente viu que eram pássaros: havia ninhos sob o beiral.

O espaço do telhado seguia o desenho da igreja mais abaixo, ramificando-se sobre os transeptos. Jack foi até o cruzamento da nave com o transepto e parou no canto.

Percebeu que deveria estar diretamente acima da pequena escada em espiral que o trouxera do nível do solo até a galeria. Se estivesse planejando dar início a um incêndio, seria ali o lugar. A partir do cruzamento o fogo se espalharia em quatro sentidos: oeste, ao longo da nave, sul, no transepto sul, e até o coro e o transepto norte. As vigas principais do telhado eram feitas com a parte interna de troncos de carvalho, e embora tivessem sido alcatroadas, podiam não pegar fogo com uma vela. No entanto, sob os beirais havia muitas lascas de madeira velha, cavacos, pedaços de cordas e sacos jogados fora e ninhos de passarinho abandonados, que dariam excelente material inflamável. Tudo o que tinha a fazer era juntar um pouco e fazer uma pilha.

A vela estava no fim. Parecia muito fácil. Juntar o lixo, encostar a vela e ir embora. Cruzar o adro como um fantasma, esgueirar-se para dentro da hospedaria, passar a tranca na porta, ajeitar-se na palha e esperar pelo alarme.

Mas se fosse visto...

Se fosse apanhado agora, podia dizer que estava explorando inocentemente a catedral, e não sofreria castigo pior que uma surra. Lembrou-se do ladrão de açúcar em Shiring, e de como o seu traseiro sangrara. Rememorou algumas das punições que os proscritos haviam sofrido: Faramond Boca Aberta tivera os lábios cortados fora, Jack Gorro perdera a mão e Alan Cara de Gato fora preso no tronco e apedrejado, não tendo sido capaz de falar direito nunca mais. Piores ainda eram as histórias dos que não haviam sobrevivido aos castigos: um assassino amarrado num barril cheio de espigões que foi empurrado montanha abaixo, de tal modo que os espigões lhe perfuraram todo o corpo; um ladrão de cavalos queimado vivo; uma ladra e prostituta empalada. O que fariam com um menino que incendiara uma igreja!

Pensativamente, começou a juntar o material inflamável que apanhava sob os beirais, empilhando no passadiço, exatamente sob uma das grossas vigas.

Quando a pilha estava com um pé de altura, sentou-se e olhou para ela.

A vela gotejou. Poucos momentos mais e teria perdido sua chance.

Com um gesto rápido, encostou a chama da vela num pedaço de aniagem. O pano pegou fogo. O fogo espalhou-se imediatamente para alguns cavacos de madeira e depois para um ninho ressecado e espedaçado; então a pequena fogueira ardeu alegremente em chamas.

Eu ainda poderia apagar este fogo, pensou Jack.

A fogueira estava queimando rápido demais; naquele ritmo estaria apagada antes de o madeiramento do telhado começar a arder. Apressadamente, Jack apanhou mais detritos, que colocou no fogo. As labaredas subiram mais alto. Eu podia simplesmente deixar o fogo se apagar sozinho, pensou ele. Depois viu que o próprio passadiço estava ardendo. Ainda assim, decerto poderia apagar o fogo com o meu manto, pensou. Em vez disso, jogou mais lenha na fogueira, e ficou apreciando as chamas arderem mais alto.

O ar tornou-se quente e enfumaçado no pequeno ângulo dos beirais, muito embora a temperatura glacial da noite de inverno estivesse a apenas uma polegada de distância, do outro lado do telhado. Algumas das vigas menores, às quais as folhas de chumbo estavam pregadas, começaram a queimar. Até que, por fim, uma chama pequenina tremulou numa das imponentes vigas principais.

A catedral se incendiava.

A coisa estava feita agora. Não havia como voltar atrás.

Jack teve medo. De repente quis sair dali depressa e retornar à hospedaria. Desejava estar aconchegado a seu manto, aninhado numa pequena cavidade na palha, de olhos bem fechados, com os outros respirando ritmadamente ao seu redor.

Retirou-se pelo passadiço.

Quando chegou ao final olhou para trás. O fogo estava se espalhando de modo surpreendentemente rápido, talvez por causa do piche com que a madeira

era recoberta.

Todas as vigas menores estavam em chamas, as vigas principais começavam a arder, e o fogo se espalhava ao longo do passadiço. Jack virou as costas para ele.

Mergulhou dentro da torre e desceu a escada; depois correu ao longo da galeria sobre o corredor e apressou-se a descer a escada em espiral que dava no chão da nave.

Correu até a porta pela qual entrara.

Estava trancada.

Jack reconheceu que fora burro. Os monges haviam destrancado a porta ao entrar, e era claro que a tinham trancado ao sair.

O medo subiu à sua garganta como bile. Tinha incendiado a igreja e agora estava preso dentro dela.

Reprimiu o pânico e tentou pensar. Experimentara todas as portas do lado de fora e vira que estavam trancadas; mas talvez algumas estivessem fechadas com trancas, podendo, assim, ser abertas por dentro.

Apressou-se a cruzar o transepto norte e examinou a porta no pórtico norte. Estava trancada.

Desceu correndo a nave escura na direção do lado oeste e experimentou cada uma das grandes entradas públicas. Todas as três estavam trancadas com chave. Finalmente, experimentou a pequena porta do corredor sul. Também estava trancada.

Teve vontade de chorar, mas isso de nada adiantaria. Ergueu os olhos para o teto de madeira. Seria sua imaginação, ou estava vendo mesmo, à débil luz do luar, uma quantidade mínima de fumaça se erguendo do teto, perto do canto do transepto sul?

Pensou: O que vou fazer?

Os monges acordariam e viriam correndo apagar o fogo, tão apavorados que dificilmente notariam um garotinho se esgueirando pela porta? Ou o veriam logo, gritando acusações? Ou continuariam dormindo, totalmente inconscientes, até que toda a construção ruísse, e Jack ficasse esmagado sob uma imensa pilha de pedras?

Seus olhos se encheram de lágrimas, e ele desejou jamais ter encostado a chama da vela no montinho de lixo.

Olhou em torno, nervosamente. Se fosse até uma janela e gritasse, alguém ouviria?

Ouviu um barulho vindo de cima. Ergueu os olhos e percebeu que um buraco aparecera no teto de madeira, onde caíra uma viga, atravessando-o. O buraco parecia um remendo vermelho em fundo escuro. Um momento depois houve outro estrondo, e uma imensa viga passou direto pelo teto e caiu, girando uma vez no ar, para atingir o chão com tanta força que sacudiu as enormes

colunas da nave. Uma chuva de centelhas e brasas seguiu a queda da viga. Jack prestou atenção para ver se ouvia gritos, pedidos de socorro ou toques de sino; porém, nada aconteceu. O estrondo certamente não fora ouvido. E se aquele estrondo não acordara os monges, decerto não iriam ouvi-lo gritar.

Vou morrer aqui, pensou, em pânico; Vou morrer queimado ou esmagado, a menos que possa imaginar um jeito de dar o fora!

Pensou na torre que ruíra. Ele a examinara do lado de fora, não conseguindo ver uma entrada, mas tinha sido tímido, com medo de cair e causar um desmoronamento.

Podia ser que, se olhasse de novo, agora do lado de dentro, visse algo que não percebera; e talvez o desespero o ajudasse a se espremer por onde antes não vira nenhuma brecha.

Correu para a extremidade oeste. O clarão do fogo que passava pelo buraco do teto, combinado com as chamas que subiam da viga que caíra no chão da nave, produzia uma luz mais intensa que a lua, e a arcada estava mais dourada que prateada. Jack examinou a pilha de pedras que um dia tinham sido a torre noroeste. Parecia formar uma sólida muralha. Não havia passagem. Tolamente, abriu a boca e gritou "Mãe!", com toda a força dos pulmões, muito embora soubesse que ela não podia ouvir.

Mais uma vez lutou para dominar o pânico. Havia algo num cantinho do seu cérebro sobre aquela torre caída. Conseguira entrar na outra, a que ainda estava de pé, percorrendo a galeria sobre a nave lateral sul. Se agora seguisse pela galeria acima da nave lateral norte, talvez pudesse ver uma brecha na pilha de pedras, uma brecha impossível de ser vista do nível do chão.

Correu de volta até o cruzamento da nave principal com o transepto, ficando sob o abrigo da nave lateral norte, para o caso de caírem mais vigas em chamas pelo teto.

Devia haver uma pequena porta e uma escada em espiral desse lado, tal como no outro.

Foi até o canto da nave com o transepto norte. Não pôde ver a porta. Examinou o resto do canto - tampouco estava do outro lado. Não pôde acreditar na sua má sorte.

Que maluquice: tinha que haver um jeito para entrar na galeria!

Jack concentrou-se, lutando para manter a calma. Havia um jeito de entrar na torre ruída, ele só precisava descobri-lo.

Posso voltar para o espaço do telhado, via torre sudoeste, pensou. E então atravessar para o outro lado, onde deve haver uma pequena abertura, dando acesso à torre noroeste desmoronada. Abertura essa que talvez me proporcione um modo de sair.

Olhou para o teto receosamente. O fogo ali em cima agora seria um verdadeiro inferno. Mas não podia pensar em outra alternativa.

Primeiro tinha que atravessar a nave. Ergueu os olhos de novo. Tanto quanto pudesse afirmar, não havia nada prestes a cair imediatamente. Respirou fundo e disparou para o outro lado. Nada caiu sobre ele.

Na nave lateral sul, abriu a pequena porta e subiu rapidamente a escada em espiral. Quando chegou ao topo e pisou na galeria, sentiu o calor que vinha de cima. Correu e entrou pela porta que dava para a torre sudoeste, galgando seus degraus.

Enfiou a cabeça e passou rastejando pelo pequeno arco que se abria no espaço do telhado. Estava enfumaçado e muito quente. Todas as vigas mais elevadas queimavam, sendo que na outra ponta as maiores ardiam com labaredas bem altas. O cheio de piche o fez tossir. Hesitou apenas por um momento e começou a atravessar a nave, caminhando sobre uma das grandes vigas que se estendiam de um lado ao outro. Em questão de momentos estava molhado de suor, e os olhos tão cheios de lágrimas que mal conseguia ver aonde estava indo. Tossiu, e seu pé escorregou. Jack tropeçou e caiu com um pé em cima da viga e o outro fora. O pé direito foi bater direto no teto, e, para seu horror, atravessou a madeira podre. A visão da altura da nave passou pela sua mente, assim como a queda que levaria se caísse em cima do teto; Jack gritou ao se inclinar para a frente, pondo ambos os braços na frente, e se imaginou girando no ar como a viga que caíra há pouco. Mas a madeira resistiu ao peso.

Permaneceu imobilizado, em estado de choque, apoiado nas duas mãos e num joelho, com a outra perna enfiada no teto. Então o calor violento do fogo o reanimou. Cuidadosamente, retirou o pé do buraco. Ficou sobre as mãos e os joelhos e engatinhou para a frente.

Ao aproximar-se do outro lado, diversas vigas grandes caíram dentro da nave. O prédio todo pareceu tremer, e a viga sobre a qual estava Jack balançou como a corda de um arco. Ele parou e se segurou com força. O tremor passou. Continuou avançando, de gatinhas, e um momento depois alcançou o passadiço do lado norte.

Se o seu palpite estivesse errado, e não houvesse uma abertura ali para as ruínas da torre noroeste, teria que voltar.

Quando se pôs de pé, respirou o ar frio da noite. Tinha que haver uma brecha qualquer. Mas seria grande o bastante para um garoto do seu tamanho?

Deu três passos para oeste e parou um instante antes de pisar no vazio.

Jack descobriu-se olhando através de uma abertura bem larga que dava para as ruínas enlugaradas da torre. Sentiu os joelhos tremerem, de tanto alívio. Estava fora daquele inferno.

Mas se encontrava num ponto muito alto, no nível do teto, e o topo da pilha de escombros ficava muito abaixo, longe demais para pular. Agora podia fugir das chamas, mas conseguiria chegar ao chão sem quebrar o pescoço? Às suas costas, as chamas se aproximavam rapidamente, com a fumaça saindo com

ímpeto pela abertura onde ele estava.

Aquela torre já tivera uma escadaria contornando suas paredes internas, tal como a outra ainda tinha, só que em sua maior parte fora destruída no desmoronamento.

No entanto, nos pontos onde os degraus de madeira haviam sido presos na parede com argamassa, ainda se viam tocos salientes, às vezes com uma ou duas polegadas de comprimento, às vezes com mais. Jack perguntou-se se conseguiria descer por ali.

Seria uma empreitada difícil. Sentiu cheiro de tecido queimado: seu manto estava ficando muito quente e chamuscado. A qualquer momento pegaria fogo.

Não tinha escolha.

Sentou-se, procurou o toco mais próximo, segurando-se com ambas as mãos, e depois baixou uma perna até encontrar apoio para o pé. Então desceu o outro. Experimentando o caminho com os pés, abaixou o corpo. Os tocos de madeira resistiram. Procurou o toco mais abaixo, testando sua resistência antes de colocar o peso em cima dele. Este estava um pouco solto. Pisou cautelosamente, agarrando-se com força para o caso de vir a ficar balançando no ar, seguro pelas mãos. Cada passo perigoso para baixo o levava para mais perto do topo da pilha de escombros. À medida que ia descendo, os tocos ficavam menores, como se os inferiores tivessem sido mais danificados. Colocou um pé, na sua bota de feltro, sobre um pedaço de madeira não maior que um dedo, e quando descansou o peso em cima dele, escorregou. O outro pé estava apoiado numa base maior, mas quando subitamente jogou o peso sobre ele, a madeira quebrou.

Tentou agarrar-se com as mãos, mas os tocos eram tão pequenos que não podia se segurar com força, e assim escorregou, aterrorizado, do seu pouso precário e caiu.

Aterrou com força sobre mãos e joelhos no topo da pilha de escombros. Por um instante ficou tão chocado e amedrontado que pensou que devia estar morto; só depois percebeu que tivera a sorte de cair bem. Suas mãos doíam e seus joelhos deviam estar muito machucados, mas estava ótimo.

Após um momento desceu a pilha de escombros e, a poucos pés do chão, pulou.

Estava salvo. Sentiu-se fraco, de tão aliviado. Quis gritar de novo. Tinha escapado. Sentiu-se orgulhoso: que aventura vivera!

Entretanto, ainda não estava acabada. Ali fora havia apenas um quase nada de fumaça, e o barulho do incêndio, tão ensurdecidor ali dentro, soava agora como uma brisa distante. Somente o clarão avermelhado por trás das janelas comprovava que a igreja estava em chamas. Mesmo assim, os últimos tremores deviam ter perturbado o sono de alguém, e a qualquer momento um monge estonteado sairia tropeçando do dormitório, sem saber se o tremor de terra que

sentira fora real ou apenas um sonho. Jack incendiara a igreja - um crime hediondo aos olhos de um monge. Tinha que fugir rapidamente.

Atravessou correndo o gramado até a hospedaria. Tudo estava quieto e imóvel. Parou do lado de fora, ofegante. Se entrasse respirando daquela maneira, acordaria a todos. Tentou controlar a respiração, mas pareceu-lhe que ela piorava. Teria simplesmente que ficar ali, até voltar ao normal.

Um sino soou, perfurando o silêncio, e continuou tocando, repicando urgentemente, um alarme inconfundível. Jack se apavorou. Se entrasse agora, seu pessoal saberia.

Mas se não entrasse...

A porta da casa de hóspedes se abriu, e Martha apareceu. Jack a encarou fixamente, aterrorizado.

- Onde esteve? - perguntou ela, baixinho. - Você está cheirando a fumaça. Uma mentira plausível veio à cabeça de Jack.

- Acabei de sair - disse, desesperadamente. - Ouvi o sino.

- Mentiroso - disse Martha. - Você está fora há séculos. Eu sei. Estava acordada.

Ele se deu conta de que não havia como enganá-la.

- Havia mais alguém acordado? - quis saber, receoso.

- Não, só eu.

- Não diga a eles que eu tinha saído, por favor. Está bem?

Ela percebeu o medo na sua voz e disse apaziguadoramente:

- Está bem. Guardarei segredo. Não se preocupe.

- Muito obrigado!

Nesse momento Tom saiu, coçando a cabeça. Jack assustou-se. O que ele iria pensar?

- O que está acontecendo? - perguntou Tom, sonolento. Ele fungou. - Sinto cheiro de fumaça.

Jack apontou para a catedral com o braço trêmulo.

- Acho... - disse, mas calou-se, engolindo em seco. Ia dar certo, percebeu, com profundo alívio. Tom simplesmente imaginaria que ele se levantara um momento antes, como Martha. O menino falou de novo, mais confiante dessa vez.

- Olhe só a igreja - disse para Tom. - Acho que está pegando fogo.

Philip ainda não se acostumara a dormir sozinho. Sentia falta do ar abafado do dormitório, do barulho dos outros se mexendo e roncando, da agitação quando um dos monges mais velhos se levantava para ir à latrina (seguido, geralmente, pelos outros de mais idade, numa procissão que sempre divertia os mais jovens). Ficar sozinho não incomodava Philip ao cair da noite, quando estava sempre exausto; no meio da noite, porém, já inteiramente

desperto pelo ofício religioso, achava difícil pegar no sono de novo. Em vez de voltar para a cama grande e macia (era um pouco embaraçoso o modo como se acostumara tão depressa a ela), aticava o fogo e lia à luz da vela, ou se ajoelhava e rezava, ou então ficava sentado, pensando.

Tinha muito que pensar. As finanças do priorado estavam em pior situação do que imaginara. A razão principal provavelmente era que a organização como um todo gerava muito pouco dinheiro. Tinha grandes propriedades, mas muitas fazendas estavam alugadas por pequenas somas e longos períodos, sendo que algumas pagavam em espécie - tantos sacos de farinha, tantos barris de maçãs, tantas carroças de nabos. As fazendas que não estavam alugadas eram administradas pelos monges, que não pareciam ser capazes de conseguir jamais um excedente para a venda. Outro recurso importante do priorado eram suas igrejas, das quais recebia os dízimos. Lastimavelmente, a maioria estava sob o controle do sacristão, e Philip encontrava dificuldades para descobrir quanto exatamente recebia ele e como gastava. Não havia registros escritos. No entanto, era evidente que o rendimento do sacristão era muito pequeno, ou sua administração ruim demais, para manter a catedral em boas condições; no entanto, através dos anos ele conseguira acumular uma impressionante coleção de cálices com pedras preciosas e ornamentos.

Philip não poderia dispor de todos os detalhes enquanto não tivesse tempo para conhecer de perto as propriedades tão espalhadas do mosteiro, mas já tinha uma idéia bastante clara; além disso, o antigo prior há anos vinha pedindo dinheiro emprestado em Winchester e em Londres para fazer face às despesas correntes. Philip ficara bastante deprimido quando percebera como era ruim a situação.

No entanto, quando pensou e rezou acerca disso, a solução tornou-se clara. Formulou um plano em três estágios. Começaria por controlar ele mesmo as finanças do priorado.

Até então, cada um dos monges que dirigiam o mosteiro controlava partes da propriedade, e cumpria as obrigações pelas quais era responsável, com o dinheiro gerado pela parte que lhe cabia: o despenseiro, o sacristão, o hospedeiro, o mestre dos noviços e o enfermeiro, todos tinham "suas" fazendas e igrejas. Naturalmente, nenhum deles jamais confessaria dispor de muito dinheiro, e se tivessem alguma sobra se encarregariam de gastá-la, com medo de serem privados dela. Philip decidira designar um dos monges para um novo cargo, que seria chamado de "tesoureiro" e cujo trabalho seria receber todo o dinheiro devido ao priorado, sem exceções, dando depois a cada um exatamente o que fosse preciso.

O tesoureiro naturalmente seria alguém em quem Philip confiasse. Sua primeira idéia fora dar o cargo a Cuthbert Cabeça Branca, o despenseiro; mas depois se lembrara da aversão do monge a escrever. Não ia adiantar. Dali em

diante todas as entradas e saídas de dinheiro iam ser registradas num grande livro. Philip decidira designar o jovem cozinheiro, irmão Milius. Os outros dirigentes do mosteiro não iam gostar, fosse quem fosse que recebesse o encargo, mas Philip era o chefe, e, de qualquer modo, a maioria dos monges, sabendo ou suspeitando que o priorado estava em dificuldades, daria seu apoio a reformas.

Quando tivesse pleno controle do dinheiro, Philip implementaria o estágio dois do seu plano.

Todas as fazendas distantes seriam alugadas por somas em dinheiro. Isso poria um fim ao dispendioso transporte de bens a longas distâncias. Havia uma propriedade do priorado em Yorkshire que pagava um "aluguel" de doze cordeiros, e os mandava religiosamente até Kingsbridge todos os anos, muito embora o custo do transporte fosse maior que o valor dos cordeiros, além do fato de a metade sempre morrer no percurso. No futuro, apenas as fazendas mais próximas produziriam alimentos para o priorado.

Planejava também mudar o sistema de então em que cada fazenda produzia um pouco de tudo - um pouco de carne, um pouco de cereais, um pouco de leite e assim por diante.

Há anos Philip achava que esse tipo de coisa era um desperdício. Cada fazenda conseguia produzir apenas o suficiente de cada item para suas necessidades - ou talvez fosse mais verdadeiro dizer que todas sempre davam um jeito de consumir praticamente tudo o que produziam. Philip queria que cada fazenda se concentrasse em algo. Todo o grão seria plantado num grupo de aldeias em Somerset, onde o priorado também possuía diversos moinhos. As verdejantes colinas de Wiltshire serviriam de pasto para o gado de corte e leiteiro. O pequeno mosteiro de St.-John-in-the-Forest criaria cabras e fabricaria queijo.

Entretanto, o plano mais importante de Philip era destinar todas as propriedades intermediárias - as que tinham solo pobre ou comum, em especial as situadas em terreno acidentado - à criação de carneiros.

Ele passara a infância em um mosteiro que criava carneiros (todo mundo criava carneiros naquela parte de Gales), e vira o preço da lã subir lenta mas firmemente, ano após ano, desde quando era capaz de se lembrar, até aquele momento. Os carneiros resolveriam o problema de dinheiro do priorado em caráter permanente, com o tempo.

Aquele era o segundo estágio do plano. O terceiro era demolir a catedral e construir uma nova.

A atual igreja era velha, feia e pouco prática; o fato de a torre noroeste ter desmoronado significava que toda a estrutura podia estar fraca. As igrejas modernas eram mais altas, mais compridas e principalmente mais leves. Também eram destinadas a exibir as tumbas importantes e as relíquias de santos que os peregrinos iam ver. Agora, e cada vez mais, as catedrais tinham pequenos altares extras e capelas especiais dedicadas a determinados santos. Uma igreja bem

projetada, que atendesse às múltiplas demandas das congregações, atrairia um número de fiéis e peregrinos muito maior que Kingsbridge podia atrair no momento; e, assim sendo, ela se pagaria, a longo prazo.

Quando Philip tivesse saneado as finanças do priorado, construiria uma igreja nova que simbolizaria a recuperação de Kingsbridge.

Seria sua realização suprema.

Achava que teria dinheiro suficiente para dar início à reconstrução em cerca de dez anos. Era uma idéia que o intimidava bastante - ele teria quase quarenta anos!

No entanto, no inverno seguinte, esperava ser capaz de fazer frente a um programa de reparos que tornasse o atual prédio respeitável, mesmo que não imponente, por volta da festa de Pentecostes.

Agora que tinha um plano se sentia animado e otimista de novo. Enquanto pensava nos detalhes, ouviu vagamente um estrondo distante, como a batida de uma grande porta.

Perguntou-se se haveria alguém de pé, circulando pelo dormitório ou pelo claustro.

Supôs que, se houvesse problema, logo saberia, e seus pensamentos voltaram para as rendas e os dízimos do priorado. Outra importante fonte de renda dos mosteiros eram as doações dos pais dos meninos que se tornavam noviços, mas para atrair o tipo certo de noviços o mosteiro precisava de uma escola de excelente qualidade...

Suas reflexões foram interrompidas de novo, dessa vez por um estrondo mais alto que chegou a fazer a casa tremer ligeiramente. Aquilo definitivamente não era uma porta batendo, pensou. O que estaria acontecendo? Foi até a janela e abriu a persiana.

O frio da noite entrou, fazendo com que tremesse. Philip examinou a igreja, a casa do cabido, o claustro e os prédios da cozinha um pouco mais além. Tudo parecia em paz à luz do luar. O ar estava tão frio que seus dentes doíam quando respirava. Mas havia algo mais, no ar. Ele fungou, farejando. Sentia cheiro de fumaça.

Semicerrou os olhos ansiosamente, mas não viu fogo.

Voltou a cabeça para trás e farejou de novo, pensando que podia estar sentindo o cheiro de sua própria lareira, mas não era.

Aturdido e alarmado, calçou rapidamente as botas, pegou a capa e correu para fora da casa.

O cheiro da fumaça ficou mais forte à medida que corria pelo gramado na direção do claustro. Não havia dúvida de que uma parte qualquer do priorado estava pegando fogo. Seu primeiro pensamento foi de que devia ser na cozinha - quase todos os incêndios têm início em cozinhas. Atravessou correndo a passagem entre o transepto sul, a casa do cabido e o quadrado do claustro.

Durante o dia ele teria atravessado o refeitório para ir ao pátio da cozinha. Mas à noite o refeitório ficava trancado, de modo que passou através do arco na calçada sul e virou à direita, encaminhando-se para a parte de trás da cozinha. Não havia sinal de fogo ali, nem na cervejaria ou na padaria, e o cheiro de fumaça pareceu diminuir.

Correu mais um pouco e deu uma olhada depois da esquina da cervejaria, na direção da casa de hóspedes e dos estábulos. Tudo parecia quieto por ali.

O incêndio seria no dormitório? Era o único outro prédio com lareira. A idéia era horripilante. Quando voltou correndo para o claustro teve uma visão medonha de todos os monges nas camas, envoltos em fumaça, inconscientes do incêndio no dormitório.

Correu até a porta do quarto. Quando chegou, ela se abriu e Cuthbert Cabeça Branca apareceu, carregando uma vela.

- Está sentindo o cheiro? - perguntou Cuthbert imediatamente.

- Sim. Os monges estão bem?

- Não há fogo aqui.

Philip sentiu-se aliviado. Pelo menos o seu rebanho estava salvo.

- Onde é o incêndio, então?

- Que tal a cozinha? - disse Cuthbert.

- Não, já verifiquei.

Agora que sabia que ninguém estava em perigo, Philip começou a se preocupar com sua propriedade. Pouco antes estivera pensando em finanças, e sabia que não podia enfrentar o pagamento de reparos em prédios agora. Olhou para a igreja. Aquilo seria um débil clarão vermelho por trás das janelas?

- Cuthbert, pegue a chave da igreja com o sacristão - disse Philip.

Cuthbert adiantara-se a ele.

- Ela está comigo.

- Bom homem!

Os dois se apressaram ao longo da calçada oeste na direção da porta do transepto sul. Cuthbert destrancou-a apressadamente. Assim que foi aberta uma nuvem de fumaça jorrou de dentro da igreja.

O coração de Philip falhou uma batida. Como poderia sua igreja estar pegando fogo?

Ele entrou. A princípio a cena era confusa. No chão da igreja, ao redor do altar e ali no transepto sul, diversas peças enormes de madeira queimavam. De onde teriam vindo? Como haviam produzido tanta fumaça? E o que era aquele barulho ensurdecedor que parecia ser causado por um incêndio muito maior?

- Olhe lá em cima! - gritou Cuthbert.

Philip obedeceu, e suas perguntas foram respondidas. O teto queimava furiosamente. Ficou olhando, horrorizado: parecia o inferno. A maior parte do teto pintado já desaparecera, revelando os triângulos de vigas que sustentavam o

telhado, enegrecidos e ardentes, as chamas e a fumaça pulando e girando numa dança diabólica. Philip ficou parado, imobilizado pelo choque, até que seu pescoço começou a doer de tanto olhar para cima; então recuperou o controle.

Correu até o meio da interseção, parou na frente do altar e examinou toda a igreja à sua volta. O teto estava inteiramente em chamas desde a porta oeste até a face leste e em ambos os transeptos. Por um momento de pânico pensou: Como vamos fazer para levar a água lá em cima? Imaginou uma fila de monges correndo ao longo da galeria com baldes, e percebeu imediatamente que era impossível: mesmo que tivesse cem pessoas para fazer o trabalho não poderia levar até o teto uma quantidade de água suficiente para apagar aquele inferno de chamas. A destruição seria total, concluiu Philip, com o coração apertado; e a chuva e a neve caíam dentro da igreja até que pudesse arranjar dinheiro para um novo telhado.

Um estrondo fez com que olhasse para cima. Imediatamente sobre ele, uma viga enorme se movia lentamente de lado. Ia cair em Philip, se não voltasse correndo para o transepto sul, onde Cuthbert, apavorado, observava a cena.

Toda uma seção do telhado, três triângulos de vigas e caibros mais as folhas de chumbo pregadas neles, estava caindo. Philip e Cuthbert ficaram olhando, petrificados, esquecendo-se inteiramente da própria segurança. O pedaço do telhado caiu em cima de um dos grandes arcos redondos da interseção. O peso enorme da madeira que caía e do chumbo rachou a pedra do arco, com um barulho prolongado e explosivo como um trovão. Tudo aconteceu lentamente: as vigas caindo, o arco quebrando, os pedaços de pedra esmagados tombando. Mais vigas de sustentação do telhado se soltaram, e depois, com um barulho que lembrava uma trovoada, toda uma seção da parede norte do coro balançou e caiu no transepto norte.

Philip estava aterrorizado. A visão de um prédio tão sólido sendo destruído era chocante, como ver uma montanha cair ou um rio secar: nunca teria, em verdade, pensado que pudesse acontecer. Mal podia acreditar nos próprios olhos. Sentia-se desorientado, sem saber o que fazer.

Cuthbert estava puxando sua manga.

- Vamos embora! - gritou.

O prior não conseguiu se mexer. Lembrou que antecipara dez anos de austeridade e trabalho duro para recolocar o mosteiro numa situação financeira sólida. Agora, de repente, tinha que construir um telhado novo e uma parede norte, e talvez, mais ainda, se a destruição continuasse... Aquilo era obra do demônio, pensou. De que outra forma o teto e o forro do telhado poderiam ter pegado fogo numa gélida noite de janeiro?

- Vamos morrer! - O pavor que havia na voz de Cuthbert tocou o coração de Philip. Ele se virou e os dois saíram correndo da igreja, passando para o claustro.

Os monges tinham sido alertados e estavam saindo do dormitório. Assim que saíam, naturalmente queriam parar para dar uma olhada na igreja. Milius Cozinheiro, junto à porta, insistia para que se apressassem a fim de não ficarem presos pelos troncos, orientando-os para se afastarem da igreja e seguirem pela calçada sul do claustro. No meio da calçada estava Tom Construtor, dizendo-lhes para virarem sob o arco e fugirem por ali. Philip ouviu-o dizendo:

- Vão para a hospedaria. Fiquem longe da igreja!

Ele estava exagerando, pensou o prior; será que não estariam bastante seguros ali no claustro? Mas não fazia mal, e talvez fosse uma preocupação sensata. Na verdade, refletiu, provavelmente ele próprio teria pensado nisso.

Entretanto, a preocupação de Tom fez com que Philip se perguntasse até que ponto a destruição se espalharia. Se o claustro não era um lugar absolutamente seguro, o que dizer da casa do cabido? Ali, num pequeno cômodo lateral de fortes paredes de pedra e sem janelas, eles guardavam uma arca de carvalho e ferro com o pouco dinheiro que tinham, mais os vasos incrustados de pedras preciosas do sacristão e todos os valiosos documentos e títulos de propriedade do priorado. Um momento mais tarde, ele viu Alan, o encarregado do tesouro. Era o jovem monge que trabalhava com o sacristão. Chamou-o.

- O tesouro precisa ser retirado da casa do cabido. Onde está o sacristão?

- Já saiu, padre.

- Vá procurá-lo e pegue as chaves, depois tire o tesouro da casa do cabido e leve-o para a hospedaria. Depressa!

Alan saiu correndo. Philip virou-se para Cuthbert.

- É melhor você ver se ele vai fazer mesmo o que falei. - O monge assentiu e seguiu Alan.

Philip olhou de novo para a igreja. Nos poucos momentos que sua atenção estivera desviada, o fogo ficara mais violento, e agora o clarão das chamas podia ser visto atrás de todas as janelas. O sacristão deveria ter pensado no tesouro, em vez de salvar a própria pele tão rapidamente. Haveria alguma outra coisa sendo esquecida? Philip achou difícil pensar de modo sistemático, com tudo acontecendo tão depressa. Os monges estavam passando para um lugar seguro, já tinham ido cuidar do tesouro...

Ele se esquecera do santo.

Na extremidade leste da igreja, depois do trono do bispo, estava o túmulo de pedra de Santo Adolfo, um mártir inglês dos primeiros tempos. Dentro do túmulo havia um caixão de madeira com o esqueleto do santo. Periodicamente a tampa da tumba era levantada para expor o caixão. Adolfo não era tão popular agora quanto já fora, mas nos velhos tempos doentes já tinham sido miraculosamente curados só de encostar a mão na sua tumba. Os despojos de um santo podem ser uma grande atração numa igreja, incentivando seu culto e peregrinações. Traziam tanto dinheiro que, vergonhosamente, não era fato

desconhecido que monges chegassem a furtar relíquias sagradas de outras igrejas. Philip planejava reviver o interesse em Adolfo. Tinha que salvar o esqueleto. Precisaria de ajuda para levantar a tampa da tumba e carregar o caixão. O sacristão deveria ter pensado nisso também. Mas ele não podia ser visto em parte alguma. O outro monge a sair do dormitório foi Remigius, o arrogante subprior. Teria que ser ele. Philip o chamou e disse:

- Ajude-me a salvar os ossos do santo.

Os olhos verde-claros se voltaram receosamente para a igreja em chamas, mas após um momento de hesitação seguiu Philip na calçada leste e através da porta.

O prior parou do lado de dentro. Fazia apenas alguns momentos desde que saíra correndo da igreja, mas o incêndio progredira muito rapidamente. Sentiu cheiro de alcatrão em chamas e se lembrou que as vigas que sustentavam o telhado deviam ter sido revestidas com piche, para não apodrecerem. A despeito do fogo, parecia soprar um vento frio: a fumaça escapava pelos buracos do telhado e o fogo sugava o ar frio para dentro da igreja através das janelas. A correnteza aticava o fogo.

Brasas despencavam no chão, e diversas vigas grandes, queimando ali em cima, davam a impressão de que cairiam a qualquer momento. Até aquela hora Philip tinha se preocupado em primeiro lugar com os monges e depois com as propriedades do priorado, mas agora, pela primeira vez, receou por si próprio e temeu se adiantar mais.

Quanto mais esperasse, maior seria o risco; e se ficasse pensando mais tempo, perderia inteiramente a coragem. Arregaçou o hábito, gritou "Siga-me!" e entrou correndo no transepto. Desviou-se das pequenas fogueiras no chão, na expectativa de ser atingido a qualquer instante por uma viga que caísse do teto. Correu com o coração na boca, com ímpetos de gritar, de tanta tensão que sentia. Até que, subitamente, atingiu a segurança da nave do outro lado.

Parou por um momento. As naves laterais tinham tetos de pedra e não havia fogo ali. Remigius estava bem do lado dele. Philip ofegou e tossiu quando a fumaça entrou na sua garganta. Cruzar o transepto tomara apenas uns poucos minutos, mas parecera ter sido mais demorado que a missa da meia-noite.

- Seremos mortos! - disse Remigius.

- Deus nos protegerá - disse Philip. E pensou: Se é assim, por que então estou assustado?

Não era hora para teologia.

Seguiu ao longo do transepto e virou no coro, sempre se conservando na nave lateral. Podia sentir o calor dos assentos que crepitavam no meio do coro, o que lhe causou uma dolorosa sensação de perda: haviam custado caro e tinham um belo trabalho de talha. Expulsou esses pensamentos da cabeça e concentrou-se na tarefa que tinha à frente. Atravessou correndo o coro, na direção da face

leste.

A tumba do santo ficava a meio caminho. Era uma grande caixa de pedra sobre um pedestal baixo. Philip e Remigius teriam que levantar a tampa, pô-la de lado e tirar o caixão, carregando-o para a nave lateral, enquanto o telhado acima deles despencava.

Olhou para Remigius. Os olhos proeminentes do subprior estavam arregalados de medo. Philip ocultou o pavor que sentia, preocupado com ele.

- Você segura na ponta de lá, eu seguro na outra - disse, apontando, e sem esperar pela concordância do outro, correu para o túmulo.

Remigius o seguiu.

Pararam em lados opostos e agarraram a tampa de pedra. Ambos puxaram.

A tampa não se moveu.

Philip percebeu que deveria ter levado mais gente. Não parara para pensar. Mas era tarde demais agora; se sáísse para buscar socorro, o transepto poderia estar intransponível quando retornasse. Não podia, contudo, deixar os despojos do santo ali. Uma viga cairia e esmagaria a tumba; então o caixão de madeira pegaria fogo, e as cinzas seriam espalhadas ao vento, um horrível sacrilégio e uma terrível perda para a catedral.

Teve uma idéia. Deslocou-se para o lado do túmulo e fez um gesto para que Remigius se colocasse ao seu lado.

Ajoelhou-se, pôs ambas as mãos sob a beirada da tampa e empurrou para cima com toda a força. Quando Remigius o imitou, a tampa se levantou.

Lentamente, eles a ergueram mais alto. Philip teve que ficar sobre um joelho, e Remigius também; depois os dois se levantaram. Quando a tampa estava na vertical, deram mais um empurrão e ela caiu do outro lado da tumba, partindo-se em duas.

O prior olhou dentro dela. O caixão estava em boas condições, com a madeira aparentemente intacta e as alças de ferro manchadas apenas superficialmente. Philip ficou em uma das extremidades, inclinou-se e pegou duas alças. Remigius fez o mesmo do outro lado. Os dois ergueram o caixão algumas polegadas, mas era muito mais pesado do que o prior previra e, após um momento, Remigius deixou cair o seu lado, dizendo:

- Não consigo. Sou mais velho que você.

Philip conteve uma réplica furiosa. O caixão provavelmente era forrado com chumbo. Mas agora que tinham quebrado a tampa do túmulo, ficara mais vulnerável que antes.

- Venha para cá - gritou. - Vamos tentar colocá-lo de pé. O subprior deu a volta e se colocou ao lado dele. Cada um pegou uma alça e a ergueu. A ponta do caixão subiu com relativa facilidade. Conseguiram levantá-la acima do nível da tampa do túmulo, depois caminharam em frente, um de cada lado, erguendo o caixão, até que ficou na vertical. Pararam por um momento.

Philip percebeu que tinham levantado a parte dos pés, de modo que o santo estava agora apoiado sobre a cabeça. Silenciosamente, pediu-lhe desculpas. Pedacinhos de madeira em chamas caíam a todo momento em torno deles. Todas as vezes em que algumas centelhas caíam no hábito de Remigius, ele batia nelas freneticamente até que desaparecessem, e sempre que tinha uma chance lançava um olhar furtivo e assustado ao teto em chamas. O prior podia ver que a coragem do homem estava terminando depressa.

Continuaram empurrando até que o caixão ficou apoiado na parte lateral da tumba e forçaram mais um pouco. A outra ponta se levantou e o caixão executou o movimento de uma gangorra; em seguida o abaixaram, até encostar no chão. Repetiram o movimento, colocando os restos do santo na posição certa, ou seja, com a cabeça para cima. Os ossos do mártir deviam estar chocalhando lá dentro como dados num copo, pensou Philip; aquilo era o mais próximo que já chegara de um sacrilégio, mas nada podia fazer.

Cada um dos dois pegou numa alça. Levantaram o caixão e começaram a arrastá-lo rumo à relativa segurança da nave lateral. Os cantos de ferro riscavam pequenos sulcos na terra batida. Já estavam quase chegando quando uma seção do telhado, com as vigas em brasa e com o chumbo quente, caiu exatamente em cima da tumba, agora vazia. O estrondo foi ensurdecedor, o chão tremeu com o impacto e o túmulo de pedra foi esmagado, partindo-se numa infinidade de cacos. Uma viga enorme bateu com força e saltou em cima do caixão, não acertando Philip e Remigius por polegadas, mas arrancando-o de suas mãos. Foi demais para Remigius.

- Isto é obra do demônio! - gritou ele, histérico, e fugiu correndo.

Philip quase o seguiu. Se o diabo estivesse mesmo em ação naquela noite, seria impossível imaginar o que iria acontecer. Philip nunca vira um demônio, mas ouvira muitas histórias de pessoas que o haviam visto. Os monges, contudo, eram feitos para se opor a Satã, e não para fugir dele, disse Philip a si próprio asperamente. Lançou um olhar demorado para o abrigo da nave lateral e, respirando fundo, agarrou as alças do caixão e puxou-o.

Conseguiu arrastá-lo, tirando-o de baixo da viga. A madeira do caixão estava lascada e cheia de mossas, mas, o que era notável, não se rompera. Arrastou mais um pouco. Uma chuva de pequenas brasas caiu em torno dele. Levantou os olhos para o teto.

Aquilo ali em cima seria uma figura de duas pernas, dançando uma dança zombeteira em meio às chamas, ou apenas uma ilusão causada pela fumaça? Olhou para baixo de novo, e viu que a saia do seu hábito pegara fogo. Ajoelhou-se e apagou as chamas com as mãos, batendo o tecido no chão; em seguida ouviu um barulho - ou de madeira em chamas ou da risada louca e zombeteira de um diabinho.

- Que santo Adolfo me proteja! - disse ele, ofegante, agarrando as alças do

caixão de novo.

Philip arrastou o caixão por cada polegada. O diabo o deixou em paz por um momento. Não levantou a cabeça - melhor não olhar para o demônio. Finalmente chegou ao abrigo da nave lateral e se sentiu um pouco mais seguro. Uma forte dor nas costas obrigou-o a parar e a se endireitar por um momento.

Era uma distância longa até a porta mais próxima, no transepto sul. Não estava certo de que seria capaz de arrastar o caixão até ali antes que todo o telhado desabasse.

Talvez fosse com isso que o demônio estivesse contando. Philip não pôde impedir-se de olhar para cima de novo. Por entre as chamas, a figura enfumaçada de duas pernas voou para trás de uma viga escurecida, no momento exato em que Philip a viu.

Ele sabe que não vou conseguir chegar lá, pensou Philip. Examinou a nave lateral, tentando abandonar o santo e correr para se salvar - e foi nessa hora que percebeu, vindo em sua direção, os irmãos Milius e Cuthbert Cabeça Branca e Tom Construtor, três vultos perfeitamente concretos correndo para auxiliá-lo. Seu coração saltou de alegria, e subitamente não teve mais tanta certeza de haver um demônio no telhado.

- Graças a Deus! - exclamou. - Ajudem-me com isto aqui - acrescentou, desnecessariamente.

Tom Construtor avaliou com um rápido olhar o teto em chamas. Não pareceu ver demônio algum, mas disse:

- Vamos andar depressa.

Cada um escolheu um canto e os quatro juntos levantaram o caixão, colocando-o sobre o ombro. Foi muito difícil, mesmo dividindo o esforço por quatro.

- Em frente! - exclamou Philip.

Os quatro homens dispararam pela nave lateral o mais depressa que conseguiram, recurvados sob o fardo pesado.

- Esperem - exclamou Tom, quando chegaram ao transepto sul.

O chão era uma pista de obstáculos de pequenas fogueiras, e fragmentos de madeira em chamas caíam continuamente. O prior deu uma olhada, tentando memorizar uma rota por entre o fogo. Durante os poucos momentos em que fizeram uma pausa, ouviu-se um estrondo, na face oeste da igreja, que se transformou num barulho surdo e prolongado. Philip ergueu os olhos, cheio de medo.

- É fraca, como a outra - disse Tom Construtor enigmaticamente.

- O quê? - gritou o prior.

- A torre sudoeste.

- Oh, não!

O estrondo ficou ainda mais alto. Philip olhou, horrorizado, quando todo

o lado oeste da igreja pareceu adiantar-se uma jarda, como se a mão de Deus o tivesse atingido.

Um pedaço bem grande do telhado caiu dentro da nave com o impacto de um terremoto.

Em seguida toda a torre sudoeste desmoronou, tombando dentro da igreja, como num deslizamento.

Philip ficou paralisado com o choque. Sua igreja estava ruindo ante seus olhos. Seriam precisos anos para reparar aquele prejuízo, mesmo que conseguisse arranjar o dinheiro. O que faria? Como o mosteiro prosseguiria existindo? Seria o fim do priorado de Kingsbridge?

Foi arrancado de sua imobilidade pelo movimento do caixão sobre seu ombro quando os outros três homens fizeram pressão para seguir em frente. Philip foi por onde o levavam. Tom conseguiu achar um caminho através do labirinto de pedaços de madeira em chamas. Uma brasa caiu em cima do caixão, mas por sorte escorregou sem tocar em nenhum deles. Um momento depois atingiram o lado oposto, atravessaram a porta e saíram para o ar frio da noite.

Philip estava tão desolado com a destruição da sua igreja que não sentiu alívio por ter escapado.

Contornaram apressadamente o claustro até o arco sul e o atravessaram. Quando já estavam bem longe das construções, Tom disse:

- Aqui está bom. - Aliviados, eles baixaram o fardo sobre o chão gelado.

Philip levou alguns momentos para recuperar o fôlego. Foi o tempo necessário para se dar conta de que aquela não era hora de ficar atônito. Era o prior, o responsável ali. O que deveria fazer a seguir? Seria aconselhável certificar-se de que todos os monges tinham escapado em segurança. Respirou fundo mais uma vez, endireitou os ombros e olhou para os outros homens.

- Cuthbert, você fica aqui e toma conta do santo. Os outros, sigam-me.

Philip os levou a contornar a parte dos fundos dos prédios da cozinha, passou por entre a cervejaria e o moinho e cruzou o gramado até a hospedaria. Os monges, a família de Tom e a maior parte dos aldeões estavam lá, dispostos em grupos, conversando em voz baixa e olhando fixamente para a igreja em chamas. Philip virou-se para olhar também antes de falar com eles. A visão era dolorosa. Toda a fachada oeste era uma pilha de escombros, e imensas labaredas erguiam-se através do que restara do telhado.

Ele se obrigou a desviar os olhos.

- Está todo mundo aqui? - exclamou. - Se alguém puder se lembrar de uma pessoa que esteja faltando, diga o nome em voz alta.

- Cuthbert Cabeça Branca - exclamou alguém.

- Está guardando os ossos do santo. Mais alguém?

Não havia mais ninguém.

- Conte os monges, para não haver dúvidas - disse o prior a Milius. — Deve

haver quarenta e cinco, inclusive eu e você. — Sabendo que podia confiar em Milius, tirou isso da cabeça e virou-se para tom: - Toda a sua família está aqui?

O construtor fez que sim e apontou. Ali estavam eles, de pé junto à parede da hospedaria; a mulher, o filho crescido e os pequenos. O menino menor dirigiu um olhar assustado a Tom. Devia ser uma experiência terrível para eles, pensou Philip.

O sacristão estava sentado em cima da caixa que continha o tesouro. Philip se esquecera daquilo; ficou aliviado ao ver o cofre. Dirigiu-se ao sacristão:

- Irmão Andrew, o caixão de santo Adolfo está atrás do refeitório. Leve alguns irmãos para ajudá-lo e carregue-o... — ele pensou por um momento. O lugar mais seguro provavelmente era a residência do prior. - Carregue-o para minha casa.

- Para sua casa? - retrucou Andrew. - As relíquias devem ficar sob a minha responsabilidade, e não sob a sua.

- Então você deveria tê-las tirado da igreja! - retorquiu o prior, irritado. - Faça o que digo, e nem mais uma palavra!

O sacristão levantou-se relutantemente, parecendo furioso.

- Depressa, homem, senão eu o destituo de suas funções aqui e agora! - disse Philip. Deu as costas para Andrew e dirigiu-se a Milius. - Quantos?

- Quarenta e quatro, mais Cuthbert. Onze noviços. Cinco hóspedes. Todo mundo foi contado.

- Graças a Deus. - Philip olhou para o fogo violento. Parecia quase um milagre que todos estivessem vivos e que ninguém houvesse se ferido. Percebeu que estava exausto, mas tinha muito com que se preocupar para que pudesse sentar e descansar.

- Há mais alguma coisa de valor que devemos resgatar? - disse. - Temos o tesouro e as relíquias...

Foi Alan, o jovem monge encarregado do tesouro, quem disse:

- E os livros?

Philip deixou escapar um gemido. Claro, os livros. Eram guardados num armário fechado à chave no lado leste do claustro, perto da porta da casa do cabido, onde os monges podiam apanhá-los durante os períodos de estudo. Tomaria um tempo demasiadamente longo esvaziar o armário livro por livro. Mas talvez uns poucos jovens vigorosos pudessem pegar o móvel e carregá-lo para um lugar seguro. Philip olhou em torno. O sacristão já escolhera meia dúzia de monges para carregar o caixão e eles estavam no meio do gramado. O prior selecionou três monges jovens e três entre os noviços mais velhos e disse que o seguissem.

Refez os passos pelo espaço aberto em frente à igreja em chamas. Estava cansado demais para correr. Passaram por entre o moinho e a cervejaria e pelos fundos da cozinha e do refeitório. Cuthbert Cabeça Branca e o sacristão

organizavam a retirada do caixão. Philip conduziu seu grupo pela passagem entre o refeitório e o dormitório e por baixo do arco sul para dentro do claustro.

Podia sentir o calor do fogo. O grande armário de livros tinha um trabalho de talha nas portas representando Moisés e as tábuas da lei. Philip mandou que os jovens inclinassem o móvel para a frente e o levantassem, colocando-o sobre os ombros. Em seguida contornaram o claustro, buscando a arcada sul. Ali o prior parou e olhou para trás, enquanto eles prosseguiram. Seu coração encheu-se de dor ante a visão da igreja arruinada. Agora havia menos fumaça e mais labaredas. Seções inteiras do telhado tinham desaparecido. Enquanto observava, a parte que ficava em cima da interseção pareceu ceder, e ele percebeu que deveria ser a próxima. Ouviu-se um estrondo mais forte que qualquer outro anterior e o telhado do transepto sul desabou.

Philip sentiu uma dor que era quase física, como se seu próprio corpo estivesse queimando. Um momento mais tarde a parede do transepto sul deu a impressão de arquear na direção do claustro. Deus nos ajude, vai cair, pensou Philip. Quando as pedras começaram a ruir e a se espalhar é que se deu conta de que a parede estava caindo em cima dele, e virou-se para fugir; porém, antes que tivesse dado três passos, algo o atingiu na nuca e ele perdeu a consciência.

Para Tom, o fogo violento que estava destruindo a Catedral de Kingsbridge era um raio de esperança.

Ele olhou por cima do gramado para as imensas chamas que subiam das ruínas da igreja, e só conseguiu pensar numa coisa: isto significa trabalho!

Esse pensamento estava escondido num canto da sua cabeça desde a hora em que saíra da casa de hóspedes, os olhos injetados de sono, e vira o débil clarão vermelho por trás das janelas da igreja. Durante todo o tempo em que estivera retirando apressadamente os monges dos lugares perigosos, ou correndo para dentro da igreja em chamas em busca do prior Philip e carregando o caixão do santo, seu coração estivera a ponto de explodir de tanto otimismo e felicidade.

Agora que teve um momento para refletir, ocorreu-lhe que não deveria estar alegre com o incêndio de uma igreja; no entanto, não havia ninguém ferido, o tesouro do priorado tinha sido salvo e a igreja estava mesmo velha e em ruínas; por que então não se alegrar?

Os jovens monges voltaram pelo gramado, carregando o pesado armário. Tudo o que tenho a fazer agora, pensou Tom, é assegurar-me de que conseguirei o trabalho de reconstruir a igreja. E a hora de falar com o prior a esse respeito é agora.

Philip, contudo, não estava junto com os monges que tinham salvo os livros. Eles chegaram à casa de hóspedes e depositaram a carga no chão.

- Onde está seu prior? - perguntou-lhes Tom.

O mais velho olhou para trás, surpreso.

- Não sei - disse. - Pensei que estivesse nos seguindo.

Sem se deter por um segundo, Tom saiu correndo, atravessou o gramado e contornou a cozinha por trás. Esperava que Philip estivesse bem, não só por parecer-lhe um homem bom, como também por ser o protetor de Jonathan. Sem ele era impossível saber o que acontecia ao bebê.

Tom encontrou o prior na passagem entre o refeitório e o dormitório. Para seu alívio, estava sentado na vertical, parecendo aturdido mas ileso. Ajudou-o a ficar de pé.

- Algo bateu na minha cabeça - disse Philip, meio aturdido.

O construtor olhou para trás dele. O transepto sul desabara por cima do claustro.

- Você tem sorte de estar vivo - disse. - Deus deve ter uma missão para lhe dar.

Philip sacudiu a cabeça para clarear as idéias.

- Desmaiei por um momento. Já estou bem. Onde estão os livros?

- Foram levados para a casa de hóspedes.

- Vamos voltar para lá.

Segurou o braço de Philip. O prior não fora seriamente ferido, mas Tom podia ver que estava atordoado.

Ao chegarem à hospedaria, o incêndio da igreja já ultrapassara o ponto máximo e as chamas começaram a diminuir um pouco. Mesmo assim, o construtor pôde ver o rosto das pessoas muito claramente, e foi com um pequeno choque que percebeu que o dia estava nascendo.

Philip começou a organizar as coisas de novo. Disse a Milius Cozinheiro para fazer uma sopa para todos e autorizou Cuthbert Cabeça Branca a abrir um barril de vinho forte a fim de que se aquecessem um pouco. Mandou que se acendesse um fogo na casa de hóspedes, e que os monges mais idosos entrassem, para se abrigar do frio. Começou a chover, uma chuva trazida por um vento forte e glacialmente frio, e as chamas na igreja arruinada se apagaram depressa.

Quando todos estavam atarefados de novo, o prior Philip afastou-se da casa de hóspedes, sozinho, dirigindo-se para a igreja. Tom percebeu e o seguiu. Aquela era sua chance. Se fosse capaz de administrar direito aquela situação poderia trabalhar ali durante anos.

Philip contemplou o que fora a face oeste da igreja, sacudindo tristemente a cabeça ante o desastre, dando a impressão de que era sua vida que estava em ruínas.

Tom colocou-se a seu lado, em silêncio. Após algum tempo Philip continuou andando, seguindo ao longo do lado norte da nave e passando por dentro do cemitério. O construtor acompanhou-o, avaliando os danos.

A parede norte da nave ainda estava de pé, mas o transepto norte e parte da parede do coro haviam caído. A igreja ainda tinha uma fachada leste.

Contornaram-na e deram uma olhada no lado sul. A maior parte da parede ruíra, e o transepto desmoronara para dentro do claustro. A casa do cabido ainda se encontrava de pé.

Caminharam até o arco que dava acesso à calçada leste do claustro. Ali foram detidos por um monte de escombros. No meio de toda aquela confusão, o olho treinado de Tom foi capaz de verificar que as paredes do claustro não haviam sido seriamente danificadas, estando simplesmente enterradas sob as ruínas. Galgou o monte, pisando nas pedras quebradas, até que pôde ver dentro da igreja. Logo atrás do altar havia uma escada semi-escondida que descia para a cripta, que ficava sob o coro.

Tom deu uma olhada, tentando distinguir sinais de rachadura no chão de pedra. Não conseguiu ver nenhum. Havia uma boa chance de a cripta ter se mantido intacta. Mas não diria isso a Philip, por enquanto; guardaria a boa notícia para um momento crucial.

O prior continuara a andar, passando por trás do dormitório. Tom apressou-se para emparelhar com ele. Encontraram o dormitório incólume. Mais adiante, viram que praticamente o mesmo acontecia com os outros prédios do mosteiro: o refeitório, a cozinha, a padaria e a cervejaria. Philip poderia ter se consolado um pouco com isso, mas sua expressão permaneceu sombria.

Terminaram onde tinham começado, em frente à arruinada face oeste, tendo feito um circuito completo do adro sem pronunciar uma só palavra. Philip suspirou e quebrou o silêncio:

- O demônio fez isto - disse.

Esta é a minha hora, pensou Tom. Respirou fundo e disse:

- Pode ter sido obra de Deus.

Philip ergueu os olhos para ele, surpreso.

- Como assim?

- Ninguém foi ferido - respondeu Tom cuidadosamente. - Os livros, o tesouro e os ossos do santo foram salvos. Somente a igreja foi destruída. Talvez Deus quisesse uma igreja nova.

- E suponho que Deus quisesse também que você a construísse - disse Philip, sorrindo ceticamente. Não estava tão aturdido que não pudesse ver que a linha de pensamento de Tom podia traduzir seu interesse.

O construtor manteve sua posição.

- É possível - disse, obstinado. - Não foi o demônio quem mandou aqui um mestre construtor no dia em que a igreja foi destruída por um incêndio.

Philip desviou os olhos.

- Bem, haverá uma nova igreja, mas não sei quando. E o que vou fazer até lá? Como a vida no monastério pode prosseguir? Estamos aqui apenas para orar e estudar.

O prior estava profundamente desesperado. Era hora de Tom lhe oferecer

uma nova esperança.

- Meu filho e eu podemos ter o claustro limpo e pronto para ser usado dentro de uma semana - disse, fazendo sua voz soar mais confiante do que ele próprio se sentia.

Philip espantou-se.

- É mesmo? - Em seguida, porém, sua expressão mudou de novo, e mais uma vez ele pareceu derrotado. - Mas o que usaremos como igreja?

- Que tal a cripta? Poderiam realizar lá os cultos religiosos, não poderiam?

- Sim, serviria muito bem.

- Tenho certeza de que ela não está muito danificada — disse Tom. Era quase verdade; ele estava praticamente certo.

Philip o fitava como se ele fosse um anjo de misericórdia.

- Não vai levar muito tempo para abrir um caminho por entre os escombros do claustro até a escada da cripta - continuou Tom. - A maior parte da igreja naquele lado foi completamente destruída, o que, por estranho que pareça, é uma sorte, pois significa que não há mais perigo de que caiam pedras. Examinarei as paredes que ainda se encontram de pé, e pode haver necessidade de escorar alguma delas. Depois terão que ser vistoriadas todo dia, para ver se há rachaduras, e mesmo assim ninguém poderá entrar na igreja quando o vento estiver muito forte. - Tudo aquilo era importante, mas Tom podia ver que Philip não estava prestando atenção. O que ele queria do construtor eram notícias positivas, algo para reanimá-lo. E o jeito para ser contratado era dar a Philip o que ele queria. O construtor mudou o tom de voz. - Com alguns dos monges mais moços trabalhando para mim, eu poderia arrumar tudo para que pudessem recomeçar a vida monástica normal, de um certo modo, dentro de duas semanas.

Philip fitou-o com espanto.

- Duas semanas?

- Dê comida e alojamento para minha família e poderá pagar meu salário quando tiver dinheiro.

- Você poderia me dar o priorado de volta em duas semanas? - repetiu Philip, incrédulo.

Tom não estava seguro de que pudesse, mas se levasse três semanas ninguém ia morrer.

- Duas semanas - disse, com firmeza. - Depois desse período poderemos derrubar as paredes remanescentes - o que é serviço especializado, se me permite dizê-lo, se for feito com segurança -, retirar o entulho e empilhar as pedras para serem usadas de novo. Entrementes, poderemos planejar a nova catedral. - Tom prendeu a respiração.

Fizera o melhor que pudera. Com certeza agora Philip o contrataria!

O prior balançou a cabeça afirmativamente, sorrindo pela primeira vez.

- Acho que Deus o mandou mesmo - disse. - Vamos comer, depois

podemos começar a trabalhar.

Tom deixou escapar um trêmulo suspiro de alívio.

- Muito obrigado - disse. Havia um tremor na sua voz que ele não pôde controlar, mas de repente aquilo não tinha mais importância, e foi com um soluço mal disfarçado que acrescentou: - Não sei lhe dizer quanto isto significa para mim.

Após o desjejum Philip convocou uma reunião improvisada do cabido no depósito de gêneros de Cuthbert, sob a cozinha. Os monges estavam nervosamente excitados. Eram homens que tinham escolhido uma vida de segurança, previsibilidade e tédio, - ou se acostumado com ela, e a maioria estava desorientada. Sua perplexidade tocou o coração de Philip. Mais que nunca se sentiu como um pastor, cujo dever era cuidar de criaturas ingênuas e desamparadas; só que, no caso, não se tratava de animais estúpidos e sim de seus irmãos, e ele os amava. O jeito de confortá-los, decidiu, era lhes contar o que ia acontecer e usar sua energia nervosa em trabalho duro, retomando a uma rotina semelhante à normal o mais cedo possível.

A despeito do ambiente nada usual, Philip não abreviou o ritual do cabido. Ordenou que fosse lido o martirólogo do dia, seguido pelas orações em intenção. Era para aquilo que os mosteiros serviam: as orações justificavam sua existência. Não obstante, alguns monges estavam inquietos, de modo que Philip escolheu o capítulo vinte da Regra de São Bento, a seção chamada "Sobre a reverência na oração". Seguiu-se o necrológio. O ritual familiar acalmou-lhe os nervos, e ele notou que a expressão assustada estava lentamente deixando o rosto deles à medida que percebiam que seu mundo, afinal, não estava acabando.

Ao final, Philip levantou-se para lhes falar.

- A catástrofe que nos atingiu ontem à noite foi apenas física - começou pondo em sua voz o máximo de calor e confiança que pôde. - Nossa vida é espiritual; nosso trabalho é orar, cultuar a Deus e meditar. - Olhou em torno por um instante, procurando captar o maior número de olhos possível, certificando-se de que tinha a atenção de todos, e por fim disse: - Retornaremos a esse trabalho que nos caracteriza dentro de poucos dias, eu lhes prometo.

Philip fez uma pausa para deixar que suas palavras fossem plenamente entendidas, e a diminuição da tensão no depósito de gêneros foi quase tangível. Deu-lhes um momento e prosseguiu:

- Deus, em sua sabedoria, nos mandou um mestre construtor ontem, para nos ajudar durante a crise. Ele me assegurou de que, se trabalharmos sob sua direção, teremos o claustro pronto para uso normal dentro de uma semana.

Houve um murmúrio contido de alegre surpresa.

- Receio que nossa igreja nunca mais venha a ser usada para serviços religiosos; terá que ser reconstruída, e isso tomará muitos anos, é claro. No

entanto, Tom Construtor acredita que a cripta não tenha sido danificada. É consagrada, de modo que podemos realizar nossos cultos nela. Tom diz que pode torná-la segura uma semana após terminar o claustro. Desse modo, estão vendo que poderemos retomar à vida normal de oração a tempo para o Domingo da Quinquagésima.

Mais uma vez o alívio que todos sentiram foi audível. Philip viu que conseguira êxito em sua pretensão de tranquilizá-los e de lhes transmitir confiança. No início da reunião estavam assustados e confusos; agora se mostravam calmos e esperançosos. O prior acrescentou:

- Os irmãos que se sentirem fracos demais para assumirem trabalhos físicos serão dispensados. Os irmãos que trabalharem o dia inteiro com Tom Construtor terão direito a carne vermelha e vinho.

Philip sentou-se. Remigius foi o primeiro a falar.

- Quanto teremos que pagar a esse construtor? - perguntou, desconfiado.

Podia-se confiar no subprior para tentar encontrar falhas.

- Nada, por enquanto - respondeu Philip. - Tom conhece a nossa pobreza. Trabalhará por casa e comida, para si próprio e para sua família, até que sejamos capazes de pagar seus salários. - Aquilo era ambíguo, e Philip percebeu; podia dar a entender que Tom não faria jus a salário enquanto o priorado não tivesse condições de pagar-lhe, ao passo que a verdade era que estariam lhe devendo a partir do primeiro dia em que trabalhasse, começando por aquele. Mas antes que Philip pudesse esclarecer sua declaração, Remigius falou de novo.

- E onde ele e sua família irão se alojar?

- Eu lhes dei a casa de hóspedes.

- Poderiam ficar com uma das famílias da aldeia.

- Tom nos fez uma oferta generosa - disse Philip, impaciente. - Somos afortunados em tê-lo. Não quero fazer com que durma se acotovelando com os porcos e cabras de alguém quando temos uma casa decente vazia.

- Há duas mulheres na sua família...

- Uma mulher e uma garota - corrigiu Philip.

- Uma mulher, então. Não queremos uma mulher vivendo no priorado!

Os monges resmungaram, irrequietos: não gostavam da insistência de Remigius.

- É perfeitamente normal que mulheres fiquem na casa de hóspedes - disse o prior.

- Não aquela mulher! - explodiu Remigius, parecendo se arrepender imediatamente.

Philip ficou preocupado.

- Conhece aquela mulher, irmão?

- Antigamente ela morava nesta região - respondeu Remigius, relutante.

Era a segunda vez que aquilo acontecia em relação à mulher do construtor,

pensou Philip, intrigado. Waleran Bigod também ficara perturbado ao vê-la.

- O que há de errado com ela? - perguntou Philip.

Antes que Remigius pudesse responder, o irmão Paul, o velho monge que tomava conta da ponte, disse um tanto sonhadoramente:

- Eu me lembro. Havia uma garota selvagem que vivia aqui por perto... Oh, deve ter sido há uns quinze anos. É de quem ela me faz lembrar; provavelmente é a mesma garota, crescida.

- Diziam que era uma bruxa - disse Remigius. - Não podemos ter uma bruxa vivendo no priorado!

- Não sei de nada a esse respeito - disse o irmão Paul, na mesma voz lenta e meditativa. - Qualquer mulher que vive como selvagem mais cedo ou mais tarde é chamada de feiticeira. Fazer uma afirmação não a torna verdadeira. Satisfaço-me em deixar que o prior Philip, em sua sabedoria, julgue se ela representa perigo.

- A sabedoria não aparece automaticamente com a assunção a um cargo monástico - retorquiu Remigius.

- É verdade - disse irmão Paul bem devagar. Depois olhou diretamente para Remigius e acrescentou: - Às vezes não aparece nunca.

Os monges riram daquela réplica, que foi mais engraçada ainda por vir de uma fonte inesperada. Philip teve que fingir que se aborrecera. Bateu palmas para que fizessem silêncio.

- Chega! - disse. - Estas questões são solenes. Interrogarei a mulher. Agora vamos tratar dos nossos deveres. Os que desejarem ser dispensados do trabalho podem se retirar para a enfermaria a fim de orar e meditar. Os demais, sigam-me.

Deixou o depósito de gêneros e contornou a parte de trás dos prédios da cozinha na direção da arcada sul que dava no claustro. Uns poucos monges abandonaram o grupo e se dirigiram para a enfermaria, entre eles Remigius e Andrew, o sacristão. Não havia nada de frágil em nenhum dos dois, pensou Philip, mas provavelmente causariam problemas se se juntassem à força de trabalho, de modo que ficou contente ao vê-los se afastando. A maioria dos monges seguiu Philip.

Tom já reunira os serventes do priorado e começara a trabalhar.

Estava em cima da pilha de escombros no pátio do claustro, com um pedaço de giz na mão, marcando pedras com a letra T, sua inicial.

Pela primeira vez na vida ocorreu a Philip perguntar-se de que modo pedras enormes como aquelas poderiam ser transportadas. Sem dúvida eram grandes demais para serem erguidas por um homem. Teve a resposta imediatamente. Colocavam-se duas varas lado a lado no chão e rolava-se uma pedra até repousar sobre ambas. Então duas pessoas pegavam nas extremidades e levantavam a pedra. Tom Construtor devia ter mostrado como fazer aquilo.

O trabalho avançava depressa, com a ajuda da maioria dos sessenta servos

do priorado -, uma corrente de pessoas carregando pedras para fora e voltando para pegar mais. Aquela visão animou Philip, que, silenciosamente, rezou uma ação de graças por Tom.

O construtor o viu e desceu da pilha de escombros. Antes de falar com Philip, dirigiu-se a um dos criados, o alfaiate que fazia os hábitos.

- Faça com que os monges comecem a carregar as pedras - instruiu ao homem. - Assegure-se de que só levem as que marquei, senão a pilha pode deslizar e matar alguém. - Depois se virou para o prior. - Marquei um número suficiente para mantê-los ocupados por um bom tempo.

- Para onde levam as pedras? - perguntou Philip.

- Venha que lhe mostrarei. Quero ver se as estão empilhando corretamente.

O prior acompanhou Tom. As pedras estavam sendo levadas para o lado leste do adro.

- Alguns dos criados terão que realizar seus deveres normais - disse Philip enquanto andavam. - Os cavaleiros deverão cuidar dos cavalos, os cozinheiros, preparar refeições, assim como alguém tem que apanhar lenha, alimentar as galinhas e ir ao mercado. Mas nenhum deles trabalha demais, e posso ficar sem a metade. E, além dos servos, você terá cerca de trinta monges.

Tom assentiu com a cabeça.

- É o suficiente.

Passaram à face leste da igreja. Os homens estavam empilhando as pedras ainda mornas do incêndio de encontro à parede do adro, a poucas jardas da enfermaria e da casa do prior.

- As pedras antigas devem ser guardadas para a nova igreja - disse Tom. - Não serão usadas em paredes, porque pedras usadas não suportam bem a ação do tempo, mas servirão para os alicerces. Todas as pedras quebradas têm que ser guardadas também. Serão misturadas com argamassa e despejadas na cavidade entre a superfície externa e a interna das paredes novas.

- Entendo. - Philip ficou observando Tom ensinar os operários a empilhar as pedras alternadamente para que não caíssem. Já estava bem claro que sua perícia era indispensável.

Quando o construtor ficou satisfeito, o prior pegou-o pelo braço e levou-o a contornar a igreja, até o cemitério no lado norte.

A chuva parara, mas as lápides ainda estavam molhadas. Os monges eram enterrados no lado leste do cemitério, e os aldeões no oeste. A linha divisória era a saliência do transepto norte da igreja, agora em ruínas. Philip e Tom pararam. Um sol fraco irrompeu por entre as nuvens. Nada havia de sinistro nas vigas escurecidas pelo incêndio, à luz do dia, e Philip quase sentiu vergonha de ter pensado que vira um demônio ali na noite anterior.

- Alguns monges - disse ele - estão inquietos por haver uma mulher

vivendo dentro dos limites do priorado. - A expressão de Tom não foi de simples ansiedade: parecia revelar medo, quase pânico. Ele realmente a ama, pensou Philip, que se apressou a continuar: - Mas não quero que vocês tenham que morar na aldeia, compartilhando uma choça com outra família. Para evitar problemas, seria conveniente que sua mulher tivesse um comportamento circunspeto. Diga-lhe para se conservar longe dos monges tanto quanto for possível, especialmente dos jovens, e manter o rosto coberto se caminhar pelo priorado. Acima de tudo, ela não deve fazer nada que a faça incorrer na suspeita de feitiçaria.

- Assim será feito - disse Tom. Havia uma nota de determinação na sua voz, mas ele parecia um pouco intimidado. Philip recordou que sua mulher tinha a língua afiada e pensava com a própria cabeça. Podia não aceitar afavelmente que lhe dissessem para se comportar com reserva. No entanto, sua família ainda na véspera estava na mais absoluta pobreza, de modo que era provável que visse tais restrições como um pequeno preço a pagar pelo seu abrigo e segurança.

Eles continuaram a andar. Na noite anterior Philip vira toda aquela destruição como uma tragédia sobrenatural, uma derrota terrível para as forças da civilização e da verdadeira religião, um golpe capaz de derrubar o trabalho de sua vida. Agora parecia tão-somente um problema que tinha de ser resolvido - formidável, sim; até mesmo apavorante; mas não sobre-humano. A mudança se devia sobretudo a Tom. O prior sentiu-se grato a ele.

Chegaram ao canto oeste. Philip viu um cavalo veloz sendo selado no estábulo, e perguntou-se quem estaria saindo em viagem logo naquele dia. Deixou que o construtor voltasse ao claustro enquanto ele próprio foi até o estábulo para investigar.

Fora um dos auxiliares do sacristão que mandara selar o cavalo: o jovem Alan, que tinha salvado a arca do tesouro na casa do cabido.

- Aonde você vai, meu filho? - perguntou Philip.

- Ao palácio do bispo - respondeu Alan. - O irmão Andrew me mandou apanhar velas, água benta e a Hóstia, já que perdemos todas essas coisas no incêndio e vamos ter os ofícios de novo assim que for possível.

Aquilo tinha sentido. Todos os suprimentos religiosos ficavam trancados numa caixa, no coro, e sem dúvida ela pegara fogo. Philip ficou satisfeito com o fato de o sacristão estar sendo providente, para variar.

- Muito bem - disse. - Mas espere um pouco. Se vai ao palácio, pode levar uma carta minha para o bispo Waleran. — O astuto arcediago era agora o bispo, graças a uma manobra um tanto indecorosa, mas o prior não podia retirar seu apoio, e era obrigado a tratar Waleran Bigod como seu bispo. - Tenho que lhe mandar um relatório sobre o incêndio.

- Sim, padre - respondeu Alan -, mas já tenho uma carta para o bispo escrita por Remigius.

- Oh! - Philip ficou surpreso. Tratava-se de uma demonstração de grande iniciativa da parte de Remigius, pensou. - Está bem - disse para Alan. - Viaje cautelosamente e que Deus o acompanhe.

- Muito obrigado, padre.

O prior caminhou de volta na direção da igreja. Remigius tinha sido rápido demais. Por que ele e o sacristão estariam com tanta pressa? Aquilo era o suficiente para deixá-lo um pouco inquieto. Seria a carta apenas a respeito do incêndio da igreja? Ou conteria algo mais?

Parou no meio do gramado e se virou, olhando para trás. Estaria perfeitamente dentro dos seus direitos pegar a carta e ler. Mas era tarde demais: Alan estava atravessando o portão a trote. Philip o seguiu com o olhar, sentindo-se um pouco frustrado.

Naquele momento, a mulher de Tom saiu da casa de hóspedes carregando uma caixa, presumivelmente com as cinzas da lareira. Ela seguiu na direção da esterqueira, junto ao estábulo. Philip a observou. O modo como caminhava era agradável, como a andadura de um bom cavalo.

Pensou de novo na carta de Remigius a Waleran. Fosse como fosse, não conseguia se libertar de uma suspeita intuitiva, mas nem por isso menos preocupante - a de que o assunto principal da carta não era, de fato, o incêndio.

Por nenhuma razão suficientemente boa, teve absoluta certeza de que a carta era acerca da mulher de Tom.

Jack acordou com o primeiro canto do galo. Abriu os olhos e viu Tom se levantando. Ficou deitado, imóvel, e, pelo barulho, soube que urinava do lado de fora, em frente à porta. Teve vontade de ocupar o lugar quente que ele deixara e aninhar-se nos braços da mãe, mas sabia que o garoto mais velho zombaria impiedosamente se o fizesse e por isso ficou onde estava. Tom entrou de novo e sacudiu Alfred.

Pai e filho beberam a cerveja que restara do jantar da noite anterior, comeram um pouco de pão velho e saíram. Sobrou ainda um pouco de pão, e Jack teve esperança de que naquele dia o deixassem, mas ficou desapontado: Alfred o levou, como fazia sempre.

O rapaz trabalhava na obra o dia inteiro com Tom. Jack e a mãe às vezes iam para a floresta durante o dia. Ellen instalava armadilhas enquanto Jack ia caçar patos com sua funda. Tudo o que apanhavam vendiam aos aldeões ou ao despenseiro, Cuthbert. Era sua única fonte de renda, já que Tom não estava sendo pago. com o dinheiro compravam tecido, couro ou sebo, e nos dias em que não iam para a floresta Ellen fazia sapatos, roupas de baixo, velas ou gorros, enquanto Jack e Martha brincavam com as crianças da aldeia. Aos domingos, após o culto, sua mãe e Tom gostavam de se sentar junto da lareira, conversando. Às vezes começavam a se beijar e Tom enfiava a mão por baixo do manto dela, e

então mandavam as crianças sair um pouco e trancavam a porta. Era a pior hora da semana; Alfred ficava de mau humor e perseguia os mais moços.

Aquele era um dia comum, no entanto, e o rapaz ficaria ocupado até a noite. Jack levantou-se e saiu. Estava frio, mas seco. Martha apareceu poucos momentos depois.

As ruínas da catedral já fervilhavam de homens carregando pedras, removendo escombros, construindo suportes de madeira para paredes instáveis e demolindo as que não podiam ser salvas.

Havia uma concordância geral, entre aldeões e monges, de que o fogo tinha sido atado pelo demônio, e por longos períodos Jack chegava realmente a se esquecer que fora ele quem incendiara a igreja. Quando se lembrava, primeiro levava um susto e depois se sentia extraordinariamente satisfeito consigo. Correria um risco terrível, mas conseguira escapar incólume, e salvara a família da morte pela fome.

Os monges comiam primeiro, e os trabalhadores leigos nada recebiam enquanto não começasse a reunião do cabido. Era uma espera horivelmente longa para Martha e Jack.

O garoto acordava sempre faminto, e o ar frio da manhã aumentava seu apetite.

- Vamos para o pátio da cozinha - sugeriu ele. Os ajudantes talvez lhes dessem umas migalhas. Martha concordou prontamente; achava-o maravilhoso, e concordaria com qualquer coisa que sugerisse.

Ao chegarem à cozinha, descobriram que o irmão Bernard, encarregado da padaria, estava fazendo pão. E porque seus auxiliares estavam todos trabalhando na obra, era ele mesmo quem tinha que carregar a lenha. Era um homem jovem, mas um tanto gordo, e bufava e suava debaixo de uma braçada de achas.

- Deixe-nos apanhar a lenha, irmão - ofereceu Jack. Bernard largou a braçada de lenha ao lado do forno e deu para Jack a cesta larga e rasa.

- Bons meninos - arquejou. - Deus há de abençoá-los.

Jack pegou a cesta e as duas crianças correram até a pilha de lenha atrás da cozinha. Encheram a cesta e uniram as forças para carregar todo aquele peso.

Quando voltaram, o fogo já estava quente, e Bernard esvaziou a cesta diretamente no fogo e mandou-os apanhar mais. Os braços de Jack doíam, mas seu estômago doía ainda mais, e ele se apressou a encher a cesta novamente.

Na segunda vez que voltaram Bernard estava pondo minúsculos montinhos de massa numa bandeja.

- Tragam-me mais uma cesta e vocês terão bolinhos quentes - disse. A boca de Jack encheu-se de água.

Colocaram bastante lenha na cesta dessa vez, e voltaram caminhando com dificuldade, cada um segurando uma alça. Ao se aproximarem do pátio encontraram Alfred com um balde na mão, presumivelmente indo buscar água

no canal que, saindo do moinho, atravessava o gramado até desaparecer dentro da terra na cervejaria. O rapaz odiava ainda mais Jack, desde que este pusera o passarinho morto na sua cerveja. Normalmente o menino faria casualmente uma volta e seguiria por outro caminho quando visse o filho de Tom. Naquele momento, chegou a pensar em deixar cair a cesta e sair correndo, mas achou que ia parecer covardia, e, além disso, podia sentir a fragrância do pão fresco e estava esfaimado, de modo que apertou o passo, com o coração na boca.

Alfred riu ao vê-los lutando com um peso que poderia facilmente carregar sozinho. As duas crianças menores desviaram-se o mais que puderam, mas ele deu dois passos na sua direção e empurrou Jack, derrubando-o. O menino caiu sentado com toda a força, machucando a espinha. Largou o seu lado da cesta e toda a lenha se espalhou no chão. Seus olhos se encheram de lágrimas, mais de raiva que de dor. Era tão injusto que Alfred pudesse fazer uma coisa daquelas, sem provocação, e na mais completa impunidade! Levantou-se e, pacientemente, pôs a lenha de novo na cesta, fingindo, por causa de Martha, não ligar para aquilo. Os dois pegaram a cesta de novo e continuaram o caminho da padaria. Ali tiveram sua recompensa. A bandeja de pãezinhos esfriava em cima de uma prateleira de pedra. Quando entraram, Bernard apanhou um e enfiou-o na boca.

- Estão bons - disse. - Sirvam-se. Mas cuidado: estão quentes.

As crianças pegaram um pãozinho cada uma. Jack mordeu o seu, experimentando, com medo de queimar a boca, mas estava tão delicioso que engoliu num segundo. Olhou os restantes - eram nove. Virou-se para o irmão Bernard, que riu.

- Sei o que você quer - disse. - Vá em frente, pegue tudo.

Jack arregaçou o manto e embrulhou o resto dos pãezinhos.

- Vamos levar para minha mãe - disse para Martha.

- Garoto bom está aí - elogiou Bernard. - Vão andando, então.

- Obrigado, irmão - disse Jack.

Deixaram a padaria e dirigiram-se para a casa de hóspedes. Jack vibrava de emoção. Sua mãe ficaria satisfeita com ele por ter arranjado tamanha iguaria. Quase cedeu à tentação de comer mais um, mas resistiu. Seria ótimo poder lhe dar um número grande.

Atravessavam o gramado quando encontraram Alfred de novo.

Evidentemente ele enchera o balde, retomara à obra onde o esvaziara e voltara para pegar mais água. Jack decidiu bancar o despreocupado e esperar que o outro o ignorasse.

No entanto, o modo como carregava os pãezinhos, embrulhados na parte inferior do manto, era óbvio demais para disfarçar; mais uma vez Alfred virou-se na direção deles.

Jack teria lhe dado um, de boa vontade, mas sabia que o rapaz levaria todos, se tivesse uma chance, e saiu correndo em disparada.

O outro correu atrás e logo o alcançou. Esticou uma das pernas compridas e passou uma rasteira no menino, que se esparramou no chão. Os pãezinhos quentes se espalharam por toda parte.

Alfred pegou um, limpou a lama e o enfiou na boca. Seus olhos se arregalaram, de surpresa.

- Pão fresco! - disse. Começou a pegar os outros. Jack levantou-se com a ajuda das mãos, tentou pegar um dos pãezinhos caídos, mas o rapaz golpeou-o violentamente com a palma da mão, derrubando-o de novo. Depois recolheu depressa o resto dos pãezinhos e saiu, mastigando.

Jack desatou a chorar.

Martha mostrou-se compreensiva, mas não era compreensão o que Jack desejava; a humilhação que sentia é que, tanto quanto qualquer outra coisa, o fazia sofrer daquele modo. Afastou-se, e quando Martha o seguiu, virou-se para ela e disse:

- Vá embora!

A menina pareceu ficar magoada, mas se deteve e o deixou ir.

Ele caminhou na direção das ruínas, enxugando as lágrimas na manga. Havia morte no seu coração. Destruí a catedral, pensou; posso matar Alfred.

Em torno das ruínas havia muita limpeza e arrumação naquela manhã. Jack se lembrou de que uma autoridade eclesiástica qualquer vinha inspecionar os danos.

A superioridade física de Alfred é que era enlouquecedora; podia fazer qualquer coisa que quisesse só por ser tão grande. O menino ficou caminhando por algum tempo, fervendo de raiva, desejando que Alfred estivesse na igreja quando todas aquelas pedras tinham caído.

Acabou por vê-lo de novo. Estava no transepto norte, enchendo uma carroça com fragmentos de pedra, cinzento de poeira. Perto da carroça havia uma viga do telhado que sobrevivera quase sem avarias, apenas chamuscada e preta de fuligem. Jack passou um dedo na sua superfície; traçou uma linha branca. Inspirado, escreveu: "Alfred é um porco".

Alguns dos homens viram. Ficaram surpresos com o fato de Jack saber escrever. Um rapaz perguntou:

- O que diz aí?

- Pergunte a Alfred - replicou o menino.

Alfred deu uma olhada e fechou a cara. Como Jack sabia muito bem, ele apenas era capaz de ler seu nome, mas não o resto. Ficou irritado. Tinha certeza de que estava sendo insultado, mas não sabia o que fora dito, o que já era humilhante em si. Estava fazendo papel de bobo. A raiva do menino amenizou-se um pouco. Alfred podia ser maior, mas Jack era mais esperto.

Ainda assim, ninguém sabia o que as palavras queriam dizer. Até que passou um noviço, leu o que Jack escrevera e sorriu.

- Quem é Alfred? - perguntou.

- Ele - disse o menino, indicando o outro com o polegar. Alfred parecia mais furioso, mas ainda não sabia o que fazer, de modo que se limitou a ficar apoiado na pá, com ar de parvo.

O noviço riu.

- Porco, hem? Então está cavando para quê? Para ver se encontra bolotas de carvalho para comer?

- Deve ser! - disse Jack, deleitado por haver encontrado um aliado.

Alfred largou a pá e tentou agarrar o menino.

Mas ele estava preparado, e saiu voando, como uma flecha disparada por um arco. O noviço esticou o pé para derrubá-lo

- Querendo talvez ser igualmente irritante para os dois lados -, mas Jack pulou-o agilmente e correu ao longo do que havia sido o coro, desviando-se das pilhas de escombros e saltando as vigas caídas do telhado. Ouvia os passos pesados e os grunhidos da respiração de Alfred às suas costas, e o medo lhe emprestou mais velocidade.

Um momento depois verificou que tinha corrido na direção errada. Não havia saída por aquele lado da catedral. Cometera um erro. Foi com o coração confrangido que percebeu que ia se machucar.

A metade superior da parede leste caíra, e as pedras haviam sido empilhadas de encontro ao que restava da parede. Não tendo mais para onde ir, Jack subiu na pilha com a ajuda das mãos, com Alfred no seu encalço. Quando chegou ali em cima, viu que tinha diante de si uma queda de uns quinze pés de altura. Hesitou, temerosamente, na beirada. Era alto demais para pular sem se machucar. Alfred tentou agarrar seu tornozelo. Jack perdeu o equilíbrio. Por um momento ficou com um pé em cima da parede e com o outro no ar, bracejando numa tentativa de recuperar o equilíbrio. Alfred agarrou o seu tornozelo. Jack sentiu que caía inexoravelmente do lado errado. O filho de Tom continuou segurando por mais um momento, desequilibrando-o mais ainda, e depois soltou. O menino tombou no vazio, incapaz de se endireitar, e ouviu a si próprio gritando. Caiu sobre o lado esquerdo do corpo. O impacto foi terrível. Por azar, bateu com o rosto numa pedra.

Tudo escureceu por um momento.

Quando abriu os olhos, viu que Alfred estava de pé junto dele - devia ter dado um jeito para descer da parede, ao lado de um dos monges mais velhos. O menino reconheceu o monge; era o subprior. Remigius o encarou e disse:

- Levante-se, rapazinho.

Jack não tinha certeza se seria capaz. Não conseguia mover o braço esquerdo. O lado esquerdo do rosto estava dormente. Sentou-se. Pensara que fosse morrer, e espantou-o ainda ser capaz de se mexer. Apoiando-se no braço direito, fez um doloroso esforço para se pôr de pé, apoiando a maior parte do

peso na perna direita. Quando passou a dormência, começou a dor.

Remigius segurou-o pelo braço esquerdo. Jack gritou. Remigius o ignorou e puxou a orelha de Alfred. Provavelmente daria um terrível castigo para os dois, pensou o menino. No seu caso, a dor era tanta que nada tinha importância.

Remigius falou com Alfred.

- Agora, meu rapaz, por que está tentando matar seu irmão?

- Ele não é meu irmão - respondeu o rapaz. A expressão de Remigius modificou-se.

- Não é seu irmão? - perguntou. - Vocês não têm o mesmo pai e a mesma mãe?

- Ela não é minha mãe - disse Alfred. - Minha mãe está morta.

Um ar astucioso surgiu no rosto do subprior.

- Quando foi que sua mãe morreu?

- No Natal.

- No Natal passado?

- Foi.

A despeito da dor que sentia, Jack pode ver que Remigius, por algum motivo, estava intensamente interessado. A voz do monge tremia de excitação contida quando ele perguntou:

- Então só recentemente o seu pai conheceu a mãe deste menino?

- Sim.

- E desde que estão... juntos, já procuraram um padre, para terem sua união sacramentada?

- Hum... Não sei. - Alfred não compreendera aquelas palavras, Jack era capaz de garantir. Aliás, ele também não entendera.

Remigius ficou impaciente.

- Muito bem, eles se casaram?

- Não.

- Compreendo. - Remigius pareceu ficar satisfeito, embora Jack tivesse pensando que iria se aborrecer. O rosto do monge, sem dúvida, tinha um ar de satisfação. Ele ficou silencioso e pensativo por um momento, e depois pareceu se lembrar dos dois garotos.

- Bem, se vocês querem continuar aqui no priorado e comer o pão dos monges, não briguem, mesmo que não sejam irmãos. Nós, homens de Deus, não devemos ver derramamento de sangue; esta é uma das razões pelas quais levamos uma vida afastada do mundo. - Com este pequeno discurso soltou a ambos e foi embora. Finalmente Jack pôde correr para sua mãe.

Foram necessárias três semanas, e não duas, mas Tom conseguira aprontar a cripta para ser usada como igreja de emergência, e nesse dia o bispo viria officiar o primeiro culto. O claustro fora limpo dos escombros, e Tom reparara as partes

danificadas: claustros eram estruturas simples, apenas calçadas cobertas, e o trabalho fora fácil. O resto da igreja, na quase totalidade, não passava de montes de ruínas, com algumas das paredes ainda de pé correndo o risco de cair, mas Tom abriu uma passagem pelo claustro e pelo que fora o transepto sul até a escada da cripta.

Tom olhou em torno. A cripta tinha um bom tamanho, grande o bastante para os cultos dos monges.

Era um aposento bastante escuro, com pilares grossos e teto baixo abobadado, mas solidamente construído, motivo pelo qual escapara do incêndio. Tinham trazido uma mesa de cavalete para ser usada como altar e os bancos do refeitório para acomodar os monges. Quando o sacristão trouxesse as toalhas bordadas do altar e os candelabros ornados com pedras preciosas, ficaria ótimo.

Com o reinício dos cultos, a força de trabalho de Tom se reduziria. Um grande número de monges retomaria à sua vida de oração, assim como muitos dos que trabalhavam voltariam às tarefas agrícolas ou administrativas. Tom ainda assim disporia da metade dos servos do priorado. O prior Philip adotara uma linha dura com eles. Achava que seu número era excessivo, e estava pronto para demitir os que não se mostrassem dispostos a se transferir dos seus deveres como cavaleiros ou auxiliares de cozinha.

Uns poucos haviam ido embora, mas a maioria continuara.

O priorado já devia a Tom três semanas de salário. Como um mestre construtor fazia jus a quatro *pence* por dia, isso significava um total de setenta e dois *pence*.

A cada dia que se passava a dívida aumentava e se tornava mais e mais difícil para Philip pagar a Tom e mandá-lo embora. Depois de cerca de seis meses o construtor pediria ao prior que começasse a pagar-lhe. A essa altura já teria a seu crédito duas libras e meia de prata, que Philip precisaria arranjar para dispensar Tom. A dívida fazia com que se sentisse seguro.

Havia inclusive uma chance - na qual ele praticamente não se atrevia a pensar - de que aquele serviço prosseguisse pelo resto de sua vida. Afinal de contas, tratava-se de uma catedral, e se os poderosos decidissem construir uma igreja que lhes trouxesse prestígio e conseguissem arranjar o dinheiro para pagar por ela, poderia ser a maior obra no reino, empregando dezenas de pedreiros por diversas décadas.

Na verdade, porém, era um exagero nutrir esperanças a esse respeito. Conversando com os monges e os aldeões, Tom descobrira que Kingsbridge nunca fora uma catedral importante. Escondida numa aldeia modesta, tivera uma série de bispos desambiciosos e estava, claramente, em lento declínio. O priorado não tinha nada que o notabilizasse e era pobre. Alguns mosteiros atraem a atenção de reis e arcebispos por sua generosa hospitalidade, pelas escolas excelentes, pelas grandes bibliotecas, pelas pesquisas efetuadas pelos seus

monges-filósofos ou pela erudição de seus priores e abades; Kingsbridge, contudo, não tinha nenhuma dessas marcas. Tudo indicava que o prior Philip fosse construir uma igreja pequena, simples e equipada modestamente, numa obra que não poderia levar mais que dez anos.

O que, no entanto, servia com perfeição a Tom.

Ele percebera, antes mesmo de as ruínas escurecidas pelo fogo esfriarem, que aquela era a chance que tinha de construir a sua catedral.

O prior já se convencera de que Deus mandara Tom a Kingsbridge. O construtor sabia que conquistara sua confiança pelo modo eficiente como iniciara o processo de limpeza e tornara o priorado viável de novo. Quando o momento fosse apropriado, começaria a falar sobre o projeto da nova igreja. Se manejasse a situação com cuidado, havia enorme probabilidade de que Philip lhe pedisse para fazer os desenhos. O fato de a nova igreja possivelmente vir a ser uma construção modesta tornava ainda mais provável que seu projeto fosse confiado a Tom, e não a outro mestre com mais experiência na construção de catedrais. Eram grandes as esperanças de Tom.

O sino tocou para o cabido. Indicava também que os trabalhadores leigos deviam entrar para o desjejum. Tom saiu da cripta e dirigiu-se para o refeitório. No caminho foi detido por Ellen.

Ela parou agressivamente na frente dele, como que para barrar-lhe o caminho, com um brilho estranho nos olhos. Martha e Jack estavam com a mãe. A aparência do menino era horrível: tinha um olho fechado e o lado esquerdo do rosto arranhado e intumescido, e se apoiava na perna direita, como se a esquerda não pudesse suportar nenhum peso. Tom sentiu pena do menino.

- O que aconteceu com você? - perguntou.

- Alfred fez isto - respondeu Ellen.

Tom resmungou intimamente. Por um momento sentiu vergonha de Alfred, muito maior que Jack. Mas o menino não era nenhum anjinho. Talvez seu filho tivesse sido provocado.

Tom olhou em torno, procurando o filho, e o viu caminhando na direção do refeitório, coberto de poeira.

- Alfred! - berrou. - Venha cá.

O rapaz virou-se, viu o grupo e aproximou-se lentamente, com ar de culpa.

- Foi você que fez isto? - perguntou Tom.

- Ele caiu de uma parede - respondeu Alfred, emburrado.

- Você o empurrou?

- Eu estava correndo atrás dele.

- Quem começou?

- Jack me xingou.

- Eu o chamei de porco porque tirou nosso pão - disse o menino, os lábios inchados.

- Pão? - disse Tom. - Onde arranjaram pão antes do desjejum?
- Bernard Padeiro deu para nós. Apanhamos a lenha para ele.
- Vocês deviam ter compartilhado com Alfred - disse Tom.
- Eu teria dado para ele.
- Então por que fugiu? - quis saber Alfred.
- Eu estava levando para minha mãe - protestou Jack. — Alfred comeu tudo!

Catorze anos criando filhos haviam ensinado a Tom que não adiantava querer descobrir quem tinha razão numa briga de crianças.

- Vão comer, vocês três, e se houver mais alguma briga hoje, Alfred, você terminará o dia com a cara feita a de Jack - eu me encarregarei disso. Sumam daqui!

As crianças foram embora.

Tom e Ellen seguiram, caminhando mais devagar. Após um momento Ellen perguntou:

- Isso é tudo o que você vai dizer?

O construtor olhou para ela. Ainda estava furiosa, mas não havia nada que pudesse fazer. Deu de ombros.

- Como sempre, as duas partes são culpadas.

- Tom! Como pode dizer uma coisa dessas?

- Um é tão culpado quanto o outro.

- Alfred tomou-o pão deles. Jack o chamou de porco... o que não tira sangue de ninguém!

Tom sacudiu a cabeça.

- Meninos sempre brigam. A gente pode passar a vida inteira funcionando como juiz nas brigas deles. O melhor é não dar importância.

- Isso não vai resolver - retrucou ela, num Tom de voz perigoso. - Examine o rosto de Jack e depois o de Alfred. Não é o resultado de uma briga de crianças. O que aconteceu foi o ataque maldoso de um adulto contra um menino pequeno.

Tom ficou ressentido com a atitude de Ellen. Alfred não era perfeito, sabia, mas o filho dela também não era. Não queria que o menino se tornasse o favorito da família, estragado por mimos.

- Alfred não é adulto, só tem catorze anos. Mas está trabalhando. Contribui para o sustento da família, e Jack não. Passa o dia inteiro brincando, como uma criança. Na minha cabeça, isso significa que deveria tratar Alfred com respeito. O que ele não faz, como você terá notado.

- Não me importa! - explodiu Ellen. - Você pode dizer o que quiser, mas o meu filho está muito machucado, e poderia ter sido bem pior; eu não vou tolerar isso! - Ela começou a chorar. Mais calma, porém ainda furiosa, acrescentou: - Ele é meu filho e não posso tolerar vê-lo desse jeito!

Tom compreendeu Ellen, e sentiu-se tentado a confortá-la, mas teve medo de ceder. Sentia que aquela conversa talvez marcasse um momento crítico. Vivendo com sua mãe e mais ninguém, Jack sempre fora superprotegido. Tom não admitia protegê-lo contra os choques naturais do dia-a-dia. Seria um precedente que poderia causar problemas intermináveis no futuro. Na verdade, sabia que dessa vez Alfred fora longe demais, e secretamente estava resolvido a fazer o filho deixar Jack em paz; contudo, não seria bom dizê-lo.

- Pancadas fazem parte da vida - disse para Ellen. - Jack tem que aprender a aguentar firme ou a evitá-las. Não posso passar a vida protegendo-o.

- Mas poderia protegê-lo do valentão do seu filho!

Tom estremeceu. Detestou ouvi-la chamar Alfred de valentão.

- Poderia, mas não vou - retrucou, furioso. - Jack tem de aprender a se proteger.

- Oh, vá para o inferno! - exclamou Ellen e, virando-se, afastou-se.

Tom entrou no refeitório. A cabana de madeira onde os trabalhadores leigos normalmente faziam as refeições tinha sido danificada pela queda da torre sudoeste, de modo que agora comiam no refeitório, depois dos monges. Sentou-se longe de todo mundo, sentindo-se insociável. Um auxiliar da cozinha lhe trouxe uma jarra de cerveja e umas fatias de pão numa cesta. Mergulhou o pão na bebida para amolecê-lo, e começou a comer.

Alfred era um rapaz grande, com muita energia, pensou afetuosamente. Deixou escapar um suspiro. O garoto tinha mesmo qualquer coisa de valentão, no fundo ele sabia, mas se acalmaria com o tempo. Até lá não ia obrigar os filhos a dar tratamento especial a um recém-chegado. Já haviam passado por muita coisa na vida. Perderam a mãe, foram forçados a percorrer as estradas, quase morreram de fome. Não ia impor-lhes mais problemas, se pudesse evitar. Eles mereciam um pouco de tolerância. Jack simplesmente teria que sair do caminho de Alfred. Não ia morrer por causa disso.

Um desacordo com Ellen sempre deixava Tom contristado. Já haviam brigado diversas vezes, em geral por causa das crianças, embora aquela tivesse sido sua pior briga, sem termos de comparação com as anteriores. Quando Ellen fechava a cara e demonstrava toda a sua hostilidade, não era capaz de recordar como fora, apenas um pouco antes, sentir-se arrebatadamente apaixonado por ela: parecia uma pessoa estranha e furiosa que se intrometiera na sua vida pacífica.

Nunca tivera brigas tão furiosas e amargas com a primeira mulher. Olhando para trás, a impressão que tinha era de que ele e Agnes haviam concordado sobre todas as coisas importantes, e que, ao discordarem, não se enraiveciam. Tal como deveria ser entre marido e mulher. Ellen deveria assumir que não podia fazer parte de uma família e continuar agindo como bem entendesse.

Nem mesmo quando estava muito enfurecida ele desejara que fosse

embora, mas, mesmo assim, não raro pensava em Agnes com saudade. Ela estivera em sua companhia pela maior parte de sua vida de adulto, e agora tinha, a todo momento, a sensação de que faltava alguma coisa. Enquanto viva, nunca pensara ser particularmente afortunado por tê-la, ou se sentira agradecido a ela; mas agora que estava morta, sentia sua falta, e tinha vergonha por havê-la considerado quase como propriedade sua.

Nos momentos mais calmos do dia, quando todos os homens já tinham recebido suas instruções e estavam trabalhando, e Tom podia se dedicar a uma tarefa que demandava mais perícia, como reconstruir um pedaço de parede do claustro ou reparar uma pilastra da cripta, às vezes se entretinha em conversas imaginárias com Agnes. Quase sempre lhe falava sobre Jonathan, o bebê deles. Via-o quase todos os dias, sendo alimentado na cozinha, levado ao claustro ou posto para dormir no dormitório dos monges.

Parecia perfeitamente saudável e feliz, e ninguém, exceto Ellen, sabia ou suspeitava que Tom tivesse um interesse especial por ele. Também falava com Agnes sobre Alfred, sobre o prior Philip e até mesmo sobre Ellen, explicando seus sentimentos por eles, como teria feito - exceto no caso da mulher - se estivesse viva. Falava também de seus planos práticos para o futuro; de sua esperança em permanecer empregado ali por muitos anos, e do seu sonho de projetar e construir a nova catedral.

Na sua cabeça, ele ouvia suas respostas e perguntas. Em diferentes ocasiões mostrava-se satisfeita, encorajadora, fascinada, desconfiada ou desaprovadora. Às vezes sentia que estava certa, às vezes errada.

Se houvesse comentado com alguém essas conversas, diriam que estava se comunicando com um fantasma, e teria havido uma procissão de padres, água benta e exorcismo; mas ele sabia que não havia nada de sobrenatural naquilo. Apenas a conhecia tão bem que era capaz de imaginar como se sentiria e o que diria praticamente em qualquer situação.

Às vezes aparecia sem ter sido convidada. Quando descascava uma pêra para a pequena Martha, lembrava-se de como ria dele por fazer tanta questão de tirar a casca por inteiro. Sempre que precisava escrever alguma coisa se lembrava dela, pois lhe ensinara tudo o que aprendera com o pai, o padre; e sempre se lembraria de quando lhe mostrara como fazia a ponta numa pena de escrever, ou lhe dissera como soletrar "caementarius", a palavra latina para "pedreiro". Quando lavava o rosto aos domingos, esfregava sabão na barba e recordava como, quando jovens, ela lhe ensinara que lavando a barba conservaria o rosto livre de piolhos e furúnculos. Nunca se passava um dia sem que um pequeno incidente desse tipo a trouxesse vividamente à sua lembrança.

Sabia que era sorte ter Ellen. Não havia perigo em tomá-la como sua. Era uma pessoa única: existia algo de incomum nela, justamente o que a tornava magnética.

Era-lhe grato por tê-lo consolado em sua dor, na manhã que se seguiu à morte de Agnes; porém, às vezes desejava tê-la conhecido alguns dias - em vez de algumas horas - depois de ter enterrado sua mulher, para que tivesse tido tempo de sofrer sozinho. Não haveria respeitado um período regular de luto - coisa para lordes e monges, não para gente comum -, mas teria tido tempo para se acostumar com a ausência de Agnes antes de começar a se habituar a viver com Ellen. Tais pensamentos não lhe haviam ocorrido nos primeiros dias, quando a ameaça de inanição se combinara com a excitação sexual de Ellen para produzir uma espécie de exaltação de fim de mundo. Mas desde que encontrara trabalho e segurança, começara a sentir pontadas de arrependimento. E às vezes parecia que, quando pensava desse jeito sobre Agnes, não estava somente sentindo falta dela, mas também lamentando a passagem da própria juventude. Nunca mais seria novamente tão ingênuo, agressivo, faminto ou forte como quando se apaixonara por Agnes.

Terminou o pão e deixou o refeitório à frente dos outros. Foi para o claustro. Estava satisfeito com seu trabalho ali: era difícil imaginar agora como o quadrângulo ficara enterrado sob um monte de entulho três semanas antes. Os únicos sinais remanescentes da catástrofe eram algumas pedras rachadas do pavimento, para as quais não conseguira encontrar reposição.

Havia muita poeira por toda parte, contudo. Teria que fazer com que o claustro fosse varrido de novo e depois borrifado com água. Caminhou pela igreja em ruínas.

No transepto norte viu uma viga empretecida pelo fogo com alguma coisa escrita na fuligem. Leu vagarosamente: "Alfred é um porco". Então fora aquilo que enfurecera seu filho. Um bocado da madeira da estrutura do telhado não fora reduzida a cinzas, e havia vigas como aquela por toda parte. Tom decidiu que mandaria um grupo de homens recolher tudo e levar para o depósito de lenha. "Deixe o lugar da obra bem arrumado", dizia Agnes quando alguém importante iria fazer uma visita. "Você vai querer que eles se sintam contentes por terem Tom como encarregado." Sim, querida, pensou ele, sorrindo intimamente enquanto retornava ao trabalho.

A comitiva de Waleran Bigod foi vista a uma milha, atravessando o campo. Eram três pessoas, exigindo bastante de seus cavalos. Waleran seguia na frente, num corcel negro, o hábito também preto esvoaçando atrás de si. Philip e os decanos do convento esperavam próximo do estábulo para lhes darem as boas-vindas.

O prior não estava seguro de como tratar Waleran. Ele o enganara, sem sombra de dúvida, não lhe dizendo que o bispo estava morto; quando a verdade viera à tona, porém, não parecera nem um pouco envergonhado, e Philip não soubera o que lhe dizer. Ainda não tinha certeza, mas suspeitava de que não

havia nada a ganhar se se queixasse. De qualquer forma, todo aquele episódio fora ofuscado pela catástrofe do incêndio.

Teria que ser extremamente cauteloso com Waleran no futuro.

O cavalo do bispo era um garanhão, espantadiço e nervoso, a despeito de já ter cavalgado diversas milhas. Ele conservou a cabeça do animal baixa com dificuldade quando o conduziu para o estábulo. Philip desaprovava aquilo; não havia necessidade de um religioso fazer bela figura a cavalo, e a maioria dos homens de Deus escolhiam montarias mais calmas.

Waleran saltou do cavalo com um movimento desembaraçado e deu as rédeas a um cavaleiro. Philip cumprimentou-o formalmente. O bispo virou-se e examinou as ruínas.

Uma expressão desolada surgiu nos seus olhos.

- Foi um incêndio caro, Philip - disse ele. Parecia genuinamente angustiado, de certa forma para surpresa do prior.

Antes que este pudesse responder, Remigius interveio.

- Obra do demônio, senhor bispo - disse.

- Foi mesmo? - retrucou Waleran. - Na minha experiência, o demônio geralmente é ajudado numa coisa dessas por monges que acendem fogos na igreja para se defenderem do frio das matinas, ou que descuidadamente deixam velas acesas na torre da igreja.

Philip achou graça por ver Remigius esmagado, mas não podia deixar passar as insinuações de Bigod.

- Fiz uma investigação sobre as possíveis causas do incêndio - disse. - Ninguém acendeu o fogo na igreja naquela noite. Tenho certeza porque estava presente nas matinas. E há meses ninguém sobe ao telhado.

- Então... qual é a sua explicação? Um raio? - disse Waleran ceticamente.

Philip sacudiu a cabeça.

- Não houve tempestade. O fogo parece ter se iniciado nas proximidades da interseção. Nós deixamos uma vela acesa no altar após o culto, como é usual. É possível que a toalha tenha pegado fogo, e uma centelha, levada pelo vento até o teto, que era velho, de madeira. - Philip deu de ombros. - Não é uma explicação muito satisfatória, mas é a melhor que temos.

Waleran fez que sim.

- Vamos dar uma olhada mais de perto nos danos.

Eles se dirigiram para a igreja. Os dois companheiros de Waleran eram um homem de armas e um jovem padre. O homem de armas deixou-se ficar para trás a fim de cuidar do cavalo. O padre acompanhou Waleran e foi apresentado a Philip como o deão Baldwin.

Quando todos atravessavam o gramado que os separava da igreja, Remigius pegou no braço de Waleran, detendo-o, e disse: - A casa de hóspedes está incólume, como pode ver.

Todos pararam e se viraram. Philip perguntou-se, irritado, em que Remigius estaria pensando. Se a casa de hóspedes não tinha sofrido avarias, por que fazer com que todos parassem e olhassem para ela? A mulher do construtor aproximava-se, vinda da região da cozinha, e todos a viram entrar na casa. Philip reparou em Waleran. Ele parecia ligeiramente chocado. Lembrou-se de quando, no palácio do bispo, Bigod a vira e parecera quase assustado. O que haveria com aquela mulher?

Waleran dirigiu a Remigius um rápido olhar e balançou a cabeça quase imperceptivelmente. Depois se virou para Philip e perguntou:

- Quem está morando aí?

O prior tinha quase certeza de que ele a reconheceria, mas respondeu:

- Um mestre construtor e sua família.

Waleran assentiu e todos seguiram em frente. Philip sabia agora por que Remigius chamara a atenção para a casa de hóspedes: quis assegurar-se de que Waleran ia ver a mulher. Philip decidiu que a interrogaria na primeira oportunidade.

Entraram nas ruínas. Um grupo de sete ou oito homens, constituído por monges e servos do priorado em números praticamente iguais, erguia uma viga do telhado meio queimada, sob a supervisão de Tom. Havia atividade por toda parte, mas o lugar estava limpo e arrumado. Philip sentiu que o ar de operosidade eficiente lhe dava crédito, mesmo que o responsável fosse Tom.

O construtor veio ao encontro deles. Era muito mais alto que qualquer um.

- Este é o nosso mestre construtor, Tom - disse Philip para Waleran. - Já deu um jeito de tornar o claustro e a cripta utilizáveis de novo. Nós lhe somos muito gratos.

- Eu me lembro de você - disse Waleran a Tom. - Foi me procurar logo depois do Natal. Eu não tinha trabalho para lhe dar.

- Isso mesmo - confirmou o construtor, na sua voz grave e áspera. - Talvez Deus estivesse me guardando para ajudar o prior Philip na sua dificuldade.

- Um construtor que também é teólogo - zombou Waleran.

Tom ficou ligeiramente enrubescido sob a pele empoeirada. Philip achou que Bigod precisava ter muito sangue-frio para fazer pouco de um homem tão grande, muito embora fosse bispo e Tom, um simples pedreiro.

- Qual é o seu próximo passo aqui? - quis saber Waleran.

- Temos que tornar o lugar seguro, derrubando as paredes remanescentes, antes que caíam em cima de alguém - respondeu o construtor, submisso. - Depois é limpar tudo, preparando a área onde será construída a nova igreja. Assim que for possível, arranjaremos árvores altas para as vigas do telhado - quanto mais tempo a madeira secar, melhor será ele.

- Antes de começarmos a derrubar árvores por aí apressou-se Philip a

dizer, teremos que arranjar o dinheiro para pagar por elas.

- Falaremos sobre isso mais tarde - disse Waleran enigmaticamente.

Sua observação intrigou Philip. Esperava que o bispo tivesse um esquema para erguer a nova igreja. Se o priorado fosse obrigado a contar apenas com os próprios recursos, não teria como dar início à obra antes de muitos anos. Philip vinha se torturando com aquilo há três semanas, e ainda não atinara com uma solução.

Liderou o grupo ao longo do caminho que fora aberto por entre os escombros, até o claustro. Um olhar foi suficiente para que Waleran visse que aquela área tinha sido posta em ordem. Seguiram em frente e cruzaram o gramado para a casa do prior, no canto sudeste do adro.

Uma vez do lado de dentro, Waleran tirou a capa e se sentou, mantendo as mãos brancas diante do fogo. O irmão Mihus, o cozinheiro, serviu vinho quente aromatizado em tigelinhas de madeira. Waleran tomou um gole e perguntou a Philip:

- Já lhe ocorreu que Tom Construtor pode ter começado o incêndio para arranjar trabalho?

- Sim, já pensei nisso - disse Philip. - Mas não penso que o tenha feito. Precisaria ter entrado na igreja, que estava trancada com toda a segurança.

- Podia ter entrado durante o dia e se escondido lá dentro.

- Nesse caso teria sido incapaz de sair, após iniciar o incêndio - disse, sacudindo a cabeça. Aquela não era a verdadeira razão pela qual estava certo de Tom ser inocente. - De qualquer forma, não creio que seja capaz de uma coisa dessas. É um homem inteligente, muito mais do que se possa pensar à primeira vista, mas não é dissimulado. Se fosse culpado, acho que eu teria visto no seu rosto, quando o encarei e perguntei como pensava que o incêndio poderia ter começado.

Para surpresa de Philip, Waleran concordou imediatamente.

- Acredito que você tenha razão. Seja como for, não consigo imaginá-lo ateando fogo a uma igreja. Não tem o tipo.

- Talvez não saibamos nunca como o fogo começou - disse Philip. - Mas precisamos enfrentar o problema de levantar o dinheiro para construir uma igreja nova. Não sei...

- Sim - interrompeu Waleran, e ergueu uma das mãos para calá-lo. Virou-se para os outros ali presentes. - Tenho que falar com o prior Philip a sós - disse - o resto pode sair.

Philip ficou intrigado. Não podia imaginar por que Waleran tinha que falar sozinho com ele sobre aquilo. Remigius levantou a voz.

- Antes de irmos, senhor bispo, há algo que os irmãos me pediram para lhe dizer.

Philip pensou: O que será agora? Waleran ergueu uma cética sobrancelha.

- E por que iriam pedir a você, e não ao seu prior, para tratar de assuntos comigo?

- Porque o prior é surdo à reclamação deles.

Philip sentiu-se furioso e aturdido. Não tinha havido nenhuma queixa. Remigius estava apenas tentando embaraçá-lo, criando uma cena diante do bispo. Teve a atenção despertada por um olhar indagador de Waleran. Deu de ombros e tentou parecer despreocupado.

- Mal posso esperar para saber de que se trata a queixa – disse. - Por favor, irmão Remigius, prossiga - desde que esteja bastante seguro de que se trata de assunto suficientemente importante para requerer a atenção do bispo.

- Há uma mulher vivendo no priorado - disse Remigius.

- Não me venha com isso de novo - disse Philip, exasperado. - É a mulher do construtor e está morando na casa de hóspedes.

- Ela é feiticeira - disse o subprior.

Philip perguntou-se por que motivo Remigius estaria fazendo aquilo. Já cismara com o mesmo assunto uma vez, e não dera em nada. O problema era passível de discussão, mas a autoridade era o prior, e Waleran devia apoiá-lo, a menos que quisesse ser chamado toda vez que Remigius discordasse do seu superior. Abatido, Philip disse:

- Ela não é feiticeira.

- Você a interrogou? - perguntou o subprior.

Philip lembrou que prometera interrogá-la. Nunca o fizera: vira o marido e lhe dissera para falar com sua mulher para que se comportasse discretamente, mas não chegara a estar com ela em pessoa.

Uma pena, pois permitiu a Remigius marcar um ponto; porém, não achava que fosse um ponto tão valioso que fizesse Waleran tomar o partido de Remigius.

- Não a interroguei - admitiu Philip. - Mas não há indícios de feitiçaria e a família é perfeitamente honesta e cristã.

- Ela é feiticeira e fornicadora - disse Remigius.

- O quê? - explodiu Philip. - com quem fornicava?

- Com o construtor.

- Ele é o marido dela, seu tolo!

- Não, não é - retrucou Remigius, triunfante. - Eles não são casados e se conhecem apenas há um mês.

Se o subprior estivesse falando a verdade, a mulher seria tecnicamente uma fornicadora. No entanto, aquele tipo de coisa em geral se deixava passar, pois muitos casais não tinham sua união abençoada por um padre senão depois de já haverem vivido junto por algum tempo, muitas vezes até o primeiro filho ser concebido. Na verdade, nas regiões muito pobres ou remotas do país, frequentemente as pessoas viviam como marido e mulher por décadas, criavam

seus filhos e espantavam um padre visitante pedindo que abençoasse sua união numa época em que os netos estavam nascendo. No entanto, uma coisa era um padre de paróquia ser indulgente com pobres camponeses nos limites da cristandade, e outra, muito diversa, um empregado importante do priorado incorrer no mesmo erro dentro dos limites do monastério.

- O que o faz pensar que não são casados? - perguntou Philip ceticamente, embora tivesse certeza de que Remigius checara os fatos antes de falar na frente de Waleran.

- Surpreendi os filhos brigando, e eles me disseram que não são irmãos. Então toda a história veio à tona.

Philip ficou desapontado com Tom. Fornicação era um pecado bastante comum, mas particularmente abominável aos olhos de monges, que renunciavam por completo às tentações da carne. Como pudera fazer uma coisa dessas? Devia saber que se tratava de algo odioso para o prior, que ficou mais furioso ainda com ele do que com Remigius. Este, contudo, fora traíçoeiro. Philip lhe perguntou:

- Por que não falou comigo, que sou seu prior, a este respeito?

- Só soube esta manhã.

Philip recostou-se na cadeira, derrotado. Remigius o pegara. Fizera papel de tolo. Era sua vingança pela derrota na eleição. Olhou para Waleran. A reclamação tinha sido feita ao bispo; agora cabia a ele pronunciar o julgamento.

Waleran não hesitou.

- O caso é bastante claro - disse. - A mulher deve confessar seu pecado, e se penitenciar em público. Tem que deixar o priorado, e viver em castidade, separada do construtor, por um ano. Aí poderão se casar.

Um ano separados era uma sentença severa. Philip achou que ela merecia, por profanar o mosteiro. Mas estava ansioso por saber como a receberia.

- Talvez ela não se submeta ao seu julgamento - disse.

Waleran deu de ombros.

- Então queimará no inferno.

- Se deixar Kingsbridge, receio que Tom vá em sua companhia.

- Há outros construtores.

- Naturalmente. - Philip sentiria a perda de Tom. Mas podia dizer, pela expressão de Waleran, que ele não se incomodaria nem um pouco se Tom e a mulher deixassem Kingsbridge e nunca mais voltassem, mais uma vez, perguntou-se por que ela seria tão importante.

- Agora saiam, todos vocês, e me deixem falar com o seu prior - disse Bigod.

- Só um minuto - disse Philip asperamente. A casa era sua e os monges seus, afinal; era ele quem os chamava e os dispensava, não Waleran. - Falarei pessoalmente com o construtor a respeito desse assunto. Nenhum de

vocês deverá mencioná-lo, seja com quem for, entenderam? Haverá uma severa punição para quem desobedecer. Está claro, Remigius?

- Sim - respondeu o subprior.

Philip encarou Remigius inquisitivamente. Houve um sugestivo momento de silêncio.

- Sim, padre - disse Remigius por fim.

- Está bem, podem ir.

Remigius, Andrew, Milius, Cuthbert e o deão Baldwin saíram apressadamente. Waleran serviu-se de um pouco mais de vinho quente e esticou as pernas diante do fogo.

- As mulheres sempre causam problema - comentou. — Quando há uma égua no cio no estábulo, todos os garanhões começam a morder os cavaleiros, pisotear as baías e causar toda sorte de problemas, de um modo geral. Até mesmo os cavalos castrados passam a se comportar mal. Os monges são como eles; a paixão física lhes é negada, mas ainda são capazes de sentir cheiro de boceta.

Philip ficou embaraçado. Não havia necessidade de falar de modo tão explícito, na sua opinião. Olhou para as mãos.

- O que há a respeito da reconstrução da igreja? - perguntou.

- Sim. Você deve ter sabido que aquele assunto acerca do qual me procurou - o conde Bartholomew e a conspiração contra o rei Estêvão - terminou bem para nós.

- Sim, soube. - Parecia já ter se passado muito tempo desde quando fora ao palácio do bispo, medroso e trêmulo, para contar a trama contra o rei escolhido pela igreja.

- Ouvi dizer que Percy Hamleigh atacou o castelo do conde e o fez prisioneiro.

- Exato. Bartholomew agora está numa masmorra, em Winchester, aguardando a decisão sobre seu destino - disse Waleran, satisfeito.

- E o conde Robert de Gloucester? Era o conspirador mais poderoso...

- E no entanto recebe a punição mais leve. Na verdade, nenhuma. Jurou lealdade ao rei Estêvão, e sua parte na trama foi... perdoadada.

- Mas o que isso tem a ver com a nossa catedral?

Waleran ergueu-se e foi até a janela. Quando examinou a igreja, havia sincera tristeza em seus olhos, e Philip constatou que sentia genuína piedade dele, a despeito de seus modos mundanos.

- Nossa participação na derrota de Bartholomew põe o rei Estêvão em dívida conosco. Antes que se passe muito tempo, eu e você vamos vê-lo.

- Ver o rei! - exclamou Philip. Ficou um pouco intimidado com a perspectiva.

- Ele nos perguntará o que desejamos como recompensa. Philip percebeu

aonde Waleran queria chegar, e ficou profundamente emocionado. - E nós lhe diremos... - Waleran voltou as costas para a janela e o fitou, os olhos, duas pedras preciosas negras, faiscando de ambição.

- Nós lhe diremos que queremos uma nova catedral para Kingsbridge - completou.

Tom sabia que Ellen ia ficar louca de ódio.

Ela já estava furiosa com o que acontecera a Jack. Precisava acalmá-la. Entretanto, a notícia de sua "penitência" faria com que explodisse de raiva. Quisera poder adiar o problema por um dia ou dois, a fim de lhe dar tempo para esfriar; não podia, porém, porque o prior Philip dissera que ela deveria estar fora das dependências do mosteiro ainda ao cair da noite. Precisava contar-lhe imediatamente, e como Philip falara com Tom ao meio-dia, ele informou Ellen na hora da refeição.

Entraram no refeitório com os outros servos do priorado, depois de os monges terem terminado de jantar e saído. As mesas estavam apinhadas, mas Tom achou que talvez não fosse uma má coisa; a presença de outras pessoas poderia refreá-la.

Logo descobriu que se enganara.

Tentou dar a notícia aos poucos. Primeiro disse:

- Eles sabem que não somos casados.

- Quem lhes contou? - perguntou ela, furiosa. - Algum encenqueiro?

- Alfred. Mas não o culpe. Aquele pérfido monge chamado Remigius fez com que contasse. De qualquer modo, nunca dissemos para as crianças que era segredo.

- Não culpo o menino - disse ela, mais calma. - E o que estão dizendo?

Ele se inclinou sobre a mesa e falou em voz baixa.

- Dizem que você é fornicadora - respondeu, esperando que ninguém ouvisse.

- Fornicadora? - retrucou Ellen, em voz alta. - E o que dizem de você? Será que esses monges não sabem que para fornicar é preciso duas pessoas?

Quem estava sentado por perto começou a rir.

- Fale baixo - disse Tom. - Dizem que precisamos nos casar.

Ela lançou um olhar duro para ele.

- Se fosse só isso, Tom Construtor, você não estaria com uma cara tão abjeta. Conte-me o resto.

- Querem que você confesse seu pecado.

- Perversos hipócritas - disse ela, enojada. - Passam a noite toda se enrabando e depois têm a coragem de dizer que o que fazemos é pecado.

As risadas aumentaram. As pessoas pararam de conversar para prestar atenção em Ellen.

- Só quero que você fale baixo - suplicou Tom.
- Suponho que exigem que eu também faça uma penitência. A humilhação faz parte do negócio. O que vão querer que eu faça? Vamos, fale a verdade, não se pode mentir a uma feiticeira.

- Não diga isso! - sussurrou Tom. - Só serve para piorar tudo.
- Então me conte.
- Temos que viver separados por um ano, e você vai ter que guardar castidade...

- Pois estou mijando para essa tal castidade! - gritou Ellen.

Agora todos olharam.

- Mijo em você, Tom Construtor! - exclamou ela, que percebeu ter uma audiência. - Mijo em todos vocês também - continuou. A maioria das pessoas riu. Era difícil se sentir ofendido, principalmente porque estava tão linda com o rosto congestionado, muito vermelho, e os olhos dourados enormes. Ellen se levantou.
- Mijo no priorado de Kingsbridge! - Pulou para cima da mesa, e houve uma salva de aplausos. Saiu andando pela tábua. Os comensais tiraram as terrinas de sopa e os canecos de cerveja do seu caminho e se inclinaram para trás, rindo. - Mijo no prior! - disse ela. - Mijo no subprior, no sacristão, no chantre e no tesoureiro, e em todos os seus documentos e diplomas e nas suas arcas cheias de *pennies* de prata! - Ellen chegou no fim da mesa. Além daquela havia outra, menor, onde alguém se sentava e lia em voz alta durante o jantar dos monges. Havia um livro aberto em cima. Ellen pulou para ela.

De repente, Tom percebeu o que iria fazer.

- Ellen! - exclamou. - Não, por favor...

- Mijo na Regra de São Bento! - gritou, o mais alto que pôde. Então arregaçou a saia e, agachando-se, urinou no livro.

Os homens caíram na gargalhada, bateram em cima das mesas, gritaram, assobiaram e aplaudiram. Tom não estava certo se compartilhavam o desprezo de Ellen pela obra ou se apenas gostavam de ver uma bela mulher se expor. Havia algo de erótico naquela desavergonhada vulgaridade, mas também era estimulante ver alguém desrespeitar daquela forma o livro acerca do qual os monges eram tão tediosamente solenes. Fosse qual fosse a razão, adoraram.

Ellen saltou de cima da mesa, em meio a uma tempestade de aplausos, e saiu correndo porta afora.

Todos começaram a falar ao mesmo tempo. Ninguém jamais vira uma coisa daquelas antes. Tom estava horrorizado e embaraçado. As consequências seriam terríveis, sabia.

No entanto, uma parte dentro dele estava pensando: Que mulher!

Após um momento, Jack se levantou e seguiu a mãe, com uma sombra de sorriso no rosto inchado.

Tom olhou para Alfred e Martha. O rapaz exibia um ar de perplexidade,

mas Martha dava risadinhas contidas.

- Vamos, vocês dois - disse, e os três se retiraram. Quando chegaram ao lado de fora, não viram Ellen em parte alguma. Cruzaram o gramado na direção da casa de hóspedes e a encontraram ali. Estava sentada numa cadeira, esperando por ele. Vestira o manto e segurava sua grande bolsa de couro. Parecia fria, calma e contida. O coração de Tom gelou quando viu a bolsa, mas fingiu não ter notado.

- Vai ser castigada indo para o inferno - disse.

- Não acredito em inferno.

- Espero que deixem você se confessar e se penitenciar.

- Não vou me confessar.

Ele perdeu o autocontrole.

- Ellen, não se vá!

Ela parecia triste.

- Ouça, Tom. Antes de conhecer você eu tinha o que comer e onde morar. Estava a salvo, em segurança, e era autosuficiente: não precisava de nada. Desde que me juntei a você, andei mais perto de morrer de fome do que em qualquer outra época da minha vida. Tem trabalho agora, mas não segurança; o priorado não possui dinheiro para construir uma igreja nova, e você poderá estar na estrada de novo no próximo inverno.

- Philip dará um jeito de arranjar o dinheiro. Tenho certeza disso.

- Não pode ter certeza - retrucou ela.

- Você não acredita - disse Tom amarguradamente. Depois, antes que pudesse se deter, acrescentou: - Você é igual a Agnes, não acredita na minha catedral.

- Oh, Tom, se fosse só por mim, eu ficaria - disse ela, com tristeza. - Mas olhe para o meu filho.

Ele olhou para Jack. Seu rosto estava roxo, com as equimoses, a orelha inchada tinha duas vezes o tamanho normal, as narinas estavam cheias de sangue seco e um dente da frente se quebrara.

- Eu temia que ele crescesse como um animal se ficassemos na floresta - disse Ellen. - Mas se este é o preço de ensiná-lo a conviver com outras pessoas, é alto demais. Assim, vou voltar para a floresta.

- Não diga isso - pediu Tom, desesperado. - Vamos conversar. Não tome uma decisão precipitada...

- Não é precipitada, Tom, não é precipitada - disse ela pesarosamente. - Estou tão triste que nem consigo mais ficar zangada. Eu realmente queria ser sua mulher. Mas não a qualquer custo.

Se Alfred não houvesse corrido atrás de Jack, nada daquilo teria acontecido, pensou Tom. Mas fora apenas uma briga de crianças, não fora? Ou Ellen estaria certa quando afirmava que ele era cego para tudo relacionado com

Alfred? Começou a achar que errara. Talvez devesse ter adotado uma atitude mais firme para com Alfred. Briga de garotos era uma coisa, mas Jack e Martha eram bem menores que seu filho. Talvez ele fosse mesmo um covarde.

Mas agora era tarde demais para mudar isso.

- Fique na aldeia - disse Tom desesperadamente. - Espere um pouco para ver o que acontece.

- Não creio que os monges vão permitir que eu fique.

Tom viu que Ellen tinha razão. A aldeia era de propriedade do priorado, e todos pagavam aluguel aos monges - geralmente na forma de dias de trabalho -, que podiam recusar suas casas a quem quisessem. E não se poderia culpá-los se rejeitassem Ellen.

Ela tomara sua decisão e literalmente urinara em cima das suas chances de se retratar.

- Irei com você, então - disse ele. - O mosteiro já me deve setenta e dois *pennies*. Iremos para a estrada de novo. Sobrevivemos antes...

- O que me diz das crianças? - perguntou ela delicadamente.

Tom se lembrou de como Martha tinha chorado de fome. Sabia que não podia fazê-la passar por aquilo de novo. E havia seu bebê, Jonathan, vivendo no priorado. Não quero deixá-lo de novo; da primeira vez me odiei por isso.

Mas não podia tolerar a idéia de perder Ellen.

- Não fique arrasado - disse ela. - Não vou palmilhar as estradas com você novamente. Não é a solução; ficaríamos pior que agora, em todos os sentidos. Voltarei para a floresta e você não irá comigo.

Ele a encarou. Queria acreditar que Ellen não falava a sério, mas a expressão do seu rosto lhe disse o contrário. Não pôde imaginar mais nada para detê-la. Abriu a boca para falar, mas as palavras não vieram. Sentiu-se impotente. Ela respirava fundo, o colo arfando de emoção. Quis tocá-la, mas sentiu que não queria que o fizesse. Talvez nunca mais a abraçasse, pensou. Era difícil de acreditar. Há semanas deitava com ela todas as noites e a tocava com tanta familiaridade quanto a si próprio; e agora subitamente era proibido, como se fosse uma estranha.

- Não fique tão triste - disse ela. Seus olhos estavam cheios de lágrimas.

- Não posso fazer nada. Estou triste.

- Desculpe tê-lo feito infeliz.

- Não se desculpe. Desculpe-se de me ter feito feliz. É o que magoa, mulher. Você me ter feito feliz.

Um soluço escapou dos lábios de Ellen, que se virou e foi embora sem outra palavra.

Jack e Martha foram atrás. Alfred hesitou, meio sem jeito, e depois os seguiu.

Tom ficou olhando fixamente para a cadeira em que ela estava. Não,

pensou, não pode ser verdade, Ellen não está me deixando.

Ele se sentou. A cadeira ainda guardava o calor do seu corpo, o corpo que tanto amava. Fechou a cara, para não chorar.

Sabia que Ellen não ia mudar de idéia. Ela nunca vacilava: quando tomava uma decisão, ia até o fim.

Podia vir a se arrepender, contudo.

Agarrou-se a esse fio de esperança. Sabia que ela o amava. Isso não mudara. Ainda na noite anterior tinham feito amor com paixão, como duas pessoas saciando uma sede terrível. E depois que ele se satisfizera, ela rolara para cima do seu corpo e continuara, beijando-o avidamente, arquejando com a boca dentro da sua barba quando gozou repetidas vezes, até ficar tão exausta de prazer que não pôde prosseguir.

E não era só de trepar que gostavam. Eles apreciavam estar juntos o tempo todo.

Conversavam constantemente, muito mais do que ele conversara com Agnes, mesmo nos primeiros tempos. Vai sentir tanto a minha falta quanto eu a dela, pensou. Após algum tempo, quando a raiva houvesse passado, e tivesse se estabelecido numa nova rotina, ia ansiar por ter alguém com quem conversar, um corpo musculoso para fazer carícias, um rosto barbado para beijar. Aí então pensaria nele.

Mas era orgulhosa. Talvez orgulhosa demais para voltar, mesmo que sentisse vontade.

Tom pulou da cadeira. Precisava lhe dizer o que tinha na cabeça. Saiu de casa. Ela estava no portão do priorado, dizendo adeus a Martha. Passou correndo pelo estábulo e a alcançou.

- Adeus, Tom - disse Ellen, com um sorriso triste. Ele segurou-lhe as mãos.

- Você voltará, um dia? Só para nos ver? Se eu souber que não está indo embora para sempre, que um dia a reencontrarei, mesmo que por pouco tempo, então poderei suportar a separação.

Ela hesitou.

- Por favor?

- Está bem.

- Jure.

- Não acredito em juramentos.

- Mas eu acredito.

- Está bem. Juro.

- Muito obrigado. - Ele a puxou gentilmente. Ellen não resistiu. Tom a abraçou e perdeu o controle. As lágrimas lhe correram pelo rosto. Finalmente ela recuou. Foi com relutância que a soltou. A mulher virou-se para o portão.

Naquele momento ouviu-se um barulho vindo do estábulo, o barulho feito

por um cavalo feroso e rebelde, pateando e bufando. Automaticamente, todos se viraram. O cavalo era o garanhão negro de Waleran Bigod, e o bispo ia montá-lo. Seus olhos encontraram os de Ellen e ele gelou.

Nesse momento ela começou a cantar.

Tom não conhecia a canção, embora a tivesse ouvido cantá-la com frequência. A melodia era terrivelmente triste. Mesmo sendo em francês, podia entender muito bem os versos.

"A cotovia,
apanhada na rede do caçador,
Cantou mais doce que nunca,
Como se a melodia
do seu canto
Pudesse voar e da rede fugir."

Tom desviou os olhos dela para o bispo. Waleran estava aterrorizado; a boca aberta, os olhos esbugalhados, o rosto branco como a morte. Tom ficou atônito: por que uma simples canção teria o poder de assustar um homem daqueles?

"Ao crepúsculo o caçador
pegou sua presa,
A cotovia jamais recuperou
a liberdade.
Todos os pássaros
e homens vão morrer,
Mas canções
podem viver para sempre."

- Adeus, Waleran Bigod - exclamou Ellen. - Estou deixando Kingsbridge, mas não estou deixando você. Estarei nos seus sonhos.

E nos meus, pensou Tom.

Por um momento, ninguém se moveu.

Ellen virou-se, segurando a mão de Jack, e todos observaram em silêncio quando atravessou o portão do priorado e desapareceu na penumbra do anoitecer.

Parte dois

1136-1137

Capítulo 5

Depois que Ellen se foi, os domingos eram muito quietos na casa de hóspedes. Alfred jogava futebol com os garotos da aldeia num campo do outro lado do rio. Martha, que sentia falta de Jack, brincava de faz-de-conta, juntando legumes, fazendo sopa e vestindo uma boneca. Tom trabalhava no projeto da catedral.

Dera a entender a Philip, uma ou duas vezes, que ele deveria pensar no tipo de igreja que queria construir, mas o prior não notara, ou preferira ignorar as implicações.

Tinha muitas coisas na cabeça. Mas Tom pensava em pouca coisa mais, especialmente aos domingos.

Gostava de ficar sentado logo atrás da porta da casa de hóspedes e olhar, por cima do gramado, para as ruínas da catedral. Às vezes fazia esboços em pedaços de lousa, mas a maior parte do trabalho estava na sua cabeça. Sabia que era difícil para a maioria das pessoas visualizar objetos sólidos e espaços complexos, mas ele sempre achava fácil.

Conquistara a confiança e a gratidão de Philip pelo modo como tratara das ruínas; o prior, porém, ainda o via como um simples pedreiro.

Tinha que convencê-lo de que era capaz de projetar e construir uma catedral.

Um domingo, cerca de dois meses após a partida de Ellen, sentiu-se pronto para começar a desenhar.

Fez uma esteira de palha trançada e ramos flexíveis, com cerca de três pés por dois. Prendeu-a cuidadosamente numa moldura de madeira, de modo a fazê-la ficar com os lados mais altos, como uma bandeja. Depois queimou um pouco de cal virgem, misturou com uma pequena quantidade de gesso e encheu a bandeja com a mistura. Quando a argamassa começou a endurecer, desenhcou linhas nela com uma agulha.

Usou a régua de ferro de um pé para as linhas retas, o esquadro para os ângulos retos e seus compassos para as curvas.

Faria três desenhos: um corte, para explicar como a igreja seria construída; uma projeção vertical, para ilustrar suas belas proporções, e uma planta baixa,

para mostrar as acomodações. O primeiro seria o corte.

Imaginou a catedral como um pão comprido, depois cortou a casca da extremidade oeste, para ver do lado de dentro, e começou a desenhar.

Era muito simples. Fez uma arcada alta, com o topo chato. Era a nave, vista da extremidade. Teria um teto chato de madeira, como a igreja velha. Tom preferiria construir uma abóbada de pedra, mas sabia que Philip não teria dinheiro para isso.

Acima da nave desenhou um telhado triangular. A largura do prédio era determinada pela do telhado, que, por sua vez, era limitada pela madeira disponível. Havia dificuldade em arranjar vigas com mais de trinta e cinco pés, mais ou menos e eram extraordinariamente caras. (A madeira boa era tão valiosa que uma árvore costumava ser cortada e vendida pelo dono muito antes de atingir essa altura.) A nave da catedral de Tom provavelmente teria trinta e dois pés de largura, ou duas vezes o comprimento de sua vara de medir.

A nave que desenhara era alta, impossivelmente alta. Mas uma catedral tinha que ser um edifício impressionante, inspirando respeito pelo tamanho, atraindo os olhares para o céu pela altura. Uma das razões pelas quais as pessoas as frequentavam era o fato de as catedrais serem as maiores construções do mundo. Um homem que nunca vira uma catedral podia muito bem passar o resto da vida sem ver nada de muito maior que a choça em que morava.

Lamentavelmente, o prédio que Tom desenhara cairia. O peso do chumbo e da estrutura de madeira do telhado seria demasiado para as paredes, que vergariam para fora e tombariam. Precisavam ser reforçadas.

Por essa razão, desenhou duas arcadas com o topo redondo, da metade da altura da nave, uma de cada lado. Eram as naves laterais. Teriam tetos de pedra recurvados, e como eram mais baixas e mais estreitas, o custo das abóbadas de pedra não seria tão grande. Cada nave lateral teria um telhado de meia-água.

As naves laterais, unidas à nave central pelos tetos abobadados de pedra, proporcionariam algum apoio, mas, por não terem bastante altura, Tom construiria suportes extras, intervalados, no espaço do telhado das naves laterais, acima do teto abobadado e abaixo do telhado de meia-água. Desenhou um desses suportes, um arco de pedra erguendo-se do topo da parede da nave lateral na direção da parede da nave central.

No encaixe onde se sustentava sobre a parede da nave lateral, Tom o reforçou mais ainda com um maciço arco abobante, saliente do lado da igreja. Pôs um torreão por cima dele, para torná-lo mais pesado e bonito.

Não se poderia ter uma igreja tão alta sem os elementos de reforço das naves laterais, suportes extras e arcobotantes, mas isso poderia ser difícil de explicar a um monge, e Tom fizera o desenho para ajudar a esclarecer a idéia.

Desenhou também as fundações, escavadas fundo sob as paredes. Os leigos sempre se surpreendiam com a profundidade dos alicerces.

Era um desenho simples, simples demais para ser de grande utilidade para construtores; porém, estava bom para mostrar ao prior Philip. Tom queria que entendesse o que estivesse sendo proposto, que visualizasse o prédio e ficasse entusiasmado com ele.

É difícil imaginar uma igreja grande e sólida, quando o que se tem à frente são umas poucas linhas riscadas no gesso. Philip precisaria de toda a ajuda que Tom pudesse lhe dar.

As paredes que desenhara pareciam sólidas, vistas de frente, mas não seriam. Tom começou a desenhar uma vista lateral da parede da nave, da perspectiva interna da igreja. Era aberta em três níveis. A metade de baixo dificilmente poderia ser chamada de parede: era uma simples fileira de colunas, os topos unidos por arcos semicirculares. Chamava-se "arcada". Através dos arcos podiam ser vistas as janelas das naves laterais, com suas partes superiores arredondadas. As janelas seriam cuidadosamente alinhadas com os arcos, de modo que a luz exterior pudesse entrar, sem obstrução, dentro da nave. As colunas nos intervalos seriam alinhadas com os arcobotantes das paredes externas.

Acima de cada arco havia uma série de três arcos pequenos, formando a galeria da tribuna. Não deixariam passar luz, pois por trás deles ficaria o telhado em meia-água da nave lateral.

O terceiro nível, acima da galeria, era o do clerestório, assim chamado por ser perfurado com janelas que iluminariam a parte superior da nave.

No tempo em que a velha Catedral de Kingsbridge fora erguida, os pedreiros confiavam na grossura das paredes para construir edifícios resistentes e, temerosos, inseriam janelinhas que mal deixavam passar a luz. Os construtores modernos compreendiam que um prédio seria bastante resistente se as paredes fossem erguidas no prumo perfeito.

Tom desenhara os três níveis da parede da nave - arcada, galeria e clerestório - estritamente na proporção de três por um por dois. A arcada tinha metade da altura da parede, e a galeria, um terço do resto. A harmonia de proporções era tudo numa igreja: transmitia uma sensação subliminar de perfeição a tudo mais. Estudando o desenho terminado, Tom achou que parecia absolutamente gracioso. Mas Philip pensaria da mesma forma? Tom era capaz de enxergar a sucessão de arcos ao longo da extensão da igreja, com suas obras de talha iluminadas pelo sol da tarde... mas Philip veria o mesmo?

Começou o terceiro desenho. Esse era uma planta baixa da igreja. Em sua imaginação via doze arcos na arcada. Dessa forma a igreja seria dividida em doze seções, chamadas "intercolúnios". A nave teria seis, e o coro, quatro. No meio, correspondendo ao espaço do sétimo e do oitavo intercolúnios, ficaria a interseção, com os transeptos se projetando para ambos os lados e a torre se erguendo sobre aquele ponto.

Todas as catedrais e quase todas as igrejas eram cruciformes. A cruz era o símbolo mais importante do cristianismo, claro, mas havia uma razão prática também: os transeptos proporcionavam espaço útil para capelas extras e para atividades administrativas, como a sacristia e a sala do conselho paroquial.

Depois de desenhar a planta baixa simples, Tom retomou ao desenho principal, que mostrava o interior da igreja visto da extremidade oeste. Riscou agora a torre, erguendo-se acima e por atrás da nave.

A torre deveria ter uma vez e meia a altura da nave, ou o dobro. A alternativa mais baixa dava à construção um perfil atraentemente regular, com as naves laterais, a nave central e a torre se erguendo em passos iguais, na proporção de um por dois por três. A torre mais alta causaria um efeito mais impressionante, pois a nave central teria o dobro do tamanho das naves laterais e a torre dobraria a altura da nave, as proporções sendo um por dois por quatro. Tom escolhera esta última: era a única catedral que jamais construiria na vida, e queria que alcançasse o céu. Esperava que Philip se sentisse assim também.

Se o prior aceitasse o desenho, teria que refazê-lo, claro, com mais cuidado e exatamente na escala. E haveria muitos mais, centenas de desenhos: plintos, colunas, capitéis, ressaltos, molduras de portas, torreões, escadas, gárgulas e um número incontável de outros detalhes - Tom desenharia por muitos anos. Mas o que tinha à frente era a essência do prédio, e estava ótimo: simples, pouco dispendioso, gracioso e perfeitamente proporcionado.

Não podia esperar para mostrar a alguém.

Planejara encontrar um momento adequado para mostrá-lo a Philip, mas agora que estava pronto queria que o visse imediatamente.

Será que iria considerá-lo presunçoso? O prior não lhe pedira para fazer um desenho. Talvez estivesse pensando em outro mestre construtor, alguém de quem tivesse ouvido falar, que houvesse trabalhado em outro mosteiro e se saído bem. Poderia zombar das aspirações de Tom.

Por outro lado, se não lhe mostrasse nada, poderia presumir que ele não era capaz de fazer um projeto e contratar outra pessoa, sem sequer levá-lo em consideração.

Tom não estava preparado para correr esse risco: preferia que o considerasse presunçoso.

A tarde ainda estava clara. Era hora de estudo no claustro. Philip estaria na casa do prior, lendo a Bíblia. Tom decidiu ir até ali e bater à sua porta.

Carregando sua prancha cuidadosamente, deixou a casa de hóspedes.

Ao passar pelas ruínas, a perspectiva de construir uma nova catedral de repente pareceu assustadora: tanta pedra, tanta madeira, tantos artesãos, tantos anos. Teria que controlar tudo, assegurar a existência de um fluxo regular de suprimento de materiais, inspecionar a qualidade da madeira e da pedra, contratar e despedir homens, verificar incessantemente o trabalho deles com seu nível e fio

de prumo, fazer gabaritos para as molduras, projetar e construir máquinas para erguer pesos...

Perguntou-se se realmente seria capaz disso.

Pensou então como seria emocionante criar algo do nada; ver um dia, no futuro, uma nova igreja ali, onde agora nada havia senão escombros, e dizer: Eu a construí.

Havia também outro pensamento na sua cabeça, escondido num canto empoeirado, algo que nem a si próprio estava disposto a admitir. Agnes morrera sem um padre, e fora enterrada em solo não consagrado. Gostaria de voltar ao seu túmulo, fazer com que um padre dissesse algumas orações e talvez colocar uma pequena lápide; porém temia que, se chamasse a atenção para sua sepultura, de algum modo viesse a público a história do abandono do bebê. Abandonar um bebê para que morresse era considerado assassinato. À medida que as semanas iam se passando, preocupava-se mais e mais com a alma de Agnes, se estaria ou não num bom lugar. Tinha medo de perguntar a um sacerdote porque não queria dar detalhes. Mas se consolara com a idéia de que, se construísse uma catedral, Deus certamente o favoreceria; e ele pensava que talvez pudesse pedir que Agnes recebesse o benefício do favor, em vez dele próprio. Se pudesse dedicar seu trabalho na catedral à mulher, sentia que sua alma estaria segura, que ela poderia descansar em paz.

Chegou à casa do prior. Era uma pequena construção de pedra, de um só andar. A porta estava aberta, embora fosse um dia frio. Hesitou por um momento. Calmo, competente, instruído, capaz, disse a si próprio. Um mestre em todos os aspectos da construção moderna. Exatamente o homem em quem você confiaria de bom grado.

Entrou. Havia apenas um cômodo. De um lado, a cama grande, luxuosamente forrada; do outro, um pequeno altar, com um crucifixo e um candelabro. O prior Philip estava junto à janela, lendo uma folha de pergaminho, com a expressão preocupada. Levantou a cabeça e sorriu para Tom.

- O que você tem aí?

- Desenhos, padre - respondeu Tom, fazendo a voz soar grave e tranquilizadora. - Para uma nova catedral. Posso lhe mostrar?

Philip pareceu surpreso, mas curioso.

- Por favor.

Havia um grande atril a um canto. Tom pegou-o, colocando-o à luz da janela, e acomodou a prancha de gesso no suporte angular. Philip olhou o desenho. Tom observou seu rosto. Podia apostar que nunca vira uma projeção vertical, uma planta baixa ou uma seção de um prédio. A expressão do prior era de quem estava intrigado.

Tom começou a explicar. Apontou para a projeção vertical.

- Você está de pé no centro da nave central, olhando para a parede - disse.

- Aqui estão os pilares da arcada. Junto deles, os arcos. Através dos arcos podem-se ver as janelas na nave lateral. Acima da arcada é a galeria da tribuna, e, mais acima, estão as janelas do clerestório.

A expressão de Philip clareou quando ele entendeu. Aprendia depressa. Olhou para a planta baixa, e Tom pôde ver que o deixava igualmente intrigado.

- Quando andarmos pelo local da obra - disse Tom e marcarmos onde as paredes serão construídas e onde os pilares encontrarão o chão, bem como a posição das portas e dos arcobotantes, teremos uma planta como esta, que nos dirá onde colocar as estacas e as cordas.

Mais uma vez a compreensão desanuviou o rosto de Philip. Não era nada mau, pensou Tom, que tivesse alguma dificuldade para entender os desenhos; dava-lhe a chance de mostrar-se confiante e competente. Por fim o prior voltou-se para o corte transversal. Tom explicou:

- Aqui está a nave, no meio, com teto de madeira. Atrás dela fica a torre. Aqui se vêem as naves laterais, uma à direita, a outra à esquerda. Nas superfícies externas das naves laterais ficam os arcobotantes.

- Parece esplêndido - disse Philip.

Tom podia garantir que o desenho do corte transversal o deixara particularmente impressionado, com a parte interna da igreja aberta para ser vista, como se a extremidade oeste tivesse sido girada para o lado, como a porta de um armário, a fim de revelar o interior.

Philip examinou de novo a planta baixa.

- A nave central só tem seis intercolúnios?

- Sim, e o coro, quatro.

- Não é um tanto pequena?

- O priorado poderia arcar com as despesas de uma construção maior?

- Não posso arcar com despesa nenhuma - disse Philip. - Não suponho que você tenha idéia de quanto custaria.

- Sei exatamente quanto custaria - afirmou o construtor. Viu surpresa no rosto do prior: ele não se dera conta de que Tom fosse capaz de fazer contas. Passara muitas horas calculando os custos do seu desenho até o último *penny*. No entanto, forneceu a Philip um número redondo. - Não custaria mais que três mil libras.

Philip forçou uma risada.

- Passei as últimas semanas calculando a renda anual do priorado. - Indicou a folha do pergaminho que lia tão ansiosamente quando Tom entrara. - Aqui está a resposta. Trezentas libras por ano. E gastamos tudo.

Tom não se surpreendeu. Era óbvio que o priorado fora mal administrado no passado. Tinha fé em que Philip reformaria suas finanças.

- Encontrará o dinheiro, padre - disse. - com a ajuda de Deus - acrescentou piedosamente.

Philip retornou a atenção aos desenhos, não parecendo convencido.

- Quanto tempo levaria para ser construída?

- Depende de quantas pessoas se empregam - disse Tom. - Contratando trinta pedreiros, ajudados por um número suficiente de serventes, aprendizes, carpinteiros e ferreiros, pode levar quinze anos: um para os alicerces, quatro para o coro, quatro para os transeptos e seis para a nave.

Mais uma vez Philip ficou impressionado.

- Gostaria que meus auxiliares no mosteiro tivessem sua capacidade de planejar e calcular - disse. Estudou os desenhos pensativamente. — Então preciso encontrar duzentas libras por ano. Não parece tão ruim, dito desse modo. - Calou-se, considerando o assunto. Tom sentiu-se animado: o prior começava a pensar naquilo como um projeto viável, não apenas como um desenho abstrato.

- Suponha que eu pudesse gastar mais. Seria possível construir mais depressa?

- Até certo ponto - respondeu Tom precavidamente. Não queria que Philip ficasse otimista demais: podia se desiludir. Podem-se empregar sessenta pedreiros, e construir toda a igreja de uma só vez, em lugar de trabalhar de leste para oeste; nesse caso poderia levar oito ou dez anos. Um número maior que sessenta, num prédio desse tamanho, e os homens começariam a se atrapalhar uns aos outros, fazendo o trabalho ficar mais demorado.

Philip assentiu: parecia compreender aquilo sem dificuldade.

- Ainda assim, mesmo só com trinta pedreiros, eu poderia ter a extremidade leste pronta em cinco anos.

- Sim, e poderia usá-la para os cultos religiosos, juntamente com um novo santuário para os ossos de santo Adolfo.

- É mesmo. - Philip agora estava realmente entusiasmado. - Eu pensava que se passariam décadas até que pudéssemos ter uma nova igreja. Lançou um olhar astuto para Tom. - Você já construiu uma catedral antes?

- Não, embora tenha projetado e construído igrejas menores. Mas trabalhei na Catedral de Exeter por diversos anos, terminando como assistente do mestre construtor.

- Você quer construir essa catedral, não quer?

Tom hesitou. Era melhor ser franco com Philip; o homem não tinha paciência com mentiras.

- Sim. Quero que me designe mestre construtor - respondeu, tão calmamente quanto pôde.

- Por quê?

Tom não antecipara aquela pergunta. Havia tantos motivos! Porque tenho visto igrejas mal construídas, e sei que poderia fazer um trabalho melhor, pensou. Porque não há nada mais gratificante para um mestre artesão que exercitar seu talento, a não ser, talvez, fazer amor com uma bela mulher. Porque uma coisa

dessas dá sentido a vida de um homem. Que resposta Philip queria ouvir? O prior provavelmente gostaria que dissesse algo piedoso. Arrojadamente, decidiu falar a verdade.

- Porque será bonita.

Philip encarou-o estranhamente. Tom não saberia dizer se estava furioso, ou qualquer outra coisa.

- Porque será bonita - repetiu o prior. O construtor começou a achar que aquela era uma razão tola, e decidiu falar mais alguma coisa, só que não foi capaz de optar por nada. Então percebeu que Philip não estava sendo cético, em absoluto - estava comovido. As palavras de Tom lhe tocaram o coração. Finalmente o prior assentiu, como que concordando, após alguma reflexão. - Sim. E o que poderia ser melhor do que fazer algo bonito para Deus?

Tom permaneceu em silêncio. Philip não dissera: Sim, você será o mestre construtor. Tom esperou. Philip pareceu chegar a uma decisão.

- Vou com o bispo Waleran ver o rei em Winchester daqui a três dias - disse. - Não sei exatamente o que o bispo planeja, mas estou certo de que iremos pedir ao rei Estevão que nos ajude a construir uma nova catedral para Kingsbridge.

- Vamos esperar que atenda ao seu pedido - disse Tom.

- Ele nos deve um favor - disse Philip, com um sorriso enigmático. - Tem que nos ajudar.

- E se ajudar?

- Acho que Deus me mandou você com um propósito, Tom Construtor - disse Philip. - Se o rei Estêvão nos der o dinheiro, poderá construir a igreja.

Foi a vez de Tom se comover. Não sabia o que dizer. Fora-lhe concedido o sonho de sua vida - mas condicionalmente. Tudo dependia de Philip conseguir a ajuda do rei.

Concordou, aceitando a promessa e o risco.

- Muito obrigado - disse.

O sino tocou para as vésperas. Tom apanhou a prancha.

- Você precisa disso? - perguntou o prior.

Tom percebeu que seria uma boa idéia deixar os desenhos ali. Serviriam como um lembrete constante para Philip.

- Não, não preciso - respondeu. - Tenho tudo na cabeça.

- Ótimo. Eu gostaria de ficar com os desenhos aqui.

Tom acenou com a cabeça, despedindo-se, e se dirigiu para a porta.

Ocorreu-lhe que se não perguntasse sobre Agnes agora, provavelmente nunca perguntaria. Voltou-se.

- Padre?

- Sim?

- Minha primeira mulher... Agnes, era como se chamava... ela morreu sem

um padre, e está enterrada em solo não consagrado. Não tinha pecado, foram só... as circunstâncias. Eu queria saber... às vezes um homem constrói uma capela, ou funda um mosteiro, na esperança de que, na outra vida, Deus se lembre de sua piedade. Acha que meu projeto poderia servir para proteger a alma de Agnes?

Philip ficou sério.

- O pedido feito a Abraão foi para que sacrificasse seu filho único. Deus não pede mais sacrifícios de sangue, pois o sacrifício supremo já foi feito. Mas a lição da história de Abraão é que Deus exige o que de melhor temos a oferecer, aquilo que nos seja mais precioso. Esse projeto é a melhor coisa que você pode oferecer a Deus?

- A não ser pelos meus filhos, é.

- Então fique calmo, Tom Construtor. Deus o aceitará.

Philip não fazia idéia do motivo pelo qual Waleran Bigod quisera encontrá-lo nas ruínas do castelo do conde Bartholomew.

Tinha sido obrigado a viajar até a cidade de Shinng, passar a noite lá, e seguir de manhã para Earlscastle. Agora, enquanto o cavalo trotava na direção do castelo, cujo vulto aparecia diante dele em meio à neblina matinal, chegou à conclusão de que fora uma questão de conveniência: Waleran também estava viajando, e ali seria o lugar mais próximo de Kingsbridge por onde passaria; quanto ao castelo, era um ponto de referência fácil.

O prior quisera saber mais a respeito do que Waleran planejava. Não via o bispo desde o dia em que inspecionara as ruínas da catedral. Waleran não sabia de quanto dinheiro Philip precisava para construir a igreja, e Philip não tinha idéia do que Waleran planejava pedir ao rei. O bispo gostava de manter em segredo os seus planos. O que deixava Philip nervosíssimo.

Estava satisfeito por ter sabido, com Tom Construtor, o que seria preciso para construir a nova catedral, mesmo que a cifra fosse deprimente. Ainda bem que Tom se encontrava por perto. Ele era um homem de surpreendentes potencialidades. Mal podia ler ou escrever, mas era capaz de desenhar uma catedral, riscar projetos, calcular o número de homens e o tempo necessário para construir, além de avaliar o custo completo de tudo. Era sossegado, mas a despeito disso tinha uma presença de impor respeito: muito alto, o rosto barbado curtido pela exposição ao ar livre, olhos penetrantes e testa alta. Philip às vezes se sentia ligeiramente intimidado por ele, e tentava disfarçar isso adotando um Tom de voz enérgico. Mas Tom era muito sério, e de qualquer modo não imaginava que o prior o achasse assustador. A conversa sobre a mulher dele fora tocante, revelando uma piedade que até então não se evidenciara. Era uma dessas pessoas que guardam a fé religiosa no fundo do coração. Às vezes são as melhores.

A medida que Philip ia se aproximando de Earlscastle, sentia-se cada vez

mais contrafeito. Aquilo fora um castelo próspero, defendendo a região rural que o cercava, empregando e alimentando grande número de pessoas. Agora estava destruído, e as choças agrupadas ao redor, desertas, como ninhos vazios nos ramos desfolhados de uma árvore no inverno. E ele, Philip, era o responsável por aquilo. Revelara a conspiração sendo tramada ali, e trouxera a ira de Deus, na forma de Percy Hamleigh, sobre o castelo e seus habitantes. As muralhas e o portão não haviam sido seriamente danificados na luta, observou. O que significava que talvez os atacantes tivessem conseguido entrar antes que os portões pudessem ser fechados. Fez o cavalo atravessar a ponte de madeira e entrou no primeiro dos dois conjuntos. Ali os indícios da batalha eram mais evidentes: a não ser pela capela de pedra, tudo o que restava das construções do castelo eram uns poucos tocos de madeira calcinada, espetados no chão, e um discreto remoinho de cinzas soprando ao longo da base da muralha.

Não havia sinal do bispo. Philip atravessou o primeiro conjunto e a ponte no lado mais distante, passando para o segundo, mais acima. Ali havia uma maciça fortaleza de pedra, com uma escada de madeira aparentemente insegura que conduzia à entrada do segundo andar. Philip contemplou o trabalho de pedra, com sua aparência desagradável, e as seteiras: nada daquilo pudera proteger o conde Bartholomew.

Através das seteiras ele poderia ficar de olho na muralha do castelo e aguardar a chegada do bispo. Amarrou o cavalo ao corrimão da escada e subiu.

A porta se abriu ao toque da sua mão. Ele entrou. O salão grande estava escuro e empoeirado, e as velas de sebo no chão, secas como ossos. Havia uma lareira, apagada, e uma escada em espiral para o andar de cima. Philip foi dar uma olhada numa das seteiras. Viu que não dava para enxergar grande coisa e decidiu passar para o andar superior.

No topo da escada em espiral, defrontou-se com duas portas. Supôs que a menor fosse a da latrina, e a maior a do quarto do conde. Entrou pela maior.

O quarto não estava vazio. Bem no meio dele, encarando-o, havia uma jovem de extraordinária beleza. Por um momento pensou que estivesse tendo uma visão, e seu coração disparou. Tinha uma farta cabeleira escura emoldurando o rosto sedutor. Encarou-o com os grandes olhos escuros, e Philip percebeu que estava tão assustada quanto ele. Acalmou-se, e estava prestes a dar mais um passo, quando foi agarrado por trás e sentiu a lâmina fria de uma faca no pescoço. Uma voz masculina perguntou:

- E quem diabo é você?

A garota adiantou-se na sua direção.

- Diga seu nome, ou Matthew o matará - ordenou. Suas maneiras demonstravam ser nobre de nascimento, mas nem mesmo os nobres podem ameaçar monges.

- Diga a Matthew para tirar as mãos de cima do prior de Kingsbridge; caso

contrário será pior para ele - retrucou Philip calmamente.

Foi libertado. Olhou por cima do ombro e viu um homem franzino, mais ou menos da sua idade. Aquele tal de Matthew presumivelmente saíra da latrina.

Voltou-se para a garota. Aparentava ter uns dezessete anos. A despeito dos modos altivos, encontrava-se miseravelmente vestida. Enquanto a examinava, uma arca encostada à parede se abriu e de dentro dela saiu um rapazola que parecia encapulado. Segurava uma espada. Metera-se dentro da arca para surpreendê-lo ou então para se esconder mesmo. Philip não saberia dizer.

- E quem é você? - perguntou.

- Sou a filha do conde de Shiring, e meu nome é Aliena.

A filha!, pensou Philip. Eu não sabia que ainda estava morando ali. Virou-se para o rapaz. Devia ter uns quinze anos e se parecia com ela, a não ser pelo nariz arrebitado e pelo cabelo curto. Philip ergueu uma das sobancelhas para ele.

- E sou Richard, o herdeiro do condado - disse, numa voz insegura de adolescente.

- E eu, Matthew, o administrador do castelo - disse o homem atrás do prior.

Os três estavam escondidos ali desde que o conde Bartholomew fora capturado, percebeu Philip. O administrador cuidava das crianças: devia ter um estoque de gêneros ou dinheiro escondido. Philip dirigiu-se a Aliena.

- Sei onde está seu pai, mas o que me diz de sua mãe?

- Ela morreu há muitos anos.

Philip sentiu uma pontada de culpa. As crianças eram virtualmente órfãs, e, em parte, graças a ele.

- Mas não têm parentes para cuidar de vocês?

- Estou tomando conta do castelo até que meu pai retorne - disse ela.

Estavam vivendo num mundo de sonhos, constatou Philip. Ela tentava viver como se ainda pertencesse a uma família rica e poderosa. com o pai prisioneiro e em desgraça, era tão somente uma garota qualquer. O menino não era herdeiro de nada. O conde Bartholomew jamais voltaria para aquele castelo, a não ser que o rei decidisse enforcá-lo ali. Sentiu pena de Aliena, mas de certo modo admirou também a força de vontade que sustentava sua fantasia e ainda fazia com que duas outras pessoas dela partilhassem. Poderia ter sido uma rainha, pensou. Ouviram um tropel de cascos na madeira vindo de fora: diversos cavalos atravessavam a ponte. Aliena perguntou a Philip:

- O que veio fazer aqui?

- É só um encontro - disse ele. Virou-se e deu um passo na direção da porta. Matthew ficou no seu caminho. Por um momento permaneceram imóveis, se encarando. As quatro pessoas dentro do quarto compuseram um quadro vivo. Philip perguntou-se se iam tentar impedi-lo de sair. Então o camareiro afastou-se.

- Não diga a ninguém que estamos aqui - disse.

Philip viu que Matthew percebia a irreabilidade da posição deles.

- Por quanto tempo permanecerão? - perguntou.

- Quanto pudermos - foi a resposta.

- E quando tiver que ir embora? O que fará então?

- Não sei.

Philip assentiu.

- Guardarei seu segredo - disse.

- Obrigado, padre.

Philip atravessou o hall poeirento. Olhando para baixo, viu Waleran e duas outras pessoas conduzindo os cavalos para junto do seu. O bispo envergava uma capa pesada e um gorro de pele, ambos guarnecidos de pele preta. Virou-se para cima e Philip o fitou nos olhos claros.

- Senhor bispo - disse respeitosamente. Desceu a escada de madeira. A imagem da virginal garota do quarto no segundo andar ainda estava vívida em sua mente, e teve ímpetos de sacudir a cabeça para se livrar dela.

Bigod desmontou. Tinha os mesmos companheiros da outra vez: o deão Baldwin e o homem de armas. Cumprimentou-os com um meneio de cabeça, e em seguida ajoelhou-se e beijou a mão de Waleran.

O bispo aceitou a homenagem mas não exagerou: recolheu rapidamente a mão. Era o poder em si, e não seus acessórios, que amava.

- Sozinho, Philip? - perguntou ele.

- Sim. O priorado é pobre, e uma escolta para mim é uma despesa desnecessária. Quando fui prior de St.-John-in-the-Forest nunca tive escolta e ainda estou vivo.

Waleran deu de ombros.

- Venha comigo - disse. - Quero lhe mostrar uma coisa. - Ele atravessou o pátio na direção da torre mais próxima. Philip o seguiu. O bispo entrou pela portinha baixa na base da torre e galgou a escada interna. Havia morcegos pendurados no teto, e Philip baixou a cabeça para não esbarrar neles.

Alcançaram o topo da torre e ficaram nas ameias, contemplando a terra que os cercava.

- Este é um dos menores condados do reino - disse Waleran.

- É verdade - Philip estremeceu. Era frio e úmido o vento ali em cima, e sua capa não era grossa como a de Waleran. Perguntou-se o que o bispo estaria querendo.

- Uma parte desta terra é boa, mas uma grande área é composta de florestas e elevações rochosas.

- Sim. - Num dia claro poderiam ver muitos acres de floresta e terra cultivável, mas agora, não obstante a neblina matinal já ter desaparecido, mal conseguiam enxergar o limite mais próximo da floresta ao sul e os campos planos em torno do castelo.

- Este condado tem também uma imensa pedreira que produz pedra calcária de primeira classe - prosseguiu Waleran. — Suas florestas contêm muitos acres de boa madeira. E suas fazendas geram considerável riqueza. Se este condado fosse nosso, Philip, poderíamos construir nossa catedral.

- Se os porcos tivessem asas, poderiam voar - disse Philip.

- Oh, homem de pouca fé!

Philip encarou Waleran.

- Fala sério?

- Muito.

Mesmo encarando aquela declaração com ceticismo, Philip sentiu uma pequenina centelha de esperança. Se ao menos fosse verdade! Mas disse:

- O rei precisa de apoio militar. Dará o condado a quem puder liderar cavaleiros em combates.

- O rei deve sua coroa à Igreja, e a vitória sobre Bartholomew a você e a mim. Cavaleiros não são tudo o que precisa.

Waleran estava falando sério mesmo, concluiu o prior. Seria possível? O rei daria o condado de Shiring à Igreja, para financiar a reconstrução da Catedral de Kingsbridge?

Difícil de acreditar, apesar dos argumentos de Waleran. Mas Philip não podia deixar de pensar em como seria maravilhoso ter a pedra, a madeira e o dinheiro para pagar os artesãos, tudo entregue a ele de bandeja; lembrou-se de que Tom Construtor dissera ser possível contratar sessenta pedreiros e terminar a obra em oito ou dez anos. A simples idéia era fascinante.

- Mas e o antigo conde? - perguntou Philip.

- Bartholomew confessou sua traição. Nunca negou a trama, mas por algum tempo sustentou que o que fez não era traição, com base no argumento de Estêvão ser um usurpador. No entanto, o torturador do rei finalmente o dobrou.

Philip estremeceu e tentou não pensar no que deviam ter feito a Bartholomew para que aquele homem tão rígido cedesse. Expulsou o pensamento da cabeça.

- O condado de Shiring - murmurou para si próprio.

O pedido era incrivelmente ambicioso, mas a idéia o empolgava. Sentiu-se cheio de otimismo irracional.

Waleran olhou para o céu.

- Vamos andando - disse. - O rei nos espera depois de amanhã.

William Hamleigh examinou os dois religiosos do seu esconderijo, atrás das ameias da outra torre. Conhecia a ambos. O alto, que parecia um corvo, com seu nariz pontudo e capa negra, era o novo bispo de Kingsbridge. O pequeno, de ar enérgico, cabeça raspada e brilhantes olhos azuis era o prior Philip. Gostaria de saber o que estavam fazendo ali.

Vira o monge chegar, olhar em torno como se esperasse encontrar alguém ali e depois entrar na fortaleza. William não podia adivinhar se o prior havia encontrado ou não as três pessoas que moravam ali - estivera apenas alguns momentos no seu interior, e talvez tivessem se escondido. Assim que o bispo chegara, o prior Philip saía da fortaleza e os dois juntos galgaram a outra torre. Agora o bispo estava gesticulando na direção das terras que cercavam o castelo, com certo ar de proprietário. Pelo jeito deles e pelo modo como gesticulava, William podia afirmar que o bispo estava entusiasmado e o monge, cético. Tramavam alguma coisa, não tinha a menor dúvida.

No entanto, não fora ali para espioná-los, e sim para espiar Aliena.

Fazia isso com frequência cada vez maior. A lembrança dela o atormentava o tempo todo, e ele tinha devaneios involuntários, nos quais a encontrava amarrada e nua num campo de trigo, ou acovardada como um cachorrinho assustado num canto do quarto dele, ou ainda perdida na floresta, tarde da noite. Chegava a um ponto que tinha de vê-la em carne e osso. Pegava o cavalo e ia até Earls castle de manhã bem cedo. Deixava Walter, o criado, tomando conta dos cavalos na floresta, e atravessava o campo até o castelo a pé. Esgueirava-se para o lado de dentro e escolhia um esconderijo de onde pudesse observar a fortaleza e o conjunto superior. Às vezes precisava esperar muito tempo para vê-la. Era uma prova de fogo para sua paciência. Voltar sem tê-la visto uma só vez era insuportável, de modo que sempre ficava. Então, quando ela aparecia, sua garganta secava, o coração batia mais depressa e a palma das mãos ficava molhada de suor. Quase sempre estava com o irmão ou com o camareiro efeminado, mas às vezes aparecia sozinha. Uma tarde, no verão, quando a esperara desde a madrugada, ela fora até o poço, pegara um pouco de água e tirara a roupa para se lavar. Só a lembrança daquela visão o inflamou todo mais uma vez. Aliena tinha seios grandes e empinados, que se moviam de maneira provocante quando erguia os braços para esfregar sabão no cabelo. Os mamilos ficaram deliciosamente contraídos quando jogou água fria pelo corpo. Tinha um tufo surpreendentemente grande de pêlos escuros e crespos entre as pernas, e quando se lavou ali, esfregando-se vigorosamente com a mão ensaboada, William perdeu o controle e ejaculou.

Nada de tão bom acontecera desde então, e certamente ela não se lavaria no inverno, mas tinha havido delícias menores. Quando estava só, Aliena cantava, ou então falava consigo mesma. William a vira trançar o cabelo, dançar e correr atrás dos pombos, como uma criancinha. Ao observá-la secretamente, fazendo aquelas pequenas coisas íntimas, tinha uma deliciosa sensação de poder sobre ela.

Aliena não apareceria enquanto o bispo e o monge estivessem ali, claro. Por sorte não ficaram muito tempo. Desceram da torre rapidamente e, poucos momentos depois, junto com seus acompanhantes, cavalgavam fora do castelo.

Teriam ido ali só para contemplar a paisagem das ameias da torre? Se fosse o caso, o tempo devia tê-los deixado frustrados.

Matthew tinha saído para apanhar lenha antes de os visitantes chegarem. Ele cozinhava na fortaleza. Em breve sairia outra vez para apanhar água no poço. William achava que tomavam sopa, pois não tinham forno para assar pão. Mais tarde o camareiro deixava o castelo, às vezes levando consigo o menino. Uma vez que houvessem saído, seria apenas uma questão de tempo Aliena aparecer.

Quando se aborrecia com a espera, William evocava a visão dela se lavando. A lembrança da cena era quase tão boa quanto a cena verdadeira. Nesse dia, porém, sentia-se inquieto. A visita do bispo e do prior parecia ter poluído a atmosfera. Até então houvera um ar de encantamento envolvendo o castelo e seus três habitantes, mas a chegada daqueles homens totalmente não mágicos, em seus cavalos lamacentos, quebrara o encanto. Era como ser perturbado por um barulho em meio a um sonho maravilhoso: por mais que tentasse, não conseguia continuar dormindo. Por um momento tentou adivinhar o que os visitantes podiam estar querendo, mas não conseguiu. Havia uma pessoa que provavelmente conseguiria resolver a questão: sua mãe.

Decidiu abandonar Aliena por aquele dia, voltar para casa e contar o que vira.

Eles chegaram a Winchester ao cair da noite do segundo dia. Entraram pelo Portão do Rei, na muralha sul da cidade, e foram diretamente para o adro da catedral. Ali se separaram. Waleran foi para a residência do bispo de Winchester, um palácio edificado em terreno próprio, adjacente ao adro da catedral. Philip foi apresentar seus respeitos ao prior e pedir um colchão no dormitório dos monges.

Após três dias na estrada, Philip achou a calma e o silêncio do mosteiro tão reconfortantes quanto uma fonte de água fresca num dia quente. O prior de Winchester era um homem roliço e pachorrento, com a pele cor-de-rosa e o cabelo branco. Convidou Philip para cear com ele na sua casa. Enquanto comiam, falaram a respeito dos respectivos bispos. O prior de Winchester tinha evidente pavor do bispo Henry, e era completamente subserviente. Philip conjecturou que, quando se tem um bispo tão rico e poderoso como Henry, não se ganha nada brigando com ele. Assim mesmo, não tencionava ficar tão à mercê do seu bispo.

Dormiu como uma pedra e se levantou à meia-noite para as matinas.

Quando entrou na Catedral de Winchester pela primeira vez começou a se sentir intimidado.

O prior lhe dissera que era a maior igreja do mundo, e, ao vê-la, acreditou que fosse mesmo. Media um oitavo de milha de comprimento; Philip vira aldeias que caberiam dentro dela. Tinha duas grandes torres, uma sobre a interseção e outra na ponta oeste. A torre central ruíra trinta anos antes sobre a tumba de

Guilherme II, o Ruivo - um rei ímpio que, para começar, provavelmente não deveria ter sido enterrado dentro de uma igreja, porém, fora reconstruída depois. De pé, diretamente embaixo da torre nova, cantando as matinas, Philip sentiu que toda a edificação tinha um ar de imensa dignidade e força. A catedral que Tom projetara seria modesta por comparação se viesse a ser construída. Percebeu agora que estava se movendo no mais alto dos círculos, e se sentiu nervoso. Era apenas um garoto de uma aldeia galesa nas montanhas que teve a boa sorte de se tornar monge. Nesse dia falaria com o rei. O que lhe dava esse direito?

Voltou para a cama com os outros monges, mas não dormiu, preocupado. Tinha medo de que pudesse dizer ou fazer algo que ofendesse o rei Estêvão ou o bispo Henry e colocá-los contra Kingsbridge. As pessoas nascidas na França frequentemente debochavam do modo como os ingleses falavam sua língua: o que pensariam então de um sotaque galês? No mundo monástico, Philip sempre fora julgado pela sua piedade, obediência e devoção ao serviço de Deus. Essas coisas de nada valiam ali, na capital de um dos maiores reinos do mundo. Sentia-se desorientado. Oprimia-o a sensação de que era algum tipo de impostor, um João-ninguém fingindo ser alguém, e que com toda a certeza seria descoberto prontamente e despachado de volta para casa em desgraça.

Levantou-se de madrugada, foi rezar as primas e depois fez o desjejum no refeitório. Os monges comeram pão branco com cerveja: era um mosteiro rico. Após o desjejum, quando foram para o cabido, Philip dirigiu-se ao palácio do bispo, um belo edifício de pedra com grandes janelas, cercado por diversos acres de jardim protegido por uma muralha.

Waleran confiava que obteria o apoio do bispo Henry para o seu audacioso esquema. Henry era tão poderoso que sua ajuda tornaria tudo possível. Ele era Henry de Blois, o irmão mais moço do rei. Além do clérigo mais bem relacionado na Inglaterra, era o mais rico, pois também era abade do opulento Mosteiro de Glastonbury. Esperava-se que viesse a ser o próximo arcebispo de Canterbury. Kingsbridge não poderia ter aliado mais poderoso. Talvez realmente venha a acontecer, pensou Philip; talvez o rei nos possibilite construir uma nova catedral. Quando pensava nisso achava que o coração ia estourar de tanta esperança.

Um camareiro disse a Philip que o bispo Henry não devia aparecer antes do meio da manhã. Mas o prior estava muito ansioso para voltar ao mosteiro. Sentindo-se impaciente, resolveu dar uma olhada na maior cidade que já vira.

O palácio do bispo ficava no canto sudeste da cidade. Philip caminhou ao longo da muralha leste, atravessou o terreno de outro mosteiro, a Abadia de St. Mary, e saiu num bairro que parecia dedicado à produção de couro e de lã. A área era cortada por pequenos riachos.

Olhando detidamente, Philip percebeu que não eram naturais, mas sim canais feitos pelo homem, desviando parte do rio Itchen para fluir através das

ruas e suprir as grandes quantidades de água necessárias para curtir couros e lavar lã.

Tais atividades normalmente se instalavam às margens de um rio, e Philip maravilhou-se com a audácia de homens capazes de trazer o rio para suas oficinas, e não o contrário.

A despeito das oficinas, a cidade era mais silenciosa e vazia que qualquer outra que Philip já vira. Lugares como Salisbury ou Hereford pareciam constrangidos pelas suas muralhas, como um homem gordo numa túnica apertada: casas juntas demais, quintais muito pequenos, o mercado apinhado de gente, ruas excessivamente estreitas; e como as pessoas e os animais lutavam por espaço, a idéia que se tinha é que podiam irromper brigas a qualquer momento. Entretanto, Winchester era tão grande que parecia haver espaço para todos. Enquanto caminhava, Philip gradualmente percebeu que o motivo para esse sentimento de amplidão era o fato de as ruas seguirem o padrão de uma grade quadrada. Eram quase todas retas, cruzando-se em ângulos retos. Nunca vira aquilo antes. A cidade deveria ter sido construída segundo um plano.

Havia dúzias de igrejas. Tinham todas as formas e tamanhos, algumas de madeira e outras de pedra, cada uma servindo ao seu pequenino bairro. A cidade devia ser rica, para sustentar tantos sacerdotes.

Caminhar pela Fleshmonger Street fez com que se sentisse vagamente enjoado. Nunca tinha visto tanta carne crua num só lugar. O sangue corria das lojas dos açougueiros para a rua, e ratos gordos desviavam-se dos pés das pessoas que vinham comprar.

A extremidade sul da Fleshmonger abria-se para o meio da High Street, oposta ao velho palácio real. Aquele palácio não era usado pelos reis desde que a nova fortaleza fora construída no castelo, haviam dito a Philip, mas os moedeiros reais ainda cunhavam *pennies* de prata na galeria do prédio, protegidos por grossos paredões e portões com grades de ferro. O prior ficou por algum tempo junto dessas grades, observando as centelhas voarem quando os martelos golpeavam as estampas das moedas, pasmado com toda aquela riqueza bem diante dos seus olhos.

Havia um punhado de outras pessoas observando a mesma coisa. Sem dúvida todos os visitantes de Winchester iam ver aquilo. Uma jovem, nas proximidades, sorriu para Philip, que retribuiu o seu sorriso.

- Você pode fazer qualquer coisa que queira por um *penny* - disse ela.

Ele se perguntou o que estaria querendo dizer, e sorriu vagamente de novo. Então ela abriu a capa e Philip viu, para seu horror, que estava completamente nua por baixo.

- Qualquer coisa que quiser, por um *penny* de prata — disse.

Philip sentiu o vago despertar do desejo, como o fantasma de uma lembrança há muito submergida; percebeu então que era uma prostituta. Sentiu o

rosto ficar rubro de vergonha. Virou-se rapidamente e se afastou.

- Não tenha medo - exclamou ela. - Gosto de uma bela cabeça redonda. - Sua risada zombeteira o seguiu.

Sentindo calor e desconforto, entrou por uma viela e foi sair na praça do mercado. Podia ver as torres da catedral erguendo-se acima dos estandes do mercado. Apressou-se por entre a multidão, surdo às lisonjas dos vendedores, e conseguiu encontrar o caminho de volta para o adro.

Sentiu a calma disciplinada das instalações da igreja como uma brisa fresca. Parou no cemitério para pôr em ordem os pensamentos. Sentia-se envergonhado e ultrajado.

Como aquela mulher se atrevera a tentar um homem com hábito de monge? Obviamente o identificara como um visitante... Seria possível que os monges, quando distantes de seus mosteiros, fossem clientes dela? Claro que sim, concluiu. Monges cometem os mesmos pecados que pessoas comuns. Ele apenas se sentira chocado com a falta de vergonha da mulher. A visão de sua nudez permanecera com ele, do mesmo modo como a chama de uma vela, contemplada fixamente por um instante, permanece ardendo por trás das pálpebras fechadas.

Philip suspirou. Fora uma manhã de imagens vívidas: os riachos construídos pela mão do homem, os ratos nos açougues, as pilhas de moedas de prata recém-cunhadas e o corpo nu da mulher. Por algum tempo, ele o sabia, aquelas imagens retornariam para perturbar suas meditações.

Entrou na catedral. Sentia-se muito sujo para se ajoelhar e rezar, mas de algum modo, só de atravessar a nave na direção da porta sul, sentiu-se purificado. Atravessou o priorado e foi para o palácio do bispo.

O andar térreo era uma capela. Philip subiu a escada do salão e entrou. Havia um pequeno grupo de servos e jovens religiosos perto da porta, de pé ou sentados num banco encostado à parede. Na outra extremidade do salão, Waleran e o bispo Henry estavam sentados a uma mesa. Philip foi detido por um camareiro.

- Os bispos estão fazendo seu desjejum - disse ele, dando a entender que Philip não poderia vê-los.

- Vou me juntar a eles - replicou o prior.

- É melhor esperar - disse o criado.

Philip achou que o homem o tomava por um monge qualquer.

- Sou o prior de Kingsbridge - disse. O camareiro deu de ombros e desviou-se.

Philip aproximou-se da mesa. O bispo Henry estava à cabeceira, com Waleran à sua direita. Henry era um homem baixo, de ombros largos e rosto combativo. Tinha mais ou menos a mesma idade de Waleran, um ou dois anos mais que Philip, não mais que trinta.

No entanto, por comparação com a pele branca como cera de Waleran e o

corpo ossudo de Philip, Henry tinha a tez rosada e os membros arredondados de quem comia bem.

Seus olhos eram vivos e inteligentes, e o rosto mostrava uma expressão determinada.

Como o mais moço de quatro irmãos, provavelmente tivera que lutar por tudo na vida. Philip ficou surpreso ao ver que a cabeça de Henry era raspada a navalha, sinal de que em determinada ocasião ele fizera os votos monásticos e ainda se considerava monge. No entanto, não usava um hábito feito de tecido rústico; na verdade, envergava a mais maravilhosa das túnicas, feita de seda púrpura. Waleran usava uma impecável camisa branca sob a usual túnica negra, e Philip percebeu que ambos estavam vestidos especialmente para a audiência com o rei. Comiam carne fria e bebiam vinho tinto. Philip estava faminto, após a caminhada, e sua boca se encheu de água.

Waleran ergueu a cabeça e, ao vê-lo, um ar de leve irritação cruzou-lhe o rosto.

- Bom dia - disse Philip.

- Este é o meu prior - disse Bigod, dirigindo-se ao bispo. Philip não gostou muito de ser descrito como o prior de Waleran e disse:

- Philip de Gwynedd, prior de Kingsbridge, senhor bispo. — Chegou a pensar em beijar a mão coberta de anéis de Henry, mas este limitou-se a dizer:

- Esplêndido. - E comeu outro pedaço de carne. Ele continuou de pé, meio sem jeito. Não iam convidá-lo para sentar?

- Nós nos juntaremos a você em pouco tempo, Philip — disse-lhe Waleran.

O prior percebeu que estava sendo dispensado. Virou-se, humilhado.

Retornou ao grupo nas proximidades da entrada.

O camareiro que tentara impedi-lo sorriu para ele, com uma expressão que dizia: Não disse? Philip manteve-se separado dos demais. De repente sentiu vergonha do hábito marrom, cheio de manchas, que usava dia e noite há seis meses. Os monges beneditinos costumam tingir o hábito de preto, mas Kingsbridge desistira disso havia muito tempo para economizar dinheiro. Philip sempre acreditara que envergar roupas finas era pura vaidade, algo inteiramente inadequado para qualquer homem de Deus, não importava quão alto fosse seu escalão; porém, agora via a vantagem. Talvez não fosse tratado tão mal se estivesse vestido de seda e peles.

Ah, bem, pensou, um monge deve ser humilde, de modo que isto há de ser bom para a minha alma.

Os dois bispos se levantaram, dirigindo-se para a porta. Um ajudante entregou a Henry um manto vermelho guarnecido de finos bordados e franjas de seda. Enquanto o vestia, o bispo lhe disse:

- Você hoje não terá muito o que falar, Philip.

- Deixe o pedido por nossa conta - acrescentou Waleran.

- Deixe-o comigo - disse Henry, enfatizando levemente a última palavra. - Se o rei lhe fizer uma ou duas perguntas, responda com sinceridade, sem querer enfeitar demais os fatos. Ele compreenderá sua necessidade de uma igreja nova sem que tenha de chorar e se lamentar.

Philip não precisava que lhe dissessem aquilo. Henry estava sendo desagradavelmente condescendente. No entanto, assentiu com a cabeça e ocultou o ressentimento.

- É melhor irmos - disse Henry. - Meu irmão acorda cedo, e é provável que conclua os negócios do dia rapidamente e depois vá caçar em New Forest.

Saíram. Um homem de armas, com uma espada e um bastão, seguiu à frente de Henry na caminhada até a High Street e depois na subida da colina, no rumo do Portão Oeste.

As pessoas abriam caminho para os dois bispos, mas não para Philip, que terminou andando atrás deles. De vez em quando alguém pedia uma bênção, e Henry fazia o Sinal-da-Cruz no ar, sem diminuir o passo. Pouco antes do portão eles viraram e atravessaram a ponte de madeira que cruzava o fosso do castelo. A despeito de lhe assegurarem que não precisaria falar muito, Philip sentia um frio na barriga: estava prestes a ver o rei.

O castelo ocupava o canto sudoeste de Winchester. Suas muralhas oeste e sul eram parte da muralha da cidade. Mas as muralhas que separavam os fundos do castelo da cidade não eram menos altas e fortes que as exteriores, como se o rei precisasse de tanta proteção contra seus cidadãos como contra o mundo exterior.

Entraram por um portão baixo na muralha e imediatamente deram com a imponente fortaleza que dominava aquele lado do conjunto. Era uma formidável torre quadrada.

Contando as seteiras, Philip verificou que tinha quatro andares. Como era usual, o andar térreo consistia em depósitos, e uma escada externa levava à entrada do andar de cima. Um par de sentinelas ao pé da escada fez reverência quando Henry passou.

Entraram no salão. Havia velas pelo chão, uns poucos bancos em reentrâncias da parede de pedra, alguns bancos de madeira e uma lareira. A um canto, dois homens de armas guardavam uma escada encaixada na parede e que dava acesso ao outro andar. Um deles captou de imediato o olhar do bispo Henry. Balançou a cabeça e subiu a escada, presumivelmente para dizer ao rei que seu irmão o estava esperando.

Philip chegava a se sentir aturdido, de tanta ansiedade. Nos minutos seguintes todo o seu futuro poderia ser decidido. Gostaria de se sentir melhor a respeito dos seus aliados. Gostaria de ter passado a manhã rezando para ter sucesso, e não vagando por Winchester. Gostaria de ter um hábito limpo.

Havia vinte ou trinta outras pessoas no salão, na grande maioria homens.

Pareciam uma mistura de cavaleiros, sacerdotes e prósperos habitantes da cidade. De repente, o prior estremeceu, surpreso: perto da lareira, conversando com uma mulher e um rapaz viu Percy Hamleigh. O que estaria fazendo ali? As duas pessoas com ele eram sua horrorosa mulher e seu estúpido filho. Haviam sido colaboradores de Waleran na queda de Bartholomew; dificilmente poderia ser uma coincidência o fato de se encontrarem ali naquele mesmo dia. Gostaria de saber se Waleran esperara por aquilo.

Philip dirigiu-se a Waleran:

- Está vendo...

- Já vi - interrompeu o bispo, com um jeito brusco e visivelmente irritado.

A presença ali dos Hamleighs era, para o prior, ameaçadora, muito embora não fosse capaz de dizer por quê. Examinou-os. Pai e filho eram iguais: homens grandes e musculosos, de cabelo louro e rosto intratável. A mulher parecia o demônio que tortura os pecadores nas pinturas que representam o inferno. Tocava constantemente as ulcerações do rosto, as mãos ossudas como as de um esqueleto se movendo sem parar. Usava um vestido amarelo que a tornava ainda mais feia. Mudava o peso do corpo de uma perna para a outra, dardejando olhares pela sala o tempo todo. Seus olhos encontraram os de Philip, que desviou o rosto rapidamente.

O bispo Henry foi circular, cumprimentando as pessoas que conhecia e abençoando as que não conhecia. Mas devia estar de olho na escada, pois assim que o sentinela voltou, olhou para ele, viu o homem balançar a cabeça e abandonou a conversa em meio a uma sentença.

Waleran seguiu Henry escadas acima, com Philip atrás, o coração na boca.

O salão do andar superior era do mesmo tamanho e forma que o salão de entrada, mas arrumado de forma completamente diversa. Havia tapeçarias nas paredes e peles de carneiro no assoalho de tábuas de madeira, lavado com escova e sabão. O fogo crepitava fortemente, e a sala era iluminada por dúzias de velas. Perto da porta havia uma mesa de carvalho com penas, tinta, uma pilha de folhas de pergaminho para cartas e um escriturário sentado, aguardando os ditados do rei. Perto do fogo, numa grande cadeira de madeira recoberta de pele, sentava-se Estêvão.

A primeira coisa que Philip notou foi que não estava usando coroa. Tinha uma túnica púrpura sobre as perneiras de couro, parecendo estar prestes a sair a cavalo.

Dois grandes cães de caça deitados a seus pés lembravam cortesãos favoritos. Ele se parecia um pouco com o irmão, Henry, mas suas feições eram um pouco mais finas, tornando-o mais bonito, e tinha um bocado de cabelo castanho-claro. Estava recostado na sua cadeira grande - Philip supôs que fosse um trono - parecendo calmo, as pernas estiradas à sua frente e os cotovelos apoiados nos braços da cadeira, mas, a despeito de sua postura, havia uma

atmosfera de tensão no aposento. O rei era o único à vontade.

Quando os bispos e Philip entraram, estava saindo um homem grande, de roupas caras. Acenou para o bispo Henry com familiaridade e ignorou Waleran. Provavelmente era um barão poderoso, pensou Philip.

O bispo Henry aproximou-se do rei, fez uma reverência e disse:

- Bom dia, Estêvão.

- Ainda não vi aquele bastardo do Ranulf - disse o rei. - Se não aparecer logo, Vou mandar que lhe cortem os dedos.

- Ele vai aparecer aqui qualquer dia desses - disse Henry, — mas talvez você deva mandar cortar-lhe os dedos de qualquer modo.

Philip não tinha idéia de quem poderia ser o tal Ranulf, ou do motivo pelo qual o rei queria vê-lo, mas teve a impressão de que, embora Estêvão estivesse irritado, não falava a sério acerca de mutilar o homem.

Antes que o prior pudesse dedicar mais um único pensamento àquele assunto, Waleran adiantou-se e fez uma reverência.

- Você se lembra de Waleran Bigod - perguntou Henry, — o novo bispo de Kingsbridge?

- Sim, me lembro - respondeu Estêvão. - Mas quem é esse aí? - Olhou para Philip.

- É o meu prior - disse Waleran.

Bigod não disse seu nome, de modo que Philip o forneceu:

- Philip de Gwynedd, prior de Kingsbridge. - A voz saiu mais alta do que tencionara. Fez uma reverência.

- Adiante-se, padre prior - disse Estêvão. - Parece com medo. Por que está preocupado?

Philip não pôde pensar numa resposta. Estava preocupado com tantas coisas! Em desespero, disse:

- Estou preocupado por não ter um hábito limpo para vestir.

Estêvão riu, mas não cruelmente.

- Então pare de se preocupar! - disse. E, com um olhar para seu bem-vestido irmão, acrescentou: - Aprecio que um monge se pareça com um monge, e não com um rei.

Philip sentiu-se um pouco melhor.

- Soube do incêndio - disse o rei. - Como você está se saindo?

- No mesmo dia do incêndio - disse Philip, — Deus nos mandou um construtor. Ele reparou o claustro muito rapidamente e nós usamos a cripta para os serviços religiosos. Com a ajuda dele, estamos arrumando os escombros, preparando tudo para a reconstrução; ele também desenhou o projeto de uma nova igreja.

Waleran ergueu as sobrancelhas; não sabia do projeto. Philip lhe teria dito, se tivesse perguntado. Mas não perguntara.

- Uma diligência digna de elogios - comentou o rei. — Quando começará a construir?

- Assim que puder arranjar o dinheiro.

- Foi por isso que trouxe o prior Philip e o bispo Waleran para vê-lo - interrompeu Henry. - Nem o priorado nem a diocese têm os recursos para financiar um projeto tão vultoso.

- Nem tampouco a Coroa, caro irmão - disse Estêvão. Philip se sentiu desencorajado; aquele não era um início promissor.

- Sei - disse Henry. - Foi esse o motivo pelo qual procurei um modo que lhes torne possível reconstruir Kingsbridge, mas sem custos para você.

Estêvão fez um ar cético.

- E você conseguiu imaginar um esquema tão engenhoso, para não dizer mágico?

- Sim. Minha sugestão é que você dê as terras do condado de Shiring para a diocese, a fim de financiar o programa de construção.

Philip conteve a respiração. O rei ficou pensativo.

Waleran abriu a boca para falar, mas Henry o silenciou com um gesto.

- É uma idéia inteligente - disse o rei. - Eu gostaria de fazer isso...

O coração de Philip deu um salto.

- Pena que acabei de, virtualmente, prometer o condado a Percy Hamleigh.

Um gemido escapou dos lábios de Philip. Pensara que o rei fosse dizer que sim. O desapontamento pareceu-lhe uma facada.

Henry e Waleran ficaram aturdidos. Nenhum dos dois antecipara aquilo.

Henry foi o primeiro a falar.

- Virtualmente? - perguntou.

O rei deu de ombros.

- Eu poderia dar um jeito de me esquivar, não sem considerável constrangimento. Mas afinal foi Percy quem trouxe o traidor Bartholomew a julgamento.

Waleran não pôde se conter.

- Não sem ajuda, majestade!

- Sei que você teve participação nisso...

- Fui eu que falei com Percy Hamleigh sobre a trama contra o seu trono.

- Sim. A propósito, como você soube?

Philip mexeu os pés. Estavam em terreno perigoso. Ninguém devia saber que a informação viera originalmente de seu irmão Francis, pois ele ainda trabalhava para Robert de Gloucester, que fora perdoado por sua participação no golpe.

- A informação veio da confissão de um moribundo.

Philip sentiu-se aliviado. Waleran repetira a mentira que lhe contara, só que falando de um jeito que parecia que a tal "confissão" fora feita a ele, não a Philip.

O prior ficou mais do que contente por ter as atenções desviadas do papel que desempenhara em tudo aquilo.

- Ainda assim - disse o rei, — foi Percy, e não você, que atacou o castelo de Bartholomew, arriscando a vida, e prendeu o traidor.

- Você poderia recompensar Percy de algum outro modo - sugeriu Henry.

- Shiring é o que Percy deseja - disse o rei. - Ele conhece a área. Governará efetivamente ali. Eu poderia lhe dar o condado de Cambridge, mas seus homens o seguiriam?

Henry insistiu.

- Você devia dar graças a Deus primeiro, e aos homens depois. Foi Deus quem o fez rei.

- Mas foi Percy quem prendeu Bartholomew.

Henry não deixou passar a irreverência.

- Deus controla todas as coisas...

- Não me pressione com isto - disse Estêvão, erguendo a mão direita.

- Naturalmente - disse Henry, submisso.

Foi uma vívida demonstração do poder real. Por um momento eles haviam discutido quase como iguais, mas Estêvão fizera prevalecer sua vontade com uma palavra.

Philip ficou amargamente desapontado. A princípio vira aquilo como um pedido impossível, mas gradualmente viera a ter esperanças de que fosse concedido, e até mesmo chegara a fantasiar o modo como usaria a fortuna. Agora fora trazido de volta à realidade com um golpe duro.

- Majestade - disse Waleran, — eu lhe agradeço por estar disposto a reconsiderar o futuro do condado de Shiring, e aguardarei sua decisão ansiosa e piedosamente.

Uma jogada inteligente, pensou Philip. Dava a impressão de que Waleran estava desistindo de modo gracioso. Na verdade, o que estava afirmando era que a questão ainda se encontrava em aberto. O rei não dissera aquilo. Se tinha havido alguma resposta, ela fora negativa. Mas não havia nada de ofensivo em insistir ainda ser possível decidir de um jeito ou de outro. Tenho que me lembrar disso, pensou Philip; quando estiver prestes a receber uma negativa, lute por um adiamento.

Estêvão hesitou por um momento, como se suspeitasse vagamente estar sendo manipulado; por fim pareceu vencer suas dúvidas.

- Muito obrigado por terem vindo aqui me ver - disse ele. Philip e Waleran se viraram para ir embora, mas Henry ficou onde estava e perguntou:

- Quando ouviremos a sua decisão?

Mais uma vez o rei deu a impressão de que de certo modo se sentia encurralado.

- Depois de amanhã - respondeu.

Henry fez uma reverência, e os três foram embora.

A incerteza era quase tão ruim quanto uma decisão negativa. Philip achou a espera insuportável. Gastou a tarde com a maravilhosa coleção de livros do priorado de Winchester, mas os livros não puderam fazer com que não pensasse no que estaria se passando na cabeça do rei. Poderia ele deixar de cumprir a promessa feita a Percy Hamleigh? Qual seria a verdadeira importância do lorde? Ele era um membro da pequena nobreza que aspirava a um condado - certamente Estêvão não tinha motivo para rejeitar ofendê-lo. Mas até que ponto o rei queria mesmo ajudar Kingsbridge? É notório que os reis se tornam piedosos à medida que envelhecem. Estêvão ainda era jovem.

Philip revirava as possibilidades inúmeras vezes na sua cabeça, ao mesmo tempo em que olhava, sem ler, A consolação da filosofia, de Boécio, quando um noviço se aproximou na ponta dos pés pelo passadiço do claustro e o abordou timidamente.

- Há alguém querendo vê-lo no pátio externo, padre — sussurrou o rapaz.

Se tinham mandado que esperasse do lado de fora, não se tratava de um monge.

- Quem é? - perguntou o prior.

- É uma mulher.

A primeira e horrorizada idéia de Philip foi de que se tratava da prostituta que o abordara diante da oficina de cunhar moedas; porém, alguma coisa na expressão do noviço lhe disse que se tratava de algo diferente. Havia outra mulher cujos olhos haviam encontrado os seus naquele dia.

- Como é a aparência dela?

O rapaz fez uma cara de nojo.

Philip balançou a cabeça, compreendendo.

- Regan Hamleigh. Que maldade estaria planejando agora?

- Irei logo.

Contornou devagar e pensativamente o claustro e passou para o pátio. Precisaria de todas as faculdades mentais para tratar com aquela mulher.

Ela estava sentada diante da sala do despenseiro, envolta numa capa pesada e escondendo o rosto num capuz. Lançou a Philip um olhar maligno tão indisfarçado, que ele teve vontade de fazer meia-volta e entrar de novo; porém, ficou com vergonha de fugir de uma mulher, de modo que sustentou sua posição e disse:

- O que você quer comigo?

- Seu monge tolo! - despejou ela. - Como pode ser tão burro?

Ele sentiu o rosto enrubescer.

- Sou o prior de Kingsbridge, e é melhor me chamar de "padre" - disse; mas, para sua vergonha, as palavras soaram mais petulantes que autoritárias.

- Está bem, padre. Como pode se deixar usar por aqueles dois bispos

gananciosos?

O prior respirou fundo.

- Fale sem rodeios - disse, furioso.

- É difícil encontrar palavras simples o bastante para uma pessoa tão tola, mas tentarei. Waleran está usando a igreja incendiada como pretexto para conseguir as terras do condado de Shiring para si. Isto é falar sem rodeios? Deu para entender a idéia?

Seu Tom de voz desdenhoso continuou a irritar Philip, mas ele não pôde resistir à tentação de se defender.

- Não há nada de clandestino nisso - disse ele. - A renda das terras deverá ser utilizada para reconstruir a catedral.

- O que o faz pensar assim?

- Mas é exatamente essa a idéia! - protestou o prior, mas no fundo da sua cabeça já sentia os primeiros sinais de dúvida.

O Tom escarninho de Regan mudou, e ela adotou um ar de astúcia.

- As novas terras pertencerão ao priorado? - perguntou. - Ou à diocese?

Philip encarou-a por um momento, mas virou de lado; seu rosto era revoltante demais. Ele estivera trabalhando na pressuposição de que as terras pertenceriam ao priorado - e estariam sob o seu controle - e não à diocese - onde estariam sob o controle de Waleran. Mas rememorou agora que, na audiência com o rei, o bispo Henry pedira especificamente que as terras fossem dadas à diocese. Philip presumira que tivesse sido um lapso. Mas não fora corrigido, nem na hora nem depois.

Olhou para Regan, cheio de suspeitas. Ela não poderia ter sabido de antemão o que Henry iria dizer ao rei. Talvez tivesse razão. Por outro lado, podia estar simplesmente querendo causar problemas. Aquela altura, tinha tudo a ganhar com uma briga entre Philip e Waleran.

- Waleran é o bispo - ponderou o prior. - Precisa ter uma catedral.

- Ele precisa ter uma porção de coisas - retrucou ela. Tornou-se menos malévola e mais humana quando começou a raciocinar, mas Philip continuou sem conseguir encará-la por muito tempo. - Para alguns bispos, uma bela catedral seria a primeira prioridade. Para Waleran há outras. De qualquer modo, enquanto ele controlar os cordões da bolsa, será capaz de soltar mais ou menos dinheiro para você e seus construtores, na medida da sua vontade.

Philip viu que pelo menos quanto àquilo ela estava com a razão. Se Waleran fosse recolher as rendas, naturalmente reteria uma porção para as suas despesas. E somente ele, e mais ninguém, poderia dizer qual o valor dessa porção. Não haveria nada que pudesse impedi-lo de desviar o dinheiro para objetivos que nada tivessem a ver com a catedral, se assim desejasse. E Philip nunca poderia saber se seria capaz de pagar os operários no mês seguinte.

Não havia dúvida alguma de que seria melhor se o priorado fosse dono

das terras. Mas Philip tinha certeza de que Waleran resistiria a essa idéia, no que seria apoiado pelo bispo Henry. Nesse caso a única esperança do prior seria apelar para o rei.

E Estêvão, vendo os religiosos divididos, poderia resolver o problema dando o condado a Percy Hamleigh.

E era o que Regan queria, claro.

Philip sacudiu a cabeça.

- Se Waleran estivesse tentando me tapear, por que me traria aqui? Poderia ter vindo sozinho e fazer o mesmo pedido.

Ela concordou.

- Poderia, sem dúvida. Mas o rei também poderia se perguntar até que ponto Waleran estaria sendo sincero, ao afirmar que só desejava o condado para construir a catedral. Você afastou quaisquer suspeitas que Estêvão poderia ter tido, aparecendo aqui para apoiar o pedido de Waleran. - O tom de voz dela voltou a ser desdenhoso. - E a sua aparência está tão patética, com esse hábito sujo, que o rei só pode ter pena de você! Não, Waleran foi esperto ao trazê-lo aqui.

Philip teve a horrível sensação de que ela podia estar certa, mas não estava disposto a admitir.

- Você só quer o condado para o seu marido - disse.

- Se eu puder lhe mostrar provas, cavalgará metade de um dia para vê-las?

A última coisa que Philip queria era se deixar levar pelas tramas de Regan Hamleigh. Mas tinha que descobrir se o que afirmava era verdade. Assim, foi com relutância que respondeu:

- Sim, cavalgarei metade de um dia.

- Amanhã?

- Sim.

- Esteja pronto ao nascer do sol.

Era William Hamleigh, o filho de Percy e Regan, quem estava esperando pelo prior no pátio externo, na manhã seguinte, quando os monges começaram a cantar as primas.

Philip e William deixaram Winchester pelo Portão Oeste e imediatamente viraram para o norte, na Athelynge Street. O palácio do bispo Waleran ficava naquela direção, percebeu o prior, e a uma distância de meia jornada a cavalo. Então era para lá que estavam indo. Mas por quê? Estava profundamente desconfiado. Decidiu ficar alerta para evitar truques. Os Hamleighs poderiam muito bem estar tentando usá-lo. Especulou como. Talvez houvesse um documento com Waleran que eles quisessem ver ou até mesmo furta um documento qualquer. O jovem lorde William podia dizer aos auxiliares do bispo que tinham sido mandados ali para buscar esse documento, e eles acreditariam

porque Philip estava em sua companhia. William podia facilmente ter um esqueminha desses escondido na manga. Philip tinha que se conservar alerta.

Era uma manhã sombria, cinzenta, garoenta. William forçou o ritmo nas primeiras milhas e depois reduziu, para os cavalos poderem descansar. Após algum tempo disse:

- Então, monge, você está querendo me tirar o condado.

Philip ficou espantado com o seu Tom hostil: nada fizera para merecê-lo, e se ressentiu. Consequentemente sua resposta foi incisiva:

- De você? Não vai ganhá-lo, rapaz. Eu poderei ganhar, ou seu pai, ou o bispo Waleran. Mas ninguém pediu ao rei para dar o condado a você. A simples idéia é uma piada.

- Eu o herdarei.

- Veremos. - Philip decidiu que não tinha motivo para discutir com William. - Não tenciono lhe causar prejuízo algum - disse, num tom conciliador. - Só quero construir uma nova catedral.

- Então tire o condado de outra pessoa qualquer - disse William. - Por que todo mundo sempre cisma em nos fazer de vítimas?

O prior reparou que havia amargura na voz do rapaz.

- Mas isso acontece mesmo? - perguntou.

- Espero que o acontecido com Bartholomew venha a servir de lição. Ele insultou nossa família, e veja só onde está agora.

- Pensei que tivesse sido a filha dele a responsável pelo insulto.

- A cadela é tão orgulhosa e arrogante quanto o pai. Mas sofrerá, também. No fim todos eles se ajoelharão, você vai ver.

Aquelas não eram as emoções costumeiras de um rapaz de vinte anos, pensou Philip. Mais parecia uma mulher de meia idade, invejosa e pérfida. À maioria das pessoas disfarçaria o ódio, vestindo-o com roupas apropriadas, mas William era ingênuo demais para isso.

- É melhor que a vingança seja deixada para o dia do Juízo Final - disse o prior.

- Por que você não espera até o dia do Juízo Final para construir sua igreja?

- Porque então já será demasiado tarde para salvar a alma dos pecadores dos tormentos do inferno.

- Não comece com isso! - exclamou William, e havia uma nota de histeria na sua voz. - Guarde os seus sermões.

Philip sentiu-se tentado a dar outra resposta incisiva, mas calou-se. Havia algo de muito estranho naquele rapaz. Parecia ao prior que ele podia ter um ataque incontrolável de raiva a qualquer momento, e que quando estivesse enfurecido seria mortalmente violento. Philip não tinha medo dele. Não temia homens violentos, talvez por ter testemunhado o pior, quando menino, e

sobrevivido. Mas não havia nada a ganhar enfurecendo William com reprimendas, e por isso disse delicadamente:

- Céu e inferno são aquilo com que lido. Virtude e pecado, perdão e punição, bem e mal. Receio que não possa me calar no tocante a essas coisas.

- Então fale sozinho - disse William, esporeando o cavalo, que se afastou trotando.

Quando já tinha se afastado umas quarenta ou cinquenta jardas, reduziu a marcha de novo. Philip perguntou-se se o rapaz se acalmaria e voltaria a viajar lado a lado, mas isso não aconteceu, e pelo resto da manhã os dois seguiram separados.

O prior sentia-se ansioso e de certa forma deprimido. Perdera o controle do seu destino. Deixara Waleran Bigod assumir o comando em Winchester, e agora estava permitindo que William Hamleigh o conduzisse numa viagem misteriosa. Todos estão tentando me manipular, pensou; por que estou consentindo? Já era hora de tomar a iniciativa. Mas não havia nada que pudesse fazer naquele instante, exceto voltar para Winchester, o que seria um gesto inútil, e assim continuou a seguir William, contemplando melancolicamente a anca do seu cavalo, enquanto seguiam viagem.

Pouco antes do meio-dia chegaram ao vale onde ficava o palácio do bispo. Philip se lembrou de quando viera ali no início do ano, cheio de medo, levando consigo um segredo mortal. Desde então, muitas coisas haviam mudado.

Para sua surpresa, William passou pelo palácio e continuou subindo a colina. A estrada estreitou-se, passando a uma simples trilha entre os campos; não levava a nenhum lugar importante, Philip sabia. À medida que foram se aproximando do topo, deu para ver que uma obra de construção estava sendo realizada. Um pouco abaixo do cume foram detidos por uma barreira de terra que parecia ter sido escavada recentemente.

Philip foi assaltado por uma horrível suspeita.

Viraram de lado e seguiram ao longo da barreira até encontrarem uma passagem. Atravessaram. Pelo lado de dentro da barreira havia um fosso seco, aterrado naquele ponto para permitir que as pessoas passassem.

- Foi isto o que viemos ver? - perguntou Philip.

William limitou-se a fazer que sim.

A suspeita de Philip foi confirmada. Waleran estava construindo um castelo. Sentiu-se arrasado.

Tocou o cavalo e atravessou a trincheira, com William atrás. A trincheira e a barreira cercavam o topo da elevação. Na orla interna da trincheira um largo muro de pedra fora levantado até uma altura de dois ou três pés. O muro estava claramente inacabado, e a julgar pela sua espessura iria ser bem alto.

Waleran estava construindo um castelo, mas não havia operários no lugar da obra, nem ferramentas à vista, nem pilhas de pedra ou madeira. Muita coisa

fora feita em pouco tempo; depois o trabalho cessara de repente. Claro que Waleran ficara sem dinheiro.

- Suponho que não haja dúvida de que seja o bispo quem está construindo este castelo - disse Philip.

- E Waleran Bigod permitiria que alguma outra pessoa construísse um castelo ao lado do seu palácio?

Philip sentiu-se magoado e humilhado. O quadro era claro como o cristal: o bispo Waleran queria o condado de Shiring, com sua pedra e sua madeira, para construir o castelo, não a catedral. Philip fora tão-somente uma ferramenta, e o incêndio da Catedral de Kingsbridge, uma desculpa conveniente. Ele próprio e a catedral incendiada só tinham servido para despertar a religiosidade do rei, de modo a fazê-lo conceder o condado a Waleran.

Philip viu-se como Waleran e Henry deveriam vê-lo: ingênuo, condescendente, cheio de sorrisos e reverências, enquanto o levavam para o abatedouro. Como o tinham julgado bem! Confiara neles, submetera-se à sua opinião, chegara inclusive a suportar suas desconsiderações com um sorriso corajoso, por achar que o estivessem ajudando, enquanto o tempo todo o traíam.

Ficou chocado com a falta de escrúpulos de Waleran. Relembrou a tristeza que vira nos olhos dele quando examinara a catedral em escombros. Naquele momento vislumbrara a piedade fundamente enraizada no seu coração. Waleran devia pensar que fins piedosos justificavam meios desonestos, a serviço da Igreja. Philip nunca acreditara nisso. Eu jamais faria com Waleran o que ele está tentando fazer comigo.

Nunca se vira antes como simplório. Gostaria de saber onde errara. Ocorreu-lhe que se deixara ficar assombrado com tudo - o bispo Henry e suas roupas de seda, a magnificência de Winchester e sua catedral, as pilhas de moedas de prata recém cunhadas, os montes de carne nos açougues, a idéia de ter uma audiência com o rei. Esquecera de que Deus enxerga através dos mantos de seda o coração pecador, que a única fortuna que vale a pena ter é um tesouro no céu, e que até mesmo o rei precisa se ajoelhar na igreja. Achando que todas as outras pessoas eram muito mais poderosas e sofisticadas que ele, perdera de vista os verdadeiros valores, suspendera as faculdades críticas e confiara nos seus superiores. A recompensa fora uma traição.

Deu mais uma olhada no lugar da obra, varrido pela chuva, e fez a volta, afastando-se. Sentia-se ferido. William o seguiu.

- O que achou então, monge? - debochou.

Philip não replicou. Lembrou que ajudara Waleran a tornar-se bispo. Ele dissera: "Quer que eu o faça prior de Kingsbridge. Quero que me faça bispo". Claro que Waleran não revelara que o bispo já estava morto, o que, de certa forma, teria tornado a promessa sem valor. E Philip pensara que tinha que prometer o que lhe fora pedido, para assegurar sua eleição a prior. Mas eram

apenas desculpas. A verdade era que devia ter deixado a escolha do prior e do bispo nas mãos de Deus.

Não tomara essa pia decisão, e seu castigo era ter que entrar em disputa com o bispo Waleran.

Quando pensou no modo como fora desconsiderado, tratado com superioridade, manipulado e enganado, ficou com raiva. A obediência era uma virtude monástica, mas fora do claustro tinha suas desvantagens, pensou, amargurado. O mundo do poder e da propriedade exigia que se fosse desconfiado, exigente e insistente.

- Aqueles bispos mentirosos o fizeram de tolo, não? - disse William.

Philip puxou as rédeas do seu cavalo. Trêmulo de raiva, sacudiu um dedo para William.

- Cale a boca, garoto. Você está falando de santos homens de Deus. Se disser mais uma palavra, queimará no inferno, eu lhe prometo.

O jovem ficou lívido de ódio.

Philip esporeou o cavalo e seguiu adiante. O comentário zombeteiro de William fez com que se lembrasse de que os Hamleighs tinham tido um motivo para levá-lo a ver o castelo do bispo. Queriam causar uma briga entre ele e Waleran a fim de se assegurarem de que o condado não seria dado nem ao prior nem ao bispo, e sim a Percy. Pois muito bem, Philip não ia ser manipulado por eles tampouco. Bastava de ser manipulado. De agora em diante seria ele quem faria toda a manipulação.

Aquilo tudo estava muito bem, mas o que poderia ser feito? Se Philip entrasse em disputa com Waleran, Percy ficaria com as terras; e se nada fizesse, seria o bispo quem ficaria com tudo.

O que o rei queria? Ajudar a construir a nova catedral, o tipo de coisa que era digna de um rei e que beneficiaria sua alma após a morte. Mas ele precisava recompensar a lealdade de Percy também. Estranhamente, não havia nenhuma pressão específica sobre ele para satisfazer os homens mais poderosos, os dois bispos. Ocorreu-lhe que deveria haver uma solução do dilema que resolvesse o problema do rei, satisfazendo tanto a Kingsbridge quanto a Percy Hamleigh.

Agora tinha uma idéia em que pensar.

E foi uma idéia que lhe agradou. Uma aliança dele com os Hamleighs era a última coisa que alguém esperaria - e por isso mesmo podia dar certo. Os bispos estariam completamente despreparados para uma coisa dessas; tal aliança os apanharia de surpresa.

Seria uma inversão maravilhosa no rumo dos acontecimentos.

Mas poderia negociar um acordo com os vorazes Hamleighs? Percy queria as ricas terras agrícolas de Shiring, o título de conde e o poder e o prestígio de uma tropa de cavaleiros ao seu comando. Philip também queria as terras, mas não se interessava pelo título ou pelos cavaleiros: estava mais interessado na

pedreira e na floresta.

O teor de um compromisso começou a tomar forma na cabeça de Philip. Talvez nem tudo estivesse perdido ainda.

Como seria doce vencer agora, depois de tudo o que acontecera. Com animação cada vez maior, pensou em como abordaria os Hamleighs. Estava decidido a não bancar o suplicante. Teria que fazer com que sua proposta parecesse irresistível.

Quando chegaram a Winchester, o hábito de Philip estava encharcado e seu cavalo, irritadiço, mas ele achou que tinha a resposta.

- Vamos ver a sua mãe - disse para William, ao passarem sob o arco do Portão Oeste.

O jovem ficou espantado.

- Pensei que você fosse querer ver imediatamente o bispo Waleran.

Sem dúvida fora o que Regan lhe dissera para esperar.

- Não se dê ao trabalho de me contar o que pensou, rapaz - retrucou Philip. - Basta que me leve à sua mãe. - Ele se sentia pronto para defrontar-se com Lady Regan. Comportara-se passivamente tempo demais.

William virou para o sul e levou Philip a uma casa na Gold Street, entre o castelo e a catedral. Era uma residência grande, com paredes de pedras da altura da cintura de um homem e estrutura de madeira na parte superior. Dentro havia um hall de entrada que dava acesso a diversos aposentos. Os Hamleighs provavelmente estavam se hospedando ali: muitos cidadãos de Winchester alugavam cômodos para as pessoas que vinham à corte real. Se Percy passasse a ser conde iria ter sua própria casa na cidade.

William conduziu Philip a um quarto da frente, com uma cama grande e uma lareira. Regan estava sentada junto do fogo, com Percy de pé ao seu lado. Ela olhou para Philip com uma expressão de surpresa, mas se recuperou depressa e perguntou:

- Como é, monge, eu tinha razão?

- Você não poderia estar mais enganada, mulher tola - disse Philip asperamente.

Chocada com o seu tom colérico, ela silenciou. Philip sentiu-se gratificado por lhe ter dado uma amostra do seu próprio remédio. E prosseguiu no mesmo tom:

- Pensou que poderia causar uma briga entre mim e Waleran. Imaginou que eu não descobriria o que estava querendo? Você é uma víbora ardilosa, mas não é a única pessoa no mundo capaz de pensar!

Pelo rosto dela, Philip viu que Regan reconheceu que seu plano não dera certo e que estava pensando furiosamente no que fazer a seguir. Continuou pressionando, enquanto ela ainda estava desconcertada.

- Você falhou, Regan. E agora tem duas opções. Uma é sentar,

preocupada, e esperar pelo melhor, aguardando a decisão do rei, correndo o risco de depender do estado de espírito dele pela manhã. - Fez uma pausa.

- E a alternativa? - perguntou ela relutantemente.

- A alternativa é fazermos um trato, eu e você. Dividimos o condado entre nós, não deixando nada para Waleran. Vamos ao rei em particular, dizemos que chegamos a um acordo e conseguimos que o aprove antes que os bispos possam objetar. — O prior sentou-se num banco e ostentou um falso ar de tranquilidade. - É a sua melhor chance. Não chega a ter escolha, na verdade. - Ficou olhando para o fogo, não querendo que ela visse como estava tenso. A idéia tinha que parecer sedutora para eles, pensou. Era a certeza de ganhar alguma coisa contra a possibilidade de ficar com nada. Mas eles eram gananciosos - podiam preferir um jogo do tipo tudo ou nada.

Foi Percy quem falou primeiro.

- Dividir o condado? Como?

Bom, pelo menos estavam interessados, pensou Philip, aliviado.

- Vou propor uma divisão tão generosa que vocês terão que ser malucos para não aceitá-la - disse-lhe o prior. Voltou-se depois para Regan. - Estou lhes oferecendo a melhor metade.

Os Hamleighs o fitaram, esperando que explicasse melhor, mas Philip não disse mais nada.

- O que você quer dizer com a melhor metade? - perguntou Regan.

- O que é mais valioso: - terra arável ou floresta?

- Terra arável, certamente.

- Então vocês ficam com a terra arável e eu com a floresta.

Regan semicerrou os olhos.

- Isto lhe dará a madeira para a sua catedral.

- Correto.

- E os pastos?

- O que vocês querem: pasto para criar gado ou carneiro?

- Para o gado.

- Então fico com as fazendas situadas nas colinas, com os seus carneiros.

Vão querer a renda produzida pelos mercados ou a pedreira?

- A renda dos mer... - começou Percy.

- E se disséssemos a pedreira? - interrompeu Regan. Philip viu que ela compreendera o que tinha em mente. Ele queria a pedreira para construir sua catedral. Sabia que ela não a desejava. Os mercados davam mais dinheiro com menos esforço. Por tudo isso, retrucou, confiante:

- Mas não vão dizer, não é mesmo?

Ela sacudiu a cabeça.

- Não. Ficamos com os mercados.

Percy forçou uma expressão de quem estava sendo esbulhado.

- Preciso da floresta para caçar - disse. - Um conde deve caçar.
- Você pode caçar lá - apressou-se a dizer Philip. - Só quero a madeira.
- É aceitável - disse Regan. A concordância dela veio um pouco cedo demais para o gosto de Philip. Sentiu uma pontada de ansiedade. Teria desistido de algo importante sem saber? Ou ela estaria apenas aflita para se livrar de detalhes aborrecidos?

Antes que ele pudesse pensar mais a esse respeito, ela continuou:

- Suponha que ao examinar os documentos do conde Bartholomew encontremos registros de terras que pensemos ser nossas e que você ache que devam ser suas?

O fato de estar descendo a tal nível de detalhe encorajou Philip a pensar que aceitaria a proposta. Disfarçou a animação e disse friamente:

- Teremos que concordar quanto a um árbitro. Que tal o bispo Henry?

- Um padre? - retrucou ela, com um toque do seu habitual jeito escarninho. - Ele seria objetivo? Não. Que tal o xerife de Shiring?

Não seria mais objetivo que o bispo, pensou Philip; mas não podia pensar em ninguém que satisfizesse ambos os lados, e por isso respondeu:

- Concordo, com a condição de, caso não aceitemos a decisão dele, termos o direito de apelar para o rei. - Isso deveria ser uma salvaguarda suficiente.

- Combinado - disse Regan. Depois lançou um olhar para Percy e acrescentou: - Se agradar ao meu marido.

- Sim, sim - concordou o lorde.

Philip viu que estava perto da vitória. Respirou fundo e disse:

- Se a proposta geral foi aceita, então...

- Espere um momento - interrompeu-o Regan. - A proposta não foi aceita ainda.

- Mas já lhes dei tudo o que queriam.

- Podemos ficar com o condado todo, sem divisões.

- E também podem ficar sem nada.

Regan hesitou.

- Como acha que devemos proceder para executar o acordo, se houver acordo?

Philip pensara nisso. Olhou para Percy.

- Você poderia ver o rei hoje à noite?

O lorde pareceu ansioso, mas disse:

- Se eu tiver um bom motivo...

- Pois procure-o e diga-lhe que chegamos a um acordo. Peça-lhe que o anuncie como sendo uma decisão dele, amanhã de manhã. Assegure-lhe que você e eu nos declararemos satisfeitos.

- E se ele perguntar se os bispos aprovaram?

- Diga que não houve tempo para lhes dar conhecimento. Lembre a ele

que é o prior, e não o bispo, que tem de construir a catedral. Dê a entender que se eu ficar satisfeito os bispos também ficarão.

- E se os bispos se queixarem quando a solução for anunciada?

- Como poderão? - retrucou Philip. - Eles estão fingindo só querer o condado para financiar a construção da catedral. Dificilmente Waleran poderá protestar alegando ser incapaz de desviar fundos para outras finalidades.

Regan deu uma risadinha. Gostara da astúcia de Philip.

- É um bom plano - disse.

- Há uma condição importante - disse o prior fitando-a diretamente nos olhos. - O rei deve declarar que a minha parte vai para o priorado. Se ele não deixar isso claro, eu lhe perguntarei. Se ele disser qualquer outra coisa - a diocese, o sacristão, o arcebispo, repudiarei todo o acordo. Não quero que vocês tenham a menor dúvida disso.

- Compreendo - disse Regan, um pouco irritada.

Sua irritação fez com que o prior suspeitasse de estar entretendo a idéia de apresentar ao rei uma versão algo diferente do acordo. E ficou satisfeito por ter esclarecido o ponto com firmeza.

Levantou-se para ir embora, mas queria dar um jeito de fazê-los confirmar formalmente sua participação.

- Estamos combinados, então - disse, com um leve ar de indagação. - Temos um pacto solene. - Ele olhou para os dois.

Regan balançou imperceptivelmente a cabeça e Percy disse:

- Temos um pacto.

O coração de Philip bateu mais depressa.

- Ótimo - disse severamente. - Eu os verei pela manhã no castelo. - Manteve o rosto inexpressivo enquanto deixava o aposento, mas ao chegar à rua escura relaxou e permitiu-se um sorriso largo e triunfante.

Philip caiu num sono ansioso e agitado após a ceia. Levantou-se à meia-noite para as matinas, depois ficou acordado no colchão de palha, pensando no que aconteceria no dia seguinte.

Achava que o rei Estêvão deveria aprovar a proposta. Ela resolveria seu problema, dando-lhe um conde e uma catedral. Não estava tão certo de que Waleran aceitasse a derrota, a despeito do que dissera a Lady Regan. O bispo poderia encontrar uma desculpa para se contrapor ao arranjo. Se pensasse depressa, talvez alegasse que o acordo não assegurava o dinheiro para construir a catedral imponente, prestigiosa e ricamente decorada que desejava. O rei podia ser persuadido a repensar o problema.

Um perigo diferente ocorreu a Philip pouco antes do raiar do dia: Regan poderia traí-lo. Talvez fizesse um trato com Waleran. E se ela oferecesse as mesmas condições ao bispo? Ele teria a pedra e a madeira de que precisava para

construir seu castelo.

Essa possibilidade agitou Philip, que ficou se virando sem parar na cama. Gostaria de ter ido procurar o rei pessoalmente, mas na certa ele não o receberia - e, de qualquer modo, Waleran poderia ter sabido e desconfiado.

Não, não havia nada que pudesse ter feito para se defender do risco de uma traição. Agora só podia rezar.

Foi o que fez até o romper do dia.

Fez o jejum juntamente com os monges. Descobriu que o pão branco que eles comiam não deixava o estômago cheio por tanto tempo quanto o pão de massa grossa; mesmo assim, porém, não conseguiu comer muito. Foi cedo para o castelo, embora soubesse que o rei não estaria recebendo ninguém àquela hora. Entrou no salão e sentou-se num dos bancos de pedra para aguardar.

O salão encheu-se lentamente com peticionários e cortesãos. Alguns estavam alegremente vestidos, com túnicas amarelas, azuis e rosa e capas com luxuosas guarnições de pele. O famoso Domesday book, o cadastro das terras inglesas organizado por ordem de Guilherme, o Conquistador, ficava guardado em algum lugar daquele castelo, lembrou Philip. Provavelmente no salão de cima, onde o rei o recebera e aos dois bispos: o prior não reparara nele, pois estava tenso demais para notar qualquer coisa.

O tesouro real ficava ali também, presumivelmente no último andar, num aposento seguro ao lado do quarto de Estêvão. Mais uma vez Philip viu-se de certa forma intimidado por aquilo que tinha à sua volta, mas resolvera não mais se intimidar. Aquelas pessoas com roupas finas - cavaleiros, lordes, mercadores e bispos - eram apenas homens. A maioria não conseguia escrever muita coisa além dos próprios nomes.

E todos estavam ali para conseguir algo para si, enquanto ele, Philip, viera em nome de Deus. Sua missão e seu hábito marrom sujo o colocavam acima dos outros peticionários, não abaixo.

Esse pensamento lhe deu coragem.

Um murmúrio de tensão percorreu a sala quando um sacerdote apareceu na escada. Todos esperavam que aquilo significasse que o rei estava recebendo. O padre murmurou algumas palavras a um dos guardas armados e desapareceu de volta no andar de cima. O guarda escolheu um cavaleiro no meio da multidão. O cavaleiro deixou a espada com o guarda e subiu.

Philip pensou em como deveria ser estranha a vida que os clérigos do rei levavam. O rei tinha que dispor de padres, é claro, não só para celebrar a missa, como também para cumprir a imensa tarefa de ler e escrever relacionada ao trabalho de governar o reino. Não havia ninguém mais para fazer isso, a não ser o clero. Os poucos homens leigos alfabetizados não eram capazes de ler ou escrever com rapidez suficiente. Entretanto, não havia nada de muito sagrado na vida dos prelados do rei. O próprio irmão de Philip escolhera aquela vida, e

trabalhava para Robert de Gloucester. Tenho que lhe perguntar como é essa coisa, pensou Philip, se algum dia vier a vê-lo de novo.

Logo após o primeiro suplicante ter subido a escada, os Hamleighs chegaram.

Philip resistiu ao impulso de ir ao encontro deles; não queria que o mundo soubesse que estavam em conluio, pelo menos por ora. Fitou-os intensamente, estudando-lhes as expressões, tentando ler seus pensamentos. Concluiu que William parecia esperançoso, Percy ansioso e Regan tensa como a corda de um arco. Após alguns momentos, o prior se ergueu e atravessou a sala, de modo tão casual quanto pôde. Cumprimentou-os polidamente, e dirigiu-se a Percy:

- Foi vê-lo?

- Sim.

- E?

- Disse que pensaria no assunto durante a noite.

- Mas por quê? - indagou Philip. Sentiu-se desapontado e aborrecido. - O que há para pensar?

Percy deu de ombros.

- Pergunte a ele.

Philip ficou exasperado.

- Bem, como é que ele parecia, estar? Satisfeito ou o quê?

Foi Regan que respondeu.

- Meu palpite é que gostou da idéia de se ver livre do dilema, mas desconfiou de tanta facilidade.

Aquilo tinha sentido, mas Philip ainda continuou aborrecido porque o rei Estêvão não agarrara a oportunidade com ambas as mãos.

- É melhor não continuarmos conversando - disse após um momento. - Não queremos que os bispos pensem que estamos tramando contra eles - não antes de o rei tornar pública sua decisão. - Inclinou a cabeça polidamente e afastou-se.

Voltou para o seu banco de pedra. Tentou passar o tempo pensando no que faria se o seu plano desse certo. Quando começaria a trabalhar na nova catedral? Dependia da rapidez com que pudesse ganhar algum dinheiro com a nova propriedade. Devia haver um bom número de carneiros: certamente teria lã para vender no verão. Algumas fazendas situadas nas colinas estariam alugadas, e a maioria dos aluguéis deviam ser pagos após a colheita.

No outono já deveria haver dinheiro bastante para contratar os homens que se encarregariam da floresta e da pedreira e começar a estocar madeira e pedra. Ao mesmo tempo os operários poderiam começar a escavar os alicerces, sob a supervisão de Tom Construtor. Poderiam estar prontos para começar o trabalho com a pedra talvez já no ano seguinte. Era um belo sonho.

Os cortesãos subiam e desciam a escada com alarmante rapidez: o rei

Estêvão estava trabalhando depressa. Philip começou a se preocupar, achando que ele poderia terminar a tarefa do dia e ir caçar antes de os bispos chegarem.

Mas finalmente eles apareceram. Philip levantou-se devagar, quando entraram. Waleran parecia tenso, mas Henry estava apenas entediado. Para ele aquele assunto era secundário: devia apoio ao outro bispo, mas o resultado faria pouca diferença para ele.

Para Waleran, contudo, o resultado era crucial para o seu plano de construir um castelo - e um castelo representava apenas um degrau na sua escalada para o poder.

Philip não sabia bem como deveria tratá-los. Haviam tentado enganá-lo e a vontade que tinha era de investir contra eles, dizer-lhes que descobrira sua traição; contudo, isso os alertaria de que algo estava acontecendo, e não queria levantar suspeitas, para que o acordo pudesse ser endossado pelo rei antes que eles conseguissem pensar numa saída. Assim, ocultou os sentimentos e sorriu cortesmente. Não precisava ter se incomodado: eles o ignoraram por completo.

Não decorreu muito tempo até que os guardas os chamassem. Henry e Waleran subiram a escada em primeiro lugar, seguidos por Philip. Os Hamleighs seguiram na retaguarda.

O prior não poderia estar mais nervoso.

O rei Estêvão estava de pé, diante do fogo. Sua aparência era mais brusca e séria. Isso era bom: ele se mostraria impaciente com os possíveis sofismas e chicanas dos bispos. Henry adiantou-se e foi se colocar ao lado do irmão diante do fogo, enquanto todos os outros permaneciam em linha no meio do aposento. Philip sentiu uma dor nas mãos e se deu conta de que estava pressionando as palmas com as pontas dos dedos.

Fez um esforço para relaxar.

O rei falou com o irmão num tom de voz tão baixo que ninguém mais conseguiu ouvir. Henry franziu a testa e disse algo igualmente inaudível. Conversaram por alguns instantes, até que Estêvão levantou uma das mãos para silenciar o irmão.

Olhou para Philip.

O prior lembrou-se de que na última vez o rei se dirigira a ele bondosamente, brincando por estar nervoso e dizendo que apreciava um monge que se vestia como um monge.

Dessa vez não houve amenidades, contudo. O rei tossiu e começou:

- Meu leal súdito, Percy Hamleigh, hoje se torna o conde de Shiring.

Com o canto do olho, Philip viu Waleran adiantar-se, como que para protestar; mas o bispo Henry o deteve com um gesto rápido.

- Das propriedades do antigo conde - prosseguiu o rei, — Percy terá o castelo e toda a terra arrendada a cavaleiros, além de todas as demais terras aráveis e campos de pastos.

Philip mal podia conter a excitação. Tudo indicava que o rei aceitara o acordo! Deu outra olhadela em Waleran, cujo rosto era a imagem da frustração.

Percy ajoelhou-se diante do rei, de mãos postas, em atitude de quem reza. O rei colocou as mãos sobre as de Percy.

- Faço você, Percy, o conde de Shiring, para ter e usar as terras e rendas mencionadas.

- Juro por tudo quanto é sagrado - disse Percy - ser seu fiel vassalo e combater a seu favor, lutando contra qualquer outro.

Estêvão libertou as mãos de Percy, que se levantou.

O rei se virou para os demais.

- Todas as outras terras aráveis pertencentes ao antigo conde, dou... - Fez uma pausa por um momento, olhando de Philip para Waleran e para Philip de novo. -... ao priorado de Kingsbridge, para a construção da nova catedral.

Philip conteve um grito de alegria - ele vencera! Não pôde deixar de sorrir, satisfeito, para o rei. Olhou para Waleran que ficara profundamente chocado. Sua boca estava aberta, os olhos, arregalados, e a expressão com que encarava o rei era de franca incredulidade. Seu olhar desviou-se para Philip. O bispo sabia que fracassara, de algum modo, e que o prior era o beneficiário do seu fracasso; porém, não podia imaginar como acontecera.

- O priorado de Kingsbridge - prosseguiu o rei - terá também o direito de extrair pedra da pedreira do conde e madeira de sua floresta, sem limites, para a construção da nova catedral.

A garganta de Philip ficou seca. Aquilo não era o que havia sido tratado! O combinado fora que a pedreira e a floresta pertenceriam ao priorado, e Percy teria apenas o direito de caçar. Regan alterara os termos da combinação, afinal. Agora Percy era o dono e o priorado teria meramente o direito de exploração. Philip dispunha apenas de poucos segundos para decidir se repudiava ou não todo o negócio. O rei estava dizendo:

- O xerife de Shiring tomará a si a resolução dos casos em que houver desacordo, mas as partes terão o direito de apelar para mim em último recurso. - Philip pensou: Regan se comportou abusivamente, mas que diferença faz? O trato, como está, ainda me assegura quase tudo o que quero. O rei concluiu:

- Acredito que esse arranjo já tenha sido aprovado por ambas as partes aqui presentes. - E não houve mais tempo para nada.

- Sim, majestade - disse Percy.

Waleran abriu a boca para negar que tivesse aprovado o compromisso, mas Philip foi mais rápido:

- Sim, majestade - disse.

Os bispos Henry e Waleran viraram-se ao mesmo tempo para o prior, encarando-o. Suas expressões demonstraram o mais completo espanto, quando perceberam que Philip, o jovem prior que não sabia nem mesmo que se devia

vestir um hábito limpo para ir à corte negociara um acordo com o rei às suas costas. Após um momento, o rosto de Henry se desanuviou, dando a impressão de que ele estava achando graça, como quem perde uma partida do jogo das nove pedras para uma criança esperta; mas o olhar de Waleran transformou-se em um olhar maligno. Philip sentiu que era capaz de ler os pensamentos do bispo. Ele devia estar percebendo agora que cometera o erro capital de subestimar seu oponente, e estava humilhado. Para Philip, aquele momento compensou tudo: a traição, a humilhação, as desfeitas. Ergueu o queixo, arriscando-se a cometer o pecado do orgulho, e dirigiu a Waleran um olhar que queria dizer: Vai ter que se esforçar muito mais para ludibriar Philip de Gwynedd.

- Que o antigo conde, Bartholomew, seja informado da minha decisão - finalizou o rei.

Bartholomew devia estar numa masmorra por perto, presumiu Philip. Lembrou-se das duas crianças vivendo com o servo no castelo em ruínas, e sentiu uma pontada de culpa, quando pensou no que lhes aconteceria agora.

O rei dispensou a todos, exceto o bispo Henry. Philip atravessou a sala flutuando no ar. Chegou ao topo da escada ao mesmo tempo que Waleran, e parou para deixar que ele passasse primeiro. O bispo lançou-lhe um olhar de fúria venenosa. Quando falou, sua voz era amarga como bile, e, a despeito do júbilo que Philip sentia, as palavras que pronunciou lhe gelaram os ossos. A máscara de ódio abriu a boca, e Waleran disse, por entre os dentes:

- Juro por tudo quanto é sagrado que você não construirá sua igreja. - Em seguida arregaçou o manto negro em torno dos ombros e desceu.

Philip não teve dúvidas de que fizera um inimigo para o resto da vida.

William Hamleigh mal pôde conter a excitação quando Earlscastle surgiu aos seus olhos.

Era a tarde do dia seguinte àquele em que o rei tomara sua decisão. William e Walter estavam cavalgando há quase dois dias, mas o jovem não se sentia cansado. Parecia-lhe, isso sim, que o coração tinha inchado no seu peito e bloqueava a garganta.

Estava prestes a rever Aliena.

Houve tempo em que tivera esperança de desposá-la, por ser filha de um conde, e ela o rejeitara, três vezes. Estremeceu ao rememorar seu menosprezo. Fizera com que se sentisse um João-ninguém, um camponês; agira como se os Hamleighs fossem uma família que não precisasse ser levada em conta. Mas as posições tinham se invertido. Agora era a família dela que era tida em pouca conta. Ele era o filho de um conde, e ela, nada. Não tinha título, posição, terra ou fortuna. Depois que tomasse posse do castelo, ele a expulsaria de lá e ela também não teria casa. Era quase bom demais para ser verdade.

Reduziu a marcha do cavalo ao se aproximarem do castelo. Não queria que

Aliena soubesse antecipadamente de sua chegada; fazia questão de que tivesse um choque súbito, horrível e devastador.

O conde Percy e a condessa Regan haviam retornado à sua antiga propriedade em Hamleigh, a fim de providenciar a mudança para o castelo do tesouro, dos melhores cavalos e dos servos de dentro de casa. O trabalho de William era contratar gente local para limpar o castelo, acender fogos e tornar o lugar habitável.

Nuvens baixas e cinzentas flutuavam no céu, tão perto que pareciam quase encostar nas fortificações. Choveria naquela noite. Isso faria com que tudo fosse melhor ainda. Expulsaria Aliena do castelo num dia de tempestade.

Ele e Walter desmontaram e conduziram os cavalos por cima da ponte levadiça de madeira. A última vez em que estive aqui, capturei este lugar, pensou William orgulhosamente.

O mato já estava crescendo no conjunto inferior. Amarraram os cavalos e os deixaram pastando. William deu ao seu cavalo de batalha um punhado de grão. Guardaram as selas na capela de pedra, já que não havia estábulo. Os cavalos resfolegaram e patearam, mas estava ventando e o barulho se perdeu. William e Walter cruzaram a segunda ponte para o conjunto superior. Não havia sinal de vida. O jovem subitamente pensou que Aliena poderia ter ido embora. Nesse caso, ficaria desapontado! Ele e Walter teriam que passar uma noite terrível, sentindo fome, num castelo frio e sujo.

Subiram a escada externa para a porta do salão.

- Quietos - disse para Walter. - Se estiverem aqui, quero lhes dar um susto.

Empurrou a porta. O salão estava vazio e escuro, cheirando como se não fosse usado há meses. William pisou cuidadosamente ao atravessá-lo, na direção da escada.

Tufos de palha seca estalaram sob seus pés. Walter o seguiu bem de perto.

Subiram os degraus. Não podiam ouvir nada: as espessas paredes de pedra da fortaleza abafavam todos os sons. A meio caminho, William parou e, virando-se para Walter, levou o dedo aos lábios e apontou. Uma luz brilhava por baixo da porta no topo da escada. Havia alguém ali.

Continuaram subindo e pararam diante da porta. De dentro veio o som da risada de uma garota! William sorriu, feliz da vida. Encontrou o trinco, girou-o delicadamente e abriu a porta com um pontapé. A risada transformou-se num grito de pavor.

A cena no quarto dava um belo quadro. Aliena e o irmão mais moço, Richard, estavam sentados a uma mesinha, perto do fogo, com um jogo de tabuleiro qualquer, e Matthew, o camareiro, de pé atrás dela, olhava por cima do seu ombro: O rosto de Aliena estava cor-de-rosa ao clarão do fogo, e seus cachos escuros cintilavam com reflexos avermelhados. Ela vestia uma túnica de linho clara. Olhou para William surpresa, com os lábios vermelhos abertos. O jovem

fitou-a, saboreando seu medo, sem nada dizer.

Após um momento ela se recuperou e ergueu-se.

- O que quer? - perguntou.

William ensaiara aquela cena muitas vezes na imaginação. Entrou bem devagar e parou junto ao fogo, esquentando as mãos. Só então disse:

- Eu moro aqui. O que você quer?

Aliena desviou os olhos dele para Walter. Estava assustada e confusa, mas seu tom de voz foi desafiador:

- Este castelo pertence ao conde de Shiring. Diga o que deseja e vá embora.

William sorriu, vitoriosamente.

- O conde de Shiring é meu pai - disse. O camareiro gemeu, como se tivesse receado aquilo. Aliena ficou desorientada. William prosseguiu: - O rei sagrou meu pai conde, ontem, em Winchester. O castelo agora nos pertence. Sou o senhor aqui até a chegada de meu pai. - Estalou os dedos para o camareiro.

- Estou com muita fome. Traga-me pão, carne e vinho.

Matthew hesitou. Lançou um olhar preocupado a Aliena. Tinha medo de deixá-la. Mas não havia escolha. Dirigiu-se para a porta.

Aliena deu um passo na direção da porta, como se fosse segui-lo.

- Fique aqui - ordenou-lhe William.

Walter colocou-se entre ela e a porta, barrando-lhe o caminho.

- Você não tem o direito de me dar ordens! - exclamou Aliena, com um pouco do seu antigo jeito autoritário.

- Fique aqui, minha lady - disse Matthew, apavorado. — Não os enfureça. Voltarei depressa.

Aliena fez uma cara feia para ele, mas permaneceu onde estava. Matthew retirou-se.

William sentou-se na cadeira de Aliena. Ela passou para o lado do irmão. Havia uma semelhança entre eles, mas toda a força estava no rosto da garota. Richard era um adolescente alto e desajeitado, ainda sem barba. William gostou da sensação de tê-los sob seu poder.

- Quantos anos você tem, Richard? - perguntou.

- Catorze - respondeu o rapaz, emburrado.

- Já matou um homem?

- Não - respondeu ele. - Ainda não - acrescentou, com uma pequena tentativa de bravata.

Você vai sofrer também, seu franguinho arrogante, pensou William. Depois voltou a atenção para Aliena.

- Quantos anos tem você?

A princípio pareceu que ela não fosse lhe dirigir a palavra, mas depois mudou de idéia, lembrando-se talvez de que Matthew lhe dissera para não

enfurecê-los.

- Dezesete - disse.

- Ora, ora, a família toda sabe contar - disse William. — Você é virgem, Aliena?

- Claro! - explodiu, num arroubo.

De repente William adiantou-se e agarrou-lhe um seio. Encheu sua mão enorme. Apertou: era firme, mas cedia à pressão. Ela sacudiu o corpo para trás e o seio escapou da mão dele.

Richard deu um passo em frente, tarde demais, e bateu no lado do braço de William. Nada poderia tê-lo alegrado mais. Pulou rapidamente da cadeira e deu um murro na cara de Richard. Como suspeitara, o garoto era mole; gritou e levou as mãos ao rosto.

- Deixe-o em paz! - gritou Aliena.

William fitou-a espantado. Parecia mais preocupada com o irmão que consigo própria. Podia ser que valesse a pena guardar aquilo na memória.

Matthew voltou trazendo uma bandeja com um pão, uma talhada de presunto e um jarro de vinho. Empalideceu quando viu Richard com as mãos no rosto. Deixou a bandeja em cima da mesa e foi até onde se encontrava o garoto. Afastando-lhe delicadamente as mãos, examinou seu rosto. Já estava vermelho e inchado em torno do olho.

- Eu disse a vocês para não enfurecê-los - murmurou, mas pareceu ficar aliviado por não ser coisa pior.

William ficou desapontado: esperara que Matthew tivesse um ataque de cólera. O camareiro estava ameaçando ser um desmancha-prazeres.

A visão da comida fez a boca de William se encher d'água. Puxou a cadeira para junto da mesa, pegou a faca e cortou uma fatia grossa de presunto. Walter sentou-se à sua frente. com a boca cheia de pão e presunto, William disse para Aliena:

- Traga copos e sirva o vinho. - Matthew moveu-se para atendê-lo - Você não - disse William. - Ela.

Aliena hesitou. Mathew olhou-a ansiosamente e fez que sim com a cabeça. Ela aproximou-se da mesa e apanhou o jarro.

Quando Aliena se inclinou, William abaixou-se, enfiou a mão por baixo da bainha da sua túnica e rapidamente correu os dedos pela perna dela. Sentiu primeiro a barriga da perna esbelta e de pêlo macio, depois os músculos sob o joelho e por fim a pele macia da parte interna da coxa; então ela deu um pulo, girou e deu com o pesado jarro de vinho na sua cabeça.

William defendeu-se do golpe com a mão esquerda e esbofeteou-a com a direita. Pôs toda a sua força naquele tapa. Ficou satisfeito, ao sentir a mão arder. Aliena gritou. Com o canto do olho ele viu Richard se movendo. Estava esperando por aquilo. Empurrou Aliena para um lado, vigorosamente, e ela caiu

no chão com um barulho surdo. Richard foi na direção de William como um cervo atacando o caçador.

William esquivou-se do golpe de Richard e o socou no estômago. Quando o garoto se dobrou em dois, Hamleigh golpeou-o diversas vezes, em rápida sucessão nos olhos e no nariz. Não era tão excitante quanto bater em Aliena, mas não deixava de ser gratificante, e em questão de momentos o rosto de Richard estava coberto de sangue.

De repente Walter deu um grito de alerta e pôs-se de pé com um pulo, olhando por cima do ombro de William. Este virou-se a tempo de ver Matthew vindo na sua direção com uma faca levantada, pronto para feri-lo. William foi tomado de surpresa - não esperara um ato de coragem do camareiro efeminado. Walter não pôde chegar a tempo de impedir o golpe. Tudo o que William fez foi erguer ambos os braços para se proteger, e, por um instante terrível, pensou que fosse ser morto no seu momento de triunfo. Um atacante mais forte teria desviado seus braços com uma pancada, mas Matthew era um tipo franzino, amaciado pela vida doméstica, e a faca não chegou a atingir o pescoço de William. Ele sentiu uma súbita onda de alívio, mas ainda não estava a salvo. Matthew levantou o braço para outra facada. William deu um passo atrás e apanhou sua espada. Walter contornou a mesa, com uma adaga comprida e pontuda na mão, e apunhalou Matthew nas costas.

Uma expressão de terror surgiu no rosto do efeminado. William viu a ponta da adaga de Walter sair no peito dele, rasgando a túnica. A faca de Matthew caiu e pulou nas tábuas do chão. Ele tentou respirar, num arquejo, mas veio um barulho de gorgolejo da sua garganta. Dobrou-se; saiu sangue da sua boca; seus olhos se fecharam; ele caiu. Por um momento o sangue jorrou da ferida, mas quase imediatamente virou um fio.

Todos olharam para o corpo estendido no chão: Walter, William, Aliena e Richard. William estava meio aturdido pela excitação depois de ter escapado por pouco da morte. Tinha a impressão de que seria capaz de qualquer coisa. Esticou o braço e agarrou a gola da túnica de Aliena. O tecido era suave e fino, muito caro. Puxou com força. A túnica rasgou. Continuou puxando, de modo a rasgá-la toda, na frente. Uma tira com um pé de largura ficou na sua mão. Aliena gritou, tentando juntar o que restara da roupa, sem conseguir. A garganta de William ficou seca. A repentina vulnerabilidade da jovem era excitante. Muito mais do que quando a vira se lavando, porque agora sabia que ele estava olhando e se sentia envergonhada, e sua vergonha o inflamava ainda mais. Aliena cobriu os seios com um braço e o triângulo dos pêlos púbicos com a outra mão. William deixou cair a tira de tecido e agarrou-a pelo cabelo. Depois puxou-a na sua direção, fez com que se virasse, e arrancou o resto da túnica de suas costas.

Aliena tinha delicados ombros alvos, cintura estreita e quadris surpreendentemente largos. Ele puxou-a, apertando-se contra suas costas,

esfregando-se nas suas nádegas.

Baixou a cabeça e mordeu o pescoço macio com força, até provar o gosto de sangue e ela gritar de novo. Ele viu Richard se mexendo.

- Segure o garoto - disse para Walter.

Walter agarrou Richard e o imobilizou.

Segurando Aliena com força com um braço, William explorou seu corpo com a outra mão. Acariciou-lhe os seios, avaliou-lhes o peso e os esfregou, beliscando seus pequenos mamilos; depois passou a mão pela sua barriga e pelo triângulo de pêlos entre suas pernas, crespos e fartos como os cabelos. Ele a explorou brutalmente com os dedos. Aliena começou a chorar. Seu pênis estava tão duro que parecia prestes a explodir.

William afastou-se e empurrou-a por cima da perna esticada. Aliena caiu de costas, ruidosamente. O tombo deixou-a sem ar e ela arquejou, tentando respirar.

Ele não planejava aquilo, e não sabia direito como acontecera, mas nada no mundo poderia detê-lo agora.

William ergueu a túnica e lhe mostrou o pênis. Ela ficou horrorizada; provavelmente nunca tinha visto um pênis ereto. Era uma virgem de verdade. Tanto melhor.

- Traga o garoto aqui - disse William para Walter. - Quero que veja tudo. - Por um motivo qualquer, a idéia de fazer aquilo diante dos olhos de Richard era incrivelmente excitante.

Walter empurrou Richard e o forçou a se ajoelhar.

William também se ajoelhou e forçou Aliena a abrir as pernas. Ela começou a lutar. Ele caiu por cima dela, tentando submetê-la com seu peso, mas mesmo assim Aliena resistiu e William não conseguiu a penetração. Ficou irritado; aquilo estava estragando tudo. Levantou-se sobre um cotovelo e bateu-lhe no rosto com o punho. Ela gritou. Uma mancha vermelha surgiu imediatamente no lugar em que ele batera, mas assim que tentou penetrá-la, começou a resistir mais uma vez.

Walter poderia tê-la imobilizado, mas estava segurando o garoto.

De repente, William teve uma inspiração.

- Corte a orelha do menino, Walter - disse.

Aliena ficou imóvel.

- Não! - exclamou, com a voz rouca. - Deixe-o em paz. Não o machuque mais.

- Abra as pernas, então - disse William.

Ela o encarou, com os olhos arregalados, horrorizada com a terrível escolha que se via forçada a fazer. William saboreou sua angústia. Walter, fazendo perfeitamente seu jogo, puxou a faca e encostou-a na orelha direita de Richard. Hesitou e, com um movimento quase terno, cortou fora o lobo.

Richard gritou. O sangue brotou da pequena ferida. O pedacinho de carne caiu sobre o peito arfante de Aliena.

- Pare! - gritou ela. - Está bem. Eu deixo. - E abriu os joelhos.

William cuspiu na mão e esfregou a saliva entre suas pernas, enfiando os dedos na vagina. Aliena gritou de dor. O grito o excitou ainda mais. Sempre sobre ela, baixou o corpo. A jovem estava imóvel, tensa. Seus olhos se conservavam fechados. O corpo ficara molhado de suor por causa da luta, mas ela tremia. William ajustou sua posição, mas se deteve, antecipando o prazer que sentiria e saboreando o pavor dela.

Deu uma olhada nos outros. Richard assistia a tudo, horrorizado. Walter olhava cobiçosamente.

- Depois é sua vez, Walter - disse William.

Aliena gemeu, em desespero.

De repente ele a penetrou rudemente, o mais forte e o mais longe que pôde. Sentiu a resistência do seu hímen - uma verdadeira virgem! - e arremeteu de novo, brutalmente.

Isso machucou-o, mas machucou a ela ainda mais. Aliena gritou. Ele meteu mais uma vez, com mais força, e sentiu que o hímen se rompia. O rosto da jovem ficou pálido, sua cabeça tombou para um lado e ela desmaiou; finalmente William ejaculou dentro de Aliena, rindo sem parar com o triunfo e o prazer que sentia.

A tempestade rugiu quase toda a noite, chegando ao fim antes da madrugada. A súbita quietude despertou Tom Construtor. Deitado no escuro, ouvindo a respiração pesada de Alfred de um lado e o ressonar mais leve de Martha do outro, calculou que a manhã podia ser clara, o que significava ver o sol se levantar pela primeira vez, em duas ou três semanas nubladas. Estivera esperando por aquilo.

Levantou-se e abriu a porta. Ainda estava escuro, havia bastante tempo. Cutucou o filho com o pé.

- Alfred! Acorde! Vamos ter um nascer do sol.

Alfred resmungou e sentou-se. Martha virou-se sem acordar. Tom foi até a mesa e destampou um pote de cerâmica. Retirou um pão parcialmente comido e cortou duas fatias grossas, uma para si e outra para o filho. Sentaram-se no banco e comeram.

Havia cerveja no jarro. Tom tomou um longo gole e passou para Alfred. Agnes teria feito com que usassem copos, como Ellen, mas agora não havia mulheres na casa.

O céu estava passando de negro para cinza quando atravessaram o adro. Tom pensara em ir à casa do prior, acordá-lo. No entanto, os pensamentos de Philip haviam seguido a mesma linha dos de Tom, e ele já estava nas ruínas da

catedral, protegido por uma capa grossa, ajoelhado no chão úmido, rezando.

A tarefa deles era determinar uma linha leste-oeste precisa, que formaria o eixo em torno do qual a catedral nova seria construída.

Tom preparara tudo algum tempo antes. Do lado leste, ele espetara no chão uma vara de ferro com um pequeno anel no topo, como o orifício de uma agulha. Era quase da altura de Tom, de modo que o orifício ficava no nível dos olhos deles. Ele a fixara no chão com uma mistura de cascalho e massa, para que não fosse deslocada por acidente. Nessa manhã colocaria outra vara igual, exatamente a oeste da primeira, no lado oposto do terreno onde seria construída a igreja.

- Prepare um pouco de massa, Alfred - disse.

O rapaz foi buscar areia e cal. Tom dirigiu-se ao depósito de ferramentas perto do claustro e apanhou uma pequena marreta e a segunda vara de ferro. Em seguida caminhou para o lado oeste e ficou aguardando o sol nascer. Philip terminou as orações e juntou-se a ele, com Alfred misturando areia, cal e água.

O céu clareou. Os três homens ficaram tensos. Todos olhavam para a parede leste do adro. Finalmente o disco vermelho do sol apareceu em cima do muro.

Tom mudou de posição até poder ver o sol pelo anel da vara da extremidade mais distante. Então, quando Philip começou a rezar em voz alta em latim, Tom segurou a segunda vara na sua frente, de modo que ela bloqueasse sua visão do sol. Com firmeza, abaixou-a até o chão e pressionou com cuidado sua ponta na terra úmida, conservando-a sempre, e precisamente, entre seu olho e o sol.

Tirou a pequena marreta do cinto e foi batendo no ferro até que o orifício ficasse no nível dos seus olhos. Agora, se tivesse feito tudo direito, e se suas mãos não houvessem tremido, o sol reluziria através dos anéis das duas vigas.

Fechou um dos olhos e mirou através do anel mais próximo, para o que ficava mais distante. Os dois marcavam uma linha leste-oeste perfeita. Essa linha daria a orientação da nova catedral.

Tom tinha explicado tudo isso a Philip, e agora afastou-se e deixou o prior olhar através dos dois anéis, para confirmar.

- Perfeito - disse Philip. Tom concordou.

- É sim.

- Sabe que dia é hoje? - perguntou Philip.

- Sexta-feira.

- É também o dia do martírio de Santo Adolfo. Deus nos mandou um nascer do sol para que possamos orientar a construção da igreja no dia do nosso patrono. Não é um bom sinal?

Tom sorriu. Na sua experiência, o trabalho bem-feito era mais importante que bons presságios. Mas ficou feliz por Phillip.

- Sim, é verdade - disse. - É mesmo um sinal muito bom.

Capítulo 6

Aliena estava determinada a não pensar naquilo.

Ficou sentada a noite inteira no chão de pedra fria da capela, com as costas na parede, olhando fixamente a escuridão. A princípio não pôde pensar em nada que não fosse a cena infernal por que passara, mas gradualmente a dor cedeu um pouco e a jovem pôde concentrar-se nos sons da tempestade, na chuva caindo no telhado da capela, no vento uivando por entre as fortificações do castelo deserto.

A princípio estava nua. Depois que os dois homens tinham... Quando tinham terminado, voltaram para a mesa, deixando-a estirada no chão, com Richard sangrando ao seu lado. William e Walter se puseram a comer e beber como se houvessem esquecido sua existência, até que ela e o irmão resolveram correr o risco e fugiram. A chuva começara naquela hora, e os dois atravessaram a ponte debaixo de um aguaceiro torrencial para se refugiar na capela. Contudo, Richard voltara à fortaleza quase que imediatamente. Devia ter entrado no aposento onde estavam os dois homens, pegado sua capa e a de Aliena no cabide perto da porta e fugido antes que William e seu criado tivessem tempo de reagir.

Entretanto ainda não falara com a irmã. Entregou-lhe a capa, e embrulhou-se com a sua; depois se sentou no chão a uma jarda da irmã, com as costas na mesma parede.

Aliena ansiava por alguém que a amasse, para envolvê-la com os braços e confortá-la, mas Richard agia como se tivesse feito uma coisa terrivelmente vergonhosa; e o pior era que ela tinha a mesma impressão. Sentia-se tão culpada como se houvesse cometido um pecado. Entendia muito bem por que ele não a reconfortava, por que não queria tocar nela.

Ficou contente por estar frio. Ajudava a sentir-se separada do mundo, isolada, e parecia amortecer a dor. Não dormiu, mas em alguma hora da noite os dois irmãos entraram numa espécie de transe, e por longo tempo ficaram tão imóveis como se estivessem mortos.

O fim repentino da tempestade quebrou o encantamento. Aliena percebeu que podia ver as janelas da capela, pequenas manchas cinzentas, onde antes tudo fora a mais negra escuridão. Richard levantou-se e dirigiu-se até a porta. Ela o olhou, aborrecida com a agitação: queria ficar sentada ali, encostada na parede, até morrer de frio ou de fome, pois não era capaz de pensar em nada mais atraente que dormir e, pacificamente, mergulhar na inconsciência permanente. Então ele abriu a porta e a débil luz da madrugada iluminou-lhe o rosto.

O choque a tirou do transe. Richard mal era reconhecível. Seu rosto, de tão inchado, estava completamente deformado, coberto de sangue seco e

ferimentos. Aliena teve vontade de chorar, vendo aquilo. Richard sempre fora metido a corajoso. Quando garotinho, corria pelo castelo cavalcando um cavalo imaginário, fingindo espetar as pessoas com uma lança, também imaginária. Os cavaleiros de seu pai sempre o encorajavam, fingendo-se de apavorados com a sua espada de pau. Na verdade, Richard podia ser assustado por um gato encurralado. Mas fizera o melhor possível, na noite anterior, e fora vigorosamente espancado por isso. Agora teria que tomar conta dele.

Lentamente ela se levantou. Seu corpo doía, mas a dor não era tão forte quanto a da véspera. Calculou o que poderia estar acontecendo na fortaleza. William e o criado deviam ter acabado com o vinho em algum momento durante a noite e caído no sono.

Decerto acordariam ao nascer do sol.

A essa altura, ela e Richard já deveriam ter ido embora.

Aliena dirigiu-se à outra extremidade da capela, onde ficava o altar. Era uma simples caixa de madeira, pintada de branco, sem enfeites. Debruçou-se sobre ela e, com um gesto súbito, empurrou-a.

- O que você está fazendo? - perguntou Richard, assustado.

- Este era o esconderijo secreto de papai - disse ela. Ele me contou antes de ir embora. - No chão, onde antes estava o altar, havia qualquer coisa embrulhada num pano. Era uma espada de tamanho normal, com cinto e bainha, e uma adaga de aspecto perigoso com cerca de um pé de comprimento.

Richard veio olhar. Tinha pouca habilidade com espadas. Vinha tomando lições há um ano, mas ainda era desajeitado. Aliena, contudo, certamente não era capaz de empunhá-la, e a entregou ao irmão. Ele afivelou o cinturão.

A jovem examinou a adaga. Nunca carregara uma arma. Em toda a sua vida tivera alguém para protegê-la. Percebendo que precisava daquela arma mortal para sua proteção, sentiu-se totalmente abandonada. Não estava segura de ser capaz de usá-la. Uma vez enfiei uma lança de madeira num porco do mato, pensou; por que não poderia fazer o mesmo com um homem... como William Hamleigh? Horrorizou-se com a idéia.

A adaga tinha uma bainha de couro com uma alça para prender no cinto. Era uma alça grande o bastante para o pulso franzino de Aliena passar por dentro dela, como se fosse uma pulseira. Ajeitou-a no braço esquerdo e escondeu a adaga na manga. A lâmina era comprida - ultrapassava seu cotovelo. Mesmo que não pudesse apunhalar ninguém, talvez conseguisse assustar as pessoas.

- Vamos dar o fora, depressa - disse Richard. Aliena concordou, mas parou ao se dirigir para a porta. O dia estava se tornando mais claro rapidamente, e ela pôde ver no chão da capela a sombra de dois objetos que não notara antes. Olhando mais de perto, viu que eram selas, uma de tamanho normal e a outra verdadeiramente enorme. Visualizou William e seu criado, chegando na noite anterior, empolgados com o triunfo em Winchester e esgotados pela viagem,

tirando descuidadamente a sela dos cavalos e largando-as ali, antes de irem apressadamente para a fortaleza. Não imaginaram que alguém se atreveria a roubá-las. Mas as pessoas desesperadas encontram coragem.

Aliena foi até a porta e deu uma olhada. A luz estava clara e fraca, e não havia cores. O vento cessara, e o céu não tinha nuvens. Diversas tabuinhas de madeira haviam caído do telhado da capela durante a noite. O conjunto estava vazio, exceto pelos dois cavalos pastando o capim molhado. Ambos olharam para Aliena e baixaram a cabeça de novo. Um deles era um imenso cavalo de batalha: isso explicava a sela avantajada.

O outro era um corcel malhado, feio, mas vigoroso. Aliena olhou para os animais, depois para as selas e mais uma vez para eles.

- O que estamos esperando? - perguntou Richard ansiosamente.

Aliena tomou uma decisão.

- Vamos levar os cavalos deles - disse, determinada.

Richard pareceu apavorado.

- Eles vão nos matar.

- Não serão capazes de nos pegar. Se não levarmos os cavalos é que poderão nos seguir e nos matar.

- E se eles nos pegarem antes de darmos o fora?

- Só teremos que ser ligeiros. - Aliena não se sentia tão confiante quanto queria dar a entender, mas precisava encorajar o irmão. - Vamos selar o corcel primeiro, ele parece mais amigável. Traga a sela comum.

Ela atravessou correndo o conjunto. Ambos os cavalos estavam presos por longas cordas às ruínas dos edifícios incendiados. Aliena pegou a corda do corcel e puxou delicadamente. Aquele devia ser o cavalo do criado, claro. Teria preferido um animal menor e menos vigoroso, mas achou que poderia controlar aquele. Richard teria que ficar com o cavalo de batalha.

O corcel olhou desconfiadamente para Aliena e baixou as orelhas. Ela estava desesperadamente impaciente, mas obrigou-se a falar com suavidade e puxar a corda com delicadeza, e o cavalo se acalmou. Segurou sua cabeça e afagou-lhe o focinho; nesse instante o garoto passou a cabeçada e enfiou o bridão na boca do animal. A jovem sentiu-se aliviada. Richard ajeitou a menor das duas selas e prendeu-a com movimentos rápidos e seguros. Os dois irmãos estavam acostumados com cavalos desde pequenos.

Havia sacos amarrados em ambos os lados da sela. Aliena esperava que contivessem algo útil - uma pedra de fogo, um pouco de comida, ou grãos para o cavalo comer, mas não havia tempo para examinar agora. Olhou nervosamente para a ponte que levava à fortaleza, do outro lado do conjunto. Não havia ninguém ali.

O cavalo de batalha vira o corcel ser arreado e sabia o que estava por vir, mas não estava nada entusiasmado para cooperar com completos estranhos.

Resfolegou e resistiu ao puxão da corda.

- Quietos! - disse Aliena.

Segurou a corda bem tensa, puxando firmemente, e o cavalo se aproximou, relutante, de onde ela estava. Mas ele era muito forte, e se fizesse um esforço determinado para resistir, haveria problema. Aliena perguntou-se se o corcel seria capaz de levá-los.

Nesse caso, porém, William seria capaz de pegá-la, montando o cavalo de batalha.

Quando o animal se aproximou mais, ela deu uma laçada num toco para que não pudesse se afastar. Mas quando Richard tentou passar a cabeça, ele sacudiu o pescoço e não deixou.

- Tente pôr a sela primeiro - disse Aliena. Ela falou com o animal e deu umas palmadinhas no seu poderoso pescoço, enquanto Richard colocava a sela imensa e apertava a cilha. O cavalo começou a parecer, de certo modo, derrotado. - Agora seja bonzinho - disse a jovem, com a voz firme, mas ele não foi enganado: sentiu o pânico que havia sob as aparências. Richard aproximou-se com a cabeça e o animal resfolegou e tentou se afastar. - Tenho uma coisa para você - disse ela, enfiando a mão no bolso vazio da capa. O cavalo se deixou enganar. Aliena pegou um punhado de nada, mas ele baixou a cabeça e meteu o focinho na sua mão, procurando comida. Ela sentiu a aspereza da sua língua na palma da mão. Enquanto estava de cabeça baixa e boca aberta, Richard enfiou o cabresto.

Aliena lançou outro olhar receoso na direção da fortaleza. Tudo quieto.

- Monte - disse para Richard.

Ele pôs um pé no estribo muito alto - não sem dificuldade - e pulou para cima do imenso animal.

O cavalo relinchou vigorosamente.

O coração de Aliena disparou. Aquele barulho poderia ter sido ouvido na fortaleza. Um homem como William haveria de reconhecer o relincho, especialmente sendo um cavalo tão caro quanto aquele. Podia ter acordado.

Ela apressou-se a soltar o outro animal. Seus dedos frios lutaram com o nó. A possibilidade de William ter acordado fez com que perdesse a coragem. Ele abriria os olhos, se sentaria, olharia em torno, se lembraria de onde estava e iria querer saber o motivo pelo qual seu cavalo relinchara. Viria rapidamente, sem dúvida. Aliena sabia que não poderia enfrentá-lo outra vez. A coisa vergonhosa, brutal e torturante que ele lhe fizera voltou com todo o seu horror.

- Vamos, Allie! - exclamou Richard, insistente. O cavalo dele estava nervoso e agitado. Era com grande esforço que o controlava. Precisava fazê-lo galopar uma ou duas milhas para cansá-lo; então ficaria mais dócil. O imenso animal relinchou de novo e começou a andar de lado.

Finalmente Aliena conseguiu desfazer o nó. Sentiu-se tentada a deixar a

corda no chão, mas depois não teria como amarrar o cavalo de novo, e por isso a enrolou rapidamente, de qualquer modo, e a prendeu na sela. Precisava ajustar os estribos; estavam na altura adequada ao criado de William, que era bem mais alto que ela, e por isso ficariam demasiado baixos quando montasse. Mas imaginou William descendo a escada, atravessando o salão, saindo para o ar livre...

- Não posso segurar este cavalo por muito mais tempo – disse Richard, com a voz espremida.

Aliena estava tão agitada quanto o cavalo de batalha. Balançou o corpo e montou no corcel. Sentar na sela a machucou, por dentro, mas não podia fazer nada. Richard tocou seu cavalo na direção do portão, e o corcel de Aliena o seguiu sem que ela tivesse feito nada. Os estribos estavam fora do seu alcance, como antecipara, e tinha que se segurar com a pressão dos joelhos. Quando começavam a sair ouviu um grito vindo de algum lugar às suas costas, e gemeu em voz alta:

- Oh, não! - Ela viu Richard tocar o cavalo com os calcanhares. O imenso animal saiu trotando, e o dela o imitou. Era bom que ele sempre imitasse o cavalo de batalha, porque não estava em condições de controlá-lo. Richard tocou o animal de novo e ele ganhou velocidade quando passaram sob o arco do portão. Aliena ouviu outro grito, muito mais perto. Olhou por cima do ombro para ver William e seu criado correndo atrás dela.

O cavalo de Richard estava nervoso, e assim que viu campo aberto baixou a cabeça e rompeu a galopar. O barulho foi estrondoso quando atravessaram a ponte levadiça de madeira. Aliena sentiu qualquer coisa puxando-a na coxa, e viu, de esguelha, a mão de um homem tentando pegar os arreios da sela; porém, desapareceu um instante depois, e ela percebeu que tinham escapado. Sentiu uma onda de alívio inundá-la, mas a dor voltou. À medida que o cavalo galopava pelo campo, sentia-se como que apunhalada por dentro, da mesma forma como ao ser penetrada pelo asqueroso William; um líquido morno escorria pelas suas coxas. Solto as rédeas e fechou os olhos com força, lutando contra a dor. Mas o horror da noite passada voltou, e ela via tudo por trás das pálpebras fechadas. Enquanto cruzavam o campo, cantava no ritmo do tropel:

- Não posso lembrar, não posso lembrar, não posso, não posso, não posso.

Seu cavalo fez uma curva para a direita e ela sentiu que subia uma ligeira elevação. Abriu os olhos e viu que Richard saíra da trilha lamacenta e seguia o caminho da floresta. Pensou que ele provavelmente queria cansar o cavalo de batalha antes de reduzir a marcha. Os dois animais seriam mais fáceis de controlar depois que tivessem feito um grande esforço.

Em pouco tempo sentiu que o seu cavalo começava a esmorecer. Reclinou-se para trás na sela. O animal reduziu o ritmo para um pequeno galope, depois um trote e finalmente seguiu a passo. A montaria de Richard ainda tinha

energia para queimar, e prosseguiu, afastando-se.

Aliena olhou para trás. O castelo ficava a uma milha de distância, e não foi possível ter certeza se estava vendo ou não dois vultos de pé na ponte, olhando na sua direção. Teriam que andar um bocado para arranjar cavalos sobressalentes, pensou.

Sentiu-se segura por algum tempo.

Suas mãos e pés formigaram quando esquentaram. O calor subia do cavalo como de uma lareira, envolvendo-a num casulo de ar quente. Afinal Richard deixou sua montaria diminuir a marcha e virou na direção da irmã, o cavalo a passo, ofegante. Entraram em meio às árvores. Ambos conheciam bem aqueles bosques, pois haviam morado ali a maior parte da vida.

- Aonde estamos indo? - perguntou Richard. Aliena fechou a cara. Aonde estavam indo? O que iam fazer? Não tinham comida, nem bebida, nem dinheiro. Ela não tinha roupas, exceto a capa que vestia - nada de túnica, camisa de baixo, chapéu ou sapatos.

Tencionava tomar conta do irmão - mas como?

Podia ver agora que nos três últimos meses estivera vivendo num sonho. No fundo ela soubera que a vida de antes acabara, mas se recusara a enfrentar a verdade. William Hamleigh a despertara. Não tinha dúvida de que a história dele era verdadeira e de que o rei Estêvão fizera de Percy Hamleigh o conde de Shiring; porém, talvez houvesse algo mais. Talvez o rei tivesse destinado alguma coisa a ela e a Richard. Caso contrário, deveria tê-lo feito, e certamente eles poderiam peticionar. De qualquer modo precisavam ir a Winchester. No mínimo descobririam o que acontecera com seu pai. Subitamente ela pensou: Oh, papai, por que tudo saiu errado?

Desde que sua mãe morrera, ele tomara especial cuidado com ela. Aliena sabia que lhe dava mais atenção do que os outros pais davam às filhas. Ele se sentia culpado por não haver se casado de novo, para que ela tivesse uma nova mãe, e explicara que era mais feliz com a lembrança de sua mulher do que jamais poderia ser com uma substituta. De qualquer modo, a jovem nunca quisera outra mãe. Seu pai cuidara dela e ela cuidara de Richard, e, desse modo, nenhum mal jamais pôde acontecer a eles.

Aqueles dias haviam terminado para sempre.

- Aonde estamos indo? - perguntou Richard de novo.

- Winchester! - respondeu ela. - Iremos ver o rei.

Richard ficou entusiasmado.

- Sim! E quando contarmos o que William e seu criado fizeram ontem à noite, o rei certamente...

Num relâmpago, Aliena foi tomada de uma fúria incontrollável.

- Cale a boca! - gritou, assustando os cavalos. Ela puxou as rédeas com toda a força. - Nunca diga isso! - Estava sufocada de tanta raiva e mal conseguiu

proferir as palavras. - Não vamos contar a ninguém o que eles fizeram... a ninguém! Nunca! Nunca! Nunca!

Os alforjes de William continham um pedaço grande de queijo duro, um resto de vinho num frasco de couro, uma pedra de fogo e alguns gravetos, e uma mistura de grãos que Aliena imaginou fossem destinados aos cavalos. Ela e Richard comeram o queijo e beberam o vinho ao meio-dia, enquanto os cavalos pastavam o capim escasso e comiam os galhos verdes de uns arbustos, bebendo a água de um regato de águas claras.

Ela parara de sangrar, e a parte inferior do seu torso estava entorpecida.

Tinham visto outros viajantes, mas Aliena dissera a Richard para não falar com ninguém. Para um observador casual eles pareciam ser uma dupla de respeito, particularmente Richard, no seu cavalo imenso e armado com uma espada; porém, alguns momentos de conversa revelariam que não passavam de dois garotos sem ninguém que tomasse conta deles, e então passariam a ser vulneráveis. Assim, desviaram-se das outras pessoas.

Quando o dia começou a escurecer, procuraram um lugar para passar a noite. Encontraram uma clareira perto de um riacho, a cerca de cem jardas da estrada. Aliena deu um pouco de grão aos cavalos, enquanto Richard acendia uma fogueira. Se tivessem uma panela, poderiam cozinhar uma sopa com o cereal dos cavalos. Como não tinham, seriam obrigados a mascar os grãos crus, a não ser que encontrassem castanhas doces e as assassem. Pensava a esse respeito, com Richard fora de suas vistas apanhando lenha, quando se assustou com uma voz grave bem a seu lado.

- E quem é você, minha mocinha?

Ela gritou. O cavalo recuou, assustado. Aliena virou-se e viu um homem sujo e barbado, totalmente vestido de couro castanho. Ele deu um passo na sua direção.

- Fique longe de mim!

- Não precisa ter medo - disse ele.

Com o canto do olho ela viu Richard aparecer na clareira atrás do estranho, os braços cheios de lenha. O garoto ficou olhando para os dois. Desembainhe a sua espada! pensou Aliena, mas seu irmão parecia por demais assustado e incerto para fazer qualquer coisa. Recuou, tentando colocar o cavalo entre ela e o estranho.

- Não temos dinheiro - disse. — Não temos nada.

- Sou guarda-florestal do rei - disse ele.

Aliena quase desmaiou de alívio. Um guarda-florestal era um servo real pago para exigir o cumprimento das leis da floresta.

- Por que não disse logo, seu idiota? - explodiu, furiosa por ter levado um susto. - Pensei que fosse um fora-da-lei!

Ele pareceu surpreso e até mesmo ofendido, como se Aliena houvesse

afirmado algo impolido, mas tudo o que disse foi:

- Você então deve ser uma dama de alto nascimento.

- Sou a filha do conde de Shiring.

- E o garoto será então filho dele - disse o guarda-florestal, embora nada indicasse que tivesse visto Richard.

Nesse ponto Richard adiantou-se e largou a lenha no chão.

- Exatamente - disse. - Qual é o seu nome?

- Brian. Vocês estão planejando passar a noite aqui?

- Sim.

- Completamente sozinhos?

- Sim. - Aliena sabia que ele devia estar querendo saber por que não tinham escolta, mas ela não iria dizer.

- E afirma que não têm dinheiro.

Franziu as sobrancelhas para ele, irritada.

- Está duvidando de mim?

- Oh, não. Posso garantir que você é nobre, pelos seus modos. - Haveria uma ponta de ironia na voz dele? - Se está sozinha e sem dinheiro, talvez prefira passar a noite na minha casa. Não é longe.

Aliena não tinha a menor intenção de se colocar à mercê de um tipo assustador como aquele. Já estava a ponto de recusar quando ele falou de novo.

- Minha mulher ficará contente por lhes dar uma ceia. E tenho um anexo quentinho onde poderão dormir, se preferirem ficar sozinhos.

A existência de uma mulher tornava tudo diferente. Aceitar a hospitalidade de uma família respeitável deveria ser suficientemente seguro. Ainda assim Aliena hesitou.

Mas depois pensou numa lareira, numa tigela de sopa quente, num copo de vinho e num leito de palha com um teto por cima.

- Ficariamos muito gratos - disse ela. - Nada temos para lhe dar, eu falei a verdade sobre não ter dinheiro, mas um dia voltaremos e o recompensaremos.

- Está muito bom - disse o guarda-florestal, indo até o fogo e apagando-o com os pés.

Aliena e Richard montaram - ainda não tinham desencilhado os cavalos. O guarda-florestal aproximou-se e disse:

- Deixem as rédeas comigo.

Sem ter certeza do que ele estava querendo fazer, Aliena atendeu e Richard também. O homem se enfiou pela floresta, puxando os animais. Aliena teria preferido ela própria conduzir sua montaria, mas decidiu deixar por conta dele.

Era mais longe do que ele dera a entender. Já tinham percorrido três ou quatro milhas e estava escuro quando chegaram a uma cabana de madeira, com telhado de palha, numa clareira. Mas havia luz brilhando através das janelas e cheiro de comida sendo preparada. Aliena desmontou, agradecida.

A mulher do guarda-florestal ouviu os cavalos e apareceu à porta. O homem lhe disse:

- Um jovem lorde e uma lady, sozinhos na floresta. Dê-lhes algo para beber. - Ele se virou para Aliena. - Vá entrando. Vou ver os cavalos.

A jovem não gostou do seu tom peremptório - teria preferido estar dando as ordens, mas não queria desencilhar o cavalo, de modo que entrou. Richard a seguiu. A casa estava enfumaçada e tinha um cheiro forte, mas era quente. Havia uma vaca presa a um canto. Aliena ficou feliz porque o homem mencionara um anexo: nunca dormira com gado. Uma panela fervia no fogo. Sentaram-se num banco e a mulher deu uma tigela da sopa que estava na panela para cada um. Tinha gosto de caça. Quando viu o rosto de Richard à luz do fogo, ficou chocada.

- O que aconteceu com você? - perguntou. Richard abriu a boca para responder, mas Aliena o antecedeu.

- Sofremos uma série de reveses - disse. - Estamos a caminho para ver o rei.

- Entendo - disse a mulher. Era uma criatura pequena, muito morena e com a expressão desconfiada. Não persistiu no seu interrogatório.

Aliena tomou a sopa rapidamente e quis mais. Levantou a tigela, mas a mulher desviou o olhar. A jovem ficou intrigada. Será que não sabia o que queria? Ou não tinha mais? Estava prestes a lhe dirigir a palavra asperamente quando o guarda voltou.

- Vou lhes mostrar o celeiro, onde poderão dormir - disse. Ele pegou um lampião num gancho perto da porta. - Venham comigo.

Aliena e Richard se levantaram. Ela se dirigiu à mulher:

- Há mais uma coisa de que preciso. Pode me dar um vestido velho? Não tenho nada para usar debaixo desta capa.

A mulher pareceu ficar aborrecida, por algum motivo.

- Vou ver o que consigo encontrar - resmungou. Aliena dirigiu-se para a porta. O guarda-florestal a fitava de um modo estranho, como se pudesse ver através da capa, caso se esforçasse bastante.

- Vá andando na frente! - disse ela asperamente. Ele virou e saiu.

Conduziu-os para os fundos da casa e através de uma horta. A luz oscilante do lampião revelou uma pequena construção de madeira, mais uma choça que um celeiro. Ele abriu a porta. Ela bateu de encontro a uma barrica que recolhia a água da chuva que escorria do telhado.

- Dê uma olhada - disse. - Veja se serve para você.

Richard entrou primeiro.

- Traga a luz, Allie - disse. Aliena virou-se para pegar o lampião com o guarda. No instante em que o fez, ele lhe deu um vigoroso empurrão. Ela caiu de lado, atravessando o portal e entrando no celeiro. Bateu no irmão e os dois

terminaram enredados um no outro, no chão. Estava escuro e a porta bateu com força. Ouviu-se um barulho peculiar do lado de fora, como se algum objeto pesado tivesse sido empurrado para a frente da porta.

Aliena não pôde acreditar que aquilo estivesse acontecendo.

- O que está havendo, Allie? - exclamou Richard.

Ela se sentou. Aquele homem seria realmente um guarda florestal ou um fora-da-lei? Não podia ser um fora-da-lei - não com aquela casa. Mas se era um guarda-florestal, por que os trancara? Teriam infringido alguma lei? Adivinhara que os cavalos não lhes pertenciam? Ou teria algum motivo desonesto?

- Allie, por que fez isso? - indagou Richard.

- Não sei - respondeu ela, exausta. Não lhe restava mais energia para se irritar ou ficar furiosa. Levantou-se e empurrou a porta. Nem se mexeu. Supôs que o homem encostara o barril de água nela. No escuro, bateu as paredes do celeiro. Sua mão alcançava também a parte mais baixa do telhado. A construção fora feita com vigas arrumadas bem junto umas das outras. Um trabalho cuidadoso. Era a prisão do guarda-florestal, onde ele recolhia os infratores da lei antes de levá-los ao xerife.

- Não podemos sair daqui - disse.

Ela se sentou. O chão era seco e coberto de palha.

- Ficaremos trancados aqui dentro até que ele resolva nos deixar sair - disse resignadamente.

Richard sentou-se ao seu lado. Após algum tempo eles se deitaram de costas um para o outro. Aliena achou que estava por demais assustada e tensa para dormir, mas como o cansaço era enorme, em questão de poucos minutos caiu numa modorra salutar.

Acordou quando a porta se abriu e a luz do dia incidiu sobre seu rosto. Sentou-se imediatamente, assustada, sem saber onde se encontrava ou por que estava dormindo no chão duro. Depois se lembrou, e ficou ainda mais assustada: o que o guarda florestal iria fazer com eles? No entanto, não foi ele quem entrou, e sim a mulher morena; e embora o rosto dela estivesse tão fechado quanto na véspera, trazia um naco de pão e duas xícaras.

Richard sentou-se também. Ambos olharam para a mulher, atemorizados. Ela nada disse, mas entregou as xícaras, partiu o pão em dois e deu metade para cada um. Aliena percebeu subitamente que estava faminta. Mergulhou o pão na cerveja e começou a comer.

A mulher ficou parada no portal, observando-os enquanto terminavam o pão e a cerveja. Depois entregou a Aliena o que parecia um pedaço de pano amarrotado e amarelado. Desdobrou-o. Era um vestido velho.

- Vista isto e dê o fora daqui - disse a mulher.

A jovem ficou espantada com a combinação de bondade e palavras duras, mas não hesitou em pegar o vestido. Virou-se de costas, deixou cair a capa e

enfiou rapidamente o vestido pela cabeça, recolocando a capa.

Sentiu-se melhor.

A mulher lhe deu um par de tamancos de madeira muito usados e grandes demais.

- Não posso montar de tamancos - disse Aliena.

A mulher riu asperamente.

- Você não vai montar.

- Por que não?

- Ele tirou seus cavalos.

O coração de Aliena confrangeu-se. Era uma injustiça que ainda devessem sofrer mais má sorte.

- Para onde os levou?

- Ele não me conta essas coisas, mas acho que foi a Shiring. Vai vendê-los, depois descobrirá quem são vocês e se há algo mais que possa ganhar às suas custas que não o preço da carne dos cavalos.

- Então por que você está nos deixando ir?

A mulher olhou para Aliena de alto a baixo.

- Porque não gostei do modo como ele olhou para você quando disse que estava nua debaixo da capa. Pode não entender isso agora, mas entenderá quando estiver casada.

Aliena já compreendia, mas nada disse.

- Ele não vai matá-la quando descobrir que nos soltou? quis saber Richard.

Ela deu um sorriso cínico.

- Ele não me assusta tanto quanto assusta os outros. Agora vão embora.

Eles saíram. Aliena compreendeu que aquela mulher aprendera a conviver com um homem brutal e sem coração, tendo inclusive conseguido preservar um pouco de decência e piedade.

- Muito obrigada pelo vestido - disse, um tanto sem jeito.

A mulher não queria seus agradecimentos. Apontou uma trilha e disse:

- Winchester fica naquela direção.

Os dois irmãos se afastaram, sem olhar para trás.

Aliena nunca calçara tamancos usados - pessoas de sua classe sempre se calçavam com botas de couro ou sandálias, e achou aqueles desajeitados e desconfortáveis.

No entanto, eram melhores que nada, com o chão frio.

Quando estavam fora das vistas da casa do guarda-florestal, Richard perguntou:

- Allie, por que essas coisas estão acontecendo conosco?

A pergunta perturbou a jovem. Todo mundo era cruel com eles.

As pessoas os espancavam e roubavam como se fossem cavalos ou cães. Não havia ninguém para protegê-los. Temos sido confiantes demais, pensou ela.

Haviam vivido três meses no castelo sem sequer trancar as portas. Resolveu não confiar em ninguém no futuro. Nunca mais consentiria em que outra pessoa segurasse as rédeas do seu cavalo, mesmo que tivesse que ser rude para impedir isso. Nunca mais permitiria que alguém ficasse às suas costas, como o guarda florestal na noite anterior, quando a empurrara para dentro da cabana.

Nunca mais aceitaria a hospitalidade de um estranho. Nunca mais deixaria a porta destrancada à noite. Nunca mais acreditaria em gestos aparentemente bondosos.

- Vamos caminhar mais depressa - disse para Richard. — Talvez possamos alcançar Winchester ao cair da noite.

Seguiram a trilha até a clareira onde tinham encontrado o guarda. Ainda havia os restos da fogueira. Dali em diante encontraram facilmente a estrada para Winchester.

Já tinham estado na cidade antes, muitas vezes, e conheciam o caminho. Uma vez na estrada foram capazes de se deslocar mais depressa. A geada endurecera a lama desde a tempestade de duas noites antes.

O rosto de Richard estava voltando ao normal. Ele o lavara na véspera, na água fria de um regato no bosque, e a maior parte do sangue seco desaparecera. Havia uma ferida feia onde antes existira o lobo da orelha direita. Os lábios ainda estavam inchados, mas o resto do rosto já voltara ao normal. No entanto, ainda se encontrava bastante machucado, e a cor púrpura das equimoses lhe dava uma aparência bastante assustadora. Mesmo assim, aquilo não lhe causaria dano.

Aliena sentiu falta do calor do cavalo embaixo dela. Suas mãos e pés estavam dolorosamente frios, muito embora o corpo estivesse quente, com o exercício de andar.

O tempo permaneceu frio a manhã toda, com a temperatura subindo um pouco por volta do meio-dia. A essa hora, sentiu fome. Lembrou-se de que ainda na véspera tinha achado não se importar se voltaria a se aquecer ou a comer de novo. Mas não quis pensar nisso.

Sempre que ouviam cavalos ou viam gente a distância corriam para dentro da floresta e se escondiam até que os outros viajantes passassem. Atravessaram aldeias depressa, sem falar com ninguém. Richard quis pedir comida, mas sua irmã não deixou.

Por volta do meio da tarde estavam a poucas milhas de seu destino e ninguém os incomodara. Aliena já estava pensando que, afinal de contas, não era tão difícil evitar encrenca. Foi então que, de súbito, num trecho particularmente ermo da estrada, um homem pulou dos arbustos e parou na frente deles.

Não tiveram tempo para se esconder.

- Continue andando - disse Aliena para Richard, mas o homem se deslocou para bloquear o caminho e tiveram que parar. A jovem olhou para trás, pensando em correr naquela direção; contudo outro sujeito, saído da floresta,

tinha ficado na estrada, bloqueando sua fuga a dez ou quinze jardas de distância.

- Ora, o que temos aqui?! - disse o homem da frente, num tom de voz bem alto. Era um tipo gordo, de cara vermelha, barriga imensa e barba suja e fosca, carregando um porrete pesado. Quase certamente um fora-da-lei. Pela sua cara Aliena podia dizer que era o tipo do homem capaz de cometer violências prontamente, e seu coração se encheu de medo.

- Deixe-nos em paz - suplicou. - Não temos nada para você roubar.

- Não tenho tanta certeza assim - disse o homem, dando um passo na direção de Richard. - Essa espada parece ser excelente, deve valer diversos *xelins*.

- É minha! - protestou Richard, parecendo uma criança assustada.

Não adianta, pensou Aliena. Somos impotentes. Sou uma mulher e ele é um menino, e as pessoas podem fazer o que quiserem conosco.

Com um movimento surpreendentemente ágil, o gordo levantou o porrete e atacou Richard. O garoto tentou se esquivar. O golpe foi destinado à sua cabeça mas o atingiu no ombro. O gordo era forte, e a porretada derrubou Richard.

De repente Aliena perdeu a cabeça. Tinha sido tratada injustamente, vilmente estuprada e roubada, e estava com frio e com fome, praticamente sem autocontrole. Seu irmãozinho fora espancado quase até a morte dois dias antes, e ver agora um homem batendo nele com um porrete a deixou louca de ódio. Perdeu todo o senso de razão ou cautela. Sem pensar, puxou a adaga da manga, voou em cima do fora-da-lei gordo e a enterrou no seu barrigão, gritando:

- Deixe-o em paz, seu cachorro!

Ela o pegou totalmente de surpresa. A capa dele se abriu quando batera em Richard, e suas mãos ainda estavam ocupadas com o porrete. Estava completamente desprevenido; sem dúvida imaginara estar a salvo de ataque por uma garota aparentemente desarmada. A ponta da faca atravessou a lã da sua túnica e o pano da camisa de dentro, parando ante a pele retesada da sua barriga. Aliena de repente sentiu uma pontada de nojo, um momento de horror com a idéia de romper a pele e penetrar na carne de uma pessoa; porém, o medo fortaleceu sua determinação e ela lhe enfiou a adaga na pele, nos órgãos macios do abdômen; então ficou aterrorizada ante a possibilidade de não conseguir matá-lo, de ele continuar vivo para se vingar, e por isso só parou depois de ter empurrado a comprida lâmina da adaga até o cabo.

Subitamente o homem arrogante e cruel tornou-se um amedrontado animal ferido. Gritou de dor, soltou o porrete e olhou para a faca enterrada na barriga. Aliena compreendeu, numa fração de segundo, que ele sabia tratar-se de uma ferida mortal. Largou a faca, horrorizada. O fora-da-lei cambaleou. A jovem lembrou que havia outro ladrão atrás, e foi tomada de pânico; certamente ele ia querer se vingar da morte do cúmplice. Ela agarrou de novo o cabo da adaga e puxou. O homem rodara um pouco, de modo que teve que puxar a faca de lado.

Sentiu que a lâmina lhe cortava as vísceras quando saiu da enorme barriga. Jorrou sangue na sua mão. O homem gritou como um animal e caiu no chão. Ela se virou, a faca na mão ensanguentada, e enfrentou o outro homem.

Na mesma hora Richard se levantou e desembainhou a espada.

O segundo ladrão olhou para um e para o outro, depois para o amigo moribundo e, sem hesitar, virou-se e entrou correndo no mato.

Aliena observou, incrédula. Eles o tinham assustado. Era difícil de crer.

Olhou para o homem no chão. Estava deitado de costas, com as tripas se derramando para fora da grande ferida na barriga. Seus olhos estavam arregalados, e o rosto, contorcido de dor e medo.

Aliena não sentiu alívio ou orgulho por ter se defendido e ao irmão daqueles bandidos; estava por demais enojada com aquela visão revoltante. Richard não sentiu tais escrúpulos.

- Você o esfaqueou, Aliena! - disse, numa voz entre a excitação e a histeria.

- Você acabou com eles!

A garota olhou para ele. Richard tinha que aprender uma lição.

- Mate-o - disse.

Richard a olhou espantado.

- O quê?

- Mate-o - repetiu ela. - Liberte-o desse sofrimento. Acabe com ele!

- Por que eu?

Ela endureceu a voz deliberadamente.

- Porque você age como um menino e eu preciso de um homem. Porque você nunca fez nada com uma espada, exceto brincar de guerra, e tem que começar de algum jeito. O que há com você? De que tem medo? Ele está morrendo. Não pode machucá-lo. Use sua espada. Está na hora de praticar um pouco. Mate-o!

Richard segurou a espada com ambas as mãos e olhou para ela, inseguro.

- Como?

O homem gemeu de novo. Aliena berrou com Richard.

- Não sei como! Corte fora sua cabeça, ou enfie a espada no seu coração! Qualquer coisa! Só quero que o cale!

A expressão de Richard era de quem estava encurralado. Ele levantou a espada e abaixou-a de novo.

- Se não fizer o que estou dizendo Vou deixar você sozinho, juro por todos os santos! - exclamou Aliena. - Levantarei de noite e partirei, e quando você acordar de manhã não me verá e estará totalmente só. Agora, mate-o!

Richard ergueu a espada de novo. Depois, incredivelmente, o moribundo parou de gritar e tentou se erguer. Rolou para um lado e se apoiou num cotovelo. O garoto deu um grito que era metade de medo e metade de guerra, golpeando com força o pescoço exposto do homem. O peso da espada

era grande, e a lâmina, afiada, de modo que entrou meio pescoço adentro. O sangue jorrou como um chafariz e a cabeça pendeu grotescamente para um lado. O corpo despencou no chão.

Aliena e Richard olharam para o cadáver do fora-da-lei. Desprendia-se vapor do sangue quente, no ar frio de inverno. Ambos estavam atônitos com o que tinham feito.

De repente Aliena quis sair dali. Começou a correr. Richard a seguiu.

Ela parou quando não conseguiu mais correr, e foi então que percebeu que soluçava. Prosseguiu caminhando lentamente, sem se importar que Richard a visse em lágrimas.

De qualquer maneira, ele parecia indiferente.

Aos poucos, foi se acalmando. Os tamancos a machucavam. Parou e tirou-os. Prosseguiu descalça, carregando os tamancos. Logo chegariam a Winchester.

- Somos tolos - disse Richard após algum tempo.

- Por quê?

- Aquele homem. Nós o largamos lá. Devíamos ter tirado suas botas.

Aliena parou e olhou, horrorizada, para o irmão.

Ele a encarou e deu uma risadinha.

- Não há nada de errado com isso, há?

Aliena começou a se sentir esperançosa de novo quando atravessou o Portão Oeste e pegou a High Street de Winchester ao cair da noite. Na floresta achara que podia ser assassinada e que ninguém jamais saberia o que acontecera, mas agora estava de volta à civilização. Claro que a cidade estava cheia de ladrões e assassinos, mas não podiam cometer impunemente seus crimes em plena luz do dia. Na cidade havia leis, e os infratores eram banidos, mutilados ou enforcados.

Lembrou-se de ter percorrido aquela rua com o pai apenas um ano antes. Estavam a cavalo, naturalmente; ele num corcel alazão muito musculoso e ela num belo palafrém cinzento. As pessoas abriam caminho para eles ao percorrerem as ruas amplas. Tinham uma casa na parte sul da cidade, e quando chegaram foram recebidos por oito ou dez servos. A casa fora limpa, havia palha fresca no chão e todas as lareiras estavam acesas.

Durante o tempo em que permaneceram ali, Aliena usara belas roupas todos os dias - linho, seda e lã fina, todas tingidas de cores maravilhosas, botas e cintos de couro de bezerro, broches e pulseiras de pedras preciosas. Era sua obrigação certificar-se de haver sempre uma recepção de boas-vindas para quem quer que fosse ver o conde: carne e vinho para os ricos, pão e cerveja para os pobres, um sorriso e um lugar perto do fogo para uns e outros. Seu pai era exigente com relação a hospitalidade, mas não era bom na ação pessoal - as pessoas o achavam frio, remoto e até mesmo arbitrário. Aliena supria a carência.

Todos respeitavam seu pai, e as pessoas da mais alta posição tinham ido vê-lo: o bispo, o prior, o xerife, o chanceler real e os barões da corte. Ela se

perguntou quantos deles a reconheceriam agora, caminhando descalça na lama e na sujeira da mesma High Street. Esse pensamento, contudo, não chegou a arrefecer seu otimismo. O importante era que não se sentia mais como vítima. Estava de volta a um mundo onde havia regras e leis, e tinham uma chance de recuperar o controle da vida.

Passaram pela casa. Estava vazia e trancada: os Hamleights ainda não tinham entrado na posse dela. Por um momento Aliena se sentiu tentada a entrar.

É minha casa!, pensou. Mas não era, claro, e a idéia de passar a noite ali fez com que se lembrasse do modo como vivera no castelo, fechando os olhos à realidade.

Continuou caminhando determinadamente.

A outra coisa boa a respeito de estar na cidade era o fato de haver um mosteiro ali. Os monges sempre davam uma cama para quem pedisse. Ela e Richard dormiriam sob um teto naquela noite, secos e em segurança.

Encontrou a catedral e entrou no pátio do priorado. Dois monges junto a uma mesa de cavalete distribuíam pão de massa grossa e cerveja para uma centena ou mais de pessoas. Não ocorrera a Aliena que haveria tanta gente implorando a hospitalidade dos monges. Ela e Richard entraram na fila. Era surpreendente, pensou Aliena, a maneira como pessoas que se atropelariam e se acotovelariam para conseguir um prato de comida grátis podiam ficar quietas numa fila disciplinada só porque um monge assim ordenara.

Eles pegaram a ceia e levaram para a casa de hóspedes. Era uma grande construção de madeira como um celeiro, sem mobília, obscuramente iluminada por velas, cheirando forte às muitas pessoas que ali se acotovelavam. Sentaram-se no chão para comer. O piso estava coberto de palha, já velha. Aliena perguntou-se se deveria dizer aos monges quem era. O prior podia se lembrar dela. Num priorado grande como aquele naturalmente haveria uma hospedaria superior para visitantes bem-nascidos. Relutou, porém.

Talvez fosse o medo de ser rejeitada; mas também tinha a impressão de que estaria se colocando sob o poder de outra pessoa novamente, e embora não houvesse nada a temer de um prior, se sentiria mais confortável conservando-se anónima e despercebida.

Os outros hóspedes eram na maioria peregrinos, com uma pequena quantidade de artífices viajantes - identificáveis pelas ferramentas que carregavam - e alguns mascates, homens que iam de aldeia a aldeia vendendo coisas que os aldeões não eram capazes de fazer com as próprias mãos - alfinetes, facas, panelas e especiarias. Alguns tinham consigo mulheres e filhos. As crianças eram barulhentas e agitadas, correndo, brigando e caindo. De vez em quando uma esbarrava num adulto, levava um tapa na cabeça e caía no choro. Algumas ainda não eram perfeitamente treinadas, e Aliena viu diversas urinando na palha que cobria o chão. Essas coisas provavelmente não tinham consequências numa casa

onde o gado dormia no mesmo aposento que as pessoas, mas num salão cheio de gente era de dar nojo, pensou Aliena; todos iriam dormir em cima daquela palha depois.

Ela começou a ter a impressão de que as pessoas a fitavam como se soubessem que fora deflorada. Ridículo, claro, mas a sensação não desaparecia. Toda hora verificava se não estava sangrando. Não estava. Mas a cada vez que se virava surpreendia alguém olhando para ela fixamente. Assim que seus olhos se encontravam, a outra pessoa disfarçava, mas logo depois Aliena surpreendia alguém mais fazendo o mesmo. Disse a si própria repetidas vezes que aquilo era tolice, que ninguém a encarava, que eram simples olhares de curiosidade num aposento cheio. Não havia nada para chamar a atenção deles, de qualquer modo: não era diferente na aparência - estava tão suja, mal vestida e cansada como todos ali. Mas a sensação persistiu, e contra a própria vontade ela ficou furiosa. Havia um homem que olhava para ela a toda hora, um peregrino de meia-idade com uma família grande. Acabou perdendo a paciência e gritando com ele:

- O que está olhando? Pare de me encarar!

O homem pareceu ficar sem graça e desviou os olhos sem responder.

- Por que fez isso, Allie? - perguntou Richard. Ela lhe disse para calar a boca e ele lhe obedeceu.

Os monges apareceram e levaram as velas logo após a ceia. Gostavam que as pessoas fossem dormir cedo: assim ficavam longe das casas de cerveja e dos bordéis da cidade durante a noite, e era mais fácil para os monges colocarem os visitantes para fora na manhã do dia seguinte. Diversos homens solteiros deixaram a hospedaria quando as velas foram recolhidas, preferindo, sem dúvida, uma noite de luxúria, mas a maioria das pessoas se enrolou em sua capa no chão.

Fazia muitos anos que Aliena dormira num salão daqueles pela última vez. Quando criança sempre invejara as pessoas do andar térreo, deitadas uma do lado da outra em frente ao fogo, num salão cheio de fumaça e cheiro de comida, com os cães a guardá-las: havia uma sensação de companheirismo ali que faltava nos aposentos espaçosos e vazios da família do lorde. Naquele tempo ela às vezes se levantava da cama e descia a escada na ponta dos pés para se deitar ao lado de uma de suas criadas favoritas, Madge Lavadeira ou a velha Joan.

Caindo no sono, o cheiro da infância nas narinas, sonhou com a mãe. Normalmente tinha dificuldade para se lembrar de como ela era, mas agora, para sua surpresa, foi capaz de ver-lhe o rosto claramente, em todos os detalhes: as feições miúdas, o sorriso tímido, a ossatura delicada, a expressão de ansiedade nos olhos. Viu o caminhar de sua mãe, inclinado um pouco para o lado, como se estivesse sempre tentando se aproximar da parede, o braço oposto estendido um pouco em busca de equilíbrio. Pôde ouvir a risada dela num tom inesperadamente rico de contralto, sempre pronta para dar início a uma canção ou a rir, mas em geral com medo de fazê-lo. Ela soube, no sonho, algo que nunca

tinha sido completamente claro quando acordada: que seu pai assustara tanto sua mãe e esmagara de tal modo sua alegria de viver que ela murchara e morreria como uma flor sem água. Tudo isso lhe veio à mente como algo muito familiar, algo que sempre soubera. No entanto, o chocante foi o fato de Aliena estar grávida. Sua mãe parecia satisfeita. As duas se sentaram juntas num quarto de dormir, e a barriga da garota estava tão distendida que ela teve que sentar com as pernas ligeiramente abertas e as mãos cruzadas sobre a barriga, na pose imemorial da mulher que vai ser mãe. Então William Hamleigh irrompeu no quarto, empunhando a adaga com a lâmina comprida, e Aliena soube que ele ia apunhalar sua barriga do mesmo modo como ela fizera com o gordo fora-da-lei na floresta, e gritou tão alto que acordou, sentando-se na cama; foi quando percebeu que William não estava ali e que não tinha gritado, o barulho só existira dentro da sua cabeça.

Depois disso ficou acordada, perguntando-se se estaria realmente grávida.

A idéia não lhe ocorrera antes, e agora a aterrorizou. Como seria repugnante ter um filho de William Hamleigh! E podia não ser dele - podia ser do criado. Talvez nunca chegasse a saber. Como poderia amar o bebê? Cada vez que olhasse para ele se lembraria daquela noite horrível. Jurou que daria à luz secretamente e que deixaria o bebê morrer de frio assim que nascesse, tal como faziam os camponeses quando tinham muitos filhos. Tomada essa decisão, caiu no sono de novo.

O dia mal havia clareado quando os monges trouxeram o desjejum. O barulho acordou Aliena. A maior parte dos outros hóspedes já estava acordada, porque tinham ido dormir muito cedo; Aliena dormira mais porque estava muito cansada.

O desjejum era mingau quente, salgado. Aliena e Richard comeram esfaimadamente, desejando que também houvesse pão para acompanhar o mingau. Aliena pensou no que diria ao rei Estêvão. Estava certa de que ele esquecera que o conde de Shiring tinha dois filhos. Assim que aparecessem e fizessem com que se lembrasse disso, de boa vontade ele asseguraria a subsistência deles.

No entanto, para o caso de ser preciso persuadi-lo, devia ter algumas palavras preparadas. Não insistiria em dizer que seu pai era inocente, decidiu, pois isso daria a entender que o julgamento do rei fora errado, e ele se ofenderia. Tampouco protestaria contra o fato de Percy Hamleigh ter sido feito conde. Os homens detestavam que se discutissem decisões já tomadas. "Para o melhor ou o pior, já está resolvido", diria seu pai. Não, ela simplesmente destacaria o fato de ela e o irmão serem inocentes, e pediria que lhes desse uma propriedade de cavaleiro, de modo que pudessem se sustentar modestamente e Richard tivesse condições de se preparar para tornar-se um dos guerreiros do rei. Uma pequena propriedade possibilitaria que ela tomasse conta do pai, quando o rei houvesse

por bem libertá-lo da cadeia. Ele já não era uma ameaça: não tinha título, seguidores ou dinheiro. Lembraria ao novo rei que seu pai servira fielmente o antigo, Henrique, tio de Estêvão. Não seria convincente, apenas clara, simples e humildemente firme.

Após o desjejum perguntou a um monge onde poderia lavar o rosto. Ele se espantou; evidentemente era um pedido pouco usual. No entanto, os monges eram favoráveis à limpeza, e ele lhe mostrou um conduto aberto onde a água fria e limpa da chuva corria nos terrenos do priorado. Avisou-a para não se lavar "indecentemente", pois um dos irmãos poderia vê-la por acidente e assim macular a alma. Os monges faziam o bem de inúmeras maneiras, mas suas atitudes podiam ser irritantes.

Depois que ela e Richard lavaram a poeira da estrada do rosto, deixaram o priorado e subiram a High Street na direção do castelo, que ficava ao lado do Portão Oeste.

Chegando cedo, Aliena tinha esperança de fazer amizade ou seduzir quem quer que fosse o responsável pela entrada dos peticionários, assegurando-se assim de que não ficaria esquecida na multidão de pessoas importantes que chegariam mais tarde. No entanto, o ambiente no interior das muralhas do castelo estava ainda mais silencioso do que antecipara. Será que o rei Estêvão já estava ali há tanto tempo que poucas pessoas precisavam vê-lo? Não estava segura acerca da data em que ele viera. O rei ficava em Winchester normalmente durante a Quaresma, mas ela não sabia direito quando a Quaresma começara, pois perdera a noção das datas durante o tempo em que morara no castelo com Richard e Matthew, sem padre.

Havia um guarda corpulento e de barba grisalha ao pé da escada do castelo. Aliena tentou passar direto, como quando estivera ali com o pai, mas o guarda abaixou a lança na sua frente. Ela o fitou imperiosamente e disse:

- Sim?

- E onde você pensa que está indo, garota? - perguntou ele.

Aliena viu, desolada, que ele era o tipo da pessoa que gostava de ser guarda porque tinha uma chance de impedir que os outros fossem aonde quisessem.

- Estamos aqui para peticionar junto ao rei - disse glacialmente. - Agora deixe-nos passar.

- Você? - disse o guarda, irônico. - Usando um par de tamancos que envergonhariam minha mulher? Dê o fora.

- Saia do meu caminho, guarda - disse Aliena. - Todo cidadão tem direito de peticionar junto ao rei.

- Mas os mais pobres geralmente não são tolos o bastante para exercitar esse direito...

- Nós não estamos entre os mais pobres! - explodiu Aliena. - Sou filha do conde de Shiring, e meu irmão é o filho dele, de modo que ou nos deixa passar,

ou vai acabar apodrecendo numa masmorra.

O guarda pareceu um pouco menos presunçoso, mas disse, ainda cheio de si:

- Você não pode peticionar, porque o rei não está aqui. Está em Westminster, como devia saber, se é quem alega ser.

Aliena ficou estupefata.

- Mas por que ele foi para Westminster? Devia estar aqui para a Páscoa!

O guarda viu que ela não era uma pessoa qualquer.

- A corte da Páscoa é em Westminster. Parece que ele não vai fazer tudo exatamente como o antigo rei, e por que deveria?

Ele estava certo, claro, mas a idéia de que um novo rei seguiria uma programação diferente jamais ocorrera a Aliena, que era jovem demais para se lembrar do tempo em que Henrique fora o novo rei. O desespero a invadiu. Pensara que sabia o que fazer e estava completamente errada. A vontade que teve foi de desistir.

Sacudiu a cabeça para afastar a sensação de derrota. Aquilo era um contratempo, não o fim. Apelar ao rei não era o único modo de cuidar de seu irmão e de si própria.

Viera a Winchester com dois propósitos, e o segundo era descobrir o que acontecera a seu pai. Ele saberia o que ela deveria fazer a seguir.

- Quem está aqui, então? - perguntou ao guarda. - Deve haver alguns oficiais da corte. Só quero ver meu pai.

- Há um escriturário e um camareiro aí - respondeu o guarda. - Você disse que o conde de Shiring era o seu pai?

- Sim. - O coração dela chegou a falhar. - Sabe alguma coisa sobre ele?

- Sei onde está.

- Onde?

- Na prisão, aqui mesmo no castelo.

Tão perto!

- Onde é a cadeia?

O guarda sacudiu um polegar por cima do ombro.

- Descendo a colina, passando a capela, em frente ao portão principal. - Impedir o acesso deles ao palácio gratificara o seu lado mesquinho; agora estava disposto a dar informações.

- É melhor você ver o carcereiro. O nome dele é Odo e tem os bolsos fundos.

Aliena não entendeu a observação acerca de bolsos fundos, mas estava agitada demais para esclarecê-la. Até aquele momento seu pai se encontrava num lugar vago e distante chamado "prisão", mas agora, de repente, estava ali mesmo, naquele castelo.

Esqueceu-se por completo do seu plano de apelar ao rei. Tudo o que

queria era ver seu pai. Saber que ele estava próximo, pronto para ajudá-la, fez com que sentisse o perigo e a incerteza dos últimos meses mais agudamente. Ansiava por se atirar nos seus braços e ouvi-lo dizer: "Está tudo bem agora. Tudo vai dar certo".

A fortaleza ficava numa elevação a um canto do conjunto. Aliena virou-se e contemplou o resto do castelo. Era uma coleção heterogênea de construções de pedra e de madeira cercadas por altas muralhas. "Descendo a colina", dissera o guarda; - passando a capela. - Ela localizou uma construção bem-feita de pedra, que parecia uma capela - em frente ao portão principal. A entrada principal, na muralha externa, permitia ao rei entrar no castelo sem precisar entrar na cidade. Em frente a essa entrada, perto da muralha de trás que separava o castelo da cidade, havia uma pequena construção de pedra que podia ser a prisão.

Aliena e Richard desceram correndo a colina. A jovem perguntou-se como estaria ele. Será que alimentavam direito as pessoas na cadeia?

Os prisioneiros de seu pai sempre tinham pão de massa grossa e sopa em Earlscastle, mas ela ouvira dizer que as vezes os prisioneiros eram maltratados em outros lugares. Esperava que seu pai estivesse bem.

Sentia-se tão ansiosa que mal podia respirar quando atravessou o conjunto.

O castelo era grande, cheio de edificações: cozinhas, estábulos e aquartelamentos. Havia duas capelas. Agora que sabia que o rei estava fora, Aliena podia ver os sinais de sua ausência e, distraída, os foi registrando enquanto seguia o caminho sinuoso para a cadeia: porcos e carneiros soltos, vindos dos subúrbios logo do outro lado do portão, vasculhavam depósitos de lixo, homens de armas refestelados indolentemente, sem nada a fazer senão gritar frases insolentes para as mulheres que passavam, e também uma espécie de jogo de apostas se desenrolando no pórtico de uma das capelas. A atmosfera de frouxidão incomodou Aliena. Teve medo de ser um indício de que não estavam cuidando direito do seu pai. Começou a temer o que poderia encontrar.

A cadeia era um prédio de pedra semi-abandonado que dava a impressão de já ter sido a residência de algum oficial da corte, um ministro ou talvez um beleguim, antes de ser deixada. O andar de cima, que um dia fora o salão, estava completamente arruinado, tendo perdido quase todo o telhado. Só a galeria permanecia inteira. E não tinha janelas, só uma grande porta de madeira com guarnições de ferro. A porta estava entreaberta. Quando Aliena hesitou do lado de fora, uma mulher bonita e madura, com uma capa de boa qualidade, passou por ela, abriu a porta e entrou. Aliena e Richard a seguiram.

O interior sombrio cheirava a sujeira velha e a podridão. A galeria antes fora um depósito de gêneros, e mais tarde, dividida em pequenos compartimentos graças a paredes de entulho construídas apressadamente. Em algum lugar no interior do prédio um homem estava se lamentando de maneira monótona, como um monge cantando sozinho numa igreja. A área junto à porta

formava um pequeno vestíbulo, com uma cadeira, uma mesa e um fogo aceso no meio do chão. Um homem grande, com cara de estúpido e uma espada na cinta, varria o chão afetadamente. Ele ergueu a cabeça e cumprimentou a mulher bonita.

- Bom dia, Meg. - Ela lhe deu um *penny* e desapareceu na escuridão. Ele olhou para Aliena e Richard. - O que vocês querem?

- Estou aqui para ver meu pai - disse Aliena. - Ele é o conde de Shiring.

- Não, não é - disse o carcereiro. - Ele agora é apenas Bartholomew, mais nada.

- Ao diabo com suas diferenciações, carcereiro. Onde ele está?

- Quanto você tem?

- Não tenho dinheiro, de modo que não precisa se incomodar de me pedir uma gorjeta.

- Se não tem dinheiro não pode ver seu pai. - Ele voltou a varrer.

Aliena teve vontade de gritar. Estava a poucas jardas de distância do pai e não podia vê-lo. O carcereiro era grande e estava armado: não havia jeito de desafiá-lo.

Mas ela não tinha nenhum dinheiro. Tivera medo disso ao ver a mulher chamada Meg dar-lhe um *penny*, mas podia ter sido por um privilégio especial. Obviamente, não: aquele devia ser o preço da entrada.

- Arranjarei um *penny* - disse ela - e o trarei aqui assim que puder. Mas você nos deixa vê-lo agora, só por uns momentos?

- Arranje o *penny* primeiro - disse o carcereiro. Ele deu-lhe as costas e continuou varrendo.

Aliena lutava para conter as lágrimas. Sentiu-se tentada a gritar uma mensagem, na esperança de que o pai a ouvisse; mas percebeu que uma mensagem truncada podia amedrontá-lo e perturbá-lo, deixando-o ansioso sem lhe dar informação alguma. Dirigiu-se à porta, sentindo-se desesperadamente impotente.

Virou-se para trás, no patamar.

- Como está ele? Diga-me só isso. Por favor, sim? Ele está bem?

- Não, não está - respondeu o carcereiro. - Está morrendo. Agora dê o fora daqui.

Os olhos de Aliena encheram-se de lágrimas, e foi tropeçando que ela cruzou a soleira da porta. Afastou-se, sem enxergar direito por onde estava indo, tropeçou em alguma coisa um carneiro ou um porco - e quase caiu. Começou a soluçar. Richard pegou-lhe o braço e ela deixou que a guiasse. Saíram do castelo pelo portão principal, atravessando uma área onde havia choças espalhadas, depois os pequenos campos dos subúrbios, e acabaram por chegar a uma campina, onde se sentaram num toco de árvore.

- Detesto quando você chora - disse Richard pateticamente.

Ela tentou se controlar. Tinha localizado o pai - já era alguma coisa. Soubera que ele estava doente: o carcereiro era um homem cruel que decerto estava exagerando a gravidade da doença. Tudo o que tinha a fazer era arranjar um *penny*, e então poderia falar com ele, ver como estava com os próprios olhos e perguntar-lhe o que devia fazer - por Richard e por ele próprio.

- Como vamos arranjar um *penny*, Richard? - perguntou ela.

- Não sei.

- Não temos nada para vender. Ninguém nos emprestaria dinheiro. Você não tem coragem de roubar...

- Podíamos pedir - sugeriu ele.

Era uma idéia. Um camponês de aspecto próspero estava descendo a colina na direção do castelo, montado num cavalo preto robusto e de pernas curtas. Aliena pôs-se de pé com um pulo e correu até a estrada. Quando chegou perto, disse:

- Senhor, pode me dar um *penny*?

- Dê o fora - rosnou o homem, fazendo o cavalo trotar. Ela voltou para o toco de árvore.

- Mendigos geralmente pedem comida ou roupas velhas - disse, desalentada.

- Bem, como as pessoas conseguem dinheiro? - perguntou Richard. A pergunta, obviamente, jamais lhe ocorrera.

- Os reis ganham dinheiro com os impostos - disse Aliena. - Os lordes têm aluguéis. Os padres, díizimos. Os comerciantes, algo para vender. Os artífices, salários. Os camponeses não precisam de dinheiro porque têm os campos.

- Os aprendizes recebem salários.

- Os operários também. Poderíamos trabalhar.

- Para quem?

- Winchester está cheia de pequenas oficinas onde fazem couro e tecidos - disse Aliena. Começava a se sentir otimista de novo. - Uma cidade é um bom lugar para se encontrar trabalho. - Ela se pôs de pé com um pulo. - Ande, vamos começar!

Richard ainda hesitou.

- Não posso trabalhar como um plebeu - disse. - Sou o filho de um conde.

- Não é mais - disse Aliena asperamente. - Você ouviu o que o carcereiro disse. É melhor que você saiba que não é melhor que ninguém, agora.

Ele ficou emburrado e nada disse.

- Bem, vou indo - disse ela. - Fique aqui, se quiser.

Aliena se afastou, na direção do Portão Oeste. Conhecía as zangas dele; nunca duravam. Tal como tinha certeza de que aconteceria, ele a alcançou antes que entrasse na cidade.

- Não fique zangada, Allie - disse. - Vou trabalhar. Sou bastante forte, de

verdade. Darei um operário muito bom.

Ela sorriu.

- Tenho certeza de que dará - disse. Não era verdade, mas não ganhava nada desencorajando-o.

Eles desceram a High Street. Aliena lembrava que Winchester tinha um traçado muito lógico. A metade sul, à direita deles ao caminharem, era dividida em três partes: primeiro o castelo, depois um bairro de casas ricas e por fim o adro da catedral e o palácio do bispo, no canto sudeste. A metade norte, à esquerda, também era dividida em três partes: o bairro dos judeus, a parte do meio, onde ficavam as lojas, e, no canto nordeste, as manufaturas.

Aliena liderou o caminho, seguindo pela High Street até a extremidade leste da cidade, quando viraram à esquerda, numa rua com um riacho no meio. De um lado ficavam as casas normais, na maioria de madeira, umas poucas parcialmente de pedra. Do outro lado, uma mixórdia de construções improvisadas, muitas das quais não passavam de um telhado sustentado por vigas, quase todas dando a impressão de estar prestes a cair. Em alguns casos uma pequena ponte, ou só umas tábuas, cruzavam o riacho para dar acesso à casa, mas havia construções erguidas acima do pequeno curso de água. Em cada casa ou pátio, homens e mulheres faziam algo que requeria grandes quantidades de água: lavavam lã, curtiavam couro, tingiam tecidos ou preparavam cerveja, além de outras operações que Aliena não reconhecia. Uma variedade de cheiros incomuns irritou suas narinas, cheiros acres e levedados, sulfurosos e fumacentos, de madeira e de podridão. Todas as pessoas pareciam terrivelmente ocupadas. Claro que os camponeses também tinham muito que fazer, e trabalhavam duro, mas cumpriam suas tarefas num ritmo medido, e sempre sobrava algum tempo para parar e examinar alguma curiosidade ou conversar com os passantes. As pessoas nas oficinas nunca levantavam a cabeça.

Seu trabalho parecia requerer toda a sua concentração e energia. Moviam-se rapidamente, quer estivessem carregando sacos, despejando grande baldes de água ou batendo em couro ou tecido. Ao darem conta de suas misteriosas tarefas na obscuridade daquelas cabanas desconjuntadas, faziam com que Aliena se lembrasse de demônios mexendo seus caldeirões, nas estampas do inferno.

Ela parou defronte a um lugar onde estavam fazendo algo que entendia: pisoando tecido. Uma mulher de aparência vigorosa pegava água no riacho e a derramava dentro de uma imensa pedra totalmente forrada com chumbo, parando de vez em quando para adicionar uma medida de greda de pisoeiro, que tirava de um saco.

Mergulhada no fundo da calha de pedra, completamente submersa, estava uma peça de tecido. Dois homens com enormes porretes de madeira - bastões de pisoeiro, Aliena se lembrava - batiam no tecido dentro da calha. O processo fazia com que o pano encolhesse e engrossasse, e o tornava mais impermeável; a

greda, por lixívia, separava os óleos da lã. Nos fundos daquele lugar estavam empilhados fardos de pano não tratado, novo e tecido frouxamente, e sacos de greda de pisoeiro.

Aliena cruzou o regato e aproximou-se das pessoas que trabalhavam na pedra. Olharam para ela e continuaram trabalhando. A terra estava toda molhada à volta delas, reparou a jovem, e trabalhavam descalças. Quando percebeu que não iam parar e lhe perguntar o que desejava, indagou em voz alta:

- O seu mestre está?

A mulher respondeu acenando com a cabeça na direção dos fundos da oficina.

Aliena fez um gesto para que Richard a seguisse e, passando por um portão, foi ter num pátio onde peças e mais peças de tecidos secavam em molduras de madeira. Viu o vulto de um homem inclinado sobre uma das molduras, ajeitando o tecido.

- Estou procurando o mestre - disse ela.

Ele se endireitou e olhou para ela. Era um homem feio, de um olho só e costas ligeiramente recurvadas, como se estivesse dobrado há tantos anos sobre aquelas molduras que não conseguisse mais ficar na vertical.

- O que é? - perguntou ele.

- Você é o mestre pisoeiro?

- Estou trabalhando nisso há quase quarenta anos, homem e menino, de modo que espero ser o mestre - disse ele. - O que vocês querem?

Aliena percebeu que estava tratando com o tipo do homem que sempre tinha que provar como era esperto. Adotou um tom de voz humilde e disse: - Meu irmão e eu queremos trabalhar. Você nos empregará?

Houve uma pausa, enquanto ele a examinava de cima a baixo.

- Cristo Jesus e todos os santos, o que faria eu com vocês?

- Faremos qualquer coisa - disse Aliena, resoluta. - Precisamos de dinheiro.

- Você não serve para mim - disse o homem desdenhosamente. Em seguida virou-se para retomar seu trabalho.

Aliena não ia se satisfazer com aquilo.

- E por que não? - perguntou, furiosa. - Não estamos querendo roubar, só queremos ganhar dinheiro com o nosso trabalho.

Ele se virou para ela de novo.

- Por favor? - insistiu a garota, embora detestasse implorar.

Ele a contemplou impacientemente, como podia ter olhado para um cachorro, imaginando se valeria a pena dar-lhe um pontapé; mas Aliena podia assegurar que estava tentado a demonstrar como ela estava sendo burra e ele, inteligente.

- Está bem - disse, com um suspiro. - Eu lhe explicarei. Venha comigo.

Ele levou-os até a calha de pedra. Os homens e a mulher estavam

retirando a peça de tecido de dentro da água, enrolando-a à medida que emergia. O mestre dirigiu-se à mulher.

- Venha cá, Lizzie. Mostre-nos as mãos.

A mulher aproximou-se obedientemente e estendeu as mãos. Eram ásperas e vermelhas, com feridas abertas onde a pele rachara.

- Passe a mão - disse o mestre para Aliena.

Aliena tocou as mãos da mulher, que eram frias como a neve e muito ásperas. O mais notável, porém, era sua dureza. Olhou para as próprias mãos, segurando as da mulher; de repente pareceram macias, brancas e muito pequenas.

- Ela está com as mãos mergulhadas na água desde garotinha, de modo que está acostumada - disse o mestre. - Você é diferente. Não resistiria uma manhã neste trabalho.

Aliena teve vontade de discutir com ele, de dizer que se acostumaria, mas não estava certa de ser verdade. Antes que pudesse dizer alguma coisa, Richard perguntou:

- E eu? Sou maior que aqueles dois homens; poderia fazer aquele trabalho.

Era verdade, Richard realmente tinha mais altura e era mais largo que os homens que manejavam os bastões. E sendo capaz de montar um cavalo de batalha, lembrou ela, deveria ser capaz de bater pano.

Os dois homens terminaram de enrolar o tecido molhado e um deles colocou o rolo no ombro, pronto para levá-lo a secar no pátio. O mestre o deteve.

- Deixe o jovem lorde sentir o peso do tecido, Harry.

O homem chamado Harry tirou o rolo do ombro e o colocou no ombro de Richard. O garoto cedeu debaixo do peso, endireitou-se com grande esforço e, empalidecendo, caiu de joelhos, de modo que as extremidades do rolo descansaram no chão.

- Não consigo - disse ele, ofegante.

Os homens riram, o mestre fez uma expressão vitoriosa, e o que se chamava Harry pegou de volta o rolo de tecido, alçou-o para cima do ombro com um movimento que denotava muita prática e levou-o embora.

- É um tipo de força diferente - disse o mestre. - A que vem de ter que trabalhar.

Aliena ficou furiosa. Estavam fazendo pouco dela, quando tudo o que queria era encontrar uma maneira honesta de ganhar um *penny*. O mestre estava se deleitando por havê-la feito de tola, não tinha dúvida. Provavelmente continuaria se comportando do mesmo modo enquanto permitisse. Mas jamais a empregaria ou a Richard.

- Muito obrigada pela sua cortesia - disse, com forte sarcasmo, e virou-se para ir embora.

Richard estava transtornado.

- Era tão pesado por estar molhado! - disse ele. - Eu não esperava tanto peso.

Aliena viu que teria que mostrar animação, para conservar alto o moral de Richard.

- Este não é o único tipo de trabalho que há - disse ela, caminhando pela rua lamacenta.

- O que mais poderíamos fazer?

Aliena não respondeu imediatamente. Chegaram à muralha norte da cidade e viraram à esquerda, na direção oeste. As casas mais pobres ficavam ali, construídas de encontro à muralha, quase sempre simples choças de meia-água; e porque não tinham quintais, a rua era imunda. Finalmente Aliena disse:

- Você lembra como às vezes umas garotas iam ao castelo, quando não havia mais lugar para elas em suas casas e ainda não tinham casado? Papai sempre as acolhia. Trabalhavam na cozinha, na lavanderia ou nos estábulos, e ele costumava lhes dar um *penny* nos dias santos.

- Você acha que poderíamos morar no Castelo de Winchester? - perguntou Richard, na dúvida.

- Não. Eles não aceitarão ninguém enquanto o rei estiver fora. Já devem ter um número maior que o necessário. Mas há uma porção de gente rica na cidade. Alguns desses ricos devem querer servos.

- Não é trabalho de homem.

Aliena teve vontade de dizer: Por que você não tem algumas idéias, em vez de achar defeito em tudo o que digo? Mas mordeu a língua e disse:

- Só precisamos que um de nós trabalhe tempo suficiente para ganhar um *penny*. Depois poderemos ir ver papai e perguntar a ele o que deveremos fazer a seguir.

- Está bem. - Richard não era contrário à idéia de um deles trabalhar, especialmente se, o que era muito provável, fosse Aliena.

Viraram à esquerda novamente e entraram no bairro da cidade destinado aos judeus. Aliena parou diante de uma casa grande.

- Devem ter servos nesta casa - disse ela.

Richard ficou chocado.

- Você não trabalharia para judeus, trabalharia?

- Por que não? Não se pegam as heresias dos outros como se pegam suas pulgas, você sabe.

Richard deu de ombros e seguiu-a, entrando na casa.

Era uma construção de pedra. Como a maioria das casas de cidade, tinha a frente estreita mas era bem funda. Eles se viram num hall de entrada que tinha a largura total da casa. Havia uma lareira e uns bancos. O cheiro que vinha da cozinha fez Aliena ficar com água na boca, embora fosse diferente da comida comum, com um leve toque de temperos estrangeiros. Uma jovem veio dos

fundos da casa e cumprimentou-os.

Tinha a pele morena e os olhos castanhos, e perguntou respeitosamente:

- Querem ver o ourives?

Então era isso o que o dono da casa era.

- Sim, por favor - respondeu ela. A garota desapareceu novamente e Aliena olhou em torno. Um ourives precisaria de uma casa de pedra, claro, a fim de proteger seu ouro. A porta entre aquele cômodo e os fundos da casa era de pesadas tábuas de carvalho presas com uma cinta de ferro. As janelas eram estreitas, pequenas demais para permitir a passagem de alguém, mesmo uma criança. Aliena pensou em como deveria ser torturante ter toda a sua fortuna em ouro ou prata, que poderia ser roubada num instante, ficando-se sem nada. Lembrou depois que seu pai tinha sido rico de um modo mais normal - terras e um título, e mesmo assim perdera tudo num dia.

O ourives apareceu. Pequeno e moreno, olhou para eles atentamente, como se estivesse examinando uma pequena jóia para avaliar seu valor. Após um momento pareceu chegar a uma conclusão e disse:

- Vocês têm alguma coisa que gostariam de vender?

- Você nos julgou bem, ourives - disse Aliena. - Adivinhou que somos pessoas bem-nascidas que agora se encontram sem recursos. Mas nada temos para vender.

O homem pareceu preocupado.

- Se estão querendo um empréstimo...

- Não esperamos que ninguém nos empreste dinheiro - interrompeu Aliena. - Assim como nada temos para vender, nada temos para empenhar.

Ele pareceu aliviado.

- Então como posso ajudá-los?

- Você me aceitaria como serva?

Ele ficou chocado.

- Uma cristã? Certamente que não! - Ele chegou a se encolher ante a simples idéia.

Aliena ficou desapontada.

- Por que não? - perguntou queixosamente.

- Não daria certo.

Ela se sentiu ofendida. A idéia de que alguém considerasse sua religião intolerável era humilhante. Lembrou-se da frase inteligente que usara com Richard.

- Não se pegam as heresias dos outros como se pegam suas pulgas - disse.

- As pessoas da cidade não aceitariam.

Aliena achou que ele estava usando a opinião pública como desculpa, mas provavelmente era verdade assim mesmo.

- Suponho que seja melhor tentarmos encontrar um cristão rico - disse.

- Vale a pena tentar - disse o ourives, hesitante. - Deixe-me dizer-lhe uma coisa com toda a sinceridade. Um homem esperto não a empregaria como serva. Você está acostumada a dar ordens, e verá que é muito difícil estar do lado de quem as recebe. - Aliena abriu a boca para protestar, mas ele ergueu a mão para detê-la. - Oh, sei que você está disposta a trabalhar. Mas durante toda a sua vida os outros a serviram, e até mesmo agora, no fundo do coração, você sente que as coisas deveriam ser arranjadas de modo a satisfazê-la. As pessoas nascidas nas classes altas dão maus servos. São desobedientes, ressentidas, imprudentes, suscetíveis e pensam que estão trabalhando duro mesmo que estejam trabalhando menos que todos os outros. Só que causam problemas entre o resto da criadagem. - Ele deu de ombros. - É a minha experiência.

Aliena se esqueceu de que se sentira ofendida pela aversão dele à sua religião. Era a primeira pessoa bondosa que encontrara desde que deixara o castelo.

- Mas o que podemos fazer? - perguntou.

- Só posso lhe dizer o que um judeu faria. Ele encontraria alguma coisa para vender. Quando cheguei a esta cidade, comecei comprando jóias de pessoas que precisavam de dinheiro, derretendo a prata e vendendo-a aos moedeiros.

- Mas onde arranjou dinheiro para comprar jóias?

- Pedi emprestado ao meu tio, e paguei juros, a propósito.

- Mas ninguém nos emprestará!

Ele ficou pensativo.

- O que eu teria feito se não tivesse tio? Acho que teria ido para a floresta e colhido nozes; depois as traria para a cidade a fim de vendê-las às donas de casa que não têm tempo para ir à floresta e não podem plantar árvores no quintal por ser tão cheio de lixo e sujeira.

- Não é a época adequada - disse Aliena. - Não há nada crescendo agora.

O ourives sorriu.

- A impaciência da juventude - disse ele. - Espere um pouco.

- Está bem. - Não adiantava explicar o que acontecera. O ourives se esforçara ao máximo para ser útil. - Muito obrigada pelo seu conselho.

- Adeus. - O ourives voltou aos fundos da casa e fechou a porta reforçada com ferro.

Aliena e Richard saíram. O ourives fora bondoso, mas mesmo assim eles tinham gasto metade do dia sendo rejeitados, e Aliena não podia deixar de se sentir desanimada.

Sem saber para onde ir, vagaram pela judiaria e saíram na High Street de novo. Aliena estava começando a sentir fome - era hora do jantar, e sabia que, se estava com fome, Richard deveria estar esfaimado. Caminharam sem destino ao longo da High Street, invejando os ratos bem alimentados que ciscavam no lixo, até que chegaram ao velho palácio real. Ali pararam, como todos os visitantes da

cidade faziam, para espiar através das grades os moedeiros cunhando moedas. Aliena viu aquelas pilhas de *pennies* de prata, e pensou que só queria uma única moeda, entre tantas, sem conseguir. Após algum tempo notou uma garota mais ou menos da sua idade, perto de onde se encontravam, sorrindo para Richard. Ela parecia amistosa. Aliena hesitou, viu-a sorrir de novo e se dirigiu a ela:

- Você mora aqui?

- Sim - respondeu a garota. Era em Richard que estava interessada, não em Aliena.

Aliena deixou escapar tudo.

- Nosso pai está na cadeia, e nós estamos tentando encontrar uma maneira de ganhar a vida e conseguir um pouco de dinheiro para subornar o carcereiro. Você sabe o que poderíamos fazer?

A garota desviou a atenção de Richard para Aliena.

- Você está sem dinheiro e quer saber como fazer para ganhar algum?

- Exatamente. Estamos dispostos a trabalhar duro. Faremos qualquer coisa. Tem alguma idéia?

A garota lançou um longo olhar avaliador para Aliena.

- Sim, tenho - disse por fim. - Conheço alguém que pode ajudá-la.

Aliena ficou entusiasmada: era a primeira pessoa a dizer sim para ela durante todo aquele dia.

- Quando poderemos vê-lo? - perguntou, ansiosa.

- Vê-la.

- O quê?

- É uma mulher. E você provavelmente poderá vê-la imediatamente, se vier comigo.

Aliena e Richard trocaram um olhar de satisfação. A jovem mal podia crer na mudança da sua sorte.

A garota se afastou e eles a seguiram. Ela os levou a uma grande casa de madeira no lado sul da High Street. A maior parte da casa ficava no térreo, mas tinha um pequeno pavimento superior. A garota subiu uma escada externa e fez um sinal para que a seguissem.

O andar superior era um quarto de dormir. Aliena ficou com os olhos arregalados: era mais ricamente decorado e mobilado do que qualquer um dos quartos do castelo, mesmo no tempo em que sua mãe estava viva. As paredes eram cheias de tapeçarias, o chão coberto com peles, e a cama cercada por cortinas bordadas. Numa cadeira que parecia um trono, estava sentada uma mulher de meia-idade, com um vestido maravilhoso.

Devia ter sido linda quando jovem, pensou Aliena, mesmo que agora seu rosto estivesse enrugado e o cabelo não fosse muito farto.

- Esta é a senhora Kate - disse a garota. - Kate, esta garota não tem um *penny* e seu pai está na cadeia.

Kate sorriu. Aliena retribuiu, mas com um sorriso forçado - havia algo na mulher de que não gostava.

- Leve o garoto para a cozinha - disse ela - e lhe dê um copo de cerveja enquanto conversamos.

A garota levou Richard. Aliena ficou satisfeita por ver que ele ia beber um pouco de cerveja - podia ser que lhe dessem também algo para comer.

- Qual é o seu nome? - perguntou Kate.

- Aliena.

- É diferente. Mas gosto. - Ela se levantou e chegou perto, bem perto. Pegou o queixo da garota com uma das mãos.

- Você tem o rosto muito bonito. - Seu hálito recendia vinho. - Tire a capa.

Aliena ficou intrigada com aquele exame, mas se submeteu; parecia inofensivo, e depois das rejeições daquela manhã não queria jogar fora sua primeira chance decente, dando a impressão de não querer cooperar. Tirou a capa e, colocando-a em cima de um banco, ficou ali parada, com o vestido velho que a mulher do guarda-florestal lhe dera.

Kate deu uma volta em torno dela. Por algum motivo pareceu ficar impressionada.

- Minha cara menina, você jamais terá necessidade de dinheiro, ou qualquer outra coisa. Se trabalhar para mim, nós duas ficaremos ricas.

Aliena fechou a cara. Aquilo parecia loucura. Tudo o que queria era ajudar na lavagem de roupa, na cozinha ou na costura: não via como esse tipo de coisa poderia enriquecer alguém.

- De que tipo de trabalho você está falando?

Kate estava atrás dela. Passou as mãos pelo corpo de Aliena, sentindo seus quadris; estava tão próxima que a jovem sentia os seios da mulher pressionando-lhe as costas.

- Você tem um belo corpo - disse Kate. - E sua pele é linda. Você é de estirpe nobre, não é?

- Meu pai era o conde de Shiring.

- Bartholomew! Ora, ora. Eu me lembro dele... não que fosse meu cliente. Um homem muito virtuoso, o seu pai. Bem, compreendo agora por que está sem recursos.

Então Kate tinha clientes.

- O que você vende? - perguntou Aliena.

A mulher não respondeu logo. Voltou para a frente de Aliena, encarando-a.

- Você é virgem, querida?

Aliena ficou enrubescida.

- Não seja tímida - disse Kate. - Vejo que não é. Bem, não faz mal. Virgens valem muito, mas não duram, é claro. — Pôs as mãos nos quadris da garota,

inclinou-se e beijou-a na testa. - Você é tão voluptuosa, embora não saiba! Por todos os santos, você é irresistível! - Ela escorregou a mão do quadril de Aliena para seu colo e segurou o seu seio com delicadeza, sopesando-o e esfregando-o ligeiramente; depois inclinou-se e beijou os lábios de Aliena.

A jovem compreendeu tudo num relâmpago: por que a garota sorria para Richard em frente ao lugar onde cunhavam moedas, como Kate arranjava seu dinheiro, o que teria de fazer se trabalhasse para ela, e que tipo de mulher era. Sentiu-se tola por não ter compreendido antes. Por um momento deixou que ela a beijasse - era tão diferente do que William Hamleigh fizera que não sentiu nem um pouco de repugnância, mas não era aquilo o que teria de fazer para ganhar dinheiro. Afastou-se do abraço de Kate.

- Você quer que eu me torne uma puta - disse ela.

- Uma dama do prazer, minha cara - disse Kate. - Acordar tarde, usar belas roupas todos os dias, fazer os homens felizes e tornar-se rica. Você seria uma das melhores. Há qualquer coisa em você... Poderia cobrar qualquer coisa, qualquer coisa. Acredite em mim, sei disso.

Aliena estremeceu. Sempre havia uma ou duas prostitutas no castelo - era necessário, num lugar onde havia tantos homens sem esposas, e eram consideradas como da mais baixa categoria, as mais humildes das mulheres, abaixo até mesmo das varredoras.

Mas não foi o baixo *status* que fez Aliena tremer de nojo. Foi a idéia de homens como William Hamleigh aparecendo e trepando com ela por um *penny*. Essa idéia trouxe de volta a lembrança do seu corpo imenso em cima dela, deitada no chão com as pernas abertas, trêmula de terror e ódio, esperando que ele a penetrasse. A cena voltou com renovado horror, e roubou toda a sua pose e confiança. Sentiu que se ficasse naquela casa por mais um momento tudo aquilo lhe aconteceria novamente. Invadiu-a uma necessidade pânica de ir embora. Recuou na direção da porta. Teve medo de ofender Kate, medo de que qualquer pessoa ficasse zangada com ela.

- Desculpe-me, murmurou. - Por favor, desculpe-me, mas eu não conseguiria, sinceramente...

- Pense no que lhe disse! — pediu Kate cordialmente. — Volte se mudar de idéia. Ainda estarei aqui.

- Muito obrigada, — disse Aliena, insegura. Finalmente encontrou a porta. Abriu-a e escapuliu depressa. Ainda transtornada, desceu correndo a escada para a rua e foi até a porta da frente da casa. Abriu-a com um empurrão, mas teve medo de entrar. - Richard! exclamou. - Richard, saia! - Não houve resposta. O interior era difusamente iluminado, e não foi possível ver nada além de umas poucas e vagas figuras femininas.

- Richard, onde você está? - gritou, histérica.

Percebeu que os passantes olhavam para ela, e ficou ainda mais ansiosa.

De repente Richard apareceu, com um copo de cerveja numa das mãos e uma perna de galinha na outra.

- O que há? - perguntou ele, com a boca cheia de carne. Seu tom de voz indicava que estava aborrecido por ter sido perturbado.

Ela agarrou o braço dele e o puxou.

- Saia daí - disse. - É uma casa de putas!

Diversos transeuntes riram ruidosamente com aquilo, e um ou dois gritaram zombarias.

- Pode ser que elas dêem um pouco de carne para você - disse Richard.

- Elas querem que eu seja uma puta! - explodiu Aliena.

- Está bem, está bem - disse Richard. Acabou de beber a cerveja, pôs o copo no chão, do lado de dentro da porta, e enfiou os restos da perna de galinha dentro da camisa.

- Vamos - disse Aliena, impaciente, embora uma vez mais a necessidade de lidar com o irmão tivesse o efeito de acalmá-la. Ele não pareceu furioso com a idéia de alguém ter querido que sua irmã se tornasse prostituta, mas era evidente que lamentava ser obrigado a deixar um lugar onde havia cerveja e galinha de graça.

A maior parte dos transeuntes seguiu seu caminho, vendo que a diversão terminara, mas uma pessoa permaneceu. Era a mulher bem-vestida que eles tinham visto na cadeia.

Dera um *penny* ao carcereiro, que a chamara de Meg. Ela ficou olhando para Aliena com uma expressão de curiosidade mesclada com compaixão. Aliena desenvolvera uma verdadeira aversão a ser encarada, e desviou o olhar, furiosa.

- Você está em dificuldades, não está? - perguntou então a mulher.

O tom de bondade que percebeu na voz de Meg fez Aliena se voltar.

- Sim - respondeu, após uma pausa. - Estamos em dificuldades.

- Vi vocês na prisão. Meu marido está preso; eu o visito todos os dias. Por que vocês foram lá?

- Nosso pai está encarcerado.

- Mas vocês não entraram.

- Não temos dinheiro algum para pagar ao carcereiro.

Meg olhou por cima do ombro de Aliena para a porta do bordel.

- Era o que estava fazendo ali? Tentando arranjar dinheiro?

- Sim, mas eu não sabia o que era até...

- Pobrezinha - disse Meg. - Minha Annie teria a sua idade se estivesse viva... Por que não vai à cadeia comigo amanhã de manhã para ver se nós duas juntas não conseguimos convencer Odo a agir como cristão e ter pena de duas crianças sem recursos?

- Oh, seria maravilhoso! - disse Aliena. Estava comovida. Não havia garantia de sucesso, mas o fato de uma pessoa estar disposta a ajudá-los encheu

seus olhos de lágrimas.

Meg ainda estava olhando fixamente para a jovem.

- Você já jantou?

- Não. Richard comeu... naquele lugar.

- É melhor ir até a minha casa. Eu lhe darei um pouco de pão e carne. -

Ela notou a expressão de medo de Aliena e acrescentou: - E você não vai ter que fazer nada em troca.

Aliena acreditou nela.

- Muito obrigada - disse. - Você é bondosa. Não são muitas as pessoas que têm sido boas conosco. Não sei como lhe agradecer.

- Não precisa - disse ela. - Venha comigo.

O marido de Meg era mercador de lã. Comprava a lã que lhe era trazida na sua casa, ao sul da cidade, na sua banca no mercado e na grande feira anual de St. Gile's Hill, pelos camponeses das proximidades. Amarrava tudo em grandes fardos, cada um com a lã de duzentos e quarenta carneiros, e estocava no galpão que ficava nos fundos da casa. Uma vez por ano, quando os tecelões flamengos mandavam seus agentes comprar a forte e macia lã inglesa, ele vendia tudo e providenciava a expedição dos fardos via Dover e Boulogne para Bruges e Ghent, onde a lã crua seria transformada em tecido de alta qualidade, vendido no mundo inteiro por preços sem dúvida demasiado altos para os camponeses que criavam os carneiros. Assim Meg contou a Aliena e Richard durante o jantar, com aquele cálido sorriso que dizia que, fosse o que fosse que acontecesse, as pessoas não deviam ser ruins umas com as outras.

O marido dela fora acusado de fraudar o peso, um crime que a cidade levava muito a sério, pois sua prosperidade era baseada na reputação de comerciar honestamente.

A julgar pelo modo como Meg falou sobre isso, Aliena achou que, provavelmente, ele era culpado. Sua ausência, contudo, pouca diferença fizera para o negócio. Meg simplesmente o substituíra. De qualquer modo, no inverno não havia muito trabalho. Ela fizera uma viagem a Flandres, assegurara aos agentes de seu marido que a empresa estava funcionando normalmente, e fizera obras no galpão, reparando-o e aumentando-o um pouco. Quando comesse a tosquia, Meg compraria lã, como ele fazia. Sabia como julgar sua qualidade e determinar o preço. Já fora admitida na associação dos mercadores da cidade, a despeito da mácula na reputação do marido, pois havia uma tradição de os comerciantes ajudarem mutuamente suas famílias em tempos difíceis, e, de qualquer modo, a culpa dele ainda não fora provada.

Richard e Aliena comeram da sua comida, beberam do seu vinho e se sentaram junto ao seu fogo até que começou a escurecer; então voltaram ao priorado para dormir.

Aliena teve um pesadelo de novo. Dessa vez sonhou com o pai. No

sonho, ele estava sentado num trono, dentro da prisão, tão alto, pálido e autoritário como sempre, e quando foi vê-lo teve que fazer uma reverência como se ele fosse o rei. Então ele falou com ela em tom acusador, dizendo que o abandonara na cadeia e fora viver num bordel.

Aliena ficou ultrajada com a injustiça da acusação e disse, furiosamente, que fora ele quem a abandonara. Ia acrescentar que a deixara à mercê de William Hamleigh, mas relutou em contar ao pai o que ele lhe fizera. Nesse momento viu que William também estava na sala, sentado numa cama e comendo cerejas que tirava de uma terrina. Ele cuspiu um caroço de cereja em cima dela, acertando-a no rosto e machucando-a.

Seu pai sorriu e William começou a jogar cerejas macias. As frutas se espatifavam no seu rosto e no vestido, e ela começou a chorar, porque embora o vestido fosse velho era o único que tinha, e agora estava cheio de manchas vermelhas, lembrando sangue.

Sentiu-se tão intoleravelmente triste no sonho que, quando acordou e descobriu que não era real, experimentou uma enorme sensação de alívio, muito embora a realidade - não ter casa nem dinheiro - fosse bem pior que ser alvejada com cerejas.

A luz do dia começou a se infiltrar pelas frestas nas paredes da casa de hóspedes. Por toda parte à sua volta as pessoas acordavam e começavam a se movimentar. Em pouco tempo os monges entraram, abriram portas e janelas e anunciaram o desjejum.

Aliena e Richard comeram depressa e foram para a casa de Meg. Ela estava pronta para sair. Tinha preparado um succulento ensopado de carne para o marido, e Aliena disse a Richard para carregar a pesada panela. A jovem gostaria de ter alguma coisa para dar ao pai. Não pensara nisso, mas mesmo que houvesse pensado não teria podido comprar nada. Era horrível não poderem fazer nada por ele.

Subiram a High Street, entraram no castelo pelo portão dos fundos e passando pela fortaleza desceram a colina até a cadeia. Aliena lembrou o que Odo lhe dissera na véspera, quando lhe perguntara se seu pai estava bem. "Não, não está", dissera o carcereiro. "Está morrendo." Achara que ele tinha sido exagerado e cruel, mas agora começou a se preocupar.

- Há alguma coisa de errado com meu pai? - perguntou a Meg.
- Não sei, querida - respondeu ela. - Nunca o vi.
- O carcereiro disse que ele estava morrendo.
- Aquele homem é ruim como um gato. Provavelmente disse isso só para fazê-la sofrer. De qualquer modo, você saberá num momento.

Aliena não se tranquilizou, apesar das boas intenções de Meg, e foi cheia de pavor que atravessou o portal para entrar na atmosfera escura e impregnada de ruindade da cadeia.

Odo estava aquecendo as mãos no fogo aceso no meio do vestíbulo. Balançou a cabeça para Meg e olhou para Aliena.

- Tem dinheiro? - perguntou.

- Eu pagarei por eles - disse Meg. - Aqui estão dois *pennies*, um para mim e um para eles.

Uma expressão astuta surgiu na cara estúpida de Odo, que disse:

- Eles têm que pagar dois *pennies* - um penny para cada um.

- Não seja tão miserável - disse Meg. - Ou você os deixa entrar ou lhe causarei problemas com a associação dos mercadores, e você perderá o emprego.

- Está bem, está bem, não precisa vir com ameaças - disse ele, rabujento. Apontou para um arco na parede de pedra à direita deles. - Bartholomew fica naquela direção.

- Vocês vão precisar de luz - disse Meg. Ela retirou duas velas do bolso da capa, acendeu-as na lareira e deu uma para Aliena. A expressão do seu rosto era de aflição.

- Espero que tudo esteja bem - disse, e deu um beijo em Aliena. Depois saiu rapidamente pelo arco oposto.

A jovem espiou apreensivamente na direção indicada por Odo. Segurando a vela bem alto, passou pelo arco e foi dar num minúsculo vestíbulo quadrado. A luz da vela mostrou três portas pesadas, todas trancadas por fora.

- Bem na sua frente - gritou Odo.

- Levante a tranca, Richard - disse Aliena.

O garoto pegou a pesada tranca de madeira e libertou-a dos suportes, encostando-a à parede. Aliena abriu a porta com um empurrão e fez uma rápida prece.

A cela estava escura, exceto pela luz da vela. A jovem hesitou junto à porta, tentando enxergar por entre as sombras em movimento. O lugar cheirava como uma latrina.

Uma voz se ouviu:

- Quem está aí?

- Pai? - perguntou a garota. Conseguiu distinguir um vulto sentado no chão coberto de palha.

- Aliena? - Havia incredulidade na sua voz. - É Aliena? - Parecia a voz dele, só que mais velha.

A jovem aproximou-se, mantendo a vela no alto. Ele ergueu os olhos, a luz da vela iluminou seu rosto, e Aliena arquejou, horrorizada.

Ele estava praticamente irreconhecível.

Sempre fora um homem magro, mas agora parecia um esqueleto. Estava imundo e vestido de trapos.

- Aliena! - exclamou. - É você! - Seu rosto retorceu-se num sorriso, como o de uma caveira.

Aliena caiu no choro. Nada poderia tê-la preparado para o choque de vê-lo transformado daquela maneira. Era a coisa mais horrível que podia imaginar. Soube imediatamente que ele estava morrendo. Ô canalha do Odo dissera a verdade. Mas ainda estava vivo, sofrendo e satisfeito por vê-la. Tinha decidido conservar-se calma, mas perdeu o controle por completo, e caiu de joelhos diante dele, chorando e dando grandes soluços dilacerantes que vinham do fundo do coração.

Bartholomew inclinou-se para a frente e passou os braços pelos seus ombros, como se estivesse consolando uma criança que esfolou o joelho ou quebrou um brinquedo.

- Não chore - disse delicadamente. - Não chore logo na hora em que está fazendo seu pai tão feliz.

Aliena sentiu que a vela lhe era retirada da mão.

- E esse rapaz alto aí é o meu Richard? - perguntou ele.

- Sim, papai - disse o garoto, tenso.

Aliena passou os braços em torno do pai, e sentiu os ossos dele, como galhos dentro de um saco. Ele estava definhando: não havia carne por baixo da pele. Quis lhe dizer qualquer coisa, algumas palavras de amor e consolo, mas não conseguiu, de tanto quesoluçava.

- Richard - estava dizendo ele, — como você está crescido! Já tem barba?

- Começou agora, pai, mas é muito clara.

Aliena percebeu que o irmão estava à beira das lágrimas e que lutava para manter a compostura. Ele iria se sentir humilhado se perdesse o controle na frente do pai, que provavelmente lhe diria para parar com aquilo e ser homem, o que tornaria tudo pior. Preocupando-se com Richard, parou de chorar. Abraçou mais uma vez o corpo espantosamente magro do pai; depois recuou, enxugou os olhos e assoou o nariz na manga do vestido.

- Vocês estão bem? - quis saber ele. Falava mais devagar que antes, e a voz tremia ocasionalmente. - Como têm conseguido sobreviver? Onde estão morando? Eles não me falam nada sobre vocês - a pior tortura que poderiam ter imaginado. Mas vocês parecem bem - em boa forma e saudáveis! Isso é maravilhoso!

A menção à tortura fez Aliena pensar se ele haveria sofrido tormentos físicos, mas não lhe perguntou nada; tinha medo do que o pai poderia lhe dizer. Em vez disso, respondeu à pergunta dele com uma mentira:

- Estamos bem, pai. - Sabia que a verdade seria devastadora para ele. Destruiria aquele momento de felicidade e encheria os últimos dias de sua vida com a agonia da autocondenação.

- Estamos morando no castelo e Matthew toma conta de nós.

- Mas vocês não podem mais viver lá! - disse ele. - O rei sagrou aquele gordo idiota do Percy Hamleigh conde de Shiring. O castelo agora é dele.

Então ele sabia.

- Está bem - disse ela. - Saímos de lá. — Bartholomew pegou no vestido dela, o vestido velho que a mulher do guarda-florestal lhe dera.

- O que é isto? - perguntou ele incisivamente. - Você vendeu suas roupas?

Ele não perdera a inteligência, claro. Não seria fácil enganá-lo. Decidiu contar-lhe parte da verdade.

- Saímos do castelo apressadamente e não temos outras roupas.

— Onde está Matthew? Por que não está aqui com vocês?

Ela receara aquela pergunta. Hesitou.

Foi apenas uma pausa momentânea, mas ele percebeu.

- Vamos! Não tente esconder nada de mim! - exclamou, com um pouco da antiga autoridade. - Onde está Matthew?

- Foi morto pelos Hamleighs - respondeu ela. - Mas não nos fizeram mal. - Aliena prendeu a respiração. Será que ele acreditaria?

- Pobre Matthew! - lamentou Bartholomew. - Nunca foi um homem de briga. Espero que tenha ido direto para o céu.

Ele aceitara sua história. Aliena respirou aliviada. Mudou de assunto, para sair daquele campo perigoso.

- Decidimos vir a Winchester pedir ao rei que faça algumas provisões para nós, mas ele...

- Não adianta - interrompeu seu pai bruscamente, antes que ela pudesse explicar por que não tinham conseguido ver o rei. - Ele não faria nada por vocês.

Aliena ficou magoada com a falta de consideração dele. Fizera o melhor que pudera, contra todas as probabilidades, e queria ouvi-lo dizer: Muito bem, e não: Foi uma perda de tempo. Ele sempre tinha sido rápido para corrigir e lento para elogiar. Eu devia estar acostumada, pensou.

- O que devemos fazer agora, papai? - perguntou, submissa.

Ele mudou de posição, e ouviu-se um barulho metálico. com um choque, Aliena percebeu que estava a ferros.

- Tive a oportunidade - disse ele - de esconder um pouco de dinheiro. Não foi uma chance muito boa, mas precisei me arriscar. Eu tinha cinquenta besantes num cinto embaixo da camisa. Dei o cinto a um padre.

- Cinquenta! - Aliena ficou surpresa. Um besante era uma moeda de ouro. Não eram cunhadas na Inglaterra, vinham de Bizâncio. Nunca vira mais de um de uma só vez.

Um besante valia vinte e quatro *pennies* de prata. Cinquenta valiam... não conseguiu fazer a conta.

- Que padre? - perguntou Richard, com senso prático.

- Padre Ralph, da Igreja de St. Michael, perto do Portão Norte.

- Ele é um homem bom? - perguntou Aliena.

- Espero que sim. Na realidade, não sei. No dia em que os Hamleighs me

trouxeram para Winchester, antes de me trancarem aqui, me vi sozinho com ele por alguns momentos, e soube que era minha única chance. Dei-lhe o cinto, suplicando que o guardasse para vocês. Cinquenta besantes valem cinco libras de prata.

Cinco libras. Quando Aliena digeriu a notícia, percebeu que o dinheiro transformaria a existência deles. Deixariam de ser desvalidos; não mais teriam que sobreviver de dia para dia. Poderiam comprar pão, e um par de botas para substituir aqueles tamancos que machucavam tanto os seus pés, e até mesmo um par de póneis baratos, caso tivessem necessidade de viajar. Não resolveria todos os seus problemas, mas afastaria aquela sensação aterradora de viver constantemente à beira de uma crise de vida ou morte. Não teria de pensar o tempo todo em como iriam sobreviver. Poderia concentrar a atenção em algo construtivo - como, por exemplo, tirar seu pai daquele lugar horroroso.

- Quando pegarmos o dinheiro - disse ela, o que deveremos fazer? Temos que libertá-lo.

- Não vou sair - disse ele asperamente. - Esqueça isso. Se eu já não estivesse morrendo, eles teriam me enforcado.

Aliena ficou chocada. Como podia falar daquele jeito?

- Por que se espanta? O rei tem que se livrar de mim, mas desse modo não pesarei na consciência dele.

- Pai - disse Richard, - esta prisão não é bem guardada quando o rei está fora. Com uns poucos homens acho que posso tirá-lo daqui.

Aliena sabia que aquilo não iria acontecer. Richard não tinha capacidade ou experiência para organizar uma expedição de resgate, além de ser jovem demais para persuadir homens feitos a segui-lo. Sentiu medo que o pai magoasse Richard debochando da sua proposta, mas tudo o que ele disse foi:

- Nem pense nisso. Se você arrombar esta cadeia eu me recusarei a sair.

A jovem sabia que não adiantava discutir com ele uma vez que houvesse tomado sua decisão. Mas confrangia-lhe o coração pensar nele terminando seus dias naquela cadeia fedorenta. No entanto, ocorreu-lhe que havia muita coisa que podia fazer para tornar mais confortável sua vida ali, e disse:

- Bem, se vai permanecer aqui, podemos limpar tudo e arranjar palha fresca. Traremos comida quente para você todos os dias. Conseguiremos algumas velas e talvez possamos pedir uma Bíblia emprestada para você ler. Pode ter um fogo...

- Basta! Vocês não vão fazer nada disso. Não vou querer que meus filhos desperdicem a vida rondando uma cadeia, esperando que um velho morra.

Os olhos de Aliena encheram-se de lágrimas novamente.

- Mas não podemos deixá-lo assim!

Ele a ignorou, o que era sua reação normal a pessoas que tolamente o contradiziam.

- Sua querida mãe tinha uma irmã, Edith. Ela mora na aldeia de Huntleigh, na estrada de Gloucester, com o marido, que é cavaleiro. Vocês devem ir para lá.

Ocorreu a Aliena que poderia ver seu pai de tempos em tempos. E ele talvez permitisse que os parentes lhe proporcionassem mais conforto. Tentou se lembrar de tia Edith e tio Simon. Não os via desde que sua mãe morrera. Tinha uma vaga recordação de uma mulher magra e nervosa como sua mãe e de um homem grande e cheio de energia que comia e bebia muito.

- Eles vão tomar conta de nós? - perguntou ela, insegura.

- Claro. São seus parentes.

Aliena perguntou-se se essa razão seria suficiente para a modesta família de um cavaleiro receber de boa vontade dois jovens grandes e famintos; mas seu pai tinha dito que tudo estaria bem e ela confiava nele.

- O que faremos? - perguntou.

- Richard será escudeiro do tio e aprenderá as artes da cavalaria. Você será dama de companhia de tia Edith até se casar.

Enquanto conversavam, Aliena sentiu-se como se houvesse carregado um fardo pesado por muitas milhas, só tendo notado a dor nas costas ao depositar o peso no chão.

Agora que seu pai estava assumindo o comando, parecia-lhe que a responsabilidade dos últimos dias fora demasiada. E a autoridade e capacidade dele para controlar a situação, mesmo doente na cadeia, tranquilizou-a e amenizou sua aflição, pois parecia desnecessário se preocupar com a pessoa que estava no comando.

Ele se tornou ainda mais autoritário.

- Antes que me deixem, quero que ambos façam um juramento.

Aliena ficou chocada. Seu pai sempre fora contra juramentos. Fazer um juramento é pôr uma alma em risco, dizia ele. Nunca faça um juramento, a menos que tenha certeza de que preferirá morrer a não cumpri-lo. E ele estava ali por causa de um juramento, os outros barões não cumpriram a palavra empenhada e aceitaram Estêvão como rei, mas Bartholomew se recusara, preferia morrer a quebrar seu juramento, e estava ali morrendo.

- Dê-me sua espada - disse a Richard.

O garoto desembainhou a espada e a entregou a ele. Seu pai pegou-a e inverteu a posição, segurando a lâmina e pondo o punho para fora.

- Ajoelhe-se. Ponha a mão em cima do punho. - Fez uma pausa, como se estivesse reunindo forças; quando falou, sua voz ressoou como um repicar de sinos. - Jure por Deus Todo Poderoso, por Jesus Cristo e por todos os santos que não descansará enquanto não for o conde de Shiring e lorde de todas as terras que governei.

Aliena ficou surpresa e, de certa forma, aterrorizada. Tinha esperado uma coisa de ordem geral, como sempre dizer a verdade e temer a Deus; mas não, ele

dera a Richard uma tarefa muito específica, uma tarefa que poderia levar toda uma vida.

Richard respirou fundo e disse, com um tremor na voz:

- Juro por Deus Todo-Poderoso, por Jesus Cristo e por todos os santos que não descansarei enquanto não for o conde de Shiring e lorde de todas as terras que você governou.

Bartholomew suspirou, como se tivesse acabado de cumprir uma tarefa difícil. Então surpreendeu Aliena de novo. Virou-se e apresentou-lhe o cabo da espada.

- Jure por Deus Todo-Poderoso, por Jesus Cristo e por todos os santos que cuidará do seu irmão Richard até que ele cumpra o juramento que fez.

Uma sensação de fatalidade inundou Aliena. Aquilo seria o seu destino, então: Richard vingaria seu pai, e ela tomaria conta do irmão. Para ela seria também uma missão de vingança, pois se ele se tornasse conde, William Hamleigh perderia a herança.

Passou como um relâmpago pela sua mente a lembrança de que ninguém lhe perguntara como desejava viver; porém, o pensamento tolo foi embora com a mesma rapidez com que veio. Era o seu destino, e era um destino justo e apropriado. Não estava relutante, mas sabia que aquele era um momento decisivo, e teve a sensação de portas se fechando às suas costas e do rumo da sua vida sendo fixado irrevogavelmente.

Colocou a mão no punho da espada e jurou. Sua voz surpreendeu-a pela força e determinação.

- Juro por Deus Todo-Poderoso, por Jesus Cristo e por todos os santos que cuidarei do meu irmão Richard até que ele tenha cumprido seu juramento. - Ela se persignou.

Estava feito. Fiz um juramento, pensou, e prefiro morrer a não cumprir minha palavra.

A idéia lhe deu uma espécie de satisfação raivosa.

- Pronto - disse seu pai, e sua voz soou fraca novamente. - Agora vocês nunca mais precisam voltar aqui.

Aliena não pôde acreditar no que ouvira.

- Tio Simon poderá nos trazer para vê-lo de vez em quando, verificar se você está bem aquecido e alimentado...

- Não - disse ele severamente. - Vocês têm uma tarefa a cumprir. Não vão desperdiçar energias visitando uma cadeia.

Ela percebeu pelo tom de sua voz que ele não queria discussões, mas não pôde se impedir de protestar contra a dureza daquela decisão.

- Então deixe-nos voltar só mais uma vez, para lhe trazer alguns confortos!

- Não quero confortos.

- Por favor...

- Nunca.

Ela desistiu. Ele era pelo menos tão duro consigo próprio como com todas as outras pessoas.

- Muito bem - disse Aliena, mas as palavras saíram sob a forma de um soluço.

- Agora é melhor vocês irem.

- Já?

- Sim. Este é um lugar de desespero, desmoralização e morte. Agora que já os vi e sei que estão bem, e que vocês prometeram reconstruir o que perdemos, estou satisfeito. A única coisa que poderia destruir minha felicidade seria vê-los perder tempo visitando uma prisão. Agora, saiam.

- Papai, não! - protestou Aliena, embora soubesse que não adiantava,

- Ouçam - disse ele, e sua voz suavizou-se por fim. - Vivi uma vida honrada e agora vou morrer. Confessei meus pecados. Estou pronto para a eternidade. Rezem pela minha alma. Vão.

Aliena inclinou-se e beijou-lhe a testa. As lágrimas dela caíram livremente sobre o seu rosto.

- Adeus, pai querido - sussurrou, levantando-se. Richard ajoelhou-se e beijou-o.

- Adeus, pai - disse, com a voz insegura.

- Que Deus abençoe vocês dois e os ajude a cumprir suas promessas.

Richard deixou-lhe a vela. Eles se dirigiram à saída. Na porta Aliena voltou-se e olhou para ele na luz incerta. Seu rosto descarnado exibía uma calma determinação que lhe era muito familiar. Ficou olhando até que as lágrimas obscureceram sua visão.

Então se virou, passou pelo vestíbulo da prisão e saiu, tropeçando, ao ar livre.

Richard foi à frente. Aliena estava atônita, de tanta dor. Era como se seu pai já tivesse morrido, só que pior, pois ele ainda estava sofrendo. Ouviu Richard pedindo informações, mas não prestou atenção. Não pensou aonde estavam indo senão quando pararam do lado de fora de uma igreja de madeira com um casebre de meia-água ao lado. Olhando em torno, Aliena viu que estavam num bairro pobre de casas pequenas e desmanteladas, ruas imundas onde cachorros ferozes caçavam ratos por entre o lixo e crianças descalças brincavam na lama.

- Isto aqui deve ser St. Michael - disse Richard.

A meia-água ao lado da igreja só podia ser a casa do padre. Tinha uma janela fechada. A porta estava aberta. Eles entraram.

Havia um fogo aceso no meio do único aposento. O lugar era mobiliado com uma mesa de madeira grossa desbastada, uns bancos e um barril de cerveja a um canto. O chão estava juncado de palha. Perto do fogo um homem sentado numa cadeira bebia num copo grande. Era pequeno e magro, com cerca de

cinquenta anos, de nariz vermelho e cabelo grisalho muito fino. Usava roupa comum, de uso diário, uma camisa de baixo suja com uma túnica marrom e tamancos.

- Padre Ralph? - disse Richard, na dúvida.

- E se for? - replicou ele.

Aliena suspirou. Por que as pessoas fabricavam problemas quando já havia tantos no mundo? Mas não lhe restava energia para mais aquela demonstração de mau humor, e deixou por conta de Richard.

- Essa sua pergunta significa sim? - quis saber o garoto. A resposta veio de forma inesperada. Ouviram uma voz do lado de fora:

- Ralph? Você está em casa?

No momento seguinte entrou uma mulher de meia-idade e deu um naco de pão e uma tigela grande de algo que cheirava como ensopado de carne. Daquela vez o cheiro da carne não fez a boca de Aliena se encher d'água: estava por demais aturdida para sentir fome. A mulher provavelmente era uma das paroquianas de Ralph, pois suas roupas eram da mesma qualidade inferior. Ele apanhou a comida sem uma palavra e começou a comer. A mulher lançou um olhar indiferente para Richard e Aliena e saiu.

- Bem, padre Ralph - disse Richard, — sou filho de Bartholomew, o antigo conde de Shiring.

O homem parou de comer e olhou para eles. Havia hostilidade em seu rosto, e alguma outra coisa que Aliena não conseguiu entender: medo? culpa? Ele voltou a atenção para sua refeição, mas resmungou:

- O que vocês querem comigo?

Aliena sentiu uma pontada de medo.

- Você sabe o que quero - disse Richard. - Meu dinheiro. Cinquenta besantes.

- Não sei do que você está falando - disse Ralph.

Aliena encarou-o incredulamente. Aquilo não poderia estar acontecendo. Seu pai deixara dinheiro para eles com esse padre - tinha dito que deixara! Não cometia erros em relação a essas coisas.

Richard ficara lívido.

- O que você está querendo dizer? - perguntou.

- O que quero dizer é que não sei do que você está falando. Agora dê o fora. - Tomou outra colherada de ensopado.

O homem estava mentindo, claro, mas o que eles podiam fazer? Richard insistiu teimosamente:

- Meu pai deixou dinheiro com você, cinquenta besantes. Ele lhe pediu que os desse a mim. Onde estão?

- Seu pai não me deu nada.

- Ele disse que...

- Ele mentiu, então.

Ali estava algo que com certeza seu pai não fizera. Aliena falou pela primeira vez.

- Você é o mentiroso e nós sabemos disso.

Ralph deu de ombros.

- Queixem-se ao xerife.

- Você estará encrencado se nos queixarmos. Eles cortam as mãos dos ladrões aqui nesta cidade.

Uma sombra de medo cruzou rapidamente o rosto do padre, mas desapareceu num momento e sua resposta foi desafiadora.

- Será a minha palavra contra a de um traidor preso... se o seu pai viver o bastante para prestar testemunho.

Aliena reconheceu que ele estava com a razão. Não havia testemunhas para dizer que seu pai lhe dera o dinheiro, pois se tratava de um segredo, um dinheiro que não podia ser apanhado pelo rei, por Percy Hamleigh ou por qualquer um dos abutres que acorrem em bandos em torno das posses de um homem que caiu em desgraça.

As coisas aconteciam do mesmo modo como na floresta, pensou Aliena, amargurada. Todo mundo podia roubar a ela e a Richard impunemente, porque eram filhos de um nobre degradado. Por que estou com medo desses homens?, perguntou-se, furiosa. Por que não são eles que têm medo de mim?

- Ele está com a razão, não é? - perguntou Richard em voz baixa, fitando-a.

- Sim - disse ela rancorosamente. - Não adianta nos queixarmos ao xerife. - Pensava na única oportunidade em que os homens haviam tido medo dela: na floresta, quando esfaqueara o gordo fora-da-lei, e o outro saíra correndo apavorado. O padre não era melhor que o fora-da-lei. Mas era velho e bem frágil, e provavelmente nunca imaginara que fosse ter de encarar suas vítimas. Talvez pudesse ser amedrontado.

- O que faremos então? - perguntou o garoto. Aliena cedeu a um súbito impulso de raiva.

- Vamos queimar esta casa! - respondeu. Foi até o meio do aposento e chutou o fogo com seus tamancos, espalhando toras de madeira em brasa. A palha perto da lareira pegou fogo imediatamente.

- Ei! - gritou Ralph. Começou a se levantar da cadeira, deixando cair o pão e derramando o ensopado no colo, mas antes que conseguisse ficar de pé Aliena pulou em cima dele. Estava completamente descontrolada; agiu sem pensar. Empurrou-o, e ele escorregou da cadeira e caiu no chão. Ficou assombrada ao ver como foi fácil derrubá-lo. Jogou-se por cima dele, colocando os joelhos sobre seu peito e envolvendo-o com os braços. Louca de ódio, aproximou a cara da dele e berrou:

- Seu ladrão sem princípios, mentiroso, perverso, infiel, vou queimá-lo até vê-lo morto!

Seus olhos desviaram-se para o lado e o que viu pareceu assustá-lo ainda mais. Seguindo seu olhar, Aliena viu que Richard desembainhara a espada e estava pronto para atacar o velho. O rosto sujo do padre empalideceu e ele sussurrou:

- Você é um demônio...

- É você quem rouba o dinheiro de crianças pobres! - De esguelha ela viu um pedaço de pau com uma extremidade em brasa. Pegou-o e colocou a parte quente junto ao rosto dele. — Agora vou queimar seus olhos, um por um. Primeiro o esquerdo...

- Não, por favor - murmurou ele. - Por favor, não me machuque.

Aliena ficou abismada com a rapidez com que cedera. Percebeu que as palhas estavam ardendo, à sua volta.

- Onde está o dinheiro então? - perguntou, numa voz que de repente pareceu normal.

O padre ainda estava aterrorizado.

- Na igreja.

- Onde, exatamente?

- Debaixo da pedra atrás do altar.

A garota encarou Richard.

- Tome conta dele enquanto vou olhar - disse. - Se ele se mexer, mate-o.

- Aliena, a casa vai pegar fogo - disse seu irmão.

Ela foi até o canto e levantou a tampa do barril. Estava com cerveja pela metade. Agarrou-o pela borda e puxou-o. A cerveja derramou, encharcando a palha e apagando o fogo.

Aliena saiu da casa. Sabia que realmente estivera a um passo de queimar os olhos do padre, mas em vez de se sentir envergonhada, estava esmagada pela sensação do próprio poder. Resolvera não deixar que os outros a fizessem de vítima, e provará que podia manter sua resolução. Caminhou rapidamente até a igreja e experimentou a porta. Estava trancada com um pequeno cadeado. Podia ter voltado e pedido a chave ao padre, mas preferiu puxar a adaga da manga, enfiar a lâmina na fresta da porta e quebrar o cadeado. A porta se abriu e ela entrou, decidida.

Era o tipo de igreja muito pobre. Do tipo mais pobre possível. Não havia outra peça de mobília exceto o altar e nenhuma decoração, a não ser algumas pinturas toscas na madeira caiada das paredes. Num canto, uma vela bruxuleava sob uma pequena efígie de madeira que presumivelmente representava São Miguel. O triunfo de Aliena foi perturbado durante um instante pela constatação de que cinco libras representavam uma tentação terrível para um homem pobre como o padre Ralph. Mas imediatamente expulsou qualquer pensamento de

compaixão.

O piso era de terra mas havia uma grande laje de pedra atrás do altar. Era um esconderijo bastante óbvio, mas claro que ninguém ia se dar ao trabalho de assaltar uma igreja tão visivelmente pobre como aquela. Aliena abaixou-se, ajoelhando-se numa perna só, e empurrou a pedra. Era muito pesada, e nem se mexeu. Começou a ficar ansiosa. Não podia confiar em Richard para tomar conta de Ralph indefinidamente.

O padre podia fugir e pedir socorro, e então ela teria que provar que o dinheiro era seu. Na verdade, essa poderia vir a ser a menor das preocupações, agora que atacara um padre e arrombara uma igreja. Sentiu um calafrio de ansiedade quando viu que estava do outro lado da lei.

O medo lhe deu força extra. com um empurrão vigoroso, fez a pedra se mexer uma ou duas polegadas. Ela cobria um buraco de cerca de um pé de profundidade. Conseguiu mover a pedra mais um pouco. Dentro do buraco havia um cinto de couro largo. Enfiou a mão e puxou-o.

- Pronto! - exclamou, em voz alta. - Agora está comigo! - Deu-lhe grande satisfação pensar que derrotara o padre desonesto e recuperara o dinheiro do pai. Depois, ao se levantar, percebeu que sua vitória era restrita: o cinturão estava muito leve.

Abriu a ponta e deixou cair as moedas. Só havia dez. Dez besantes valiam uma libra de prata.

O que acontecera com o resto? Padre Ralph gastara! Ficou enfurecida novamente. O dinheiro do seu pai era tudo o que tinha no mundo, e um padre ladrão furtara quatro quintos dele. Saiu da igreja pisando forte e girando o cinto. Na rua, um transeunte pareceu ficar assustado quando surpreendeu a expressão do seu olhar, como se houvesse algo estranho nele. Ela não deu importância e entrou na casa do padre.

Richard estava de pé sobre Ralph, com a espada na garganta dele. Quando Aliena passou pela porta, gritou:

- Onde está o resto do dinheiro do meu pai?

- Acabou - murmurou o padre.

Ela se ajoelhou junto da cabeça dele e encostou a faca na sua cara.

- Acabou como?

- Gastei - confessou ele, rouco de pavor.

Aliena quis esfaqueá-lo, espancá-lo ou jogá-lo num rio; mas nenhuma dessas coisas lhe teria sido útil. Ele estava dizendo a verdade. Olhou para o barril virado: um homem que bebe pode consumir uma grande quantidade de cerveja. Ela achou que fosse explodir de tanta frustração.

- Eu cortaria fora sua orelha se pudesse vendê-la por um *penny* - disse, por entre os dentes. A expressão do padre era de quem já se via sem orelha, de qualquer maneira.

- Ele já gastou o dinheiro - disse Richard ansiosamente. - Vamos pegar o que resta e ir embora.

Ele estava com a razão, reconheceu Aliena, relutante.. Sua raiva começou a se evaporar, deixando um resíduo de amargura. Não havia nada a ganhar assustando o padre, e quanto mais tempo ficassem, mais chance havia de alguém aparecer e causar problema. Ela se levantou.

- Está bem - disse. Pôs as moedas de ouro novamente no cinto e afivelou-o na cintura, por baixo da capa. Apontou um dedo para o padre. - Posso voltar um dia e matar você - disse.

Ela saiu.

Seguiu depressa ao longo da rua estreita. Richard emparelhou com ela, correndo.

- Você foi maravilhosa, Allie! - disse, excitadamente. — Quase o matou de susto... e pegou o dinheiro!

Ela assentiu.

- Sim, peguei - disse, amargurada. Ainda estava tensa, mas agora que a fúria se abatera, sentia-se deprimida e infeliz.

- O que vamos comprar? - perguntou ele, ansioso.

- Só um pouco de comida para a nossa viagem.

- Não vamos comprar cavalos?

- Não com uma libra.

- Mesmo assim, podemos comprar botas para você. — Ela pensou naquilo. Os tamancos a torturavam, mas o chão era frio demais para andar descalça. No entanto, as botas custariam caro e ela estava relutante em gastar o dinheiro tão depressa.

- Não - decidiu. - Viverei mais uns dias sem botas. Por enquanto vamos guardar o dinheiro.

Ele ficou desapontado, mas não contestou sua autoridade.

- Que comida vamos comprar?

- Pão de massa grossa, queijo duro e vinho.

- Vamos comprar umas tortas.

- É muito caro.

- Oh! - Ele ficou em silêncio por um momento e disse:

- Você está horivelmente mal-humorada, Allie!

Ela suspirou.

- Sei disso. - Pensou: Por que me sinto deste modo? Devia estar orgulhosa. Graças a mim, chegamos até aqui, defendi meu irmão, encontrei meu pai, recuperei nosso dinheiro.

Sim, e enfiei uma faca na barriga de um gordo, fiz meu irmão matá-lo, coloquei uma brasa junto ao rosto de um padre e estive a ponto de queimar-lhe os olhos.

- É por causa de papai? - perguntou ele compreensivamente.
- Não, não é - respondeu a garota. - É por minha causa.

Aliena lamentou não ter comprado as botas. Na estrada para Gloucester ela usou os tamancos até que seus pés sangraram, depois andou descalça até que não pôde mais tolerar o frio, e os calçou de novo. Descobriu que ajudava se não olhasse para os pés: eles doíam mais quando via as feridas e o sangue.

Na região montanhosa havia uma porção de pequenas propriedades pobres, onde os camponeses cultivavam mais ou menos um acre de aveia ou centeio e criavam alguns animais esqueléticos. Aliena parou nas cercanias de uma aldeia, quando imaginou que deveriam estar perto de Huntieigh, para falar com um camponês que estava tosquiando um carneiro num quintal cercado, perto de uma casa de fazenda, baixa e com paredes de taipa. Ele tinha a cabeça do animal presa numa armação de madeira como uma espécie de coleira e cortava sua lã com uma faca de lâmina comprida. Dois outros carneiros aguardavam nas proximidades, irrequietos, e um, já tosquiado, pastava no campo, parecendo nu naquele frio.

- É cedo para tosquiá-lo - disse Aliena.

O camponês olhou para ela e sorriu, bem-humorado. Era um homem jovem, de cabelo ruivo e sardas; as mangas arregaçadas mostravam braços cabeludos.

- Ah, mas preciso de dinheiro. Melhor os carneiros sentirem frio do que eu sentir fome.

- Quanto recebe?

- Um *penny* por carneiro. Mas tenho que ir a Gloucester, e assim perco um dia no campo na primavera, quando tenho muito o que fazer. - Ele era bastante alegre, a despeito dos queixumes.

- Que aldeia é essa? - perguntou-lhe Aliena.

- Os estranhos a chamam de Huntieigh - disse ele. Os camponeses nunca usavam o nome da aldeia onde moravam para eles era apenas a aldeia. Nomes eram coisa para estrangeiros. - Quem é você? - perguntou ele, com franca curiosidade. - O que a traz aqui?

- Sou sobrinha de Simon de Huntieigh - respondeu Aliena.

- Não me diga! Pois bem, você o encontrará na casa grande. Volte por esta estrada algumas jardas e tome a trilha através dos campos.

- Muito obrigada.

A aldeia se situava no meio de seus campos arados como um porco num chiqueiro. Havia mais ou menos vinte moradias espalhadas em torno da propriedade principal, que não era muito maior que a casa de um camponês próspero. Ao que parecia, tia Edith e tio Simon não eram muito ricos. Um grupo de homens estava do lado de fora da propriedade com uma parelha de cavalos.

Um deles parecia ser o lorde: usava casaco vermelho.

Aliena examinou-o mais detidamente. Fazia doze ou treze anos desde a última vez em que vira tio Simon, mas achou que era ele. Lembrava-se de um homem grande, e agora parecia menor, mas sem dúvida era porque Aliena crescera. Seu cabelo estava escasseando, e ele tinha um queixo duplo do qual ela não se lembrava. Então ouviu-o dizer:

- Este animal tem a cernelha muito alta. - E reconheceu sua voz rascante e um pouco cansada.

Começou a relaxar. De agora em diante seriam alimentados, vestidos, cuidados e protegidos: nada mais de pão de massa grossa e queijo duro, de pernoites em celeiros, de trajetos pelas estradas com a mão no cabo de uma faca. Teria uma cama macia, um vestido novo e um jantar de rosbife.

Tio Simon percebeu seu olhar. A princípio não soube de quem se tratava.

- Olhem só - disse para os seus homens, — uma bela garota e um menino-soldado nos visitam! - Depois a expressão dos seus olhos se modificou e Aliena percebeu que ele se dera conta de que não eram completos estranhos. - Conheço você, não conheço? - perguntou.

- Sim, tio Simon, conhece - respondeu Aliena.

Ele deu um pulo, como se apavorado com alguma coisa.

- Por todos os santos! A voz de um fantasma!

Aliena não compreendeu, mas no momento seguinte ele explicou. Aproximou-se, examinando-a atentamente, parecendo que ia olhar seus dentes, como um cavalo, e disse:

- Sua mãe tinha a mesma voz, como mel sendo despejado de uma jarra. Você é tão bonita quanto ela, também, por Cristo! - Levantou a mão para tocar no seu rosto, mas ela recuou, pondo-se rapidamente fora do seu alcance. - Mas é tão arrogante quanto seu maldito pai, posso ver isso. Suponho que foi ele que a mandou aqui, não foi?

Aliena eriçou-se. Não gostou de ouvir seu pai designado como "maldito". Mas se protestasse, ele tomaria isso como prova de que era arrogante; assim, mordeu a língua e respondeu submissamente:

- Sim. Ele disse que tia Edith tomaria conta de nós.

- Bem, ele estava errado - disse tio Simon. - Tia Edith esta morta. E, além disso, desde que seu pai caiu em desgraça, perdi a metade das minhas terras para aquele patife gordo do Percy Hamleigh. Estão difíceis os tempos por aqui. Assim, pode se virar agora mesmo e voltar para Winchester. Não vou ficar com vocês.

Aliena ficou trêmula. Ele parecia um homem muito duro.

- Mas somos seus parentes! - disse.

Ele teve a consideração de parecer ligeiramente envergonhado, mas sua resposta foi áspera.

- Você não é minha parente. Você era sobrinha da minha primeira esposa.

E mesmo quando Edith estava viva, nunca via sua mãe, por causa daquele idiota pomposo com que se casou.

- Nós trabalharemos - suplicou Aliena. - Estamos dispostos a...

- Não perca o fôlego - disse ele. - Não vou recebê-los.

Aliena ficou chocada. O modo de falar dele era definitivo.

Claro que não adiantava discutir com ele ou implorar. Mas tinha sofrido tantos desapontamentos e reveses daquele tipo que se sentiu mais amargurada que triste. Uma semana antes algo assim a teria feito se desmanchar em lágrimas. Agora a vontade que tinha era de cuspir nele.

- Eu me lembrarei disto quando Richard for o conde e recuperarmos o castelo.

Ele riu.

- Será que viverei tanto tempo?

Ela decidiu não ficar para continuar sendo humilhada.

- Vamos - disse para Richard. - Vamos cuidar de nós mesmos.

Tio Simon já tinha se virado, voltando a examinar o cavalo de cernelha alta. Os homens que se encontravam com ele ficaram um pouco embaraçados. Aliena e Richard foram embora.

- O que vamos fazer, Allie? - perguntou Richard lamuriosamente, quando já não podiam ser ouvidos.

- Vamos mostrar a essa gente sem coração que somos melhores que eles - disse de maneira sombria, mas não se sentia corajosa, só cheia de ódio de tio Simon, do padre Ralph, de Odo Carcereiro, dos proscritos, do guarda-florestal e, acima de tudo, ódio de William Hamleigh.

- Ainda bem que temos algum dinheiro - disse Richard.

Sim. Mas não duraria para sempre.

- Não podemos simplesmente gastá-lo - disse ela, enquanto seguiam pela trilha que os levaria de volta à estrada. - Se usarmos tudo em comida e coisas assim, ficaremos sem recursos de novo quando ele acabar. Temos que fazer alguma coisa com esse dinheiro.

- Não vejo por quê - disse Richard. - Acho que devíamos comprar um pônei.

Ela o encarou, espantada. Estaria brincando? Não havia um sorriso nos seus lábios. Simplesmente não compreendia.

- Não temos posição, título ou terras - disse ela, paciente. - O rei não nos ajudará. Não conseguimos ser contratados como trabalhadores. Tentamos, em Winchester, e ninguém nos quis. Mas de alguma maneira temos que ganhar a vida e transformá-lo num cavaleiro.

- Oh - disse ele. - Entendo.

Ela era capaz de afirmar que ele na verdade não entendia nada.

- Precisamos nos estabelecer em algum ocupação que renda o suficiente

para pagar nossa comida e nos dê no mínimo uma chance de ganhar dinheiro bastante para lhe comprar um bom cavalo.

- Você quer dizer que eu deveria ser aprendiz de artífice?

Aliena sacudiu a cabeça.

- Você tem que se tornar cavaleiro, não carpinteiro. Algum dia conhecemos alguém com uma vida independente mas sem uma habilidade especial?

- Sim - respondeu Richard. - Meg, em Winchester.

Ele tinha razão. Meg era comerciante de lã, embora nunca tivesse sido aprendiz.

- Mas ela tem uma banca no mercado.

Passaram pelo camponês ruivo que os orientara. Seus quatro carneiros recém-tosquiados pastavam no campo, e ele amarrava a lã deles em fardos, com uma corda feita de colmo. Levantou os olhos do seu trabalho e acenou. Era gente como ele que levava sua lã para as cidades e a vendia aos comerciantes de lã. Mas o mercador precisava ter um lugar para seu negócio... Ou não?

Uma idéia estava se formando na mente de Aliena.

De súbito ela se virou.

- Aonde você vai? - perguntou Richard.

Estava animada demais para responder. Debruçou-se na cerca do camponês.

- Quanto você disse que pode ganhar pela sua lã?

- Um *penny* por carneiro.

- Mas você tem que gastar o dia inteiro para ir a Gloucester e voltar.

- Esse é o problema.

- E se eu comprar sua lã? Isto o pouparia da viagem.

- Allie! - exclamou Richard. - Nós não precisamos de lã!

- Cale-se, Richard! - Não queria explicar sua idéia a ele naquele momento: estava impaciente para testá-la com o camponês.

- Seria uma gentileza - disse ele. Entretanto, seu aspecto era de quem estava desconfiado, como se suspeitasse de um truque qualquer.

- Eu não poderia lhe pagar um *penny* pela lã de um carneiro, contudo.

- Ah-ah! Eu sabia que tinha que haver uma dificuldade escondida.

- Eu poderia lhe dar dois *pence* pelas quatro mantas de lã.

- Mas valem um *penny* cada uma! - protestou ele.

- Em Gloucester. Estamos em Huntleigh.

Ele sacudiu a cabeça.

- Prefiro ganhar os quatro *pence* e perder um dia de trabalho no campo a ganhar dois e não ter que perder um dia.

- Suponha que eu lhe ofereça três *pence* pelas quatro,

- Perco um *penny*.

- E economiza um dia de viagem.
Ele parecia espantado.
- Nunca ouvi falar em nada parecido com isso antes.
- É como se eu fosse uma carroça, e você me pagasse um *penny* para levar sua lã ao mercado. - Ela achou a lentidão dele exasperante. - A questão é: um dia extra de trabalho vale um *penny* para você ou não vale?
- Depende do que faço com o dia - respondeu ele pensativamente.
- Allie - disse Richard, - o que vamos fazer com a lã de quatro carneiros?
- Vendê-la para Meg - respondeu Aliena, impaciente. - Por um *penny* cada.
Desse modo saímos ganhando um *penny*.
- Mas temos que ir até Winchester para ganhar um *penny*?
- Não, seu burro! Compramos lã de cinquenta camponeses e levamos toda a carga a Winchester. Será que você não entende? Poderíamos fazer cinquenta *pennies*! Com isso seria possível comer e economizar para comprar um bom cavalo!

Ela se voltou para o camponês. Seu sorriso alegre desaparecera, e ele estava coçando a cabeça ruiva. Aliena lamentou tê-lo deixado perplexo, mas queria que aceitasse sua oferta. Se aceitasse, saberia que era possível cumprir o juramento que fizera a seu pai. Mas os camponeses costumavam ser teimosos. Teve ímpetos de pegá-lo pelo pescoço e sacudi-lo. Em vez disso, meteu a mão dentro da capa e remexeu na bolsa. Tinha trocado os besantes de ouro por *pennies* de prata na casa do ourives, em Winchester, e foram três desses *pennies* que tirou da bolsa e mostrou para ele.

- Aqui está o dinheiro - disse. - É pegar ou largar.

Ver a prata ajudou o camponês a se decidir.

- Feito - disse, apanhando o dinheiro.

Aliena sorriu. Parecia que tinha encontrado uma resposta. Naquela noite usou um fardo de lã como travesseiro. O cheiro de carneiro a lembrou da casa de Meg.

Quando acordou de manhã descobriu que não ficara grávida. As coisas estavam melhorando.

Quatro semanas após a Páscoa, Aliena e Richard entraram em Winchester com um cavalo velho puxando uma carroça feita em casa, transportando um imenso saco com duzentas e quarenta peles de carneiro - o número preciso que fazia um saco-padrão.

Nesse ponto eles descobriram os impostos.

Antes sempre tinham entrado na cidade sem chamar nenhuma atenção, mas dessa vez aprenderam porque os portões da cidade eram estreitos e constantemente guarnecidos por funcionários da alfândega. Havia um pedágio de um *penny* para cada carroça de bens que entrasse em Winchester. Por sorte, ainda

possuíam alguns *pennies* de sobra, e puderam pagar, pois, de outro modo, teriam sido barrados.

A maior parte das lãs tinha lhes custado entre meio *penny* e três quartos de *penny* cada. Haviam pago setenta e dois *pence* pelo cavalo velho, e a carroça desmantelada viera junto. A maior parte do resto do dinheiro fora gasta com comida. Mas naquela noite teriam uma libra de prata e um cavalo com carroça.

O plano de Aliena era depois comprar outro saco de lã como aquele, e repetir a manobra sem parar, até que todos os carneiros fossem tosquiados. No final do verão queria ter dinheiro para comprar um cavalo vigoroso e uma carroça nova.

Sentia-se muito animada ao puxar o velho matungo pelas ruas da cidade, na direção da casa de Meg. No final do dia teria provado que podia cuidar de si e de seu irmão sem nenhuma ajuda alheia. Isso a fazia sentir-se madura e independente. Era responsável pelo próprio destino. Não ganhara nada do rei, não precisava de parentes e não tinha necessidade de marido.

Estava ansiosa por ver Meg, que fora sua inspiração. Ela fora uma das poucas pessoas que a ajudara sem tentar roubá-la, estuprá-la ou explorá-la. Aliena tinha uma porção de perguntas para lhe fazer sobre os negócios em geral e sobre o comércio de lã em particular.

Era dia de mercado, de modo que levou algum tempo para puxar a carroça pelas ruas congestionadas até onde morava Meg. Finalmente chegaram à sua casa. Aliena entrou no hall. Uma mulher que nunca vira antes apareceu à sua frente.

- Oh! - disse Aliena, interrompendo-se.

- O que é?

- Sou amiga de Meg.

- Ela não mora mais aqui - disse a mulher laconicamente.

- Oh, meu Deus! - Aliena não viu necessidade de a outra ser tão brusca. - Para onde ela se mudou?

- Ela foi embora junto com o marido, que deixou a cidade em desgraça.

Aliena sentiu medo e desapontamento. Estivera contando com Meg para facilitar a venda da lã.

- É uma notícia terrível!

- Ele era um comerciante desonesto, e se eu fosse você não me exibiria por aí como amiga dela. Agora dê o fora.

Ficou ultrajada com o fato de alguém falar mal de Meg.

- Não me importa o que o marido dela possa ter feito, mas ela era uma mulher fina e muitíssimo superior aos ladrões e às putas que habitam esta cidade fedorenta - disse, saindo antes que a mulher pudesse pensar numa réplica.

Sua vitória verbal lhe deu consolo momentâneo.

- Má notícia - disse para Richard. - Meg deixou Winchester.

- O novo morador... é mercador de lã?

- Não perguntei. Estava muito ocupada xingando a mulher que me atendeu. - Agora ela se sentiu tola pelo que fizera.

- O que vamos fazer, Allie?

- Temos que vender estas peles - disse ela ansiosamente.

- É melhor irmos ao mercado.

Fizeram a volta com o cavalo e seguiram o mesmo caminho pelo qual tinham vindo até a High Street, depois abriram caminho através da multidão que enchia as ruas até o mercado, que ficava entre a High Street e a catedral. Aliena puxava o cavalo e Richard ia atrás da carroça, empurrando quando o animal precisava de ajuda, o que acontecia quase o tempo todo. O mercado era uma massa de gente fervilhando ao longo dos estreitos caminhos entre as bancas, e cujo progresso constantemente era detido por carroças como a de Aliena. Ela parou, subiu no saco e tentou localizar os mercadores de lã. Só conseguiu ver um. Desceu e puxou o cavalo na sua direção.

O homem estava fazendo bom negócio. Dispunha de um largo espaço cercado por uma corda, com uma barraca atrás. A barraca era feita de armações, leves molduras de madeira cheias com palha e ramos flexíveis entrelaçados, sendo, obviamente, uma estrutura temporária levantada a cada dia de mercado. O negociante era um homem moreno-escuro cujo braço esquerdo terminava no cotovelo. Preso ao coto ele tinha um pente de madeira, e sempre que uma lã lhe era oferecida, punha aquele braço sobre ela, puxava um pouco com o pente e a examinava com a mão direita antes de dar um preço. Depois usava o pente e a mão direita a fim de contar o número de *pennies* que concordara em pagar. Para grandes compras ele pesava os *pennies* numa balança.

Aliena abriu caminho por entre a multidão até sua banca. Um camponês ofereceu ao mercador três peles de lã um tanto finas, amarradas por um cinto de couro.

- Um pouco esparsa - disse o mercador. - 1 *farthings* cada. - Um *farthing* era um quarto de um *penny*. Ele contou dois *pennies*, depois pegou uma machadinha e, com um golpe rápido de quem tinha muita prática, cortou um terceiro *penny* em quartos. Deu ao camponês dois *pennies* e um dos quartos.

- Três vezes três *farthings* fazem dois *pennies* e um *farthing* — disse. O camponês tirou o cinto e entregou a lã.

A seguir, dois rapazes puxaram um saco inteiro de lã até o balcão. O mercador examinou cuidadosamente.

- É um saco inteiro, mas de baixa qualidade - disse. - Dou uma libra.

Aliena perguntou-se como ele poderia ter certeza de que o saco estava completo. Talvez fosse possível, com a prática. Observou-o pesar uma libra de *pennies* de prata.

Alguns monges estavam se aproximando com uma carroça imensa cheia de sacos de lã. Aliena decidiu resolver seu negócio antes dos monges. Fez um

gesto para Richard, que puxou o saco de lã da carroça até o balcão.

O mercador examinou a lã.

- Qualidade mista - disse. - Meia libra.

- O quê? - exclamou Aliena incredulamente.

- Cento e vinte *pennies* - disse ele.

Aliena ficou horrorizada.

- Mas você acabou de pagar uma libra por um saco!

- É por causa da qualidade.

- Você pagou uma libra por lã de baixa qualidade!

- Meia libra - repetiu ele, obstinado.

Os monges chegaram e lotaram a banca, mas Aliena não arredou pé; sua vida estava em jogo, e ela tinha mais medo de voltar a não ter recursos do que do mercador.

- Diga-me por quê - insistiu. - Não há nada de errado com a lã, há?

- Não.

- Então me dê o que você pagou àqueles dois homens.

- Não.

- Por que não? - ela quase gritou.

- Porque ninguém paga a uma garota o mesmo que paga a um homem.

Ela teve ímpetos de estrangulá-lo. Estava lhe oferecendo menos do que pagara. Era ultrajante. Se aceitasse seu preço, todo o seu trabalho teria sido por nada. Pior que isso, seu esquema de assegurar a sua subsistência e a de seu irmão teria falhado, e seu breve período de independência e auto-suficiência estaria terminado. E por quê? Porque aquele homem não pagaria a uma garota o que pagava a um homem!

O líder dos monges a estava encarando. Ela detestava que as pessoas a olhassem.

- Pare de me encarar! - disse rudemente. - Limite-se a fazer o seu negócio com esse homem ímpio e perverso!

- Está bem - disse o monge com brandura. Fez um gesto para seus colegas, e eles puxaram um saco até o balcão.

- Aceite os dez *xelins*, Allie - disse Richard. - De outro modo nada teremos senão um saco de lã!

Aliena olhou furiosamente para o mercador, que examinava a lã dos monges.

- Qualidade mista - disse. Ela perguntou-se se ele jamais teria classificado alguma lã como de boa qualidade. - Uma libra e doze pence o saco.

Por que Meg teve que ir embora?, pensou Aliena amarguradamente. Tudo sairia bem se ela tivesse ficado.

- Quantos sacos vocês têm? - perguntou o mercador.

- Dez - respondeu um monge jovem, com hábito de noviço.

- Não, onze - corrigiu o líder deles. O noviço deu a impressão de que ia discutir, mas nada disse.

- Então são onze libras e meia de prata, mais doze *pence*.

O comerciante começou a pesar o dinheiro.

- Não vou desistir - disse Aliena para Richard. - Levaremos a lã a algum outro lugar. Shiring, talvez, ou Gloucester.

- Tão longe! E se não conseguirmos vendê-la?

Richard tinha razão - eles podiam ter o mesmo problema em qualquer outro lugar. A dificuldade real era que não tinham *status*, apoio ou proteção. O mercador não se atreveria a insultar os monges, e até mesmo os camponeses pobres provavelmente seriam capazes de lhe causar problemas, se fosse desonesto numa transação, mas não havia risco para um homem que tentasse enganar duas crianças sozinhas no mundo.

Os monges estavam arrastando seus sacos de lã para a barraca do mercador. À medida que cada um era armazenado, ele entregava ao chefe dos monges o peso de uma libra de *pennies* de prata mais doze *pennies*. Quando todos os sacos estavam guardados, ainda havia uma bolsa de dinheiro em cima do balcão.

- São apenas dez sacos - disse o mercador.

- Falei que eram dez - disse o noviço para o líder.

- Este é o décimo primeiro - disse ele, pondo a mão em cima do saco de lã de Aliena.

Ela o encarou, atônita.

O mercador ficou igualmente surpreso.

- Eu lhe ofereci meia libra - disse.

- Comprei dela - disse o monge - e vendi para você. — Ele fez um gesto para os outros religiosos, e eles arrastaram o saco de Aliena até a barraca.

O mercador pareceu ficar descontente, mas entregou a última bolsa de dinheiro. O monge a deu para Aliena.

Ela estava abismada. Tudo estava saindo errado e, de repente, aquele total estranho a salvara - e depois de ter sido rude com ele, ainda por cima!

- Muito obrigado por nos ter ajudado, padre - disse Richard.

- Dê graças a Deus - respondeu o monge.

A garota não sabia o que dizer. Estava emocionada. Apertou a bolsa de dinheiro de encontro ao peito. Como poderia lhe agradecer? Olhou para o seu salvador. Era um homem pequeno, esbelto e de olhar intenso. Seus movimentos eram rápidos e ele parecia alerta, como um passarinho de plumagem feia e sem graça mas de olhos luminosos. Na verdade, seus olhos eram azuis. O cabelo em torno da tonsura era preto, com fios brancos, mas seu rosto era jovem. Aliena começou a perceber que ele era vagamente familiar. Onde o tinha visto antes? A cabeça do monge estava trilhando a mesma direção.

- Você não se lembra de mim, mas conheço vocês - disse ele. - São os filhos de Bartholomew, antigo conde de Shiring. Sei que sofreram grandes desventuras, e estou satisfeito por ter uma chance de ajudar. Comprarei sua lã em qualquer época.

Aliena teve vontade de beijá-lo. Não só ele a salvara agora, como estava preparado para garantir seu futuro! Finalmente conseguiu falar.

- Não sei como lhe agradecer - disse. - Deus sabe como precisamos de um protetor!

- Pois bem, agora tem dois: Deus e eu.

Aliena ficou profundamente comovida.

- Você salvou minha vida, e nem sei quem é - disse ela.

- Meu nome é Philip - disse ele. - Sou o prior de Kingsbridge.

Capítulo 7

Foi um grande dia quando Tom Construtor levou os homens à pedreira.

Aconteceu alguns dias antes da Páscoa, quinze meses depois que a velha catedral queimara. Fora preciso todo esse tempo para o prior Philip reunir dinheiro bastante para contratar artífices.

Tom encontrara um madeireiro e um mestre de pedreira em Salisbury, onde o palácio do bispo Roger estava quase pronto. O madeireiro e seus homens já estavam trabalhando há duas semanas, procurando e cortando pinheiros altos e carvalhos maduros.

Concentravam os esforços nas áreas próximas ao rio, a montante de Kingsbridge, pois era dispendioso o transporte pelas sinuosas estradas enlameadas, e muito dinheiro podia ser economizado se se deixasse a madeira simplesmente flutuar correnteza abaixo até o local da construção. A madeira seria grosseiramente desbastada para servir na construção de andaimes, modelada como gabaritos, que serviriam para o trabalho dos pedreiros e entalhadores, ou - no caso das árvores mais altas - posta de lado para uso futuro como vigas do telhado. Boa madeira estava chegando a Kingsbridge com regularidade, e tudo o que Tom tinha a fazer era pagar aos madeireiros todas as tardes de sábado.

Os homens que iam trabalhar na pedreira tinham chegado nos últimos dias. O mestre, Otto Cara Preta, trouxera consigo os dois filhos, que eram ambos canteiros; quatro netos, todos aprendizes, e dois serventes - um primo e um cunhado. Tal nepotismo era normal, e Tom não fazia objeções; grupos familiares geralmente compunham boas equipes.

Por enquanto ainda não havia ninguém trabalhando em Kingsbridge, a não ser pelo construtor e pelo carpinteiro do priorado. Era uma boa idéia estocar alguns materiais.

Mas em breve Tom contrataria os homens que representavam a espinha dorsal da turma de construção, os pedreiros. Eram eles que punham uma pedra em cima da outra e faziam subir as paredes. Então a grande aventura teria início. Tom andava como se tivesse molas nos pés: era por aquilo que havia esperado e trabalhado durante dez anos.

O primeiro pedreiro a ser contratado, já decidira, seria seu filho Alfred. Ele estava com dezesseis anos, aproximadamente, e já adquirira as habilidades básicas de um pedreiro: sabia cortar pedras em esquadro e construir uma parede no prumo. Assim que tivesse início a contratação, Alfred começaria a receber salário integral.

O outro filho de Tom, Jonathan, estava com quinze meses e crescia

depressa. Criança robusta, era o queridinho de todo o mosteiro. Tom se preocupava um pouco, no princípio, por ver o filho entregue a Johnny Oito *Pence* mas, apesar da ligeira deficiência mental, o monge era tão atencioso quanto qualquer mãe, e tinha mais tempo que a maioria delas para dedicar à criança. Os religiosos ainda não suspeitavam que Tom fosse o pai de Jonathan e provavelmente nunca suspeitariam.

Martha, com sete anos, exibía uma falha nos dentes da frente e sentia falta de Jack. Era quem mais preocupava Tom, pois precisava de uma mãe.

Não faltavam mulheres que quisessem se casar com o construtor e cuidar de sua filha pequena. Ele não era um homem feio, e sabia disso, e sua subsistência parecia garantida, agora que o prior Philip começava de fato a construção. Tom saíra da casa de hóspedes e construía para si uma boa casa de dois cômodos, com chaminé, na aldeia. Um dia, como mestre construtor encarregado de todo o projeto, poderia esperar um salário e vantagens que seriam motivo de inveja para a maior parte da pequena nobreza.

Mas não podia conceber desposar qualquer pessoa que não fosse Ellen. Ele era como um homem que, depois de se acostumar a beber o mais fino dos vinhos, achava agora que o vinho de todos os dias tinha gosto de vinagre. Havia uma viúva na aldeia, uma mulher roliça e bonita, de rosto sorridente e busto generoso e dois filhos bem-comportados, que lhe assara diversas tortas e o beijara ardentemente no banquete de Natal, e que se casaria com Tom tão depressa quanto ele desejasse. Mas o construtor sabia que seria infeliz com ela, pois sempre ansiaria pela excitação de ser casado com a imprevisível, arrebatada, fascinante e apaixonada Ellen.

Ela prometera voltar, um dia, para uma visita. Tom estava convicto de que cumpriria sua palavra, e agarrava-se obstinadamente a isso, mesmo que já se passasse mais de um ano que ela tivesse ido embora. Quando voltasse ia lhe pedir para se casar com ele.

Achava que agora Ellen podia aceitá-lo. Não era mais um homem desvalido: era capaz de alimentar sua família e a dela também. Acreditava ainda que Alfred e Jack poderiam ser impedidos de brigar, desde que devidamente controlados. Se o menino fosse posto para trabalhar, Alfred não ficaria tão ressentido, na opinião de Tom. Ele iria se oferecer para tomar Jack como aprendiz. O garoto mostrara interesse pela arte da construção, era muito inteligente e em um ano seria grande o bastante para o trabalho pesado. Então Alfred não poderia dizer que ele era vagabundo. Tom ia pedir a Ellen para ensinar Alfred a ler e a escrever. Poderia lhe dar aulas aos domingos.

Desse modo seu filho poderia sentir que tinha o mesmo valor que Jack.

Os meninos seriam iguais, ambos instruídos, ambos trabalhando, e, antes que decorresse muito tempo, do mesmo tamanho.

Sabia que Ellen gostara verdadeiramente de viver com ele, a despeito de

todas as provações por que tinham passado. Ela apreciava seu corpo e sua cabeça. Ia querer voltar para ele.

Contudo, se seria capaz de endireitar as coisas com o prior Philip era outra questão. Ellen insultara a religião de Philip de um modo que não deixara margem a dúvidas.

Era difícil imaginar algo mais ofensivo a um prior do que o que ela fizera. Tom ainda não resolvera esse problema.

Enquanto isso, toda a sua energia intelectual estava voltada para o projeto da catedral. Otto e sua equipe construiriam uma cabana rústica na pedreira, onde poderiam dormir à noite. Quando estivessem estabelecidos, construiriam casas de verdade, e os casados poderiam trazer as famílias para morar com eles.

De todos os ofícios relacionados à construção, a exploração de pedreiras era o que requeria menos talento e mais força. O mestre fazia o trabalho intelectual: decidia que zonas deviam ser escavadas e em que ordem; providenciava as escadas e os aparelhos de içar pesos, se iam trabalhar numa superfície lisa, projetava o andaime, além disso, certificava-se de que um constante suprimento de ferramentas viesse do ferreiro. Escavar as pedras era relativamente simples. O canteiro usava um alvião de ferro para abrir uma fresta inicial na rocha, depois a aprofundava com um martelo e uma talhadeira. Quando o buraco estivesse grande o bastante para enfraquecer a pedra, metia uma cunha de madeira dentro dele. Se tivesse avaliado corretamente a rocha, ela se partiria bem onde queria.

Os serventes removiam as pedras da pedreira, ou carregando-as em padiolas, ou levantando-as com uma corda presa a uma imensa roda. No galpão, os canteiros com suas ferramentas cortariam as pedras aproximadamente na forma especificada pelo mestre construtor. O trabalho mais preciso seria feito em Kingsbridge, é claro.

O maior problema seria o transporte. A pedreira ficava a um dia de viagem do local da obra, e um carroceiro cobraria quatro *pence* a viagem - sem poder carregar mais que oito ou nove das pedras grandes, para não quebrar a carroça ou matar o cavalo.

Assim que os homens da pedreira estivessem instalados, Tom tinha que explorar a área e ver se havia algum curso de água que pudesse ser usado para encurtar a viagem.

Tinham saído de Kingsbridge ao raiar do dia. Ao caminharem através da floresta, as árvores arqueadas sobre a estrada fizeram Tom pensar nos pilares da catedral que construiria. As folhas novas estavam começando a nascer. Tom sempre fora ensinado a decorar os capitéis que encimavam os pilares com arabescos ou ziguezague, mas agora ocorreu-lhe que uma decoração na forma de folhas teria um aspecto mais surpreendente.

Progrediram bem, de modo que por volta do meio da tarde estavam na

vizinhança da pedreira. Para sua surpresa, Tom ouviu, a distância, o barulho de metal batendo na rocha, como se houvesse alguém trabalhando ali. Tecnicamente a pedreira pertencia ao conde de Shiring, Percy Hamleigh, mas o rei dera ao priorado de Kingsbridge o direito de explorá-la para a obra da catedral. Talvez, especulou Tom, o conde Percy tencionasse explorar a pedreira ao mesmo tempo que o priorado. O rei provavelmente não proibira isso de modo específico, mas seria muito inconveniente.

Ao se aproximarem mais, Otto, um homem de pele escura e maneiras rudes, franziu a cara com o barulho, mas nada disse. Os outros homens murmuraram uns com os outros, inquietos. Tom ignorou-os mas caminhou mais depressa, ansioso para descobrir o que estava acontecendo.

A estrada fazia uma curva ao atravessar um bosque e terminava no sopé de uma montanha. Essa montanha em si era a pedreira, e um imenso pedaço já tinha sido tirado do lado dela. A impressão inicial de Tom foi de que seria fácil trabalhar: uma elevação sempre era melhor que uma escavação, já que sempre havia menos problema em descer pedras pesadas que em levantá-las de dentro de um buraco.

A pedreira estava sendo explorada, sem dúvida alguma. Havia um galpão ao sopé, um andaime forte com vinte pés ou mais de altura, no lado cortado da pedreira, e uma pilha de pedras esperando para serem apanhadas. Tom pôde ver pelo menos dez homens. Uma dupla de homens de armas mal encarados, uma visão sinistra, mandriava do lado de fora do galpão, jogando pedras num barril.

- Não estou gostando do jeito disso - disse Otto. Tom tampouco gostou, mas fingiu não se perturbar. Entrou com passo firme dentro da pedreira, como se fosse seu proprietário, e dirigiu-se rapidamente para os homens de armas. Eles se puseram de pé, atrapalhados, com aquele ar levemente culpado de sentinelas que estão de guarda há muitos dias sem que nada aconteça. Tom avaliou rapidamente suas armas. Cada um tinha uma espada e uma adaga e usava um pesado gibão de couro, mas não estavam de armadura.

Quanto ao construtor, tinha um martelo de pedreiro pendurado no cinto. Não estava em posição de se meter numa briga. Caminhou direto até os dois homens sem nada falar, e no último minuto desviou-se deles, continuando até o galpão. Eles se olharam, sem saber o que fazer: se Tom fosse menor, ou não tivesse um martelo, poderiam tê-lo detido com mais rapidez, mas agora era tarde demais.

Ele entrou no galpão. Era uma construção de madeira espaçosa, com uma lareira. Havia ferramentas limpas penduradas nas paredes, e uma pedra grande num canto para amolá-las. Dois homens, de pé diante de um imponente banco de madeira chamado "banco de pedreiro", aparavam uma pedra.

- Saudações, irmãos - disse o construtor, usando a forma de tratamento comum entre artesãos. - Quem é o mestre aqui?

- Eu sou o mestre - disse um deles. - Meu nome é Harold de Shiring.
- Sou o mestre construtor da catedral de Kingsbridge. Meu nome é Tom.
- Saudações, Tom Construtor. Para que está aqui?

Tom examinou Harold por um momento antes de responder. Era um homem pálido e poeirento, com pequenos olhos verdes poeirentos que estreitava ao falar, como se tentasse se livrar do pó de pedra que havia neles. Recostou-se casualmente no banco, mas não estava tão calmo quanto queria parecer.

Estava nervoso, desconfiado e apreensivo. Ele sabe exatamente por que estou aqui, pensou Tom.

- Trouxe meu mestre para trabalhar aqui na pedreira, é claro.

Os dois homens de armas tinham seguido Tom, e Otto e sua equipe entraram atrás deles. Depois um ou dois homens da turma de Harold apareceram também, curiosos para ver que confusão era aquela.

- A pedreira é de propriedade do conde - disse Harold. - Se quiser tirar pedra, terá que falar com ele.

- Não, não terei - retrucou Tom. - Quando o rei deu a pedreira ao conde Percy, deu também ao priorado de Kingsbridge o direito de extrair pedra. Não precisamos mais de nenhuma permissão.

- Bem, não podemos trabalhar nela ao mesmo tempo, podemos?

- Talvez - disse Tom. - Eu não iria privar seus homens do emprego que têm. Há toda uma montanha de pedra - o bastante para mais de duas catedrais. Acharemos uma maneira de administrar a pedreira de modo a podermos trabalhar ao mesmo tempo.

- Não posso concordar com isso - disse Harold. - Sou empregado do conde.

- Bem, sou empregado do prior de Kingsbridge, e meus homens começam a trabalhar aqui amanhã de manhã, quer você goste, quer não.

Um dos homens de armas ergueu a voz então.

- Vocês não estarão trabalhando aqui nem amanhã nem em dia algum.

Até aquele momento Tom estivera se agarrando à idéia de que, embora estivesse violando o espírito do édito real por explorar a pedreira, se pressionado, Percy cumpriria o acordo, permitindo que o priorado tirasse a pedra de que precisava. Mas aquele homem de armas obviamente fora instruído para expulsar dali os homens do priorado. Aquilo era diferente. Tom percebeu, desolado, que não ia levar pedra alguma sem luta.

O homem de armas que falara era um sujeito de baixa estatura, atarracado, com uma expressão belicosa. Parecia estúpido, mas teimoso - o tipo mais difícil com quem argumentar. Tom lançou-lhe um olhar desafiador e perguntou:

- Quem é você?

- Sou um beleguim do conde de Shiring. Ele me disse para guardar esta pedreira e é exatamente o que vou fazer.

- E como você se propõe a fazer isso?
- Com esta espada. - Ele tocou no punho da espada pendurada no cinto.
- E o que você acha que o rei lhe fará quando for levado à sua presença por violar a paz que ele decretou?

- É um risco que corro.

- Mas só há dois de vocês - disse Tom, adotando um tom de voz moderado. - Somos sete homens e quatro rapazes, temos a permissão do rei para trabalhar aqui. Se matarmos vocês, ele não mandará nos enforcar.

Os dois homens de armas ficaram pensativos, mas antes que Tom pudesse pressionar para ampliar a vantagem, Otto disse:

- Só um minuto - disse a Tom. - Trouxe meu pessoal aqui para cortar pedra, não para lutar.

Tom sentiu que estava tudo perdido. Se os homens de Otto não estavam dispostos a defender sua posição, não havia esperança.

- Não seja tão tímido! - exclamou. - Vocês vão ficar sem trabalho só por causa de dois tipos fanfarrões?

Otto parecia irritado.

- Não vou lutar com homens armados - replicou. - Tenho trabalhado sem parar nos últimos dez anos e não estou tão desesperado assim por dinheiro. Além disso, não conheço os certos e errados desse assunto - no que me diz respeito, é a sua palavra contra — a deles.

O construtor olhou para o resto da equipe de Otto. Os dois canteiros tinham a mesma expressão obstinada. Claro que seguiriam a liderança dele: era seu pai, além de ser seu mestre. E Tom podia compreender o ponto de vista de Otto. Na verdade, se estivesse em sua posição provavelmente agiria do mesmo modo. Não se meteria numa briga com homens armados a menos que estivesse desesperado.

Mas saber que o outro estava sendo ponderado não trouxe nenhum conforto a Tom; na verdade, fez com que se sentisse mais frustrado ainda. Decidiu fazer mais uma tentativa.

- Não haverá nenhuma luta - disse. - Eles sabem que o rei os enforcará se nos machucarem. Vamos simplesmente acender nosso fogo, nos acomodar para passar a noite e começar a trabalhar pela manhã.

Mencionar a noite foi um erro. Um dos filhos de Otto disse:

- Como poderíamos dormir, com esses vilões assassinos nas proximidades?

Os outros murmuraram sua aprovação.

- Organizaremos uma vigilância - sugeriu Tom, desesperado.

Otto sacudiu a cabeça decididamente.

- Estamos partindo hoje à noite. Agora.

Tom olhou em torno e viu que estava derrotado. Acordara naquela manhã

com tantas esperanças, e mal podia acreditar que seus planos tinham sido frustrados por aqueles bandidos menores. Era humilhante demais para ser traduzido em palavras. Não pôde resistir a uma amargurada observação final:

- Vocês estão indo contra o rei, o que é uma coisa perigosa - disse a Harold. - Vá e diga isso ao conde de Shiring. E diga também que sou Tom Construtor de Kingsbridge, e que se eu um dia puser as mãos naquele seu pescoço gordo talvez o aperte até ele sufocar.

Johnny Oito *Pence* fez para o pequeno Jonathan uma miniatura completa de um hábito de monge, com mangas largas e capuz. O bebê ficava tão encantador metido naquela roupa que derretia o coração de todo mundo. Porém, ela não era muito prática: o capuz vivia caindo para a frente, tapando seus olhos, e quando ele engatinhava o manto atrapalhava seus joelhos.

No meio da tarde, quando Jonathan já tinha tirado sua soneca (e os monges, a deles), o prior Philip se encontrou por acaso com o bebê, junto com Johnny Oito *Pence*, naquilo que tinha sido a nave da igreja e agora era pátio de recreio dos noviços.

Aquela era a hora do dia em que eles eram autorizados a liberar a pressão, e Johnny os observava brincar de pegador, enquanto Jonathan investigava a trama de cavilhas e cordas com que Tom Construtor marcara a planta baixa da extremidade leste da nova catedral.

Philip parou ao lado de Johnny por alguns poucos momentos em afável silêncio, observando os jovens correrem. O prior gostava muito de Oito *Pence*, que compensava a falta de cérebro com o coração extraordinariamente bom.

O bebê estava de pé agora, apoiado numa estaca que Tom enfiara no local onde seria o pórtico norte. Ele se segurou na corda amarrada na estaca e, com aquele apoio inseguro, deu dois passinhos desajeitados e lentos.

- Logo ele estará andando - disse Philip a Johnny.

- Ele está sempre tentando, padre, mas geralmente cai sentado.

Philip agachou-se e ergueu as mãos para Jonathan.

- Ande para mim - disse. - Venha.

Jonathan sorriu, mostrando alguns dentes. Deu mais um passo, segurando a corda de Tom. Depois apontou para Philip, como se aquilo fosse ajudar, e, com um súbito acesso de ousadia, atravessou o espaço que o separava do prior com três passinhos rápidos e decisivos.

- Muito bem! - disse Philip. Pegou-o e abraçou-o, sentindo-se tão orgulhoso como se o feito tivesse sido seu, e não do bebê.

Johnny estava igualmente animado.

- Ele andou! Ele andou!

O bebê lutou para ser posto no chão. Philip colocou-o de pé, para ver se andava de novo; porém, ele já estava satisfeito, e imediatamente caiu de joelhos e

engatinhou até Johnny.

Alguns monges tinham se escandalizado, recordou Philip, quando trouxera Johnny e o bebê Jonathan para Kingsbridge; mas o monge era fácil de lidar, desde que não se esquecesse de que era essencialmente uma criança num corpo de homem; e Jonathan suplantara toda a oposição pela pura força do seu encanto pessoal.

O bebê não fora a única causa de inquietação durante aquele primeiro ano. Tendo votado num bom provedor, os monges se sentiram tapeados quando Philip introduziu uma campanha de austeridade para reduzir as despesas diárias. Ele se sentira um pouco magoado: achara ter deixado claro que sua maior prioridade seria a nova catedral. Os monges com funções administrativas também resistiram ao seu plano de lhes tirar a independência financeira, muito embora soubessem perfeitamente que sem reformas o priorado estava destinado à ruína. E quando gastara dinheiro aumentando os rebanhos de carneiros do monastério tinha havido quase um motim. Mas os monges eram essencialmente pessoas que queriam que lhes dissessem o que fazer; e o bispo Waleran, que podia ter encorajado os rebeldes, passara a maior parte do ano em viagens a Roma; assim, no fim de tudo, a única coisa que os monges conseguiram foi resmungar.

Philip sofrera alguns momentos de solidão, mas estava certo de que seria vingado pelos resultados.

Suas medidas já estavam surtindo efeitos muito satisfatórios. O preço da lã subira de novo, e o prior já começara a tosquia: era por isso que estava em condições de contratar madeireiros e exploradores da pedreira. Quando a situação financeira melhorasse e a construção da catedral progredisse, sua posição como prior se tornaria inabalável.

Deu um tapinha afetuoso na cabeça de Johnny Oito *Pence* e saiu caminhando pelo local da obra. Com a ajuda de alguns criados do priorado, Tom e Alfred haviam começado a escavar as fundações. No entanto, só tinham cinco ou seis pés de profundidade. Tom dissera a Philip que deveriam ter cerca de vinte e cinco pés em alguns pontos. Ele precisaria de um grande efetivo de operários, assim como equipamento especial, para cavar tão fundo.

A igreja nova seria maior que a velha, mas ainda assim pequena para uma catedral. Uma parte de Philip queria que fosse a maior, a mais rica e a mais bonita do reino, mas suprimiu esse desejo e disse a si próprio para ser agradecido por qualquer tipo de igreja.

Entrou no galpão de Tom e viu o trabalho de madeira na bancada. O construtor passara a maior parte do inverno ali dentro, trabalhando com uma vara de ferro para medidas e um conjunto de talhadeiras de boa qualidade, fazendo o que ele chamava de "gabaritos" - modelos de madeira para os pedreiros usarem como guias quando estivessem cortando as pedras. com

admiração, o prior observara Tom, um homem de mãos enormes, escavar a madeira com precisão e minúcia, dando-lhe curvas perfeitas, cantos retos e ângulos exatos. Philip apanhou um deles e o examinou. A forma lembrava a de uma margarida, um quarto de círculo com diversas projeções redondas como pétalas.

Que tipo de pedra precisava ter aquela forma? Ele achava aquelas coisas difíceis de visualizar e constantemente se deixava impressionar pela força da imaginação de Tom. Deu uma olhada nos desenhos dele, riscados em gesso e protegidos por molduras de madeira, concluiu que estava segurando um gabarito dos pilares da arcada, que pareceriam cachos de fustes. Philip pensara que seriam mesmo feixes de fustes, mas percebia agora que se tratava de uma ilusão: os pilares seriam sólidas colunas de pedra com enfeites que dariam a impressão de vários fustes.

Cinco anos, dissera Tom, e a extremidade leste estaria concluída. Cinco anos, e Philip seria capaz de officiar novamente numa catedral. Tudo o que tinha a fazer era arranjar dinheiro. Naquele ano seria difícil juntar uma quantia suficiente para um início modesto, porque suas reformas seriam lentas para apresentar resultados; mas no seguinte, depois que tivesse vendido a nova lã da primavera, seria capaz de contratar mais artífices e começar a construir num ritmo mais intenso.

Tocou o sino para as vésperas. Philip deixou o pequeno galpão e caminhou até a entrada da cripta. Olhando para o portão do priorado, ficou atônito ao ver Tom Construtor entrando com todos os homens contratados para trabalhar na pedreira. Por que estariam voltando? Tom dissera que ficaria fora por uma semana, e os outros teriam que permanecer ali indefinidamente. O prior apressou-se em ir ao encontro deles.

Ao chegar perto viu que pareciam cansados e desanimados, como se alguma coisa terrivelmente desencorajadora tivesse acontecido.

- O que há? - perguntou. - Por que estão aqui?
- Más notícias - respondeu Tom Construtor.

Philip ardeu de raiva contida durante todo o ofício de vésperas. O que o conde Percy fizera era ultrajante. Não havia dúvida acerca do que era certo e errado naquele caso, nenhuma ambiguidade quanto às instruções do rei: o conde em pessoa estivera presente quando a decisão fora tornada pública, e o direito de o priorado explorar a pedreira estava protegido por um documento oficial, uma carta régia. O pé direito de Philip bateu na pedra do piso da cripta num ritmo urgente e raivoso. Estava sendo roubado. O que Percy estava fazendo era o mesmo que roubar pennies da tesouraria de uma igreja. Não havia a menor desculpa para uma coisa daquelas. O conde estava flagrantemente desafiando tanto Deus quanto o rei. Mas o pior era que Philip não podia construir a nova

catedral a menos que pudesse extrair a pedra gratuitamente daquela pedreira. Já estava trabalhando com um orçamento mínimo, e se tivesse que pagar o preço de mercado pela pedra e transportá-la de mais longe ainda, não poderia construir nada. Precisaria esperar um ano ou mais, e então seriam seis ou sete anos até que pudesse officiar de novo numa catedral. Não dava para tolerar a simples idéia.

Convocou um cabido de emergência imediatamente após as vésperas e contou as notícias aos monges.

Philip desenvolvera uma técnica para as reuniões do cabido. Remigius, o subprior, ainda guardava ressentimento contra ele por tê-lo derrotado na eleição, e com frequência deixava seu ressentimento transparecer quando eram discutidos assuntos do mosteiro. Era um homem conservador, pedante e sem imaginação, e cuja abordagem nas questões de direção do priorado sempre conflitava com a de Philip. Os irmãos que tinham apoiado Remigius na eleição tendiam a apoiá-lo no cabido: Andrew, o sacristão apoplético, Pierre, o encarregado da disciplina, cujas atitudes mesquinhas aparentemente combinavam com a sua função, e John Pequeno, o tesoureiro preguiçoso.

Da mesma forma, os colegas mais chegados a Philip eram os que tinham feito campanha por ele: Cuthbert Cabeça Branca, o velho despenseiro, e o jovem Milius, a quem o prior confiara o posto recentemente criado de controlador das finanças do priorado. Philip sempre deixava Milius discutir com Remigius. Normalmente analisava com ele o que houvesse de importante antes da reunião, mas quando não o fazia, podia ter como certo que ele exporia um ponto de vista semelhante ao seu. Depois então o prior avaliava tudo como um árbitro imparcial, e, embora Remigius raramente conseguisse impor suas idéias, Philip frequentemente aceitava alguns de seus argumentos, ou adotava parte de sua proposta, para manter a sensação de governo por consenso.

Os monges ficaram enfurecidos com a atitude do conde Percy. Todos tinham se rejubilado quando o rei Estêvão dera ao priorado madeira e pedra em quantidades ilimitadas, e agora ficaram escandalizados com Percy, por desafiar a ordem do rei. Quando os protestos amainaram, contudo, Remigius tinha outro ponto a levantar.

- Lembro-me de ter dito isso um ano atrás - começou. - O pacto de acordo com o qual a pedreira é do conde e os direitos de exploração são nossos sempre foi insuficiente. Deveríamos ter resistido e tentado a propriedade total.

O fato de haver alguma justiça naquela observação não fez com que fosse mais fácil para Philip engoli-la. Propriedade total era o que ele combinara com Lady Regan, mas ela o enganara e modificara a cláusula no último minuto. Sentiu-se tentado a dizer que obtivera o melhor acordo possível e que gostaria de ver Remigius se sair melhor naquele labirinto traiçoeiro que era a corte real; mas mordeu a língua, pois afinal de contas era o prior e tinha que assumir a responsabilidade quando as coisas saíam errado.

Milius veio em seu auxílio:

- Está muito bem desejar que o rei nos tivesse dado o direito total de propriedade da pedreira, mas não deu, e a pergunta principal é: o que fazemos agora?

- Penso que é bastante óbvio - disse Remigius imediatamente. - Não podemos expulsar os homens do conde nós mesmos, de modo que teremos que arranjar para que o rei o faça. Temos que mandar uma representação a ele e pedir-lhe que faça cumprir a carta régia.

Houve um murmúrio de concordância. Andrew, o sacristão, disse:

- Deveríamos mandar nossos oradores mais sábios e fluentes.

Philip percebeu que Remigius e Andrew se viam liderando a delegação.

- Depois que o rei souber o que aconteceu - disse Remigius, não creio que Percy Hamleigh continue sendo o conde de Shiring por muito tempo.

Philip não tinha tanta certeza disso.

- Onde está o rei? - perguntou Andrew, como se só agora se lembrasse daquilo. - Alguém sabe?

O prior estivera recentemente em Winchester, e soubera dos movimentos do rei.

- Ele foi para a Normandia - disse.

- Vai ser preciso muito tempo até se conseguir falar com ele - apressou-se a dizer Milius.

- A busca da justiça sempre requer paciência - disse Remigius pomposamente.

- Mas durante o tempo que gastarmos buscando a justiça não estaremos construindo a nova catedral - replicou Milius. Seu tom de voz demonstrava que estava exasperado com a pronta aceitação de Remigius do adiamento do programa de construção. Philip compartilhava esse sentimento. O monge continuou:

- E esse não é o nosso único problema. Quando encontrarmos o rei, teremos que persuadi-lo a nos ouvir. Isso poderá levar semanas. E depois talvez ele dê uma chance a Percy para se defender: mais atraso...

- Como Percy poderá se defender? - perguntou Remigius, testando Milius.

- Não sei - retrucou o monge, — mas tenho certeza de que ele imaginará alguma coisa.

- Mas no fim tudo indica que o rei fará com que seja cumprida a sua palavra.

Uma nova voz foi ouvida:

- Não esteja tão seguro! - Todos se viraram para olhar. Quem falara fora o irmão Timothy, o monge mais velho do priorado. Pequeno, modesto, raramente falava, mas quando o fazia valia a pena ouvir. De vez em quando Philip achava que ele deveria ter sido prior. Normalmente se sentava durante o cabido

parecendo meio adormecido, mas agora estava inclinado para a frente, os olhos brilhando de convicção. - Um rei é uma criatura do momento - prosseguiu ele. - Está temente sob ameaça: de rebeldes dentro do próprio reino e de monarcas vizinhos. Precisa de aliados. O conde Percy é um homem poderoso, com uma porção de cavaleiros. Se o rei precisar de Percy no momento em que apresentarmos a nossa petição, receberemos uma recusa, seja qual for a justiça do nosso caso. O rei não é perfeito. Há apenas um único juiz verdadeiro, que é Deus. - Ele se recostou de novo, apoiando-se na parede e semicerrando os olhos, como se não estivesse nem um pouco interessado em saber como seu discurso fora recebido. Philip conteve um sorriso: Timothy tinha formulado precisamente os seus receios quanto à idéia de ir procurar o rei para pedir justiça. Remigius relutou em desistir de uma longa e excitante viagem até a França e de uma estada na corte real; ao mesmo tempo, porém, não pôde contradizer a lógica de Timothy.

- O que mais podemos fazer, então?

Philip não estava certo. O xerife poderia não ser capaz de intervir num caso daqueles: Percy era poderoso demais para ser controlado por um mero xerife. E também não se poderia confiar no bispo. Era frustrante. Mas Philip não estava disposto a sentar e aceitar a derrota. Assumiria aquela pedreira nem que tivesse que fazê-lo sozinho...

Agora tinha uma idéia.

- Espere um minuto - disse.

Envolveria todos os irmãos capazes do mosteiro... Teria que ser cuidadosamente organizada, como uma operação militar sem armas... Precisariam de alimento para dois dias...

- Não sei se dará certo, mas vale a pena tentar - disse ele.

- Ouçam.

Ele lhes contou seu plano.

Partiram em viagem quase imediatamente: trinta monges, dez noviços, Otto Cara Preta e sua equipe, Tom Construtor e Alfred, dois cavalos e uma carroça. Quando a escuridão caiu, acenderam lampiões para lhes mostrar o caminho. À meia-noite pararam para descansar e comer o lanche que a cozinha tinha preparado apressadamente: galinha, pão branco e vinho tinto. Philip sempre acreditara que o trabalho árduo devia ser recompensado com boa comida. Quando prosseguiram seu deslocamento, cantaram o serviço religioso que deveria ter sido oficiado no priorado.

Em um determinado ponto, durante a hora mais escura, Tom, que liderava o caminho, levantou uma das mãos para detê-los.

- Só mais uma milha até a pedreira.

- Ótimo - disse Philip. Virou-se para os monges: - Tirem os tamancos e as sandálias e calcem as botas de feltro. Em seguida ele próprio tirou as sandálias e

calçou um par de botas de feltro, como a que os camponeses usavam no inverno. Escalou dois noviços. - Edward e Philemon, fiquem aqui com os cavalos e a carroça. Conservem-se em silêncio e aguardem até que seja dia claro; então juntem-se a nós. Está entendido?

- Sim, padre - responderam eles, juntos.

- Está bem, os demais agora - disse Philip: - Sigam Tom em completo silêncio, por favor.

Todos prosseguiram a caminhada.

Soprava um leve vento oeste, e o farfalhar das folhas das árvores abafava o barulho de cinquenta homens respirando e de cinquenta pares de botas de feltro pisando o chão. Philip começou a se sentir tenso. Seu plano parecia um tanto louco, agora que estava para ser concretizado. Rezou silenciosamente pelo seu sucesso.

A estrada fazia uma curva para a esquerda. Depois a luz bruxuleante dos lampiões mostrou, indistintamente, um galpão de madeira, uma pilha de blocos de pedra parcialmente acabados, algumas escadas e andaimes, e, ao fundo, uma colina escura desfigurada pelas manchas claras da extração de pedras, Philip de repente perguntou-se se os homens que dormiam no galpão teriam cachorros. Se tivessem, perderia o elemento surpresa, e todo o esquema estaria correndo perigo. Mas era tarde demais para recuar agora.

Passaram todos pelo galpão. O prior prendeu a respiração, esperando a qualquer momento ouvir latidos. Mas não havia cães.

Fez o seu pessoal parar em torno da base do andaime. Sentia-se muito orgulhoso por terem conseguido se manter em silêncio. Era difícil ficar quieto, mesmo na igreja.

Talvez estivessem assustados demais para fazer barulho.

Tom Construtor e Otto Cara Preta começaram silenciosamente a colocar os homens do mestre de pedreira em posição. Eles foram divididos em dois grupos. Um foi reunido perto da face da rocha, no nível do solo. Os outros subiram no andaime. Quando estavam todos prontos, Philip dirigiu os monges, com gestos, colocando-os de pé ou sentados em torno dos trabalhadores. Ele próprio ficou afastado, a um ponto no meio do caminho entre o galpão e a face da rocha.

A maneira como empregaram o tempo foi perfeita. O dia raiou apenas uns poucos momentos após Philip ter executado suas disposições finais. Pegou uma vela na parte interna da capa e acendeu-a no lampião. Depois virou-se para os monges e levantou-a. Era um sinal previamente combinado. Cada um dos quarenta monges e noviços pegou uma vela e acendeu-a numa das três lanternas. O efeito foi dramático. O dia raiou numa pedreira ocupada por vultos fantasmagóricos e silenciosos, cada um empunhando uma luzinha bruxuleante.

O prior virou-se de novo, para ficar de frente para o galpão. Por enquanto

ainda não havia sinal de vida. Acomodou-se para esperar. Os monges eram bons nisso de esperar. Ficar parados por horas a fio fazia parte de sua vida cotidiana. Os trabalhadores não estavam acostumados, contudo, e começaram a se impacientar após algum tempo, esfregando os pés e cochichando uns com os outros; mas já não tinha importância.

Quer tenha sido o barulho, quer a luz do dia mais intensa, o fato é que os habitantes do galpão acordaram. Philip ouviu alguns tossirem e cuspirem, e depois um barulho rascante de uma tranca sendo levantada atrás de uma porta. Ergueu a mão pedindo silêncio total.

A porta do galpão abriu. O prior manteve a mão erguida. Um homem saiu esfregando os olhos. Philip viu, graças à descrição feita por Tom, que era Harold de Shiring, o mestre de pedreira do conde Percy. Harold não viu nada de diferente a princípio.

Encostou-se na ombreira da porta e tossiu de novo, a tosse grave e cheia de um homem que tem pó de pedra em demasia nos pulmões. Philip baixou a mão. Em algum ponto atrás dele o chanfre entoou uma nota e imediatamente todos os monges começaram a cantar. A pedreira foi invadida por estranhas harmonias.

O efeito em Harold foi devastador. Sua cabeça se levantou com um movimento brusco, como se tivesse sido puxada por uma corda. Seus olhos arregalaram-se e o queixo caiu quando ele se deu conta do coro espectral que aparecera, como que por mágica, na sua pedreira. Um grito de medo escapou de sua boca aberta. Cambaleou de volta para dentro do galpão.

Philip permitiu-se um sorriso de satisfação. Era um bom começo.

O temor do sobrenatural não duraria muito tempo, contudo. Ele levantou a mão de novo e acenou sem se virar. Em resposta ao seu sinal, os homens de Otto começaram a trabalhar, e o barulho do ferro batendo na rocha passou a pontuar a música do coro.

Dois ou três rostos apareceram medrosamente na porta. Os homens logo perceberam que se tratava de monges comuns, de carne e osso, e de trabalhadores como eles, não de visões ou espíritos, e saíram do galpão para ver melhor. Dois homens de armas também apareceram, afivelando os cintos. Aquele era o momento crucial para Philip: o que fariam?

Vê-los, dois homens grandes, barbados e sujos, de cota de malhas, espada, adaga e gibão de couro pesado, trouxe a Philip a evocação vívida e clara como o cristal dos dois soldados que haviam irrompido em sua casa quando tinha seis anos de idade, matando seu pai e sua mãe. Sentiu uma pontada de dor, aguda, repentina e inesperada, pela falta dos pais de quem mal se lembrava. Ficou olhando fixamente para os homens do conde Percy, sem vê-los, e sim um homem feio com o nariz torto e um homem escuro, com sangue na barba; sentiu-se cheio de raiva e nojo e com uma feroz determinação - aqueles rufiões

indiferentes, brutos e sem Deus, tinham que ser derrotados.

Durante algum tempo eles nada fizeram. Aos poucos, todos os homens do conde saíram do galpão. Philip contou-os: eram doze trabalhadores mais os homens de armas.

O sol despontou por cima da linha do horizonte. Os homens de Kingsbridge já estavam escavando pedras. Se os homens de armas quisessem detê-los, teriam que deitar as mãos nos monges que os cercavam e protegiam. Philip apostava que hesitariam em praticar violência contra monges que rezavam. Até agora tinha razão: eles estavam hesitantes. Os dois noviços que tinham sido deixados para trás chegaram, à frente dos cavalos e da carroça. Olharam à sua volta temerosamente. O prior indicou com um gesto onde deveriam parar. Depois se virou, seu olhar encontrou o de Tom e ele balançou a cabeça. Diversas pedras já tinham sido cortadas àquela altura, e Tom mandou que alguns dos monges mais moços as apanhassem e levassem para a carroça.

Os homens do conde observavam com interesse. As pedras eram pesadas demais para serem carregadas por um único homem, de modo que precisaram ser arriadas dos andaimes por intermédio de cordas e depois carregadas em padiolas. Quando a primeira pedra foi colocada na carroça, os homens de armas deram início a uma conferência com Harold.

Outra pedra foi colocada na carroça. Os dois homens de armas se afastaram do grupo em torno do galpão e caminharam até a carroça.

Um dos noviços, Philimon, subiu na carroça e sentou-se em cima das pedras, com ar de desafio. Bravo rapaz, pensou Philip, embora com medo.

Os homens aproximaram-se da carroça. Os quatro monges que tinham carregado as duas pedras ficaram na frente deles, formando uma barreira. Philip sentiu-se tenso.

Os homens pararam, encarando os monges. Ambos levaram as mãos ao punho da espada. O canto cessou e todos ficaram olhando, a respiração contida.

Certamente, pensou Philip, não serão capazes de se obrigar a passar monges indefesos pelo fio da espada. Depois achou que seria muito fácil para eles, homens fortes e grandes, acostumados com o morticínio do campo de batalha, cortar com as espadas afiadas aquelas pessoas de quem nada tinham a temer, nem mesmo retaliação. Contudo, precisavam pensar no risco da punição divina em que incorreriam por matar homens de Deus. Até mesmo bandidos como aqueles dois deviam saber que eventualmente compareceriam diante de Deus, no dia do Juízo Final. Teriam medo das chamas eternas? Talvez; mas também tinham medo de seu empregador, o conde Percy.

Philip supôs que se perguntavam se havia uma desculpa adequada para o seu fracasso em manter os homens de Kingsbridge fora da pedreira. Observou-os hesitar diante de um punhado de jovens monges, as mãos nas espadas, e imaginou-os comparando o perigo de falhar no cumprimento de uma ordem de

Percy com a ira de Deus.

Os dois homens olharam um para o outro. Um sacudiu a cabeça. O outro deu de ombros. Juntos, afastaram-se da pedreira.

O chantre entoou outra nota e os monges começaram um hino triunfante. Um grito de vitória foi a reação dos homens de Otto. Philip suspirou, aliviado. Por um momento tudo parecera horrivelmente perigoso. Não pôde conter um radiante sorriso de satisfação. A pedreira era sua.

Apagou a vela com um sopro e foi até a carroça. Abraçou cada um dos quatro monges que haviam enfrentado os homens de armas, e os dois noviços que tinham trazido a carroça.

- Estou orgulhoso de vocês - disse calorosamente. - E acredito que Deus também esteja.

Os monges e os trabalhadores estavam todos se apertando as mãos e se congratulando. Otto aproximou-se de Philip e disse:

- Foi muito bom, padre Philip. O senhor é um homem corajoso, se me permite dizer.

- Deus nos protegeu - disse o prior. Seu olhar pousou sobre os homens do conde, que compunham um grupo desconsolado nas proximidades da porta do galpão. Não queria transformá-los em inimigos, pois enquanto estivessem sem uma ocupação definida sempre haveria o perigo de Percy usá-los para causar mais encrenca. Decidiu falar com eles.

Pegou Otto pelo braço e levou-o até o galpão.

- A vontade de Deus foi cumprida aqui hoje - disse para Harold. - Espero que não haja ressentimentos.

- Estamos sem trabalho - disse o mestre de pedreira. — Aí está um ressentimento.

Philip viu de súbito um modo de trazer os homens de Harold para o seu lado, e disse, impulsivamente:

- Vocês podem voltar ao trabalho ainda hoje, se quiserem. Trabalhem para mim. Contratarei a equipe toda. Não terão sequer de se mudar do galpão.

Harold se surpreendeu com o desenrolar dos acontecimentos. Ficou atônito e depois recuperou o controle e perguntou:

- Com que salários?

- Os normais - replicou Philip prontamente. - Dois *pence* por dia para um artífice, um *penny* por dia para os serventes, quatro para você, que paga aos aprendizes.

Harold virou-se e olhou para os colegas. O prior tirou Otto dali para deixá-los discutir à vontade. Na realidade não tinha condições de contratar mais doze homens, e se eles aceitassem sua oferta precisaria adiar o dia em que contrataria os pedreiros.

Aquilo significava exploração da pedreira num ritmo mais rápido do que

seria capaz de utilizar as pedras. Ele as estocaria, claro, mas seria ruim para o seu fluxo de caixa. No entanto, ter todos os homens de Percy na folha de pagamento do priorado seria uma boa jogada defensiva. Se o conde quisesse explorar a pedreira numa nova tentativa, precisaria primeiro contratar uma nova equipe, o que poderia ser difícil, uma vez que se espalhasse a notícia dos acontecimentos daquele dia. E, se no futuro Percy tentasse outro estratagema para fechar a pedreira, Philip teria um estoque de pedras.

Harold parecia estar discutindo com seus homens. Após alguns momentos ele os deixou e se aproximou novamente de Philip.

- Quem será o encarregado, se resolvermos trabalhar para você? Eu ou o seu mestre?

- Otto aqui é o encarregado - respondeu Philip sem hesitação. Certamente Harold não poderia ser o responsável, no caso de sua lealdade ser reconquistada por Percy. E não podia haver dois mestres, pois isso resultaria em brigas. - Você ainda pode dirigir sua própria equipe - disse Philip a Harold. - Mas Otto estará numa posição superior à sua.

O mestre pareceu desapontado e retornou para junto de seus homens. A discussão continuou. Tom Construtor juntou-se a Philip e Otto.

- Seu plano deu certo, padre - disse, com um sorriso largo. - Reconquistamos a pedreira sem que fosse derramada uma gota de sangue. Você é espantoso.

Philip estava inclinado a concordar, mas percebeu que incorria no pecado do orgulho.

- Foi Deus quem operou o milagre - disse, numa observação que servia tanto a si próprio quanto a Tom.

- Padre Philip propôs a Harold contratá-lo e a seus homens para trabalharem comigo - disse Otto.

- É mesmo? - Tom não pareceu satisfeito. Era o mestre construtor quem deveria contratar artífices, não o prior. - Não pensei que pudesse pagar-lhes.

- Não posso - admitiu Philip. - Mas não quero esses homens circulando por aí sem terem o que fazer, aguardando que Percy imagine outro modo de nos tirar a pedreira.

Tom ficou pensativo e aquiesceu.

- Além disso, não fará mal algum ter uma reserva de pedra, para o caso de Percy ter êxito.

Philip ficou satisfeito por ver que o construtor entendera o sentido do que fizera.

Harold parecia estar chegando a um acordo com seus homens. Voltou ao prior e perguntou:

- Você me pagará os salários e me deixará distribuir o dinheiro do jeito que eu achar apropriado?

Philip ficou na dúvida. Aquilo significava que o mestre poderia ficar com uma parte maior do que a que lhe era devida. Mas disse:

- Isso é com o mestre construtor.

- É algo bastante comum - disse Tom. - Se é o que a sua equipe deseja, concordo.

- Nesse caso, nós aceitamos - disse o mestre de pedreira. Harold e Tom apertaram-se as mãos.

- Então todos conseguiram o que queriam - disse Philip.

- Ótimo!

- Há uma pessoa que não ganhou o que queria - disse Harold.

- Quem é?

- A mulher do conde Percy, Regan - disse Harold lugubrememente. — Quando descobrir o que aconteceu aqui vai haver sangue derramado pelo chão.

Não havia caçada, de modo que os jovens em Earlscastle se dedicaram a um dos jogos favoritos de William Hamleigh: apedrejar o gato.

Havia sempre muitos gatos no castelo, de modo que um a mais ou a menos não fazia diferença. Os homens fechavam as portas e as janelas do salão da fortaleza e afastavam a mobília, empurrando-a para junto da parede, de modo que o gato não pudesse se esconder atrás de nada; depois empilhavam pedras no meio do salão. O gato, um animal já velho, sentiu o cheiro de sangue no ar e sentou-se perto da porta, na esperança de dar o fora.

Cada homem tinha de pôr um *penny* no pote para cada pedra que atirasse, e o homem que arremessasse a pedra fatal levaria tudo o que houvesse nele.

Enquanto tiravam a sorte para determinar a ordem dos arremessos, o gato ficou agitado, andando de um lado para o outro na frente da porta.

Walter foi o primeiro. Era uma sorte, pois embora o gato estivesse com medo, não conhecia a natureza do jogo, e podia ser apanhado de surpresa. De costas para o animal, Walter pegou uma pedra na pilha e a escondeu na mão; depois virou-se devagar e arremessou-a de repente.

Errou. A pedra bateu no chão e o gato pulou e correu. Os outros riram, debochando.

Era uma falta de sorte fazer o segundo arremesso, pois o gato estava descansado e alerta, ao passo que mais tarde estaria cansado e possivelmente ferido. Um jovem escudeiro foi o seguinte. Ele ficou observando o gato correr em volta da sala, procurando uma saída, e esperou que diminuísse a velocidade; então arremessou a pedra, mas o gato a viu se aproximar e desviou-se. Os homens gemeram.

O animal correu em torno da sala de novo, mais depressa agora, entrando em pânico, pulando por cima dos cavaletes e tábuas empilhadas de encontro à parede e pulando de volta para o chão. Um cavaleiro mais velho jogou a seguir.

Simulou um arremesso, para ver para que lado o bicho pularia, depois atirou de verdade quando ele estava correndo, apontando um pouco à frente. Os outros aplaudiram sua esperteza, mas o gato viu a pedra e parou de repente, evitando-a.

Desesperado, o animal tentou se espremer por trás de uma arca de carvalho a um canto. O jogador seguinte viu uma oportunidade e aproveitou-a: arremessou rapidamente, enquanto o gato estava parado, e acertou na sua anca. Ouviu-se um grito entusiasmado.

O bicho desistiu de se enfiar atrás da arca e voltou a correr em torno da sala, mas agora estava mancando e era mais vagaroso. Era a vez de William a seguir.

Ele pensou que provavelmente poderia matar o gato se fosse cuidadoso. A fim de cansá-lo mais um pouco, gritou, fazendo-o correr depressa por algum tempo; depois simulou um arremesso, com o mesmo resultado. Se algum dos outros houvesse demorado tanto, teria sido vaiado, mas William era o filho do conde, de modo que esperaram pacientemente. O gato reduziu a velocidade, obviamente sentindo dor. Aproximou-se da porta, esperançoso. William levantou o braço, atrás da cabeça. De inopino o bicho parou, encostado à parede, ao lado da porta. William começou o arremesso. Mas antes que a pedra saísse de sua mão a porta foi aberta e apareceu um padre de preto. William atirou a pedra, mas o gato pulou como uma seta disparada por um arco, guinchando vitoriosamente. O padre, no portal, deu um grito esganiçado de medo e arregaçou o hábito. Os rapazes caíram na risada. O gato bateu nas suas pernas, caiu nas quatro patas e voou porta afora. O padre permaneceu imóvel, numa atitude de medo, como uma velha assustada por um camundongo, e os rapazes urraram de tanto rir.

William reconheceu o religioso. Era o bispo Waleran. Riu ainda mais. O fato de o padre afeminado que se assustara com o gato também ser rival da sua família fez com que se sentisse melhor.

O bispo recuperou a postura muito rapidamente. Ficou vermelho e, apontando um dedo acusador para William, disse, por entre os dentes:

- Você sofrerá eternamente nas profundezas do inferno.

A alegria de William transformou-se em terror no mesmo instante.

Sua mãe lhe provocara pesadelos quando ele era criança, contando-lhe o que os demônios faziam com as pessoas no inferno, queimando-as no fogo, furando-lhes os olhos e cortando suas partes íntimas com facas amoladas, e desde então ele odiava ouvir falar nisso.

- Cale-se! - gritou com o bispo. O salão ficou em silêncio. William desembainhou a faca e encaminhou-se para Waleran. - Não venha aqui com seus sermões, sua cobra! — O bispo não parecia nem um pouco assustado, só intrigado, como se estivesse interessado por ter descoberto o ponto fraco do jovem; e isso o enfureceu mais ainda. - Serei enforcado por sua causa, de modo que...

Ele estava furioso o bastante para esfaquear o bispo, mas foi detido por uma voz vinda da escada às suas costas.

- William! Basta!

Era seu pai.

William parou e, após um momento, embainhou sua faca.

Waleran entrou no salão. Outro padre o seguiu e fechou a porta: o deão Baldwin.

- Estou surpreso por vê-lo, bispo - disse Percy.

- Porque da última vez em que nos vimos você induziu o prior de Kingsbridge a me trair? Sim, suponho que é mesmo o caso de se espantar. Normalmente não sou um homem magnânimo. - Dirigiu o olhar glacial para William, por um momento, e depois olhou de novo para o conde. - Mas não cultivo um ressentimento quando é contra meus interesses. Precisamos conversar.

Percy Hamleigh aquiesceu pensativamente.

- É melhor subir. Você também, William.

O bispo Waleran e o deão Baldwin subiram a escada que levava aos aposentos do conde, e William os seguiu. Sentia-se deprimido porque o gato tinha escapado. Por outro lado, reconhecia que ele também escapara por pouco: se houvesse tocado no bispo provavelmente seria enforcado. Mas havia algo na delicadeza de Waleran, nos seus maneirismos, que William odiava. Entraram na alcova do conde, o aposento onde William estuprara Aliena. Lembrava-se da cena cada vez que entrava ali: seu luxurioso corpo muito alvo, o medo no seu rosto, o modo como gritara, a expressão contorcida do irmão menor quando fora forçado a olhar, e depois - o golpe de mestre de William - a maneira como deixara Walter se aproveitar dela. Quisera tê-la mantido ali como prisioneira, para que pudesse possuí-la sempre que quisesse.

Pensava obsessivamente em Aliena desde então. Tentara inclusive localizá-la. Um guarda-florestal fora apanhado tentando vender o cavalo de batalha de William em Shiring, e confessara, sob tortura, que o roubara de uma garota cuja descrição correspondia à de Aliena.

Soubera pelo carcereiro de Winchester que ela visitara o pai antes de ele morrer. E sua amiga, a senhora Kate, proprietária do bordel que ele frequentava, dissera-lhe ter oferecido a Aliena um lugar na sua casa. Mas o rastro não dera em nada. "Não deixe que a lembrança dela o atormente, Willy, meu garoto", dissera Kate compreensivamente. "Você quer peitos grandes e cabelo comprido? Nós temos. Pegue Betty e Millie juntas hoje, quatro grandes tetas só para você; por que não as pega?"

Mas Betty e Millie não eram inocentes, de pele alva e assustadas até a morte, e não lhe agradavam. Na verdade, não sentia verdadeira satisfação com uma mulher desde a noite em que estuprara Aliena na alcova do conde.

Expulsou-a da cabeça. O bispo Waleran estava conversando com sua mãe.

- Suponho que saiba que o prior de Kingsbridge tomou posse da sua pedreira - disse ele.

Eles não sabiam. William ficou atônito, e sua mãe furiosa.

- O quê?! - vociferou ela. - Como?

- Aparentemente seus homens de armas conseguiram expulsar a equipe de operários deles, mas no dia seguinte, quando acordaram, encontraram a pedreira invadida por monges que entoavam hinos e tiveram medo de pôr as mãos em homens de Deus. O prior Philip depois contratou os seus operários, e agora estão todos trabalhando juntos em perfeita harmonia. Estou surpreso com o fato de os homens de armas não terem voltado aqui para relatar o acontecido.

- Onde estão eles, os covardes? - berrou Lady Hamleigh, com o rosto vermelho. - Farei com que... farei com que lhes cortem os bagos...

- Estou vendo por que não voltaram - disse Waleran.

- Esqueça os homens de armas - disse o conde. - Eles são apenas soldados. Aquele prior ardiloso é o único responsável. Nunca imaginei que fosse se sair com um truque desses. Foi mais esperto que todos nós, mais nada.

- Exatamente - disse Waleran. - Apesar de todo o seu ar de santa inocência, ele é mais esperto que um rato.

William pensou que Waleran também parecia um rato, um rato preto de focinho pontudo e cabelo luzidio, sentado num canto com uma côdea de pão nas patinhas, lançando olhares amedrontados à sua volta enquanto roía seu jantar. Por que ele estava interessado em quem ocupasse a pedreira? Era tão astucioso quanto o prior Philip; ele também estava tramando alguma coisa.

- Não podemos deixar que ele se saia impunemente - disse Regan. - Os Hamleighs não podem ser vistos derrotados. Aquele prior tem que ser humilhado.

O conde não estava tão seguro.

- É apenas uma pedreira - disse. - E o rei...

- Não é só uma pedreira, é a honra da família - interrompeu a condessa. - Não interessa o que o rei disse.

William concordou com sua mãe. Philip de Kingsbridge desafiara os Hamleighs, e tinha que ser esmagado. Se as pessoas não têm medo de você, você não tem nada. Mas ele não via qual era o problema.

- Por que não entramos lá com alguns homens e simplesmente expulsamos o pessoal do prior?

Seu pai sacudiu a cabeça.

- Uma coisa é obstruir os desejos do rei passivamente, como fizemos explorando a pedreira nós mesmos; outra coisa bem diferente é mandar homens armados expulsar trabalhadores que estão lá por expressa permissão real. Posso perder o condado por uma coisa dessas.

Relutantemente, William reconheceu seu ponto de vista. Seu pai era sempre cauteloso, mas em geral tinha razão.

- Tenho uma sugestão - disse o bispo Waleran. William estava certo de que havia alguma coisa escondida em sua manga preta bordada. - Acredito que a catedral não deva ser construída em Kingsbridge.

William ficou desorientado com essa observação. Não via sua pertinência. Tampouco seu pai. Entretanto, os olhos de Regan arregalaram-se, ela parou de coçar a cara por um momento e disse, pensativa:

- É uma idéia interessante.

- Antigamente a maioria das catedrais ficava em vilas como Kingsbridge - prosseguiu Waleran. - Muitas se transferiram para cidades maiores há sessenta ou setenta anos, no tempo do primeiro rei Guilherme. Kingsbridge é uma pequena vila no meio de nada. Não há nada ali senão um mosteiro em ruínas, sem dinheiro suficiente para manter uma catedral, quanto mais para construir uma.

- E onde você queria que fosse construída? - perguntou Regan.

- Shiring - respondeu Waleran. - É uma cidade grande - a população deve ser de mil habitantes, ou mais, que tem um mercado e uma feira anual de lã. E está situada numa estrada principal. Shiring faz sentido. E se ambos fizermos uma campanha nesse sentido - o bispo e o conde unidos, poderemos ter êxito.

- Mas se a catedral fosse em Shiring - disse o conde, — os monges de Kingsbridge não poderiam cuidar dela.

- Esse é o ponto - disse sua mulher, impaciente. - Sem a catedral, Kingsbridge não seria nada, o priorado mergulharia de volta à obscuridade e Philip seria novamente um João-ninguém, que é o que ele merece.

- E quem tomaria conta da nova catedral? - insistiu Percy.

- Um novo cabido - respondeu Waleran. - Nomeado por mim.

William estivera intrigado tanto quanto seu pai, mas agora começou a entender o raciocínio de Waleran: ao transferir a catedral para Shiring, passaria a controlá-la pessoalmente.

- E o que me diz do dinheiro? - quis saber o conde. — Quem pagaria pela nova catedral, não sendo o priorado de Kingsbridge?

- Penso que descobriremos que a maior parte da propriedade do priorado é vinculada à catedral - disse Waleran. - Se a catedral for transferida, a propriedade irá junto com ela. Por exemplo, quando o rei Estêvão dividiu o antigo condado de Shiring, deu as fazendas situadas em regiões montanhosas ao priorado de Kingsbridge, como sabemos muito bem; mas ele o fez a fim de ajudar a financiar a construção da nova catedral. Se eu lhe dissesse que era outra pessoa quem estava construindo a catedral, ele esperaria que o priorado liberasse aquelas terras para o novo construtor. Os monges iriam brigar, é claro; mas o exame das cartas régias resolveria a questão.

O quadro estava se tornando mais claro para William. Waleran não só

passaria a controlar a catedral com aquele estratagema; também poria as mãos na riqueza do priorado.

Seu pai estava pensando na mesma coisa.

- É um grande esquema para você, bispo, mas que vantagem ele contém para mim?

Foi sua mulher quem respondeu, irritada.

- Não está vendo? Você é o dono de Shiring. Pense em quanta prosperidade beneficiará a cidade juntamente com a catedral. Haverá centenas de artesãos e operários construindo a igreja por anos: todos terão que morar em algum lugar e lhe pagar aluguel, e comprar comida e roupa no seu mercado. Depois teremos os cônegos que administrarão a catedral; e os crentes que virão a Shiring e não a Kingsbridge na Páscoa e na festa de Pentecostes para os grandes ofícios; e os peregrinos que virão visitar os santuários... Todos gastarão dinheiro.

- Os olhos dela brilhavam de cobiça. William não a via tão entusiasmada há muito tempo. - Se manobrarmos direito, poderemos transformar Shiring numa das mais importantes cidades do reino!

E será minha, pensou William. Quando meu pai morrer serei o conde.

- Está bem - disse Percy. - Arruinará Philip, trará poder a você, bispo, e me fará rico. Como isso pode ser feito?

- A decisão de transferir o local da catedral tem de ser tomada pelo arcebispo de Canterbury, teoricamente.

Regan o encarou com um olhar penetrante.

- Por que "teoricamente"?

- Porque não há um arcebispo no momento. William de Corbeil morreu no Natal, e o rei Estêvão ainda não designou o seu sucessor. Sabemos, no entanto, quem deve ficar com a posição: nosso velho amigo Henry de Winchester. Ele quer o lugar, o papa já lhe deu o controle interino, e o irmão dele é o rei.

- Até que ponto ele é amigo? - perguntou Percy. - Não fez muito por você quando tentou ficar com este condado.

Waleran deu de ombros.

- Ele me ajudará se puder. Teremos que apresentar um caso convincente.

- Ele não vai querer fazer inimigos poderosos agora, justamente quando está esperando ser nomeado arcebispo - disse a condessa.

- Correto. Mas Philip não é poderoso o bastante para ter importância. Não é provável que seja consultado a respeito da escolha do arcebispo.

- Então por que Henry simplesmente não nos dá o que desejamos? - quis saber William.

- Porque ainda não é o arcebispo; e sabe que está sendo observado; querem ver como se comporta durante sua interinidade. Faz questão de ser visto tomando decisões judiciosas, e não apenas fazendo favores aos amigos. Haverá

bastante tempo para isso depois da eleição.

- Então - disse Regan, pensativa, — o melhor que pode ser dito é que ouvirá com simpatia o nosso caso. Qual é o nosso caso?

- Que Philip não pode construir uma catedral, e nós podemos.

- E como o persuadiremos disso?

- Tem estado em Kingsbridge ultimamente?

- Não.

- Estive lá na Páscoa - disse Waleran, com um sorriso. - Ainda não começaram a construir. Tudo o que têm é um pedaço de terra plana com algumas estacas enfiadas e cordas marcando onde esperam erguer a catedral. Já começaram a cavar as fundações, mas não foram muito além de alguns pés. Há um pedreiro trabalhando lá com seu aprendiz, e o carpinteiro do priorado, e ocasionalmente um ou dois monges ajudando. Não é um quadro muito impressionante, sobretudo na chuva. Eu gostaria que o bispo Henry o visse.

A condessa assentiu, circunspecta. William pôde ver que o plano era bom, embora detestasse a idéia de colaborar com aquele odioso Waleran Bigod.

Waleran prosseguiu.

- Instruiremos Henry antes, sobre a pequenez e a insignificância de Kingsbridge, e sobre a pobreza do mosteiro; depois lhe mostraremos o local onde foi preciso mais de um ano para escavar uns buracos rasos; em seguida o traremos a Shiring e o impressionaremos mostrando a rapidez com que poderíamos construir uma catedral aqui, com o bispo, o conde e a população da cidade juntos, dirigindo todas as energias para o projeto.

- Henry virá? - perguntou Regan, ansiosamente.

- Tudo o que podemos fazer é convidá-lo - respondeu Waleran. - Pedirei que faça a visita durante a festa de Pentecostes, desempenhando seu papel arquiépiscopal. Isso o lisonjeará, porque estaremos dando a entender que já o consideramos arcebispo.

- Temos que conservar isso em segredo do prior Philip - disse o conde.

- Não creio que seja possível - disse Waleran. - O bispo não pode fazer uma visita de surpresa a Kingsbridge; pareceria muito estranho.

- Mas se Philip souber antecipadamente da visita do bispo Henry, poderá fazer um grande esforço para adiantar o programa da construção.

- Com quê? Ele não tem dinheiro algum, especialmente agora que contratou todos os seus operários. E operários de pedreira não sabem levantar paredes. - Waleran balançou a cabeça de um lado para o outro com um sorriso de satisfação. — Na verdade, não há nada que ele possa fazer senão esperar que o sol brilhe no domingo de Pentecostes.

A princípio Philip ficou satisfeito com a visita do bispo de Winchester a Kingsbridge. Significaria um serviço ao ar livre, claro, mas tudo bem. Seria

celebrado onde ficava a antiga catedral. Em caso de chuva, o carpinteiro do priorado construiria um abrigo temporário sobre o altar e a área imediatamente em torno para conservar o bispo seco; a congregação simplesmente se molharia. A visita parecia ser um ato de fé da parte do bispo Henry, como se ele estivesse dizendo que ainda considerava Kingsbridge uma catedral e a falta de uma igreja de verdade apenas um problema temporário.

Ocorreu-lhe, no entanto, cismar sobre qual seria o motivo de Henry. A razão usual para um bispo visitar um mosteiro era ter comida, bebida e alojamento para si próprio e sua comitiva de graça; Kingsbridge, porém, era notória - para não dizer desacreditada - pela modéstia de sua comida e pela austeridade de suas acomodações, e as reformas de Philip tinham apenas elevado o seu padrão de horrível para minimamente adequado. Henry também era o mais rico clérigo do reino, de modo que certamente não estava indo a Kingsbridge por sua comida e bebida. Entretanto, ele parecera ser a Philip um homem que não fazia nada sem motivo.

Quanto mais o prior pensava a esse respeito, mais suspeitava que o bispo Waleran tivesse algo a ver com aquela visita. Esperara que Waleran chegasse a Kingsbridge um ou dois dias depois da carta, para discutir as providências relativas à hospitalidade com que Henry seria recebido, assim como para se assegurar de que ele ficaria satisfeito e impressionado com o priorado; porém, à medida que os dias se passavam e Waleran não aparecia, as suspeitas de Philip se aprofundavam.

No entanto, nem mesmo nos seus momentos de maior desconfiança, sonhara com a traição que foi revelada, dez dias antes de Pentecostes, por uma carta do prior da Catedral de Canterbury. Como Kingsbridge, Canterbury era uma catedral administrada por monges beneditinos, e os monges sempre se ajudavam, se pudessem. O prior de Canterbury, que naturalmente trabalhava em íntima ligação com o arcebispo interino, soubera que Waleran convidara Henry a Kingsbridge com o propósito expresso de persuadi-lo a transferir a diocese, e a nova catedral, para Shiring.

Philip ficou chocado. Seu coração bateu mais rápido, e a mão que segurava a carta tremeu. Era uma jogada demoniacamente astuciosa de Waleran, e o prior não a antecipara, nem tampouco imaginara nada de parecido.

Foi sua falta de visão que o chocou. Sabia como Waleran era traiçoeiro. O bispo tentara trai-lo um ano antes, por causa do condado de Shiring. E Philip jamais se esqueceria de como Waleran ficara furioso ao ser passado para trás. Ainda se lembrava de seu rosto, congestionado de ódio, quando ele dissera: Juro por tudo quanto é sagrado que você não construirá sua igreja. Com o passar do tempo, porém, a ameaça contida naquele juramento se esmaecera, e Philip baixara a guarda. Agora ali estava um lembrete de que Bigod tinha boa memória.

- O bispo Waleran diz que você não tem dinheiro, e que em quinze meses

nada construiu - escreveu o prior de Canterbury. - Diz que o bispo Henry verá com os próprios olhos que a catedral jamais será construída se ficar por conta do priorado de Kingsbridge. Argumenta que a oportunidade é agora, antes que algum progresso seja feito.

Waleran era demasiado esperto para ser apanhado numa mentira completa, de modo que estava usando um exagero gritante. Na verdade, Philip conseguira muita coisa.

Limpara os escombros, aprovara o projeto, demarcara a nova extremidade leste, iniciara os alicerces e começara a cortar árvores e a explorar a pedreira. Mas não tinha muito para mostrar a um visitante. E precisara vencer obstáculos terríveis para conseguir o que realizara, reformando as finanças do priorado, ganhando uma importante concessão de terras do rei e derrotando o conde Percy na questão da pedreira. Não era justo!

Com a carta de Canterbury na mão, dirigiu-se à janela e olhou para o lugar da construção. As chuvas da primavera o haviam transformado num mar de lama. Dois jovens monges com o capuz puxado sobre a cabeça carregavam madeira desde a margem do rio. Tom Construtor fizera um aparelho com uma corda e uma roldana para tirar barris de terra de dentro do buraco do alicerce, e operava a manivela, enquanto seu filho, Alfred, dentro do buraco, os enchia de lama. A impressão que se tinha era de que eles poderiam trabalhar naquele ritmo para sempre e ninguém veria a diferença. Com exceção de um profissional, qualquer pessoa que visse aquela cena concluiria que nenhuma catedral seria construída ali antes do dia do Juízo Final.

Philip deixou a janela e retornou à escrivaninha. O que poderia ser feito? Por um momento sentiu-se tentado a não fazer nada. Que o bispo Henry viesse e olhasse, para tomar sua decisão, pensou. Se a catedral tivesse que ser construída em Shiring, que fosse. Que o bispo Waleran assumisse o controle dela e a usasse para as próprias finalidades; que fosse levada prosperidade à cidade de Shiring e à pérfida dinastia Hamleigh. A vontade de Deus seria feita.

Sabia que não seria assim, claro. Ter fé em Deus não significa ficar sentado sem fazer nada. Significa crer que se terá sucesso se se fizer o melhor possível, sincera e energicamente. O dever sagrado de Philip era fazer tudo o que estivesse a seu alcance para impedir que a catedral caísse nas mãos daquela gente cínica e imoral que a exploraria para o próprio engrandecimento. Isso significava mostrar ao bispo Henry que seu programa de construção estava caminhando muito bem e que Kingsbridge tinha energia e determinação para concluí-lo.

E era verdade? A verdade era que Philip ia achar mortalmente difícil construir uma catedral ali. Já fora quase forçado a abandonar o projeto só porque o conde lhe recusara acesso à pedreira. Mas sabia que no fim conseguiria, porque Deus o ajudaria.

No entanto, sua convicção não bastava para persuadir o bispo Henry.

Decidiu que faria o melhor possível para tornar o local mais impressionante, pois valia a pena. Poria todos os monges para trabalhar nos dez dias que faltavam para Pentecostes. Talvez conseguissem cavar parte do buraco do alicerce até a profundidade devida, de modo que Tom e Alfred pudessem começar a assentar as pedras. Talvez fosse possível completar uma parte do alicerce até o nível do chão, para que Tom tivesse condições de começar a construir uma parede. Seria um pouco melhor que o presente estágio, mas não muito. O que Philip realmente precisava era de uma centena de operários, mas não tinha dinheiro nem mesmo para dez.

O bispo Henry chegaria num domingo, claro, de modo que ninguém estaria trabalhando, a menos que Philip convocasse a congregação. Imaginou-se na frente dos fiéis, anunciando um novo tipo de serviço de Pentecostes: Em vez de cantarmos e dizer orações, vamos cavar buracos e carregar pedras. Ficariam atônitos. Eles...

O que fariam eles, afinal?

Provavelmente cooperariam de todo o coração.

Ele fechou a cara. Ou estou maluco, pensou, ou esta idéia pode dar certo.

Pensou nela mais um pouco. Eu me levanto ao final do culto e digo que a penitência do dia para o perdão de todos os pecados será meio dia de trabalho no local de construção da catedral. Pão e cerveja serão servidos na refeição.

Eles concordariam. Claro que sim.

Sentiu necessidade de testar a idéia com outra pessoa. Pensou em Milius, mas rejeitou-o: os processos mentais dele eram muito semelhantes aos seus. Precisava de alguém com uma visão ligeiramente diferente da sua. Decidiu falar com Cuthbert Cabeça Branca, o despenseiro. Vestiu a capa e, puxando o capuz para a frente, a fim de proteger o rosto da chuva, saiu.

Atravessou correndo o enlameado local da construção, passou por Tom com um aceno ligeiro e seguiu para o pátio da cozinha. Aquela série de casas incluía agora um galinheiro, um abrigo para vacas e uma queijaria, pois Philip não gostava de gastar o pouco dinheiro que possuíam com coisas simples de que pudessem ter seu próprio abastecimento, como ovos e manteiga.

Entrou no depósito de gêneros situado na galeria sob a cozinha. Respirou o ar seco e fragrante, com o cheiro das ervas e temperos que Cuthbert estocava. O despenseiro estava contando alho, verificando as réstias e resmungando números baixinho. Philip percebeu, com um ligeiro choque, que Cuthbert estava ficando velho: sua carne parecia estar sumindo por baixo da pele.

- Trinta e sete - disse o monge em voz alta. - Gostaria de um copo de vinho?

- Não, muito obrigado. - Philip descobrira que tomar vinho durante o dia o deixava preguiçoso e mal-humorado. Sem dúvida era por esse motivo que São Bento aconselhava os monges a beber com moderação. - Quero seu conselho,

não o seu vinho. Sente-se comigo.

Abrindo caminho por entre as caixas e os barris, Cuthbert tropeçou num saco e quase caiu antes de se sentar num banco de três pernas em frente a Philip.

A despensa já não estava tão arrumada quanto antigamente, percebeu Philip. Um pensamento o assaltou.

- Está tendo problemas com a vista, Cuthbert?

- Já não é a mesma, mas dá para o gasto - respondeu o despenseiro laconicamente.

Decerto fazia anos que seus olhos eram deficientes - e era bem possível que fosse por isso que ele não tinha aprendido a ler muito bem. No entanto, era evidentemente sensível a esse respeito, de modo que Philip não disse mais nada, mas tomou nota na mente de que devia começar a preparar um despenseiro substituto.

- Recebi uma carta muito inquietante do prior de Canterbury - disse, e em seguida contou a Cuthbert o esquema do bispo Waleran. Concluiu dizendo: - O único modo de fazer o lugar da obra parecer uma colméia, com intensa atividade, é pôr a congregação para trabalhar. Pode imaginar alguma razão pela qual eu não deva fazer isso?

Cuthbert não pôde.

- Pelo contrário, é uma boa idéia - disse imediatamente.

- Não é muito ortodoxo, não é mesmo? - disse Philip.

- Já foi feito antes.

- É mesmo? - Philip ficou espantado e satisfeito. - Onde?

- Já ouvi falar disso em diversos lugares.

Philip ficou animado.

- E funciona?

- Às vezes. Provavelmente depende do tempo que fizer.

- Como é que se faz? O padre dá um aviso ao final do culto, ou o quê?

- É mais organizado que isso. O bispo, ou o prior, manda mensageiros às paróquias, anunciando que o perdão dos pecados poderá ser concedido em troca de trabalho na obra.

- É uma grande idéia - disse Philip, entusiasmado. - Podemos ter até uma congregação maior que a normal, atraída pela novidade.

- Ou menor - disse Cuthbert. - Algumas pessoas preferem dar dinheiro ao padre, ou acender uma vela para um santo, a gastar o dia inteiro patinando na lama e carregando pedras pesadas.

- Não pensei nisso - disse Philip, subitamente desanimado. - Afinal talvez não seja uma idéia assim tão boa.

- Quais são as outras idéias que você tem?

- Nenhuma.

- Então vai ter que tentar essa e esperar pelo melhor, não é mesmo?

- É - concordou Philip. - E esperar pelo melhor.

Philip não dormiu durante toda a noite que antecedeu o domingo de Pentecostes.

Tinha feito uma semana de sol perfeita para o seu plano - mais gente deveria se apresentar como voluntária com tempo bom, mas quando caiu a noite de sábado, começou a chover. Ele ficou acordado, ouvindo desconsoladamente os pingos de chuva no telhado e o vento nas árvores. Achava que havia rezado bastante.

Deus já devia estar totalmente ciente das circunstâncias.

No domingo anterior, todos os monges do priorado tinham visitado uma ou mais igrejas para dizer às congregações que poderiam ganhar perdão para os seus pecados trabalhando na obra da igreja aos domingos. Em Pentecostes seriam perdoados pelo ano anterior, e dali em diante um dia de trabalho valeria por uma semana de pecados de rotina, ou seja, excluindo-se assassinato e sacrilégio. Philip em pessoa fora à cidade de Shiring, e falara em cada uma das quatro paróquias. Mandara dois monges a Winchester para visitar o maior número possível da imensa quantidade de pequenas igrejas lá existentes.

A cidade ficava a dois dias de marcha, mas, sendo Pentecostes um feriado de seis dias, era comum que as pessoas fizessem uma viagem dessas por causa de uma grande feira ou de um serviço religioso espetacular.

No total, muitos milhares de pessoas tinham recebido a mensagem. Não se sabia quantas poderiam responder.

Durante o tempo restante todos eles estiveram trabalhando na obra. O tempo bom e os dias longos do início do verão ajudaram, tendo se conseguido quase tudo o que Philip esperara conseguir.

O alicerce fora lançado para a parede do extremo leste do coro. Uma parte das fundações para a parede norte havia sido escavada completamente, pronta para receber as pedras.

Tom construía um número suficiente de mecanismos de içar peso para manter um grande número de pessoas ocupadas escavando o resto do grande buraco, se é que ia aparecer um grande número de pessoas. Além disso, a margem do rio estava cheia de troncos e de pedras, e tudo tinha que ser carregado elevação acima até o local da obra. Havia trabalho ali para centenas.

Mas alguém viria?

À meia-noite Philip se levantou e caminhou através da chuva até a cripta para as matinas. Quando retornou, depois do serviço, a chuva tinha parado. Não voltou para a cama, mas ficou sentado, lendo. Agora aquele período entre a meia-noite e a madrugada era a única hora que tinha para estudo e meditação, pois o resto do dia fora tomado pela administração do mosteiro.

Naquela noite, contudo, teve dificuldade em se concentrar, e sua mente insistia em se voltar para a perspectiva do dia que tinha à frente, e as chances de

sucesso ou fracasso. No dia seguinte poderia perder tudo por que trabalhara no ano anterior e mais. Ocorreu-lhe, talvez por estar se sentindo fatalista, que não deveria desejar o sucesso apenas pelo sucesso. Seria o seu orgulho que estava em jogo ali? O orgulho era o pecado ao qual era mais vulnerável. Depois pensou em todas as pessoas que dependiam dele para apoio, proteção e emprego: os monges, os empregados do priorado, os homens da pedreira, Tom e Alfred, os aldeões de Kingsbridge e os fiéis de todo o condado. Waleran não se incomodaria com eles do modo como Philip o fazia.

O bispo parecia pensar que tinha o direito de usar as pessoas como bem entendesse a serviço de Deus. O prior acreditava que se importar com as pessoas era o serviço de Deus, e que era disso que se tratava a salvação. Não, não podia ser a vontade de Deus que Waleran ganhasse aquela competição. Talvez meu orgulho esteja em jogo, admitiu Philip para si próprio; mas há almas em jogo também.

Finalmente a madrugada rompeu a noite, e novamente ele se encaminhou para a cripta, dessa vez para o serviço das primas. Os monges estavam irrequietos e excitados; sabiam que aquele dia seria crucial para o seu futuro. O sacristão imprimiu um ritmo rápido ao culto, e, daquela vez, Philip o desculpou. Quando deixaram a cripta e se dirigiram ao refeitório onde fariam o desjejum, o dia já estava claro e o céu azul. Deus mandara o tempo pelo qual tinha rezado, pelo menos. Era um bom início.

Tom sabia que seu futuro estava em jogo.

Philip lhe mostrara a carta do prior de Canterbury. Tom tinha certeza de que se a catedral fosse construída em Shiring, Waleran contrataria seu próprio mestre construtor.

Não iria querer usar um projeto que Philip aprovara, nem se arriscaria a empregar alguém que poderia ser leal ao prior. Para Tom, era Kingsbridge ou nada. Aquela era a única oportunidade que teria para construir uma catedral, e estava em perigo naquele dia.

Foi convidado a comparecer a um cabido com os monges de manhã. Acontecia ocasionalmente. Em geral porque iriam discutir o programa de construção e poderiam precisar de sua opinião técnica em questões de projeto, custo ou cronograma. Nesse dia ele acertaria os detalhes para empregar os trabalhadores voluntários, se viesse algum. Tom queria que o lugar da obra fosse uma verdadeira colméia de eficiente atividade quando o bispo Henry chegasse.

Sentou-se pacientemente por entre as leituras e as orações, sem entender as palavras latinas, pensando nos seus planos para o dia; então Philip passou para o inglês e o chamou para descrever a organização do trabalho.

- Estarei construindo a parede leste da catedral, e Alfred, colocando pedra nas fundações - começou Tom. - O objetivo, em ambos os casos, é mostrar ao bispo Henry como a construção está adiantada.

- Quantos homens vocês dois precisarão para ajudá-los? - perguntou Philip.

- Alfred precisará de dois serventes para lhe trazer pedras. Ele estará usando material das ruínas da velha igreja. Necessitará ainda de alguém para fazer massa. Também precisarei de um homem para preparar massa e dois serventes. Alfred pode usar pedras tortas no alicerce, desde que sejam lisas na parte de cima e na de baixo; as minhas, porém, terão de ser muito boas, já que serão visíveis acima do solo, de modo que trouxe dois canteiros da pedreira para me ajudarem.

- Tudo isso é muito importante para impressionar o bispo Henry - disse o prior, - mas a maioria dos voluntários estará escavando as fundações.

- Correto: as fundações estão marcadas para o conjunto do coro da catedral, e, em sua maioria, ainda se encontram com apenas alguns pés de profundidade. Os monges terão que guarnecer as engrenagens de içamento - instruí diversos a fazer isso, e os voluntários poderão encher os barris.

- E se recebermos mais voluntários do que formos capazes de empregar? - perguntou Remígius.

- Poderemos empregar qualquer número - respondeu Tom. - Se não tivermos um número suficiente de engrenagens de içar, as pessoas poderão retirar a terra do buraco em baldes ou cestas. O carpinteiro terá que ficar de plantão, pronto para fazer escadas extras - temos a madeira.

- Mas há um limite para o número de pessoas que podem descer no buraco do alicerce - insistiu o subprior.

Tom teve a impressão de que Remígius estava querendo apenas discutir e disse, irritado:

- Usarei algumas centenas de pessoas. É um buraco enorme.

- E há outro trabalho a ser feito, além de cavar - disse Philip.

- É verdade. A outra área principal de trabalho é carregar madeira e pedra da margem do rio para o local da obra. Vocês, monges, têm que se assegurar de que os materiais sejam empilhados nos lugares certos na obra. As pedras deverão ficar ao lado dos buracos das fundações, mas do lado de fora da igreja, onde não irão atrapalhar. O carpinteiro lhes dirá onde pôr a madeira.

- Todos os voluntários serão pessoas sem qualificações profissionais? - perguntou o prior.

- Não obrigatoriamente. Se recebermos gente das cidades, poderá haver alguns artesãos no meio, espero que sim. Temos que descobrir quem são e usá-los. Carpinteiros poderão construir galpões para o trabalho de inverno. Pedreiros poderão cortar pedras e assentar alicerces. Se houver um ferreiro, nós o poremos para trabalhar na forja da aldeia, fazendo ferramentas. Todas essas coisas serão tremendamente úteis.

- Está tudo muito claro - disse Milius, o controlador das finanças. - Alguns aldeões já chegaram, e esperam que lhes digam o que fazer.

Havia algo mais que Tom precisava lhes contar, algo importante mas sutil, e ele estava procurando as palavras certas. Os monges podiam ser arrogantes, o que afastaria os voluntários. Tom queria que a operação daquele dia tivesse um andamento cômodo e fosse festiva.

- Trabalhei com voluntários antes - começou ele. - É importante não... não tratá-los como servos. Podemos achar que estão trabalhando para obter uma recompensa celestial, e por isso deveriam trabalhar mais arduamente do que o fariam por dinheiro; porém esta não é, obrigatoriamente, a atitude deles. Sentem que estão trabalhando de graça, e, por isso mesmo, nos fazendo um grande favor; se parecermos ingratos eles trabalharão lentamente e cometerão erros. O melhor será dirigi-los com mão leve.

Surpreendeu o olhar de Philip e viu que o prior estava contendo um sorriso, como se soubesse que temores se ocultavam sob as palavras doces de Tom.

- Um bom ponto - disse Philip. - Se soubermos agir, essas pessoas se sentirão felizes e animadas, e isso criará uma boa atmosfera, o que dará uma impressão positiva ao bispo Henry. - Olhou em torno, para os monges. - Se não há mais perguntas, vamos começar.

Aliena desfrutara de um ano de segurança e prosperidade sob a proteção do prior Philip. Todos os seus planos tinham dado certo. Ela e Richard haviam percorrido o interior comprando lã dos camponeses durante a primavera e o verão e vendendo a Philip todas as vezes que tinham um saco-padrão. Terminaram a estação com cinco libras de prata.

O pai morrera poucos dias depois de eles o haverem visto, embora Aliena só tivesse tomado conhecimento disso no Natal. Localizara seu túmulo, após gastar muito dinheiro suado com gorjetas, num cemitério de indigentes, em Winchester. Chorara muito, não só por ele mas pela vida que tinham levado juntos, segura e descuidada, uma vida que nunca voltaria. De certo modo despedira-se do pai antes de sua morte: ao sair da cadeia sabia que nunca mais o veria de novo. De outra maneira, ele ainda estava com ela, presa como se sentia ao juramento a que a obrigara, estando resignada a passar a vida fazendo sua vontade. Durante o inverno ela e Richard viveram numa casinha encostada à parede do priorado de Kingsbridge. Construíram uma carroça, adquirindo as rodas do carroceiro de Kingsbridge, e na primavera compraram um boi novo para puxá-la. A estação de tosa estava agora em pleno andamento e eles já tinham ganhado mais do que o preço pago pela carroça e pelo boi. No ano seguinte talvez empregasse um homem para ajudá-la e arranjasse um lugar para Richard como pajem na casa de um pequeno nobre, para que ele pudesse começar seu treinamento de cavaleiro.

Mas tudo dependia do prior Philip.

Sendo uma garota de dezoito anos de idade que vivia por conta própria, ainda era considerada como caça livre por todos os ladrões e por muitos mercadores legítimos.

Tentara vender um saco de lã a mercadores de Shiring e Gloucester, só para ver o que aconteceria, e em ambas as oportunidades tinham lhe oferecido a metade do preço. Nunca havia mais que um mercador em cada cidade, de modo que eles sabiam não ter alternativa. Um dia ela possuiria seu próprio depósito, e venderia todo o estoque diretamente aos compradores flamengos, mas ainda faltava muito tempo para isso. Por enquanto dependia de Philip.

E a posição do prior tornara-se de súbito precária.

Vivia constantemente em alerta contra os perigos representados por forada-lei e ladrões, mas fora um grande choque, quando tudo ia tão bem, ver sua vida ameaçada de modo tão inesperado.

Richard não quisera trabalhar na obra da catedral no domingo de Pentecostes - não passava de um ingrato, mas Aliena o forçara a concordar, e os dois percorreram as poucas jardas que os separavam do adro de Kingsbridge logo depois do nascer do sol. Quase toda a aldeia fora: trinta ou quarenta homens, alguns dos quais com a mulher e os filhos. Aliena ficou surpresa, até que ponderou que o prior Philip era o seu senhor e, quando o senhor pede voluntários, provavelmente é pouco sábio recusar-se.

Durante aquele ano ela ganhara uma nova perspectiva sobre a vida das pessoas comuns que era, no mínimo, surpreendente.

Tom Construtor estava dando instruções às pessoas da aldeia. Richard foi imediatamente falar com Alfred, o filho de Tom. Eram quase da mesma idade - Richard tinha quinze anos e Alfred, cerca de um ano a mais - e jogavam futebol com os outros garotos da aldeia todos os domingos. A garotinha, Martha, estava ali também, mas a mulher, Ellen, e o garotinho de cara engraçada e cabelo ruivo tinham desaparecido, ninguém sabia onde. Aliena se lembrava de quando a família de Tom fora a Earls castle. Não tinham recursos, naquele tempo. Como Aliena, haviam sido salvos pelo prior Philip.

Deram uma pá a Aliena e outra a Richard e lhes disseram para cavar os alicerces. O chão estava molhado, mas o sol logo secaria a superfície. Aliena começou a cavar de maneira enérgica. Mesmo com cinquenta pessoas trabalhando, era preciso muito tempo para tornar o buraco visivelmente mais fundo. Richard descansava apoiado na sua pá com frequência. Uma das vezes Aliena disse: "Se quer ser cavaleiro um dia, cave!", mas não fez diferença.

Estava mais magra e mais forte do que um ano antes, graças a tanto palmilhar as estradas e a carregar fardos pesados de lã crua, mas descobriu que cavar podia fazer com que suas costas doessem. Ficou agradecida quando o prior tocou um sino e declarou uma pausa. Os monges trouxeram pão quente da cozinha e serviram cerveja fraca. O sol se tornava mais forte, e alguns homens

ficaram nus da cintura para cima.

Enquanto descansavam, um grupo de estranhos atravessou o portão. Aliena olhou para eles esperançosamente. Não havia muitos, mas talvez fossem precursores de uma grande multidão. Aproximaram-se da mesa onde estavam sendo servidos o pão e a cerveja, e o prior Philip lhes deu as boas-vindas.

- De onde vocês são? - perguntou ele enquanto os homens bebiam, reconfortados.

- De Horsted - respondeu um deles, enxugando a boca na manga. Era promissor: Horsted, uma aldeia com uns duzentos ou trezentos habitantes, ficava poucas milhas a oeste de Kingsbridge. Com sorte podiam esperar cerca de cem voluntários.

- E quantos de vocês virão, ao todo? - perguntou Philip. O homem pareceu surpreso com a pergunta.

- Só nós quatro - respondeu.

Durante a hora seguinte as pessoas foram pingando pelo portão do priorado até que, por volta do meio da manhã, havia setenta ou oitenta voluntários trabalhando, inclusive os aldeões. Então o fluxo parou completamente.

Não era o bastante.

Philip demorou-se na extremidade leste, observando Tom construir uma parede. Ele já construía a base de dois arcobotantes até o nível da terceira fileira de pedras, e agora erguia a parede no meio. Provavelmente nunca terminaria, pensou Philip, desanimado.

A primeira coisa que Tom fazia, quando os serventes lhe entregavam uma pedra, era pegar um instrumento de ferro modelado em L e verificar se a pedra tinha ângulos retos. Depois assentava uma camada de massa na parede, fazendo um sulco nela com a ponta da colher de pedreiro, punha a nova pedra em cima e raspava o excesso da massa. Ao colocar a pedra, era guiado por um barbante esticado entre os dois arcobotantes.

Philip notou que a pedra era quase tão lisa em cima e embaixo, onde ficava a massa, como no lado que iria aparecer. Aquilo o surpreendeu, e ele perguntou o motivo a Tom.

- Uma pedra nunca deve tocar na de cima ou na de baixo - respondeu Tom. - É para isso que serve a massa.

- Por que não devem se tocar?

- Causa rachaduras. - Tom endireitou o corpo para responder. - Se você pisar num telhado de ardósia, seu pé o atravessará; mas se você atravessar uma tábua no telhado, poderá caminhar em cima dela sem o danificar. A tábua espalha o peso, e é isso o que a massa faz.

Philip nunca pensara naquilo. Construir era um negócio intrigante, especialmente com alguém como Tom, capaz de explicar o que estava fazendo.

A parte mais áspera da pedra era a de trás. Será que, pensou Philip, vai ser vista de dentro da igreja? Lembrou então que Tom estava na verdade construindo uma parede com duas faces e uma cavidade no meio, de modo que a parte posterior de todas as pedras ficaria escondida.

Depois de Tom assentar a pedra sobre uma camada de massa, apanhou o nível. Era um triângulo de ferro com uma tira de couro presa no vértice e umas marcas na base.

A tira de couro tinha um peso de chumbo amarrado na ponta, de modo que sempre ficava na vertical. Ele punha a base do instrumento em cima da pedra e observava como a tira de couro caía. Se o peso da ponta pendesse para um dos lados da linha central, dava umas batidinhas na pedra com o martelo até que ela ficasse exatamente no nível.

Depois deslocava o instrumento até que ficasse a cavaleiro de duas pedras adjacentes, para verificar se a parte superior das duas pedras estava exatamente em linha.

Finalmente, virava o instrumento de lado, para se certificar de que a nova pedra não estava tombando para um ou outro lado. Antes de apanhar outra pedra, puxava um pouco o barbante, que estalava de tão retesado, para se assegurar de que as faces da pedra estavam em linha reta. Philip nunca se dera conta da importância de as paredes de pedra estarem tão perfeitamente retas e no prumo.

Ergueu os olhos para o resto do canteiro da obra. Era tão grande que oitenta homens e mulheres e algumas crianças se perdiam ali dentro.

Trabalhavam alegremente à luz do sol, mas eram tão poucos que lhe parecia ver um ar de futilidade nos seus esforços. A princípio esperara uma centena de pessoas, mas agora via que nem mesmo isso teria sido suficiente.

Outro grupinho atravessou o portão, e Philip forçou-se a ir dar as boas-vindas com um sorriso. Não precisava que eles soubessem que seus esforços seriam desperdiçados.

De qualquer forma ganhariam perdão para os pecados.

Era um grupo grande, conforme verificou ao se aproximar. Contou doze pessoas, e depois chegaram outras duas. Talvez afinal contasse com cem pessoas por volta do meio-dia, quando o bispo estava sendo esperado.

- Deus abençoe todos vocês - disse. Quando ia indicar onde deveriam começar a cavar, foi interrompido por um grito: - Philip!

Fechou a cara, desaprovadamente. A voz pertencia ao irmão Milius. Até mesmo ele devia chamá-lo de "padre" em público. Philip olhou na direção da voz. Milius estava se equilibrando em cima do muro do priorado numa posição não muito digna. Numa voz calma mas autoritária, Philip disse:

- Irmão Milius, saia de cima do muro.

Para seu assombro, o monge continuou lá em cima e gritou:

- Venha só dar uma olhada!

Os recém-chegados estavam tendo uma má impressão da obediência monástica, pensou o prior, mas não pôde deixar de se perguntar o que seria bom a ponto de fazer Milius ficar tão animado que se esquecesse por completo das boas maneiras.

- Venha cá e me conte! - disse ele, num tom de voz que normalmente reservava para os noviços barulhentos.

- Você tem que olhar! - berrou Milius.

Seria melhor que ele tivesse uma boa justificativa para aquilo, pensou Philip, furioso; porém, como não queria repreender seu colega mais íntimo na frente daqueles estranhos, foi obrigado a sorrir e a fazer o que ele pedia. Sentindo-se irritado ao ponto da raiva, atravessou a lama acumulada em frente ao estábulo e pulou em cima do muro baixo.

- O que significa este seu comportamento? - perguntou, falando por entre os dentes.

- Olhe só! - disse Milius, apontando.

Seguindo seu gesto, Philip olhou, por cima dos telhados da aldeia, depois do rio, a estrada que seguia a ondulação do terreno para oeste. A princípio não pôde crer no que via. Entre os campos muito verdes, a estrada ondulante era uma sólida massa de gente, centenas de pessoas, todas caminhando na direção de Kingsbridge.

- O que é aquilo? - disse, sem compreender. - Um exército? - Então percebeu que obviamente eram os seus voluntários. Seu coração pulou de alegria.

- Olhe só! - gritou. Devem ser quinhentos... mil... mais!

- Isso mesmo! - disse Milius com alegria. - Eles vieram, afinal!

- Estamos salvos! - Philip ficou tão emocionado que se esqueceu do motivo pelo qual deveria estar zangado com Milius. A massa de gente enchia a estrada até a ponte, e a linha seguia através da aldeia até o portão do priorado. As pessoas que cumprimentara eram a vanguarda de uma legião. Estavam se despejando através do portão, e rodando em torno da extremidade oeste do canteiro da obra, esperando que alguém lhes dissesse o que fazer.

- Aleluia! - gritou Philip imprudentemente.

Não era o bastante se regozijar - tinha que usar aquela gente. Pulou de cima do muro.

- Vamos! - gritou para Milius. - Chame todos os monges, tire-os do trabalho. Vamos precisar deles como capatazes. Diga ao cozinheiro para assar todo o pão que puder e separar alguns barris de cerveja. Vamos precisar de mais baldes e pás. Temos que pôr todas essas pessoas trabalhando antes que o bispo Henry chegue!

Durante a hora seguinte Philip esteve freneticamente atarefado. No princípio, só para tirar gente do caminho, mandou que umas cem pessoas ou

mais trouxessem a madeira e a pedra da margem do rio. Assim que Milius reuniu um grupo de monges supervisores, começou a mandar os voluntários trabalharem nos alicerces. Em pouco tempo acabaram as pás, os barris e os baldes. Philip mandou que todas as panelas fossem trazidas da cozinha e determinou que alguns voluntários preparassem umas caixas rústicas de madeira e pratos de vime para carregar terra. Não havia escadas ou máquinas de içar em número suficiente, de modo que fizeram uma rampa numa ponta do maior buraco do alicerce para que as pessoas pudessem entrar e sair. Percebeu que não dera atenção bastante à questão de onde seria colocada a imensa quantidade de terra que sairia da escavação dos alicerces. Agora era tarde demais para ficar pensando muito tempo: tomou uma decisão rápida e mandou que a terra fosse despejada num terreno pedregoso perto do rio. Talvez se tornasse cultivável. Enquanto estava dando essa ordem, Bernard Cozinheiro veio procurá-lo, em pânico, dizendo que só previra comida para cerca de duzentas pessoas no máximo, e que parecia haver mais de mil.

- Acenda um fogo no pátio da cozinha e faça sopa num caldeirão de ferro - disse Philip. - Adicione água à cerveja. Use todas as provisões. Faça com que alguns aldeões preparem comida em suas casas. Improvise! - Deu as costas ao cozinheiro e continuou a organizar os trabalhadores.

Ainda estava dando ordens quando bateram no seu ombro e uma voz disse em francês:

- Prior Philip, pode me dar sua atenção por um momento? - Era o deão Baldwin, associado de Waleran Bigod.

Philip virou-se e viu a comitiva visitante, todos a cavalo e suntuosamente vestidos, contemplando, atônitos, a cena que se desenrolava à sua volta. Ali estava o bispo Henry, corpulento e de baixa estatura, exibindo uma expressão combativa, o corte de cabelo de monge contrastando estranhamente com o casaco vermelho bordado.

Ao seu lado estava o bispo Waleran, vestido de preto como sempre, seu espanto não totalmente disfarçado pela expressão habitual de frio desdém. Viam-se também o gordo Percy Hamleigh, seu filho enorme, William, e a mulher hedionda,

Regan, Percy e William pareciam estar achando graça, mas Regan compreendeu exatamente o que Philip fizera e estava furiosa.

O prior voltou a atenção para o bispo Henry e descobriu, para sua surpresa, que ele o distinguia com um olhar de intenso interesse. Philip também o encarou francamente.

A expressão do bispo Henry denotava surpresa, curiosidade e uma espécie de respeito bem-humorado. Após um momento, o prior aproximou-se do bispo, segurou a cabeça do seu cavalo e beijou a mão cheia de anéis oferecida por ele.

Henry desmontou com um movimento ágil e desembaraçado, e o resto da

comitiva o imitou.

Philip chamou dois monges para estabular os cavalos. Henry tinha aproximadamente a mesma idade do prior, mas sua pele corada e seu maior peso o faziam parecer mais velho.

- Bem, prior Philip - disse ele. - Vim verificar relatos que diziam que você não era capaz de conseguir construir uma nova catedral aqui em Kingsbridge. - Fez uma pausa, olhando para as centenas de trabalhadores em volta, e fitou Philip novamente. - Parece que eu estava mal informado.

O coração do prior chegou a falhar. Dificilmente Henry poderia ter deixado mais claro: Philip vencera.

O prior virou-se para Waleran. Seu rosto era uma máscara de fúria contida. Sabia que fora derrotado de novo. Philip ajoelhou-se, baixando a cabeça para esconder a expressão de triunfante alegria, e beijou a mão do bispo.

Tom estava gostando de construir a parede. Fazia tanto tempo que não fazia aquilo que se esquecera da profunda tranquilidade que vinha de colocar uma pedra em cima da outra seguindo perfeitas linhas retas e de observar a estrutura crescer.

Quando os voluntários começaram a chegar às centenas e ele viu que o esquema de Philip ia funcionar, gostou ainda mais do que estava fazendo. Aquelas pedras eram parte da catedral de Tom; e a parede, que agora tinha apenas um pé de altura, chegaria ao céu. Tom sentiu que aquele era o começo do resto da sua vida.

Soube quando o bispo Henry chegara. Como uma pedra lançada num lago, a presença do bispo emitira ondas por entre a massa de trabalhadores, no momento em que todos pararam de trabalhar para ver as figuras ricamente vestidas escolhendo, com afetação, seu caminho através da lama. Tom continuou a assentar pedras. O bispo devia estar desconcertado com a visão de milhares de voluntários trabalhando com alegria e entusiasmo para construir sua nova catedral. Agora Tom precisava causar uma impressão igualmente boa. Nunca se sentia à vontade com gente bem-vestida, mas precisava parecer competente e sábio, calmo e seguro, o tipo do homem a quem se confiaria de boa vontade as preocupantes complexidades de um vasto e dispendioso projeto.

Ficou à espreita dos visitantes e descansou a colher de pedreiro quando a comitiva se aproximou. O prior Philip conduziu o bispo Henry até Tom, e este se ajoelhou e beijou-lhe a mão.

- Tom é o nosso construtor - disse Philip, — que nos foi mandado por Deus no dia em que a velha igreja se incendiou.

Tom ajoelhou-se de novo para o bispo Waleran, depois olhou para o resto do grupo. Lembrou a si próprio que era o mestre construtor, e não devia ser excessivamente subserviente. Reconheceu Percy Hamleigh, para quem uma vez

construía meia casa.

- Lorde Percy - disse, com uma pequena reverência. Reconheceu a horrível mulher do conde. - Lady Regan. - Depois seus olhos se detiveram no filho. Lembrou-se de que William quase derrubara Martha com o seu cavalo de batalha, e de como ele tentara comprar Ellen na floresta. Aquele rapaz era um tipo sórdido. Mas Tom transformou o rosto numa máscara polida. - E o jovem lorde William. Cumprimentos.

O bispo Henry fixou um olhar penetrante em Tom.

- Você desenhou seu projeto, Tom Construtor?

- Sim, milorde bispo. Gostaria de ver os desenhos?

- Sem dúvida alguma.

- Talvez seja possível vir por aqui.

Henry concordou e Tom liderou o caminho até seu galpão, a poucas jardas. Entrou na pequena construção de madeira e trouxe a planta baixa, riscada no gesso e protegida por uma moldura de madeira com mais de quatro pés.

Apoiou-a na parede do galpão e recuou.

Aquele era um momento delicado. A maioria das pessoas não era capaz de ler uma planta, mas bispos e lordes detestavam admitir isso, de modo que era necessário explicar a idéia para eles de uma forma que não revelasse sua ignorância ao resto do mundo. Alguns bispos compreendiam, é claro, e se sentiam insultados quando um mero construtor imaginava poder instruí-los.

Nervoso, Tom apontou para a planta.

- Esta é a parede que eu estava construindo.

- Sim, a fachada leste, é óbvio - disse Henry. Aquilo respondia a questão: ele podia ler uma planta muito bem. - Por que os transeptos não ganharam um corredor?

- Por economia - respondeu Tom prontamente. - No entanto, não começaremos a construí-los senão dentro de cinco anos, e se o mosteiro continuar a prosperar como neste primeiro ano sob o prior Philip, é bem possível que nessa época sejamos capazes de construir transeptos com corredores. - Ele elogiara Philip e respondera à pergunta ao mesmo tempo, e se sentiu muito sagaz.

Henry assentiu, aprovando o que ouvira.

- É sensato planejar modestamente e deixar espaço para a expansão. Mostre-me a projeção vertical.

Tom apanhou-a no galpão. Nada comentou, agora que sabia que Henry compreendia o que estava vendo. Isso foi confirmado quando ele disse:

- As proporções são agradáveis.

- Muito obrigado - disse Tom. O bispo parecia satisfeito com tudo. Acrescentou: - É uma catedral modesta, mas será mais leve e mais bonita que a antiga.

- E quanto tempo levará para ser completada?

- Quinze anos, se o trabalho não for interrompido.
- O que nunca acontece. Mas não importa. Pode nos mostrar como será a aparência dela, isto é, para alguém colocado do lado de fora?

Tom compreendeu o que ele queria.

- O senhor quer ver um esboço.

- Sim.

- Certamente. - Tom retornou à sua parede, com a comitiva do bispo a reboque. Ajoelhou-se sobre a tábua onde misturava massa e espalhou uma camada uniforme na parede, alisando a superfície.

Depois, com a ponta da colher de pedreiro, riscou um esboço do lado oeste da igreja.

Ele sabia que era bom naquilo. O bispo, sua comitiva e todos os monges e voluntários que se encontravam por perto o observaram, fascinados. Desenhar sempre parece um milagre para quem não é capaz de fazê-lo. Em poucos momentos Tom traçou um esquema da fachada oeste, com seus três portais em arco, sua grande janela, suas torres laterais. Era um truque simples, mas nunca deixava de impressionar.

- Notável - disse o bispo Henry quando o desenho ficou pronto. - Que Deus abençoe o seu talento.

Tom sorriu. Aquilo significava um vigoroso endosso da sua designação.

- Milorde bispo - disse o prior Philip, - quer comer alguma coisa antes de conduzir o culto?

- Com satisfação.

Tom sentiu-se aliviado. Seu teste terminara, e ele fora aprovado.

- Talvez seja melhor dar uma passada na casa do prior - disse Philip ao bispo, logo aqui em frente. - A comitiva começou a se afastar. O prior apertou o braço de Tom e disse, num murmúrio de júbilo contido: - Conseguimos!

Tom deixou escapar um suspiro de alívio quando os dignitários se afastaram. Sentia-se satisfeito e orgulhoso. Sim, pensou, conseguimos. O bispo Henry ficara mais que impressionado: ficara estupefato, a despeito de sua pose. Obviamente Waleran o preparara para um quadro de letargia e inatividade, e por isso a realidade fora ainda mais surpreendente. No fim, a maldade de Bigod trabalhara contra ele próprio e ampliara o triunfo de Philip e Tom.

Justamente quando estava se comprazendo ao calor de uma vitória honesta, ouviu uma voz familiar:

- Olá, Tom Construtor!

Virou-se e viu Ellen.

Foi a vez de ele ficar estupefato. A crise da catedral lhe ocupara tanto a mente que não pensara nela o dia inteiro. Fitou-a, alegre. Tinha a mesma aparência do dia em que fora embora: esbelta, a pele morena, o cabelo escuro que se movia como ondas numa praia, e aqueles luminosos e fundos olhos dourados.

Ela sorriu com aqueles lábios cheios que sempre o faziam pensar em beijá-la.

Foi tomado pelo ímpeto de estreitá-la nos braços, mas resistiu. com alguma dificuldade, conseguiu dizer:

- Olá, Ellen!

- Olá, Tom! - disse um rapaz a seu lado. O construtor olhou para ele, curioso.

- Não se lembra de Jack? - perguntou ela.

- Jack! - exclamou, aturdido. O rapaz havia mudado. Estava um pouco mais alto que a mãe e tinha uma estrutura ossuda, dessas que fazem muitas avós dizer que um menino cresceu além da sua força.

Ainda tinha um luminoso cabelo ruivo, pele branca e olhos azuis, mas suas feições haviam adquirido proporções mais atraentes, e um dia poderia até mesmo ser bonito.

Tom olhou de novo para Ellen. Por um momento limitou-se a desfrutar sua visão. Quis dizer: Senti sua falta, nem sei como dizer como senti a sua falta, e quase disse, mas perdeu a coragem e limitou-se a perguntar:

- Bem, onde tem andado?

- Estamos morando no mesmo lugar de sempre, na floresta - disse ela.

- E o que a fez voltar hoje aqui, logo hoje, entre tantos dias?

- Soubemos do apelo para voluntários, e tivemos curiosidade de saber como você estava se saindo. E não me esqueci de que prometi voltar um dia.

- Fico muito contente com isso - disse Tom. - Eu estava ansiando por vê-la.

Ela se mostrou cautelosa.

- É mesmo?

Aquele era o momento pelo qual esperara e planejara durante um ano; agora que chegara, estava apavorado. Até aquele dia tinha sido capaz de viver de esperança, mas se ela o rejeitasse, saberia que a perdera para sempre. Estava com medo. O silêncio se arrastou. Respirou fundo.

- Escute - disse. - Quero que você volte para mim. Agora, por favor, não diga nada até ouvir tudo o que tenho a lhe dizer, está bem?

- Está bem - concordou ela, em Tom neutro.

- Philip é um excelente prior. O mosteiro está enriquecendo, graças à sua boa administração. Meu emprego aqui está seguro. Não teremos que palmilhar as estradas de novo, nunca mais, prometo.

- Não era isso que...

- Eu sei, mas quero lhe dizer tudo.

- Está bem.

- Construí uma casa na vila, com dois aposentos e uma chaminé, e posso aumentá-la. Não teríamos que viver no priorado.

- Mas Philip é o dono da vila.

- Ele está em dívida comigo, neste exato momento. - Tom acenou com um braço para indicar a cena à volta. - Ele sabe que não poderia ter feito isso sem mim. Se eu lhe pedir para perdoar o que você fez, e para considerar seu ano de exílio como penitência suficiente, ele concordará. Não poderá me negar isso, principalmente hoje.

- E o que me diz dos garotos? Vou ter que assistir a Alfred derramando o sangue de Jack toda vez que se sentir irritado?

- Francamente, acho que tenho a resposta para isso - disse Tom. - Alfred é pedreiro, agora. Tomarei Jack como aprendiz. Desse modo, meu filho não se ressentirá da ociosidade do seu. E você pode ensiná-lo a ler e escrever, de modo que os dois rapazes serão iguais - ambos trabalhadores, ambos alfabetizados.

- Você pensou muito nisso, não pensou?

- Pensei.

Esperou pela reação dela. Não era bom quando tentava ser persuasivo. Tudo o que podia fazer era definir a situação. Se ao menos pudesse desenhar um esboço! Achou que tinha se antecipado a todas as objeções possíveis; agora ela não podia deixar de concordar! Mas Ellen ainda hesitou.

- Não estou muito segura - disse.

Ele perdeu o autocontrole.

- Oh, Ellen, não diga isso! - Tom teve medo de chorar na frente de todas aquelas pessoas, e estava tão asfixiado que mal podia falar. - Eu a amo tanto! Por favor, não vá embora de novo - suplicou. - A única coisa que me impede de ir embora é a esperança de que você volte. Simplesmente não consigo suportar a vida sem você. Não feche as portas do paraíso. Será que você não vê que eu a amo de todo o coração?

A atitude de Ellen mudou instantaneamente.

- Por que não disse, então? - sussurrou, e adiantou-se na direção de Tom. Ele passou os braços em torno dela. - Eu o amo também, seu tolo.

Ele sentiu que perdia as forças de tanta alegria. Ela, me ama, ela me ama, pensou. Abraçou-a com força e depois encarou-a.

- Você se casará comigo, Ellen?

Havia lágrimas nos seus olhos, mas ela também sorria.

- Sim, Tom, eu me casarei com você - disse. E ergueu o rosto.

Ele a puxou para junto de si e beijou-a na boca. Sonhava com aquilo há um ano. Fechou os olhos e concentrou-se no delicioso contato dos seus lábios carnudos. A boca de Ellen estava ligeiramente aberta, e os lábios, úmidos. O beijo foi tão delicioso que por um momento se esqueceu de tudo. Então alguém por perto disse:

- Não vá engoli-la, homem!

- Estamos numa igreja! - disse Tom, recuando e afastando-se dela.

O prior Philip passara a perna neles mais uma vez, pensou William amarguradamente, sentado na casa do prior, bebendo o vinho aguado de Philip e comendo doces da cozinha de Philip e a maneira como fora completa. Não havia nada de errado na avaliação feita originalmente pelo bispo Waleran; era verdade que o prior estava com pouco dinheiro e que teria grande dificuldade para construir uma catedral em Kingsbridge. Mas, a despeito disso, o astucioso monge progredira obstinadamente: contratara um mestre construtor, começando a obra, e, de repente, conseguira fazer surgir, como que por encanto, uma imensa multidão para trabalhar e enganar o bispo Henry. E este ficara mesmo muito impressionado, sobretudo porque Waleran antecipara um quadro tão desolador.

O maldito monge sabia que tinha ganhado também. Não conseguia tirar da cara o sorriso de triunfo. Agora estava mergulhado numa profunda conversação com Henry, falando animadamente sobre raças de carneiro e o preço da lã, e o bispo o ouvia com atenção, quase que com respeito, ignorando de modo rude a mãe e o pai de William, muito mais importantes que um mero prior.

Philip ia se arrepender daquele dia. Ninguém podia vencer os Hamleighs e sair impune. Não tinham alcançado a posição que desfrutavam agora permitindo que monges os suplantassem. Bartholomew de Shiring os insultara e morrera numa cela, como traidor.

Philip não se sairia melhor.

Tom Construtor era outro homem que ia se arrepender de ter contrariado os Hamleighs. William não se esquecera de como Tom o desafiara em Durstead, segurando a cabeça do seu cavalo e forçando-o a pagar aos operários. Nesse domingo o chamara desrespeitosamente de "jovem lorde William". Era óbvio que estava associado em termos íntimos com Philip, construindo catedrais, e não casas de nobres. Haveria de aprender que era melhor se arriscar com os Hamleighs do que juntar forças com os inimigos deles.

William ficou sentado em silêncio, pensando nessas coisas, até que o bispo Henry se levantou e disse que estava pronto para officiar o culto.

O prior Philip fez um gesto para um noviço, que saiu correndo, e, poucos momentos depois, um sino começou a tocar.

Todos deixaram a casa, o bispo Henry em primeiro lugar, o bispo Waleran em segundo, depois o prior Philip e por fim os leigos. Todos os monges estavam esperando do lado de fora, e fizeram uma coluna atrás de Philip, formando uma procissão.

Os Hamleighs tiveram que compor a retaguarda.

Os voluntários tomaram toda a metade ocidental do adro, sentando-se em muros e telhados. Henry subiu numa plataforma no meio do canteiro da obra. Os monges formaram fileiras atrás dele, onde seria o coro da nova catedral. Os Hamleighs e os outros membros leigos da comitiva do bispo dirigiram-se para

onde viria a ser a nave.

Quando se ajeitaram em seus lugares, William viu Aliena. Ela estava muito diferente. Usava roupa de tecido barato e áspero e tamancos de madeira, e a massa de cachos que ornava sua cabeça estava molhada de suor. Mas era mesmo Aliena, ainda tão bonita que sua garganta ficou seca enquanto a observava fixamente, incapaz de desviar os olhos, ao mesmo tempo em que o culto tinha início e o adro se enchia com o som de milhares de vozes dizendo o pai-nosso.

Ela pareceu sentir seu olhar intenso, pois deu a impressão de ficar perturbada, mudando o peso do corpo de um pé para o outro a todo instante, e olhando em torno como se procurasse alguém. Finalmente encontrou os olhos de William.

Uma expressão de horror e medo surgiu no seu rosto, e ela se encolheu, embora estivesse a cerca de dez jardas de distância ou mais e separada dele por dúzias de pessoas. Seu medo a tornou ainda mais desejável para ele, que sentiu seu corpo reagir de um modo como não acontecia há um ano. O desejo que sentia por ela era mesclado com ressentimento por causa do encanto que havia lançado sobre ele. Aliena corou e baixou os olhos, como se estivesse envergonhada.

Falou rapidamente com um menino a seu lado - aquele era o irmão, claro, pensou William, lembrando o rosto num lampejo de lembrança erótica - e depois se virou e desapareceu na multidão.

O jovem Hamleigh ficou decepcionado. Sentiu-se tentado a segui-la, mas obviamente não podia fazê-lo, em meio a um serviço religioso, na frente de seus pais, dois bispos, quarenta monges e mil fiéis. Assim, virou-se para a frente, desapontado. Perdera a chance de descobrir onde ela morava.

Embora tivesse se retirado, Aliena ainda ocupava sua mente. William perguntou-se se seria pecado ter uma ereção dentro da igreja. Notou que seu pai parecia agitado.

- Olhe! - estava dizendo para Regan. - Olhe lá aquela mulher!

A princípio William pensou que ele deveria estar falando a respeito de Aliena. Mas ela não estava à vista, e ao seguir a direção do seu olhar, viu uma mulher com cerca de trinta anos de idade, não tão voluptuosa quanto Aliena, mas com um jeito ágil e rebelde que a tornava interessante. Estava um pouco afastada, ao lado de Tom, o mestre construtor, e William achou que provavelmente era a mulher dele, a tal que tentara comprar na floresta há mais ou menos um ano. Mas por que seu pai haveria de conhecê-la?

- É ela? - perguntou Percy.

A mulher virou a cabeça, quase como se os tivesse ouvido, e os encarou diretamente; William viu mais uma vez seus olhos dourados, claros e penetrantes.

- É ela, por Deus! - confirmou Regan, por entre os dentes. O olhar fixo da mulher abalou o conde. Seu rosto vermelho empalideceu e as mãos tremeram.

- Que Jesus Cristo nos proteja! - disse ele. - Pensei que estivesse morta.
E William pensou: De que diabo será que se trata?

Jack receara aquilo.

Durante todo um ano soubera que sua mãe sentia falta de Tom. Perdera um pouco da tranquilidade anterior; com frequência tinha uma expressão sonhadora e distante; e de noite às vezes ofegava ruidosamente, como se estivesse sonhando ou imaginando que fazia amor com Tom. Jack soubera, o tempo todo, que ela voltaria. E agora concordara em ficar. Detestava a idéia.

Os dois sempre tinham sido felizes juntos. Ele amava a mãe e a mãe o amava, e não havia mais ninguém para interferir.

A vida na floresta de certa forma era desinteressante, sem dúvida. Sentia falta do fascínio das multidões e das cidades que vira no breve período que vivera com a família de Tom. Sentia saudade de Martha. Aliviava o tédio da floresta devaneando acerca da garota na qual pensava como Princesa, embora soubesse que seu nome era Aliena, mesmo que isso fosse um tanto estranho.

Estava interessado em trabalhar com Tom, e descobrir como eram construídos os edifícios. Entretanto, não seria mais livre. As pessoas lhe diriam o que fazer. Precisaria trabalhar, quisesse ou não. E compartilhar sua mãe com o resto do mundo.

Estava sentado no muro perto do portão do priorado, ruminando desconsoladamente essas coisas, quando ficou atônito ao ver a Princesa.

Ele piscou. Ela estava abrindo caminho por entre a massa de pessoas dirigindo-se para o portão, parecendo muito aflita. Era ainda mais bonita do que se lembrava.

Antes seu corpo era mais cheio e voluptuoso, mais de garota, e se vestia com roupas caras.

Agora estava mais magra e parecia mais mulher que garota. A roupa ensopada de suor colara ao seu corpo, mostrando os seios fartos e as costelas, a barriga chata, os quadris estreitos e as pernas compridas. Seu rosto estava sujo de lama, e os cachos, desalinhados. Alguma coisa a preocupava, deixando-a cheia de medo e angústia, mas a emoção apenas fazia seu rosto ficar mais radiante. Jack ficou cativado com a imagem dela. Sentiu um ardor peculiar na virilha que nunca experimentara antes. Seguiu-a.

Não foi uma decisão consciente. Estava sentado em cima do muro olhando para ela de boca aberta, e no momento seguinte atravessara o portão correndo, atrás dela.

Emparelhou com Aliena na rua do lado de fora. Cheirava a almíscar, embora tivesse trabalhado duro. Lembrou-se de que antes costumava cheirar a flores.

- Algo errado? - perguntou.

- Não, não há nada errado - respondeu ela laconicamente, e apressou o passo.

Jack acompanhou seu ritmo.

- Você não se lembra de mim. A última vez em que nos encontramos, me explicou como os bebês eram concebidos.

- Oh, cale-se e vá embora!

Jack parou e deixou que seguisse. Sentiu-se desapontado. Evidentemente dissera a coisa errada.

Tratara-o como a uma criança irritante. Ele tinha treze anos, mas provavelmente parecia um menino aos olhos dela, do alto dos seus dezoito anos ou mais.

Viu que se dirigia a uma casa; pegou uma chave pendurada numa corrente passada em torno do pescoço e abriu a porta.

Ela morava ali mesmo! Aquilo tornava tudo diferente.

De uma hora para a outra, a perspectiva de deixar a floresta e morar em Kingsbridge não parecia tão ruim. Veria a Princesa todos os dias, o que compensaria um bocado de coisas.

Ficou parado onde se encontrava, observando a porta, mas ela não reapareceu. Era uma coisa estranha para fazer, ficar parado na rua, na esperança de ver alguém que mal o conhecia; porém Jack não quis se mover. Estava fervilhando por dentro, com uma nova emoção. Nada mais parecia importante, exceto a Princesa. Só conseguia pensar nela. Estava encantado. Estava possuído.

Estava apaixonado.